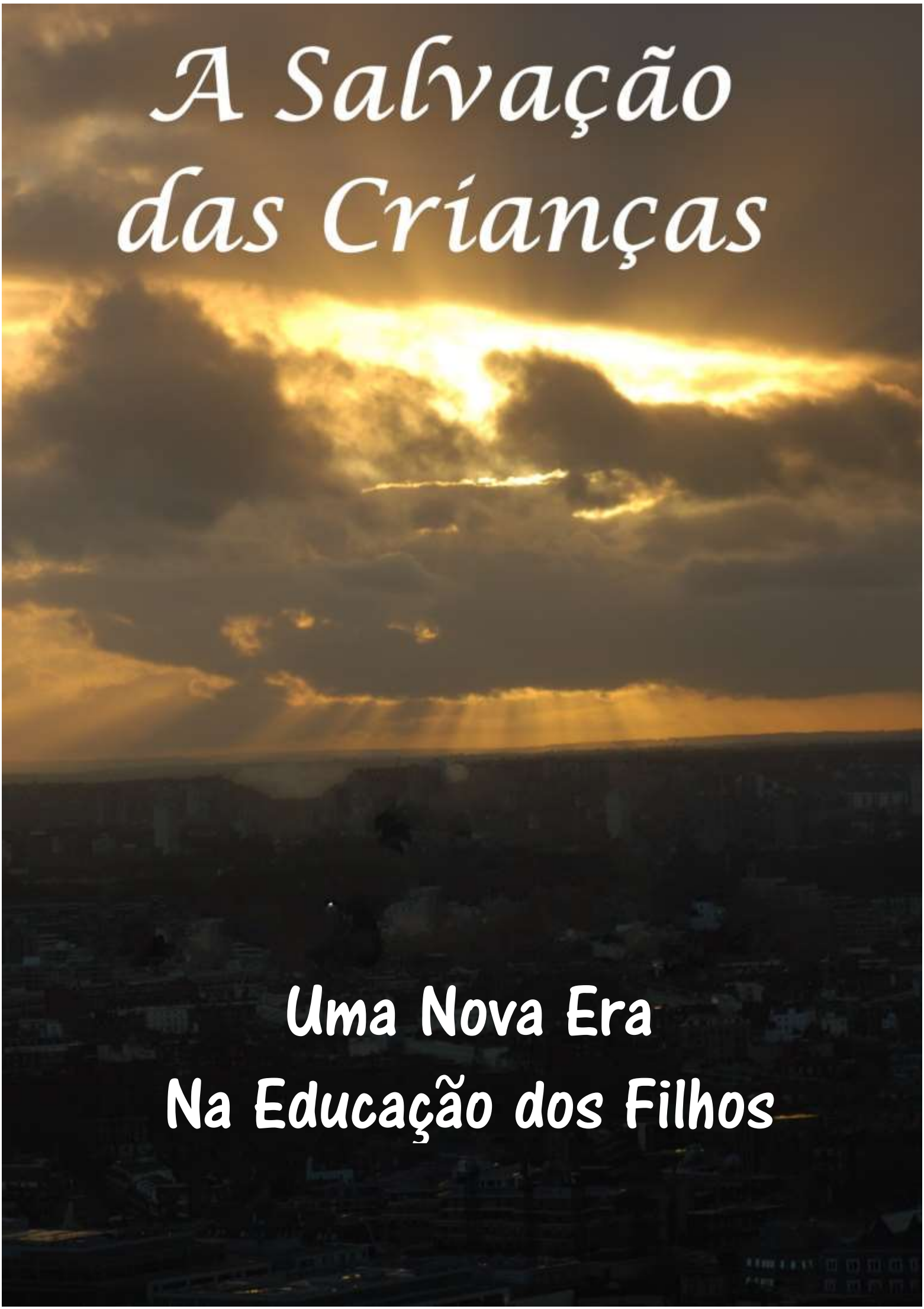

A Salvação
das Crianças
Uma Nova Era
Na Educação dos Filhos

A Salvação das Crianças

Uma Nova era na Educação dos Filhos

F.T.Wright

A Salvação das Crianças é um livro que acrescenta um factor criticamente importante, ao qual anteriormente não se deu grande atenção, a obra de salvar os filhos e na sua preparação para verdadeiramente desempenharem o seu destinado lugar na vida para honra de Deus com inegável satisfação dos seus pais. Até este factor vital ser incorporado no programa de educação das crianças a obra da salvação dos filhos permanece seriamente desequilibrada e é garantia do fracasso. Todavia, uma vez introduzido este factor, e, ao mesmo tempo, apoiado por procedimentos educacionais eficientes, o sucesso está garantido. O tempo de pais destroçados findou.

O livro **A Salvação das Crianças** não é meramente uma apresentação teórica que falha em suprir aquilo que promete. Os seus princípios têm sido profundamente testados sob as circunstâncias mais difíceis possíveis como o livro revelará e têm-se provado inteiramente bem-sucedidos.

O livro **A Salvação das Crianças** oferece a todos os pais uma fórmula infalível para a educação dos seus filhos.

Esta mensagem foi pregada pela primeira em 1983 e está disponível em livro e vários ficheiros de áudio no idioma original em inglês.

O livro original com o título em inglês *Child Salvation* foi publicado na Austrália em 1987 e traduzido para a língua portuguesa em 2003 e do qual se toma agora para publicação em formato PDF.

Foi impressa uma edição em Junho de 1987 do original (inglês) por:

SABBATH REST ADVENT CHURCH
WaldstraBe 37
57520 Dickendorf
Alemanha

Portugal 2020
J.Fernandes

Índice

Introdução 7
Pais Destroçados 9
Notavelmente Diferente 20
A Promessa É de Total Confiança 28
Triunfante Sobre a Confederação 36
A Criança Modelo 45
A Cabeça e Não a Cauda 56
O Segredo do Poder Intelectual de Cristo 70
A Mente Perfeita 73
O Poder Restaurador da Divindade na Humanidade 77
O Mestre Divino 79
As Restauradoras Escrituras Sagradas 82
Uma Coisa Segura 87
Podeis Escolher Pelos Vossos Filhos 99
O Baptismo Infantil 109
É Necessário Esforço Diligente 117
É Preciso Renascer 129
Considerações Práticas 143
Qualificações Espirituais 157
O Propósito Divino no Casamento 172
O Casamento É para Sempre 194
A Extensão do Compromisso de Deus 214
Mais Considerações Sobre o Casamento 227
Realizando o Renascimento 236
O Período Pré-Natal 247
Tirando o Melhor Proveito do Período Pré-Natal 261
Os Filhos Mais Velhos 276
O Competente Educador 283
O Papel dos Pais como Educadores 295
O Objectivo É a Obediência Perfeita 310
O Propósito da Vida É Educar 321

Introdução

Este livro não é, como alguns podem supor, um livro dirigido às crianças. Não foi escrito para elas no sentido em que tenham de o ler e pelo qual devam ser instruídas. É em vez disso, uma apresentação a ser estudada por futuros e actuais pais, um guia pelo qual eles possam ter a certeza de completo sucesso na obra de levar a salvação aos seus preciosos descendentes.

Apesar das positivas e poderosas garantias nas Escrituras de que uma criança educada no caminho em que deve andar, nunca mais sairá desse caminho recto, dezenas de milhar de pais cristãos ficam de coração partido quando vêem os seus queridos filhos venderem-se por pouco ao mundo quando chegam à idade de afirmar a sua independência. Confiantes de terem treinado verdadeiramente os seus filhos no caminho que devem seguir, os pais têm procurado outro lugar onde colocar a culpa para o triste resultado dos seus esforços. Em consequência, muitos têm concluído que a promessa tem falhas e portanto, não é de confiança, pouco percebendo que estão com isso lançando algumas acusações terríveis contra um Deus fiel, justo e inocente.

Mas, em justiça nenhuma acusação pode ser lançada contra Deus. Quando Ele fez a promessa, falou a verdade. Portanto, todo o filho que é educado no caminho do qual nunca deve apartar-se, certamente nunca se desviará dele. Dizer isto é admitir que os filhos de pais cristãos que se afastam do caminho da rectidão, nunca foram de facto educados no caminho do qual nunca deviam ter-se desviado, embora os pais estivessem convencidos de os terem educado fielmente de acordo com os requisitos do Senhor.

Quando os princípios da salvação das crianças forem entendidos correctamente, será visto que os pais, em vez de educarem as crianças no caminho de onde não deviam separar-se, realmente treinaram-nos no caminho que eles não deviam seguir. Também será visto que o desenvolvimento de vidas arruinadas e sem Deus é exactamente a única coisa que pode ser esperada. Na verdade, isso prova a veracidade das Escrituras, e deixa-nos a imaginar como pode ser encontrado alguém que responda aos apelos da misericórdia divina. De muitas maneiras, as crianças mais infelizes, aquelas que mais parece nunca terem seguido a verdade, são as educadas por pais que estão na luz da verdade presente, mas que nunca foram alertados para os princípios da salvação das crianças.

Tem havido alguns elementos vitais totalmente ausentes no trabalho da educação dos filhos. Eles podem parecer para alguns serem simples, mas com

certeza não são inconsequentes. A sua inclusão ou omissão significa a diferença entre a vida e a morte.

É o propósito deste livro apresentar esses factores no seu contexto adequado para que os pais saibam exactamente o que têm de fazer a fim de garantir que os seus filhos são educados no caminho que devem seguir, para quando forem velhos, não se desviem dele.

Este livro não é a palavra final sobre o assunto, nem precisa ser nesta fase. Foi aqui apresentado mais do que suficiente para garantir o sucesso na salvação dos filhos. É óbvio o facto que a própria eternidade jamais esgotará o tema. Os pais que têm o amor e a fé de Jesus nos seus corações verificarão que, com o passar do tempo e repouso sob os cuidados do competente Educador, Ele resolverá os seus problemas, dando a orientação necessária, e realmente salvará os filhos.

É uma coisa certa e segura, que os pais que não descansem até compreenderem verdadeiramente os princípios da salvação das crianças, e diligentemente os aplicam no trabalho de conduzir as suas famílias no temor do Senhor, ficarão mais do que satisfeitos com os resultados. Uma nova era começou, o fruto total da qual não veremos senão quando o trabalho estiver terminado.

"É privilégio dos pais levar os filhos consigo aos portais da cidade de Deus, dizendo: 'Procurei instruir meus filhos no amor do Senhor, para fazer a Sua vontade e glorificá-Lo.' A esses se abrirão as portas de par em par, e pais e filhos entrarão. Mas nem todos poderão entrar. Alguns serão deixados fora com os filhos, cujo caráter não se transformou pela submissão à vontade de Deus. Erguer-se-á uma mão, sendo pronunciadas as palavras: 'Negligenciastes os deveres do lar. Deixastes de fazer a obra que teria habilitado a alma para um lar no Céu. Não podeis entrar.' Fechar-se-ão as portas aos filhos, por não terem aprendido a fazer a vontade de Deus, e aos pais por haverem negligenciado as responsabilidades que sobre eles repousaram. — Manuscrito 31, 1909.

"Da Palavra de Deus e dos testemunhos de Seu Espírito, tem irradiado luz, para que ninguém precise errar quanto ao seu dever. Deus deseja que os pais criem os filhos para conhecê-Lo e respeitar Suas leis e devem ensinar seus pequeninos, como membros mais novos da família, para que tenham belo caráter e temperamento amável, a fim de estarem preparados para brilhar nas cortes celestes. Negligenciando seu dever e transigindo com os filhos no mal, fecham-lhes as portas da cidade de Deus. Esses fatos devem ser inculcados nos pais; devem eles levantar-se e assumir sua obra, há muito negligenciada. — Testimonies for the Church 5:325, 326." *Orientação da Criança*, 13.

Capítulo 1

Pais Destroçados

Incontáveis milhares de milhares de pais religiosos têm passado pela mesma amarga decepção. Eles deram aos seus filhos o que pensavam ser a melhor formação cristã possível, envolvendo-os fielmente no culto matinal familiar e no vespertino, ensinando-os a memorizar as Escrituras, levando-os regularmente à Escola Sabatina, sacrificando-se para os manter na escola da igreja, e, pela rigorosa disciplina, ensinando-lhes a muito importante lição da obediência aos seus pais e a Deus. Na sua determinação de garantir o sucesso na educação dos seus filhos como cristãos, alguns pais e mães, com sacrifício da carreira do pai, e à custa dos confortos da vida, deixaram as cidades para habitar em ambientes rurais, a fim de separar os seus pequeninos das influências mundanas.

Fizeram tudo isso para garantir a salvação dos seus filhos, e, nos casos em que um padrão aceitável de comportamento parecia estar a desenvolver-se na infância e juventude, os pais sentiram-se razoavelmente confiantes de que os seus descendentes iriam crescer para andar nos caminhos de Deus, e ser um crédito para eles e para a sua sociedade.

Depois acontece o impensável. Os jovens chegam à idade em que começam a sentir o desejo de afirmar a sua própria independência, mas, em vez de decidir continuar com o estilo de vida no qual os pais têm procurado estabelecê-los, optam por lançar a sua sorte com o mundo. Eles não mostram qualquer interesse na continuação do estudo da Bíblia, esquecem as obrigações sagradas da guarda do sábado, pagamento do dízimo, e vida saudável, entregando-se aos prazeres e pecados do mundo. Muitos deles alegremente bebem bebidas alcoólicas, e tomam nicotina e drogas pesadas. O pensamento mais terrível para os pais é que os jovens parecem gostar da sua nova vida e não mostram sinais de tortura por uma consciência acusadora.

Com corações partidos os pais perguntam-se o que pode ter possivelmente corrido mal? Eles conheciam e acreditavam realmente na maravilhosa promessa: “Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele.” *Provérbios* 22:6. Eles sentem-se seguros de terem sido diligentes e correctos na educação dos filhos no “caminho em que devem andar”, e que não pode ser colocada sobre eles alguma falha real por este resultado terrível. Eles tinham crido, orado, e trabalhado com verdadeira dedicação! “Por que, então

falhou a promessa?" perguntam eles chorosos. A inferência aqui é que Deus é o único culpado, pois Ele fez a promessa, e, tão certo como eles acreditam terem cumprido satisfatoriamente as condições, estão confiantes de que a falha não pode lhes pode ser atribuída. Sentem que verdadeiramente acreditavam e agiram com base na promessa, e foram muito dedicados na educação correcta dos seus filhos. Portanto, tinham o direito de esperar que Deus os abençoasse com filhos amorosos, obedientes e justos.

O mundo tem hoje demasiados pais desiludidos que não conseguem compreender por que razão os seus filhos os abandonaram e ao seu Deus, escolhendo o mundo mau e os seus caminhos destruidores. Ficam a pensar se a promessa de Deus é realmente verdade que se os filhos forem correctamente ensinados crescerão fiéis a esses caminhos. A promessa é verdadeira. Os caminhos é que são suspeitos.

Mas isto não funcionou desta maneira. Em vez disso, os filhos viraram as costas para seguir Satanás. Descobrir que este seja o resultado tem sido uma experiência tão decepcionante, devastadora e arrasadora, que leva alguns pais a abandonar a sua fé completamente.

Outros procuram uma solução reescrevendo as Escrituras de maneira a ler o seguinte: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer regressará a ele." Encontraram esperança e refúgio no pensamento que a maioria dos jovens têm de passar pelas "loucuras", "viverem a sua aventura", e "aprender da maneira mais difícil", antes de assentarem e viver boas, sólidas, vidas cristãs.

Mas o engano deste pensamento é exposto pelos próprios factos do caso. Quantos desses filhos que deixam os caminhos do Deus de seus pais voltam anos mais tarde? Há muito poucos na melhor das hipóteses; apenas o suficiente talvez para fornecer algumas excepções para fazer as pessoas se sentirem justificadas na reformulação do versículo.

No entanto, não há inconsistência na promessa e é um erro fatal mexer de alguma forma na mensagem que ela contém. Ela declara que, se uma criança é ensinada no caminho em que deve andar, quando envelhecer, não se desviará dele. Não há nada no texto que nos assegure que a criança se pode afastar, mas voltará mais tarde.

O que Deus prometeu realmente é que, se os pais ensinarem os filhos no caminho em que devem andar, então, *pelo resto das suas vidas* não se desviarão dele. Deus não falou em termos de crianças bem ensinadas servindo-O apenas nos anos finais da vida depois de terem passado a melhor parte da sua existência bebendo nas fontes do pecado. Deus procura uma vida de serviço e nada menos do que isto irá satisfazê-l'O.

Quando os filhos de Deus não conseguem perceber as Suas promessas, mostram uma tendência natural para colocar a culpa em Deus, quando deviam estar preparados para reconhecer que eles, e não Ele, são os culpados, mesmo que o caminho incorrecto tenha sido seguido por causa da ignorância. Quando não conseguem reconhecer que a culpa é deles estão a mostrar que têm mais fé em si mesmos do que em Deus. Admitirão, é claro, que os seus esforços não foram perfeitos, mas, porque fizeram o melhor que sabiam, e porque acreditam que os seus motivos foram irrepreensíveis, esperavam que o Senhor compensasse as suas deficiências, adicionando o Seu mérito divino aos seus melhores esforços. Eles não estão preparados para aceitar o facto que os homens perecem por falta de conhecimento. (Ver *Oseias* 4:6).

Mas, como é sempre o caso, não há nada de errado na promessa. É a verdade absoluta que se uma criança for educada no *caminho em que deve andar*, quando for velha, não se desviará dele. Os pais podem descansar na certeza disso.

O facto de nenhuma culpa recair em qualquer promessa ou no Deus que a fez, significa que todos aqueles que não conseguiram ver o cumprimento da palavra de Deus, apesar dos seus melhores esforços, devem reconhecer que na realidade não educaram os seus filhos no caminho em deviam andar. É por esta razão e nenhuma outra, que eles os perderam. É extremamente difícil para muitos pais aceitarem a verdade que a culpa recai sobre eles, mas devem estar preparados para acreditar que, apesar de terem a melhor das intenções e se empenharem com toda a diligência, ainda havia uma trágica ignorância dos procedimentos correctos na educação dos filhos. Em consequência disso, os seus descendentes foram privados dos fundamentos vitais que teriam assegurado que iriam crescer para andar nos caminhos do Senhor.

Porque a verdadeira luz sobre a salvação das crianças não estava disponível para eles quando constituíram as suas famílias, não podem ser responsabilizados por essa ignorância, mas não devem acumular um peso de condenação por causa da falta de vontade em reconhecer que a sua ignorância involuntária lhes roubou as condições necessárias para o cumprimento da promessa. Eles precisam reconhecer que esta é a razão pela qual os seus filhos não cresceram para servir ao Senhor. O franco reconhecimento deste facto é o começo para a abertura de uma série de portas que levam ao caminho do conhecimento e respostas até então escondidos da vista.

Os pais estão a ensinar os filhos a serem súbditos obedientes, quer ao reino divino como ao satânico, e, assim, estão a determinar o reino pelo qual os seus filhos optarão quando chegar a hora de tomar as suas próprias decisões. Seria uma tragédia se os pais fossem intencionalmente e deliberadamente optar por criar os seus filhos para aderir ao reino de Satanás, mas considerai a situação ainda pior que resulta quando os pais realmente educam os seus filhos a juntar-se ao diabo, enquanto alegremente acreditam que eles são preparados para um lugar no governo divino.

Daí resulta que é de extrema importância que os pais sejam capazes de identificar as diferenças essenciais entre os sistemas de governo de Jeová e Satanás, para saberem com positiva certeza de qual a direcção dos seus esforços. Este conhecimento deve ser estabelecido desde o início do programa educacional. Não há espaço para erro ou confusão sobre este assunto. Todos os pais devem estudar os princípios e procedimentos de operação em que ambos os reinos funcionam de modo a serem capazes de reconhecer instantaneamente a qual deles

estão servindo. Então, podem de forma inteligente e com êxito rejeitar o errado e seguir o certo. Se esse conhecimento não é adquirido no início, então, quando as filhos atingem a idade em que começam a afirmar a sua independência, os pais certamente encontrar-se-ão confrontados com graves problemas que já não serão capazes de resolver pela afirmação da sua autoridade. Quando, neste momento crucial, os pais vêem os filhos abandonarem os caminhos do Senhor em favor do reino de Satanás, podem saber que tinham ensinado os seus filhos para o diabo e não para o Senhor. Que terrível despertar! Quanto oramos para que os jovens ao entrar na paternidade hoje, considerem as suas responsabilidades com tanta seriedade, e valorizem as suas oportunidades tão altamente, que não descansem até conhecerem os caminhos do Senhor, em contraste com os caminhos de Satanás.

A ordem divina é tão oposta à de Satanás, que distingui-las é muito simples, apesar do facto de muito poucas pessoas identificarem com sucesso cada qual por aquilo que é. Embora haja uma série de diferenças marcantes, os pais apenas precisam de considerar uma para ver se estão a praticar os caminhos de Deus ou do diabo. Basta fazer a pergunta se "a obediência é conseguida pelo exercício da força, ou é a resposta do amor de um coração santificado e disposto." Se for o primeiro, é satânico, mas, no último caso é de Deus.

O único tipo de serviço que Deus pode aceitar é o que nasce de um coração submisso. Ele não tem nenhum interesse numa obediência forçada. Servi-L'o deve ser a expressão natural de uma condição interior do coração e uma apreciação educada e inteligente do facto que os Seus caminhos são os únicos que levam à vida, saúde e felicidade. Ele quer que os Seus filhos Lhe obedeçam porque não têm qualquer disposição interior para fazer o contrário. Os testemunhos a seguir são citados para confirmar a verdade que o Senhor governa sem o uso de força arbitrária.

"Visto que apenas o serviço por amor pode ser aceito por Deus, a submissão de Suas criaturas deve repousar em uma convicção sobre a Sua justiça e benevolência." *O Grande Conflito*, 498.

"O embrião, contido na semente, cresce pelo desenvolvimento do princípio vital que Deus nele implantou. Seu desenvolvimento não depende de meios humanos. Assim é com o reino de Cristo. Há uma nova criação. Os princípios de desenvolvimento são diretamente opostos aos que regem os reinos deste mundo. Governos terrenos prevalecem pelo emprego da força; pelas armas mantêm o seu domínio, mas o fundador do novo reino é o Príncipe da paz. O Espírito Santo representa os reinos terrestres mediante o símbolo de feras; mas Cristo é 'o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo'. João 1:29. *Em Seu plano de governo não há o emprego da força bruta para compelir a consciência.* Esperavam os judeus que o reino de Deus fosse estabelecido do mesmo modo que os do mundo. Para promover justiça, recorriam a medidas externas. Forjavam planos e métodos. Mas Cristo implanta um princípio. Implantando a verdade e a justiça, frustra o erro e o pecado." {PJ 33}, *Parábolas de Jesus*, 77.

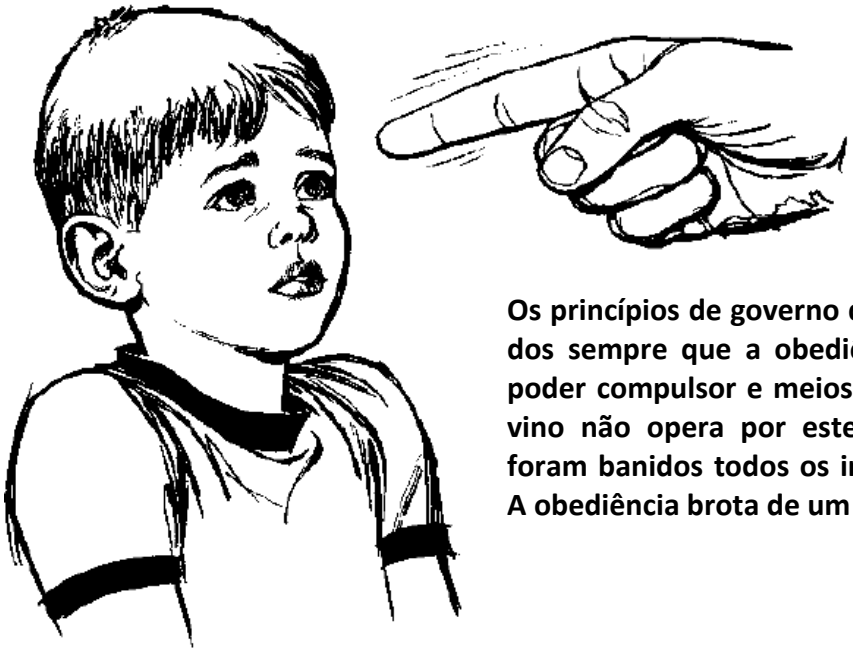
"Deus poderia haver destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor *só* se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser

empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante." {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

"O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade." {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

O amor do qual brota o verdadeiro serviço a Deus e aos semelhantes não é apenas uma atitude mental ou uma emoção profunda. É a presença dentro do crente da natureza de Deus. Nada além do Seu amor, que por sua vez é o Seu carácter e, portanto, a Sua justiça, pode suprir a fonte interior do comportamento perfeito. Este amor imutável não depende da forma como a pessoa que o possui é tratada, pois aqueles dentro de quem ele está estabelecido amam tanto os amigos como os inimigos, apesar da comunhão com os últimos não ser possível.

Deve ser distinguido de amor humano, que é expresso apenas para com indivíduos seleccionados de quem se espera uma resposta com reacções de amor apropriadas. Este amor é manifestado por aqueles que possuem um coração mau e não é adequado para salvaguardar o comportamento de uma pessoa sob a tentação.



Os princípios de governo de Satanás são os utilizados sempre que a obediência é conseguida pelo poder compulsor e meios autoritários. O reino divino não opera por este princípio, porque dele foram banidos todos os instrumentos de coerção. A obediência brota de um coração disponível.

Uma pessoa não pode manifestar o amor de Deus a menos que este esteja estabelecido dentro de si, nem precisa de qualquer outra compulsão para obedecer aos estatutos divinos. Este amor nunca é encontrado no coração que não tenha sido limpo do ódio. Os dois não podem habitar juntos.

Como dito acima, Deus não pode aceitar uma obediência forçada. A diferença entre este e obediência voluntária é bem ilustrada pelos seguintes factos simples.

Nos lavabos dos aviões há um sinal que diz: "Não Fumar". Para uma pessoa que não tem vontade de poluente fumar, e em cuja mente, uma cuidadosa educação construiu um forte ódio pela planta nociva, esse sinal é completamente desnecessário. Essa pessoa abster-se-á de fumar não porque o sinal proíbe, mas porque ela detesta o hábito. Não está nela fumar.

Outro homem entra e é um fumador viciado. Ele está a puxar dos seus cigarros quando vê o sinal e é por isso é induzido a abster-se de fumar. É o medo da punição que o faz obedecer.

O resultado é que tanto ele como a primeira pessoa se abstiveram de fumar no lavabo do avião, mas por razões muito diferentes. A primeira pessoa não fumava porque não estava nela fazer isso, a sua mente fora educada contra o hábito, e ela entendia que os caminhos de Deus são os da saúde e felicidade. O outro homem absteve-se só porque a lei o obrigou a obedecer. Enquanto se pode confiar que o primeiro homem jamais fumará em qualquer circunstância, nunca se pode confiar que o outro homem não o faça.

Portanto, o caminho de Deus não é o caminho da força. "Poder compulsor *só* se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante." {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

Então, se o poder compulsor *só* é encontrado sob o governo de Satanás, então *nunca* é encontrado em Deus. Isso deve marcar verdadeiramente todos os pais com a surpreendente verdade que, se, no seu governo em casa, é usado o poder compulsor para impor a obediência, então, não importa quão convertidos os pais possam ser ou quão sincera a sua determinação de educar os seus filhos no temor do Senhor, ou quão satisfeitos se sintam por estarem a treinar os seus filhos correctamente, estabeleceram um governo satânico em suas casas. Isso tem que ser assim, pois o reino de Satanás é o *único* onde este método é usado.

Dessa maneira os pais podem saber com positiva certeza quais as regras principais do seu lar. Não há qualquer adivinhação envolvida – nenhuma dúvida, nenhuma incerteza, nem confusão. Cada pai tem apenas que fazer a pergunta: "obedecem-me os meus filhos porque temem a punição que eu sou capaz de infligir por causa de possuir maior força física do que eles, ou é a sua obediência, apenas a expressão de uma disposição interior para a prática da justiça? Por outras palavras, eles manifestam o espírito de obediência ou de desobediência?"

As respostas a estas perguntas serão facilmente encontradas e dirão com precisão infalível a natureza do governo do lar em análise. Ao perguntar e responder a pergunta, porém, é preciso ter cuidado para garantir que os problemas reais não são disfarçados pelo que alguns consideram como factores de equilíbrio. Muitos são os lares onde é mantida a regra da força, mas onde também a Bíblia é lida, de manhã e culto à noite são fielmente a participados por cada membro da família, o sábado é estritamente guardado, maus hábitos foram postos de lado, diversões mundanas têm sido evitadas, e cada *aparência* declara que este é um lugar onde os anjos gostam de habitar. "Certamente" exclamariam muitos: "tal lar não poderia ser o local de um governo satânico!"

Não se iludam! Nunca esqueçais que Satanás é um mestre em vestir as vestes de ovelha pelo qual ele faz parecer que o seu é um reino de luz, em vez de ser o que realmente é – a cidadela de escuridão. Ele também tira a maior vantagem possível de toda a situação, transformando sempre o bem em mal. Ele está muito satisfeito quando um extenso programa de exercícios religiosos dá ao lar a aparência de ser governado por princípios divinos, mas no qual, a força é empregada para estabelecer a autoridade dos pais, de facto ali foi instituído um governo satânico. Ele tem o prazer de observar os pais repousando na suposição

de estarem a preparar almas para o Céu através de todos os seus exercícios dedicados, quando realmente estão ensinando os seus filhos a serem seus súbditos leais.

Não há nenhuma sugestão neste estudo que os exercícios religiosos no lar são de nenhum valor, pois eles são fortemente requeridos nas Escrituras. Alimentando-se da palavra viva, que é o pão e a água da vida espiritual, é um factor essencial no desenvolvimento de uma robusta fé cristã e experiência espiritual. O que está a ser salientado é que não são estes exercícios que determinam se um lar é um reino divino ou um reino satânico. O sistema em funcionamento é determinado pela estrutura de governo estabelecido no lar. A presença do governo pela força tem por nome reino das trevas no lar, enquanto a bem-sucedida gestão do lar sem a necessidade de recorrer ao uso da força, é sinal de soberania divina.

Deve ser claramente entendido que o estabelecimento pelos pais cristãos de governo pela força não significa que eles próprios são filhos de Satanás. Eles podem ser profundamente religiosos e verdadeiramente nascidos de novo e ainda assim serem cabeças de um reino satânico. Isto pode soar como uma contradição, uma impossibilidade, mas não é. Pelo contrário, é uma situação que existe em muitos casos, demasiados até. Não é um pecado do coração, mas o produto da ignorância dos princípios correctos.

É por nunca terem sido ensinados a identificar os procedimentos que distinguem a forma do governo divino do satânico, que o maligno tão prontamente recebe a colaboração de pais cristãos. Se eles ao menos entendessem a verdadeira natureza de seus esforços dedicados, apressar-se-iam a renunciá-los em favor dos caminhos de Deus. O único ponto brilhante na triste situação é que, por ser um pecado de ignorância, pelo Juiz do Universo não os responsabiliza. Infelizmente no entanto, muito poucas destas crianças criadas naquilo que os pais e os dirigentes da igreja supõem ser lares cristãos, mas que são governados pelos métodos do diabo, estarão salvas no reino.

Os exercícios religiosos nesses muito numerosos lares onde os princípios satânicos de governo são praticados, não importa quão sincera e devotadamente são realizados, verdadeiramente fazem mais mal do que bem. Na mente receptiva da criança, desenvolve-se uma associação entre o santo e o profano, e, portanto, identifica as coisas belas de Deus com os males do diabo.

Tudo isto leva a uma inevitável conclusão – para os jovens que passaram os primeiros dezasseis anos crescendo num reino onde foram obrigados a obedecer quer quisessem ou não, o reino de Deus é uma terra estrangeira para a qual nunca foram preparados. Nada da sua formação os preparou para ele. Pelo contrário, a sua aprendizagem preparou-os para a terra da escuridão e da morte. Estão familiarizados com esse governo e seus procedimentos, nele sentir-se-ão confortáveis. Mas, quando os pais vêem os seus queridos filhos sair para o mundo, sentem que seus filhos abandonaram o reino de Deus por troca com o reino do diabo.

Mas eles estão enganados!

Como pode uma pessoa sair de onde nunca esteve? Nenhum pai cobre aos seus filhos ter deixado o reino de Deus a menos que possa honestamente provar-lhes que eles estavam sob a soberania divina para começar. Claro, a promessa é que, se eles fossem ensinados no reino de Deus e fielmente educados nos seus princípios e procedimentos, então, eles não os deixariam de modo algum.

Portanto, os pais não precisam de ficar surpreendidos quando, depois de dezasseis anos ou mais a viver sob um governo satânico, os seus jovens escolhem o mundo. Este é um resultado totalmente previsível. É tudo o que pode ser esperado. É o desenrolar simples da causa e efeito.

Ninguém precisa de questionar mais a veracidade da promessa: "Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele." *Provérbios* 22:6.

O simples facto é que o reino com o qual eles se familiarizaram com os métodos de educação praticados consigo, é o que procurarão e com o qual se identificarão quando o poder dominador dos pais é removido deles. Quanto mais cedo este facto for reconhecido e posto em prática, mais cedo veremos os filhos serem verdadeiramente ensinados no caminho que devem seguir e, posteriormente permanecerem nele para sempre.

O sistema satânico de educar os filhos usando o poder compulsor, teve mais do que uma oportunidade justa para se demonstrar. É certo que, quando usado com grande habilidade, estes métodos produzem melhores resultados no comportamento exterior do que quando aplicados de forma inconsistente e caprichosamente, mas mesmo assim ainda são métodos do diabo e não produzem crianças que andem nos caminhos de Deus para o presente e a eternidade.

Durante milhares de anos, em milhões de lares, o governo pela força tem sido o método inquestionável, indiscutível de ensinar os filhos. Tem sido praticado tanto por pais não cristãos como cristãos. Em ambos os casos os resultados foram os mesmos – jovens com pouco ou nenhum desejo ou disposição de servir ao Altíssimo. Não devia o fruto indesejado deste sistema compulsor o testemunho que outro método precisa ser encontrado! Deve ser feita uma incansável busca até encontrar e pôr em prática os procedimentos e princípios que o Senhor nos concedeu e que resultará no crescimento de filhos para andarem no caminho que devem seguir! Devem as presentes e futuras gerações tropeçar cegamente, no mesmo fracasso dos seus pais, deixando incontáveis milhões de crianças privadas dos poderes espirituais, físico e mental, e que são o seu património legítimo! Devem quase todas estas almas preciosas ser condenadas à destruição eterna, quando todas elas poderiam ser salvas para a vida eterna! Levantemo-nos e sacudamos um sistema que provou ser um fracasso total! Adoptemos os métodos perfeitos do Senhor! Deixemos que sejam tomadas as medidas adequadas que banirão para sempre dos nossos lares, toda a ". . . arma carnal. . ." todo o "instrumento de coerção. . ." {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

Infelizmente, hoje, seria muito difícil encontrar uma família em que os filhos sejam ensinados de acordo com os princípios divinos. Isto ocorre porque um manto de ignorância ofuscou tanto a luz sobre este assunto que ninguém parece ter conhecimento dele. Inconscientemente perpetuámos o sistema com o qual temos sido familiares, não vendo qualquer necessidade de desafiar ou alterá-lo porque estávamos ignorantemente confiantes que não havia nada de errado com o sistema. Foi sentido que o problema estaria na incapacidade de aplicar os procedimentos com habilidade consistente e rigor. Até à correcção desses equívocos, e adopção dos procedimentos adequados, é certo que os queridos filhos continuarão a ser sacrificados ao inimigo.

Os dias de ignorância estão agora no passado e nós temos mais conhecimento. Chegou o tempo em que vemos que todo o sistema do qual temos dependido é falso e deve ser abandonado em favor do modo de Deus fazer as coisas.

Embora seja muito triste ver o destino daqueles para quem a luz veio tarde demais, podemos alegrar-nos agora na perspectiva de ver um exército maravilhoso de crianças que crescem para serem pilares na casa do Senhor. Pais que fielmente aplicam os princípios divinos já não vêem os seus jovens virar as costas a tudo o que é recto, bom e verdadeiro. Um novo dia começou, trazendo com ele todos os motivos de alegria.

Neste ponto, alguns podem assumir a posição que os princípios da educação dos filhos, sem o uso da força estão totalmente desacreditados por causa dos resultados infelizes vividos por aqueles no mundo que defendem esses procedimentos. Por exemplo, um defensor notável da educação das crianças sem o uso da força descobriu que todos os seus filhos desenvolveram padrões de comportamento rebelde e sem lei. Eventualmente, ficou tão desanimado com o resultado dos seus ensinamentos que renunciou publicamente às suas posições anteriores e passou a defender fortemente o uso de castigo físico para garantir a obediência.

Rejeitar a mensagem aqui apresentada com base no manifesto fracasso experimentada por aqueles que, no mundo, defendem o não uso da força, é pressupor que as duas mensagens são, na verdade a mesma. Se assim fosse, então não haveria escolha senão rejeitar o sistema de educação das crianças que sugere o banimento de todos os instrumentos de coerção. Mas, apesar de haver uma aparente semelhança, há um factor vital não mencionado até agora que está completamente ausente do método do mundo, mas que torna o caminho de Deus inteiramente bem-sucedido.

Se os conselhos aqui apresentados não são diferentes dos ensinamentos defendidos por aqueles no mundo que acreditam que deve ser dada liberdade de expressão à criança e nunca deve ser forçada a obedecer, então este estudo não tem valor. As duas mensagens partilham um terreno comum apenas em relação à necessidade de remover todo o poder compulsor do sistema, mas a semelhança termina aí. O mundo ignora o facto que, por causa do pecado de Adão no Éden e a herança pecaminosa que é passada para cada um dos seus filhos, o espírito de desobediência, egoísmo e rebelião está incorporado na própria natureza de cada criança que nasce neste mundo amaldiçoado pelo pecado. Esse é o problema básico que tem de ser tratado. Deus, reconhecendo a impossibilidade de uma natureza má produzir justiça, tomou providências para a remoção desse espírito de desobediência, egoísmo e rebelião, e a sua substituição com o verdadeiro espírito de obediência, abnegação e lealdade. Isto é também conhecido como libertação da escravidão do pecado, o novo nascimento, o início de Cristo em vós a esperança da glória, e conversão espiritual. Todos os pais bem-sucedidos na formação dos seus filhos para o reino divino, não devem descansar até que tenham certeza que essa transformação tenha ocorrido. Então, e só então, é que a criança se qualifica para viver num reino do qual foram banidas todas as armas de coerção, e ser ensinada nos princípios daquele reino.

Com igual seriedade saliente-se que nenhuma criança ainda com o espírito maligno, pode ser criada no reino da luz. Isso exigiria a remoção das forças disciplinadoras externas que seria, nada mais do que o seu ingovernável espírito de rebeldia, egoísmo e desobediência. Essas forças já são suficiente más quando controladas e contidas, mas são muito piores quando deixadas em plena liberdade. Isso é nada menos do que a anarquia e a ruína.

Nenhum progenitor precisa de ser desiludido quando os seus lindos filhos chegarem à adolescência. Os filhos podem ser educados nos caminhos do Senhor de maneira que ao envelhecerem não se afastarão dele.

Assim, enquanto o espírito maligno não for removido e substituído, é necessário controlar e subjugar a criança rebelde, mas, apesar do seu espírito de desobediência ser controlado e sujeitado, ele ainda lá está, e, se ao chegar à idade em que pode escolher por si mesma ele ainda lá está, irá naturalmente procurar juntar-se aos da sua própria espécie – aos filhos da desobediência. Um lobo pode ser mantido numa jaula separado da sua espécie durante anos, mas se outro lobo aparece, o animal enjaulado encher-se-á de prazer quando reconhece sua própria espécie. Soltai o lobo e ele procurará a companhia de outros lobos. Pela mesma razão, quando as crianças, nas quais há o espírito de desobediência, são eventualmente libertadas, elas buscam outros filhos da desobediência, e não deve ser surpreendente que o façam.

A educação de uma criança no caminho em que deve andar, envolve em primeiro lugar a erradicação do *espírito* de desobediência e a implantação do *espírito* de obediência, após o que, é necessária a educação especializada para

desenvolver o carácter na direcção certa. Quando as crianças são ensinadas desta forma, são encaminhadas para o caminho em que devem andar e quando envelhecerem, não se desviarão dele. Os pais que experimentam o garantido sucesso trazido pelos procedimentos correctos saberão que Deus e a Sua Palavra são verdadeiros.

Ninguém tem de ser pais de coração destroçado. Deixemos que isso seja uma coisa do passado.

Capítulo 2

Notavelmente Diferente

Para ser bem-sucedido no trabalho de conduzir os filhos à sua salvação, é extremamente essencial que lhes seja dado tanto a libertação do espírito de desobediência, *como a* educação adequada. Um aspecto não deve ser destacado em detrimento do outro. Hoje, reconhecemos que no passado nos faltou a mensagem em trazer a experiência do novo nascimento aos nossos filhos antes do nascimento. Isso garantiu que as crianças cresceriam para se juntar ao mundo não importa quão hábil e completa tenha sido a sua formação.

Deve agora ser tomado cuidado para não passar para o outro extremo, tornando a realização do novo nascimento tudo e a educação nada. Quando o estudo está a ser dedicado a uma fase ou à outra, deve ser entendido que apenas está a ser considerada uma parte d um todo. Se está a ser considerada a necessidade da criança renascer, isto não é diminuir a força da verdade que a educação diligente e hábil se deve seguir. Da mesma forma, se o assunto a ser apresentado é dedicado ao tema da formação, isto não é sugerir que este é o elemento todo-suficiente necessário para o sucesso.

Tendo estabelecido a necessidade deste equilíbrio, o restante deste capítulo será dedicado ao estudo da importância da educação completa e qualificada da criança. A lição será tirada das vidas de Moisés e Arão.

Havia uma diferença notável entre o carácter desses dois irmãos. Esta diferença é melhor ilustrada no incidente do bezerro de ouro.

Por ordem de Deus, Moisés tinha-se retirado do arraial para ir ao encontro do Senhor no topo da montanha, enquanto Arão foi designado por Deus para dirigir o acampamento e os seus habitantes. Ao irmão mais velho de Moisés era exigido que mantivesse a lei e a ordem até o guia de Israel voltar do seu encontro com o Altíssimo. É importante que ninguém ignore o facto que foi Deus que nomeou Arão para assumir a responsabilidade enquanto Moisés estava ausente. Este facto é confirmado nas seguintes palavras: “Na ausência de Moisés a autoridade judiciária fora delegada a Arão. . . Aquele a quem Deus confiara o governo do povo na ausência de Moisés, foi encontrado a sancionar a sua rebelião.” {PP 227}, *Patriarcas e Profetas*, 316, 323,

Quando nos tornamos conscientes da fraqueza de carácter apresentada por Arão, somos levados a meditar sobre a sabedoria de Deus em nomeá-lo para esta

enorme responsabilidade. Deus, que certamente compreendia o carácter e fraquezas deste homem, não agiu como os homens agiriam se eles, sabendo as mesmas coisas, fossem chamados a decidir quem iria ocupar este lugar. Estas coisas estimulam o pensamento e o estudo quando procuramos entender melhor os princípios e os procedimentos de Deus, e a trabalhar dentro da sua estrutura.

O que é que gerou a crise?

Durante a sua longa permanência no Egipto, os israelitas tinham-se acostumado a ver representações físicas das divindades egípcias todos os dias. Quando estes ídolos foram deixados para trás, o povo naturalmente tinha a tendência para procurar algo ou alguém para tomar o seu lugar. Eles estavam tão empobrecidos espiritualmente que não podiam comungar com um Deus invisível no Céu. O mais poderoso homem que operava milagres entre eles era Moisés, e eles desenvolveram a disposição de olhar para ele como Deus nesta Terra.

"A ausência de Moisés foi um tempo de espera e apreensão para Israel. O povo sabia que ele subira ao monte com Josué, e havia entrado na nuvem de densas trevas que podia ser vista da planície abaixo, repousando sobre o pico da montanha, iluminado de quando em quando pelos relâmpagos da presença divina. Esperavam ansiosamente a sua volta. Acostumados como tinham estado no Egito com as representações materiais da divindade, fora-lhes difícil confiar em um ser invisível, e tinham vindo a depender de Moisés para lhes sustentar a fé. Agora ele lhes fora tirado. Dia após dia, semana após semana passavam-se, e ainda ele não voltava. Embora a nuvem ainda estivesse à vista, parecia a muitos no acampamento que seu chefe deles desertara, ou que fora consumido pelo fogo devorador." {PP 223}, *Patriarcas e Profetas*, 315.

O afastamento de Moisés do povo por ordem de Deus por este longo período ofereceu-lhes uma oportunidade especial para compreender a sua excessiva dependência de um homem, e a sua necessidade de estabelecer uma relação pessoal com o seu Pai celestial. Em vez disso, tornaram-se mais e mais inquietos quando sentiram a sua privação de um deus visível ou guia, e isso levou-os a desejar a terra familiar do Egipto, onde não faltavam representações físicas das divindades egípcias que poderiam ser literalmente vistas. A sua mente supersticiosa era tal que não podiam voltar aos deuses sem um deus visível para os levar de volta. Assim surgiu o apelo a Arão para fazer o bezerro de ouro.

Muitos pensam que passou o dia em que os homens procuram um deus ou um guia visível em quem se apoiar e em quem confiar. Mas a tendência ainda lá está. Isso leva muitos a fixar os olhos no homem a quem o Senhor envia. Aos seus olhos, ele não pode fazer nada errado, e elevam-no a um pedestal. Eles não conseguem perceber que ele é apenas um homem, com as mesmas paixões e fraquezas humanas que eles têm. Além disso, a sua posição submete-o a maiores e mais numerosas tentações do que o povo, e ele está, assim, mais próximo de cair do que eles. Quando tropeça assim como Arão, Moisés, Davi, Paulo e muitos outros, descobrem tarde demais que construíram a sua casa sobre a areia e veio a tempestade e derrubou-a. Então, quão rapidamente essas pobres almas procuram outro deus, outro mensageiro, outra igreja, para preencher o lugar do seu ídolo antigo.

Assim veio a crise para Israel, e Arão, de repente viu-se confrontado com uma multidão decidida a induzi-lo a fazer um deus de ouro, visível para eles.

"Tal ocasião crítica exigia um homem de firmeza, decisão e coragem inflexível; um homem que tivesse a honra de Deus em maior conta do que o favor popular, a segurança pessoal, ou a própria vida." {PP 224}, *Patriarcas e Profetas*, 316.

Esse era o tipo de homem que Deus necessitava nesta hora crítica "Mas o atual líder de Israel não era deste caráter." {PP 224}, *Patriarcas e Profetas*, 316.

Que tipo de pessoa era ele então?

Ele era tímido e vacilante. Faltava-lhe coragem e determinação. "Arão, com fraqueza, apresentou objeções ao povo, mas sua *vacilação e timidez* no momento crítico apenas os tornou mais decididos." *Patriarcas e Profetas*, 316, {PP 224}.

"Arão temia pela sua própria segurança; e, em vez de manter-se nobremente pela honra de Deus, rendeu-se às exigências da multidão." {PP 224}, *Patriarcas e Profetas*, 317.

Quando Israel permaneceu no Egipto, a terra de palmeiras, pirâmides e camelos, acostumaram-se à adoração egípcia dos deuses visíveis. Na sua partida, olharam erradamente para Moisés para ocupar esse lugar, de maneira que na sua partida para o monte, sentiram que tinham perdido o seu deus, e construíram o bezerro de ouro para o substituir.

Ele então disse ao povo para lhe trazerem os seus brincos de ouro. Foi construída uma fornalha, feito um molde, o ouro derretido, e o bezerro formado. Era a imagem de um animal considerado sagrado pelos egípcios. Depois seguiu-se um festival religioso selvagem, licencioso, pagão, que era uma desonra ao Deus do Céu e ao homem que Ele havia criado.

No monte, o Senhor informou Moisés sobre os desenvolvimentos em curso no acampamento em baixo. O fiel servo de Deus apressou-se a descer ao acampamento e confrontou o seu irmão fraco e vacilante que tinha traído os sagrados depósitos. Arão então exibiu mais fraqueza de carácter o que piorou a sua situação e lhe teria custado a vida se não fosse a intercessão de Moisés. Ele procurou negar a sua culpa imputando-a ao povo, indo mesmo ao ponto de afirmar que a formação do bezerro fora um milagre realizado pelo poder divino. Esta era uma mentira. O facto real é que ele havia deliberadamente moldado o bezerro exactamente como o povo exigiu que fizesse.

"O grande líder chamou a seu irmão culposo, e perguntou-lhe severamente: 'Que te tem feito este povo, que sobre ele trouxeste tamanho pecado?' Arão esforçou-se por defender-se, alegando o clamor do povo; declarando que, se não se tivesse conformado com seus desejos, teria sido morto. 'Não se acenda a ira do meu senhor', disse ele; 'tu sabes que este povo é inclinado ao mal; e eles me disseram: faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque não sabemos o que

sucedeu a este Moisés, a este homem que nos tirou da terra do Egito. Então eu lhes disse: Quem tem ouro, arranque-o; e deram-mo, e lancei-o no forno, e saiu este bezerro'. Êxodo 32:21-24. Ele queria levar Moisés a crer que se operara um prodígio: que o ouro fora lançado no forno, e por um poder sobrenatural se transformara em um bezerro. Suas desculpas e prevaricações, porém, de nada valeram. Foi com justiça tratado como o principal culpado." {PP 227}, *Patriarcas e Profetas*, 320.

Arão fez o que fez por causa do que era. A maioria tenderia a concluir que ele ainda não estava regenerado, mas este não é o caso. Ele era tímido e fraco. Ele não estava dotado com o tipo de carácter que lhe teria permitido resistir às pressões do povo. Foi isso, e não a presença de pecado não abandonado em sua vida, que o levou a fazer o que fez. Ele merece a nossa simpatia e compreensão, não a nossa condenação. Não é o objectivo deste estudo debruçar-me sobre a gravidade do seu fracasso. No entanto, devemos compreender o suficiente sobre ele e da sua situação, a fim de descobrir por que falhou ele de forma que nós, como pais, possamos dar aos nossos filhos o tipo de preparação que os tornará fortes, em vez de fracos.

"O fato de que Arão fora muito mais abençoado e honrado do que o povo, foi o que tornou o seu pecado tão hediondo. Foi Arão, 'o santo do Senhor' (Salmos 106:16), que fizera o ídolo e anunciara a festa. Foi aquele que fora designado como o porta-voz de Moisés, e a respeito de quem o próprio Deus testificou: 'Eu sei que ele falará muito bem' (Êxodo 4:14), foi ele que não pôde sustar os idólatras no seu intento de afronta ao Céu. Aquele por intermédio de quem Deus agira ao trazer juízo tanto sobre os egípcios como seus deuses, ouvira inabalável a proclamação ante a imagem fundida: 'Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito'. Êxodo 32:8. Fora aquele que estivera com Moisés no monte, e ali vira a glória do Senhor, que vira que na manifestação daquela glória nada havia de que se pudesse fazer uma imagem, sim, foi ele que mudou aquela glória na semelhança de um boi. Aquele a quem Deus confiara o governo do povo na ausência de Moisés, foi encontrado a sancionar a sua rebelião. 'O Senhor Se irou muito contra Arão para o destruir'. Deuteronômio 9:20. Mas em resposta à fervorosa intercessão de Moisés, sua vida foi poupada; e, com arrependimento e humilhação pelo seu grande pecado, foi restabelecido no favor de Deus.

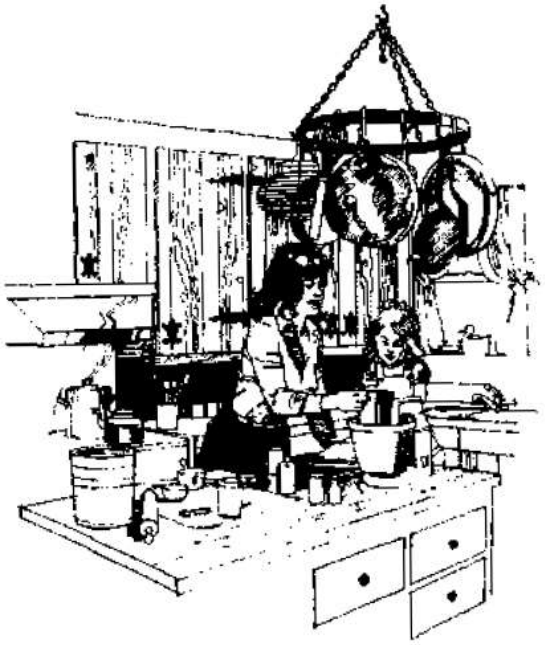
"Se Arão tivesse tido coragem para se pôr do lado do direito, sem se incomodar com as conseqüências, poderia ter impedido aquela apostasia. Se houvesse inabalavelmente mantido sua fidelidade para com Deus, se houvesse mencionado ao povo os perigos do Sinai, e os tivesse feito lembrar de seu concerto solene com Deus, para obedecerem a Sua lei, ter-se-ia sustado o mal. Mas sua conformação com os desejos do povo, e a calma segurança com que se pôs a executar os seus planos, fizeram com que se atrevessem a ir mais longe, no pecado, do que antes lhes viera à mente fazer." {PP 227}, *Patriarcas e Profetas*, 320, 323.

Esse deve ter sido o capítulo mais negro da vida de Arão. Ele certamente suportou horas de angústia mental e espiritual quando percebeu o quão miseravelmente falhou. Quanto deve ele ter lamentado a sua fraqueza de carácter e odiado a si mesmo por causa do Seu fracasso perante Deus, quando tanta confiança havia sido depositada nele!

Em contraste, quão forte, firme e inflexível, era o carácter determinado possuído por Moisés! Se ele estivesse presente no acampamento, o incidente nunca teria acontecido. Moisés, pela firme e decidida recusa da exigência do povo, teria detido

o problema no início. Durante os seus quarenta anos de ministério por Israel, Moisés enfrentou crise após crise. Em face de cada uma, ele exibia uma força de carácter que não deu espaço algum para qualquer compromisso com o mal. Foi essa força que permitiu ao Senhor canalizar o Seu grande poder através dele para obter a vitória.

Cada pai e mãe cristãos preferem que os seus filhos sejam abençoados com o carácter de Moisés em detrimento de Arão. Mas esta não é uma questão de oportunidade, porque está escrito claramente que: "Os filhos são aquilo que seus pais fazem deles por sua instrução, disciplina e exemplo." *Testemunhos para a Igreja*, 5:37.



Os filhos definitivamente crescem para ser aquilo que os pais fizeram deles. Esta é uma verdade difícil de aceitar por muitos pais que falharam, mas nada pode alterar essa realidade. As grandes diferenças entre a força de Moisés e a fraqueza de Arão são uma demonstração do resultado deste princípio. Arão teria sido tão resoluto quanto Moisés, se tivesse sido tão cuidadosamente ensinado como foi Moisés, ou Moisés teria sido tão fraco como o seu irmão se a sua educação tivesse sido a mesma dele.

Não diz que os filhos são necessariamente o que os seus pais *desejam* torná-los, mas eles são o que os seus pais fizeram que eles sejam. Há pais que rejeitam a afirmação acima, apesar das palavras terem sido escritas pela pena da inspiração e sejam absolutamente verdadeiras. Estes pais decidiram desenvolver nos seus filhos a força e a pureza de carácter apresentado por Moisés. Eles foram consagrados e diligentes nos seus esforços, mas ficaram desapontados quando os jovens abandonaram a fé dos seus pais e saíram para o mundo. Eles vêem a apostasia dos seus filhos como algo feito apesar dos seus esforços diligentes e não podem ver que, os seus filhos são exactamente o que eles fizeram deles.

Muitos desses pais não compreenderam nem experimentaram o novo nascimento, por isso, não foram capazes de trazer este primeiro e vital dom para os seus filhos. Os pais que nasceram de novo não perceberam a necessidade dos seus filhos renascerem o mais cedo possível. Então, porque os seus filhos não santificados tinham em si o espírito de desobediência, os pais foram deixados sem nenhuma ou outra escolha do que governar pela força se quisessem receber qualquer, se algum, respeito ou obediência. Tal reino é satânico na forma e, inevitavelmente, a formação obtida nesse tipo de reino só pode preparar uma pessoa para o mundo. Como é trágico os pais gastarem tantos anos de tempo, esforço e dinheiro pensando eles estarem a construir a justiça nos seus filhos, quando na verdade estão inconscientemente a prepará-los para serem súbditos do reino de Satanás.

Moisés, então, era aquilo que os seus pais fizeram dele, e assim foi Arão. Mas se ambos tinham os mesmos pais, como foi que os resultados eram tão diferentes? Para entender completamente a resposta a esta questão exigiria acesso a uma ampla gama de informações para que cada elemento envolvido nas respectivas educações pudesse ser analisado. Deus, na Sua infinita sabedoria, não colocou toda esta informação disponível para nós. Mas Ele revelou alguns factores que só podem ser uma bênção para os pais zelosos que buscam o desenvolvimento de seus filhos num carácter como o de Moisés, e não o de Arão. Repitamos que não estamos aqui a menosprezar Arão. Ele era o que seus pais fizeram dele, e, portanto, não pode ser responsabilizado pelo que eles fizeram. Também não estamos a condenar os pais, porque, como a maioria dos pais e mães, eles fizeram o melhor que sabiam.

Na medida em que Moisés e Arão eram tão diferentes em carácter, e ainda assim eram ambos aquilo que os seus pais tinham feito deles, conclui-se que os pais deram a cada um deles uma educação diferente, e assim se mostrou ser.

Moisés era o mais novo dos três filhos, Miriam a mais velha, e Arão, que era três anos mais velho do que Moisés, era o filho do meio. "O Senhor tinha informado Moisés que Arão, o seu irmão, três anos mais velho do que ele, viria ao seu encontro. . ." *Spiritual Gifts* 3:196.

Apesar do facto do mais velho ser a pessoa sobre quem a primogenitura recaía e, por conseguinte, o normalmente escolhido para a chefia, o chamamento de Deus foi feito ao mais jovem. Aconteceu o mesmo no caso da escolha de Davi por Deus para o reinado à frente de todos os seus irmãos mais velhos. Isto porque Deus vê a qualificação de modo diferente do homem. Mesmo o poderoso profeta, Samuel, teria escolhido de maneira diferente de Deus. Esta é mais uma confirmação do facto que não deve haver eleição humana na igreja de Deus. A fidelidade e força de carácter de Moisés superior à possuída pelo seu irmão mais velho Arão justificaram no final a escolha de Deus.

Já se concluiu que Moisés deve ter recebido em casa uma formação superior à recebida por Arão, e os registos sagrados confirmam isto:

"Deus tinha ouvido as orações da mãe; fora recompensada a sua fé. Com profunda gratidão foi que ela deu início à sua tarefa, agora sem perigos e feliz. Fielmente aproveitou a oportunidade para educar seu filho para Deus. Confiava em que ele fora preservado para alguma grande obra, e sabia que breve deveria ser entregue à sua régia mãe, para ser cercado de influências que tenderiam a desviá-lo de Deus. Tudo isto a tornava mais diligente e cuidadosa em sua instrução do que na dos demais filhos. Esforçou-se por embeber seu espírito com o temor de Deus e com o amor à verdade e justiça, e fervorosamente orava para que ele pudesse preservar-se de toda a influência corruptora. Mostrou-lhe a loucura e o pecado da idolatria, e cedo o ensinou a curvar-se e a orar ao Deus vivo, que unicamente poderia ouvi-lo e auxiliá-lo em toda a emergência." {PP 170}, *Patriarcas e Profetas*, 243, 244.

A frase-chave neste parágrafo é: "*Tudo isto a tornava mais diligente e cuidadosa em sua instrução do que na dos demais filhos.*"

Por isso, foi dada a Moisés uma educação superior à recebida tanto por Miriam como Arão. Isso não se deveu a qualquer favoritismo por parte da mãe. Pelo contrário, havia o factor de sua plena consciência que ele tinha sido chamado para fazer uma obra especial para Deus, e que ele seria rodeado pelos males subtis do Egipto por muitos e longos anos. Para a primeira, ele precisava de uma preparação

especial; para o segundo, protecção especial. Estas coisas eram do seu conhecimento o que a motivou ao cuidado e diligência na sua educação e formação. Uma vez que estas eram melhores, os resultados também foram. Assim será sempre.

Não se pode ignorar o facto que havia outros factores que aumentavam a diferença entre o carácter de Moisés e de Arão. A hereditariedade de cada seria um pouco diferente, apesar de terem os mesmos pais. É um facto bem conhecido que cada criança numa família recebe um conjunto diferente de características herdadas. Nalgumas áreas, há uma forte semelhança, noutras, há diferenças marcantes. No entanto, a hereditariedade não é o factor principal, porque, não importa o que a hereditariedade possa ser, através de um cedo novo nascimento e educação adequada, cada criança pode desenvolver força de carácter.

Outra decidida vantagem de Moisés sobre Arão eram os seus quarenta anos no deserto, enquanto Arão passou o mesmo período ainda no Egipto subjugado pelos cruéis capatazes numa vida de miserável servidão especificamente projectada para quebrar o espírito de um homem e destruir a sua fé e coragem. Isso tornou muito mais difícil, embora não impossível para Arão construir um carácter forte e decidido. Para ele alcançar isto naquelas circunstâncias seria necessário uma notável compreensão dos princípios de desenvolvimento do carácter em relação ao serviço submisso. Isso é algo que não é normalmente encontrado nas pessoas a menos que tenham pais muito sábios e experientes para as ensinar. Parece óbvio que ele não teve a enorme vantagem deste conhecimento ou a capacidade de o aplicar se a tivesse. Em vez disso, ele exibiu algo da degradação que aflige aqueles que são forçados a intermináveis anos de escravidão e habitualmente obedecem à vontade de um despótico senhor dos escravos.

Enquanto Arão estava a passar por esses anos aparentemente intermináveis e aparentemente sem esperança de escravidão, Moisés estava livre. Diariamente ele contemplava as obras do poder criador de Deus nas maciças montanhas, nos altos céus, e nas criaturas que habitavam a terra em baixo. Ele viu e recebeu a justiça de Deus como nunca antes. Continuamente, seus conceitos foram ampliados e o seu carácter fortalecido, até que, depois de quarenta anos a aprender e a desaprender, estava pronto para sair como instrumento de Deus a fim de conduzir o Seu povo.

É fácil entendermos porque é que Deus escolheu Moisés para levar os israelitas para Canaã. Aqui estava um homem com os talentos e o carácter necessários para fazer a obra. Nós sentimos que, se tivéssemos sido chamados a votar para o líder necessário, Moisés também teria sido a nossa escolha. Estamos confiantes que esta seria uma eleição na qual teria sido feita a vontade de Deus. Claro, isso é fácil de dizer agora que temos a inspirada retrospectiva para nos guiar, mas qual teria sido o caso se tivéssemos vivido lá atrás? As coisas teriam apresentado uma aparência diferente e nós certamente teríamos votado noutro.

Deve ser levantada a questão a respeito da razão que levou o Senhor, conhecendo a fraqueza de Arão e o resultado, a escolhê-lo como substituto de Moisés durante a sua ausência. Certamente o Senhor teria procurado um guia mais qualificado e não imporia ao pobre Arão uma tarefa além das suas capacidades!

Um facto é claro. O Senhor não vê como os homens vêem, nem Ele nomeia aqueles que os homens escolheriam. Depois de Arão revelar a sua fraqueza de carácter no bezerro de ouro, que crente o indicaria para ser o primeiro sumo-

sacerdote de Israel, uma posição imediatamente a seguir à de Moisés em santidade e importância. No entanto, este foi exactamente o homem que o Senhor escolheu.

Ao mesmo tempo, é evidente que Arão nunca teria sido nomeado para ficar ao lado de Moisés se este não tivesse exibido tamanha teimosa incredulidade como a que mostrou na sarça-ardente. Uma vez que, por causa da falta de fé de Moisés, Arão tinha sido colocado nessa posição, o Senhor honraria a nomeação enquanto Arão a ocupasse. Este princípio da ordem divina é desenvolvido no capítulo 17, "A Extensão do Compromisso de Deus".

Sob essas condições, o Senhor estava preparado para aceitar um Arão imperfeito porque ele sabe que não pode encontrar homens sem faltas e perfeitos para fazer a Sua obra no mundo. Ele sabe que alguns falharão sob forte pressão, embora não haja nenhuma desculpa para o fazer, mas Ele também sabe que isso vai servir para purificá-los dos seus defeitos e torná-los ainda melhor equipados para o Seu serviço. Arão tinha algumas qualidades maravilhosas. Embora a sua educação tivesse sido menos cuidada do que a de Moisés, no entanto, ele tinha sido educado suficientemente bem para servir a Deus de forma satisfatória. Por esta e outras razões, o Senhor o indicou para os seus vários cargos de confiança e honra.

Quando Joquebede percebeu as tremendas responsabilidades a ser suportadas por Moisés, e viu os terríveis perigos com que seria confrontado, ela foi motivada para fazer esforços especiais por este filho. Hoje, os pais têm as mesmas motivações poderosas para os inspirar à máxima diligência na educação e preparação dos seus filhos. As batalhas finais dos tempos estão prestes a ser combatidas. Naquela hora, Deus vai precisar de homens e mulheres com o mais forte carácter; almas que defendam os seus princípios, nem que o céu caia; mensageiros em quem se possa confiar para obedecer à voz de Deus, não importa o custo que isso possa ter sobre si mesmos.

Os pais devem entender que o papel mais importante que podem desempenhar é ensinar com sucesso os seus filhos para a tempestade que se aproxima, como Joquebede educou Moisés para a sua missão divinamente designada. Fazer desta a sua tarefa mais importante da vida. É a obra que o Senhor designou a todos os pais tementes a Deus. Ela garante o sucesso a todos os que fazem d'Ele o seu Conselheiro e Guia.

Capítulo 3

A Promessa É de Total Confiança

A promessa, "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele", está escrita de forma tão positiva que não admite outra possibilidade, senão o sucesso. Ela dá-nos a certeza absoluta de que, se a criança for devidamente preparada, nunca se afastará de Deus. Ela pode cometer erros, pecados podem manchar o seu registo, mas nunca rejeitará a salvação do Senhor.

Mas, se é assim, como é que Lúcifer, as multidões de anjos e Adão e Eva, deixaram Deus? Certamente ninguém tinha uma preparação melhor do que Lúcifer. Se ele e os seus seguidores puderam cair como caíram, então certamente também os nossos filhos, não importa quão bem ensinados, podem cair para sempre! À luz desses factos, como podemos acreditar que a promessa seja de total confiança?

É bem verdade que Lúcifer foi educado por Deus e que, quando envelheceu afastou-se do caminho em que fielmente andava e foi capaz de persuadir milhões de anjos a juntar-se a ele na sua rebelião. Estes factos parecem lançar uma dúvida sobre a certeza da promessa feita em *Provérbios* 22:6, porque a promessa, se aplicável naquela altura, então, obviamente, nunca foi boa naqueles numerosos casos.

No entanto, por outro lado, desde que o plano de salvação foi apresentado à humanidade caída, verificamos que a promessa tem-se provado boa em todos os casos onde temos a certeza que foram cumpridas as condições. Ou seja, cada criança que foi positivamente nascida de novo desde o ventre da sua mãe e foi devidamente ensinada desde então, nunca se afastou do caminho em que o Senhor queria que ela andasse. Todas foram fiéis aos princípios da justiça e ao serviço de Deus até o fim dos seus dias.

Infelizmente tem havido muito poucos na história que foram abençoados com essas vantagens e em quem, consequentemente, os resultados desejados foram alcançados. As Escrituras citam claramente apenas três, nesta categoria, embora seja dada bastante informação de vários outros para indicar que eles também compartilhavam da mesma bênção.

Primeiramente, acima de todos havia Jesus Cristo, de quem está escrito:

"E, respondendo o anjo, disse-lhe: 'Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também *o Santo*, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.'" *Lucas* 1:35.

Nascido seis meses antes d'Ele foi João Batista de quem se declarou:

"Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe." *Lucas* 1:15.

Ainda mais atrás estava Jeremias, de quem o Senhor disse:

"Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta." *Jeremias* 1:5.

Há fortes evidências no sentido de Jeremias ter ensinado os pais de Daniel e dos seus três companheiros os princípios da salvação das crianças. As vidas de justiça sem mácula que viveram dão testemunho de um cedo novo nascimento e educação adequada posterior. Desta formação está escrito:

"A instrução que essas crianças hebréias haviam recebido no lar de seus pais, as tornou fortes na fé e constantes no seu serviço ao Deus vivo, o Criador dos Céus e da Terra." {PR 218}, *Profetas e Reis*, 428.

É aqui firmemente declarado que a constância do seu serviço a Deus foi o resultado directo do treino educativo que tinham recebido enquanto crianças. Isso só pode significar que a sua educação deve ter sido da ordem certa e incluiu terem nascido de novo muito cedo. Isto é sabido porque só aquele em quem foi implantado o espírito de obediência pelo processo do novo nascimento pode eventualmente obedecer à lei em tudo. Assim como a árvore tem de ser uma macieira para poder produzir maçãs, assim uma pessoa tem de ser justa interiormente antes de poder viver em justiça exteriormente. Estes factos asseguram-nos que Daniel e os seus três companheiros foram educados no caminho que deviam andar, e foi por esta razão que, quando envelheceram, eles não se desviaram dele.

Outro que nasceu de novo desde tenra idade foi José embora não possamos dizer com certeza que foi a partir da sua concepção. No entanto, não há dúvida que ele nasceu de novo em criança. As seguintes palavras confirmam isso.

"Houve um, entretanto, de caráter grandemente diverso — o filho mais velho de Raquel, José, cuja rara beleza pessoal não parecia senão refletir uma beleza interior do espírito e do coração. Puro, ativo e alegre, o rapaz dava prova também de ardor e firmeza moral. Escutava as instruções do pai, e gostava de obedecer a Deus. As qualidades que depois o distinguiram no Egito — gentileza, fidelidade e veracidade, já eram manifestas em sua vida diária." {PP 144}, *Patriarcas e Profetas*, 209.

Pode ter havido outros ao longo da história que foram abençoados com a libertação da natureza do pecado ainda antes de nascer, e que foram posteriormente correctamente instruídos pelos seus pais. Mas, se houve, não temos qualquer registo deles e, portanto, não podemos referi-los como exemplos.

Por isso, temos diante de nós todas as pessoas de quem há registo positivo de terem sido ensinados no caminho em que deviam andar, e, com consistência invariável, provam a verdade da promessa: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele." Tão totalmente andou cada um deles no caminho em que devia andar, que, nas Escrituras, não há registo de pecado contra qualquer um deles.

Isto não é dizer que estes homens, à parte de Cristo evidentemente, nunca cometeram um único pecado, embora bem possam não ter cometido. Tudo o que

foi dito é que as Escrituras não contêm qualquer registo deles terem pecado, o que significa que, se cometeram algum, foi muito inconsequente nas suas repercussões.

Alguns sugeriram que a promessa não se aplicou no caso de Sansão, porque ele não aderiu fielmente aos caminhos da justiça. Mas, para ele ser um exemplo da certeza de Deus contida em *Provérbios* 22:6, precisaríamos de evidência bíblica clara para o efeito que ele nasceu de novo no ventre da sua mãe, e foi devidamente ensinado depois. Eu não encontrei isso. O que levaria a pensar que ele era, é a instrução especial dada aos seus pais antes de ter sido concebido, mas isto parecia limitar-se à questão da temperança. Até agora, não encontrei texto algum ou declaração assegurando que o anjo lhes dissesse como efectuar o novo nascimento para a criança. É possível que, por causa da densa escuridão espiritual que então prevalecia em consequência da persistente apostasia de Israel, que eles eram incapazes de compreender a verdade sobre a salvação das crianças.

Portanto, devem considerar-se duas situações entre as quais existem diferenças significativas. Se estas distinções não forem reconhecidas e entendidas, será completamente impossível compreender como Lúcifer, os anjos que o seguiram, e Adão e Eva, se afastaram do modo como Deus os tinha ensinado seguirem.

A primeira dessas situações envolvia Lúcifer e aqueles que estão nos céus e na Terra que o acompanharam no abandono da perfeição edénica para um estranho novo mundo de pecado. A segunda diz respeito aqueles que nasceram de novo e foram devidamente ensinados segundo o plano de salvação implementado após a queda. Note-se que a promessa foi feita para o segundo grupo, não para o primeiro.

A formação recebida por Lúcifer e seus anjos não os salvou da rebelião. O próprio facto que eles se levantaram contra o seu Criador prova isso.

Por outro lado, as vantagens e educação recebida por Cristo, João Baptista, Daniel, Ananias, Misael, Azarias, Jeremias, e José, de forma muito eficaz fê-los andar no caminho em que deviam andar quando chegaram à maturidade.

Portanto, é verdade que há uma diferença entre os resultados obtidos pela melhor formação disponível antes da queda, e os efeitos obtidos pela educação administrada depois. Deste modo, se os resultados não correspondem, então, a educação que produz esses resultados também tem de ser diferente. A indicação é que a formação dada a todos os seres sem pecado antes da queda não tinha certas qualidades e vantagens que estão presentes na educação dada por Jeová após a rebelião começar. Esta falta não era devido a qualquer deficiência na visão divina, nem por Deus reter luz essencial aos Seus súbditos. Em justiça Deus não pode ser acusado nesta ou em qualquer outra área, pois Deus é imaculadamente justo e perfeito.

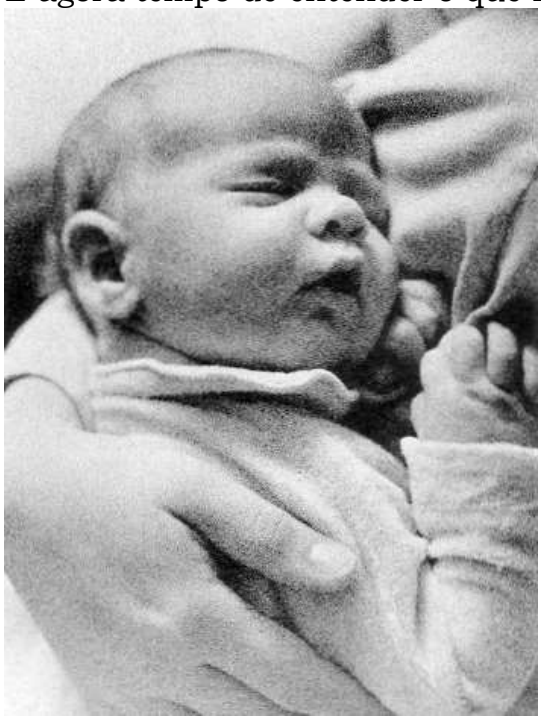
Apesar da clareza dos factos envolvidos, há aqueles que podem ter dificuldade em aceitar estas diferenças. Eles estão conscientes que não existem deficiências nas perfeitas e adequadas provisões de Deus para todos os Seus filhos criados, e que não havia desculpa para o pecado, especialmente daquele que, de todos os seres criados, estava mais próximo de Deus. Eles não são capazes de conciliar o facto que existem estas diferenças, tendo em vista a infinita justeza de Deus e Sua perfeita justiça.

No entanto, não há contradições envolvidas aqui. Estas diferenças não negam as capacidades ilimitadas de Deus, nem indicam qualquer retenção injusta da

parte de Deus de informação vital para a segurança do Céu. Isto irá tornar-se evidente à medida que prosseguimos.

Voltemos agora ao facto que a queda de Lúcifer prova que nas condições existentes nessa altura, não havia certeza absoluta que um ser criado devidamente preparado, tal como seria com certeza, iria andar sempre nos caminhos de Deus. Por outro lado, a vida dos mortais que viviam sob as condições vigentes desde a queda, e que foram verdadeiramente santificados desde a concepção e devidamente preparados, prova que essa pessoa não se desviará dos caminhos de Deus.

É agora tempo de entender o que faz a diferença entre estas duas situações.



Por causa da entrada do pecado ter manifestado o terrível resultado da iniquidade e por causa dessa crise ter revelado maravilhas quanto ao carácter de Deus até ali escondido da vista, está ao alcance daquelas crianças nascidas depois da queda uma educação e uma preparação que é imensuravelmente superior à disponível antes da queda. Infelizmente, muito poucas crianças estiveram expostas a esta luz, mas no caso daquelas que beneficiaram dela, foram alcançados admiráveis resultados.

Antes do pecado aparecer, não havia conhecimento do mal e dos seus horrendos efeitos sobre os pecadores. Havia apenas o conhecimento do bem, e isso era tudo o que Deus pretendia dar. Portanto, quando o orgulho começou a manifestar-se em Lúcifer, ele não tinha ideia até onde isso o levaria ou o que faria, a ele e aos seus seguidores, mesmo que o Todo-Poderoso colocasse perante si todas as consequências tão claramente quanto possível, dadas as circunstâncias. Para o querubim cobridor e seus seguidores, pareceu como um novo campo de estudo e experimentação tão fascinante, oferecendo a perspectiva de recompensas maravilhosas, e libertação total das restrições a que as suas mentes pervertidas imaginavam estarem confinados. Então, eles embarcaram na sua busca pelo conhecimento do mal, um campo de aprendizagem que melhor seria não terem.

As advertências e súplicas de Deus não foram atendidas e eles tornaram-se determinados a não abandonar a sua busca. Alguém poderia pensar que, neste tipo de situação, a palavra do Todo-Poderoso teria sido tudo o que era necessário para resolver a questão para sempre, mas provou-se o contrário. Eles haviam perdido a fé na palavra, tendo, em seu orgulho, considerado as suas próprias capacidades e conhecimentos mais fiáveis, assim como os homens do mundo fazem presentemente.

Uma vez que tinham chegado a essa terrível condição de ímpia incredulidade, apenas podiam aprender a verdade pelo sofrimento das terríveis consequências do

caminho que escolheram. Aquilo que não pode ser resolvido pela declaração tem de ser sempre esclarecido pela demonstração. Anjos e homens, tanto leais como rebeldes, devem ver por si mesmos o desenvolvimento efectivo dos ensinamentos do diabo por um lado, e os princípios da justiça por outro.

Portanto, desde a queda, a educação dos filhos de Deus na Terra, no Céu, e por todos os mundos não caídos, inclui métodos de aprendizagem não disponíveis até então, e portanto, ausentes da formação daqueles que viveram antes da queda. Enquanto aqueles que viveram antes da entrada do pecado poderiam aprender apenas o conhecimento do bem, os que viveram depois daquela terrível entrada não só têm acesso ao conhecimento do mal, mas é-lhes realmente solicitado que o compreendam.

A aquisição do conhecimento do mal não necessita da participação concreta na iniquidade. Isto é provado pelo facto que os seres sem pecado de todo o Universo ganham o conhecimento dele pela simples observação da maldade em operação neste mundo amaldiçoado pelo pecado ao qual, felizmente, ele tem sido confinado. O objectivo da obtenção do conhecimento do mal não é dar aos interessados uma experiência dos prazeres e dores subsequentes do pecado. Pelo contrário, a intenção é equipar todos com uma compreensão muito clara da verdadeira natureza do pecado, a fim de desenvolver em cada candidato ao reino a capacidade de reconhecer os seus avanços, mesmo sob o mais inteligente disfarce, e construir em cada crente uma disposição para instantaneamente e totalmente rejeitar o pecado no momento em que ele faz quaisquer avanços sobre si.

Há uma razão muito boa para o conhecimento do bem e do mal ser agora necessário, enquanto, antes da queda, a compreensão do bem era tudo o que era preciso. Como um concorrente, o pecado entrou na anteriormente incontestada arena uma vez ocupada unicamente pela justiça. Ele é capaz de fazer-se parecer mais atraente do que a obediência aos olhos daqueles que não foram solidamente educados no discernimento da verdadeira natureza das suas pretensões e dos verdadeiros efeitos das suas práticas. Os avanços insistentes disto seria benfeitor mas devem ser aceites ou rejeitados, pois não podem ser ignorados. Em todo o Universo, todos têm de tomar uma decisão inteligente para o bem ou para o mal.

Poderia pensar-se que seria simples fazer uma escolha, e que seria, apenas dificultada pela incrível capacidade do pecado representar-se como sendo uma alternativa infinitamente superior à “escravidão” e “opressão”, que o diabo afirma ser a característica do reino de Deus.

Uma prova notável do poder enganador do pecado é dada pela extensão e profundidade dos votos de aprovação dado por uma proporção tão significativa dos anjos incluindo o maior e melhor deles, Lúcifer. Um terço das hostes celestiais acreditou totalmente que o estilo de vida alternativo era preferível, e, consequentemente, optou por abandonar as cortes celestiais a favor de uma existência pecaminosa por tanto tempo quanto durasse.

Um terço pode parecer uma proporção relativamente insignificante – afinal, é o grupo minoritário – até começar a perceber-se quantos fazem um terço. As Escrituras declaram que o número dos anjos leais que ainda servem a Deus hoje são dez mil vezes dez mil e milhares de milhares. “E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares.” *Apocalipse* 5:11.

Assim, o número de anjos que permaneceram leais a Deus e cercam o Seu trono, os vinte e quatro anciãos e as quatro criaturas viventes, é de dez mil ao

quadrado mais milhares de milhares. Dez mil vezes dez mil são cem milhões. Não nos é dito quantos milhares vezes quantos milhares formam o outro número. Mil vezes mil é um milhão. Cinco milhões vezes cinco milhões são vinte e cinco milhões e assim por diante. Se os números apresentados forem para serem tomados literalmente, então poderíamos dizer com segurança que pelo menos cem milhões de anjos permaneceram leais a Cristo e à Sua justiça. Ora, estes são os dois terços que não optaram por se juntar a Lúcifer em sua rebelião. Se o número de dois terços soma pelo menos cem milhões, então a um terço que partiu devem somar pelo menos cinquenta milhões.

Mas isto não é tudo. É um erro supor que os anjos que permaneceram fiéis ficaram imunes aos sofismas subtis apresentados em favor da introdução do mal no reino universal. Foram suscitadas sérias dúvidas sobre a integridade de Deus nas suas mentes e essas incertezas levaram mais de quatro mil anos a erradicar. Só quando o Salvador foi finalmente crucificado no Calvário sofrendo a desenfreada fúria do ódio e malícia diabólica, enquanto exibia toda a glória do carácter de amor do Seu Pai com uma paciência e perseverança que foi surpreendente, que eles foram finalmente e totalmente curados de toda a simpatia com a causa do mal.

"Até à morte de Jesus, o caráter de Satanás não fora ainda claramente revelado aos anjos e mundos não caídos. O arqui-apóstata se revestira por tal forma de engano, que mesmo os santos seres não lhe compreenderam os princípios. Não viram claramente a natureza de sua rebelião." {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758.

Foi assim que, no momento da morte de Cristo, os anjos adquiriram um conhecimento do bem e do mal que nunca poderiam ter tido antes do aparecimento do pecado. Ninguém deve ter qualquer dificuldade em ver que isto não era devido a qualquer deficiência por parte de Deus antes da entrada trágica do pecado, mas sim pelo facto que, até a iniquidade surgir, nunca se tinham desenvolvido as circunstâncias sob as quais não haveria a necessidade e a possibilidade de fornecer tal revelação na busca do bem e do mal.

Portanto, na natureza do caso, a educação disponível para os anjos e os homens posterior à queda é decididamente superior aquela que era possível antes do pecado aparecer. Sendo muito melhor, devia, por sua vez produzir melhores resultados. Assim foi. Enquanto aqueles seres criados que foram educados sob o conhecimento disponível antes da entrada do pecado não estavam totalmente seguros, todos os que foram devidamente preparados desde então revelar-se-ão para sempre selados contra o sofisma mortal da iniquidade.

"A rebelião de Satanás deveria ser uma lição para todo o Universo por todos os séculos vindouros, um testemunho perpétuo da natureza e terríveis resultados do pecado. A conseqüência do governo de Satanás — seus efeitos tanto sobre os homens como sobre os anjos — mostraria qual o fruto de rejeitar a autoridade divina. Testificaria que, da existência do governo de Deus e de Sua lei, dependem o bem-estar de todas as criaturas que Ele fez. Destarte, a história desta terrível experiência de rebelião deveria ser perpétua salvaguarda a todos os santos seres, impedindo-os de serem enganados quanto à natureza da transgressão, livrando-os de cometer pecado e sofrer o seu castigo." *O Grande Conflito*, 499.

Assim, o ensinamento dado a Lúcifer, que não incluía um conhecimento do mal, enquanto realmente adequado o suficiente para impedi-lo de entrar em rebelião, tinha falta da segurança absoluta que está incluída na educação dada a cada

criança que, desde a queda, está verdadeiramente a ser instruída no caminho em que deveria andar.

Deixai que seja reiterado que a aquisição do conhecimento do mal não requer uma experiência prática no pecado. Pelo contrário, envolve o desenvolvimento da capacidade de reconhecer e odiar a iniquidade pelo que ela é, e aprender a evitá-la, enquanto de bom grado se escolhe a justiça em seu lugar.

A educação que inclui o conhecimento do bem e do mal, e que está acessível apenas desde o começo da rebelião, é a educação mais eficaz jamais oferecida aos seres criados. É de tal excelência que o Senhor pode dizer com confiança aos pais que se tornam Seus mensageiros em transmiti-la: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele."

Deve ser lembrado que esta promessa é feita aos seres humanos caídos e não aos puros anjos antes do conhecimento do mal aparecer. Alegrem-se, em seguida, na certeza que a promessa é verdadeira. A queda de Lúcifer não permite qualquer admissão de incerteza na promessa de Deus. Sabei então com certeza que quando os seus filhos são instruídos de acordo com os princípios divinos agora brilhando à luz que Deus está a revelar, eles não vão, à medida que crescem, afastar-se do caminho em que devem andar.

Isto significa que o Supremo Governante do Universo foi mesmo ao ponto de registar a garantia de tudo isso, tão certo como a criança é devidamente preparada, assim andará com certeza para sempre nos caminhos de Deus e tão seguramente lhe será reservado um lugar no reino. Assim, à luz desta afirmação, se, quando chegam à maturidade, os filhos não andarem no caminho em que deviam andar, então, a culpa deve recair inteiramente nos pais. Eles manifestamente não conseguiram aprender e aplicar os princípios da salvação das crianças.

Houve o tempo em que os pais poderiam ser dispensados de tais falhas trágicas porque a luz sobre a salvação das crianças estava escondida deles, mas esse dia está agora no passado. A verdade sobre esta responsabilidade parental está a brilhar com raios cada vez mais claros e deixa todos os pais a quem a luz é transmitida sem qualquer desculpa. Nestas circunstâncias, Deus tornará os pais responsáveis na medida em que, se não conseguirem trazer a salvação aos seus filhos, então também eles perderão esta bênção. Deus declarou que aqueles pais que chegam às portas do Paraíso sem os seus filhos não terão a entrada que eles estavam à espera, como está escrito:

"É privilégio dos pais levar os filhos consigo aos portais da cidade de Deus, dizendo: 'Procurei instruir meus filhos no amor do Senhor, para fazer a Sua vontade e glorificá-Lo.' A esses se abrirão as portas de par em par, e pais e filhos entrarão. Mas nem todos poderão entrar. Alguns serão deixados fora com os filhos, cujo caráter não se transformou pela submissão à vontade de Deus. Erguer-se-á uma mão, sendo pronunciadas as palavras: 'Negligenciastes os deveres do lar. Deixastes de fazer a obra que teria habilitado a alma para um lar no Céu. Não podeis entrar.' Fechar-se-ão as portas aos filhos, por não terem aprendido a fazer a vontade de Deus, e aos pais por haverem negligenciado as responsabilidades que sobre eles repousaram. — Manuscrito 31, 1909." {OC 4}, *Orientação da Criança*, 13.

"Luz tem sido derramada da Palavra de Deus e dos testemunhos de Seu Espírito para que ninguém precise errar com relação a seu dever. Deus exige que os pais eduquem os filhos para conhecê-Lo e para respeitar Suas reivindicações. Devem

eles preparar seus pequenos, como membros mais novos da família do Senhor, para ostentarem belo caráter e temperamento atraente, a fim de estar aptos a brilhar nas cortes celestiais. Negligenciando o dever e condescendendo com os erros dos filhos, os pais cerram para si mesmos os portais da cidade de Deus.

"Esses factos devem impressionar os pais; eles precisam despertar e assumir a tarefa há tanto negligenciada. Há pais que professam amar a Deus e não estão atendendo à Sua vontade." *Testemunhos para a Igreja* 5:325, 326.

Não admira que haja "pranto e ranger de dentes." *Mateus* 13:42. Não pode haver maior tragédia pessoal ou esmagadora decepção do que chegar ao fim plenamente confiante de um lugar no reino apenas para ser negada a entrada e voltar para a escuridão do esquecimento eterno.

Porém isto não precisa ser assim. Há uma maneira de educar os nossos filhos que trará a sua salvação pessoal. Aprendei e aplicai-o com sucesso, e tanto a vossa salvação como a deles está garantida. As portas não serão fechadas para vós.

Capítulo 4

Triunfante Sobre a Confederação

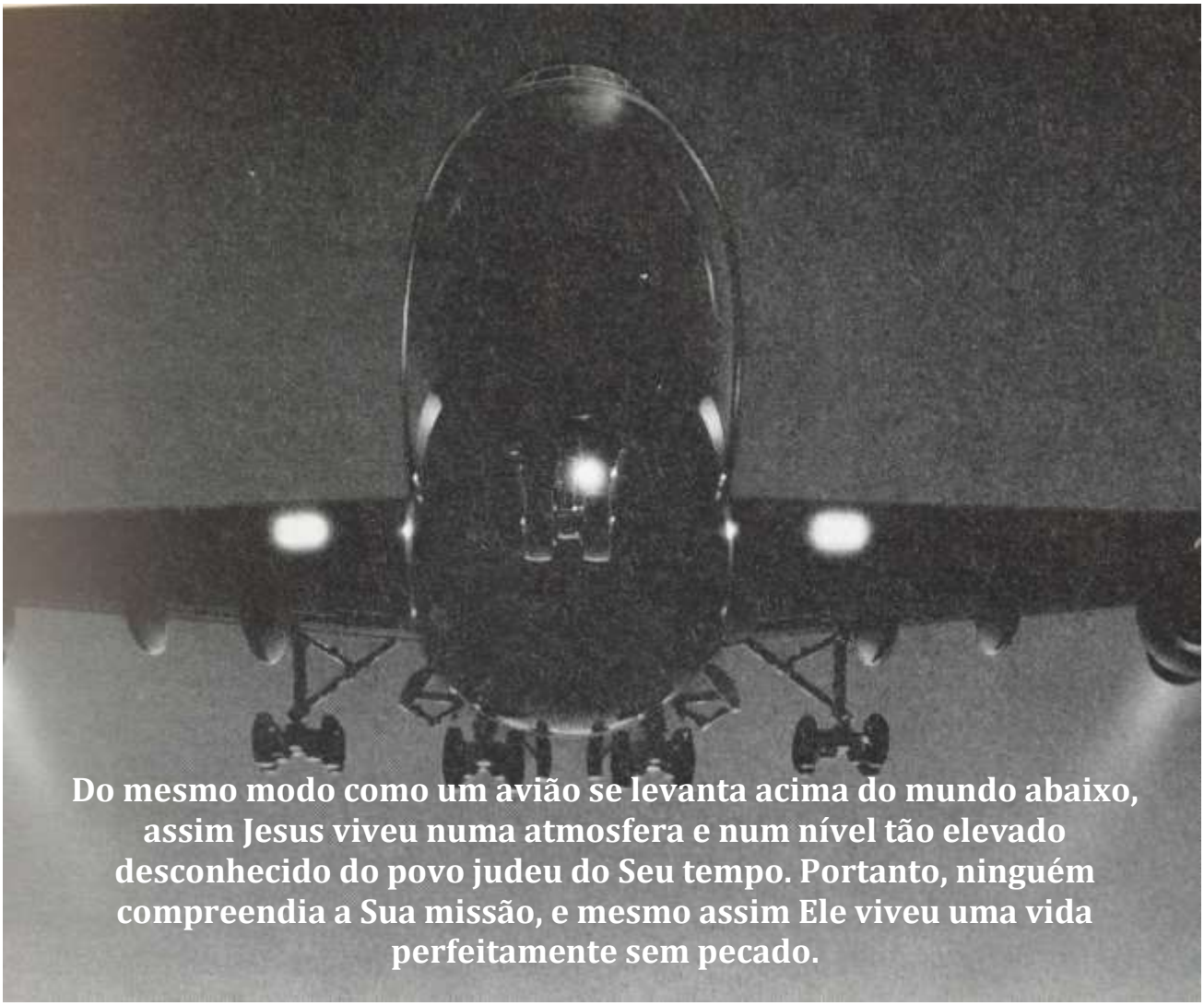
Uma das grandes decepções vividas pelos pais é a propensão dos seus filhos para sucumbir às pressões que a sociedade os faz suportar. Ridicularização e intimidação são armas poderosas a que as crianças acham difícil de resistir. Elas odeiam serem singulares. Em vez disso, são movidas por um desejo intenso de ser aceites pelas crianças vizinhas ou pelos seus companheiros de escola. Para as crianças em geral cujo estilo de vida é moldado pelo mundo ao seu redor, este problema não se coloca porque não lhes traz muito constrangimento. Mas, os que aderem aos princípios que os marcam como sendo singulares, são submetidos a rejeição e perseguição que lhes impõe uma pressão emocional o que tende a marcá-los para o resto das suas vidas. As crianças nesta categoria sofrem a terrível tentação de comprometer a fé dos seus pais e seguir os caminhos do mundo. Há muitos que se rendem a esta tremenda pressão e, no fim, abandonam o caminho da obediência.

Não houve ninguém na história que, como criança, entendesse melhor o poder dessa perseguição do que a criança Jesus. Uma confederação incrivelmente poderosa unida com o propósito de quebrar a Sua vontade e a forçá-l'O a conformar-se com as tradições e práticas dos guias religiosos. Os membros desta confederação eram os rabinos influentes, altamente instruídos, e qualificados, que conseguiram algum apoio dos pais de Cristo no seu trabalho para o mal, porque José e Maria não podiam compreender claramente a Sua missão; os filhos de José de um casamento anterior; e os fariseus ofendidos por Jesus não aprovar e defender a rígida exclusividade deles. A ira e o ressentimento dos fariseus eram intensificados quando viam Ele ajudar justamente aqueles que eles tinham feito párias da sociedade e também, como eles supunham, de Deus.

Para apreciar o fardo incrível de tentação sob a qual Ele trabalhou, examinemos cada elemento da confederação, começando com os doutos rabinos.

"Desde os mais tenros anos, a criança judia era rodeada das exigências dos rabinos. Rígidas regras se prescreviam para cada ato até as mais pequeninas minúcias da vida. Sob a direção dos mestres das sinagogas, os jovens eram instruídos nos inúmeros regulamentos que, como israelitas ortodoxos, se esperava que observassem. Jesus, porém, não Se interessava nessas coisas. Desde a infância agia independentemente das leis dos rabinos. As Escrituras do Antigo

Testamento eram Seu constante estudo, e as palavras ‘Assim diz o Senhor’, Lhe estavam sempre nos lábios.



Do mesmo modo como um avião se levanta acima do mundo abaixo, assim Jesus viveu numa atmosfera e num nível tão elevado desconhecido do povo judeu do Seu tempo. Portanto, ninguém compreendia a Sua missão, e mesmo assim Ele viveu uma vida perfeitamente sem pecado.

“À medida que as condições do povo começaram a ser patentes ao Seu espírito, viu que as exigências da sociedade e as de Deus se achavam em constante conflito. Os homens se estavam afastando da Palavra de Deus, e exaltando teorias de sua própria invenção. Observavam ritos tradicionais que nenhuma virtude possuíam. Seu culto era simples rotina de cerimônias; as sagradas verdades que se destinavam a ensinar, achavam-se ocultas aos adoradores. Via Jesus que, em seus cultos destituídos de fé, não encontravam paz. Não conheciam a liberdade de espírito que lhes adviria de servir a Deus em verdade. Jesus viera para ensinar a significação do culto de Deus, e não podia sancionar a mistura de exigências humanas com os divinos preceitos. Não atacava os preceitos ou práticas dos doutos mestres; mas quando O reprovavam por Seus próprios hábitos simples, apresentava a Palavra de Deus em justificação de Sua conduta.” {DTN 51}, *O Desejado de Todas as Nações*, 84, 85.

Não há nada que um sistema instituído menos tolere do que a não conformidade com os seus decretos e instituições, especialmente quando a pessoa que não se curva aos seus decretos é capaz de justificar as suas acções poderosa e

eficazmente com base nos próprios livros que alegam estar a seguir; neste caso, as Escrituras do Antigo Testamento. Em Cristo, a criança e jovem, encontraram eles alguém mais intransigente do que jamais haviam conhecido, e estavam determinados a usar todas as ferramentas ao seu alcance, o argumento, e a pressão, para forçá-l'O a ceder.

Contemplai a desigualdade do conflito. Nós não somos informados que idade tinha Cristo quando o conflito começou, excepto que Ele ainda era referido como "uma criança". {DTN 51}, *O Desejado de Todas as Nações*, 85. Sem dúvida que Ele chegou ao conhecimento dos rabinos por não comparecer na escola local. "O menino Jesus não Se instruía nas escolas das sinagogas." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70.

Contra Ele foram lançados os rabinos, os homens mais instruídos e mais experientes em Israel, que eram poderosos e astutos na arte de subjugar as mentes às suas vontades. Para ganhar alguma percepção real do desequilíbrio aparente no conflito, imaginai uma criança entre os oito e os doze anos. Em seguida, como é que ela podia lidar com um grande grupo dos melhores teólogos da Terra e qual seria o resultado. Não hesitaríamos em concluir que a criança não teria absolutamente nenhuma esperança de emergir do conflito como vencedora. No entanto, precisamente numa tal situação, o que a criança Jesus foi capaz de fazer sempre, todas as crianças serão capazes se receberem, o mais cedo possível após a concepção, tudo o que Jesus recebeu desde os Seus primeiros momentos.

Porque os Seus pais não O entendiam ou a Sua missão, foi forçado a defender a Sua posição sem qualquer apoio humano. Isso fez inclinar significativamente a vantagem para o lado dos rabinos, mas, por mais que tentassem, tramassem como tramaram, e intimidassem como estavam propensos a fazer, não poderiam levá-l'O a ceder aos seus sofismas. Para cada exigência deles, Ele exigiu a autoridade das Escrituras, e quando não a podiam fornecer, não lhes obedecia ou respeitava as tradições que não eram mais do que invenções humanas impotentes para salvar a alma ou para beneficiar aqueles que os seguiam.

"Por todos os meios brandos e submissos, procurava Jesus agradar àqueles com quem estava em contato. Por ser tão amável, nunca estorvando a ninguém, os escribas e anciãos julgavam que seria facilmente influenciado por seus ensinos. Insistiam com Ele para que aceitasse as máximas e tradições que haviam sido transmitidas dos antigos rabis, mas Jesus pedia para as mesmas a autorização da Santa Escritura. Estava pronto a ouvir toda palavra que sai da boca de Deus; não podia, entretanto, obedecer às invenções dos homens. Parecia conhecer as Escrituras de princípio a fim, e apresentava-as em sua verdadeira significação. Os rabis envergonhavam-se de ser ensinados por uma criança. Pretendiam ser seu ofício explicar as Escrituras, e a Ele competia aceitar-lhes as interpretações. Indignavam-se de que Se pusesse em oposição à palavra deles." {DTN 51}, *O Desejado de Todas as Nações*, 85.

Que extraordinária criança esta que podia ficar firme e destemida perante esses poderosos, doutos, imponentes autoritários. No entanto, eles não podiam acusá-l'O de os desafiar ou de rebeldia, pois Ele era sempre cortês, respeitoso, calmo, e honesto. Ao redor d'Ele havia uma atmosfera de simplicidade e graça que era maravilhosa em todos os aspectos.

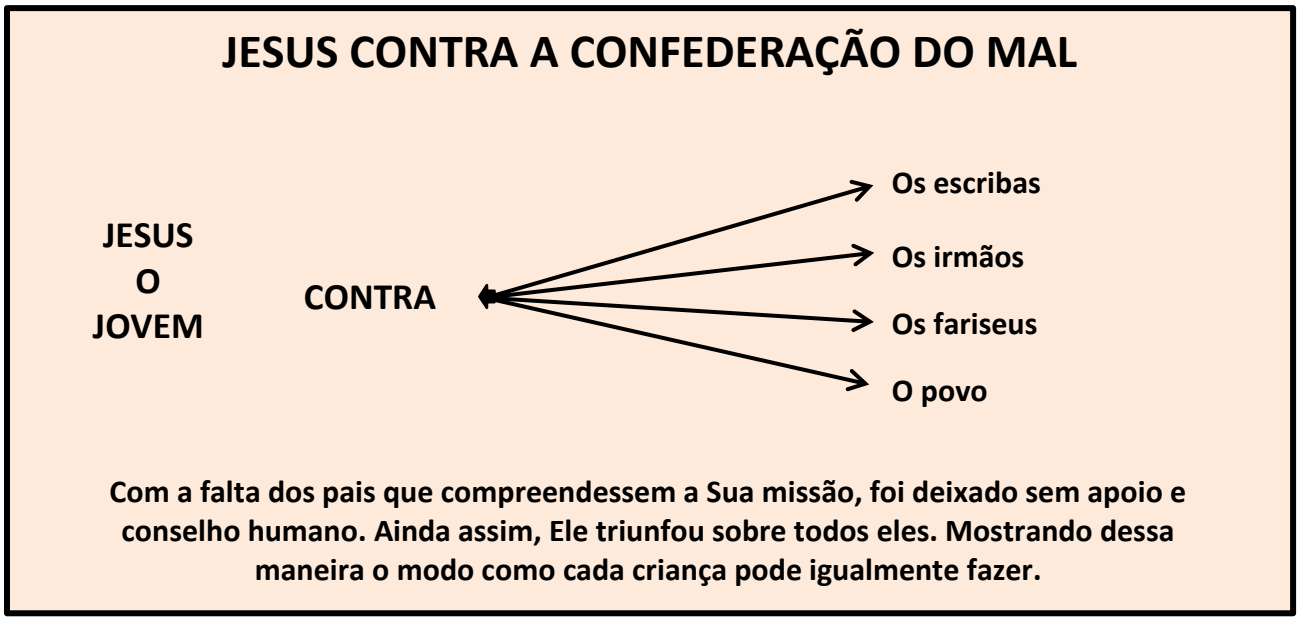
Ele Percebeu com perfeita clareza e força a verdadeira natureza daquilo que eles exigiram d'Ele, e foi capaz de escolher e apresentar exactamente as Escrituras

certas para defender a Sua posição, deixando-os sem palavras, confusos e furiosos.

Todos os pais cristãos ficariam encantados de ter uma criança assim! Que satisfação seria saber que a sua filha ou filho poderiam ser de confiança para ficarem inabalavelmente firmes mesmo sob a elevada pressão para fazer o que não deviam. Que testemunho seria uma vida assim; que poder para o bem; que influência irresistível para a justiça.

No entanto, embora repreendidos e envergonhados por essa vida pura, os rabinos não cederam às convicções do Espírito Santo geradas neles através do ministério desta criança maravilhosa. Eles fizeram exactamente o que cada rebelde contra a lei de Deus sempre fará – buscaram mais apoio humano para a sua causa. Neste caso, eles voltaram-se para José e Maria e acusaram o Filho de total desrespeito pela autoridade estabelecida dos dirigentes religiosos.

"Sabiam os rabinos que nenhuma autoridade se podia encontrar nas Escrituras para suas tradições. Compreendiam que, em entendimento espiritual, Jesus Se achava muito além deles. Zangavam-se, no entanto, porque não lhes obedecia aos ditames. Não podendo convencê-Lo, buscaram José e Maria, expondo-lhes Sua atitude de insubmissão. Assim sofreu Ele repreensão e censura." {DTN 51}, *O Desejado de Todas as Nações*, 85, 86.



Se José e Maria possuíssem a mesma compreensão abrangente e clara das Escrituras que Jesus tinha, poderiam ter-se unido a Ele na defesa dos princípios do reino de Deus. Mas, eles foram confundidos pelo ensino popular que o Messias tinha chegado, não para transformar as pessoas, mas para destruir os romanos. Portanto, eles foram profundamente perturbados pela posição do Salvador e tendiam a ficar do lado das autoridades.

Cristo, como uma criança pequena, já estava muito à frente de José, Maria, e seus irmãos (os filhos de José de um casamento anterior). Os Seus pais não estavam a guiá-l'O. Era Ele que os conduzia. Esta situação não teria existido se eles tivessem sido abençoados com a natureza divina desde os primeiros momentos, e os pais de hoje que, desde os primeiros dias dos seus filhos, aplicam os princípios estabelecidos aqui, devem estar preparados para os seus pequeninos os ultrapassarem também. Isso será feito sem orgulho ou qualquer espírito de

superioridade. As crianças terão a mesma cortesia simples e bela graça que marcou a vida e o carácter de Jesus.

"A vida de Cristo foi assinalada pelo respeito e o amor à Sua mãe. Maria acreditava em seu coração que a santa Criança dela nascida, era o tão longamente prometido Messias; não ousava, entretanto, exprimir essa fé. Foi, através de sua existência terrestre, uma partilhadora dos sofrimentos do Filho. Com dor testemunhava as provações que Lhe sobrevinham na infância e juventude. Por justificar o que sabia ser direito em Seu procedimento, via-se ela própria em situações difíceis. Considerava as relações domésticas, e a terna solicitude da mãe em torno dos filhos, de vital importância na formação do caráter. Os filhos e filhas de José sabiam isto e, prevalecendo-se de sua ansiedade, procuravam corrigir as atitudes de Jesus segundo norma deles.

"Maria argumentava muitas vezes com Jesus, e insistia em que se conformasse com os usos dos rabis. Ele, porém, não podia ser persuadido a mudar Seus hábitos de contemplar as obras de Deus e buscar aliviar os sofrimentos dos homens ou mesmo dos mudos animais. Quando os sacerdotes e mestres solicitavam o auxílio de Maria em dirigir Jesus, ficava grandemente perturbada; o coração tranqüilizava-se-lhe, porém, quando Ele lhe apresentava as declarações das Escrituras em apoio de Seu proceder." {DTN 55}, *O Desejado de Todas as Nações*, 90.

"Desde pequeno, começara Jesus a agir por Si na formação de Seu caráter, e nem mesmo o respeito e o amor aos pais O podiam desviar de obedecer à Palavra de Deus. 'Está escrito', era Sua razão para cada ato que destoasse dos costumes domésticos. A influência dos rabinos, porém, tornou-Lhe amarga a vida. Mesmo na mocidade teve que aprender a dura lição do silêncio e da paciência no sofrimento." {DTN 52}, *O Desejado de Todas as Nações*, 86.

Embora os rabinos não conseguissem ganhar o apoio inequívoco dos pais de Cristo, eles definitivamente receberam-no dos seus assim chamados irmãos. José não era o pai de Cristo. Por isso, os seus filhos não tinham qualquer parentesco com Jesus, ainda assim, porque o seu pai José era casado com Maria, a Sua mãe, eles consideravam-se como Seus irmãos mais velhos, com toda a autoridade e privilégios sobre um membro mais novo da família que os irmãos mais velhos imaginam ter. Eles exigiam que Ele lhes obedecesse, e não com base do que estava certo ou errado, mas simplesmente porque eles eram os membros mais velhos da família. Assim, eles forneceram um apoio implacável, cruel e dedicado às autoridades religiosas e submeteram de facto Cristo a uma vida cheia de provas.

"Seus irmãos, como eram chamados os filhos de José, tomavam o lado dos rabinos. Insistiam em que a tradição deveria ser atendida, como se fossem ordens divinas. Consideravam até os preceitos dos homens como mais altos que a Palavra de Deus, e ficavam sobremaneira aborrecidos com a clara penetração de Jesus em distinguir entre o falso e o verdadeiro. Sua estrita obediência à lei de Deus, condenavam como obstinação. Ficavam surpreendidos do conhecimento e sabedoria que revelava em Suas respostas aos rabis. Sabiam que não recebera instruções dos sábios e, no entanto, não podiam deixar de ver que era para eles um instrutor. Reconheciam que Sua educação era de mais alta ordem que a deles próprios. Não discerniam, entretanto, que havia tido acesso à árvore da vida, fonte de saber para eles desconhecida." {DTN 52}, *O Desejado de Todas as Nações*, 86.

Os rabis, apoiados pelos seus aliados formidáveis, os filhos de José, formaram uma confederação que trouxe uma terrível pressão de tentação sobre a Criança,

mas não foi suficiente para levá-l'O ao pecado. Determinado a não deixar nenhuma força disponível por utilizar, Satanás também envolveu no conflito os poderosos fariseus. Ninguém em Israel era mais temido do que esses dirigentes religiosos que tinham um peso de autoridade que abalava a nação. Eles mantinham o povo sob o medo deles como se fossem o próprio Deus. Se houvesse alguém que pudesse ter intimidado Jesus, eles eram os únicos.

"Cristo não tinha espírito de exclusivismo, e escandalizara especialmente os fariseus por Se afastar a esse respeito de seus rígidos regulamentos. Encontrara os domínios da religião cercados de alta muralha de exclusivismo, como assunto demasiado santo para a vida diária. Esses muros de divisão, Ele os derribou. Em Seu trato com os homens, não indagava: Qual é seu credo? a que igreja pertence? Exercia Seu poder de beneficiar em favor de todos os que necessitassem de auxílio. Em lugar de fechar-Se numa cela de eremita a fim de mostrar Seu caráter celestial, trabalhava fervorosamente pela humanidade. Incutia o princípio de não consistir a religião bíblica em mortificações corporais. Ensinava que a religião pura e incontaminada não se deve manifestar apenas em determinados tempos e ocasiões especiais. Em todos os tempos e lugares demonstrava amorável interesse pelos homens, irradiando em torno a luz de uma animosa piedade. Tudo isso era uma censura aos fariseus. Mostrava que a religião não consiste em egoísmo, e que sua mórbida dedicação ao interesse pessoal estava longe de ser verdadeira piedade. Isso despertara a inimizade deles para com Jesus, de modo a buscarem forçá-Lo a conformar-Se com seus regulamentos.

"Jesus trabalhava para aliviar todo caso de sofrimento que via. Pouco dinheiro tinha para dar, mas privava-Se muitas vezes de alimento, a fim de diminuir a necessidade dos que pareciam mais carecidos que Ele. Seus irmãos sentiam que Sua influência ia longe em anular a deles. Era dotado de tato que nenhum deles possuía, nem desejava obter. Quando falavam asperamente aos pobres e degradados, Jesus procurava exatamente aqueles seres, dirigindo-lhes palavras de animação. Aos que estavam em necessidade, oferecia um copo de água fria e punha-lhes no regaço Sua própria refeição. Aliviando-lhes os sofrimentos, as verdades que ensinava eram associadas a esses atos de misericórdia, sendo assim fixadas na memória.

"Tudo isso desgostava os irmãos. Sendo mais velhos que Jesus, achavam que Ele devia estar sob sua direção. Acusavam-nO de Se julgar superior a eles, e O reprovavam por Se colocar acima dos mestres, e dos sacerdotes e príncipes do povo. Muitas vezes O ameaçavam e procuravam intimidá-Lo; mas Ele seguia avante, tomando por guia as Escrituras." {DTN 53}, *O Desejado de Todas as Nações*, 86, 87.

A infância de Cristo, certamente, prova a verdade da afirmação: "A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu desígnio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a Sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestes, é inexpugnável aos assaltos de Satanás." {DTN 223}, *O Desejado de Todas as Nações*, 324.

A Sua vida também demonstra a todos os pais que os seus filhos podem ser tão inexpugnáveis como era a criança Jesus. Além disso, a alegre notícia é que eles serão cidadelas inexpugnáveis quando ensinados correctamente. Maravilhoso e glorioso é o futuro dos pais, mães e filhos, quando a boa nova da salvação para as crianças é divulgada, os princípios fielmente aplicados, os procedimentos cuidadosamente seguidos, e o galardão abundantemente entendido.

Jesus, mesmo em criança, não precisava de ser vigiado para manter a obediência, porque o espírito de obediência estava n'Ele. Felizes são os pais que hoje sabem que o mesmo espírito nos seus filhos os tornarão obedientes não importa a pressão que venha sobre eles.

Incorporado no Salvador desde os seus primeiros momentos estava a ausência de qualquer disposição para lutar pelos seus direitos, embora, como qualquer outro, Ele tivesse os Seus direitos. Por exemplo, Ele tinha o direito de estudar as Escrituras por Si mesmo e permitir que o poder de Deus na Palavra para modelar O moldasse em conformidade; Ele tinha o direito de ser deixado livre de pressões e perseguições; a ser respeitado e amado, não ser criticado e caluniado. Nenhum membro da confederação Lhe concedia estes ou qualquer outro dos Seus direitos, mas isso não O desanimou. Silenciosamente sofreu o seu abuso e foi a segunda milha, deu a outra face, amou os Seus inimigos, e fez o bem aos que unicamente Lhe fizeram mal.

"Jesus amava Seus irmãos e os tratava com incansável bondade, mas eles tinham-Lhe ciúmes, manifestando a mais decidida incredulidade e desdém. Não Lhe podiam entender o procedimento." {DTN 53}, *O Desejado de Todas as Nações*, 87.

"Jesus não contendia por Seus direitos. Muitas vezes, por ser voluntário e não Se queixar, Seu trabalho era tornado desnecessariamente penoso. No entanto, não fracassava nem ficava desanimado. Vivia acima dessas dificuldades, como à luz da face de Deus. Não Se vingava, quando rudemente tratado, mas sofria com paciência o insulto.

"Repetidamente Lhe era perguntado: Por que Te submetes a tão maligno tratamento, até de Teus irmãos? Está escrito, dizia: 'Filho Meu, não te esqueças da Minha lei e o teu coração guarde os Meus mandamentos. Porque eles aumentarão os teus dias, e te acrescentarão anos de vida e paz. Não te desamparem a benignidade e a fidelidade: ata-as ao teu pescoço; escreve-as na tábua do teu coração. E acharás graça e bom entendimento aos olhos de Deus e dos homens'. Provérbios 3:1-4." {DTN 54}, *O Desejado de Todas as Nações*, 89.

O Salvador nunca Se ocupou com pensamentos de Sua própria defesa. O Seu único cuidado era assegurar que Se relacionava correctamente com os outros. Ele sabia que não tinha de responder pelo que Lhe faziam, mas que tinha de responder pelas Suas acções e reacções em relação a eles.

"Cristo, nosso exemplo, nada fez para Se justificar e livrar. Confiou Sua causa a Deus. Assim Seus seguidores não devem acusar nem condenar, ou recorrer à violência, para se livrarem." {PJ 87}, *Parábolas de Jesus*, 171.

Um dos grandes medos que aflige os pais modernos, educadores, psicólogos, e autoridades, é que, se a criança sofre rejeição, perseguição e outras pressões emocionais graves durante os seus anos de formação, crescerá com um rancor perigoso contra a sociedade, ficará com cicatrizes emocionais, serão inadaptados, não confiarão nos seres humanos, e serão incapazes de comunicar.

Estas manifestações de comportamento anormal, em consequência das tensões não naturais e pressões na infância, são tão comuns hoje que os pais e as autoridades estão preocupados e com razão para isso.

Mas Jesus não sofreu tais consequências. Embora sujeito a pressões terríveis, rejeições, perseguições e abusos, chegou à idade adulta sem problemas de personalidade. Que testemunho é este da verdadeira educação! Esta educação mais do que contrabalançava os maus efeitos do Seu ambiente e Ele ultrapassou como um cristão perfeitamente simétrico.

Que os pais compreendam este facto com alegria. Eles podem descansar em perfeita confiança de que, s*e os seus filhos ganharem conhecimento como Jesus*, tal como Ele, se os princípios correctos forem aplicados e adoptados os procedimentos correctos, então, não importa quão perseguidos ou rejeitados, sairão como cristãos perfeitamente equilibrados, completamente livres de problemas de personalidade ou emocionais. Demonstrarão uma maravilhosa capacidade incorporada em si, inerente a viver acima de todo o insulto, rejeição, abuso, perseguição, mal-entendidos, falta de apreciação, e outros problemas da humanidade. Não importa quão escuras sejam as nuvens em torno, assim como Jesus, viverão sempre na luz do sol brilhante da presença e aprovação de Deus. Será constantemente verdade que: "Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço." *Salmos* 119:165.

Que maravilhoso alívio para os pais serem capazes de ignorar completamente todo o medo das marcas emocionais na vida dos seus filhos. Agora podem saber que tudo o que têm de fazer é concentrar-se em dar-lhes as mesmas vantagens e educação que o Modelo tinha, e o resto ocorrerá tão naturalmente como o crescimento robusto de uma planta bem cuidada.

Maravilhoso e inspirador é o relato da infância, juventude e vida adulta de Cristo. Durante esse período difícil quando atacado pela confederação cheia de maldade, Ele viveu sem pecado e em perfeição como fez depois de entrar no ministério público. À luz do conseguido por parte d'Aquele que possuía na Sua humanidade todas as tendências e desvantagens conhecidas por nós, e ao mesmo tempo não exerceu qualquer poder que não nos seja oferecido gratuitamente, não há desculpa para adultos ou crianças pecarem.

Os pais que estão determinados a educar os seus filhos como verdadeiros cristãos precisam estudar diligentemente a vida de Cristo como criança a fim de terem o padrão sempre presente nas suas mentes. Se fizerem isso, então a sua fé será viva e vigorosa, a sua coragem forte, e a suas realizações maravilhosas.

A necessidade disso não pode ser subestimada. Conscientemente e deliberadamente reservai uma parcela liberal de cada dia para o estudo daquela extraordinária Criança. Leiam os testemunhos, uma e outra vez, até estarem literalmente gravados na mente e toda a vida seja refrescada por eles. Suplicai ao Senhor para tornar a verdade tão simples e poderosa que toda a sua vida seja

inspirada por ela. Façam um esforço concertado, positivo, diligente e consistente, e terão dado um passo gigante na tarefa de criar os vossos filhos com sucesso. Não imagineis que uma atitude descuidada e excesso de confiança alguma vez produza grandes resultados. O sucesso é para trabalhador; a alma que está em comunhão com a natureza e Deus muito antes daqueles que estão nas planícies espirituais terem acordado do seu sono, e que trabalha diligentemente e fielmente pelo resto do dia sob a supervisão pessoal de Deus. Por isso, ponhamos mãos à obra, e deixemos Deus salvar as crianças.

Capítulo 6

A Criança Modelo

Na maravilhosa obra de levar a salvação aos filhos, não cabe aos pais definir o padrão de comportamento aceitável, embora seja extremamente importante que seja revelado um ideal e a sua realização diligentemente procurada. Se Deus tivesse deixado a cada um dos pais determinar essas questões vitais, haveria na verdade uma ampla gama de padrões, e todos eles muito abaixo do que Deus poderia aceitar. Tal situação só conduziria a uma grande confusão e angústia.

Estas dificuldades são resolvidas pelo próprio Deus que estabeleceu o padrão para o comportamento infantil. O seu nível é tão exaltado que ultrapassa as mais altas expectativas da mente humana, pois é nada menos do que a perfeição. Não há diferença entre o que o Senhor exige das crianças e o que Ele espera de cristãos adultos na medida em que está em causa a qualidade da sua obediência. É claro que os adultos com as suas capacidades mais desenvolvidas podem prestar um serviço muito maior do que as crianças pequenas, e Deus espera que cada um sirva de acordo com as suas capacidades, mas a mesma raiz perfeita deve ser o fundamento do comportamento de todo o verdadeiro cristão.

"O ideal de Deus para Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano. 'Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus'. Mateus 5:48. Este mandamento é uma promessa. O plano da redenção visa ao nosso completo libertamento do poder de Satanás. Cristo separa sempre do pecado a alma contrita. Veio para destruir as obras do diabo, e tomou providências para que o Espírito Santo fosse comunicado a toda alma arrependida, para guardá-la de pecar.

"A influência do tentador não deve ser considerada desculpa para qualquer má ação. Satanás rejubila quando ouve os professos seguidores de Cristo apresentarem desculpas quanto à sua deformidade de caráter. São essas escusas que levam ao pecado. Não há desculpas para pecar. Uma santa disposição, uma vida cristã, são acessíveis a todo filho de Deus, arrependido e crente." {DTN 213}, *O Desejado de Todas as Nações*, 311.

A ordem para ser perfeitos assim como nosso Pai no Céu é perfeito é um objectivo assustador e desencorajador até ser realmente entendido que esta ordem é uma promessa. Por outras palavras, "colaborando a vontade do homem com a de

Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras." {PJ 176}, *Parábolas de Jesus*, 333.

Por isso, a indicação para ser perfeito é na verdade uma promessa de Deus que Ele mesmo aperfeiçoará o crente que coopera com Ele. É a obra de Deus alcançar esse ideal maravilhoso, não a nossa. Certamente, nós temos um papel a desempenhar, mas é o Todo-Poderoso que, através de Seu poder criador, fará com que os homens sejam perfeitos. Escritura após Escritura dá testemunho desta verdade.

"E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

"Fiel é o que vos chama, o qual também o fará." *1 Tessalonicenses* 5:23, 24.

"Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo." *Filipenses* 1:6.

"Deus tomou as providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e *cumpri-las-á* para todos quantos não interpuserem uma vontade perversa, frustrando assim a Sua graça." *O Maior Discurso de Cristo*, 76.

"O Pai ratificou o concerto feito com Cristo, de que receberia os homens arrependidos e obedientes, e os amaria mesmo como ama a Seu Filho. Cristo devia completar *Sua* obra, e cumprir *Sua* promessa de que 'o varão será mais precioso que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado' (Isaías 13:12, Trad. Figueiredo). Todo o poder no Céu e na Terra foi dado ao Príncipe da Vida, e Ele voltou para Seus seguidores num mundo de pecado, a fim de lhes comunicar Seu poder e glória." {DTN 559}, *O Desejado de Todas as Nações*, 790.

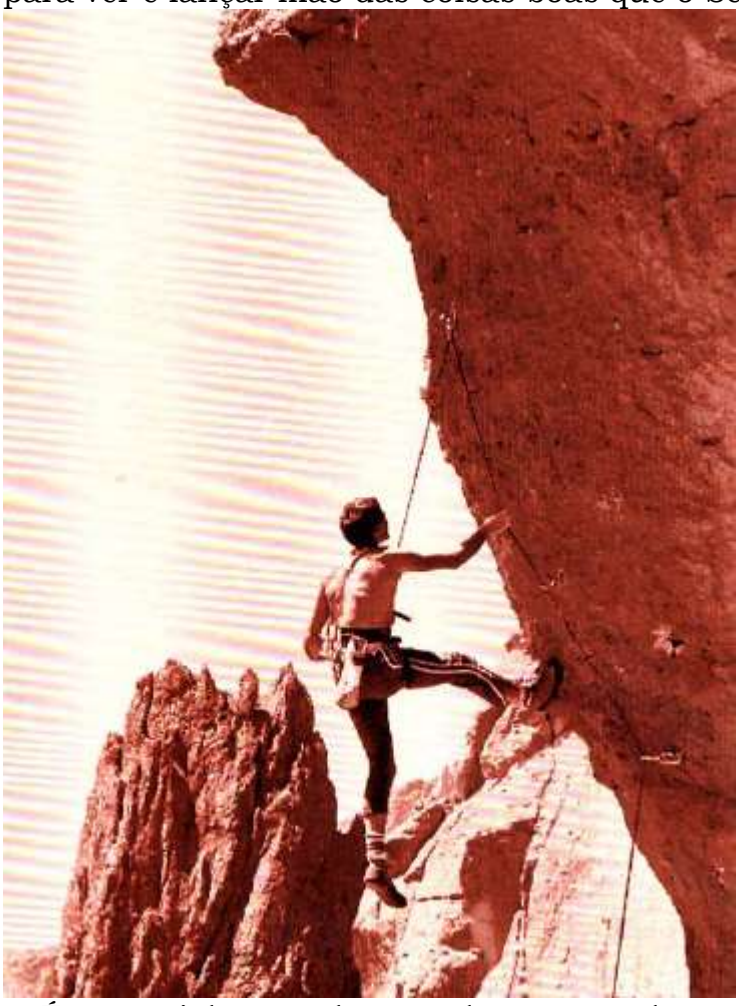
Há muitas mais garantias do Todo-Poderoso de que Ele aperfeiçoará a obra da *salvação* e da graça na vida do crente, mas deixaremos os leitores procurarem estas por si mesmos. À medida que cada uma é encontrada e lida, aprofundará e fortalecerá a certeza que esse aperfeiçoamento da justiça no crente é a Sua obra, a Sua promessa!

Mas o que tem isso a ver com a salvação das crianças? Tem tudo a ver com isso, porque cada ordem, ideal, e promessa feita aos adultos é igualmente aplicável às crianças, como está escrito:

"As promessas de Deus são feitas tanto às crianças e jovens, como aos de idade mais madura. Quando quer que Deus tenha feito uma promessa, façam os jovens e as crianças dela uma petição, e roguem ao Senhor que lhes faça em sua vida aquelas coisas que fez em favor de Jesus, Seu Filho unigênito quando, na necessidade humana, Se volveu para Ele, pedindo o que necessitava. Cada bênção que o Pai providenciou para aqueles de experiência mais madura, foi dada para crianças e jovens através Jesus Cristo." *Filhos e Filhas de Deus*, 128.

Para os pais foi dada a ordem e a promessa: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus." *Mateus* 5:48. Então, certamente, uma vez que estas palavras são ditas aos pais, elas também têm como destinatários as crianças. Como Deus é perfeito, então ambos os adultos e os mais pequenos também deverão ser perfeitos. Que maravilhosa perspectiva para os pais – filhos perfeitos! Que alegria e consolo para cada mãe e pai que os membros mais jovens da família vivam o ideal de Deus da verdadeira perfeição cristã! Esta é a maneira que Deus pretendia que fosse e, para a sua realização em todos os lares, Ele fez

provisão completa. A tragédia é que muito poucos tiveram os seus olhos abertos para ver e lançar mão das coisas boas que o Senhor nos concedeu.



Quando comparamos o melhor que pensamos poder alcançar dos nossos filhos com o que Cristo alcançou enquanto modelo de criança, menino, jovem e homem, compreendemos subitamente que temos andado a tropeçar em planícies e que necessitamos começar a escalar as alturas que pensámos antes não ser possível subir.

É essencial que todos aqueles que conduzem os seus filhos à alegria da salvação e perfeição cristã tenham um entendimento muito claro e decidido do que é o padrão divino para os mais pequenos. Se não for tomado cuidado para adquirir isto, eles desejarão um nível muito inferior, consequentemente conseguirão menos do que aquilo que o Senhor pode aceitar, e condenarão os seus filhos à destruição eterna, quando deveriam ter sido abençoados com a vida eterna. Portanto, deve ser dedicado o tempo adequado no diligente exame das Escrituras até que a vontade de Deus para as crianças seja verdadeiramente entendida. Mesmo assim, não deve haver lugar a abrandamento, nenhum relaxamento de esforço. Muito maior consideração deve ser dada ao assunto para garantir que o vigor e poder no tema não diminuam, mas cresçam mais brilhantes e mais marcantes a cada dia.

Se não é aprendido agora que existe apenas um padrão aceitável a Deus, tanto para crianças como para adultos, mais tarde será descoberto, no grande dia do julgamento final, que o Senhor não tem várias normas para aqueles que entram no reino. Eles verão tarde demais, que as crianças são examinadas com os mesmos inabaláveis padrões de rectidão e verdade como todos os outros.

Apesar disso, não está em circulação hoje um conceito *uniforme* e *consistente* do que devia ser uma disposição e comportamento infantil normal, das crianças e dos adolescentes. O que um pai aceitará como o melhor que se pode esperar, outro mal tolerará, e ainda outro rejeitará como inaceitável e intolerável. Alguns serão criticados como excessivamente brandos e inconsistentes, enquanto outros serão

acusados de dureza e até mesmo de crueldade. De um modo geral, porém, é incrível ver o que os adultos tolerarão como "o melhor que se pode esperar" dos seus filhos! Eles parecem totalmente preparados para sofrer constrangimento, desobediência, acessos de ira, rebelião e infidelidade como um resultado óbvio. Como é triste vê-los passar por tais angústias quando não há necessidade disso.

Entre todos aqueles que se dedicam a alcançar os propósitos de Deus na salvação dos seus filhos, essa confusão tem que acabar. Estes muitos e variados padrões têm de ser substituídos por uma consciência comum daquilo que os filhos de pais cristãos devem ser.

Como pode isso ser alcançado? Será o produto de um consenso entre os pais, dirigentes religiosos, educadores, administradores e agentes da lei? Isso seria esperar demais. Tão díspares são os conceitos defendidos pelos indivíduos que ocupam esses vários cargos que seria impossível concordarem sobre o que deveria ser o modelo de criança. Todos eles definiriam a sua meta abaixo do padrão divino para o comportamento infantil. Mesmo que pudessem chegar a algum compromisso aceitável para todos, nunca seriam capazes de se compatibilizar sobre os procedimentos pelos quais uma criança deveria ser educada. Portanto, tem de ser reconhecido que nenhuma ajuda pode vir destas fontes, porque os seres humanos não têm as respostas de peso para estas questões como prova o seu historial. Nem mesmo o próprio povo de Deus tem sido consistentemente bem-sucedido em criar filhos abençoados com a perfeição cristã.

Há apenas Um capaz de revelar a verdade sobre este assunto – o Altíssimo Soberano do Universo. Ele é a infinita Fonte de luz sobre este assunto, bem como de todos os outros assuntos, e nós continuamos a ser simples dependentes recebedores. Sem Ele não podemos conhecer e conseguir nada. Muito mais do que alguma vez poderíamos entender, é o Seu dedicado desejo dar-nos a luz sobre a salvação da criança. Ele quer que os mais pequenos sejam salvos. Ele deseja que eles sejam resgatados do mal o mais cedo possível nas suas vidas, cheios da Sua justiça, e criados como testemunhas vivas do Seu poder e glória. Portanto, deve esperar-se que Ele tenha comunicado da forma mais clara possível, uma ilustração viva do que cada criança pode e deve ser. Louvado seja o Seu santo nome, por Ele o ter feito, não apenas em palavras de instrução, mas na forma como podemos compreender melhor – um exemplo vivo e demonstração perfeita. Esse modelo é encontrado na impecável vida de Jesus como um recém-nascido, bebé, e criança em crescimento, um menino robusto e um jovem esplêndido. Em cada fase do Seu desenvolvimento, a Sua vida foi um testemunho vivo do que podemos ser no mesmo nível de idade. Esse modelo perfeito deve ser o estudo constante de todos os pais. Ele remove todas as hipóteses e conjecturas em relação ao que os pais devem esperar no desenvolvimento dos seus filhos.

"Jesus é o modelo perfeito, e o dever e privilégio de toda criança e jovem é imitar esse modelo. Tenham as crianças em mente que o menino Jesus tomara sobre Si a natureza humana, e estava na semelhança da carne do pecado, e era tentado por Satanás como todas as crianças são. Foi habilitado a resistir à tentação de Satanás por Sua confiança no poder divino de Seu Pai celeste, visto ser-Lhe sujeito à vontade, e obediente a todos os Seus mandamentos. Ele guardava os estatutos, preceitos e leis do Pai. Buscava continuamente conselho de Deus, e era obediente ao Seu querer.

"É dever e privilégio de toda criança seguir os passos de Jesus. . . . Será agradável ao Senhor Jesus que as crianças Lhe peçam toda graça espiritual, que

levem todas as suas dificuldades e provações ao Salvador; pois sabe como ajudar as crianças e os jovens, porquanto Ele próprio foi criança, e já esteve sujeito a todas as provas, decepções e dificuldades a que crianças e jovens estão sujeitos. As promessas de Deus são feitas tanto às crianças e jovens, como aos de idade mais madura. Quando quer que Deus tenha feito uma promessa, façam os jovens e as crianças dela uma petição, e roguem ao Senhor que lhes faça em sua vida aquelas coisas que fez em favor de Jesus, Seu Filho unigênito quando, na necessidade humana, Se volveu para Ele, pedindo o que necessitava. Cada bênção que o Pai providenciou para aqueles de experiência mais madura, foi dada para as crianças e jovens através Jesus Cristo." *Filhos e Filhas de Deus*, 128.

Muita atenção tem sido dedicada a Cristo, o homem, como o exemplo perfeito para os adultos, mas pouca atenção tem sido dada ao Seu papel na infância como um exemplo do que é o "dever e privilégio de toda criança e jovem". Isto é surpreendente, tendo em conta os muitos testemunhos nesse sentido dos quais o citado acima e os que se seguem são exemplos.

O Céu ama as crianças

Jesus tem um infinito amor pelas crianças. A razão para isto é que Ele conhece o enorme potencial que existe nelas. Ele sabe as poderosas forças para o bem em que elas se podem tornar se forem Suas desde os primeiros momentos e forem correctamente ensinadas desde então. Os pais manifestarão em grande medida o mesmo amor e interesse pelos seus filhos quando entendem as possibilidades de desenvolvimento nelas.

"Quando consideramos Sua paciente abnegação, a maneira como Se esquivava a toda notoriedade, dedicando-Se ao trabalho diário em uma atmosfera humilde, quão belo o aspecto que se nos apresenta Sua existência! *Como nos é indicado claramente o caminho por onde deviam andar os jovens e as crianças*!" *Filhos e Filhas de Deus*, 129.

"Era um modelo perfeito para todo jovem." *Filhos e Filhas de Deus*, 130.

"Vemos na vida de Cristo o único modelo seguro para todas as crianças e jovens." *Filhos e Filhas de Deus*, 132.

"Teve de dar tal exemplo para que as criancinhas, os membros mais novos da família do Senhor, nada pudessem ver em Sua vida ou caráter que justificasse algum mau ato." *Fundamentos da Educação Cristã*, 401.

"Os primeiros anos de Cristo foram sujeitos a rigorosas provas, durezas e conflitos, para que desenvolvesse o caráter perfeito que O torna um perfeito exemplo para as crianças, os jovens e os adultos." *My Life Today*, 296, (1952).

"Jesus Se interessava pelas crianças. Ele não entrou em nosso mundo como um adulto plenamente amadurecido. Se assim tivesse sido não teriam as crianças Seu exemplo para copiar. Cristo foi criança; passou pela experiência de uma criança; experimentou os desapontamentos e os percalços que experimentam as crianças; conhecia as tentações das crianças e jovens. Mas Cristo foi em Sua meninice e juventude um exemplo para todas as crianças e jovens. Na meninice Suas mãos se empenharam em trabalho útil. Na juventude trabalhava na oficina de carpinteiro com Seu pai e a eles esteve sujeito, dando assim em Sua vida uma lição a todas as crianças e jovens. Se Cristo não tivesse sido nunca uma criança, os jovens poderiam agora pensar que Ele não simpatizasse com eles. Mas Ele viveu para seu exemplo, e todas as crianças e jovens podem encontrar em Jesus alguém a quem levar todas as suas mágoas e todos os seus desapontamentos, e nEle encontrarão um Amigo que os ajudará." *Conselhos sobre a Escola Sabatina*, 54, 55.

"Jesus era o modelo das crianças, e também o exemplo dos pais." {DTN 361}, *O Desejado de Todas as Nações*, 515.

A mensagem transmitida nestes testemunhos é tão forte que os pais e outros que há tanto tempo estão acostumados a aceitar o comportamento desagradável de crianças como normal e inevitável, tendem a perder o seu impacto total. Ninguém questiona que Cristo como bebé, criança, e jovem era diferente dos filhos não convertidos ao Seu redor, mas eles nunca ousaram acreditar que os seus filhos poderiam ser tão dóceis, ternos, respeitosos e obedientes como era a criança Jesus.

No entanto, esse é exactamente o ponto que os Seus primeiros anos dão relevo. Toda a perfeição sem pecado manifestada na Sua vida, deve ser revelada na vida dos nossos filhos, e nenhum pai devia agora estar preparado para aceitar nada menos do que isso como a norma para os seus descendentes. As crianças que tiveram um início desfavorável na vida não atingirão os mesmos níveis de excelência como Cristo e outros atingiram, mas eles podem ser levados à mesma qualidade de experiência, à mesma pureza de vida sem pecado. "Ele é um perfeito e santo Exemplo, dado a nós para imitação. Não podemos nos igualar ao Modelo; mas não seremos aprovados por Deus se não O imitarmos e nos assemelharmos a Ele, de acordo com a capacidade que o Senhor nos dá." *Testemunhos para a Igreja* 2:549.

A fé viva tem de apegar-se a essas verdades até que elas se tornem uma convicção inamovível no coração, e os crentes inspirados com a compreensão gloriosa que seus filhos podem ter um carácter maravilhoso – amoroso, respeitador, obediente, profundamente espiritual, dedicado aos mais elevados ideais, trabalhador, útil, sóbrio, estudioso, pensativo, intensamente interessados na santa palavra de Deus, e totalmente desinteressados do mundo e seus caminhos.

Essas ideias são tão novas e admiráveis que muitos tendem a sacudi-las como sendo boas demais para ser verdade. Mas o testemunho da vida de Cristo mostra inegavelmente que este não é apenas o nível a que as crianças podem ser levadas, mas que o Pai eterno não aceita nada menos como comportamento normal na infância.

Os pais que estão dispostos a reivindicar as promessas e apontar para esses altos ideais, precisam fazer um estudo profundo da vida de Cristo desde a infância à idade adulta, para terem sempre o padrão perfeito diante deles.

As próprias Escrituras são breves na descrição dos primeiros anos de Cristo. Há algumas informações sobre o Seu nascimento, a adoração dos pastores e os sábios, a dedicação, a fuga para o Egipto e o regresso, e os anos passados no banco de carpinteiro. Mas não temos discernido nestes registos históricos tudo o que precisa ser entendido acerca do Seu carácter e disposição, nem temos percebido a pressão tremenda da tentação que Ele teve que suportar. Aqui estão os poucos testemunhos que cobrem este período vital da Sua vida: "E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. . .

"E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas.

"E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens." *Lucas* 2:40, 51, 52.

No entanto, o Espírito de Profecia oferece uma quantidade considerável de informação sobre o carácter, disposição e espírito da criança Jesus, e o homem no qual Ele se transformou. Os pais que estudam isto descobrirão que estão a ler a respeito duma criança perfeita, do tipo que qualquer um ficaria feliz por ter. Que todos se regozijem no conhecimento que também eles podem ter os mesmos belos pequenos seres a habitar os seus lares e enchendo as suas vidas da luz do sol. Não é demasiado bom para ser verdade, mas é o que o Senhor em Seu infinito amor, poder imensurável, e sabedoria indiscutível, tem planeado para cada lar.

Lede com admiração e confiança, e alegre expectativa estas descrições daquela maravilhosa criança.

"Maravilhoso em sua significação é o breve relatório da primeira parte de Sua vida: 'E o Menino crescia e Se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele'. Lucas 2:40.

"À luz da presença de Seu Pai, crescia 'Jesus em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens'. Lucas 2:52. Seu espírito era ativo e penetrante, com uma reflexão e sabedoria além de Sua idade. Também o caráter era belo na harmonia que apresentava. As faculdades da mente e do corpo desenvolviam-se gradualmente, segundo as leis da infância.

"Jesus revelava, como criança, disposição singularmente amável. Aquelas mãos cheias de boa vontade estavam sempre prontas para servir a outros. Manifestava uma paciência que coisa alguma conseguia perturbar, e uma veracidade nunca disposta a sacrificar a integridade. Firme como a rocha em questões de princípios, Sua vida revelava a graça da abnegada cortesia.

"Com profunda solicitude observava a mãe de Jesus o desenvolvimento das faculdades da Criança, e contemplava o cunho de perfeição em Seu caráter. Era com deleite que procurava animar aquele espírito inteligente, de fácil apreensão. Por meio do Espírito Santo recebia sabedoria para cooperar com os instrumentos celestiais, no desenvolvimento dessa Criança que só tinha a Deus por Pai." {DTN 39}, *O Desejado de Todas as Nações*, 68, 69.

Um carácter belo na harmonia; uma disposição singularmente amável; uma vontade inabalável de servir aos outros; paciência que não podia ser perturbada; e uma veracidade nunca disposta a deixá-lo inclinar-se para dizer uma mentira,

independentemente da pressão – que características desejáveis em cada membro jovem de todas as famílias!

Que Criança! Quão diferente era Ele mesmo do melhor que conhecemos hoje, mas de maneira nenhuma melhor do que aquilo que todos os jovens podem ser, porque, "toda criança pode adquirir conhecimento como Jesus o adquiriu." {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70.

"Na infância, procedia como criança obediente. Falava e agia com a sabedoria de criança e não de homem, honrando os pais, e cumprindo-lhes os desejos em coisas úteis, de acordo com sua aptidão infantil. Mas, em cada fase de Seu desenvolvimento, era perfeito, com a graça simples e natural de uma vida inocente." {PJ 37}, *Parábolas de Jesus*, 83.

"Durante todos esses anos de retiro, a vida do Senhor fluía em torrentes de préstimo. Seu desprendimento e tolerância, Seu valor e fidelidade, Sua resistência à tentação, Sua nunca desmentida paz e Sua doce alegria eram um contínuo estímulo. Trazia ao lar um ambiente puro e doce, e Sua vida foi qual um fermento ativo entre os elementos da sociedade. Ninguém diria houvesse feito algum milagre; não obstante, dEle saía virtude e o poder restaurador e vivificante do amor para com os tentados, enfermos e abatidos. Desde tenra idade, e sem que Se tornasse intruso, desempenhava Suas tarefas entre os demais, de maneira que, ao começar o ministério público, muitos O escutaram com prazer.

"Os primeiros anos da vida do Salvador são mais que um exemplo para a juventude. São uma lição, e deveriam ser um estímulo para todo pai. O círculo dos deveres para com a família e os vizinhos é o primeiro campo de ação para os que se querem empenhar na obra do levantamento moral de seus semelhantes. Não há um campo de ação mais importante do que o que foi designado aos fundadores e protetores do lar. Das obras, confiadas a seres humanos, nenhuma existe tão repleta de consequências de grande alcance, como a obra dos pais." *A Ciência do Bom Viver*, 350, 351.

A lista de testemunhos que poderiam ser citados é muito longa e deve ser pesquisada por todos os pais diligentes que realmente reconhecem a sua responsabilidade de educar os filhos segundo o modelo divino. Mas mais alguns testemunhos serão referidos dos quais são citados os pensamentos mais importantes em cada parágrafo.

"Jesus era inteligente e animoso. . ." {DTN 54}, *O Desejado de Todas as Nações*, 89.

"Ganho ou prazer, aplauso ou reprovação, não O podiam levar a condescender com uma ação má. . . Jesus viveu num lar de camponeses, e desempenhou fiel e alegremente Sua parte em suportar as responsabilidades da vida doméstica." {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 72.

"Mostrando-lhes como Jesus foi filho obediente aos pais, como foi jovem fiel e diligente, ajudando a prover o sustento da família." *Testemunhos para a Igreja* 6:359.

"Ele era fiel no desempenho de Seus deveres domésticos, e as primeiras horas da manhã, em vez de serem desperdiçadas na cama, muitas vezes O encontravam num lugar solitário, meditando, examinando as Escrituras e orando." *Fundamentos da Educação Cristã*, 402.

A serena vida pura de Jesus vivida no meio da corrupção do Seu tempo, foi como a doçura e pureza de um lírio a crescer no meio dos espinhos. Assim também podem ser as vidas de todas nossas crianças.

Como um menino e criança, Cristo não escapou à tentação. Pelo contrário, Ele sentiu a pressão determinada, implacável, e os esforços totalmente cruéis de Satanás para quebrar a Sua resistência e levá-l'O a cometer apenas um acto errado. Não há tentação enfrentada pelos nossos filhos que a criança Jesus não enfrentasse em maior grau jamais experimentado por qualquer outra criança que já viveu. Mas nem mesmo por um pensamento poderia o diabo levá-l'O a pecar.

"A vida de Jesus estava em harmonia com Deus. Enquanto criança, pensava e falava como criança; mas nenhum traço de pecado desfigurava nEle a imagem divina. Não ficou, no entanto, isento de tentação. Os habitantes de Nazaré eram proverbiais por sua impiedade. O mau conceito em que eram geralmente tidos, revela-se na pergunta de Natanael: 'Pode vir alguma coisa boa de Nazaré'? João 1:46. Jesus foi colocado num lugar em que Seu caráter seria provado. Era-Lhe necessário estar sempre em guarda, a fim de conservar Sua pureza. Estava sujeito a todos os conflitos que nós outros temos de enfrentar, para que nos pudesse servir de exemplo na infância, na juventude, na idade adulta.

"Satanás era infatigável em seus esforços para vencer a Criança de Nazaré. Desde Seus primeiros anos Jesus era guardado por anjos celestiais, todavia Sua vida foi uma longa luta contra os poderes das trevas. Que houvesse de existir na Terra uma vida isenta da contaminação do mal, era uma ofensa e perplexidade

para o príncipe das trevas. Não houve meio que não tentasse para enredar Jesus. Nenhum dos filhos dos homens será jamais chamado a viver uma vida santa em meio de tão renhido conflito com a tentação como nosso Salvador." {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 71.

Foi tão essencial para Cristo viver uma vida sem pecado como criança, como foi manter isso como homem. Ele veio para demonstrar que não há nenhuma situação em que os seres humanos possam ser colocados desde a infância até à velhice, que não possam viver uma vida perfeitamente sem pecado.

"Da amargura que cabe em sorte à humanidade, não houve quinhão que Jesus não provasse. Não faltou quem procurasse lançar sobre Ele desprezo por causa de Seu nascimento, e mesmo na infância teve de enfrentar olhares desdenhosos e ruins murmurações. Houvesse respondido com uma palavra ou olhar impaciente, houvesse cedido aos irmãos em um único ato errado que fosse, e teria fracassado em ser exemplo perfeito. Tivesse admitido haver uma desculpa para o pecado, e Satanás triunfaria, ficando o mundo perdido. Foi por isso que o tentador trabalhou para tornar-Lhe a vida o mais probante possível, a fim de ser levado a pecar.

"Para cada tentação, porém, tinha uma única resposta: 'Está escrito'. Raramente censurava qualquer mau procedimento dos irmãos, mas tinha uma palavra de Deus para lhes dirigir. Era freqüentemente acusado de covardia por negar-Se a unir-se-lhes em algum ato proibido; Sua resposta, no entanto, era: Está escrito: 'O temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é a inteligência'. Jó 28:28." {DTN 54}, *O Desejado de Todas as Nações*, 88, 89.

Começando quando era apenas uma criança e aumentando maravilhosamente à medida que ia para jovem e adulto, a vida de Cristo foi uma bênção celestial para a Sua comunidade. Onde quer que fosse, Ele era um encorajamento para aqueles que estavam lutando com a tentação, uma força para os fracos, uma inspiração para o desanimado, e um exemplo de justiça para todos. Pela Sua palavra e pelo Seu exemplo poderoso que vindicou e apoiou essa palavra, Ele trouxe a libertação e a esperança para aqueles que lutam uma batalha desesperada contra a tentação.

"Sua presença criava em casa uma atmosfera mais pura, e Sua vida era como um fermento operando entre os elementos da sociedade. Puro e incontaminado, andava entre os excluídos, os rudes, os descorteses; entre injustos publicanos, ímpios samaritanos, soldados pagãos, rústicos camponeses e a multidão mista. Dirigia aqui e ali uma palavra de simpatia, ao ver criaturas fatigadas, vergadas ao peso de duras cargas. Partilhava de seus fardos, e revelava-lhes as lições que aprendera da natureza acerca do amor, da benevolência e bondade de Deus.

"Ensinava todos a se considerarem dotados de preciosos talentos, os quais, se devidamente empregados, lhes adquiririam riquezas eternas. Extirpava da vida toda vaidade, ensinando também, pelo próprio exemplo, que cada momento de tempo se acha carregado de resultados eternos; que deve ser apreciado como um tesouro, e empregado para fins santos. Não considerava ninguém indigno, mas buscava aplicar a todos o remédio salvador. Em qualquer companhia que Se encontrasse, apresentava uma lição adequada ao tempo e às circunstâncias. Buscava inspirar a esperança nos mais ásperos e menos prometedores, dando-lhes a certeza de que se poderiam tornar irrepreensíveis e inocentes, adquirindo caráter que demonstraria serem eles filhos de Deus. Encontrava freqüentemente pessoas que viviam sob o poder de Satanás, e não possuíam forças para romper-

lhe as malhas. A essas pessoas desanimadas, enfermas, tentadas e caídas, Jesus costumava dirigir palavras da mais terna compaixão, palavras cuja necessidade era sentida, e que podiam ser apreciadas. Outros deparava Ele que se achavam empenhados em renhida luta contra o adversário. A esses animava a perseverar, assegurando-lhes que haviam de vencer; pois tinham a seu lado anjos de Deus, que lhes dariam a vitória. Aqueles a quem assim ajudava convenciam-se de que havia Alguém em quem podiam confiar plenamente. Ele não trairia os segredos que Lhe desafogassem nos compassivos ouvidos.

"Jesus era o médico do corpo, da mesma maneira que o era do espírito. Interessava-Se em todos os aspectos de sofrimento que se Lhe apresentavam, e proporcionava alívio a todos, havendo em Suas palavras o efeito de um bálsamo suavizador. Ninguém podia dizer que houvesse operado um milagre; mas virtude — o poder curativo do amor — dEle saía para os enfermos e aflitos. Assim, de maneira discreta, trabalhava pelo povo já desde a infância. E foi por isso que, ao começar Seu ministério público, tantos havia que O escutavam alegremente." {DTN 55, 56}, *O Desejado de Todas as Nações*, 90-92.

Este é um registo da infância, juventude e vida adulta de Jesus. É um relato belo e emocionante, mas não é para ser lido apenas como a revelação da beleza e do poder da vida de Cristo. É para ser sincera e confiantemente contemplado como a profecia do que toda criança cristã tem que ser. Os pais peguem neste registo maravilhoso como garantia e promessa de que, uma vez aplicadas as disposições divinas correctamente, os seus filhos possuirão as mesmas qualidades e poderes.

Então sereis capazes de dar testemunho da verdade que:

"Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o seu galardão.

"Como flechas na mão de um homem poderoso, assim são os filhos da mocidade.

"Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, mas falarão com os seus inimigos à porta." *Salmos* 127:3-5

Capítulo 5

A Cabeça e Não a Cauda

Quando Deus colocou o Seu povo na Terra Prometida, declarou que se obedecessem às Suas ordens e adoptassem os Seus procedimentos omniscientes, não haveria outras pessoas na Terra que se comparassem com eles. Aqui estão as Suas palavras solenes dirigidas a eles e a nós:

"E será que, se ouvires a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, o Senhor teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra.

"E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do Senhor teu Deus;

"Bendito serás na cidade, e bendito serás no campo.

"Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais; e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas.

"Bendito o teu cesto e a tua amassadeira.

"Bendito serás ao entrares, e bendito serás ao saíres.

"O Senhor entregará, feridos diante de ti, os teus inimigos, que se levantarem contra ti; por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão da tua presença.

"O Senhor mandará que a bênção esteja contigo nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão; e te abençoará na terra que te der o Senhor teu Deus.

"O Senhor te confirmará para si como povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do Senhor teu Deus, e andares nos seus caminhos.

"E todos os povos da terra verão que é invocado sobre ti o nome do Senhor, e terão temor de ti.

"E o Senhor te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto do teu solo, sobre a terra que o Senhor jurou a teus pais te dar.

"O Senhor te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no seu tempo, e para abençoar toda a obra das tuas mãos; e emprestarás a muitas nações, porém tu não tomarás emprestado.

"E o Senhor te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir.

"E não te desviarás de todas as palavras que hoje te ordeno, nem para a direita nem para a esquerda, andando após outros deuses, para os servires." *Deuteronómio* 28:1-14.

Nunca na história houve um cumprimento integral e sustentado destas declarações. Houve ocasiões em que as nações ao redor testemunharam a extraordinária prosperidade e poder do povo de Deus, mas estes períodos foram rapidamente seguidos por tempos de pobreza e opressão causada por terem deixado os caminhos de Deus e seguirem os seus. A maioria das vezes o Israel de Deus tem sido um povo desprezado e oprimido. Nunca foi desígnio de Deus que isso fosse assim, porque Ele desejou realizar a Sua obra através da prosperidade e exaltação, não pela pobreza, do Seu povo.

"Houvessem os filhos de Israel sido leais ao Senhor, e Ele teria podido cumprir Seu desígnio, honrando-os e exaltando-os. Houvessem andado nos caminhos da obediência, e tê-los-ia exaltado 'sobre todas as nações que fez, para louvor, e para fama, e para glória'. Deuteronômio 26:19. 'Todos os povos da Terra verão que és chamado pelo nome do Senhor', disse Moisés; 'e terão temor de ti'. Deuteronômio 28:10. 'Os povos [...] ouvindo todos estes preceitos' dirão: 'Eis um povo sábio e inteligente, uma nação grande'. Deuteronômio 4:6. Devido a sua infidelidade, porém, o desígnio de Deus só pôde ser executado através de contínua adversidade e humilhação." {DTN 15}, *O Desejado de Todas as Nações*, 28.

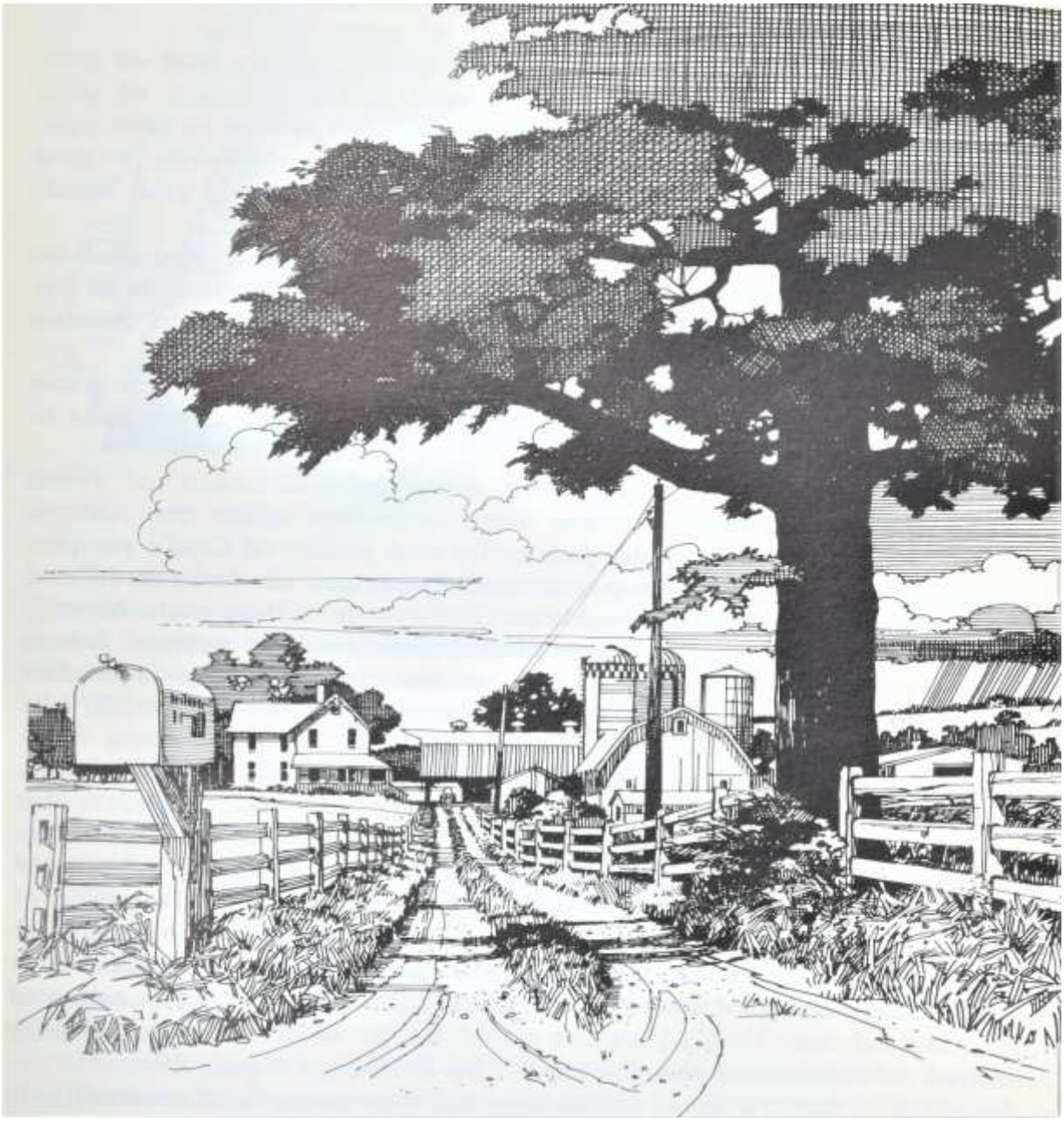
Como é trágico que os judeus tenham escolhido o caminho difícil para serem os instrumentos de Deus, quando poderiam ter vivido vidas de poder e prosperidade. Eles poderiam ter sido sempre a cabeça e não a cauda, os guias das nações, os governantes justos de todo o mundo. Poderiam ter sido os instrumentos através de quem Deus teria há muito tempo terminado a obra e dado um fim ao negro reinado do pecado.

Tão persistentemente tem o fracasso marcado a igreja através dos séculos, que o povo de Deus tem vindo a aceitar isso como o melhor que pode ser esperado. Passagens como as citadas acima são consideradas como idealistas mas irremediavelmente irreais.

Mas não é assim. Elas são a expressão exacta do que Deus quer para o Seu povo e o que realmente experimentem se entenderem e estabelecerem os Seus caminhos nas suas vidas. Ele pretende que todos compreendam a verdade que a obediência aos Seus princípios é a causa que produzirá os resultados desejáveis descritos em *Deuteronómio* 28.

Quando eu era mais jovem, frequentemente perguntava por que é que o poder intelectual e a riqueza do mundo estavam nas mãos dos desobedientes e injustos. Por que motivo os meus filhos, tendo vindo de um lar onde os princípios da verdade eram respeitados e vividos o melhor que se sabia, eram apenas comuns entre as crianças do mundo na escola? Parecia que as declarações de Deus eram bastante vazias e não confiáveis. Uma pessoa é *tentada a pensar* que Jeová, ao fazer as Suas promessas, estava apenas a criar incentivos para nos motivar à obediência, quando na verdade as recompensas não existem realmente. Até *parece* que Ele emprega as mesmas tácticas dos políticos que prometem muito, a fim de garantir o apoio do eleitorado, e depois prontamente esquecem as suas promessas mal a eleição passa. Todavia, apesar deste testemunho da vista e das

circunstâncias *parecer* muito convincente, ainda me agarro à convicção que o Senhor é verdadeiro e que a nossa incapacidade de atingir os padrões divinamente declarados de excelência foi culpa nossa e não de Deus.



Sempre tem sido o plano de Deus para o Seu povo serem o modelo de responsável prosperidade nos mundos físico, mental, material, e espiritual. Eles teriam sido isto se tivessem cumprido e praticado os princípios da justiça na sua formação pessoal e dos seus filhos.

O tempo chegou em que já não tenho qualquer dificuldade em acreditar nessas promessas poderosas e posso ver claramente onde está a falha. O segredo tem sido revelado na vida de Cristo como bebé, criança, menino, jovem, e homem. Quando os pais aprendem a origem da obediência de Cristo na Terra, e como estabelecer essa mesma origem nos seus filhos, então eles verão nos seus filhos os mesmos resultados maravilhosos.

Em Jesus, em todas as fases do desenvolvimento desde a Sua concepção até à ascensão, vemos a verdade das promessas de Deus para o Seu povo serem cumpridas, o que por sua vez significa que n'Ele vemos o que Deus planeou e prometeu que cada um do Seu povo devia ser. Portanto, a vida de Cristo desde os seus primeiros momentos na Terra até à Sua ascensão deve ser estudada não apenas como algo belo para admirar, mas como uma revelação viva do que cada um de nós pode e deve ser. Com interminável deleite e renovada inspiração devemos contemplar o Salvador que gozava de perfeita saúde, exercia incríveis poderes e percepções mentais, possuía todas as coisas materiais necessárias para a Sua obra, e foi cheio de poderes espirituais que mais ninguém igualava.

Quando é tomado tempo para examinar os surpreendentes poderes manifestados pela criança Jesus, há a inclinação para rejeitar como impossível qualquer esperança dos nossos filhos alcançarem semelhante sucesso brilhante. A tendência é acreditar que Jesus era mais abençoado com capacidade natural do que aquele com que os nossos filhos jamais poderiam esperar ser. Mas, o Salvador não nasceu como criança prodígio, nem era naturalmente dotado de poderes intelectuais excepcionais. Ele não possuía qualquer vantagem de que natureza fosse não disponível para todos nós.

"Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé nEle. Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi." {DTN 471}, *O Desejado de Todas as Nações*, 664.

Que extraordinária promessa este testemunho contém! Quando a vida de Cristo é estudada à luz destas palavras, começamos a perceber o quão longe ficámos daquilo que poderíamos ter sido. Completamente envergonhados vemos quão baixo tem sido o padrão do comportamento humano aceite em todas as faixas etárias, e ficamos dolorosamente conscientes da necessidade de exercer todos os esforços no sentido certo para fazer o melhor naquilo que ainda falta.

Quando toda a beleza, impacto e poder desta verdade é compreendido pelos pais, eles abandonarão as suas trevas e incredulidade e enfrentarão o poderoso desafio à sua frente de levarem os seus filhos a serem verdadeiramente como a criança Jesus. Estes abençoados pequeninos terão saúde física, poderes mentais e intelectuais, e a pureza e justiça espiritual que os do mundo não podem igualar. Eles serão a cabeça e não a cauda; andarão por cima e não debaixo.

Os pais fariam bem em estudar constantemente e contemplar a excelência da vida de Cristo enquanto criança para que o padrão divino seja mantido sempre presente nas suas mentes. É essencial que esse estudo seja realizado com fé firme na certeza que tudo o que Cristo recebeu em criança pode igualmente ser possuído pelos pequeninos hoje. Por isso, comecemos aqui e agora uma análise cuidadosa das capacidades de Cristo como a Criança Modelo.

Os poderes cultivados na perfeita mente de Cristo começaram a manifestar-se muito cedo. Em lugar algum é isso mais notável do que na Sua incrível capacidade para avaliar correctamente a verdadeira natureza dos ensinamentos correntes do Seu tempo e de discernir os seus maus efeitos na mente da população. Ele foi capaz de compreender com precisão onde e como essas filosofias entravam em conflito com as mensagens de Deus nas Escrituras. Além disso, Ele, como criança, podia ver estas coisas como nenhum outro no mundo. Enquanto todos, desde o mais jovem e iletrado aos mais velhos e altamente educados, avaliavam praticamente todas as coisas incorrectamente, unicamente Ele as via como elas

realmente eram. Fazer isto como um adulto maduro, espiritualmente iluminado é uma coisa, mas mostrar essa capacidade enquanto criança é nada menos do que incrível. Isso deu-Lhe a certeza absoluta do conhecimento exacto de onde a verdade realmente devia ser encontrada. Assim, Ele tinha a luz que Lhe permitia rejeitar totalmente os falsos ensinos do Seu tempo e seguir por onde o Senhor O guiava.

Esta é uma capacidade essencial para os que de nós procuram andar nos caminhos de Deus e estar no reino. O diabo depende do engano para enredar a humanidade. Ele cega-lhes os olhos para pensarem que a luz é as trevas, e a escuridão a luz. Os laodiceanos, por exemplo, têm a certeza que são ricos em salvação quando ainda não estão salvos. Felizmente, ninguém precisa permanecer nesta situação, pois o Senhor ofereceu o colírio para que todos possam ver correctamente. Cada crente deve desejar este dom precioso para poder discernir correctamente e ser fiel à verdade como ela é em Jesus.

No tempo de Cristo, os dirigentes religiosos controlavam o sistema escolar no qual as crianças e jovens eram educados. Por causa dos pais estarem cegos para a verdadeira natureza do que estava a ser incutido nos seus filhos, apoiavam completamente os mestres religiosos e com confiança enviavam os seus preciosos pequeninos a esses homens que sistematicamente os educavam para rejeitarem Deus. Eles não faziam isso de forma maliciosa ou deliberadamente, pois acreditavam realmente que aquilo que estavam a ensinar era a verdade enviada do Céu, mas o efeito negativo estava lá tão totalmente como se estivessem conscientes do mal que estavam a cometer.

“Desde os mais tenros anos, a criança judia era rodeada das exigências dos rabinos. Rígidas regras se prescreviam para cada ato até as mais pequeninas minúcias da vida. Sob a direção dos mestres das sinagogas, os jovens eram instruídos nos inúmeros regulamentos que, como israelitas ortodoxos, se esperava que observassem.” {DTN 51}, *O Desejado de Todas as Nações*, 84.

Não houve formação religiosa mais *declaradamente* justa, ordenada por Deus, ou salvadora da alma, do que a apresentada pelos rabinos judeus, mas de facto não havia outra melhor destinada a roubar a vida eterna às suas vítimas. A tragédia foi que ninguém pudesse vê-lo naquela altura, com o resultado que, além de João Batista e Cristo, todas as crianças enviadas a essas escolas, na expectativa confiante que ele ou ela iriam ser preparados para esta vida e para a próxima.

Cristo não frequentou estas escolas por causa do Seu perspicaz discernimento do que era na realidade ensinado nelas, e por causa do cuidado protector do Seu Pai por Ele. Enquanto a sua família mais próxima e os judeus em geral tinham a maior fé no sistema, Ele não viu valor nisso e, portanto, não demonstrou interesse na teologia ou filosofia judaica.

“Jesus, porém, não Se interessava nessas coisas. Desde a infância agia independentemente das leis dos rabinos. As Escrituras do Antigo Testamento eram Seu constante estudo, e as palavras ‘Assim diz o Senhor’, Lhe estavam sempre nos lábios.” {DTN 51}, *O Desejado de Todas as Nações*, 84.

Que percepção incrível para uma criança em idade escolar! Tais capacidades notáveis, que seria o desejo de todos os adultos, são uma positiva ainda que inesperada maravilha quando encontradas em crianças. Considerai a revelação da percepção maravilhosa de Cristo como criança, conforme está escrito no parágrafo seguinte:

"À medida que as condições do povo começaram a ser patentes ao Seu espírito, viu que as exigências da sociedade e as de Deus se achavam em constante conflito. Os homens se estavam afastando da Palavra de Deus, e exaltando teorias de sua própria invenção. Observavam ritos tradicionais que nenhuma virtude possuíam. Seu culto era simples rotina de cerimônias; as sagradas verdades que se destinavam a ensinar, achavam-se ocultas aos adoradores. Via Jesus que, em seus cultos destituídos de fé, não encontravam paz. Não conheciam a liberdade de espírito que lhes adviria de servir a Deus em verdade. Jesus viera para ensinar a significação do culto de Deus, e não podia sancionar a mistura de exigências humanas com os divinos preceitos. Não atacava os preceitos ou práticas dos doutos mestres; mas quando O reprovavam por Seus próprios hábitos simples, apresentava a Palavra de Deus em justificação de Sua conduta." {DTN 51}, *O Desejado de Todas as Nações*, 84, 85.

As palavras fortes neste parágrafo são, "Via Jesus. . ." Por outras palavras compreendeu, discerniu, entendeu, ou avaliou correctamente todas estas coisas como nenhum dos outros podia ver. *Ele via* o conflito entre os requisitos de Deus e do homem, e que os dois nunca poderiam ser reconciliados. *Ele via* que os homens estavam a afastar-se da palavra de Deus enquanto exaltavam as suas próprias teorias. *Ele via* que não existia virtude salvadora nos seus ritos e serviços tradicionais e que as verdades sagradas que deviam ensinar estavam escondidas dos adoradores. *Ele via* que os crentes da religião judaica não encontrariam paz nem liberdade de espírito no seu culto. Vendo tudo isso, Ele desejava que todos sem excepção pudessem desfrutar da mesma abençoada comunhão com Deus que Ele constantemente experimentava e apreciava.

Estas eram coisas que os pais de Cristo deviam ter-Lhe ensinado, mas foi Ele que lhes ensinou. Quando os rabinos O confrontavam com as suas exigências de Se submeter aos costumes deles, mostrou uma incrível capacidade para reconhecer instantaneamente o quão completamente antibíblica eram as suas posições. Além disso, a Sua mente era um manancial incrível de verdade bíblica correctamente entendida que Ele era capaz de aplicar com perfeito discernimento. Ele sabia exactamente que Escritura citar, a fim de refutar os argumentos dos cultos mestres em Israel. Ele nunca foi derrotado em qualquer desses confrontos.

Quando Ele veio ao templo para a Sua primeira visita da Páscoa, foi uma vez mais evidente que o Seu desenvolvimento mental e espiritual estava muito à frente das melhores mentes e mais altamente educadas em Israel. Por meio d'Ele, Deus estava a mostrar-lhes o que podiam ter sido se, desde os primeiros momentos, Deus tivesse sido o Pai deles e que teriam sido ensinados pelo Espírito Santo desde o ventre das suas mães.

A mais específica e iluminadora revelação da superioridade espiritual e mental de Cristo sobre os dirigentes e professores religiosos foi na Páscoa quando Ele tinha doze anos. Foi nessa altura que Ele foi encaminhado pelo Espírito Santo a participar da escola especial organizada pelos rabinos a fim de tirar proveito da oportunidade proporcionada pela reunião de tantas pessoas para a festa. Estavam presentes crianças de áreas remotas da nação a quem os professores nunca terão visto. É evidente que o próprio Jesus estava nesta categoria, pois é claro que a manifestação do Seu incrível conhecimento e sabedoria revelou-se uma completa surpresa para os mestres judeus em Jerusalém.

Esses educadores descansavam na confiança incontestável que eram as autoridades humanas máximas em questões religiosas. Eles haviam dedicado as

suas vidas inteiras à aprendizagem e ensino, e tinham a certeza que não havia ninguém que pudesse com sucesso desafiá-los. Eles esperavam ser reverenciados e obedecidos e, na sua maior parte, eram. A última coisa que jamais poderiam ter imaginado era o aparecimento de uma criança de doze anos de idade, com conhecimento e sabedoria muito superior ao deles.

No entanto, uma breve apresentação de Cristo na sua sala de aula confrontou-os com o que eles nunca temeram, porque nunca tinham considerado isso possível. Aqui estava uma criança de doze anos de idade, que na verdade era de facto abençoada com o conhecimento, compreensão, percepções, avaliações e sabedoria que eles estavam longe de possuir, e que nunca tinham visto anteriormente. Foi uma oportunidade maravilhosa para avaliarem o contraste entre dois sistemas de educação – o que Deus tinha usado na educação do Seu Filho, e aquilo em que os judeus se tinham transformado por seu lado. Note-se que Deus não estava a revelar algo novo na educação, quando Cristo estava diante daqueles importantes homens ilustres, e supostamente altamente educados. Muito, muito tempo antes, quando os seus antepassados tinham entrado na terra prometida, os princípios divinamente formulados para a educação das crianças tinham sido anunciados.[1] Se tivessem acreditado neles e seguido, toda a nação teria sido como Jesus – a cabeça e não a cauda; andado apenas por cima e não por baixo.

Educação não é o fim em si mesmo, embora alguns busquem aprender para seu próprio bem. Pelo contrário, é o meio pelo qual as capacidades são desenvolvidas até a aptidão para preencher posições de responsabilidade ser alcançada. A qualidade e o valor do sistema educacional adoptado são revelados no produto final. Quando Jesus esteve perante aqueles homens durante a visita pascal, foi proporcionada uma oportunidade maravilhosa para comparar o produto de um sistema de educação com o outro. Essa comparação deixa-nos com uma escolha entre dois sistemas: um, que em apenas doze anos havia construído tais capacidades em Cristo que O colocou muito à frente dos homens mais sábios do Seu tempo; ou o outro, a educação de origem humana que, depois de sessenta ou mais anos de treino intensivo, ainda deixou os guias judeus atrás de um jovem de doze anos de idade.

"Na presença de tal Ensinador, de tais oportunidades para educação divina, é mais que loucura procurar educação fora dEle, quer dizer, procurar ser sábio desviado da Sabedoria, querer ser verdadeiro ao mesmo tempo em que se rejeita a Verdade, procurar iluminação fora da Luz, e existência sem a Vida, enfim, deixar a Fonte das águas vivas e cavar cisternas rotas que não podem fornecer água." *Educação*, 83.

Deve salientar-se que Jesus em momento algum recebeu quaisquer dons especiais que não estivessem disponíveis para todos os outros filhos de Deus. Portanto, aquilo em que Ele Se tornou é uma demonstração do que qualquer outra criança pode tornar-se. Essa é uma das grandes mensagens de toda a Sua vida desde a infância até à Sua partida para o Céu, porque Ele veio para demonstrar em Si mesmo o que a educação do Céu produzirá.

Maravilhosa e admiravelmente, não havia qualquer vestígio de orgulho e exaltação própria na aquisição de conhecimentos e sabedoria em Cristo. Pelo

[1] Vede *Educação*, 33-50.

contrário, quanto mais Ele entendia o Seu Pai Celestial, mais firme na humildade se tornou.

Assim, quando chegou à aula especial em curso durante a Páscoa, Ele terá entrado tão silenciosamente e discretamente que ninguém terá notado a Sua chegada para a aula e escolhido o Seu lugar. Ele veio para aprender e, por algum tempo, ouviu atentamente. Então começou a fazer perguntas de maneira tão humilde e dócil que desarma o preconceito, e espera-se que aquele que foi questionado entenda as limitações do seu conhecimento.

"Como pessoa que busca saber, interrogava esses mestres relativamente às profecias, e a acontecimentos que estavam então ocorrendo e indicavam o advento do Messias.

"Jesus Se apresentou como pessoa sedenta de conhecimento de Deus. Suas perguntas eram sugestivas de profundas verdades que havia muito jaziam obscurecidas, e eram, todavia, vitais para a salvação das pessoas. Ao mesmo tempo que revelavam quão limitado e superficial era o conhecimento dos sábios, cada pergunta punha perante eles uma lição divina, e apresentava a verdade sob novo aspecto. Falavam os rabis da maravilhosa elevação que a vinda do Messias havia de trazer à nação judaica; mas Jesus apresentava a profecia de Isaías, e perguntava-lhes o sentido daqueles textos que indicavam o sofrimento e a morte do Cordeiro de Deus.

"Os doutores voltavam-se para Ele com perguntas, e pasmavam de Suas respostas. Com a humildade de criança, repetia as palavras da Escritura, dando-lhes profundeza de sentido que os sábios não haviam alcançado. Seguidos, os traços da verdade por Ele indicados teriam operado uma reforma na religião da época. Ter-se-ia despertado profundo interesse nas coisas espirituais; e quando Jesus começasse Seu ministério, muitos estariam preparados para O receber." {DTN 47}, *O Desejado de Todas as Nações*, 78, 79.

O encontro de Cristo com os mestres religiosos do Seu tempo, certamente tornou surpreendentemente clara a Sua tremenda superioridade sobre eles em matéria de religião. Ele era a cabeça e eles a cauda; Ele estava por cima; e eles por baixo. No entanto, apesar da religião ter sido o único tema discutido durante o Seu tempo com eles, não se deve deixar que seja criada na mente a impressão que

Cristo era um especialista em teologia com exclusão dos outros ramos do saber. Pelo contrário, a Sua educação era ampla e abrangente, que abarcava muitas áreas da ciência, como a biologia, astronomia, matemática, fisiologia, física, e muito mais. Além do mais, a Sua penetração nesses campos era tão extensa que Ele estava séculos à frente do Seu tempo como confirma este testemunho:

"'Nunca homem algum falou assim como este homem.' João 7:46. Isto seria verdade em relação a Cristo, tivesse Ele falado apenas sobre o mundo físico e intelectual, ou meramente em assuntos teóricos e especulativo. Poderia Ele ter revelado mistérios que requereriam séculos de trabalho e estudo para serem penetrados. Poderia ter feito sugestões nos ramos científicos, as quais até o final do tempo proporcionariam nutrição ao pensamento, e estímulo às invenções." *Educação*, 81.

Isto é o que Ele poderia ter feito. Se o tivesse feito, o mundo tê-l'O-ia honrado, seguido, e enriquecido, tal como fazem aos seus eminentes cientistas do presente.

"Mas Ele não fez isto. Nada disse para satisfazer a curiosidade, ou estimular ambição egoísta. Não tratou de teorias abstratas, mas do que é essencial ao desenvolvimento do caráter, e daquilo que alarga a capacidade do homem para conhecer a Deus e aumenta seu poder para fazer o bem. Falou daquelas verdades que se referem à conduta da vida, e que unem o homem com a eternidade." *Educação*, 81.

O gigante intelectual que Jesus era quando esteve aqui na Terra é revelado por aquilo que Ele tinha a capacidade de fazer. "Poderia Ele ter revelado mistérios que requereriam séculos de trabalho e estudo para serem penetrados. Poderia ter feito sugestões nos ramos científicos, as quais até o final do tempo proporcionariam nutrição ao pensamento, e estímulo às invenções."

Não havia um cientista na Terra no seu tempo que pudesse ter feito isso. Tudo aquilo que eles haviam adquirido a partir dos trabalhos dos seus antecessores e construído por eles próprios poderia ser aprendido pelos seus alunos em poucos anos de estudo diligente. Posteriormente, lenta e tediosamente, os homens têm desejado compreender os segredos das ciências da natureza, lutando por entender e registar o que vagamente têm vislumbrado. Cada geração deu alguns passos, cada uma adicionou uma pequena contribuição, e cada uma, portanto, contribuiu para a acumulação global da compreensão humana. Alguns podem sentir que foram feitos grandes avanços, especialmente ao longo do século passado, mas isso parece ser assim, somente quando a base de comparação é o trabalho humano anterior. Mas, quando o progresso é medido pelo que poderia ter sido alcançado se os homens tivessem sido ensinados pelo mesmo Instrutor que ensinou Cristo, então será visto quão pouco foi realizado na verdade!

Vamos todos proteger-nos contra a disposição para ignorar o que Cristo fez como sendo pouco notável por causa d'Ele ser o eternamente pré-existente, omnisciente Deus. Não há dúvida quanto a Ele ser isso, mas nunca deve ser esquecido que Ele deixou tudo isso de lado e veio a este mundo tão vazio de conhecimento como qualquer um de nós. A partir desse ponto, Ele teve que adquirir conhecimento como qualquer outra criança, como está escrito: "Toda criança pode adquirir conhecimento como Jesus o adquiriu." {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70.

Se Jesus tivesse encarnado a humanidade com todo o conhecimento que tinha como o Criador do Universo, então certamente a Sua capacidade de desvendar ". . . mistérios que requereriam séculos de trabalho e estudo para serem

penetrados", e ". . . poderia ter feito sugestões nos ramos científicos, as quais até o final do tempo proporcionariam nutrição ao pensamento, e estímulo às invenções", seria pouco notório. Seria de esperar isso do Deus Criador. Ele sabe tudo. Nem mesmo o futuro está escondido d'Ele.

Mas, para desenvolver essas capacidades depois de deixar o Céu e tornar-Se totalmente vazio do conhecimento que tinha como o Criador, e ser limitando unicamente aos meios disponíveis para qualquer criança da humanidade, é mais do que notável. Isso é incrível!

Também é muito encorajador, para aqueles que têm a fé para acreditar, que as realizações intelectuais de Cristo eram uma ilustração das realizações possíveis para os Seus filhos, mesmo nesta vida.

"NEle se encontrara o perfeito ideal.

"A fim de revelar este ideal como o único verdadeiro modelo a ser atingido; a fim de mostrar o que todo ser humano poderia tornar-se; o que mediante a habitação da divindade na humanidade se tornaria todos os que O recebessem — para isso veio Cristo ao mundo. Veio para mostrar como os homens devem ser ensinados conforme convém a filhos de Deus; como devem praticar na Terra os princípios do Céu e viver a vida celestial." *Educação*, 73, 74.

O que torna o feito de Cristo ainda mais notável é que Ele não começou como os cientistas e educadores fazem. Ao contrário deles, Ele começou exactamente no início, enquanto eles começam no ponto onde a geração anterior chegou, e depois fazem o progresso que podem a partir daí. O nível de avanço varia de geração para geração, dependendo se há ou não um Isaac Newton, um Galileu, um Louis Pasteur, ou um Albert Einstein entre eles.

A fim de adquirir o conhecimento acumulado pelas gerações anteriores, os jovens frequentam as escolas e universidades em que esta informação é transmitida. Quando os que entre eles têm o desejo e aptidão para avançar o conhecimento humano, aprenderam tudo o que pode ser ensinado nessas instituições, começam os seus programas de investigação, e, assim, dão o seu contributo para o armazenamento comum de informações.

No entanto, Jesus não seguiu este procedimento. Pelo contrário, Ele ganhou todo o Seu conhecimento, sem referência ao que os homens já haviam descoberto nos campos científicos, pois Ele não frequentou quaisquer escolas onde esse conhecimento estava armazenado e onde este era incutido nas mentes daqueles que o buscavam. No entanto, em poucos anos Ele tinha aprendido o que os homens tinham levado séculos a aprender e em mais alguns, sabia o que os pesquisadores precisariam de centenas e centenas de anos para desvendar.

Se hoje, uma criança não frequentasse qualquer escola ou outro estabelecimento de ensino para ganhar conhecimento das ciências reunidas tão meticulosamente ao longo de tantos séculos, seria considerada deficiente, ignorante, ou até mesmo analfabeta. Ela estará em séria desvantagem na competição sem fim para as necessidades materiais da vida, e certamente não ficará com aqueles que marcham na vanguarda do avanço da compreensão.

Os fariseus esperavam que Cristo estivesse nesta categoria. Eles pensavam que Ele seria ignorante, inculto e iletrado por não ter seguido o procedimento padrão de frequentar as escolas onde o ensino do homem havia sido acumulado. "E os judeus maravilhavam-se, dizendo: Como sabe este letras, não as tendo aprendido?" *João* 7:15.

Mas Jesus tinha estudado com diligência, interesse e rigor não manifestado em qualquer outro estudante. A Sua vida demonstra os resultados imensamente superiores do sistema educacional criado pelo Todo-Poderoso em que o próprio Deus é o Mestre. Ele mostrou o que significa ser a cabeça e não a cauda; estar só por cima, e não por baixo.

Pode desenvolver-se a impressão pela direcção seguida por Cristo que estamos a desprezar e rejeitar o conhecimento adquirido pelos homens ao longo dos milénios do passado. Isso não é verdade, especialmente no campo da religião. Não dar atenção às verdades reveladas no passado envolveria desprezar a Bíblia e começar novamente do zero. O Salvador certamente não fez isso. Pelo contrário, as Suas primeiras lições foram das Escrituras do Antigo Testamento. "Sua mãe foi Seu primeiro mestre *humano*. Dos lábios dela e dos rolos dos profetas, aprendeu as coisas celestiais. As próprias palavras por Ele ditas a Moisés para Israel, eram-Lhe agora ensinadas aos joelhos de Sua mãe." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70.

O argumento é que a Sua mãe Lhe ensinou as verdades que haviam sido reveladas no passado, ao passo que a instrução oferecida nas escolas do Seu tempo, fosse sobre a religião ou das ciências, estava tão contaminada com o erro que era impossível chegar à verdade. Foi porque Cristo não tinha vontade de beber das fontes poluídas que Se afastou das acumulações humanas de suposta sabedoria a fim de receber instrução nas ciências senão do Seu Pai.

"Aquele que fizera todas as coisas, estudou as lições que Sua própria mão escrevera na Terra e no mar e no céu. Desviados dos profanos métodos do mundo, adquiriu da natureza acumulados conhecimentos científicos. Estudava a vida das plantas e dos animais bem como a dos homens. Desde a mais tenra idade, possuía-O um único desígnio: vivia para beneficiar os outros. Para isso encontrava recursos na natureza; novas idéias de meios e modos brotavam-Lhe na mente, ao estudar a vida das plantas e dos animais. Procurava continuamente tirar, das coisas visíveis, ilustrações pelas quais pudesse apresentar os vivos oráculos de Deus. As parábolas pelas quais, durante Seu ministério, gostava de ensinar lições acerca da verdade, mostram quão aberto Lhe estava o espírito às influências da natureza, e como colhera do ambiente que O cercava na vida diária, os ensinos espirituais.

"Assim se revelava a Jesus o significado da palavra e das obras de Deus, ao buscar compreender a razão das coisas. Os seres celestiais serviam-Lhe de assistentes, e cultivava santos pensamentos e comunhão. Desde os primeiros clarões da inteligência, foi sempre crescendo em graça espiritual e no conhecimento da verdade." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70.

E assim ". . . crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens." *Lucas* 2:52.

Os superiores resultados de Cristo são verdadeiramente maravilhosos e deverão ser vistos como o ideal a alcançar por cada crente. No entanto, tudo isso poderia ter sido prejudicado se o menor vestígio de orgulho estivesse presente n'Ele. Todavia, Jesus resolutamente Se protegeu contra esse desenvolvimento. Embora superior em todos os sentidos, Ele nunca se apresentou como tal; nunca fez comparações entre Si e as outras crianças; e nunca lutou pelo lugar mais alto. Havia apenas uma motivação na Sua vida: "vivia para beneficiar os outros. . ." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70.

Totalmente esquecido de Si mesmo, Ele estendeu a mão para os mais altos níveis do conhecimento e eficiência para que pudesse fornecer as maiores bênçãos para aqueles a quem ministrou. Nunca uma vez Ele se mediu pelos outros, pois só Deus era o padrão d'Ele.

A vida de Jesus e a mensagem da salvação das crianças colocam perante os pais e os filhos a possibilidade de adquirir o conhecimento mais profundo, mais alto e mais amplo da verdade em todos os ramos de aprendizagem. Ela convida-os a desenvolver as maravilhosas capacidades para o serviço de Deus e do homem. Ela dá a possibilidade de, no sentido mais completo da palavra, ser a cabeça e não a cauda; estar por cima e não por baixo.

Esta perspectiva é atractiva para todos os pais de um ponto de vista ou de outro. Os pais cristãos desejam isso para que o Senhor seja glorificado e dar um golpe de morte no reino do pecado. Os seus motivos são irrepreensíveis. Por outro lado, os não convertidos naturalmente gostariam de ver os seus filhos por cima de todos os outros, mas essa nunca deve ser a motivação. Esse é o caminho do mundo quando andam no orgulho e egoísmo. Tal espírito cultiva ambição profana, rivalidade, contenda, opressão, mentira, sofrimento e tristeza.

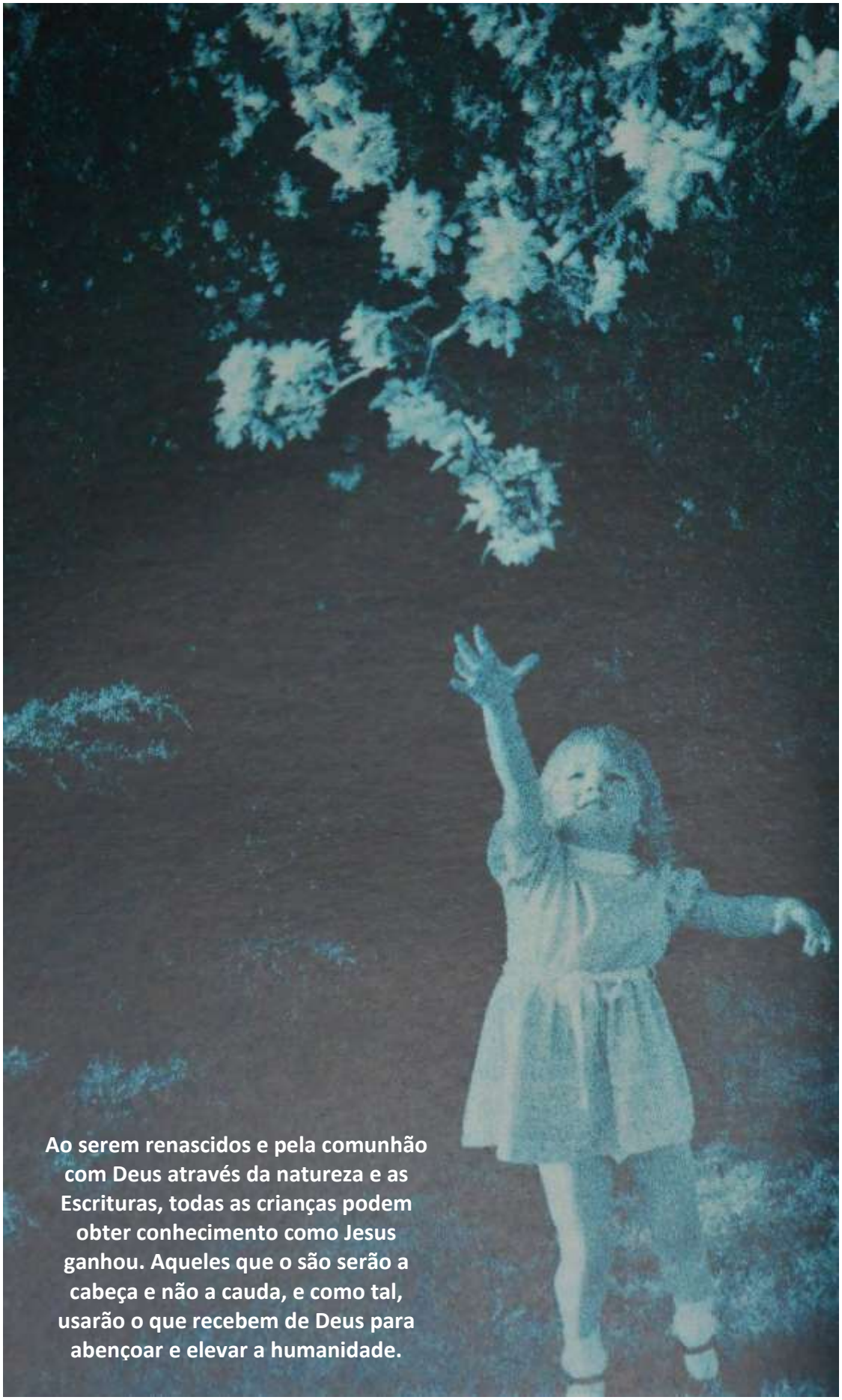
Todavia, não é só o mundano que está no perigo do orgulho e do egoísmo. Os pais cristãos têm uma humanidade pecadora e vivem num mundo onde têm de suportar pesadas pressões, e há o perigo que o materialismo desvie a vida dos seus verdadeiros objectivos. Deve haver vigilância contínua para detectar o primeiro aparecimento de qualquer tendência para este desenvolvimento e ser imediatamente limpo.

Nunca se esqueçam que foi o mais brilhante, o mais altamente educado, e o mais eficiente anjo no Céu em cujo coração começou a penetrar pensamentos de superioridade consciente e a assumir o controlo. Ele começou a comparar-se com os outros, e, ficou em seguida orgulhoso pelo facto de ser supostamente superior a eles. A sua exagerada estimativa da sua própria grandeza foi tão longe ao ponto de na realidade ser capaz de se imaginar melhor do que Miguel, o arcanjo. Isso levou-o a esperar uma promoção pessoal acima de Jesus, o que era nada menos do que uma tentativa de se exaltar a si mesmo ao lugar de Deus, e ao rebaixamento do Senhor para uma posição sob a autoridade de Lúcifer.

Uma vez que o Senhor não podia vê-lo como ele se via e, consequentemente, não podia satisfazer os seus desejos, Lúcifer resolutamente determinou usurpar a mais alta posição no Universo. Assim, entrou em luta contra o seu Criador. "Assim arrastou os homens a se unirem com ele em rebelião contra Deus, e as trevas da miséria baixaram sobre o mundo." {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

Por quase seis mil anos agora, o diabo vem demonstrando o resultado terrível de ver os dons de Deus à luz errada. O que ele deveria ter considerado como um dom para ser usado no serviço de amor aos outros, passou a ser encarado como um meio de glorificação de si próprio. Esse foi o início da sua queda, e se for permitida a invasão e o domínio da mesma atitude produzirá os mesmos resultados hoje, não importa quão seguros possamos sentir-nos contra ela.

Não há nada de errado com o dedicar os nossos esforços à realização dos mais altos níveis de excelência física, mental e espiritual. Na verdade, isso é o que o Senhor tem planeado e providenciado para o Seu povo, e é o que Ele espera que obtenhamos. Seja qual for a medida aquém do Seu ideal, Ele irá responsabilizá-lo, porque na directa proporção das suas deficiências, terá roubado os necessitados a quem foi chamado a servir.



Ao serem renascidos e pela comunhão com Deus através da natureza e as Escrituras, todas as crianças podem obter conhecimento como Jesus ganhou. Aqueles que o são serão a cabeça e não a cauda, e como tal, usarão o que recebem de Deus para abençoar e elevar a humanidade.

"O Senhor deseja que Seu povo alcance o último degrau da escada, para que possa glorificá-Lo por possuir as aptidões que outorga de boa vontade. Pela graça de Deus foi feita toda provisão para revelarmos ao mundo que procedemos consoante planos melhores que os por ele seguidos. Devemos mostrar superioridade de intelecto, compreensão, perícia e conhecimento; porque cremos em Deus e em Seu poder de atuar no coração humano.

"Os que, porém, não possuem grandes dons não devem desanimar. Utilizem o que têm, vigiando fielmente cada ponto fraco do caráter, e procurando fortalecê-lo pela graça de Deus. Em toda ação da vida devemos demonstrar fidelidade e lealdade, cultivando os predicados que nos habilitarão para cumprir a obra." {PJ 193}, *Parábolas de Jesus*, 358,

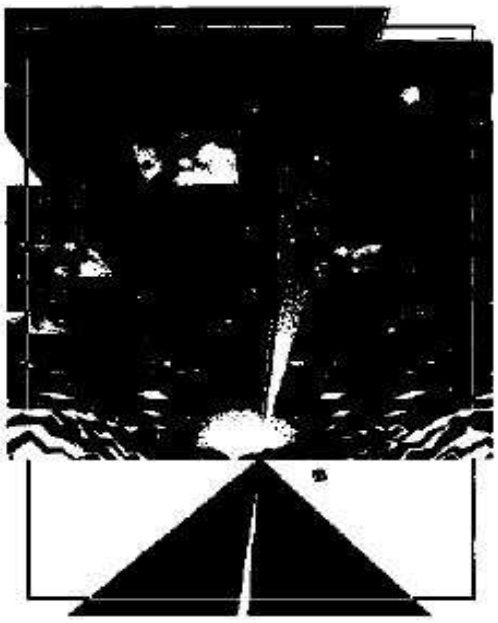
Por conseguinte, enquanto, pela graça de Deus e seu próprio esforço diligente, todos os pais devam almejar as maiores conquistas para si mesmos e para os seus filhos, nunca devem perder de vista o perigo que se esconde nesse caminho. Eles devem entender que os dons de Deus são para ser usados no serviço aos outros, e nunca como um meio de exaltar uma pessoa acima da outra. Nunca deve ser esquecido que se alguém segue os passos de Lúcifer, os próprios dons concebidos e concedidos para bênção e benefício de todos, revelar-se-ão uma terrível maldição. Cristo e Cristo somente é a revelação do que Deus deseja que cada um de nós seja e não devemos comparar-nos com ninguém senão com Ele.

Jesus alcançou tais níveis maravilhosos de realização através de vários factores. Em primeiro lugar, porque o pecado nunca habitou n'Ele, não sofreu qualquer dano nas Suas faculdades. Em segundo lugar, foi Deus, e não Satanás ou algum dos seus agentes, o Seu Professor. Em terceiro lugar, o Seu estudo das Escrituras teve um efeito regenerador na Sua mente, e em quarto lugar, a presença da natureza divina dentro d'Ele foi revigorante para todo o Seu ser. Assim andava entre os homens como a cabeça, e não como a cauda; por cima e não por baixo.

Quando, desde os primeiros momentos de criança, estes mesmos três factores se tornam os elementos dominantes na educação dos nossos filhos, eles também serão a cabeça, e não a cauda; dominarão e não serão dominados. Então a verdadeira superioridade do cristianismo sobre os caminhos do homem será realmente vista. Então o Senhor será glorificado e demonstrado que os Seus caminhos são superiores. Em seguida, deverão ser reunidos homens e mulheres de todas as nações ao redor do Salvador e a obra será concluída.

Satanás tem um medo terrível desta eventualidade. Ele viu o que foi alcançado pelas vidas de Jesus Cristo, João Baptista, Jeremias e Daniel e seus três amigos, quando a plenitude da excelência divina foi desenvolvida neles. Ele sabe que, se tão poucas pessoas com essas capacidades puderam realizar tudo o que elas fizeram, o que seria se fosse todo um exército delas a fazer a obra e o reino. Ele teme o dia em que exista um exército de crentes tão treinado como Jesus.

A promessa, exigência e expectativa de Deus é que cada um do Seu povo seja a cabeça e não a cauda no que respeita ao mundo. Deixai que se veja nos dias finais da história da Terra o que isso significa, tal como Cristo demonstrou nos Seus dias na Terra.



Capítulo 7

O Segredo do Poder Intelectual de Cristo

Na Sua vida na Terra, o Salvador demonstrou as alturas da grandeza intelectual e espiritual a que nós devemos chegar. Ele revelou o ideal de Deus para o Seu povo, um ideal que é ". . . mais alto do que pode alcançar o pensamento humano." {DTN 213}, *O Desejado de Todas as Nações*, 330. Ele convida-nos a aspirar a este padrão.

É impossível ao verdadeiro filho da fé considerar este elevado estado de perfeição sem ser inspirado a lutar por tais objectivos maravilhosos. Portanto, é muito bom que Cristo também tenha revelado o caminho ao qual todos os Seus amados seguidores podem chegar onde Ele quer que eles estejam. Ele fez isto pela declaração, e, de modo ainda mais importante, pela demonstração. Do ponto mais alto da realização física, mental e espiritual, Ele mostra as alturas a que nós também devemos elevar-nos. Apontando o caminho que seguiu a fim de se manter firme no alto do monte, Ele dirige a nossa atenção para a forma de ganhar a vitória. É criticamente importante que isto seja feito, pois não há nada mais desencorajador e frustrante do que ter um conjunto de objectivos altamente desejáveis sem quaisquer instruções de como os alcançar.

Contudo, o exemplo de Cristo como o grande Vencedor é completamente destruído se o seguidor se agarrar a qualquer suspeita que Cristo, em virtude de ser o eterno Deus, trouxe com Ele a este mundo uma infinita reserva de conhecimento, sabedoria e aptidões. É essencial que todo o crente em Jesus esteja absolutamente estabelecido na verdade que, no mais completo sentido da palavra, Jesus Se esvaziou de tudo quando nasceu como um bebé em Belém. Deixou para trás a Sua omnisciência, poder criador e posição como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Como criança ainda antes de nascer, era destituído de conhecimento como qualquer outro bebé e estava limitado aos mesmos processos de aprendizagem. Foi como ser humano que Ele adquiriu conhecimento, enfrentou a tentação e ganhou a vitória sobre o pecado. Portanto, pode legitimamente ser o nosso exemplo em todas as coisas e pode ser verdadeiramente declarado que:

"Todas as crianças podem adquirir conhecimento como Jesus." {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 68.

Este assunto já foi tratado no capítulo anterior, mas agora serão apresentadas mais evidências para confirmar que Cristo não tinha a inatingível vantagem de ser abençoado com infinito conhecimento quando chegou a este planeta rebelde, nem o privilégio de especial favor desde então. Este ponto está a ser salientado porque ninguém aceitará verdadeiramente Cristo como Exemplo da forma como alcançar o máximo desenvolvimento de realização indicado se houver a mínima aceitação da ideia que Ele chegou aqui com algo mais do que aquilo que os filhos dos homens podem ter quando nascem.

Será agora dada consideração a uma série de testemunhos que confirmam que Jesus era na verdade desprovido de todo o infinito conhecimento que tinha antes de vir a esta Terra. Estas referências não são exaustivas. O objectivo é dar testemunhos suficientes para tornar o assunto claro.

Ele é descrito na Sua dedicação como sendo essa "inconsciente criancinha. . ." {DTN 29}, *O Desejado de Todas as Nações*, 47. Isto não quer dizer que Ele era inconsciente no sentido de estar num coma, mas que por ser bebé desconhecia o significado daquilo que estava a passar-se à Sua volta. Isto não teria sido verdade se Ele tivesse vindo ao mundo possuindo um conhecimento infinito.

Falando da obra da Sua carinhosa mãe, está escrito que: "Dos lábios dela e dos rolos dos profetas, aprendeu coisas celestiais. As próprias palavras que Ele dissera a Moisés para Israel, eram-Lhe agora ensinadas ao colo da Sua mãe." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 67.

Nenhum bebé entra neste mundo com uma vasta reserva de conhecimento, e Jesus também não. Antes de chegar a este mundo, esvaziou-se a Si mesmo de tudo o que alguma vez conhecera. Depois adquiriu conhecimento como todas as crianças podem fazer, e por fazer assim, demonstrou o que cada criança pode alcançar.

Não teria havido necessidade d'Ele ter aprendido as coisas celestiais se tivesse vindo à Terra com conhecimento infinito. Ninguém necessita de aprender aquilo que já sabe.

Outra vez está escrito que: "Uma vez que Ele obteve conhecimento da mesma maneira como o podemos obter, a Sua familiarização com as Escrituras mostra quão diligentemente os primeiros anos da Sua vida foram consagrados ao estudo da palavra de Deus. . . Aquele que fizera todas as coisas, estudou as lições que Sua própria mão escrevera na Terra e no mar e no céu. . . Estudava a vida das plantas e dos animais bem como a dos homens." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 67.

Mais uma vez, teria sido desnecessário Ele ter reunido a Sua informação deste modo se tivesse vindo como o Ser Omnisciente. Mas esta foi a forma como Ele aprendeu, tal como está escrito: "Assim se revelava a Jesus o significado da palavra e das obras de Deus, ao tentar compreender a razão das coisas. Os seres celestiais serviam-Lhe de assistentes e cultivava santos pensamentos e comunhão contínua. Desde o desabrochar da inteligência, foi sempre crescendo em graça espiritual e no conhecimento da verdade." {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 68.

Quando Jesus chegou a este mundo, não sabia quem era, nem foi directamente informado pelo Céu acerca disso. Foi através do estudo das profecias e do evangelho tal como estava revelado no serviço do santuário, que veio a aprender que Ele pessoalmente era o assunto destas maravilhosas predições. Aos doze anos, a questão acerca de Quem era estava a tornar-se mais clara para Ele. Foi nessa altura que acompanhou os Seus pais na Sua primeira visita pascal.

"Pela primeira vez, o menino Jesus contemplou o templo. Viu os sacerdotes de vestes brancas, realizando o seu solene ministério. Viu a ensanguentada vítima sobre o altar do sacrifício. Com os adoradores, inclinou-Se em oração, enquanto a nuvem de incenso ascendia perante Deus. Testemunhou os impressionantes ritos do serviço pascal. Dia a dia, percebia mais claramente a significação dos mesmos. Cada acto parecia estar ligado à Sua própria vida. No íntimo acordavam-se-Lhe novos impulsos. Silencioso e absorto, parecia estudar a solução de um grande problema. O mistério da Sua missão desvendava-se ao Salvador." {DTN 46}, *O Desejado de Todas as Nações*, 76.

Pelo mesmo processo e da mesma inspirada informação, todo o judeu na terra devia ter infalivelmente identificado esta criança como o Messias. Jesus compreendeu isto exactamente como eles podiam ter feito, através do estudo das Escrituras sob o ministério do Espírito Santo. Uma vez mais, é claro que o Salvador não sabia quem era em virtude de informação herdada, mas pelo diligente estudo das Escrituras pelas quais compreendeu aquilo que previamente não sabia.

Tão totalmente se esvaziou Ele que podia na verdade declarar, "Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma. . ." *João* 5:30.

Isto é provado pela Sua experiência ao acalmar a tempestade na Galileia.

"Quando Jesus foi despertado para enfrentar a tempestade, estava em perfeita paz. Nenhum indício de temor na fisionomia ou olhar, pois receio algum havia em Seu coração. Contudo, não era na posse da força onipotente que Ele descansava. Não era como o 'Senhor da Terra, do mar e do Céu' que repousava em sossego. Esse poder, depusera-o Ele, e diz: 'Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma'. João 5:30. Confiava no poder de Seu Pai. Foi pela fé — no amor e

cuidado de Deus — que Jesus repousou, e o poder que impôs silêncio à tempestade, foi o poder de Deus." {DTN 233}, *O Desejado de Todas as Nações*, 358.

Assim, através destas e outras Escrituras, é estabelecido que Jesus não veio a este mundo cheio do conhecimento, sabedoria e entendimento. Pelo contrário, como qualquer outro ser humano tem que aprender, também Ele aprendeu as lições escritas nas Escrituras e no livro da natureza.

Como foi então que Ele desenvolveu semelhantes níveis elevados de poder intelectual e espiritual que ultrapassava qualquer coisa alcançada pelo homem mortal? Esta é uma questão que exige a atenção de todos os pais, porque, se eles não souberem como Cristo o alcançou, certamente não podem guiar os seus filhos para seguirem o Seu exemplo. Permanecerão como a cauda e nunca como a cabeça. Estarão sempre por baixo e nunca por cima.

No último capítulo estão quatro factores essenciais que asseguram a chegada de Cristo aos mais elevados níveis de realização física, mental e espiritual. Quando os pais asseguram que os mesmos quatro elementos estão presentes na vida dos seus filhos, os mesmos resultados serão alcançados. Aqueles factores são:

- O pecado nunca habitou n'Ele, portanto a Sua mente nunca se enfraqueceu.
- A presença da divindade n'Ele revigorou, activou e fortaleceu os Seus poderes num grau notável.
- Deus e os Seus servos eram os Seus professores, não Satanás e os seus agentes.
- O Seu consistente, diligente estudo das Escrituras tinham um efeito maravilhosamente fortalecedor na Sua mente e corpo.

A Mente Perfeita

O poder do pecado para enfraquecer a mente e permanentemente roubar tanto da sua vitalidade é um factor na educação de crianças a que virtualmente nenhum pensamento tem sido dedicado, contudo, é por este meio que Satanás provoca grande dano à pessoa. Por conseguinte, a importância de compreender como, quando e a que extensão a mente é afectada pela permanência da presença do pecado não pode ser subestimada. Estudo profundo, inspirado pelo Espírito e com oração deve ser dedicado a esta questão até a mente e o coração serem impressionados com a vital importância de estar profundamente consciente do seu significado e de dar os passos necessários para evitar a enorme perda de poder físico, mental e espiritual que afecta toda a criança que não é renascida tão cedo quanto possível depois de gerada.

A descoberta deste factor foi ocasionado pelo aumento do conhecimento que o pecado tem apenas uma acção onde quer que habite — é o grande e terrível *destruidor*! Não pode ser outra coisa! Alguns podem argumentar que ele dá prazer e isto é verdade, mas a sensação momentânea, sensual, que o pecado dá são apenas ciladas mortais pelas quais os incautos são atraídos à armadilha mortal. Antes do pecado entrar no universo, não havia decadência, destruição ou morte, mas, quando o pecado apareceu, este era o seu séquito.

"Pelo que, como por um homem entrou o *pecado no mundo*, e *pelo pecado a morte*, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram." *Romanos* 5:12.

"Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte." *Tiago* 1:15.

Assim as Escrituras confirmam que a morte veio através do pecado. Desde que esta verdade seja compreendida, torna-se necessário definir o que é o pecado. Muitos pensam na acção errada como sendo o pecado, mas, apesar desta definição estar correcta até ao ponto a que ela chega, é bastante incompleta. Atrás de toda a transgressão da lei de Deus está a pecaminosidade da qual a acção nasce, assim como a árvore má produz frutos segundo a sua espécie. Produzir o fruto mau não faz a árvore má. Pelo contrário, é por causa da árvore ser má que o fruto é mau.

Do mesmo modo, é um erro supor, como fazem alguns, que um bebé recém-nascido é inocente e santo até cometer o seu primeiro pecado. Cometer pecado não o torna injusto, porque ele já o é por herança. Quando Adão perdeu a vida e a justiça e tomou sobre si o pecado e a morte, as leis da hereditariedade ditaram que aquilo que ele tinha adquirido passasse para os seus filhos e através deles aos seus filhos por todas as gerações até ao fim do tempo. Portanto, ele não podia transmitir à sua descendência a justiça e a vida que havia perdido, mas apenas lhes podia dar o pecado e a morte com a qual ele estava ferido. As Escrituras são muito claras e fortes na sua afirmação desta verdade.

"Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só acto de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida.

"Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos." *Romanos* 5:18, 19.

Assim as Escrituras claramente ensinam que inicialmente todos estão sob condenação, não porque ele próprio tenha cometido qualquer pecado, mas devido à herança pecaminosa que nos foi transmitida desde Adão. Os nossos primeiros pais com certeza não encontraram alegria nem satisfação em legar tão terrível herança aos seus filhos, mas, uma vez que eles próprios transgrediram, ficaram sem poder para deter as terríveis consequências do seu erro.

Antes do primeiro homem e mulher desobedecerem a Deus, estavam cheios com a vida e luz de Deus, mas quando escolheram outro governante, o diabo, esta maravilhosa bênção afastou-se deles e Satanás colocou neles o seu próprio espírito mau. Assim o pecado tornou-se uma constante presença interior, uma entidade má que exercia um controlo dominador sobre eles e eram impotentes para lhe resistir. A germinação da semente de Satanás implantada começou imediatamente a destruir-lhes o corpo, a mente e o espírito.

Por isso quando um bebé é concebido, recebe nesse mesmo ponto, uma herança pecaminosa. Isto significa que a pecaminosidade por si própria, como um poder controlador, reina e governa agora na criança que está ainda no período pré-natal e continuará a fazê-lo até que seja libertada pelo poder de Deus salvador. Não se pode fugir a esta herança. Nenhum filho de Adão, excepto Cristo, jamais escapou a isto, embora felizmente possa ser salvo. Portanto, que ninguém deixe de compreender este ponto vital, no momento em que a criança é concebida, a pecaminosidade que está nela começa a destruí-la.

A necessidade de prestar atenção a isto logo nos primeiros momentos possíveis torna-se urgente quando é compreendido que o ritmo de enfraquecimento não avança ao mesmo ritmo durante toda a vida. Pelo contrário, a maior quantidade de dano é efectuado durante esse período em que a vida é mais fraca e mais delicada

— o tempo mais próximo do início da vida. Quando se considera quão frágil é o suporte à vida nesta altura, uma pessoa fica maravilhada por qualquer de nós sobreviver aos decididos esforços do pecado para destruir. Escusado será dizer, porém, que todos os que de nós não foram libertados da presença interior do pecado desde os primeiros momentos, têm sofrido grave dano mental, moral e físico. Quanto maior for o intervalo entre o momento da concepção e a libertação, maior será o estrago causado.

Excepto a criança Jesus, nenhuma outra criança foi jamais concebida inocente e santa. Portanto, essa concepção nunca pode ser simbolizada por árvores boas como as palmeiras aqui ilustradas. Pelo contrário, os espinheiros são usados na Escritura para tipificar este tipo de bebés, cada um dos quais necessita do poder criador de Deus para o transformar numa árvore boa, a plantação do Senhor.

Ficaríamos sobressaltados se pudéssemos saber a percentagem real do dano sofrido por uma pessoa que não está liberta da obra destruidora do pecado desde os seus primeiros momentos de vida possíveis. Infelizmente não temos meio de determinar isto exactamente no caso de cada indivíduo. Julgando pela situação de Daniel, podia ser tão alto quanto 90% de dano, pois está claramente escrito que no exame do rei Nabucodonosor, Daniel e os seus companheiros eram ". . . dez vezes mais doutos do que todos os magos, ou astrólogos que havia em todo o seu reino." *Daniel* 1:20.

Também está escrito a respeito da brilhante mente de Daniel que: "A sabedoria que Deus lhe havia concedido era tanto maior que a dos grandes homens do mundo quanto a luz do Sol que brilha nos céus é mais resplendente do que a mais pálida estrela." *Santificação*, 52.

Mas nessa altura Daniel e os seus três companheiros, como já foi mostrado, tinham renascido imediatamente depois da sua concepção, ao passo que os magos nunca tinham sido abençoados com esta vantagem.

As mentes destes jovens judeus, livres da destruidora presença do pecado, não foram enfraquecidas pela actividade destruidora do pecado. Mas preservadas por uma vida cuidadosa e abstémia, fortalecidos por um regenerador efeito da comunhão com Deus e iluminados pela instrução celestial, ultrapassaram os babilónios num grau incrível. O Senhor revelou a Nabucodonosor, se ele estivesse disposto a ver a luz, aquilo que o seu povo podia ter sido, enquanto os quatro

ilustres nobres eram capazes de ver quão débeis teriam sido, se tivessem sofrido a debilitação mental durante os seus meses pré-natais e depois deles.

Todavia, é em Cristo que nós vemos o mais completo testemunho deste princípio. Embora tivesse herdado a mesma humanidade pecaminosa, caída e mortal que todos recebemos, Ele nunca foi amaldiçoado com a presença interior da natureza do pecado que é a descendência de Satanás. Deus, não o diabo, era o Seu Pai. Portanto, Ele era a divindade na humanidade, não o satânico na carne humana. Ele foi concebido tal como nós somos renascidos e nunca necessitou de ser libertado da iniquidade pelo processo do renascimento espiritual.

Isto significa que nem mesmo por um fugaz momento esteve n'Ele a presença do pecado. Consequentemente, não sofreu um instante de enfraquecimento mental das Suas faculdades. Assim, Ele nasceu como nós nascemos e depois cresceu em sabedoria e estatura como todas as crianças devem crescer.

Isto não quer dizer que todas as crianças alcançarão realmente o mesmo incrível nível de desenvolvimento que Cristo atingiu. Há factores hereditários que também pesam no caso. As crianças não têm todas as mesmas aptidões. Todas elas nascem com possibilidades diferentes. O propósito de as proteger do enfraquecimento efectuado pelo pecado, é torná-las capazes de alcançarem os níveis elevados nos campos para os quais são especificamente dotadas.

Há os que argumentariam que Cristo possuía sobre nós a vantagem por causa da natureza divina ter entrado na Sua humanidade no momento exacto em que foi concebido e não em qualquer momento posterior, ao passo que, nos casos dos nossos filhos, o renascimento acontece depois da concepção. Receia-se que isto dê algum tempo, não importa quão breve, em que o bebé sofre o enfraquecimento ao qual Cristo não esteve sujeito.

Mas não há necessidade para tal preocupação, pois temos a certeza que o Senhor fez total provisão para cobrir isto. Repousemos pela fé no conhecimento de que, se formos diligentes em assegurar que as nossas crianças sejam libertadas da semente de Satanás no momento mais cedo possível, escaparão como Jesus escapou.

Ninguém sabe ao certo quão cedo depois da concepção o pecado é capaz de começar a sua obra destruidora na nova vida, nem há qualquer necessidade dos pais se preocuparem com a tentativa de estabelecer o momento exacto. O objectivo é dar início no bebé a uma nova vida logo que possível depois da concepção e confiar no Senhor para cuidar dos pormenores. As vidas daqueles caracteres bíblicos que experimentaram um cedo renascimento, confirmam a verdade e poder daquilo que Deus tem revelado.

Se os pais tivessem que medir as capacidades dos seus bebés com os possuídos pelo Salvador, ficariam horrorizados perante a pequenez dos seus pequenos. Porém, quando os avaliam em comparação com os incontáveis outros bebés que semelhantemente nunca foram renascidos desde os primeiros instantes, não vêem causa para preocupação.

Certamente que é difícil avaliar o potencial de um bebé porque, nesta fase do seu crescimento, ele tem um poder para comunicar muito limitado e assim revelar as suas capacidades. É à medida que a criança cresce que as diferenças reais podem ser medidas. Tal como foi previamente considerado no último capítulo, a mente de Cristo tinha-se desenvolvido tão surpreendentemente que Ele foi capaz, aos doze anos, de revelar um entendimento das Escrituras muito superior ao dos homens que tinham passado todas as suas vidas no estudo dos escritos sagrados.

É portanto, muito claro que a criança deve ser salva da presença interior do pecado o mais cedo possível. Os pais necessitam de compreender que cada dia perdido é outro dia durante o qual o pecado estende a sua obra destruidora e a criança fica em desvantagem devido ao esgotamento dos seus poderes vitais.

Até agora, vemos em nós próprios e nos nossos filhos indivíduos que não foram libertados do poder destruidor do pecado desde os primeiros momentos possíveis e isto explica por que motivo não somos melhores mentalmente em muitos casos do que os homens e mulheres que não professam o cristianismo. Mas isto está a mudar à medida que a ignorância que nos deixou e aos nossos filhos privados está a ser trocada pelo conhecimento destas coisas e pela aplicação prática dos princípios envolvidos. Há crianças a serem concebidas agora da parte de quem pais iluminados estão a pedir em fé a sua libertação do destruidor. Essas orações estão a ser respondidas. Os resultados serão evidentes num crescente número de crianças dedicadas que estão a escapar ao enfraquecimento com o qual muitos de nós estão limitados.

O Poder Restaurador da Divindade na Humanidade

Se hoje, os pais fossem abençoados com uma avaliação verdadeiramente realista da extensão do enfraquecimento mental sofrido pelos seus filhos, especialmente antes de nascerem, compreenderiam a terrível desvantagem com que os seus filhos estão entrando no mundo. Ao mesmo tempo, saberiam a vantagem que têm as crianças que não perderam sequer uma partícula do seu potencial intelectual. Por outras palavras, ser salvo desta terrível perda é um maravilhoso ganho, mas a bênção não termina por aqui. Isso é apenas o princípio da maravilhosa mensagem que o Senhor tem para os pais e seus filhos.

A erradicação da natureza pecaminosa dá lugar à divina. Enquanto a pecaminosidade interior controla, domina e destrói o indivíduo antes da conversão, não importa quão jovem a pessoa seja, a presença da vida divina tem o efeito oposto. A vida de Deus dentro do crente seja ele bebé ou adulto, é um agente restaurador que adiciona vigor e força a todas as faculdades.

Não pode ser doutro modo, porque é a própria vida de Deus na alma. Tão certamente como o pecado activa e impiedosamente destrói onde quer que se encontre, a justiça de Deus é uma força recriadora que não pode fazer outra coisa senão manter um vivo, positivo e progressivo crescimento. Não há limite para as alturas de excelência a que uma criança abençoada com estas qualidades pode chegar.

Muito certamente, o menino Jesus estava totalmente protegido de qualquer perda de vitalidade nas Suas faculdades, enquanto, ao mesmo tempo era abençoado com a força do poder recriador da vida de Deus no interior. Quando isto é compreendido, será visto que não admira que Ele fosse sempre a cabeça e não a cauda, estivesse sempre por cima e nunca debaixo. Os Seus feitos demonstram o que toda a criança pode alcançar se tiver a vantagem desta dupla bênção desde os seus primeiros momentos.

Todos os pais e todos os educadores cristãos devem lutar para compreender o tremendo potencial de desenvolvimento que reside na vida divina. Se isto fosse apreciado como devia ser, os pais seriam mais céleres a garantir que os seus filhos fossem abençoados com estas vantagens de inestimável valor.

A vida divina no interior de Cristo e em todo o crente é a luz como está escrito: "N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens." *João* 1:4.

A mensagem deste versículo é tão clara quanto poderosa. "A vida era a luz." *Portanto, onde quer que a vida de Deus se encontre, tudo é luz.* Tudo é brilhante e claro sob a iluminação divina.

Sem luz, ninguém pode aprender. Imaginai frequentar uma escola em que não há luz com a qual ver o professor, ler os livros, fazer experiências e escrever. Se vos fosse pedido que vos preparásseis para os exames nestas condições, não teríeis esperança de os passar como todos os estudantes que tiveram a luz que necessitavam.

Quando Cristo esteve na Terra a *vida* de Deus estava n'Ele. Portanto, a *luz* de Deus estava n'Ele. Todo o assunto que prendeu a Sua atenção era visto por Ele à luz gloriosa que brilhava da vida de Seu Pai que habitava no interior. Era impossível que Ele, sob estas condições, não fizesse rápidos progressos todos os dias.

Considerai também que há uma maravilhosa compatibilidade entre a verdade de Deus e a vida de Deus na alma. Uma naturalmente atrai a outra e sentem-se bem na companhia uma da outra. Assim o estudante em quem a vida de Deus reside, não está limitado pela tendência natural para rejeitar a verdade.

Os médicos que estão envolvidos na transplantação de órgãos humanos descobriram que o corpo naturalmente tem a tendência para rejeitar um novo órgão. Eles tentam combater isto usando poderosas drogas que infelizmente têm efeitos secundários, não dão uma solução permanente e não alcançam nada mais do que um adiamento na morte do paciente.

Do mesmo modo, a mente do não convertido naturalmente tem a tendência para rejeitar a luz enviada do Céu. Não há compatibilidade. Cada uma é estranha à outra e lutam para se rejeitarem. Os pais recorrem a diferentes meios para vencer isto, mas tais medidas apenas alcançam um adiamento temporário da rejeição final da verdade. Assim torna-se claro que o estudante que, contra esta incompatibilidade absoluta, tem que lutar para desenvolver os mais elevados níveis de excelência, verificará que não atinge o ideal.

Cristo não experimentou esta luta. Pelo contrário, reinou no Seu coração uma maravilhosa harmonia e uma atracção natural, entre a verdade e a luz divina. Ele atraiu a verdade para Si mesmo como uma esponja absorve o líquido. Assim será com toda a criança cuja mente não foi enfraquecida e que é abençoada com a vida e a luz de Deus no interior.

Não estamos aqui a tentar esgotar este maravilhoso assunto. Cada pai é encorajado a investigar mais este material e aprender pela experiência aquilo que significa ser abençoado com estas vantagens. Então, à medida que esta maravilhosa verdade começa a aparecer com força mental e espiritual eficaz, todo o esforço será desenvolvido para assegurar que as crianças de hoje não sejam privadas destes factores de educação vitais. A sua aquisição foi essencial na educação de Cristo e são igualmente necessários para nós.

O Mestre Divino

O conhecimento de Deus, a perfeição do Seu glorioso carácter e o maravilhoso plano da salvação, apenas pode ser conhecido pela revelação. Os seres humanos não podem procurar e encontrar estas coisas. Temos que ter um professor.

Do mesmo modo, em criança, Cristo, despido do conhecimento infinito que possuía durante a Sua eterna pré-existência, precisou de ter o melhor instrutor que existisse a fim de assegurar que seria levado ao mais alto nível do saber necessário para o vitorioso cumprimento da Sua missão. Foi esta a razão que O levou a ser muito exigente na escolha de um professor para Si.

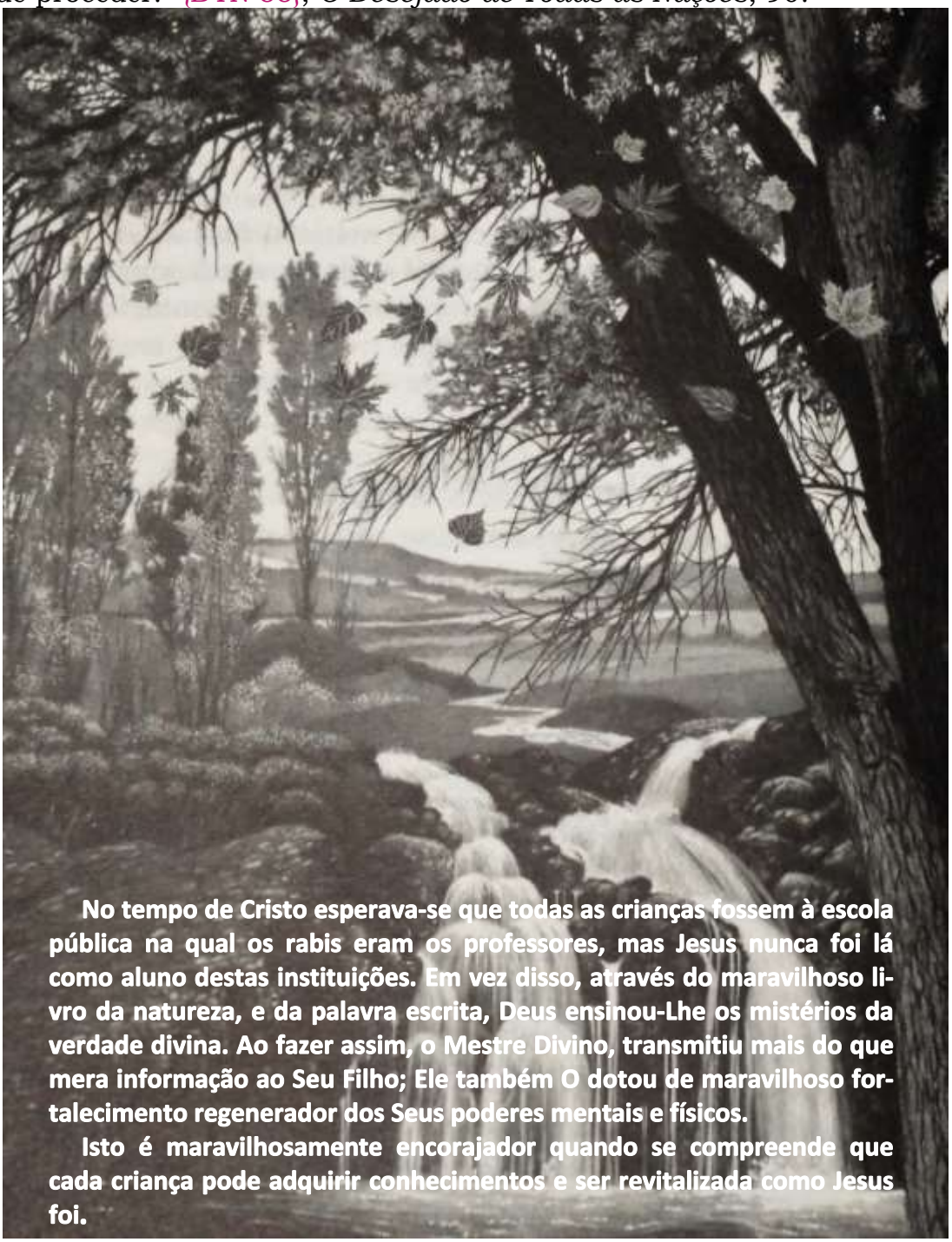
Normalmente, esta decisão é tomada pelos pais com pequena se alguma referência feita às preferências do filho por ser considerado demasiado jovem para fazer uma escolha responsável. Realmente, nos casos daquelas crianças que são educadas numa escola pública ou na escola de uma igreja, os próprios pais constatam que não têm realmente qualquer escolha. Frequentemente há apenas uma escola, composta com professores designados pelo estado ou pela igreja, a uma razoável distância de casa e nesta instituição as suas crianças aprendem com quem quer que ali esteja. Os que podem pagar enviam os filhos para internatos distantes. Mesmo apesar deste procedimento dar maior selectividade quanto a quem ensina as crianças, a prática de separar os pequenos da escola do lar não é boa. Os muito ricos podem empregar professores particulares que vão a casa e educam ali os filhos. Este sistema era preferível se pudesse ser encontrado o instrutor certo, isto é, um que se tornasse conhecedor e qualificado em virtude da sua ligação com Aquele que é a fonte infinita no conhecimento e sabedoria.

Nos dias de Cristo, cada povoação tinha a sua escola dos rabinos à qual se esperava que cada criança fosse diariamente. Se ela tivesse a sorte de ter um bom professor, teria a oportunidade de fazer melhor do que os jovens semelhantemente dotados mas que tinham um professor menos qualificado.

O Salvador, que necessitava de uma profunda e compreensiva educação que O preparasse para a obra da Sua vida, estava limitado a duas opções. Uma era a escola local onde seria ensinado pelo rabi local; a outra era olhar unicamente para Deus como Seu Instrutor. Era impossível ter sido ensinado por Deus através dos rabis caso tivesse seguido o sistema. Era o plano de Deus que os pais e professores fossem Seus ajudantes e obreiros na educação das crianças, mas quando, no tempo de Cristo, estes educadores tinham perdido a compreensão da realidade e ensinavam sofismas errados e enganadores, desqualificaram-se para a sua importante posição. A Sua mãe que não estava tão decaída quanto os rabis, foi capaz de servir a Deus como educadora do seu filho nas primeiras fases da aquisição de conhecimento. Contudo, ela sofreu com a má compreensão nacional em relação à missão do Messias e consequentemente considerava como homens santos os que publicavam estas ideias. Assim, à medida que o tempo passava, ficou preocupada por causa do Filho não mostrar o mínimo respeito pelos ensinamentos dos guias religiosos.

“Maria argumentava muitas vezes com Jesus e insistia que Se conformasse com os usos dos rabis. Ele, porém, não podia ser persuadido a mudar os Seus hábitos de contemplar as obras de Deus e buscar aliviar os sofrimentos dos homens ou mesmo dos animais. Quando os sacerdotes e mestres pediam ajuda a Maria para controlar Jesus, ela ficava muito perturbada; mas sentia paz no seu coração

quando Ele lhe apresentava as declarações das Escrituras que apoiavam o Seu modo de proceder." {DTN 55}, *O Desejado de Todas as Nações*, 90.



No tempo de Cristo esperava-se que todas as crianças fossem à escola pública na qual os rabis eram os professores, mas Jesus nunca foi lá como aluno destas instituições. Em vez disso, através do maravilhoso livro da natureza, e da palavra escrita, Deus ensinou-Lhe os mistérios da verdade divina. Ao fazer assim, o Mestre Divino, transmitiu mais do que mera informação ao Seu Filho; Ele também O dotou de maravilhoso fortalecimento regenerador dos Seus poderes mentais e físicos.

Isto é maravilhosamente encorajador quando se compreende que cada criança pode adquirir conhecimentos e ser revitalizada como Jesus foi.

Foi muito bom para Jesus e para nós que o Salvador não frequentasse as escolas locais dos rabis, pois, longe de O prepararem para a Sua missão, ter-Lhe-iam roubado toda a possibilidade de a realizar.

"O menino Jesus não recebeu instrução nas escolas das sinagogas.... Ao avançar da infância para a juventude, não procurou as escolas dos rabis. Não necessitava da educação vinda de tais fontes; pois Deus servia-Lhe de instrutor." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70.

A educação de Cristo sob a direcção pessoal de Deus deu-Lhe uma incrível vantagem sobre as outras crianças. Isto não é dizer que Jesus gozou de

tratamento especial, pois o mesmo infinito Mestre de todo o conhecimento e ciência também teria estado ao alcance deles se cumprissem, como Jesus, as qualificações de admissão na escola divina. A primeira qualificação é o renascimento espiritual; a segunda é ir todos os dias à escola[1]. Tivessem eles feito isto e teriam as mesmas oportunidades que Jesus teve para progredir em todo o ramo de aprendizagem essencial.

Jeová como educador é tão superior ao homem mais sábio da história da raça humana, que devia ser o único considerado.

"Na presença de tal Ensinador, de tais oportunidades para educação divina, é mais que loucura procurar educação fora d'Ele, quer dizer, procurar ser sábio desviado da Sabedoria, querer ser verdadeiro ao mesmo tempo em que se rejeita a Verdade, procurar iluminação fora da Luz, e existência sem a Vida, enfim, deixar a Fonte das águas vivas e cavar cisternas rotas que não podem fornecer água." *Educação*, 83.

Todo o tema de informação transmitido por Deus a Cristo juntamente com todo o princípio enunciado era a mais pura verdade. Não havia a mistura destruidora da verdade com o erro, luz com trevas, justiça com iniquidade para confundir, anular, enfraquecer o intelecto, cansar a mente e maçar o aluno. Feliz com toda a nova exposição de harmoniosas revelações, Cristo era estimulado para aspirar a cada vez maiores alturas de compreensão. Ele estava constantemente *buscando* "... compreender a razão das coisas". {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 70. Estudar era o Seu prazer. Ele era motivado pela aprendizagem, não necessitava de insistências ou ameaças e recordava aquilo que Lhe era revelado. Era o tipo de estudante que todo o professor gostaria de ter e um estudante que os professores judeus em Jerusalém desejaram colocar sob a sua orientação.

"Nesse refletido Rapazinho galileu divisaram grandes promessas. Desejaram angariá-Lo como aluno, a fim de que Se tornasse mestre em Israel. Queriam encarregar-se de Sua educação, convencidos de que um espírito tão original devia ser educado sob sua direção." {DTN 47}, *O Desejado de Todas as Nações*, 76.

Aqueles homens bem-intencionados, mas errados, podiam apreciar os excelentes resultados alcançados pelo Pai celestial de Cristo, mas os princípios educacionais e procedimentos usados pelo Infinito eram-lhes totalmente estranhos. Eles nunca podiam ter tomado conta e continuado a obra que Deus havia feito no Seu Filho.

Para apreciar alguma coisa das vantagens realmente existentes no divino sistema de educação, imaginai a aprendizagem sob brilhante luz em comparação com a tacteante busca de entendimento em trevas. Isto também parece ser uma forte distinção, mas não deve ser esquecido que os homens procuram "... iluminação fora da luz". *Educação*, 83. Isto é, tentam descobrir verdade com a luz apagada. Que tarefa sem esperança de sucesso.

Tão grande é a cegueira imposta a si próprios que os resultados realmente alcançados desprezam e rejeitam a verdadeira educação, considerando-a imprópria para preparar o estudante para um lugar na sociedade. Contudo, ninguém os deve censurar por isto, porque tem sido dada tão pouca oportunidade a Deus para manifestar a gloriosa superioridade dos Seus caminhos. Israel foi chamado para seguir as orientações de Jeová e estabelecer o Seu sistema de educação. Assim eles deviam revelar a todo o mundo a perfeição, poder, eficiência

[1] Consultai o Capítulo 23 intitulado "O Competente Educador".

e pura beleza dos princípios educacionais mais tarde usados na educação de Jesus. Porém, apesar de professarem ser um povo peculiar, afastaram-se dos seus divinos chamamentos e substituíram Deus como seu Mestre pelas trevas e opressão satânicas. Longe de ser uma nação de gigantes intelectuais e espirituais, atrofiaram as suas mentes e corações até apresentarem uma ilustração muito pouco atractiva ao mundo. Em vez de recomendarem a verdade a toda a raça humana, fizeram com que não fosse amada e bem recebida.

Na educação de Cristo por Deus, tudo isto estava corrigido. Os homens nessa altura e posteriormente, tinham presente a verdadeira ilustração daquilo que a educação divina pode fazer. Tem sido claramente demonstrado para o presente e para a eternidade que ninguém pode progredir e vencer como aqueles que verdadeiramente têm Deus como seu Instrutor.

Este é um tema que não se esgota sobre o qual muitos livros podiam ser escritos. É suficiente dizer aqui que, em virtude de ser pessoalmente educado por Deus, Jesus tinha uma tremenda vantagem sobre aqueles que frequentavam outras escolas. Ele nunca podia ter chegado às alturas que chegou se não fosse ensinado pelo Seu Pai celestial.

As Restauradoras Escrituras Sagradas

Uma grave avaliação errada das Escrituras é considerá-las como sendo meramente um livro de informação e instrução. É verdade que elas são um verdadeiro depósito de informação essencial e são um guia de instrução para todos aqueles que procuram a máxima eficiência tanto para este século como no porvir, mas elas não são apenas isso. Há outro papel desempenhado pelos escritos sagrados que deve ser compreendido por todo o crente e do qual a maior vantagem deve ser tirada a fim de alcançar a maior eficiência em todas as fases do crescimento físico, mental e espiritual.

É este: o poder de Deus está na palavra escrita. Essa força poderosa, sustentadora, regeneradora está literalmente ali tão seguramente como a energia e vitalidade física estão contidos no pão que comemos à nossa mesa. Os crentes necessitam compreender isto de modo que ao estudarem a Palavra de Deus, pela fé procurem mais do que informação e instrução. Estarão participando do próprio poder do Criador.

“O mesmo poder exercido por Cristo enquanto andava visivelmente entre os homens, acha-se em Sua Palavra. Era por Sua palavra que Jesus curava a moléstia e expulsava os demónios; por Sua palavra, acalmava o mar, e ressuscitava os mortos; e o povo dava testemunho de que Sua palavra tinha autoridade. Ele falava a Palavra de Deus, a mesma que falara a todos os profetas e mestres do Velho Testamento. Toda a Bíblia é uma manifestação de Cristo.

“As Escrituras devem ser recebidas como a Palavra de Deus a nós, não meramente escrita, mas falada também. Quando os aflitos iam ter com Cristo, Ele os via não somente a eles que pediam auxílio, mas a todos quantos, através dos séculos, haviam de buscá-l’O com igual necessidade e idêntica fé. Quando disse ao paralítico: ‘Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados;’ quando disse à mulher: ‘Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz,’ dirigia-se a outros sofredores, oprimidos do pecado, que haviam de ir ter com Ele em busca de auxílio. Mateus 9:2; Lucas 8:48.

"O mesmo se dá quanto a todas as promessas da Palavra de Deus. Por meio delas, Ele nos está falando a nós, individualmente; falando tão directamente, como se Lhe pudéssemos ouvir a voz. É por intermédio dessas promessas que Cristo nos comunica Sua graça e poder. Elas são folhas daquela árvore que é 'para saúde das nações' (Apocalipse 22:2). Recebidas, assimiladas, elas serão a fortaleza do carácter, a inspiração e o sustentáculo da vida. Nenhuma outra coisa pode possuir tal poder restaurador. Nada além delas pode comunicar o ânimo, e a fé que dá energia vital a todo o ser." *A Ciência do Bom Viver*, 121, 122.

Esta é uma poderosa revelação da magnificente força contida na palavra de Deus escrita. Para compreender a plenitude das forças contidas nela o estudante precisa contemplar Deus na obra de formação desta Terra e tudo o que nela existe. Nessa altura, Ele simplesmente exerceu o poder na Sua palavra e sistema solares e galáxias apareceram. Pronunciou a Sua vontade a um espaço vazio e ele encheu-se de vida e produtividade.

Isso é poder!

Quando o estudante se torna conhecedor desse poder ao estudá-lo e experimentá-lo activamente na sua vida, conhecerá a força estrondosa que está literalmente nas declarações do Altíssimo registadas. Então compreenderá que não é meramente *através* destas promessas que Deus comunica a Sua graça e poder, mas é *nelas* que Ele o faz. Elas são em si mesmas folhas da árvore da vida. Portanto, quando o crente em verdadeira fé participa duma promessa ou compromisso divino, está realmente assimilando no seu próprio corpo a viva vitalidade e energia do próprio Criador. Obviamente, qualquer que faz isto livre do enfraquecimento mental, abençoado com a presença interior da vida divina e tendo Deus como seu Professor, tem uma tremenda capacidade para aprender para além da experimentada por aqueles que estão excluídos destas facilidades.

Desde que os pais estejam seguros que os seus pequenos são de facto renascidos, deviam guiar os filhos no estudo das Escrituras, não apenas em busca de informação e instrução, mas como o verdadeiro pão da vida. Comer do alimento contido na Bíblia produzirá uma força mental e espiritual incrível. A vitalidade física também será aumentada. Jesus, mesmo quando criança, era um assíduo estudante da palavra escrita e a Sua vida dá testemunho do poder que é comunicado pelas promessas de Deus e princípios contidos nos sagrados escritos.

"Jesus estudou as Escrituras na meninice, na mocidade e na varonilidade. Como criança, aos joelhos de Sua mãe, do rolo dos profetas recebia diariamente instruções. Em Sua juventude, a madrugada e o crepúsculo vespertino muitas vezes O encontravam sozinho ao lado da montanha ou entre as árvores da floresta, passando uma hora silenciosa de oração e estudo da Palavra de Deus. Durante Seu ministério, a grande familiaridade com as Escrituras testifica de Sua diligência no estudo da mesma. E visto que Ele adquiriu conhecimento como nós o podemos também, Seu maravilhoso poder, não somente mental mas também espiritual, é um testemunho do valor da Bíblia como meio de educação." *Educação*, 184.

Assim a vida de Cristo demonstra e prova quando uma criança, na qual está o espírito de obediência, estuda a Escritura, recebe muito mais do que informação — muito embora isso seja valioso e necessário. Também lhe é transmitida uma corrente de vida e poder através da força criadora dessa palavra. Isto resulta num desenvolvimento das capacidades mentais que nunca pode ser experimentado pelos ímpios. Consequentemente, o mundo nunca teria produzido mentes

comparáveis com as do povo de Deus se os pais cristãos tivessem compreendido os verdadeiros princípios da educação dos filhos e os aplicassem desde os primeiros momentos da vida das suas crianças.

Daniel e os seus três companheiros são quatro pessoas cujas vidas testemunham esta verdade. Os babilónios eram a raça de pessoas mais altamente educada no conhecido mundo de então e Nabucodonosor estava determinado a que os seus intelectuais ultrapassassem os membros de qualquer outra raça e religião da Terra. A sua raça devia ser a super raça, inatingível e inultrapassável.

Todavia, ninguém do seu povo havia sido abençoado com a libertação da velha natureza espiritual, escapado ao consequente enfraquecimento das faculdades da sua mente, abençoado com Deus como seu Professor, nem tinham a enriquecedora, fortalecedora, enobrecedora influência das Escrituras desde os seus primeiros momentos de vida ou qualquer outro subsequente.

Consequentemente, eles não se mostraram à altura de Daniel e dos seus três amigos que tinham estas vantagens, como está escrito: "Daniel e os seus três companheiros gozaram os benefícios do preparo e da educação correctos na infância. . . ." *Orientação da Criança*, 167.

Conquanto este breve testemunho não diga explícita e especificamente que Daniel foi abençoado com as vantagens de que se falou anteriormente, está com certeza implícito, pois como podia ele doutra maneira ter sido correctamente preparado? Nenhuma criança pode possivelmente ganhar conhecimento como Jesus, ou ser *correctamente* preparada como Daniel foi, sem a remoção da velha natureza espiritual, sua substituição com a natureza divina, sua ligação com Deus como seu Professor, seguido pelo diligente preparo tendo a Bíblia como manual de estudo principal.

O confronto entre Daniel e o poder intelectual de Babilónia foi uma luta entre a verdadeira e a falsa educação. O resultado foi conclusivo. Verificou-se que os quatro justos eram dez vezes melhores do que aquilo que os melhores de Babilónia podiam produzir.

Esses feitos foram possíveis somente porque as Escrituras, quando recebidas por aqueles dentro de quem habita o espírito de obediência, são um poder regenerador que aumenta as capacidades mentais a um ponto quase inacreditável. Esta verdade necessita de ser completamente apreciada por todos os pais que desejam que os seus filhos desenvolvam mentes poderosas e carácter forte. Quando um bebé desde os seus primeiros momentos recebe todas estas bênçãos, o seu desenvolvimento mental e espiritual não será menos do que espantoso. Será um prodígio e assombro para os seus espectadores. Aos pais, será uma fonte de deleite que nunca falha.

Que ninguém esqueça a importante verdade que é a combinação de todos os factores adquiridos pelo novo nascimento *e* o diligente estudo da palavra de Deus que produz mentes como a que Cristo e os quatro nobres em Babilónia possuíam. Nunca esquecei que a mais intensa investigação das Escrituras sem a pessoa ser renascida nunca produzirá uma mente como a de Jesus. É a *combinação* que é o segredo do poder intelectual. É por isto que os pais que têm sido muito diligentes na sua insistência que os seus filhos passem tempo todos os dias no estudo da Bíblia, não têm visto os seus jovens desenvolverem a força mental que tinham Jesus, Daniel, Ananias, Misael e Azarias. Os seus filhos não eram, ao mesmo tempo, nascidos de novo e abençoados com o espírito de obediência.

Alguns podem perguntar neste ponto como pode uma criança estudar as Escrituras desde os seus primeiros momentos, isto é, mesmo antes de nascerem? Mesmo depois de nascer, a criança não mostra capacidade para compreender as verdades mais simples contidas nos santos escritos, assim como podia estudar a palavra de Deus antes de nascer?

Obviamente, os nascidos e os que ainda não nasceram não podem estudar como fazem os adultos com a capacidade de ler e compreender o que está escrito. Esses procedimentos de aprendizagem são demasiado avançados para uma criança muito jovem dominar, mas isto não significa que não há forma dela aprender as salvadoras verdades de Deus. Há um meio muito simples e eficaz de fazer isto.

Enquanto a criança está ainda no ventre, passem a mãe e o pai tanto tempo quanto possível no estudo da Bíblia e Espírito de Profecia. Lede as palavras sagradas em voz alta à criança não nascida. Para alguns isto pode parecer um exercício sem sentido, mas assim não será para aqueles que compreendem alguma coisa dos notáveis poderes da influência pré-natal. O infante não compreenderá os factos e o raciocínio, mas, à medida que as verdades são absorvidas pela mãe, é estabelecida uma familiaridade com a vida e poder de Deus, e está feita uma ligação com a Altíssima Fonte e cada experiência, emoção e bênção ganha pela mãe é partilhada pela criança e conhecida por ela como se ela própria tivesse passado pelo mesmo campo. Uma vida que flui de cima para a criança, todo o órgão vital, o cérebro, o coração e os nervos são revitalizados. Depois do nascimento da criança, seja o programa continuado por ambos os pais participando no estudo audível das Escrituras na presença da criança ouvinte.

Uma maravilhosa bênção é que o Espírito de Cristo no interior desenvolve um carácter e disposição livre de orgulho e confiança-própria. A vida terá a graça dos maravilhosos atributos da humildade, amor, paciência e serviço altruísta, tal como ela estava em Cristo quando era uma criança, um jovem e um adulto. Para o mundo, a posse do poder está sempre associado à presença do orgulho, enquanto humildade é encontrada nos fracos, mas na vida cristã isto não é assim. Humildade e poder estão juntos, por duas razões. Primeiramente, a disposição para ser exaltado foi removida com a velha natureza e em segundo lugar, o cristão está sempre consciente que não tem de que se orgulhar, porque tudo o que possui vem duma Fonte que não é ele.

Obviamente, a possibilidade de um cristão se tornar orgulhoso não está inteiramente eliminada. A queda de Lúcifer testemunha isto. Mas, se a criança é abençoada com o espírito de obediência e é devidamente preparada, é possível estar na posse de grande poder e continuar a possuir a sua humildade. As vidas dos grandes homens de Deus assim como a de Cristo provam isto. Moisés foi um homem poderoso, contudo ele é descrito como sendo o homem mais manso. Daniel também foi colocado numa posição de grande influência e autoridade, mas isto nunca o desequilibrou. Ele manteve a sua pura justiça até ao fim.

Nenhum destes homens foram excepcionais em comparação com tudo aquilo que os filhos de Deus podiam ter sido. Não eles, mas o resto, estavam errados. Todas as crianças cristãs de hoje podem experimentar o mesmo maravilhoso desenvolvimento dos seus poderes mentais e espirituais de modo que sejam a cabeça e não a cauda; estar sempre em cima e nunca debaixo.

Contudo, deve ser salientado que apenas o treino bíblico não alcança este desenvolvimento. Só quando o espírito de desobediência for removido da criança pode o estudo das Escrituras produzir os resultados prometidos. Então o

grandioso poder da palavra derrama viva vitalidade na mente e na alma e a pessoa segue à frente de todos os que não são abençoados com estas vantagens. Os feitos dos jovens hebreus em Babilónia, quando emergiram em dez vezes superiores aos seus competidores, serão repetidos.

"A Bíblia toda é uma revelação da glória de Deus em Cristo. Recebida, crida e obedecida, ela é o grande instrumento na transformação do caráter. É o grande estímulo, a constrangedora força que vivifica as faculdades físicas, mentais e espirituais, dando à existência a devida orientação.

"O motivo por que os jovens, e mesmo os de idade madura, são tão facilmente induzidos à tentação e ao pecado é não estudarem a Palavra de Deus, nem meditarem nela como devem. A falta de firme e decidida força de vontade que se manifesta na vida e no caráter é resultante de negligência das sagradas instruções da Palavra de Deus. Eles não dirigem, mediante diligente esforço, a mente àquilo que lhes inspiraria pensamentos puros, santos, desviando-a do que é impuro e falso. Há poucos que escolham a melhor parte, que, qual Maria, se assentem aos pés de Jesus, a fim de aprender do divino Mestre. Poucos entesouram Suas palavras no coração, e as praticam na vida.

"Recebidas, as verdades bíblicas elevarão a mente e a alma. Se a Palavra de Deus fosse apreciada como deveria ser, tanto os jovens como os idosos possuiriam uma retidão interior, uma firmeza de princípios que os habilitariam a resistir à tentação." *A Ciência do Bom Viver*, 458, 459.

Cristo fez mais do que estudar as Escrituras no sentido normal da palavra. Quando Ele desenrolava os pergaminhos, entrava em comunhão com Deus. Uma ligação entre a humanidade e a divindade era estabelecida que assegurava que a vida de Deus através da Sua palavra realmente fluía para o Salvador. Jesus procurou que isso acontecesse todos os dias e, quando o fez, experimentou uma revitalização de todas as Suas faculdades — física, mental e espiritual.

"A vida do Salvador na Terra foi de comunhão com a natureza e com Deus. Nessa comunhão, Ele revelou-nos o segredo de uma vida de poder." *A Ciência do Bom Viver*, 51.

"Em Cristo, o grito da humanidade chegava até ao Pai de infinita piedade. Como homem suplicava ao trono de Deus, até que a Sua humanidade estivesse carregada com a corrente celestial com a qual pudesse unir a humanidade à divindade. Mediante a comunhão contínua recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. A Sua experiência deve ser a nossa." {DTN 253}, *O Desejado de Todas as Nações*, 363.

Muito mais podia ser escrito sobre este ponto, mas isto é suficiente para estabelecer o facto que, se uma criança foi libertada da velha natureza e é abençoada com a implantação da divina vida de Cristo no interior e tem Deus como seu Professor, o estudo escriturístico torna-se uma poderosa força que revitaliza os poderes físico, mental e espiritual. A criança que tem estas influências estabelecidas nela desde a concepção, estará muito mais avançada em relação às outras crianças e, em breve, mais do que os adultos que nunca gozaram estas bênçãos. Os pais necessitam estar profundamente conhecedores destes factos de modo que possam primeiramente estabelecer estas forças nas suas próprias vidas e em seguida, por sua vez, assegurar que elas estão também na vida dos seus filhos.

Capítulo 8

Uma Coisa Segura

Até aqui, tem sido dada consideração à vida de Cristo durante a Sua infância e juventude como uma positiva declaração de Deus daquilo que Ele pretende que todo o bebé, criança ou jovem alcance. Isto eleva o nível do espírito e comportamento que pode ser considerado como aceitável a alturas não consideradas possíveis no passado e perante o que a fé de muitos pais vacila.

Quando a maravilhosa, imaculada e poderosa vida de Cristo mesmo em criança é estudada, parece que essa pureza e perfeição está completamente para além do alcance dos nossos pequeninos. Esta dúvida é reforçada à medida que os vemos mostrar as más propensões dos seus corações não convertidos. Temos a tendência para ser vítimas da noção que até uma certa idade, os jovens não podem realmente experimentar a conversão.

É vitalmente importante que esta atitude seja substituída por uma atitude de fé viva na mensagem que o Senhor nos enviou no testemunho do Seu Filho. Longe de serem desencorajados por aquilo que Cristo alcançou mesmo desde a infância, devemos ver nessa maravilhosa vida a absoluta certeza que Deus fez toda a provisão para que o Padrão possa de facto ser copiado tanto pelos pais como pelos filhos. Ninguém deve ver a vida e carácter de Cristo como estando para além do alcance dos jovens de hoje, porque Ele "Sofreu toda a provação a que estamos sujeitos. E não exerceu em Seu próprio proveito nenhum poder que nos não seja abundantemente facultado. Como homem, enfrentou a tentação, e venceu-a no poder que Lhe foi dado por Deus. Diz Ele: 'Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração'. Salmo 40:8. Enquanto andava a fazer o bem e a curar todos os aflitos do diabo, patenteava aos homens o carácter da lei de Deus e a natureza do Seu serviço. A Sua vida testifica ser possível obedecermos também à lei de Deus." {DTN 12}, *O Desejado de Todas as Nações*, 24.

Nas numerosas ocasiões em que este e outros testemunhos semelhantes são citados, é vulgar o orador e os ouvintes pararem antes de aplicarem esta promessa às crianças. Geralmente falando, nunca ocorreu tanto ao pregador como à sua audiência, que crianças, desde os seus primeiros momentos, pudessem ser verdadeiramente renascidas e fossem abençoadas com a disposição de obedecer.

Nunca se pensou que as nossas crianças pudessem ser perfeitamente sem pecado como foi a criança Jesus. Mas, toda a questão da perfeita infância de Jesus é para nos assegurar que as nossas crianças têm perante si a oportunidade de serem abençoadas com a perfeição do carácter de Cristo. Como criança, Cristo sofreu toda a tentação que as crianças têm que enfrentar e venceu do mesmo modo aquilo que todas as crianças têm que vencer. Tão seguramente como Ele o pôde fazer, também as nossas crianças podem. O testemunho citado a seguir garante que Cristo, quando criança, é o exemplo e certeza para as crianças como é para os adultos.

"Jesus é o modelo perfeito, e o dever e privilégio de toda criança e jovem é imitar esse modelo. Tenham as crianças em mente que o menino Jesus tomara sobre Si a natureza humana, e estava na semelhança da carne do pecado, e era tentado por Satanás como todas as crianças são. Foi habilitado a resistir à tentação de Satanás por Sua confiança no poder divino de Seu Pai celeste, visto ser-Lhe sujeito à vontade, e obediente a todos os Seus mandamentos. Ele guardava os estatutos, preceitos e leis do Pai. Buscava continuamente conselho de Deus, e era obediente ao Seu querer." *Filhos e Filhas de Deus,* 128.

Mas, a fim de alcançar aquilo que Cristo fez, a criança deve andar nos mesmos passos de Cristo. O vitorioso Salvador nunca podia ter vivido uma vida perfeitamente justa se tivesse sido amaldiçoado com o espírito de desobediência. Isso teria sido impossível. Nenhuma quantidade de estudo bíblico, horas passadas em oração, preparo e disciplina, tê-l'O-iam qualificado para ser aquilo que foi e comportar-Se como comportou, se não tivesse sido abençoado com o espírito de obediência desde os Seus primeiros momentos de vida antes de nascer. O mesmo é verdade acerca das nossas crianças. A fim de copiar o perfeito padrão com a melhor vantagem possível, também elas devem ter o espírito de obediência desde os seus primeiros momentos de vida possível.

Isto não é dizer que aqueles que não foram abençoados com o espírito de obediência desde a sua concepção, não podem ser renascidos e viverem uma vida vitoriosa. A verdade que está a ser salientada aqui é que nenhuma criança pode viver uma vida cristã sem ser libertada do domínio do pecado e cheia com o espírito de obediência, e, quanto mais cedo na vida esta experiência for ganha, menos o pecado terá enfraquecido as faculdades e mais perto essa alma chegará do ponto de encontro com o Padrão. Quanto mais tarde na vida a libertação vier, maior será o dano provocado pelo destruidor que habita no interior, o pecado, e mais limitadas as alturas a que a alma pode aspirar nesta vida. Contudo, que ninguém seja desencorajado por estes factos. Que todos sejam encorajados pela verdade que não importa quão tarde na vida uma pessoa encontre o Salvador, está perante ela a oportunidade para crescer de modo assinalável na graça. Exactamente porque sois deixados com um talento depois de terdes perdido nove, não há proveito ou sabedoria em enterrá-lo no solo. Ser membro da família de Deus significa ter uma viva ligação e exige contínuo crescimento. O Senhor espera que cada crente faça o maior progresso possível sob as circunstâncias em que ele próprio se encontra.

Alguns podem argumentar que Cristo na Sua concepção teve uma infinita vantagem sobre a nossa concepção de modo que seria impossível viver como Ele viveu. Eles apontam para o facto que Ele foi concebido com uma natureza divina que habitava no interior da Sua natureza humana, ao passo que nós temos um dominador senhor do pecado mau controlando a nossa humanidade. Portanto,

eles afirmam que Cristo tinha uma disposição para obedecer, ao passo que nós somos amaldiçoados com uma poderosa propensão para desobedecer.

É verdade que esta diferença existe realmente entre Cristo e nós *no momento da concepção* e se esta situação tivesse que permanecer sem alteração, a conclusão tirada acima seria uma verdade demasiadamente ameaçadora. Mas, louvemos o Pai Eterno por toda a provisão que fez a fim de mudar esta situação em todo o ser humano assim que a concepção foi realizada. Quando os iluminados pais consagrados dão os passos necessários em verdadeira fé para libertar o filho acabado de conceber, então esse filho é colocado como Cristo em terreno vantajoso. Tal como Cristo era a habitação do divino na humanidade, assim será com as crianças dos verdadeiros crentes que dão os passos necessários para assegurar que isto é assim.

O glorioso resultado será que a criança é capaz de desenvolver os poderes não enfraquecidos sem a destruidora presença do pecado, mas com a revitalizadora energia de Deus fluindo para dentro e através dela a fim de a fortalecer e dar poder a toda a faculdade do seu ser. À medida que tais crianças crescem rumo à varonilidade, que grandiosos poderes para o bem estarão nelas! Com esse maravilhoso futuro à sua frente, que poderoso e arrebatador incentivo os pais têm para assegurar que os seus filhos sejam abençoados com estas vantagens.

Para apreciar realmente a verdade que Cristo não teve qualquer vantagem sobre nós, é necessário saber que não foi como Deus que Jesus enfrentou a tentação. Ele não venceu pelo Seu próprio poder omnipotente como Ser eterno. Todo o poder que Ele exerceu enquanto esteve na Terra foi adquirido e desenvolvido pela fé e comunhão com o Altíssimo.

“Mas preferiu entregar o cetro nas mãos de Seu Pai, e descer do trono do Universo, a fim de trazer luz aos entenebrecidos, e vida aos que estavam quase a perecer.” {DTN 11}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22, 23.

Entregar o ceptro nas mãos de Seu Pai significa muito mais do que simplesmente descer da posição. Isso também envolve renunciar aos poderes possuídos nessa posição. O Salvador de tal maneira deixou de ser omnipotente, omnipresente e omnisciente, como qualquer outro filho que jamais nasceu na caída, pecaminosa, carne e sangue mortais. Tal como eles, Ele não era todo-poderoso, omnipresente e omnisciente.

O modo como Cristo Se esvaziou a Si mesmo de todos os poderes que possuía e exercia quando era o omnipotente Rei dos reis e Senhor dos senhores, é mais facilmente visto na área da omnisciência. Quando Cristo nasceu não possuía todo o conhecimento que teria se não Se tivesse esvaziado a Si próprio para poder ficar nesta Terra como nós somos. Como um bebé, tinha apenas o conhecimento de qualquer outro bebé — nenhum.

Antes de vir à Terra, toda a história da Sua missão terrestre estava aberta para Ele. Conhecia todos os pormenores antes deles acontecerem, mas quando partiu do Céu, tudo isso ficou para trás. De facto, quando foi levado à Sua dedicação é descrito como “essa *inconsciente* criancinha. . .” {DTN 29}, *O Desejado de Todas as Nações*, 47.

Cristo nunca podia ter sido tentado como nós somos se conhecesse todas as coisas antes delas acontecerem. Evidentemente, pela segura palavra da profecia tinha conhecimento dos maiores acontecimentos que se haviam de passar, mas quando os pormenores chegaram, estavam escondidos d’Ele como estão de nós.

Dia a dia o Pai revelava os Seus planos ao Salvador e diariamente Ele ia onde quer que o Pai mandasse.

"Mas o Filho de Deus era submisso à vontade do Seu Pai e dependente do Seu poder. Jesus era tão plenamente vazio do próprio eu, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai desdobrava-os dia a dia. Assim devemos nós confiar em Deus, para que a nossa vida seja uma simples operação da Sua vontade." {DTN 139}, *O Desejado de Todas as Nações*, 208.

Há declarações feitas por Cristo que confirmam que Ele nem sempre teve a vantagem de conhecer em pormenor aquilo que o futuro Lhe reservava. Ele, por exemplo, confessou que não sabia o dia nem a hora do Seu segundo advento. Ele disse: "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no Céu, nem o Filho, senão o Pai." *Marcos* 13:32.

Houve então duas ocasiões em que Ele falou aos Seus discípulos acerca da Sua unidade com o Pai: "'Se vós Me conhecêsseis a Mim,' disse Jesus, 'também conheceríeis a Meu Pai; e já desde agora O conheceis e O tendes visto.' Mas os discípulos ainda não compreenderam. 'Senhor, mostra-nos o Pai,' exclamou Filipe, 'o que nos basta'.

"Admirado pela sua falta de compreensão, Cristo perguntou com dolorosa surpresa: 'Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido, Filipe?' Será possível que não vejas o Pai nas obras que Ele faz por Meu intermédio?" {DTN 470}, *O Desejado de Todas as Nações*, 663.

Cristo não Se teria admirado dolorosamente se conhecesse todas as coisas antes de acontecerem para dizer a Filipe o que disse. Para Cristo, o pedido dos discípulos foi bastante inesperado.

É também verdade que, tal como na experiência de qualquer profeta, também houve tempos em que Jesus sabia antecipadamente o que dizer ou fazer. Quando enviou os Seus discípulos a pedirem emprestado o jumento que montava ao entrar em Jerusalém, é um exemplo disto. Ele pôde assegurar aos Seus discípulos que o jumento seria emprestado. Ele disse, "E, se alguém vos disser alguma coisa, direis que o Senhor os há de mister: e logo os enviará." *Mateus* 21:3.

"Como predissera, o pedido foi prontamente satisfeito: 'O Senhor os há de mister.'" {DTN 399}, *O Desejado de Todas as Nações*, 570.

Este conhecimento prévio não estava n'Ele mesmo. Pelo contrário, tal como com todos os outros profetas, ganhou conhecimento destas coisas apenas quando o Espírito Santo as revelou.

Jesus obteve conhecimento como nós podemos obter, através de diligente e consistente estudo no qual o Espírito Santo de Deus abria a Sua mente para compreender a importância daquilo que estava a aprender. Portanto, todo o conhecimento que Ele tinha e a capacidade que desenvolveu foi adquirido, não herdado.

O mesmo é verdade a respeito do grandioso poder que se tornou Seu à medida que crescia na graça e favor de Deus e do homem. Toda a partícula dele foi adquirida. De Si mesmo nada podia fazer. Primeiramente tinha que receber de cima e em seguida usá-lo no ministério pelos outros. Relativamente a isto não havia diferença entre Ele e nós.

Uma chave indispensável na educação das crianças é a erradicação de um espírito e a sua substituição pelo outro. Até isto ser alcançado, Satanás é o seu pai e portanto o seu professor. Independentemente de quão fiéis os pais humanos

e professores da escola sabatina as ensinem nas verdades bíblicas, levem à igreja todas as semanas e as disciplinem, Deus não é o seu professor. Elas têm que renascer. Portanto, são ainda membros da família de Satanás, e, a menos que se regenerem, identificar-se-ão com ele no fim.

Se os pais compreendessem claramente isto, não colocariam a sua confiança nos exercícios religiosos para modificarem os seus filhos sem garantirem primeiro que eles possuíssem a santificação interior. Não descansariam até saberem primeiro pela fé e em seguida pelas evidências que o espírito de desobediência fora substituído pela nova natureza que se manifesta no espírito de obediência.

Embora seja preciso uma obra muito profunda e o total e exacto cumprimento dos procedimentos requeridos para tornar certo que os filhos são renascidos e devidamente educados, contudo, se a obra é fielmente feita, os resultados prometidos são absolutamente seguros. Deus prometeu salvar as crianças e Ele não falhará no cumprimento dessa promessa pois nunca falta à Sua palavra e porque deseja com infinita intensidade libertar os nossos pequeninos. Ele espera ardentemente que os pais sejam iluminados para compreenderem o que Deus fará e sejam tão cheios de fé viva que Lhe darão a sua mais completa cooperação na obra de salvar os nossos pequenos.

Os pais deviam começar esta obra tornando-se profundamente familiares com as promessas específicas que o Senhor fez quanto à salvação das crianças. À medida que as divinas certezas são encontradas, crede nelas simplesmente porque Deus as disse. Há grande poder neste tipo de fé. Ela traz os resultados prometidos.

Demos agora consideração a algumas destas promessas.

"Instrui o menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele." *Provérbios* 22:6.

Este testemunho contém uma ordem e uma promessa. A ordem é: "instrui o menino no caminho em que deve andar;" e a promessa feita sob essa condição é: "e até quando envelhecer não se desviará dele."

Deus nunca requer que o Seu povo faça o que é impossível. Portanto, tão certo como Ele ordena aos pais que instruam as suas crianças no caminho em que devem andar, assim é possível fazerem isso. Ninguém jamais apelará com sucesso no julgamento que Deus pedia demasiado quando lhe ordenou que instruísse os filhos nos Seus caminhos.

Evidentemente que numa idade de grande treva espiritual em que os caminhos de Deus estão escondidos do mundo, o Senhor compreende que o povo não saiba como ensinar os filhos no caminho em que devem andar. A culpa da perda das crianças que estão nestas circunstâncias não repousa tanto sobre os pais como sobre aqueles que mantiveram a luz afastada deles.

Hoje, contudo, estamos vivendo num tempo de grande luz e compreensão espiritual. Conhecemos os caminhos de Deus. Estamos a aprender como ensinar as crianças no caminho em devem andar e as crianças serão salvas.

Todo o mandamento que Deus faz é também a Sua garantia pessoal que Ele dará todos os instrumentos necessários para cumprir a ordem, pois nós sabemos que "todas as Suas ordens são promessas habilitadoras." {PJ 176}, *Parábolas de Jesus*, 333. Tudo o que o Senhor nos ordena fazer é acompanhado pela promessa, esteja declarado ou não, pois Ele fornecerá tudo o que é necessário para cumprir a ordem.

Há poucas coisas, se alguma, mais perigosa do que tentar tirar a presa a um animal selvagem como um leopardo, um leão, ou um tigre. Esta é uma tarefa aparentemente impossível, mas não para Deus. Por causa da queda do Homem os nossos maravilhosos filhos são pela lei cativos da mais feroz de todas as bestas, o diabo, mas o Altíssimo tem poder para os libertar totalmente deste terrível destruidor.

Aqueles que crêem neste princípio não terão dificuldade em reconhecer a promessa implícita na ordem para ensinar os filhos no caminho em que devem andar. Sabendo que seria impossível fazer isto enquanto os pequenos retivessem o espírito de desobediência e sabendo que nenhum ser humano tem o poder para resolver este problema importante, têm a certeza que, na resposta à poderosa oração da fé e à adopção de correctos procedimentos, Deus tirará este temível obstáculo e suprirá no seu lugar o espírito de obediência. Além disso, eles sabem que depois deste passo essencial, o Salvador proverá a sabedoria e poder para ensinar as crianças correctamente — um esforço que seria grandemente desperdiçado se a transformação da natureza não tivesse sido primeiramente realizada.

Esta promessa em particular é um testemunho muito poderoso e específico que não sugere a possibilidade de sucesso, mas que o garante. Não diz que se as crianças forem ensinadas no caminho em que devem andar, então algumas ou talvez mesmo a maioria caminharão eventualmente nesses caminhos. Não está expressa qualquer incerteza. Pelo contrário, em linguagem clara, directa e positiva

o Senhor declara que, se as condições especificadas forem satisfeitas na instrução das crianças, então, depois de crescerem, não se afastarão dos caminhos de Deus. Lede esta gloriosa promessa uma e outra vez até que o seu poder vivo tenha sido absorvido na própria vida. Quando tiverdes feito isto, sereis libertados de qualquer dúvida sobre a salvação dos vossos filhos. Sabereis que eles serão salvos. Isso é tão seguro quanto a promessa. Foi Deus que a fez e não pode falhar.

Esta não é a única Escritura que será o guia e força dos pais crentes. Aqui está outra de grande poder e certeza.

"Tirar-se-ia a presa ao valente? Acaso, os presos poderiam fugir ao tirano?

"Mas assim diz o Senhor: 'Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano fugirá, porque eu contenderei com os que contendem contigo e salvarei os teus filhos.'" *Isaías* 49:24, 25. (JFA Revista Atualizada).

Quem é o valente a quem se faz a pergunta se os cativos lhe podem ser tirados? É Satanás que trabalha para destruir toda a criação de Deus.

Esta questão nunca devia levantar-se. Ela levanta-se apenas porque os homens conhecem há tanto tempo o despotismo do pecado e do seu autor, enquanto permanecem totalmente ignorantes do poder salvador de Deus. Portanto, eles vêem no futuro apenas a continuação da servidão a este valente. Assim, quando lhes chega a certeza que os seus filhos podem ser salvos, naturalmente respondem perguntando, "Tirar-se-ia a presa ao valente?" É a libertação realmente possível?

O próprio Deus responde à pergunta em termos sonantes:

"Por certo que os presos se tirarão ao valente,

"E a presa do tirano escapará. . . E os teus filhos remirei."

Uma vez mais, isto não é um som hesitante e incerto. O Soberano do universo, o todo-poderoso Criador dos céus e da terra, o Senhor de uma criação infinita, não declara que o fará numa linguagem de dúbias possibilidades. Não diz que, provavelmente, a presa será liberta e os filhos possivelmente salvos. Ele disse que *escapariam* e que *remiria os filhos*.

E porque é isto assim? Como pode o mais Poderoso de todos falar com tanta certeza que haverá sucesso nesta obra? É porque Ele próprio fará a obra. Tomai cuidadosa nota das Suas palavras: "Porque *Eu* contenderei com os que contendem contigo, e os teus filhos *remirei*."

Um dos erros mais graves cometidos por aqueles que estão verdadeira e honestamente procurando obter a vida eterna para si mesmos e para os seus filhos, é contenderem com aqueles que contendem consigo. É o objectivo constante de Satanás atrair-nos à batalha com ele, porque sabe que não somos capazes de enfrentar o seu tremendo poder. Durante quase seis mil anos ele tem sido bem-sucedido em desviar o povo de Deus da protecção que o Altíssimo lhes preparou, a fim de lhes infligir uma miserável derrota após derrota. Agora, ele é um lutador muito experiente, hábil e poderoso contra quem não temos o poder necessário para batalhar vitoriosamente. Mas nem temos que o ter. Deus não promete dar-nos força para lutar contra o maligno. Ele diz, "Eu contenderei com ele".

Ora, isso são notícias maravilhosas. É uma verdade que, uma vez aprendida e praticada, garantirá que a vida cristã é uma série de ininterruptas vitórias. Foi quando Jeosafá agiu neste princípio que lhe foi concedida a mais importante vitória contra os seus inimigos acima de todas as que lhe foram concedidas. A lição serve para todos os tempos.

"E sucedeu que, depois disto, os filhos de Moabe e os filhos de Amom, e com eles alguns outros dos amonitas, vieram à peleja contra Jeosafá." *2 Crónicas* 20:1.

Quando o rei recebeu a notícia receou a ameaça, mas não se preparou para a batalha com estas nações através de quem Satanás procurava lutar com ele e Judá. Em vez disso, entregou toda a ameaça nas mãos de Deus e esperou a solução. A resposta veio rapidamente. Deus ordenou ao profeta Jaaziel, avisar o rei e o povo que não precisavam preocupar-se, ". . . pois a peleja não é vossa, mas de Deus." *2 Crónicas* 20:15.

Foi-lhe então assegurado, "Neste encontro, não tereis de pelejar; tomai posição, ficai parados e vede o salvamento que o Senhor vos dará, ó Judá e Jerusalém. Não temais, nem vos assusteis; amanhã, saí-lhes ao encontro, porque o Senhor é convosco." *2 Crónicas* 20:17.

No dia seguinte, tal como fora ordenado, foram para o campo de batalha, não para lutar, pois o Senhor já o havia feito, mas para testemunhar a vitória já obtida. Assim eles quando chegaram, verificaram que os seus inimigos tinham-se matado uns aos outros até não haver um com vida. Então as nações que os rodeavam temeram o Senhor que podia fazer coisas maravilhosas pelo Seu povo. Nem Satanás nem os seus seguidores têm desejo de lutar contra Deus, mas apenas contra o Seu povo. Quando os filhos do Senhor permitem que Ele faça a obra, Sua por direito, de combater os inimigos, Satanás e os seus seguidores sofrem sempre uma desastrosa derrota. Nada é mais certo.

Jeosafá não é um caso especial. Pelo contrário, é o modo como Deus fará sempre a Sua obra necessitando apenas que O deixem fazê-la à Sua maneira. A batalha contra o pecado e Satanás nunca é nossa. Ela pertence sempre a Deus. Então nunca permitamos que ela se torne nossa mas de Deus. Recordai sempre o título do livro a que chamamos *O Grande Conflito*. O título completo é, *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*. Não é, e nunca pode ser *O Grande Conflito Entre Nós e Satanás!*

Assim o verdadeiro cristão nunca sai para lutar contra Satanás ou para obter a vitória sobre ele. Em primeiro lugar, obtém a vitória, que vem como um dom de Jesus Cristo, em seguida sai para enfrentar um inimigo já vencido e seus seguidores. À medida que Cristo contemplava o triunfo que havia de alcançar sobre o diabo, compreendeu a maravilhosa herança de vitória que estava transmitindo aos Seus filhos, tal como está escrito:

"Daí em diante os seguidores de Cristo haviam de olhar a Satanás como inimigo vencido. Na cruz havia de alcançar a vitória por eles; essa vitória queria Jesus que aceitassem como deles mesmos. 'Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum'. Lucas 10:19.

"A onipotente força do Espírito Santo é a defesa de toda alma contrita. A ninguém que, em arrependimento e fé, haja invocado Sua proteção, permitirá Cristo que caia sob o poder do inimigo. O Salvador Se acha ao lado de Suas criaturas tentadas e provadas. Com Ele não pode haver coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota; podemos fazer todas as coisas por meio dAquele que nos fortalece. Ao sobrevirem as tentações e provas, não espereis até haverdes ajustado todas as dificuldades, mas olhai a Jesus, vosso ajudador." {DTN 347}, *O Desejado de Todas as Nações*, 533, 534.

Assim, o cristão, não importa qual possa ser a sua idade, não sai para obter a vitória sobre Satanás. Primeiramente, em comunhão com a Eterna Fonte do poder infinito, recebe a vitória, *em seguida* sai para enfrentar o adversário. Todos os pais podem enfrentar as lutas da vida desta forma e, quando o fazem, não conhecem coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota. Os mesmos princípios e

promessas são bons também para as crianças. Os pais devem guiar os seus filhos todos os dias à presença do Redentor que lhes dará novos suprimentos de graça para esse dia. Havendo consagrado os seus pequenos ao Mestre, os pais podem descansar na certeza que o Poderoso contenderá com o inimigo e salvará dele as crianças.

Deus prometeu especificamente salvar as nossas crianças. Para alcançar o que prometeu necessita apenas de um meio infalível, o evangelho de Jesus Cristo, o poder de Deus para salvar do pecado, como está escrito:

"Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, e também do grego." *Romanos* 1:16.

Há o grande perigo que este ponto passe sem a sua significação fundamental ser vista. Deus diz que *salvará* os filhos e é pelo evangelho que Ele o faz. Portanto, toda a obra da salvação dos filhos não é mais do que o ministério do evangelho e toda a aplicação é um procedimento evangélico. Isto significa por seu lado que cada pessoa que toma a obra e responsabilidade de pai assume desse modo o papel de um ministro do evangelho. Conclui-se então que essa pessoa nunca deve levar a cabo esta solene responsabilidade sem estar qualificada para o fazer. Para ser pai tem que se saber com certeza qual é o problema, a forma como o Senhor o resolverá pela remoção da velha natureza e sua substituição com a nova vida de Cristo e aquilo que Ele fará pelas crianças quando essa altura chega mesmo que eles, como pais, tenham experimentado isso por si mesmos. Quando estas condições são satisfeitas, Deus pode operar com esses pais renascidos, dedicados e iluminados para efectuar a salvação dos filhos.

A qualquer leitor que continue à procura destas qualificações e deseje informação prática de como alcançá-las indicam-se as seguintes publicações como volumes complementares deste livro publicados pelo autor desta publicação. Eles são: *Da Escravidão para a Liberdade*, *Confissão Aceitável*, *A Vida em Justiça*, *Os Vivos e os Mortos* e *Renascimento e Reforma*. Por causa da mensagem básica do evangelho ter sido exposta nestes livros, não repetiremos aqui essa informação.

Os pais que já estudaram as mensagens destes livros e em consequência experimentaram o poder transformador do evangelho antes de lerem este volume estarão em clara vantagem. Serão eles que melhor podem compreender a promessa que o Senhor salvará os seus filhos. Saberão que esta é a certeza de Deus, que o evangelho proporcionará libertação do pecado tanto para as crianças como para os adultos. De facto, quanto mais cedo a solução for aplicada, melhores serão os resultados.

Todos os pais que compreendem estas promessas serão capazes de dizer no maravilhoso dia final: "Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor!

"Como sinais e maravilhas em Israel da parte do Senhor dos Exércitos,

"Que habita no monte de Sião." *Isaías* 8:18.

Para entender alguma coisa do significado deste testemunho, deve ser alcançada uma compreensão daquilo que, em termos bíblicos, um sinal e uma maravilha em Israel realmente é. Isto é maravilhosamente explicado no parágrafo seguinte:

"Quando se apresenta em nossa época a mensagem da verdade, há muitos que, como os judeus, exclamam: 'Mostrai-nos um sinal. Operai-nos um milagre.' Cristo não operou nenhum milagre a pedido dos fariseus. Não fizera milagre algum no deserto, em resposta às insinuações de Satanás. Não nos comunica poder para

nos vindicarmos a nós mesmos ou satisfazer às exigências da incredulidade e do orgulho. Mas o evangelho não deixa de mostrar o sinal de sua origem divina. Não é um milagre que nos possamos libertar do cativeiro de Satanás? A inimizade contra Satanás não é natural ao coração humano; é implantada pela graça de Deus. Quando a pessoa que era dominada por uma vontade obstinada e má é posta em liberdade, e se entrega de todo o coração à influência dos celestiais instrumentos de Deus, opera-se um milagre; assim também quando um homem esteve sob o poder de forte ilusão, e chega a compreender a verdade moral. Toda vez que uma alma se converte, e aprende a amar a Deus e guardar-Lhe os mandamentos, cumpre-se a promessa por Ele feita: 'E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo'. Ezequiel 36:26. A mudança do coração humano, a transformação do caráter, é um milagre que revela um Salvador sempre vivo, operando para salvar almas. Uma vida coerente em Cristo, é grande milagre. Na pregação da Palavra de Deus, o sinal que se devia manifestar então e sempre, é a presença do Espírito Santo a fim de tornar a palavra uma força regeneradora para os que a ouvem. Esta é a testemunha de Deus perante o mundo, quanto à divina missão de Seu Filho." {DTN 285}, *O Desejado de Todas as Nações*, 407.

Neste parágrafo, apenas um sinal é referido como evidência que a palavra de Deus tem sido verdadeiramente pregada — que o Espírito Santo tem estado presente para fazer da palavra um poder regenerador para todos aqueles que ouvem. Sem o ministério do Espírito Santo, a palavra de Deus não tem poder para fazer o que quer que seja, mas com essa omnipotente Presença, a palavra tem a capacidade de realmente criar uma nova vida divina de perfeita justiça no coração do suplicante. Considerai bem esta verdade para que o seu significado essencial não seja perdido por vós. Aprendei a procurar o sinal que prova que essa palavra tem sido verdadeiramente pregada — o estabelecimento no ouvinte, seja criança ou adulto, da vida de perfeita justiça.

É muito necessário que esta disciplina seja estabelecida, porque há muitos sinais enganadores que acompanham os falsos evangelhos — a impressionante manifestação de grande poder, maravilhosos sentimentos de arrebatamento, as aparentes verdadeiras conversões, o estabelecimento de rectidão exterior e a criação de intenso zelo missionário. Estes são tipos de testemunhos que as pessoas acham tão admiráveis, atraentes e convincentes e é verdade que alguns deles também acompanham a pregação do verdadeiro evangelho, mas a sua presença nunca nega a verdade que o verdadeiro sinal manifestado apenas está na presença do Espírito Santo para tornar a verdade um poder regenerador. É um sinal que apenas pode ser verdadeiramente conhecido por aqueles que realmente o experimentam. Para os demais é um mistério fora da sua compreensão.

A mesma maravilhosa verdade está expressa em *Isaías* 55:13.

"Em lugar do espinheiro crescerá a faia,

"E em lugar da sarça crescerá a murta;

"O que será para o Senhor por nome, por sinal eterno, que nunca se apagará." *Isaías* 55:13.

O espinheiro e a sarça aqui referidos são símbolo da natureza má que é substituída pela nova natureza simbolicamente referida neste versículo como a faia e a murta. Esta é uma representação figurativa da experiência da conversão, a obra do Espírito Santo como poder regenerador para todos aqueles que ouvem. É este o sinal que o Senhor tem dado. Sempre que um homem é convertido em resultado deste poder transformador, o sinal divino é estabelecido.

Quando os pais podem estar em pé perante o Senhor e dizer tanto agora como no lar vindouro, “aqui estou com os filhos que o Senhor me deu! somos para sinais e maravilhas em Israel”, Estão declarando o facto que os filhos experimentaram a mesma conversão que eles. Ambos possuem o sinal da obra regeneradora do Espírito Santo.

Tem havido demasiada tendência para os pais adiarem qualquer esperança de ver genuínas conversões acontecerem nas suas crianças até elas alcançarem uma idade de responsabilidade pessoal. Porém, isto é um triste erro. Em vez disso, é necessário que se compreenda que, numa surpreendente pouca idade, uma criança pode compreender o problema do pecado, pode compreender o que lhe está sendo oferecido no plano da salvação, pode alcançar e compreender a salvadora graça de Deus e pode viver uma vida de pureza e obediência.

Não há nada mais certo do que, se uma criança for educada pelos procedimentos de acordo com os princípios que Deus estabeleceu, com certeza permanecerá fiel a Deus e à Sua justiça todos os dias da sua vida. Ela nunca se afastará da fé de Jesus. É com toda a confiança que todos os iluminados pais cristãos podem agarrar esta promessa e crer nela.

Entretanto, os pais não devem esperar pelos primeiros raios de inteligência antes de darem os passos para assegurarem que o seu filho é renascido. Muito tempo antes da criança poder compreender e decidir por si mesma, é o privilégio e responsabilidade dos pais tomarem esta decisão por ela. Desta forma, desde os primeiros momentos do bebé, será um sinal e uma maravilha que nunca se apagará.

Não deve ser esquecido que toda a promessa do evangelho divino feita ao adulto é igualmente aplicável e eficaz nas vidas dos mais pequenos se estas promessas forem compreendidas e aplicadas pela fé.

“As promessas de Deus são feitas tanto às crianças e jovens, como aos de idade mais madura. Quando quer que Deus tenha feito uma promessa, façam os jovens e as crianças dela uma petição, e roguem ao Senhor que lhes faça em sua vida aquelas coisas que fez em favor de Jesus, Seu Filho unigênito quando, na necessidade humana, Se volveu para Ele, pedindo o que necessitava. Todas as bênçãos que o Pai prometeu para os que têm uma experiência mais madura, deu para crianças e jovens através de Jesus Cristo.” *Filhos e Filhas de Deus*, 128. (vede texto original *Sons and Daughters of God*, 128.)

Estas palavras contêm a maravilhosa certeza de Deus que a conversão pode ser tão completa e profundamente experimentada tanto pelas crianças como pelos adultos. Pensai precisamente nisto! “Todas as bênçãos que o Pai prometeu para os que têm uma experiência mais madura, deu para crianças e jovens através de Jesus Cristo.” *Filhos e Filhas de Deus,* 128.

Que os pais e mães que foram eles próprios libertos através das salvadoras provisões do evangelho, recordem as grandes Escrituras pelas quais foram mais abençoados à medida que aquelas promessas eficazmente operaram neles para resolver o seu problema do pecado e os dotou com as suaves graças do santo carácter de Cristo. Em seguida, tomem pela fé a feliz certeza que Deus fará as mesmas coisas pelas suas crianças que fez por eles. Para os que podem crer, reivindicar e aplicar estas maravilhosas promessas, o evangelho tornar-se-á na verdade o poder de Deus para transformar as crianças. Oh! Que felizes e unidas famílias resultarão e que proveitosa colheita para o reino! Quão diferentes e abençoados os governos do lar se tornarão!

Todo o infante, criança e jovem pode e deve ser como Jesus quando passou por todas estas fases. Para que isto aconteça, eles devem estar tão livres do espírito de desobediência, como cheios do carácter de Deus e tão bem preparados pelos seus pais e pelo Espírito Santo como Ele estava.

Deus fez toda a provisão para que tudo isto fosse assim. Ele prometeu contender com o maligno; salvar as crianças através do Seu poder, o evangelho; fazer que toda a promessa operasse neles tão seguramente como nos seus pais; e fazer deles sinais e maravilhas em Israel para sempre. Que maior garantia para uma bem-sucedida educação das crianças podiam os pais pedir além desta?

Para aqueles pais que, em viva fé, crêem nas certezas que Deus tem dado, compreendem os princípios envolvidos e diligentemente aplicam os procedimentos estabelecidos nas Escrituras, a salvação das suas crianças é uma certeza. O que podia fazer os pais mais felizes do que isto?

Capítulo 9

Podeis Escolher Pelos Vossos Filhos

Por causa dos cristãos saberem que ninguém pode escolher ser salvo por outro, é geralmente crido que uma criança não pode experimentar a salvação até ter idade suficiente para compreender a sua ciência e ser capaz de fazer a escolha inteligente sobre este assunto. É por isto que o baptismo infantil não é praticado na verdadeira igreja cristã. Os testemunhos que se seguem são exemplos dos muitos que podem ser citados para defender a verdade que ninguém pode ser salvo na base da decisão de outro.

"A obra de purificação é uma obra individual. Ninguém pode fazer esta obra por outro." *S.D.A. Bible Commentary* 7:918.

"O aproximar-se de Deus deve tornar-se uma obra individual. Ninguém pode ser salvo por procuração; mas todo homem e mulher deve operar sua própria 'salvação com temor e tremor.'" *Testemunhos para a Igreja* 4:610.

"Ainda que estivessem no meio dela estes três homens, Noé, Daniel, e Jó, eles pela sua justiça livrariam apenas a sua alma, diz o Senhor Jeová.

"Se Eu fizer passar pela Terra nocivas alimárias, e elas assolarem, que fique assolada, e ninguém possa passar por ela por causa das feras;

"Ainda que esses três homens estivessem no meio dela, vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que nem a filhos nem a filhas livrariam; eles só ficariam livres, e a Terra seria assolada.

"Ou, se Eu trouxer a espada sobre a tal terra, e disser: 'Espada, passa pela terra;' e Eu arrancar dela homens e animais;

"Ainda que aqueles três homens estivessem nela, vivo Eu diz o Senhor Jeová, que nem filhos, nem filhas livrariam, mas eles só ficariam livres.

"Ou, se Eu enviar a peste sobre a tal terra, e derramar o Meu furor sobre ela com sangue, para arrancar dela homens e animais;

"Ainda que Noé, Daniel e Jó estivessem no meio dela, vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que nem filho nem filha eles livrariam, mas só livrariam as suas próprias almas pela sua justiça." *Ezequiel* 14:14-20.

"Ensine-se às crianças que, franqueando elas à mente pensamentos puros e amoráveis, e praticando acções amáveis auxiliadoras, se estão vestindo com Suas

belas vestes de carácter. Este traje fá-las-á belas e amadas aqui, e depois será o seu direito de admissão no palácio do Rei. Sua promessa é:

"'Comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso.'" *O Lar Adventista*, 536.

Estas palavras são absolutamente verdadeiras quando aplicadas dentro do seu correcto contexto, embora elas tenham a tendência de levar uma pessoa à conclusão que nenhuns pais podem tomar a decisão de aceitar a salvação de Deus para os seus filhos. Contudo, felizmente, há outro factor de equilíbrio envolvido. Quando isto é considerado, será visto que os testemunhos e textos citados atrás se aplicam àqueles que chegaram a uma idade em que podem escolher por si próprios. Antes desse tempo, por causa da mente dos pais ser a força de decisão apontada por Deus na vida do filho, o pai e a mãe podem e devem dedicar a criança a Deus e prometer a sua obediência às leis e princípios de Deus. O mesmo Altíssimo e totalmente consistente Deus que declarou nas palavras acima citadas que ninguém pode escolher a salvação para outro, ao mesmo tempo ordena aos pais que tomem decisões vitais em favor dos seus filhos que são demasiado jovens para as tomarem por si mesmos.

Um exemplo específico disto foi a ordem divina para a circuncisão de todo o macho com apenas oito dias como *uma promessa que a obediência do filho à lei de Deus* e a dedicação de todo o primogénito da idade de quarenta dias para uma vida inteira de serviço à causa de Deus. À primeira vista estas cerimónias podem não parecer mais do que rituais, mas o facto real é que estes serviços eram altamente significativos.

Considerai a circuncisão. Especificamente era a própria assinatura do concerto da justiça e obediência. Aquele que compreendia o que estava a fazer e inteligentemente entrava no rito da circuncisão estava a fazer uma solene promessa de obediência baseada na decisão pessoal de o fazer. O rito físico foi requerido desde os dias de Abraão até ao Calvário, ao passo que a sua contrapartida espiritual foi sempre requerida para o bem-sucedido recebimento da bênção da salvação.

Deus fez a Abrão e Sarai a promessa específica que eles seriam pais de um certo filho através de quem a linhagem do Redentor do mundo havia de nascer. Nada havia que aquelas duas pessoas maravilhosas quisessem mais do que o cumprimento dessa promessa. Desejaram a chegada desse filho e o vitorioso estabelecimento do reino de Deus. Dedicaram-se totalmente ao divino propósito e estavam preparados para fazer qualquer sacrifício necessário para alcançar os seus objectivos. Tudo isto era altamente recomendável e deu-lhes grande favor aos olhos de Deus.

Todavia, passaram muitos anos sem o nascimento do filho prometido simplesmente porque Abrão e Sarai não tinham desenvolvido a fé necessária para a promessa ser realizada. Por fim, com grande preocupação pela prosperidade da obra do Senhor e em face do seu receio acumulado que se algo não fosse feito para assegurar o nascimento do filho, seria demasiado tarde, elaboraram o plano pelo qual através de Agar, Abrão teria um filho, o qual eles acreditavam ser *o* filho.

Enquanto punham o plano em prática, criam totalmente que estavam a fazer o melhor para a obra de Deus, para o reino e para si próprios e estavam confiantes que tudo estava sendo feito em justiça. A intensidade da sua devoção à causa de Deus, o seu grande desejo de ver almas salvas e o manifesto espírito de sacrifício que os possuía, deu-lhes uma bela capa de ovelha para cobrir o lobo. Assim a

verdadeira natureza daquilo que faziam estava escondido da sua vista. Aquilo que pensavam ser obediência e justiça era realmente desobediência e injustiça e o facto de não poderem ver as coisas como elas eram não alterou a iniquidade disso por um instante. Nem os seus excelentes motivos e terno amor transformaram a sua iniquidade em justiça.

Especificamente, eles quebraram cada um dos dez mandamentos. Caindo no mesmo erro tantas vezes cometido pelo sincero e terno povo de Deus ". . . de tomar nas próprias mãos a obra que Deus prometera fazer", {PP 173}, *Patriarcas e Profetas*, 247, usurpando o lugar de Deus. Além disso, porque somente Deus tem poder para cumprir as Suas promessas, ao tirarem essa obra das Suas mãos, exaltaram-se a si mesmos ao nível de Deus. Involuntariamente caíram na armadilha de se tornarem Deus no lugar de Deus, uma violação específica do primeiro mandamento.

Tinham tomado o lugar de Deus como cabeça da sua igreja, mas o seu comportamento na usurpação da Sua posição significa que tinham tomado em vão e muito certamente negaram o princípio do sábado que admite unicamente um Solucionador de problemas, o Senhor Jeová. Ismael tornou-se então uma imagem esculpida levantada no lugar da verdadeira adoração.

A sua suposta justificação para gerar Ismael era que Deus não estava a fazer o que tinha prometido. Isto era levantar um falso testemunho contra Ele, pois acusava-O de ser infiel à Sua palavra e portanto de ser um enganador, um mentiroso. Desse modo, eles uniram forças com outro marido, Satanás e ao fazê-lo, cometeram adultério espiritual que é separação de Deus. Afastamento de Deus é rompimento com a vida. Aqueles que dão esse passo transgridem o mandamento, "Não matarás". Ê*xodo* 20:13. A cobiça manifestou-se no seu desejo de usurpar a posição de Deus de modo a poderem resolver o problema. Se o Senhor não fizesse o que prometeu, então eles sentiam que deviam fazê-lo por Ele. Inveja leva sempre ao roubo da posição que pertence apenas a Deus. Assim os filhos de Deus não iluminados desonram o seu Pai celestial do mesmo modo como desonram os terrestres. Todos os mandamentos são especificamente quebrados.

O nascimento de Isaque apenas podia acontecer se Abrão e Sarai chegassem primeiramente à compreensão do verdadeiro carácter dos seus esforços para conseguirem o herdeiro prometido através de Agar. Depois desta convicção se fixar neles, tinham que rejeitar esse caminho não consagrado com profundo e duradouro arrependimento. Isto tinha que ser seguido com a entrada num concerto muito solene com Deus que O serviriam daí em diante para sempre em verdadeira e não suposta justiça. Como assinatura desse concerto, foi introduzida e requerida a circuncisão.

Ninguém podia ser verdadeiramente circuncidado a menos que compreendesse as totais implicações daquilo a que estava a entregar-se. A circuncisão era uma solene e convidativa promessa para renunciar a todas as formas de construção do reino que de qualquer modo siga os procedimentos de Abrão e Sarai ao gerarem Ismael. E esse é apenas o primeiro passo. Em seguida, com igual solene e dedicado propósito iluminado, o participante declara que servirá o Senhor de acordo com os Seus caminhos e procedimentos. Confiará sempre no Altíssimo para fazer o que prometeu e que somente Ele tem poder para fazer. Viverá em estrito acordo com os princípios do repouso do sábado.[1]

---

[1] Vede *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, por F.T. Wright, disponível na Casa Publicadora da Igreja do Repouso do Sábado, (Sabbath Rest Church).

Assim torna-se evidente que a circuncisão era um passo muito responsável a dar e um passo que o Senhor considera louvável de toda a alma que assim se dedicou a Deus. Este tipo de entrega que apenas pode ser feito por uma pessoa inteligente que cuidadosamente estudou os termos do contrato e alcançou a idade responsável. Não era o tipo de decisão que alguém esperasse que Jeová pedisse a uma criança.

Contudo, Deus especificava que os bebés tinham que ser circuncidados aos oito dias. Uma pessoa podia ter a tendência de dispensar a realização do rito nesta idade por ser uma mera cerimónia, mas isto não pode ser feito. A circuncisão nessa tão tenra idade era a assinatura do concerto por parte do bebé tão verdadeiramente como se ele tivesse recebido a ordenança como um adulto inteligente. Que isto é assim é confirmado pelo seguinte relato da circuncisão de Cristo:

"Cerca de quarenta dias depois do nascimento de Cristo, José e Maria levaram-n'O a Jerusalém, para O apresentar ao Senhor, e oferecer sacrifício. Isso estava de acordo com a lei judaica e, como substituto do homem, Cristo Se devia conformar com a lei em todos os particulares. Já havia sido submetido ao rito da circuncisão, como penhor de Sua submissão à lei.

"Como oferta da parte da mãe, a lei exigia um cordeiro de um ano para holocausto, e um pombinho novo ou uma rola como oferta pelo pecado. Mas a lei prescrevia que, se os pais fossem demasiado pobres para levar um cordeiro, seria aceito um par de rolas ou dois pombinhos, um para holocausto, e outro como oferta pelo pecado." {DTN 27}, *O Desejado de Todas as Nações*, 50.

O bebé Jesus foi circuncidado ao oitavo dia como promessa da Sua obediência à lei de Deus. Ele era certamente demasiado novo para escolher por Si mesmo. Deus pediu que os Seus pais tomassem a decisão por Ele. De facto, a todos os pais judeus era exigido que tomassem a mesma decisão pelos seus filhos. Semelhantemente hoje, o Altíssimo requer que todos os pais cristãos tomem aquelas decisões pelos seus filhos que assegurem a dedicação deles a uma obediência por toda a vida. Isto deve ser feito quando os seus bebés ainda são demasiados novos para tomarem essas decisões por si próprios.

A circuncisão de Cristo era uma *promessa* da *Sua* obediência à lei. Nesse dia, foi assinado o solene concerto, foi assinado o compromisso e dada a dedicada certeza que Ele consistente e fielmente serviria Deus em verdadeira justiça. Não há dúvida que a *promessa* foi feita nesse dia. A circuncisão não era um mero ritual, não era um vazio cumprimento de uma obrigação cerimonial. Era entrega total de facto e a isso Ele foi e para sempre será completamente fiel.

A promessa foi feita nesse dia, *mas não foi Cristo o bebé que a fez*. Tal como outra criança nessa tenra idade, Ele era incapaz de compreender o passo que estava a dar. Então, se Ele não podia e não o fez por Si mesmo, quem o fez em Seu lugar? Obviamente, foram os Seus pais que o fizeram *sob a ordem de Deus*. Foram eles que, em Seu lugar, cumpriram o requisito e teve tanto significado e O comprometeu como se Ele tivesse idade suficiente para compreender e tomar estas decisões por Si próprio.

Jesus Cristo é o nosso exemplo em todas as coisas. Portanto, se foi Deus que ordenou aos Seus pais que tomassem por Ele uma decisão tão importante que o comprometeu com uma promessa de obediência a Deus para sempre, então *Deus* espera que os pais hoje tomem importantes decisões a respeito da salvação pessoal das suas crianças. Aquilo que Ele espera que os pais façam lhes dará poder para fazerem, porque, "Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras." {PJ 176}, *Parábolas de Jesus*, 333.

Por conseguinte, estai seguros que quando um pai e uma mãe verdadeiramente convertidos, iluminados e cheios de fé confessam a presença do espírito de desobediência no seu filho que ainda não nasceu e reclamam para o seu pequenino a promessa de Deus da libertação e subsequente implantação da divina semente de Cristo na qual está o próprio espírito de obediência, *o Altíssimo o fará*. O bebé que ainda não nasceu entrará no mundo como Jesus entrou, um ser divino-humano.

A história da circuncisão de Cristo e o significado da promessa ali feita é apenas um testemunho do maravilhoso facto que repousa sobre os pais a oportunidade de escolher a salvação para os filhos demasiado jovens para tomarem por si próprios a decisão. Esta questão é tão importante para a salvação das crianças que ninguém esperaria positivamente encontrar testemunho adicional para confirmar esta verdade. Alguém poderia prever que houvesse declarações sobre outros bebés que fossem abençoados como Jesus foi com base nas decisões tomadas pelos pais.

Dois desses exemplos são João Baptista e o profeta Jeremias. Do profeta do deserto está escrito: ". . . Será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe." *Lucas* 1:15.

Ninguém pode ser cheio com o Espírito Santo enquanto não for libertado da velha natureza pecaminosa, normalmente chamada senhor do pecado, o velho homem, ou o espírito de desobediência. Ser cheio do Espírito Santo é portanto a evidência que essa pessoa é um cristão de facto renascido. Nenhuma outra conclusão pode ser tirada a respeito de João Baptista senão essa, desde o ventre de sua mãe, ele era uma nova criatura em Cristo Jesus. Por outras palavras, João foi convertido antes de poder escolher por si mesmo.

Isto é igualmente verdade a respeito de Jeremias de quem Deus disse: ". . . Antes que te formasse no ventre Te conheci. . ." *Jeremias* 1:5.

Ser santificado significa ser tornado santo, um processo que descreve a experiência da conversão. Por este meio a velha, não santificada natureza é removida e a vida santa de Cristo é colocada no seu lugar. A mesma conclusão deve ser tirada a respeito de Jeremias tal como foi quanto a João Baptista — ele foi convertido antes de poder escolher por si mesmo.

Há os que põem de parte o cedo renascimento destes homens como casos especiais em que o Senhor derramou extraordinários dons a fim de alcançar notáveis resultados. Mas Deus não age deste modo. Ele não tem uma classe escolhida sobre quem derrama dons que os restantes homens não possam

receber. Aquilo com que estes dois homens foram abençoados também está livremente disponível para todos os outros filhos de Adão. Tudo depende se os pais compreendem os seus privilégios e responsabilidades como é tornado evidente neste testemunho:

"Vão as mães ter com Jesus, apresentando-Lhe suas perplexidades. Encontrarão suficiente graça para as ajudar na educação dos filhos. As portas acham-se abertas a toda mãe que desejar depor seus fardos aos pés do Salvador. Aquele que disse: 'Deixai vir a Mim os pequeninos e não os impeçais', convida ainda as mães a conduzirem os pequeninos para serem por Ele abençoados. Mesmo o nenê nos braços maternos pode permanecer como sob a sombra do Onipotente, mediante a fé de uma mãe que ora. João Batista foi cheio do Espírito Santo desde seu nascimento. Se vivemos em comunhão com Deus, também nós podemos esperar que o Espírito divino molde nossos pequenos já desde os primeiros momentos." {DTN 360}, *O Desejado de Todas as Nações*, 512.

Nenhuma distinção é feita neste parágrafo entre a bênção da conversão desde os primeiros momentos de João Baptista e aquela que os nossos filhos podem ter. Pelo contrário, a experiência de João Baptista é citada para confirmar a verdade que a mesma bênção é válida para todas as crianças desde que os pais cumpram os requisitos especificados. A condição é que: "Se vivermos em comunhão com Deus," a promessa é que o Espírito Santo moldará os nossos pequeninos, "desde os seus *primeiros* momentos."

Especificamente, o que são os nossos *primeiros* momentos de existência? É quando a nossa concepção tem lugar! Aqui é dada a promessa divina que o Espírito Santo moldará as faculdades espirituais, morais e mentais desse momento em diante tal como fez com João Baptista.

A questão é que tanto Jeremias quanto João Batista experimentaram a conversão jovens demais para que ambos tivessem sido capazes de fazer a escolha necessária por si mesmos. Isso é bastante óbvio, já que ambos ainda não tinham nascido nessa altura. Mas, é uma lei que nenhum ser humano, não importa a idade, pode ser abençoado com a salvação a menos que a decisão de o aceitar seja feita pelo ser humano responsável por esse indivíduo — os pais, no caso de crianças demasiado jovens para o fazerem por si mesmas; ou a própria pessoa noutros casos. Deus não pode e não toma a decisão. Ele convida-nos, mas deixa a aceitação inteiramente connosco.

Portanto, se tivessem que ser dados passos positivos por alguns seres humanos inteligentes, iluminados e consagrados antes dos nascimentos de Jeremias e João Batista para assegurar que eles fossem convertidos ou santificados desde o ventre, quem eram esses indivíduos? Para esta pergunta só pode haver uma resposta — os seus pais, Hilquias e a sua esposa no caso de Jeremias, e Zacarias e Isabel no caso de João Batista. Na verdade, não há mais ninguém que possa fazer isso em nome de outro, excepto os pais. Se os pais estiverem mortos, se a criança foi adoptada, então esperamos que aquele que se tornou responsável pela criança possa tomar essa decisão vital para os muito jovens.

Não negligencieis o facto que não é suficiente garantir a obediência dos nossos filhos à lei de Deus. Deve ser compreendido que a criança nunca pode produzir a justiça de Cristo se a vida de Jesus não estiver implantada nela. Portanto, o primeiro objectivo dos pais é assegurar que os pequeninos experimentem essa verdadeira transformação da natureza que é o renascimento.

Foi em virtude de Cristo ter em Si a natureza divina que a Sua promessa de obediência foi muito real e satisfatória, mas não deve ser esquecido que Deus tinha ordenado que *todo* o rapaz israelita realizasse o rito da circuncisão como promessa da *sua* obediência à lei de Deus. O Senhor nunca exige o impossível. Portanto, em resposta à fé do crente, Ele dá tudo o que é necessário para o cumprimento dessa ordem. Ele ordenou a toda a criança israelita a promessa de obediência. Esse comportamento era impossível sem o espírito de obediência. Por conseguinte, na ordem da promessa de lealdade à lei de Deus e princípios de Deus, estava a certeza de Jeová que as qualificações necessárias de libertação do velho homem e a colocação do novo seriam supridas. Lembrai que "Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras." {PJ 176}, *Parábolas de Jesus*, 333.

À luz destes requisitos, é claro que Deus espera que os pais peçam a salvação para os seus filhos antes dos pequenos terem a capacidade para fazer esta entrega por si mesmos.

Todavia, os pais cristãos que naturalmente não desejam mais do que a salvação das suas crianças, não considerarão esta escolha para os seus filhos como uma exigência tanto como um maravilhoso privilégio. Saber que a sua oração de fé pode trazer libertação espiritual aos seus pequeninos é uma experiência animadora. Ela apenas pode inspirar fé e gratidão e levar os crentes a um mais dedicado serviço a Deus. Isto são notícias maravilhosas e gloriosos serão os resultados quando os princípios são correctamente aplicados.

As crianças mais privilegiadas na história humana são aquelas poucas que foram abençoadas com pais iluminados e dedicados que compreenderam estes princípios e os aplicaram aos seus filhos ainda antes destes nascerem desde os primeiros momentos. Nesta categoria estão Jeremias, Daniel, Ananias, Misael Azarias e João Baptista. Estes são exemplos daquilo que todo o restante de nós podia ter sido e consequentemente se tornará.

Agora que cheguei à compreensão da verdade sobre a salvação das crianças e das tremendas oportunidades e vantagens com que aqueles que são abençoados com o renascimento desde a concepção, desejo com toda a minha alma e o mais profundo e mais intenso desejo que o meu pai e a minha mãe tivessem sido iluminados com estas verdades e tivessem escolhido por mim a salvação desde os meus primeiros momentos. Notei que nenhum pecado está relatado nas Escrituras contra qualquer dos homens ilustres enunciados acima de quem temos a certeza serem renascidos desde os seus primeiros momentos. Oh, quanto desejo que esse fosse o relato da minha vida.

Mas isto não é tudo o que eu desejo. Olhei para trás para a minha ignorância enquanto pai jovem e desejei ter conhecido estes princípios e compreendido as minhas oportunidades quando os meus filhos foram concebidos. Com que alegria teria intercedido por eles até saber que cada um deles estaria de facto livre do velho homem no qual estava o espírito de desobediência e abençoados com o novo homem em quem está o espírito de obediência. Tenho chorado quando penso nas oportunidades que já passaram para sempre, mas nessa altura encho-me de alegria quando penso nas oportunidades dos pais jovens hoje.

É um mistério que alguém tenha desafiado o direito dos pais aceitarem a salvação no lugar das suas crianças quando é prática paternal comum tomar um grande número de decisões pelos filhos. Os pais e as mães decidem em que crença religiosa os seus filhos serão educados, que escolas devem frequentar, que roupas devem usar, que comida comerão, os amigos com quem se relacionam e os hábitos

gerais que desenvolverão. Ninguém levanta a questão acerca dos pais tomarem estas decisões. De facto, qualquer pai que não o faça, será considerado seriamente negligente das suas responsabilidades. Assim, uma vez que todas estas decisões importantes são tomadas pelos pais em favor dos seus filhos demasiado jovens para as tomar por si mesmos, então deviam ser mais específicos na mais importante de todas — a escolha da salvação.

Não há pais na face da terra que não tomem numerosas decisões e, às vezes, vitais para os seus filhos, facto que é aceite sem objecção pela humanidade em geral. Os pais cristãos decidem que os seus filhos têm de se alimentar de forma saudável, que devem juntar-se aos cultos em família e que devem frequentar a escola sabatina e os cultos da igreja. As crianças nem sequer são consultadas para dizerem se desejam seguir este modo de vida, mas devem obedecer sem objecção. É óbvio então que a exigência do Senhor de que os pais escolham o novo nascimento para os seus filhos no primeiro momento possível, é uma questão que deve ser fielmente atendida sem causar qualquer dúvida ou objecção.

Enquanto a criança avança física, mental, social e espiritualmente, desenvolve gradualmente a capacidade para tomar as suas decisões. Se for renascida desde os seus primeiros momentos e correctamente educada, fará as suas escolhas de harmonia com as decisões dos seus pais. Assim a opção escolhida pelo jovem em crescimento confirma e consolida a consagração feita pelos pais. Evidentemente que no fim pode escolher rejeitar o caminho da vida, mas face à promessa do

Senhor, isto não acontecerá. Há uma nota muito positiva acerca da certeza, "Instrui o menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele." *Provérbios* 22:6.

Alguns podem afirmar que é injusto para a criança influenciar a sua vida numa certa direcção mesmo sendo o caminho da vida eterna. Em vez disso, ela devia ser deixada livre para escolher por si própria quando atingisse a idade em que pudesse inteligentemente tomar essa decisão.

Não há mérito nesta proposta pois é impossível a qualquer criança crescer num campo neutral até à idade de raciocinar sem que influências formadoras operem sobre ela. Na concepção, o espírito do seu pai, o diabo, está nela. Isto dá a Satanás o direito de ser o seu educador mesmo desde os seus primeiros momentos e vós podeis estar certos que o grande destruidor tirará o maior proveito das suas oportunidades para desenvolver na criança em crescimento o espírito de desobediência, rebelião, egoísmo, perversidade e todos os outros maus traços de carácter. O resultado é que, na altura em que chega à idade responsável, perdeu todo o gosto e interesse pelos caminhos da justiça. Os seus interesses estarão no mundo, seus caminhos e seus prazeres, e, na maioria dos casos, é mais do que inútil tentar captar a sua atenção com assuntos de consequências eternas. Portanto, se a criança deve ter alguma oportunidade de salvação, deve ser pedida ao Senhor desde os seus primeiros momentos possíveis. Doutro modo a possibilidade de serem salvas é muito ténue como é demonstrado por quão poucos em toda a história têm respondido e permanecido fiéis ao evangelho. Deixá-los crescer até à idade de poderem tomar uma decisão por si próprios é na verdade condená-los à morte eterna.

É necessário compreender-se que nenhum pai pode evitar tomar uma decisão pelo filho quando ele ainda está no ventre e ele próprio não pode decidir coisa alguma. Quer aceiteis ou rejeiteis a mensagem sobre a salvação das crianças, fareis a escolha de trazer a bênção da salvação ao vosso pequenino, ou deixareis, a dependente, confiante criança, na escravidão do senhor do pecado, um filho de Satanás e um estudante na sua escola. Se é errado decidir, sem o consentimento da criança, que seja libertada do pecado, então também é errado decidir, sem o seu consentimento, que permaneça na escravidão do pecado. Não podeis evitar a responsabilidade. Mesmo que não tomeis qualquer decisão — decidistes não decidir!

Se os pais realmente dão um positivo e bem-sucedido passo a fim de trazer a libertação da criança, terão tomado a decisão correcta. Mas eles têm de fazer uma coisa ou outra. É de lamentar que os pais não tivessem conhecimento das opções que tinham e as consequências que acompanhavam cada escolha. Não admira que o diabo tenha feito tudo o que pôde para manter o assunto da salvação das crianças escondido até agora e continua a trabalhar para manter tantos afastados desse conhecimento quanto possível.

Há sérias implicações na afirmação que é injusto tomar em lugar da criança a decisão pela qual a sua transformação espiritual é efectuada, mesmo antes de nascer. Isto põe em dúvida a questão da equidade e justiça de Deus ao criar Adão e Eva como seres humanos perfeitos sem propensão ou qualquer interesse pelo mal. Isto é sugerir que Ele podia tê-los deixado num vazio sem lealdade a um ou a outro, mas com a capacidade de avaliar os méritos e deméritos relativos dos dois sistemas e aceitar a opção que fosse mais atraente para si.

Não importa o que estes dois opositores possam dizer, o Senhor fez provisão de modo que, pela fé viva e correctos procedimentos, todos os pais podem garantir a conversão das suas crianças desde os seus primeiros momentos de vida. Quando essa possibilidade é oferecida, que loucura seria não aproveitar a oportunidade! Mais ainda, é o dever de toda a mãe e pai dar ao seu descendente as melhores vantagens na batalha contra os poderes das trevas. “Mesmo antes do nascimento da criança, deve começar o preparo que a habilitará a combater com êxito na luta contra o mal.” *A Ciência do Bom Viver*, 371.

Saber que o Senhor fez total provisão para as nossas crianças serem resgatadas do cruel poder do mal e salvas da sua falsa educação, são as notícias mais maravilhosas que alguma vez podiam ser dadas aos pais. Saltemos então de alegria e gratidão pelas coisas maravilhosas que o Senhor está a fazer por nós. Que aqueles, cujos filhos ainda não estão fora do seu cuidado e responsabilidade tomem medidas rápidas para tirar o melhor proveito destas gloriosas provisões.

Capítulo 10

O Baptismo Infantil

O baptismo é a primeira de duas cerimónias introduzidas na igreja no início da era do Novo Testamento, a segunda foi a Ceia do Senhor.

De acordo com as Escrituras, o registo da primeira aplicação da prática do baptismo foi com o profeta do deserto, João, o precursor de Cristo. Todavia, há evidência que ela era já uma prática estabelecida entre os judeus quando João apareceu.

"O baptismo como um rito religioso teve origem nos tempos pré-cristãos. Era praticado pelos judeus como um meio de receber prosélitos do judaísmo, como é confirmado por vários escritos judeus. É significativo que os dirigentes judeus não pusessem em dúvida João a respeito da validade do rito do baptismo, mas apenas a sua autoridade para o administrar (vede João 1:19-28). O baptismo era também praticado pelos Essénios em ligação com os ritos religiosos. Em *Kihrbet Qumran*, que provavelmente era o centro de Essenes, foram descobertos vários tanques com degraus conduzindo ao seu interior. . . Estes podem ter sido usados para os ritos baptismais, que aparentemente envolvia a imersão, como acontecia no baptismo dos prosélitos judeus." *The S.D.A. Bible Dictionary,* 113.

"A partir de fontes como as reveladas pelos escritos do Mar Morto é evidente que no tempo de Jesus o judaísmo estava na posse de vários ritos baptismais, contudo nenhum deles tinha substituído a circuncisão como rito de iniciação na comunidade. O contacto dos cristãos com estes ritos vieram através da obra de João Baptista, que, de acordo com o Novo Testamento, não apenas proclamou a vinda de Jesus Cristo, mas também O baptizou. João aparentemente limitou o seu baptismo ao rio Jordão e tornou o rito uma parte integrante do seu chamamento ao arrependimento e abandono dos pecados do passado." *Encyclopaedia Britannica,* 3:138, edição de 1963.

Não há registo escriturístico de João ter sido divinamente incumbido de introduzir o baptismo na fé cristã, mas, podemos positivamente assegurar que o mensageiro de Deus não tomou sobre si próprio a responsabilidade de tomar tão importante decisão. Portanto, foi sob inspiração e desse modo por indicação divina que João começou a baptizar aqueles que estavam verdadeiramente arrependidos em consequência da sua destemida pregação do evangelho. Jesus certamente colocou o Seu selo sobre a ordenança ao procurar João para o baptismo

ordenando aos Seus discípulos para irem e ensinarem o evangelho a todas as nações e baptizassem os que fossem transformados pelo Seu poder criador.

"E chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: 'É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra.

"'Portanto ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

"Ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.' Amém." *Mateus* 28:18-20.

O baptismo e a Ceia do Senhor substituíram a aparentemente interminável lista de cerimónias, ritos e ordenanças que estavam associadas ao serviço do santuário do Velho Testamento, tornando assim a vida consideravelmente simples ao crente do Novo testamento. Contudo, isto não remove o perigo de reduzir uma importante e muito significativa ordenança a um vazio e inútil ritual.

O povo judeu nunca se provou capaz de sustentar fé genuína e as verdadeiras práticas religiosas durante muito tempo, e, invariavelmente, sempre que perdiam a sua firmeza em Deus, deixavam de ver aquilo que os rituais e sacrifícios apontavam, mas começavam a crer que estes ritos possuíam em si mesmo virtudes salvadoras. Este triste desenvolvimento não se limita aos judeus, mas surge sempre que o povo de Deus, quem quer que seja ou onde possa estar, perde o seu caminho espiritual. Isto significa que há pelo menos dois significados para o baptismo — o verdadeiro que Deus deu e o falso que lhe é transmitido pelo povo apostatado.

Por conseguinte, para compreender a questão do baptismo como ele se relaciona com a idade infantil, o verdadeiro significado deste serviço deve ser claramente compreendido pelos pais e também por todos os crentes.

O estudo necessário para revelar estas verdades bem podia começar com aquilo que Deus, através de João Baptista, procurou ensinar ao povo quando o serviço foi introduzido nessa altura. João, sob a iluminação do Espírito Santo, reconheceu que o baptismo era um serviço simbólico ilustrando a libertação individual do pecado e a sua iniciação na vida justa de Cristo.

"João proclamava a vinda do Messias, e chamava o povo ao arrependimento. Como símbolo da purificação do pecado, baptizava-os nas águas do Jordão. Assim, por uma significativa lição prática, declarava que os que pretendiam ser o povo escolhido de Deus estavam contaminados pelo pecado, e sem purificação de coração e vida, não poderiam ter parte no reino do Messias." {DTN 63}, *O Desejado de Todas as Nações*, 104.

Era uma lição objectiva significativa desesperadamente necessária para aquela geração que esperava um reino que não havia sido prometido e para o qual os característicos da justiça não eram requeridos. Esse povo precisava que lhe fosse evidenciado que o reino do Messias estava aberto apenas àqueles de quem o pecado havia sido removido e em quem a justiça de Cristo tinha sido estabelecida.

Houve alguns que alcançaram a luz e o seu baptismo foi um verdadeiro testemunho de purificação e da restauração da graça divina. Mas havia outros que procuravam o baptismo por causa de pensarem que havia uma intrínseca virtude no serviço em si mesmo, quando na verdade a imersão na água nada faz na pessoa ou por ela. Pelo contrário, é uma confirmação, um testemunho, uma declaração daquilo que a poderosa influência do Espírito Santo já realizara. Mas havia uma classe que perdeu inteiramente estas verdades.

"Muitos dos escribas e fariseus foram ter com ele, confessando os pecados e pedindo o baptismo. Haviam-se exaltado como sendo melhores que os outros homens, levando o povo a ter alta opinião acerca de sua piedade; agora, os criminosos segredos de sua vida eram revelados. Mas João foi impressionado pelo Espírito Santo quanto a não terem, muitos desses homens, real convicção do pecado. Eram oportunistas. Esperavam, como amigos do profeta, obter favor diante do Príncipe que haveria de vir. E, recebendo o baptismo das mãos desse popular e jovem mestre, pensavam fortalecer sua influência para com o povo." {DTN 63}, *O Desejado de Todas as Nações*, 105.

O baptismo é uma lição objectiva muito significativa. Contudo, a sua mensagem é perdida se a forma adoptada não é a imersão total. As alternativas ao procedimento é a aspersão como praticada pela Igreja Católica Romana e algumas igrejas Protestantes, e o derramamento, mas nenhuma destas formas são uma verdadeira interpretação da palavra, "baptismo".

"Que a imersão era o modo usado no tempo do Novo Testamento é claro pelo significado do termo grego, das descrições da Bíblia e execução da cerimónia e das aplicações espirituais feitas a respeito do rito. O termo *baptizo* era usado antigamente para descrever a imersão de tecidos em tinta e a submersão de um recipiente a fim de o encher com água. O seu significado mais óbvio quando aplicado ao baptismo cristão é 'imersão'. Referências bíblicas aos baptismos mostram plenamente que a imersão era o método usado. João Baptista baptizava em 'Enom junto a Salim, porque havia ali muitas águas' (João 3:23). Não havia razão para requerer um lugar onde houvesse 'muitas águas' se a aspersão ou o derramamento fosse o método usado. A descrição do baptismo do eunuco etíope declara que Filipe e o eunuco 'desceram à água', e 'saíram da água' (Actos 8:38, 39), acção que muito certamente indica mais do que aspersão ou derramamento. Na aplicação espiritual feita por Paulo, a figura usada pelo apóstolo torna-se clara apenas quando se considera o baptismo pela submersão." *The S.D.A. Bible Dictionary,* 113.

Qual é então a significativa lição prática que tão positivamente requer a total imersão sob a superfície da água, seguida pelo levantamento do mergulhado?

O papel das águas no baptismo não é lavar. Contudo, isto não despreza o uso da água nas Escrituras para ilustrar a purificação do pecado. Quando a água era usada para simbolizar o apagamento do pecado do penitente, lavagem, não imersão, era a lição objectiva. Davi, compreendendo este simbolismo, orou, "Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado.

"Purifica-me com o hissope, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve." *Salmo* 51:2, 7.

No baptismo, não há envolvimento da acção de lavagem. Em vez disso, são simbolizados o *sepultamento e ressurreição* como é fortemente salientado por Paulo:

"Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?

"De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?

"Ou não sabeis que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na Sua morte?

"De sorte que fomos sepultados com Ele pelo baptismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.

"Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado." *Romanos* 6:1-6.

Em parte alguma na Bíblia é o verdadeiro baptismo tão claramente explicado como nesta passagem. Ela confirma o testemunho de João Baptista que procurou mostrar que o baptismo marcava o fim de uma vida de pecado e o início de uma vida em rectidão. Assim, Paulo fortemente confirma que aqueles que morreram para o pecado renunciam à velha vida e não mais continuam nos seus maus caminhos. É fundamentalmente importante que ninguém perca a verdade vital que esta transacção é alcançada, não tomando simplesmente a decisão de deixar a iniquidade — o homem de *Romanos* 7 tentou esse procedimento sem qualquer sucesso — mas pela morte do velho homem e substituindo-o pelo novo. Ele declara que a libertação vem, não pela tentativa, mas pela crucifixão e ressurreição.

Mais tarde, ele teve que realçar a mesma verdade aos crentes Gálatas nestas palavras:

"Já estou crucificado com Cristo, e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim." *Gálatas* 2:20.

É óbvio que Paulo não está a declarar que morreu no sentido físico, pois ele continuava bastante vivo quando escreveu tanto aos *Romanos* como aos *Gálatas*, contudo, falou de ter sido baptizado na morte de Cristo e sendo crucificado com Ele como se fosse uma morte e uma ressurreição muito real, não apenas como uma forma de falar. Ele salienta este pensamento pela repetição e confirmação, porque compreendeu muito bem que não há outro caminho de fuga da escravidão do pecado para a liberdade da justiça.

É porque a injustiça é aquilo que é que não há outra cura para ela. O que é ela? É uma força exterior cruel e maligna, que ocupa o templo do corpo e toma controlo de todo o homem. É um déspota que nunca se pode obrigar a obedecer à lei ou trabalhar de harmonia com Deus e portanto, é o inimigo da justiça.

Um exacto conhecimento da forma pela qual a força do mal opera é baseado na verdade que o corpo humano é um templo capaz de ser ocupado tanto pelas forças da justiça como do mal.

"Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" *1 Coríntios* 6:19.

Um templo destina-se a ser ocupado, não a ficar vazio e sem uso. Deus pretende que o templo do corpo humano seja abençoado para sempre com a presença do Espírito divino como é confirmado por estas palavras:

"Com a purificação do templo, anunciou Jesus Sua missão como Messias. Aquele templo, erigido para morada divina destinava-se a ser uma lição objectiva para Israel e o mundo. Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador." {DTN 103}, *O Desejado de Todas as Nações*, 161.

Assim, quando Deus criou Adão e Eva e os colocou no maravilhoso Éden, os seus corpos eram templos cheios da divina presença exactamente como Deus planeou que fosse. Essa presença não a própria Pessoa de Deus como é ensinado pelo panteísmo, mas o Seu espírito, Sua vida e Seu carácter.

Então veio o diabo, o tentador, que os persuadiu a transferirem a sua lealdade para ele. Quando fizeram isto, o espírito, vida e carácter de Deus partiu deles e

ficaram vazios. Neste vácuo, o diabo implantou a sua semente má e, pelo processo de reprodução, a sua natureza iníqua tornou-se ocupante do templo dos seus corpos[1]. O imediato e permanente resultado foi que o espírito de desobediência, que controlava as suas vidas de modo que, mesmo apesar das suas mentes desejarem por vezes praticar a justiça, apenas podiam produzir mal.

Esta força que habitava neles e os dominava, era um poder vivo que não podia ser vencido pela humanidade. Ela é chamada nas Escrituras por vários nomes, "o velho homem", "o coração de pedra", "a lei do pecado e da morte" "a mente carnal" e "o primogénito". É o senhor que governa sobre a pessoa e assim a controla de maneira que não tem escolha senão pecar. Alguns podem tentar obter a vitória exercendo todo o poder da sua vontade, mas experimentam apenas frustração, derrota e contínua escravidão. Lutam e lutam, mas nunca testemunham a vitória. Esta miserável existência é ilustrada de forma realista em *Romanos* 7.

Esta força má é tão totalmente pecaminosa na sua própria natureza que ninguém, nem o próprio Deus, pode transformá-la em justiça. Nenhuma quantidade de persuasão, cuidadoso preparo, ou cultura servirá para resolver o problema. Enquanto a justiça pode ser pervertida em mal, o processo contrário é uma impossibilidade exactamente como uvas que dão saúde e sustentam a vida podem ser transformadas em destruidor, mortal vinho fermentado, mas o vinho não pode ser transformado de novo em uvas.

Alguns podem argumentar que não há nada que Deus não possa fazer e, num certo sentido, isto é verdade. Ele tem o poder físico de fazer tudo, mas a justiça do Seu carácter priva-O de fazer certas coisas. Por exemplo, qualquer mãe tem o poder físico para destruir o seu próprio filho, mas, se ela for uma mãe normal, terna, seria incapaz de o fazer.

Semelhantemente, não está em Deus forçar alguém a obedecer. Ele apenas pode aceitar uma obediência voluntária. Assim, visto que a mente carnal nunca prestará uma obediência voluntária, nada há que o Senhor possa fazer por ela senão deixá-la à sua sorte — a morte.

A escolha de quando essa morte tomará lugar é nossa. A sentença já está passada, porque, quando Cristo morreu na cruz, levou o velho homem à cruz onde o crucificou Consigo. Mas essa morte apenas se torna eficaz em nós quando pela fé e experiência nos submetemos a ela. Deste modo, podemos decidir morrer agora enquanto ainda há uma oportunidade para receber uma vida em substituição que dura para a eternidade, ou podemos recusar morrer agora e ser forçados a morrer quando for demasiado tarde para agraciar o templo da alma com a bela, justa, imortal vida de Cristo.

Conclui-se então que nenhuma conversão é verdadeira e eficaz a menos que esta natureza interior má seja crucificada até morrer e o seu lugar seja substituído pela vida de Cristo. Assim, no caso do não convertido, o fruto mau de Satanás reside no templo da alma, *ou*, no caso do verdadeiramente convertido, a reprodução de Cristo habita nele, mas nunca os dois ao mesmo tempo[2].

Quando uma pessoa experimentou esta maravilhosa transformação pela morte e ressurreição, é-lhe pedido que testifique isso baptizando-se. O seu sepultamento nas águas é um testemunho da sua parte que o seu velho homem foi realmente

---

[1] Para compreender as leis da reprodução espiritual, estudai *Os Vivos e os Mortos*, por F. T. Wright, à disposição na Casa Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.

[2] Consultai *Os Três Templos*, por F. T. Wright, ao dispor na Casa Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.

morto e portanto, já não tem poder sobre ela. Quando se levanta outra vez da água, está a testemunhar que uma nova vida foi formada no interior através da germinação da semente de Cristo. Em resumo, o baptismo é a declaração perante os membros da igreja na Terra e no Céu que o crente é renascido, que o espírito de desobediência foi substituído pelo espírito de obediência. O baptismo devia ser procurado pelo crente logo que o milagre da verdadeira conversão tem lugar.

Quando a salvação das crianças é correctamente compreendida e aplicada pelos pais tementes a Deus, esta bênção da verdadeira conversão é recebida muito pouco tempo depois da concepção ter acontecido. Seria lógico esperar que a criança fosse baptizada tão cedo quanto possível depois do seu nascimento. Isto significaria a introdução do baptismo infantil na igreja de Deus nestes últimos dias.

É natural chegar a esta conclusão e parece ser uma boa defesa para o baptismo infantil daqueles pequeninos a quem foi trazido o maravilhoso dom do novo coração e vida. Todavia, antes de tomar uma decisão tão importante e de grande alcance, deve ser dada cuidadosa consideração a todos os factores envolvidos.

Em primeiro lugar, façamos uma clara definição do nosso uso da expressão, "baptismo infantil". Isto é essencial, porque estas palavras são usadas na igreja católica romana e certas denominações protestantes para descrever a prática de aspergir os bebés recém-nascidos com água. Na realidade, a igreja católica romana em teoria reconhece três métodos de baptismo, imersão, derramamento e aspersão, embora, na prática real a aspersão seja a forma mais vulgarmente usada.

Declara uma pessoa de sua autoridade reconhecida: "O baptismo pode ser validamente administrado numa das três *formas*, designadamente, pela *imersão*, ou mergulhar a pessoa na água; pela *efusão*, ou derramamento da água e pela *aspersão*, ou salpico." John A. O'Brien, *The Faith of Millions,* 153, publicado pelo *Our Sunday Visitor, Inc.*, Huntington, Indiana, USA, 1974.

A razão dada pelos escritores da igreja católica romana para não seguir o exemplo bíblico da imersão é que não é o método mais conveniente. "O simples facto é," afirma John A. O'Brien, "que Cristo em lado algum especifica a maneira precisa em que a água deve ser aplicada, mas deixou esse pormenor, tal como deixou muitos outros, à discrição da Sua igreja. Embora reconheça a validade do baptismo administrado sob qualquer destas três formas, a igreja agora segue o costume uniforme da efusão porque ela acha-o um método mais conveniente e prático." *The Faith of Millions,* 154.

A razão para a sua insistência do rito realizado nos bebés, é a sua crença que: "O baptismo lava a marca do pecado original e também quaisquer outros pecados que possam estar presentes e faz da pessoa um filho de Deus e herdeiro do Céu. O pecado original é a sombra ou estado de pecado em que nós somos nascidos como resultado da transgressão dos nossos primeiros pais. 'Pelo que' diz S. Paulo, 'como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.' *Romanos* 5:12." *The Faith of Millions,* 152.

O baptismo em si mesmo não opera este milagre. Pelo contrário, ele é um testemunho daquilo que já foi realizado pelo ministério do Espírito Santo. Se a pessoa é baptizada sem o milagre ter acontecido, o baptismo é um falso testemunho.

Deste modo, quando a expressão, "baptismo infantil", é usada neste livro, *A Salvação das Crianças*, refere-se à proposta que um bebé seja totalmente mergulhado na água como testemunho de ter sido anteriormente libertado da sua herança pecaminosa e dotado da justiça de Cristo. Resta agora a questão quanto à altura em que o povo de Deus devia baptizar as suas crianças uma vez que estão convencidos da qualificação dos seus pequenos.

Embora pareça haver uma boa razão para o estabelecimento do baptismo infantil, há alguns motivos fortes para não ser a vontade de Deus estabelecer este procedimento na Sua igreja.

A primeira consideração é que não há instrução bíblica ou exemplo que nos leve a baptizar os nossos bebés convertidos. Todas as pessoas cujo baptismo está registado na Bíblia eram adultas na altura. Isto deve ser esperado na maioria dos casos, porque os candidatos não foram convertidos senão quando adultos e portanto não se qualificaram antes dessa altura. São exemplo destes as almas que foram baptizadas por João e o etíope baptizado por Filipe.

Se houve alguém que estivesse qualificado para receber o baptismo em bebé, foi o próprio Salvador. Ele estava tão preparado espiritualmente que não necessitava de qualquer baptismo. O velho homem nunca esteve n'Ele de modo que nunca necessitou de ser baptizado como testemunho de que, pela morte, tinha mandado embora o velho homem e recebido o novo. Pelo contrário, Ele sempre teve o novo. Mas Ele passou pelas águas como um exemplo da senda que devemos trilhar.

"Jesus não recebeu o baptismo como confissão de pecado de Sua própria parte. Identificou-Se com os pecadores, dando os passos que nos cumpre dar. A vida de sofrimento e paciente perseverança que viveu depois do baptismo, foi também um exemplo para nós." {DTN 67}, *O Desejado de Todas as Nações*, 111.

Ora, se é apropriado baptizar crianças na base da sua preparação espiritual, então como exemplo disto, Cristo devia ter sido baptizado em criança. Em vez disso, Ele esperou até ter trinta anos. Alguns podem argumentar que esse baptismo não tinha sido introduzido na verdadeira igreja de Deus quando Ele era apenas uma criança, mas isto não é realmente verdade. Os judeus ainda eram o povo de Deus e Jesus quando bebé foi circuncidado sob a lei deles e dedicado no seu templo. Tal como citado acima, o baptismo era uma prática estabelecida entre os judeus e Deus podia facilmente preparar as coisas para Cristo ter sido mergulhado na água como um exemplo do baptismo infantil se este fosse requerido.

Deste modo então, somos deixados hoje com um "assim diz o Senhor", quanto à autorização da introdução do baptismo infantil entre os verdadeiros filhos de Deus. Além disso, o exemplo que nos foi deixado pelo próprio Cristo indica que os pequenos devem esperar até serem suficientemente maduros para conhecer por si mesmos com positiva certeza a verdadeira natureza e compromisso do testemunho que estão dando.

Outra razão para adiar o baptismo até a pessoa ter alcançado uma idade em que seja capaz de inteligentemente e com sucesso tomar e manter as suas próprias decisões, é que há outro aspecto do baptismo não mencionado até agora neste capítulo. O baptismo é literalmente a própria cerimónia do casamento entre Cristo e o crente. Esta cerimónia consiste em dois aspectos. O primeiro é o sepultamento e ressurreição que é o testemunho da preparação para o casamento com Cristo, pois somente aqueles que foram crucificados com Ele e se levantaram com Ele numa nova vida, têm a qualificação para se casarem com Ele.

Todavia, apesar de tão essencial como é a declaração de aptidão, ela não satisfaz os requisitos do casamento. O segundo aspecto é a inclusão de uma solene, responsável e cuidadosamente considerada entrega à união com Cristo e nenhum outro para a eternidade. Isto é feito quando a pessoa que foi correctamente educada desde a sua concepção, na base das decisões tomadas por si pelos seus pais, finalmente por si e para si mesmo aprova e confirma todas as decisões tomadas em seu lugar quando era demasiado jovem para as tomar por si próprio. Assim, isto significa que, em adição à confirmação que uma pessoa está verdadeiramente renascida e viva em Cristo, todos os envolvidos na proposta de baptismo de um crente deviam ficar satisfeitos pelo candidato ter alcançado um nível de maturidade em que pode tomar uma decisão digna de confiança inteiramente sua. Desta maneira, não importa quão convertida uma criança ou jovem possa estar, devia esperar até chegar à capacidade para fazer a entrega pessoal.

Assim, há um ponto claro contra o baptismo infantil ou baptismo das crianças na igreja de Deus. Seria bom então não insistir sobre alguém para se apressar no baptismo. Que o Espírito Santo prepare cada crente e lhe permita saber quando é o tempo certo.

Capítulo 11

É Necessário Esforço Diligente

Até agora neste estudo, a atenção foi dirigida para o ideal possível, especialmente como revelado na vida de Cristo como bebé, criança, rapaz, jovem e homem. Começando onde todos os bebés também começam e não possuindo quaisquer vantagens que não estejam disponíveis a qualquer filho ou filha do homem, demonstrou as alturas a que todos podem aspirar. Que gloriosa perspectiva isto abre perante os pais quando eles levam a cabo a mais importante e galardoadora tarefa jamais entregue aos homens e mulheres! Por aquilo que foi apresentado até agora, os crentes em Jesus deviam ser inspirados com uma nova esperança e animados com o dedicado propósito de desempenharem a sua parte na transformação destas maravilhosas possibilidades em vivas realidades.

Agora, fervorosa consideração deve ser dada aos procedimentos que devem ser diligente e consistentemente aplicados e às condições que devem ser estabelecidas e mantidas com o fim de garantir que os objectivos sejam alcançados. Tende a certeza que o sucesso não será obtido por aqueles que não fazem o maior esforço para compreender os princípios envolvidos e que falham em praticá-los com concentrada diligência. É verdade que, como em todas as áreas do comportamento cristão, a parte desempenhada pelo crente é relativamente menor comparada com a que Deus faz, mas é apesar disso vital, não deixando espaço para descanso da parte do cristão. Ele deve estudar, orar, confiar e trabalhar com a maior diligência se quiser ver os resultados que o Senhor planeou para ele e seus amados filhos.

É "Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente" que "eles devem ser vencedores na batalha contra o mal". *O Grande Conflito*, 424.

Muitos receiam aplicar os seus esforços diligentes porque desejam evitar completamente entrar num fatal programa de trabalho. Este problema é solucionado aprendendo aquilo que Deus espera que o crente faça, e, por sua vez, quais são aquelas coisas que unicamente o Senhor pode fazer e fará. Muitas pessoas que procuram salvar-se a si mesmas pelas suas próprias obras iniciam esforços para produzir justiça reprimindo as más disposições da velha natureza, em vez de as entregarem para serem destruídas agarrando-se em seguida à vida justa de Cristo para tomar o seu lugar e produzir o bom fruto que não pode ser produzido doutro modo.

Todavia, mesmo quando esta obra equilibrada segue uma corrigida compreensão, o filho de Deus é ainda lento a apreciar o que é realmente o esforço diligente. A natureza humana tem a tendência para vaguear numa esperança indefinida que no final resultará satisfatoriamente. Nunca parece despertar para o conhecimento que somente alcançam sucesso aqueles que desenvolvem todo o poder do corpo, da mente e do espírito. Paulo viu esta necessidade de educar os coríntios dos seus dias até eles serem despertados para todas as suas responsabilidades. Os conselhos dados àquelas pessoas são semelhantemente aplicáveis hoje e devem ser atendidos por todos os que desejam fazer da obra da sua vida um sucesso e o seu chamamento e eleição seguros.

"Na esperança de imprimir vividamente no espírito dos crentes coríntios a importância do firme autocontrole, estrita temperança e persistente zelo no serviço de Cristo, Paulo em sua carta a eles faz destacada comparação entre a milícia cristã e as celebradas maratonas que se realizavam em intervalos fixos, próximo de Corinto. De todos os jogos instituídos entre os gregos e romanos, era a maratona a mais antiga e mais altamente considerada. A ela assistiam reis, nobres e governadores. Jovens fortes e sadios nela tomavam parte, e não se excluíam de qualquer esforço ou disciplina necessária para alcançar o prêmio.

"As competições eram regidas por regulamentos estritos, dos quais não havia apelação. Os que desejavam ter seu nome inscrito como competidor ao prêmio, tinham que primeiro submeter-se a severo treino preparatório. Prejudicial condescendência com o apetite, ou qualquer outra concessão que pudesse diminuir o vigor físico ou mental, eram estritamente proibidas. Para alguém ter alguma esperança de sucesso nessas competições de força e velocidade, os músculos tinham de ser fortes e flexíveis e os nervos estar sob controle. Cada movimento tinha de ser exato, cada passo rápido e bem orientado; as faculdades físicas precisavam alcançar o mais alto ponto.

"Enquanto os concorrentes na corrida se apresentavam perante a multidão expectante, seus nomes eram anunciados e as regras da corrida claramente expostas. Então, todos davam juntos a largada, sob a atenção fixa dos espectadores que lhes inspiravam a determinação de vencer. Os juízes assentavam-se próximo à meta final, para que pudessem observar a corrida do início ao fim, e dar o prêmio ao verdadeiro vencedor. Se um corredor alcançava o alvo primeiro, através de alguma vantagem ilegal, não tinha direito ao prêmio.

"Nessas competições havia grandes riscos. Alguns jamais se refaziam do terrível esforço físico. Não era incomum pessoas caírem no percurso, sangrando pela boca e nariz, e algumas vezes um competidor caía morto quando estava para alcançar o prêmio. Mas a possibilidade de dano para o resto da vida, ou a própria morte, não eram olhados como risco grande demais por amor da honra reservada ao vencedor.

"Quando o vencedor alcançava o alvo, os aplausos da vasta multidão de espectadores vibravam pelos ares e despertavam o eco das montanhas e morros circunvizinhos. Sob as vistas dos assistentes, o juiz presenteava-o com os emblemas da vitória — uma coroa de louros e um ramo de palma que o atleta levava na mão direita. Sua glória era cantada através da Terra; seus pais recebiam sua parte na honra; e a própria cidade na qual vivia era tida em grande estima por haver produzido tão grande atleta.

"Referindo-se a essas corridas como uma figura da milícia cristã, Paulo deu ênfase à preparação necessária para o sucesso dos contendores na maratona — a

disciplina preliminar, o regime de abstenção alimentar, a necessidade de temperança. 'E todo aquele que luta', declarou Paulo, 'de tudo se abstém'. 1 Coríntios 9:25. Os corredores punham de lado toda a condescendência que tendesse a diminuir-lhes as faculdades físicas, e mediante severa e contínua disciplina, treinavam os músculos para se tornarem fortes e resistentes, para que, ao chegar o dia da competição, pudessem exigir de suas forças o máximo de rendimento. Quão mais importante é que o cristão, cujos eternos interesses estão em jogo, coloquem os apetites e as paixões em sujeição à razão e à vontade de Deus! Jamais deve ele permitir que seja sua atenção desviada por entretenimentos, luxos ou comodidades. Todos os seus hábitos e paixões devem ser postos sob a mais estrita disciplina. A razão, iluminada pelos ensinos da Palavra de Deus e guiada por Seu Espírito, tem de assumir o controle.

"E havendo feito isso, precisa o cristão esforçar-se ao máximo para alcançar a vitória. Nos jogos coríntios, as passadas finais dos competidores eram dadas sob agonizante esforço para conservar a velocidade. Assim o cristão, ao aproximar-se do alvo, prosseguirá com ainda maior zelo e determinação que no início da carreira.

"Paulo apresenta a diferença entre a coroa perecível de louros recebida pelo vencedor nas corridas, e a imortal coroa de glória que será dada ao que corre vitoriosamente a carreira cristã. 'Eles o fazem', declara, 'para alcançar uma coroa corruptível'. 1 Coríntios 9:25. Para alcançar um prêmio perecível, os corredores gregos não fugiam a qualquer esforço ou disciplina.

"Nós estamos lutando por um prêmio infinitamente mais valioso, a própria coroa da vida eterna. Quão mais cuidadosa deveria ser nossa luta, e quão maior nossa disposição para o sacrifício e renúncia!" {AA 172-173}, *Atos dos Apóstolos*, 309-312.

Estes homens são movidos por um espírito de rivalidade e competição. A vitória e a honra que a acompanhavam era tudo o que lhes interessava. Mas, para o cristão, a motivação não é egoísmo, mas altruísmo. Ele não está em disputa por glória pessoal, não deseja ir além do progresso dos seus semelhantes, mas deseja em vez disso que todos alcancem consigo os mesmos objectivos. Portanto, o elemento de rivalidade e o espírito de competição não são as lições a aprender dos jogos antigos. O que devemos aprender deles é a intensidade do esforço que era feito, a determinação dos atletas e o seu espírito de sacrifício por causa da vitória.

Esses homens eliminavam todo o elemento que diminuísse ou falhasse em fazer qualquer importante contribuição para o seu sucesso. Isto é o que os cristãos devem fazer se quiserem um dia ser coroados com a honra e glória eterna. O mesmo se aplica àqueles pais que determinam que a mensagem da salvação das crianças livre os seus preciosos pequeninos das mãos do maligno e construa neles as mais elevadas excelências de progresso físico, mental e espiritual.

A mensagem da salvação das crianças não pode falhar se for correctamente aplicada. Neste livro, os princípios correctos são estabelecidos para todos compreenderem e cumprirem fielmente, mas nada efectuará se os pais considerarem a sua obra tão ligeiramente que a relegam para uma posição de menor importância. Se quiserdes realmente salvar as crianças, esta deve ser a obra para a qual vai a vossa primeira e melhor atenção. Não descanseis satisfeitos até terdes a certeza que aqueles que estão sob vossa responsabilidade estão renascidos. Nunca deixai de orar e estudar. Aprendei mais e mais cada dia com o vosso Mestre Professor. Aprendei como vos tornardes poderosos na oração,

enquanto alcançais vós mesmos as maravilhosas promessas de Deus onde está o verdadeiro poder do omnipotente Criador.

A salvação das crianças não é uma tarefa simples, facilmente realizada por principiantes. Para ter sucesso, os pais precisam abordar essa incrível responsabilidade, compreendendo que somente dedicação total, estudo intenso e grande poder em oração lhes trarão o sucesso desejado. Eles devem perceber que devem trabalhar incansavelmente e com a máxima diligência para alcançar os padrões e expectativas divinos. Não tomai nada como garantido, mas assegurai-vos de que a criança é de facto nascida de novo, possui o espírito de obediência e está crescendo em graça dia a dia.

Os pais nunca terão a certeza de realmente saber ao certo se os seus esforços têm produzido os resultados desejados até a idade de decidir ser alcançada. Enquanto os membros da família em crescimento entram no período adolescente das suas vidas e começam a afirmar-se a si mesmos, será então visto se a obra dos pais por eles foi bem-sucedida ou não.

Contudo, isto não é dizer que não há indicações antes desse tempo, pois existirão evidências revelando se a obra está no bom caminho ou não. Se os pais verificam que os seus pequenos preferem as palavras de Deus acima de qualquer outra literatura; se vêem que eles têm um espírito de obediência natural; se verificam que eles manifestam altruísmo, especialmente em relação a outras crianças; se reconhecem um espírito de obediência; e sabem que eles têm uma paciência que nada pode perturbar; então têm a confirmação do renascimento dos que estão à sua guarda e que eles estão crescendo em sabedoria e estatura segundo as divinas especificações.

Quando estiverem confortados por estas evidências, devem tomar cuidado para não abrandar a vigilância, mas com fé e confiança continuar em direcção à vitória final. Não deve haver local de paragem, nenhuma complacência, nenhuma porta deixada aberta para Satanás entrar.

Que os pais compreendam que não há uma ocupação mais importante, uma maior responsabilidade, um chamamento mais elevado, um ministério do evangelho mais vital, ou obra mais essencial para Deus e para a humanidade, do que a dos pais. Não há imperador de vastos domínios, soberano de um poderoso império, rei de grande reino, ou presidente de uma grande democracia, cuja posição seja de maior consequência ou importância do que a ocupada pelos pais.

Os grandes homens do passado e do presente que se crê terem feito a história e que são aplaudidos pelos seus feitos, não são os únicos a quem essa glória é atribuída. Eles são o que são, sejam bons ou maus, em virtude daquilo que os seus pais fizeram deles. A mão que embala o berço governa o mundo. Os

potentados terrestres são como nada sem o poder das multidões para os apoiar e executarem os seus esquemas ambiciosos. Para manipularem a sociedade esses homens de poder dependem do carácter dos indivíduos que constituem essa sociedade. Uma nação verdadeiramente justa nunca obedecerá a governantes ímpios, nem uma raça má servirá a um chefe justo. Todas as nações têm um carácter próprio que é o produto das gerações que as precederam e moldaram.

"O que são os pais, em grande parte, hão-de ser os filhos. As condições físicas dos pais, suas disposições e apetites, suas tendências morais e mentais são, em maior ou menor grau, reproduzidas em seus filhos.

"Quanto mais nobres os objectivos, mais elevados os dotes mentais e espirituais, e mais desenvolvidas as faculdades físicas dos pais, mais bem aparelhados para a vida se encontrarão os filhos. Cultivando a parte melhor de si mesmos, os pais exercem influência no moldar a sociedade e erguer as gerações futuras.

"Os pais precisam compreender sua responsabilidade." *A Ciência do Bom Viver*, 371.

Os pais que compreendem a sua responsabilidade farão da tarefa de salvar e preparar os seus descendentes a primeira e mais elevada ocupação. Tudo o mais será secundário a esta tarefa. Para muitos progenitores, especialmente os pais, isto pedirá um realinhamento das prioridades. O homem da casa não pode escapar à exigência de dar uma vida para a sua família, mas em vez desse ser o seu primeiro interesse, vê-lo-á apenas como um meio de alcançar os seus verdadeiros objectivos na vida — crianças preparadas para o tempo e eternidade. A sua mente estará para sempre preocupada com considerações de como pode com sucesso realizar esta obra, não como assegurar que a sua actividade comercial se transforme em grandes lucros.

Os pais encontram encorajamento nas histórias bíblicas dos grandes homens de estado, profetas, mestres e dirigentes — homens que não só colocaram a sua geração no caminho certo, mas cuja influência para o bem continua ainda a influenciar o verdadeiro povo de Deus.

"A história sagrada apresenta muitas ilustrações dos resultados da verdadeira educação. Apresenta muitos nobres exemplos de homens cujo carácter foi formado sob direcção divina; homens cuja vida foi uma bênção a seus semelhantes, e que estiveram no mundo como representantes de Deus. Entre estes se acham José, Daniel, Moisés, Elias e Paulo — respectivamente estadista, sapientíssimo legislador, reformador dentre os mais fiéis, e o mais ilustre instrutor que o mundo já conheceu, com excepção d'Aquele que falou como nenhum outro." *Educação*, 51.

José e Daniel, os dois maiores estadistas, foram afastados dos seus lares muito cedo e foram lançados num ambiente totalmente não cristão em que ficaram sujeitos às mais severas tentações. O que os capacitou para preservarem a sua integridade?

Foi aquilo que os seus pais tinham construído neles através do apropriado desempenho das suas sagradas responsabilidades. Estes jovens foram primeiramente iniciados numa verdadeira experiência do renascimento e depois devidamente ensinados nos princípios da justiça.

Há prova conclusiva que José tinha sido abençoado com o renascimento muito cedo, muito antes de ser vendido como escravo. Mas, antes de examinarmos as evidências confirmando que José era na verdade renascido, devemos assegurar-

nos que os leitores destas palavras compreendem que ser renascido é muito mais do que modificar crenças, amizades e hábitos de vida. Embora tudo isto esteja envolvido, pode estar presente sem que a pessoa se torne um verdadeiro filho de Deus através do processo do renascimento espiritual. Por exemplo, se um católico romano mudasse para o comunismo, certamente teria crenças diferentes, outras amizades e um padrão de vida ou uma forma de viver muito diferente, mas com certeza não seria renascido no sentido espiritual. O próprio facto de se tornar comunista prova isso, pois o comunismo é inimigo do cristianismo.

Ninguém renasceu enquanto o poder criador de Deus não erradicou do interior a velha natureza que é o desenvolvimento da semente má de Satanás e implantou a semente de Cristo no seu lugar. Nenhuma modificação ou melhoramento da velha vida passará por isto. Tem que haver o começo de uma vida completamente nova dentro da pessoa.

"Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." *2 Coríntios* 5:17.

"Jesus continuou: 'O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.' O coração, por natureza, é mau, e 'quem do imundo tirará o puro? Ninguém'. Jó 14:4. Invenção alguma humana pode encontrar remédio para a alma pecadora. 'A inclinação da carne é inimizade contra Deus: pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser.' 'Do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituições, furtos, falsos testemunhos e blasfémias.' Romanos 8:7: Mateus 15:19. A fonte do coração se deve tornar pura para que a corrente se possa tornar pura. Aquele que se esforça para alcançar o Céu por suas próprias obras em observar a lei, está tentando o impossível. Não há segurança para uma pessoa que tenha religião meramente legal, uma forma de piedade. A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza. Tem lugar a morte do eu e do pecado, e uma vida toda nova. Essa mudança só se pode efectuar mediante a eficaz operação do Espírito Santo." *O Desejado de Todas as Nações*, 152.

A descrição dada pela Inspiração da experiência religiosa e carácter de José mostra que ele era de facto uma nova criatura. As coisas velhas tinham passado e todas as coisas se tornaram novas. Dele, quando era ainda um rapaz nas tendas de seu pai, está escrito:

"Houve um, entretanto, de carácter grandemente diverso — o filho mais velho de Raquel, José, cuja rara beleza pessoal não parecia senão reflectir uma beleza interior do espírito e do coração. Puro, activo e alegre, o rapaz dava prova também de ardor e firmeza moral. Escutava as instruções do pai, e gostava de obedecer a Deus. As qualidades que depois o distinguiram no Egipto — gentileza, fidelidade e veracidade, já eram manifestas em sua vida diária." {PP 144}, *Patriarcas e Profetas*, 209.

Este parágrafo começa por fazer o contraste entre José e os seus irmãos. A descrição dada deles nos parágrafos anteriores mostra que lhes faltava a transformação interior que acompanha a erradicação da velha vida e a implantação da nova. Está escrito que eles ". . . cresceram contenciosos, e sem a devida sujeição; e a vida do pai obscureceu-se pela ansiedade e dor". {PP 144}, *Patriarcas e Profetas*, 209.

Filhos renascidos não obscurecem a vida dos pais com ansiedade e dor, porque a vida deles é de um espírito submisso e abnegado. O espírito de José era diferente do deles. Ele era ". . . de carácter grandemente diverso. . ." Ele possuía ". . . uma

beleza *interior* do espírito e do coração", dava ". . . prova também de ardor e firmeza moral" e ". . . gostava de obedecer a Deus". Por isso é evidente que ele tinha os frutos do Espírito Santo e estava cheio do maravilhoso espírito de obediência. Não pode haver dúvida que ele era uma nova criatura em Cristo Jesus, pois as evidências mostram que nele estava Cristo, a esperança da glória.

É imperativo que seja dado contínuo relevo à verdade que tanto o renascimento como a preparação eficaz devem ser combinados para assegurar que a criança cresce no caminho em que deve andar. Um sem o outro não pode trazer verdadeiro sucesso especialmente se o elemento que falta é o renascimento. Nesse caso mesmo o melhor treino será como prestar o maior cuidado a um espinheiro na esperança que ele produza bom fruto. Por outro lado, chegar ao novo nascimento sem o seguir com o preparo, é o mesmo que plantar uma boa videira e depois deixá-la descuidada e abandonada na luta contra as ervas daninhas que a estrangulam, espalhando-se no solo num confuso emaranhado, desprotegida da seca e privada dos nutrientes vitais.

O facto que José se tornou um dos dois maiores estadistas de todos os tempos, declara que lhe foi dada pelo seu temente a Deus pai, Jacó, uma educação muito eficaz para complementar a sua iniciação na família de Cristo. Infelizmente, a sua mãe, Raquel, morreu quando José era ainda muito jovem, mas não antes de lhe deixar uma permanente influência para o bem na sua mente infantil.

A respeito da educação que ele com alegria recebeu do seu pai está escrito:

"Escutava as instruções do pai, e gostava de obedecer a Deus." {PP 144}, *Patriarcas e Profetas*, 209.

"Em sua meninice, a José havia sido ensinado o amor e temor de Deus. Muitas vezes, na tenda de seu pai, sob as estrelas da Síria, contava-se-lhe a história da visão noturna de Betel, da escada do Céu à Terra e dos anjos que por ela desciam e subiam, e d'Aquele que do trono, no alto, Se revelou a Jacó. Fora-lhe contada a história do conflito ao lado do Jaboque, quando, renunciando a pecados acariciados, Jacó se tornou conquistador e recebeu o título de príncipe com Deus.

"A vida pura e simples de José, como um pastorzinho guiando os rebanhos de seu pai, favorecera o desenvolvimento não só da capacidade física mas também da mental. Em comunhão com Deus por meio da Natureza e do estudo das grandes verdades transmitidas como um sagrado legado de pai a filho, adquiriu ele vigor mental e firmeza de princípios." *Educação,* 52.

O resultado final desta combinação de renascer com pouca idade e a devida educação dos pais, foi um homem de coragem moral e espiritual, um dirigente que se mostrou capaz de permanecer firme contra as mais ferozes tentações tanto nas horas de adversidade como na prosperidade.

"Na amargurada vida de estrangeiro e escravo, entre as cenas e os ruídos do vício e das seduções do culto pagão, culto este cercado de todas as atracções de riquezas, cultura e pompas da realeza, José permaneceu firme. Tinha aprendido a lição da obediência ao dever. A fidelidade em todas as situações, desde as mais humildes até as mais exaltadas, adestrou todas as suas capacidades para o mais elevado serviço." *Educação,* 52, 53.

José deu uma tremenda contribuição para o avanço da causa de Deus. O mundo teria sido incomensuravelmente mais pobre se não fosse o seu ministério. Os elevados níveis a que ele chegou, a exaltada posição de responsabilidade e poder a que foi elevado, a notável influência para o bem que ele possuiu e o

glorioso serviço que prestou a Deus, a Israel e ao Egipto, assegura-nos que o seu nome será recordado para sempre.

Nunca seja esquecido que ele era o que era e chegou onde chegou por causa daquilo que os seus pais fizeram por ele. Ele não foi o produto de uma boa sorte que reuniu a correcta combinação de genes, mas o resultado natural da aplicação diligente e hábil dos princípios correctos. Qualquer casal que dá aos seus filhos aquilo que os pais de José lhe deram, verá os mesmos resultados serem alcançados. Que emocionante perspectiva para os homens e mulheres jovens de hoje.

"As mesmas grandiosas verdades que foram reveladas por estes jovens, Deus deseja revelar por meio dos jovens e crianças de hoje. A história de José e Daniel é uma ilustração daquilo que Ele fará pelos que se entregam a Ele, e que de todo o coração procuram cumprir Seu propósito." *Educação*, 57.

Estes magníficos homens tornaram-se naquilo que eram por causa dos seus pais não desperdiçarem as suas oportunidades devido à indiferença, ignorância, negligência, ou preocupação com outros interesses. Há o tempo e a oportunidade para fazer algo pela criança quando ela é inicialmente concebida que na realidade nunca devia ser feito numa data posterior. Durante o período pré-natal, são lançados fundamentos para o bem ou para o mal que terão muito efeito na determinação de todo o futuro da criança que ainda não nasceu. Se deixais passar esses dias de oportunidade a perda nunca poderá ser totalmente recuperada. Os pais devem compreender isto de modo a não deixarem passar um único dia de oportunidade inutilmente.

Ao mesmo tempo, deve ser tomado cuidado para assegurar que a ansiedade e a pressão das circunstâncias impeçam a construção devido ao receio de estarmos a falhar em fazer o melhor que é esperado de nós. Aprendei o que deve ser feito, sede zelosos, diligentes e responsáveis em fazê-lo e em seguida total e completamente repousai no Senhor. Não há outro modo.

Daniel, o outro maior estadista da história humana, é outra ilustração daquilo que Deus espera que os pais construam nas suas crianças.

". . . José e Daniel mostraram-se fiéis aos princípios de sua primeira educação, fiéis para com Aquele de quem eram os representantes. A tais homens, tanto no Egipto como em Babilónia, a nação toda honrou; e um povo pagão, assim como todas as nações com que entretiveram relações, contemplaram uma ilustração da bondade e beneficência de Deus, uma imagem do amor de Cristo." *Educação*, 56.

Daniel é um exemplo de particular interesse para os que de nós vivem nos últimos dias da história da Terra, porque as mesmas condições e exigências estão agora a repetir-se. Daniel viveu num tempo em que Israel tinha caído em profunda apostasia e Babilónia crescido até dominar o mundo.

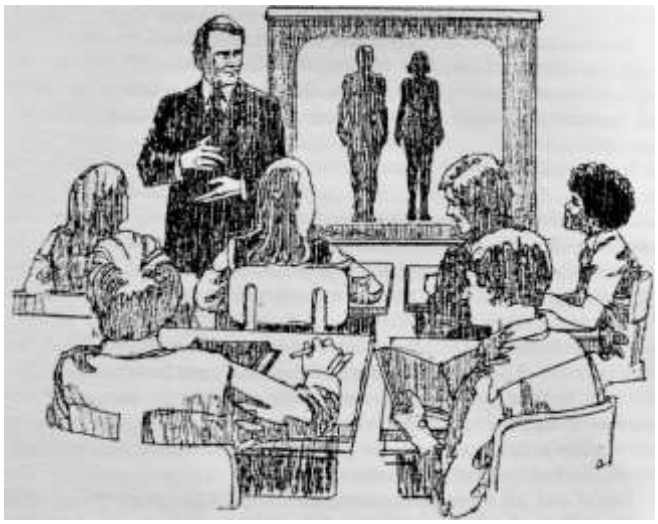
Rapidamente hoje, o desenvolvimento das mesmas condições está a aproximar-se na sua totalidade. As professas igrejas de Deus caíram em profunda apostasia, enquanto o papado está crescendo em poder e favor todos os dias. Já estão a ser feitos esforços nalguns países, por organizações católicas e protestantes aliadas, para forçar a abolição dos desportos ao domingo. Embora as multidões não estejam ainda preparadas para aceitar isto, virá o tempo em que isso acontecerá.

Mas, quando o Israel antigo se afastou completamente da verdade, o Senhor tinha um pequeno remanescente de jovens que ". . . se não compravam nem se vendiam; homens que no íntimo da alma" eram "verdadeiros e honestos; homens que não temiam chamarem o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja

consciência" era "tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que" permaneciam firmes "pelo que é reto, ainda que caíssem os céus." *Educação*, 57.

Daniel e os seus três companheiros tal como José foi antes deles, eram esse tipo de homens. Eles eram precisamente aquilo que era necessário para nessa hora decisiva deter o rei de Babilónia na sua inflexível marcha para o absoluto governo do mundo. Tão grandes tinham sido os seus sucessos que todo o mundo excepto a verdadeira igreja do Senhor estava sob o seu domínio, que, na sua assembleia contava apenas com quatro almas jovens. Havia outros crentes fiéis na cidade e no reino, mas não estavam em posição de lutar com o rei.

Como no tempo de Nabucodonosor, o mundo de hoje tem seu grande sistema de educação que, afirmam os homens com confiança, é superior aos caminhos de Deus. Mas, para aquele orgulhoso monarca, foi dada uma visão do verdadeiro poder da verdadeira educação cristã que foi tão convincente que ele admitiu abertamente a superioridade dos caminhos de Deus. Nestes últimos dias, através dos filhos de pais que compreendem e praticam os princípios da salvação infantil, o mundo é novamente visto e convencido pelo poder da verdadeira educação cristã.



Os confrontos entre o poderoso rei e os quatro jovens poderiam parecer a qualquer observador que não compreendesse o magnificente poder de Deus nos consagrados cristãos, tão totalmente favorável ao rei que não havia qualquer esperança para os filhos de Deus alcançarem qualquer sucesso. Mas, não foi assim. Em todas as batalhas travadas entre os servos de Deus e Nabucodonosor, o Senhor saiu vitorioso. O caminho de Deus fora apresentado como o único caminho para o sucesso em todos os exemplos.

O primeiro encontro foi acerca da natureza do alimento e da bebida que devia ser consumido e os supostamente acrescidos méritos por serem oferecidos aos ídolos. Sob a bênção de Deus, demonstrou-se que a comida saudável fornece um alimento muito melhor para o corpo e cérebro do que a dieta dos babilónios.

O rei estava tão confiante no seu sistema de educação e no qual acreditava estar o superior poder intelectual do seu povo, que, no exame final dos três anos, esperou uma classificação muito mais inferior dos jovens judeus do que dos caldeus. Mas, para seu espanto, verificou que os quatro hebreus eram dez vezes melhores do que os outros estudantes, não importa de que lugar do mundo vieram.

Seguiu-se então o sonho no qual o rei viu a imagem construída com vários metais. Que acontecimento esse se tornou! O rei, apesar das vitórias conseguidas pelos hebreus, não admitiria a superioridade deles, mas consultaria os seus assim chamados sábios para saber o sonho e a sua interpretação. A sua confissão de incapacidade para o servir nesta hora de grande necessidade expôs as terríveis deficiências do orgulhoso sistema babilónico. Então, Daniel e os seus três companheiros puderam demonstrar que, no perfeito sistema de Deus, não havia limitações. O Deus do Céu habita realmente com o Seu povo, está em comunicação como ele e revela-lhes o que para eles está oculto.

O resultado deste confronto de forças foi tão convincentemente a favor de Jeová que Nabucodonosor foi constrangido a submeter-se e reconhecer absolutamente a superioridade infinita do seu Criador. Foi um resultado incrível.

Mas o poderoso Nabucodonosor que tinha a riqueza e poder do mundo ao seu dispor, não se rendeu na luta facilmente. Embora tivesse reconhecido que somente Jeová tinha o poder que ele imaginava estar contido no sistema babilónico, no seu orgulho achou difícil aceitar isto. Como um testemunho da sua total rejeição daquilo que anteriormente havia confessado, ordenou que se construísse uma imagem de ouro. Ao usar apenas um metal no ídolo, estava a declarar que Babilónia nunca desapareceria, que não havia força no céu ou na terra que pudesse livrar alguém do seu poder.

Outra vez foi forçado a confessar quão errado estava e tornou-se mais tarde um cristão verdadeiramente convertido.

"O rei de Babilónia, perante quem Daniel tantas vezes honrou o nome de Deus, foi por fim convertido, e aprendeu a 'louvar e exaltar e honrar o Rei do Céu.'" *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1170.

Que glorioso acontecimento foi este! Para igualá-lo hoje seria necessário que um grupo de jovens em quem Cristo a esperança da glória estivesse formado, entrasse no Vaticano e efectuasse a genuína conversão do actual papa de Roma. Esses jovens teriam que ser tão altamente qualificados e tão cheios de sabedoria e poder de Deus como Daniel e os seus três companheiros. Isso seria possível se os jovens envolvidos tivessem nascido de novo desde os seus mais remotos momentos e tivessem sido preparados de acordo com os caminhos de Deus e sabedoria desde essa altura.

Não há uma grande quantidade de informação ao nosso dispor a respeito da família da qual Daniel procedeu e da educação que ele recebeu dos seus pais. Não tenho sido capaz de encontrar os nomes do seu pai e da sua mãe. Contudo, já foi dito o suficiente para tornar claro que ele renasceu com muito pouca idade e foi abençoado com a melhor educação cristã. Por outras palavras, ele foi aquilo que os seus pais fizeram dele. Quando foi concebido e durante os dezoito anos até ser levado cativo, eles não tiveram a mais pequena ideia do tremendo significado do papel que ele devia desempenhar em Babilónia onde devia alcançar o que toda a nação dos judeus tinha por missão fazer. Contudo, eles deram-lhe o melhor que tinham.

Há boa razão para crer que a mensagem da salvação das crianças foi compreendida e ensinada pelo profeta Jeremias. A este notável profeta, o Senhor declarou, ". . . Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre te santifiquei." *Jeremias* 1:5.

Ser santificado é ser tornado santo. Isto só é possível se a pessoa for libertada da velha natureza que não é pura ou não santificada e cheia da vida de Jesus que é totalmente pura ou santa. Assim Jeremias tal como João Baptista depois dele foram abençoados com o novo nascimento desde os seus primeiros momentos.

Este profeta começou o seu ministério ". . . Nos dias de Josias, filho Amom, rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado." *Jeremias* 1:2. Continuou a sua obra até ao décimo primeiro ano de Zedequias, o último rei de Judá.

Vinte e um anos separaram o início do ministério de Jeremias e o terceiro ano do reinado de Jeoaquim, o ano em que Daniel foi levado cativo para Babilónia. "Daniel tinha apenas dezoito anos quando foi levado para um reino pagão a fim de

servir o rei de Babilónia. . .” *Testemunhos Para a Igreja* 4:570. Portanto, Jeremias começou o seu ministério três anos antes de Daniel nascer.

A obra de Jeremias combinou dois ministérios. Um foi a transmissão de firmes mensagens de advertência e reprovação ao apostatado rei, sacerdotes e governantes. A outra foi a pregação do evangelho ao espalhado remanescente que amava a verdade em justiça. Hoje referimo-nos à segunda porque foi por este meio que Daniel e os seus três amigos receberam as qualificações para travar com sucesso a guerra com o monarca babilónico. Sobre o seu ministério está escrito:

“Como a mais suave música essas promessas de livramento caíram nos ouvidos dos que se mantinham firmes na adoração a Jeová. Nos lares do elevado e do humilde, onde os conselhos de um Deus que guarda o concerto eram ainda tidos em reverência, as palavras do profeta foram repetidas uma e outra vez. Mesmo as crianças foram fortemente animadas, e em suas mentes jovens e receptivas foram feitas duradouras impressões.” {PR 218}, *Profetas e Reis*, 427.

Esperar-se-ia que os nomes de quatro dessas crianças fossem Daniel, Ananias, Misael e Azarias. Os últimos três eram mais conhecidos pelos seus nomes babilónicos, mas estes não lhe foram dados senão quando chegaram à cidade como cativos. A conclusão que estes quatro eram ouvintes muito atentos das mensagens de Jeremias é confirmada no parágrafo que se segue ao que foi citado acima.

“Foi sua conscienciosa observância das ordenações da Santa Escritura, que nos dias do ministério de Jeremias proporcionou a Daniel e seus companheiros oportunidades de exaltar o verdadeiro Deus perante as nações da Terra.” {PR 218}, *Profetas e Reis*, 428.

A instrução que Daniel e os seus companheiros receberam nos seus lares judeus não veio unicamente de Jeremias. Conhecendo por experiência o poder vivo presente num indivíduo quando santificado antes de ser nascido, ele podia e nós podemos estar certos que ele ensinou os princípios da salvação das crianças aos pais. À medida que eles compreendiam e eram inspirados por esta maravilhosa mensagem, foram capazes de dar aos seus pequenos no início da vida aquilo que todas as crianças deviam ter, e, por sua vez, seguiram isto com dedicada e hábil educação.

“Daniel e seus companheiros tinham sido fielmente instruídos nos princípios da palavra de Deus. Haviam aprendido a sacrificar o terrestre pelo espiritual, a buscar o mais alto bem. E colheram a recompensa. Seus hábitos de temperança e seu senso de responsabilidade como representantes de Deus, reclamavam o mais nobre desenvolvimento das faculdades do corpo, da mente e da alma. Ao terminar o seu preparo, sendo examinados com outros candidatos às honras do reino, ‘não foram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael, e Azarias’. Daniel 1:19.” *Educação*, 55.

Contudo, nunca deve ser esquecido que cada um destes homens era aquilo que os pais fizeram deles. Não havia “outros semelhantes” a eles, nenhum havia sido santificado antes de nascer, nem tinha subsequentemente recebido a educação que estes jovens receberam. Sem ser renascido era impossível qualquer deles ser correctamente educado.

Todo o jovem hoje que pensa no casamento, ou já casou, devia estar profundamente grato ao Senhor por ter enviado uma tal maravilhosa luz de como educar filhos da qualidade e calibre de José e Daniel. Nós estamos enfrentando o dia que se aproxima em que uma vez mais Babilónia governará o mundo. Todos se

curvarão e servirão a potestade das potestades, excepto o corajoso grupo que conhece Deus e permanece firme e sem receio na presença de todo e qualquer poder terrestre.

Temos considerado apenas alguns dos poderosos caracteres bíblicos cujos feitos são o resultado daquilo que os pais fizeram. Não há espaço aqui para estudar mais acerca deles, mas todo o cristão hoje, especialmente se ele ou ela são pais jovens ou pretendem vir a ser, devem passar tempo em profundo e amplo estudo destas vidas e dos pais que estão por detrás que fizeram que eles fossem o que eram.

Grande será a inspiração, fé e coragem que um tal estudo proporcionará. Mães e pais verão como nunca antes aquilo que pode ser dado aos seus filhos. Compreenderão em verdade que não há outra profissão que se compare com a de pais e serão assim levados ao sacrifício de todos os outros interesses que desviem desta suprema responsabilidade. Ser presidente ou príncipe pode trazer fama, poder e riquezas, mas o que é isto comparado com o ver as vossas crianças possuídas de sólida constituição física, tremendo poder intelectual até dez vezes mais da possuída pelos seus semelhantes mundanos, coragem moral, justiça interior, alegria na verdade, o terno espírito de obediência e um lugar no reino.

Pais e mães, se não realizardes nada mais na vida do que isto, que mais podeis pedir? Não há outra profissão que iguale a de ser pai e mãe. Tirai o maior proveito disso!

Capítulo 12

É Preciso Renascer

A obra dos pais, correctamente desempenhada, não é uma ocupação para os que não estão preparados. É uma tarefa que requer um elevado nível de competência e não devia ser levada a cabo por aqueles que não estão verdadeiramente qualificados para a obra. De facto, se as pessoas em geral compreendessem tudo o que está envolvido e é requerido, juntamente com as terríveis consequências do fracasso, seria manifesto da parte dessas pessoas uma marcada hesitação em tomar essa assustadora responsabilidade.

Por outro lado, quando alcançam um vislumbre do incrível galardão do sucesso e o tremendo apoio, eficiência e orientação prometida pelo divino Guia, seriam inspiradas para empreenderem a obra. Há poucas coisas, se algumas, mais maravilhosas do que ter uma família de filhos verdadeiramente consagrados com constituição física saudável, poderoso intelecto, experiências espirituais vivas, profundo permanente amor a Deus, aos seus pais e aos seus semelhantes e personalidade bem equilibrada.

"Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o seu galardão.

"Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade.

"Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, quando falarem com os seus inimigos à porta." *Salmos* 127:3-5.

O que os futuros pais necessitam antes de entrarem na experiência do casamento, é uma realista e compreensiva avaliação daquilo que estão prestes a levar a cabo. Isto levá-los-á a dedicar uma muito maior proporção do seu tempo a uma profunda preparação para a tarefa que os espera. Entrarão então nas suas responsabilidades como maridos e esposas, pais e mães, com uma inteligência e dedicação digna do seu elevado chamamento.

É uma tragédia que quem quer que o deseja possa entrar no casamento e na constituição de família sem ser exigido que possua qualquer grau de competência. A sociedade está cega para a necessidade dos jovens serem ensinados sobre o propósito do casamento e a preparação necessária para lhes dar aptidão para terem e educarem filhos. O resultado é que os jovens tomam responsabilidades para as quais não estão preparados, uma triste situação que leva eventualmente a toda a espécie de fragmentação da família.

Legitimamente, aqueles que aspiram a outras importantes vocações na vida tal com médicos, arquitectos, engenheiros civis, pilotos de linhas aéreas e maquinistas de comboios, precisam satisfazer padrões de eficiência antes de lhes serem confiadas estas posições. Assim devia ser com aqueles que aspiram à educação de crianças, uma ocupação que é incomensuravelmente mais importante do que qualquer outra.

A educação da criança começa com a educação dos pais. A ideal mas inexistente situação seria satisfeita se todos desde os primeiros pais tivessem renascido desde o momento da sua concepção e preparados desde então fiel e correctamente. Se tivesse sido assim, a raça humana ter-se-ia tornado verdadeiramente incrível e a obra de Deus teria sido finalizada há muito, muito tempo.

Mas este não é o caso. Portanto, não há hoje no mundo um que possa reclamar um conjunto de condições ideais para a sua tarefa de pai. Por conseguinte, todos têm que tirar o maior proveito da situação em que se encontram. Se tiverem sido tão abençoados que a mensagem sobre a salvação das crianças chegou suficientemente cedo para compreenderem como procurar o novo nascimento para os seus filhos tão cedo quanto eles foram concebidos, então que se alegrem, pois estão perto das melhores vantagens possíveis nesse momento. Todavia, ninguém hoje tem gerações de progenitores antes de si que fossem renascidos desde a sua concepção. De facto, quem seria capaz de sugerir ter uma linha inquebrável de progenitores que experimentaram a salvação em qualquer geração? Talvez tivesse havido alguns mas com certeza não numa inquebrável sucessão.

Actualmente, muitos dos que aceitaram a mensagem da salvação das crianças, mas já estão casados e têm filhos de várias idades, podem sentir-se desencorajados em virtude da mensagem chegar demasiado tarde para eles assegurarem aos seus filhos o renascimento desde os primeiros momentos da sua concepção. Lamentarão naturalmente o obstáculo causado pela presença interior do pecado. Compreenderão que os seus filhos não serão capazes de alcançar as gloriosas alturas onde podiam chegar e sentir-se-ão forçados a estar satisfeitos com menos do que o melhor.

Contudo, ninguém chore as oportunidades perdidas, mas em vez disso alegre-se por ter vindo a luz antes de ser demasiado tarde para todos. A mensagem deve ser aplicada às crianças já nascidas e apesar de haver acréscimo nas dificuldades a vencer, os resultados serão ainda superiores aos resultados do antigo sistema do emprego da força. Toda a criança pode agora ser eficazmente salva do poder interior do senhor do pecado e iniciada na família de Deus.

O estudo da preparação dos pais e os procedimentos a serem seguidos por eles na salvação e educação das suas crianças, ocupará os próximos capítulos. Em primeiro lugar começaremos com aqueles que ainda não casaram que, apesar dos seus pais não serem cristãos renascidos, ouviram e aceitaram a mensagem da salvação das crianças e se dedicaram a si mesmos ao plano de assegurar que os seus pequenos experimentem o renascimento logo após a concepção e sejam correctamente educados desde então. Será dada consideração ao que devem fazer para se prepararem para a obra de pais e o procedimento a ser seguido para tornarem certo que os seus bebés sejam renascidos e desde essa altura correctamente educados.

Feito isto, dirigir-nos-emos para os problemas especiais que se levantam nos casos daqueles que casaram sem estar informados sobre estes princípios. Esta secção tratará questões como:

- Como pôr em prática a salvação das crianças num casamento misto? e
- Até que ponto deve uma criança já nascida participar na decisão de ser liberta do pecado e recebimento da vida e espírito de Cristo?

Assim, começamos com os casos daqueles que ainda não casaram, mas pensam que chegará a altura em que tomarão esse compromisso para toda a vida. Sendo pelo menos professos cristãos, desejam possuir um lar em que os filhos são membros da família celestial e reflectem o carácter de amor de Deus. Desejam ter um lar inquebrável no reino.

O primeiro princípio a ser reconhecido é que eles devem ser em si mesmos tudo o que desejam que os seus filhos sejam. "Se os pais desejam que os filhos sejam corretos e procedam corretamente, eles mesmos devem ser corretos, tanto na teoria como na prática." {OC 136}, *Orientação da Criança*, 217. Esta é uma verdade que algumas pessoas são lentas a aceitar, um facto que me impressionou numa reunião de pais e professores em Kumeroa na Nova Zelândia quando, há muitos anos, os meus filhos frequentavam uma escola com um único professor.

O professor era um homem dedicado que levava a sua obra muito a sério e fazia saber que estava preocupado com muito mais do que a educação literária das crianças ao seu cuidado. O seu interesse no bem-estar envolvia também o desenvolvimento do carácter delas. Crendo que os pais e professores seriam fortalecidos nos seus esforços se trabalhar conjuntamente em harmonia, convocava de tempos a tempos uma reunião na escola.

Uma noite, foi discutida a questão de como lidar com o problema de um mau temperamento da criança. Várias pessoas apresentaram as suas opiniões e bastante activamente trocaram as ideias seguidas, todas elas focaram a reforma da criança. Ninguém sugeriu que os próprios pais não esperassem que os mais jovens não fossem pacientes e manifestassem amor a menos que eles, os mais velhos, tivessem obtido primeiramente a sua vitória. Depois de ouvir durante algum tempo, sugeri que os pais fossem primeiramente em si mesmos aquilo que desejavam e esperavam que os seus filhos fossem, porque, se eles não podiam mostrar uma doce e paciente disposição sob a pressão e provocação, como podiam exigir isto dos seus pequenos?

Esperei que as outras pessoas recebessem bem esta minha observação como uma proposta lógica e razoável, mas ninguém o fez. Pelo contrário, as minhas palavras foram recebidas com indignação. Uma mulher fora de si exclamou, "O quê! Como podia esperar que eu tivesse um temperamento doce e calmo quando estas pequenas pestes estão continuamente a irritar-me? Isso é pedir *demais*!"

Esta pobre alma não compreendia o evangelho e por isso nunca tinha experimentado o seu poder salvador. Ela nunca tinha conhecido a vitória sobre o mau temperamento e nunca tinha sido abençoada com a paz que ultrapassa o conhecimento. Se ela tivesse feito isso, teria com alegria concordado com a proposta que os pais não têm sucesso na obra da construção do carácter das suas crianças a menos que este problema esteja resolvido neles em primeiro lugar.

Portanto, antes de um homem e uma mulher casarem, o seu primeiro passo deve ser examinar as suas vidas para determinar se têm em si ou não as qualidades que desejam ver nos seus filhos. Este exame escrutinador deve ser tão profundo que revele com segurança se são renascidos ou não. Se uma pessoa não

é renascida, não há esperança de serem pais verdadeiramente bem-sucedidos, porque esta qualificação é absolutamente essencial. Portanto, a primeira questão que deve ser colocada pelos futuros pais é: "Sou eu renascido?"

É essencialmente importante que cada um dos pais saiba com certeza que ele e ela e cada um dos filhos são de facto nascidos de novo. É muito fácil estar-se enganado acerca deste assunto. Por causa das pessoas observarem solenemente as cerimónias da igreja, e conseguirem uma conformidade exterior do correcto comportamento ganham a confiança de que são filhos de Deus. Mas, a menos que a sua velha natureza tenha sido crucificada até à morte, e a vida de Cristo literalmente implantada no seu lugar, então, não são filhos de Deus. Ninguém descanse enquanto não estiver seguro de que eles e os seus filhos são nascidos de novo.

É aqui que grande cuidado deve ser tomado, porque muitos crêem que alcançaram este estado quando de facto isso não aconteceu. Mesmo importantes teólogos podem estar enganados acerca da sua verdadeira condição perante Deus. Se tivésseis que perguntar a qualquer ministro religioso de qualquer igreja se crê que renasceu, ele muito provavelmente afirmará que sim. Contudo, na maioria dos casos, um exame dos ensinos desse pregador mostrará que ele nem sequer compreende o que envolve nascer de novo.

Um claro exemplo de um homem que estava nesta categoria foi Nicodemos, o nobre que procurou Jesus no silêncio da noite. Ele ficou muito surpreendido quando Cristo lhe disse mais do que uma vez que lhe era necessário nascer de novo antes de poder ver o reino de Deus, e muito menos ter parte nele. Nicodemos era um guia religioso que supostamente compreendia as Escrituras e era abençoado com o tipo de experiência espiritual em que estava pretensamente guiando o povo ao seu cuidado. Mas, tal como tantas pessoas de todas as idades, ele usou falsos padrões de medida para se julgar a si próprio.

Isto acontece porque estão presentes algumas indicações que a pessoa é renascida sem que esta transformação tenha sido realmente experimentada. Por exemplo, uma pessoa que recebeu a nova vida verificará que aconteceram grandes mudanças nos seus hábitos e preferências. Mas também, até certo ponto, isso pode ter acontecido com uma pessoa que adoptou qualquer nova teologia, de tal maneira que se convenceu que está renascida. Satanás é um mestre no engano que sabe como simular o verdadeiro de modo de desviar aqueles que doutro modo podiam escapar às suas ciladas.

Considerai a situação enfrentada pelos membros da igreja em geral. Os persuasivos argumentos dos evangelistas apoiados pelos pastores da igreja levam à aceitação de ser membros da organização. Crêem então que têm a esperança da vida eterna e esperam e oram pelo rápido regresso de Cristo. Renunciaram em grande medida ao mundo e suas atracções e, quando comparam o seu novo estilo de vida com o que foram e com o que os seus antigos companheiros ainda seguem, vêem que fizeram "grandes progressos". Vêem com satisfação a sua fiel ida à igreja, o liberal apoio financeiro aos seus programas, o estudo regular das Escrituras e a sua dedicada obra missionária e repousam na certeza que tudo isto seria impossível se não tivessem renascido.

Porém, a verdade é que, apesar de todos estes aspectos estarem presentes no homem que é nascido de novo, não provam que ele o é, porque todos estes desenvolvimentos podem ser alcançados sem uma pessoa ter recebido a nova vida celestial. Uma vez que uma pessoa tenha sido mentalmente persuadida que uma certa forma de viver lhe trará recompensa eterna e escapará da eterna destruição, esperança e receio provam ser poderosas influências capazes de alterarem drasticamente os padrões de vida dessa pessoa.

Este fenómeno não está limitado a influências religiosas, mas é encontrado sempre que uma pessoa está sujeita ao medo, ou lhe são oferecidas recompensas altamente tentadoras pelos seus esforços. O altamente competitivo mundo dos homens do desporto permite excelentes exemplos deste princípio. Enquanto os seus companheiros descansam na praia comendo e bebendo sem se preocuparem com o efeito sobre a sua saúde e bem-estar e geralmente seguem hábitos indulgentes, o atleta passa o seu tempo em rigoroso treino, enquanto dispensa toda a indulgência prejudicial à sua saúde. Do mesmo modo, músicos dedicados expulsam das suas vidas muitas actividades prazenteiras porque elas prejudicam a sua chegada aos mais altos pináculos do sucesso.

O novo nascimento é algo que está muito além daquilo que a esperança e o medo podem estabelecer na vida, contudo por muito significativas que estas mudanças possam ser, nada menos do que o exercício do poder criador pode iniciar a experiência do novo nascimento. Quando o crente experimenta o milagre de todos os milagres, saberá então que as mudanças que se efectuaram no seu modo de vida são o produto da mudança da própria vida. A velha natureza pecaminosa, que Cristo compara ao espinheiro, foi arrancada pelo omnipotente poder de Deus e substituída pela semente do próprio Cristo.

"'Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.' 2 Coríntios 5:17. Mediante o poder de Cristo, homens e mulheres têm quebrado a cadeia do hábito pecaminoso. Têm renunciado ao egoísmo. O profano tem-se tornado reverente; o bêbado, sóbrio; o pervertido, puro. Pessoas que tinham a semelhança de Satanás, transformaram-se na imagem de Deus. Essa transformação é em si o milagre dos milagres. Uma mudança, operada pela Palavra, é um dos mais profundos mistérios dessa Palavra. Não o podemos compreender; somente podemos crer, conforme declaram as Escrituras, que é 'Cristo em vós, esperança da glória'. Colossences 1:27." {AA 266}, *Atos dos Apóstolos*, 475, 476.

Todos os futuros pais juntamente com aqueles que já estão envolvidos nesta tarefa devem saber que passaram da morte para a vida. Eles devem estar seguros que os padrões brotam da presença de uma nova natureza interior e não foram meramente gerados pela esperança e pelo medo. Isto é imperativo, porque

ninguém pode exercer uma obra parental eficaz e bem-sucedida a menos que seja verdadeiramente renascido. Esta qualificação é tão essencial que nunca é demasiado salientar a sua necessidade. Por esta razão, Jesus disse duas vezes a Nicodemos, ". . . Necessário vos é nascer de novo." *João* 3:7.

A primeira obra a ser feita pelos pais em favor dos seus filhos imediatamente após a concepção é apresentá-los para o renascimento. Quanto mais cedo isto for feito melhor, porque cada momento perdido é tempo para o pecado danificar a mente do bebé. Todavia, os pais não podem levar os seus pequenos a uma experiência que eles nunca conheceram por si próprios. Se lhes falta o conhecimento, a fé e a vontade para entrar, estão destituídos das qualidades necessárias para levar os filhos à mesma experiência.

É claramente desanimador ver quão pouca importância almas religiosas dão ao facto se são ou não renascidas. Tenho testemunhado um considerável número de pessoas reunindo-se para ouvir apresentações de temas tão maravilhosos como "Deus não Destrói", "Entrando no Repouso do Sábado de Deus", "Os Sete Anjos", etc., dando a impressão que eram verdadeiros filhos de Deus. Têm mesmo ouvido com muita atenção estudos específicos sobre a libertação do despótico domínio do pecado e de ser abençoado com a vitoriosa vida de Cristo no interior. Todas elas deram caloroso assentimento, mas, falharam em reconhecer a sua própria necessidade pessoal da libertação e restauração, não fazem um exame profundo de si próprias para ver se, na realidade, são filhas de Deus.

". . . Contentou-se com uma obra superficial. Não conhecem a Deus; não estudaram Seu caráter; não tiveram comunhão com Ele; por isso não sabem como confiar, como ver e viver." {PJ 223}, *Parábolas de Jesus*, 411.

Este testemunho não foi escrito para nos tornar capazes de julgar e criticar a experiência de outros. Pelo contrário, ele destina-se a alertar-nos para o perigo de complacência que espreita todo aquele que está a procurar um lugar na obra final de Deus e no reino. Mas se verificais, ao entregar-vos ao exame escrutinador do Espírito Santo, que preencheis esta descrição, então sabeis que sois virgens loucas cuja destituição e perigo é revelado pelo rebentar das raízes pouco profundas que brotam do solo pedregoso com tanta rapidez e promessa, mas murcham e morrem tão rapidamente quando o calor do sol aperta.

Esta fraqueza não se manifesta enquanto existem condições favoráveis, mas torna-se penosamente evidente quando se desenvolvem situações adversas. Então, muitos daqueles que parecem ser crentes genuínos caem e revelam pela sua antipatia e ira que nunca foram abençoados com a vida de Cristo nem imbuídos dos Seus atributos.

Como pode então alguém saber com segurança que a bênção do renascimento foi de facto derramada? Como pode alguém estar seguro que é um ouvinte comparável ao solo fértil? Esta é uma pergunta que é feita frequentemente, mas nem sempre fácil de responder.

O renascimento é o ponto mais alto de uma série de desenvolvimentos que começam com o despertar para tudo o que não é bom para a alma. O estudo da palavra de Deus escrita levou a um conhecimento dos princípios de justiça, a uma profunda convicção do pecado, a um profundo arrependimento da pecaminosidade interior, a uma confissão da iniquidade e à solene promessa que desde essa altura, o pecado foi posto de lado e a justiça estabelecida no seu lugar.

Uma pessoa não tem que estar no mundo como um pecador declarado para experimentar este despertamento da grande necessidade pessoal. Provavelmente a

pessoa será um assumido membro da igreja em cujo passado existem muitos, muitos anos de devotado serviço à igreja. Durante todo esse tempo a pessoa tem estado na condição de laodiceia e bastante convencida que é rica e de nada tem falta quando de facto é miserável, pobre, cega e nua. Durante anos o Espírito Santo tinha operado para penetrar a escuridão em que ela estava encoberta até que por fim veio o despertar.

Mas, embora a sequência de conhecimento, convicção, arrependimento, confissão e dedicação tenha sido estabelecida, é vulgar ao que luta pela libertação permanecer na ignorância do correcto procedimento para a vitória. Não é ainda compreendido que é necessário haver uma erradicação da velha natureza pecaminosa e a sua substituição com a divina. Assim, na sua ignorância, aquele que busca justiça não procura vitória através destas medidas. Pelo contrário, não deixa o antigo mas fútil método de tentar pela força a prática de boas obras de uma natureza má e, bastante naturalmente, não experimenta melhor sucesso como se tentasse produzir maçãs de um espinheiro. Está tentando de facto alcançar a coisa certa do modo errado, mas leva tempo a descobrir isto. A sua primeira reacção é supor que não está fazendo o esforço suficiente e portanto, deve tentar mais diligentemente e orar mais antes da vontade conseguir a verdadeira vitória sobre as suas dificulades.

Todavia, isto apenas leva a mais frustração. Tantas vezes quantas tentar, falha. Descobre que aquilo que sabe que devia fazer e desesperadamente deseja alcançar, não pode. Está a passar pela experiência descrita em *Romanos* 7, o triste relato de um homem que tenta e falha uma e outra vez, testificando sempre: "Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço." *Romanos* 7:15.

Esta é uma experiência muito frustrante, mas é essencial a todos excepto para aqueles que são renascidos desde os primeiros momentos de vida possíveis. A criança regenerada escapa-lhe porque nunca foi sujeita às filosofias do diabo que o homem tem a capacidade para resolver todos os seus próprios problemas. É verdade que o homem tem uma certa capacidade e lugar para solucionar problemas, mas não quando chega a altura de tratar do problema do pecado.[1] Isto apenas pode ser tratado por um todo-poderoso Salvador.

Contudo, nem mesmo Ele pode resolver a dificuldade enquanto ela não Lhe for entregue. Ele não pode eliminar o problema enquanto de qualquer forma ou nalgum grau, estejamos procurando a solução pelos nossos esforços. Foi apenas quando o homem do tanque de Betesda abandonou toda a esperança de cura pelo popular mas inútil método de ser o primeiro a mergulhar na água, que Jesus chegou junto dele e o restabeleceu como uma alma completamente restaurada, tanto fisicamente como espiritualmente. Foi pelos repetidos fracassos que ele ficou convencido que não havia salvação vinda pelo mergulho nas águas em Betesda. Assim, do mesmo modo, a experiência descrita em *Romanos* 7 serve para convencer a pessoa que afinal não há libertação através dos procedimentos usados por aqueles que ainda não aprenderam a completa incapacidade do homem para se salvar a si próprio. É uma forma dura de aprender, mas melhor do que não aprender nada. Quando, em absoluto desespero chegou a este ponto, estava preparada para colocar a sua salvação completamente nas mãos do Salvador. Então, Jesus pode fazer a Sua obra rapidamente e com sucesso.

[1] Vede *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, capítulo 9, por F.T. Wright.

A pessoa que procura para descobrir se o seu renascimento chegou de facto deve perguntar se já passou realmente por uma verdadeira luta de *Romanos* 7. Se não, então é praticamente certo que a experiência que agora passa para uma verdadeira jornada no caminho de Deus é falsa. Quanto mais dolorosa e prolongada é a luta de *Romanos* 7, mais maravilhosa é a vitória quando ela vem. Devido às diferentes disposições, passado, educação e idades dos vários indivíduos, haverá diversas intensidades na luta de *Romanos* 7. Isto deve ser esperado porque não há duas pessoas iguais.

Teoricamente, uma pessoa podia evitar a agonia desta luta. Isso significaria que de algum outro modo ela teria chegado à mesma absoluta convicção da completa falta de esperança do homem chegar à justiça com um coração de pedra. Teríamos que compreender que nem mesmo Deus pode ou deseja fazer isto, porque a Sua imutável lei, que determina que todo o organismo vivo apenas pode produzir frutos segundo a sua própria espécie, não pode ser quebrada.

Qual é então o método alternativo pelo qual estas convicções podem ser estabelecidas na pessoa? É bastante simples crendo no facto como está escrito nas Escrituras. Repetidamente, o Senhor nos tem dito que uma árvore má não pode produzir bons frutos, que não podemos por nós mesmos alcançar a justiça e que apenas Cristo é o Salvador. Porém, nos casos daqueles que caminharam tanto tempo em trevas e que ainda não têm o colírio celestial do claro discernimento espiritual, uma coisa é ler estas verdades, ou estar informados a respeito delas e outra muito diferente compreendê-las. Em vez disso, parece que todos nós temos de aprender da pior maneira tal como está descrito em *Romanos* 7.

Nem todos os que passaram através desta terrível luta saíram vitoriosos. Há os que decidiram aceitar isto como o melhor que pode ser esperado, e, apesar da evidência em contrário ser conclusiva, argumentam que esta é a experiência normal do cristão.

Isto nunca pode ser assim, porque *Romanos* 7 descreve uma pessoa que é continuamente derrotada, enquanto a experiência do verdadeiro cristão é de vitória sobre o pecado. “Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.” *1 Coríntios* 15:57. “Despertai para a justiça e não pequeis; porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa.” *1 Coríntios* 15:34.

Há uma coisa da qual todos podem estar muito certos. Se, nesta era de maravilhosa luz, credes no vosso coração e argumentais a outros que *Romanos* 7 descreve a verdadeira experiência cristã, então nunca nascestes de novo.

Os muitos argumentos escriturísticos poderosos que provam este ponto são apresentados no nosso volume complementar, *Da Escravidão para a Liberdade*.

Uma vez que o investigador da verdade tenha sido convencido que não pode servir ao Senhor tentando fazer justiça sem a renovação do coração, o caminho ficou aberto para esta transformação ser efectuada. A grande necessidade agora é fé para ser fortalecido até ao ponto onde pode literalmente repousar nas promessas de Deus e assim obter o poder criador de Deus para formar a semelhança divina no coração.

É à medida que o crente procura a fé que lhe dará a libertação da escravidão do pecado, que o divinamente apontado momento vem e o renascimento tem lugar. Nenhum homem pode escolher a hora em que o milagre tem lugar, porque isto é determinado pelo Salvador que é capaz de descobrir exactamente quando a fé se

desenvolveu à necessária intensidade e quando todas as outras condições foram cumpridas.

Então o que procura a verdade verificará que chega o momento em que é colocado face a face com uma verdadeira revelação da sua grande pecaminosidade. Ele ver-se-á então como uma alma perdida, para quem as portas do Céu estão para sempre fechadas. Todas as evidências que anteriormente lhe asseguraram que era membro da família de Deus — filiação na igreja, amor ao estudo bíblico, separação do mundo, actividade missionária, e assim por diante — agora não têm qualquer peso. Elas são vistas por aquilo que são — um programa de obras que em si mesmas não têm qualquer poder para salvar.

É o convincente ministério do Espírito Santo que efectua esta revelação à trémula, alma desesperada. Esta não é uma fase feliz na jornada para o renascimento, tanto que a maioria daqueles que são convencidos recusam aceitar estas revelações sobre si mesmos. Negam que a ilustração seja verdadeira e apontam para todas as suas boas obras a fim de defender a sua opinião que não são injustos de todo como o Espírito de Deus declara que são.

É um erro fatal montar este tipo de resistência, porque, uma vez ofendido o Espírito Santo, Ele não mais é capaz de trazer convicção a essa alma. Na realidade, o que procura a salvação devia dar as boas vindas a este ministério de morte da parte do Espírito Santo. Ver os nossos pecados como Deus os vê é uma grande bênção, pois ninguém pode arrepender-se verdadeiramente do pecado e ser purificado dele sem primeiro vê-lo por aquilo que ele é realmente.

A alma verdadeiramente honesta não argumentará com o Espírito Santo. Pelo contrário, voluntariamente aceitará estas assustadoras convicções mesmo apesar de fazer isto nesta fase ser como assinar a garantia da sua própria morte. Reconhecerá humildemente que merece morrer e submissamente se sujeitará a esta sorte.

Se em verdadeira, não afectada sinceridade adopta esta atitude, o Senhor operará maravilhosamente por ele. Subitamente, as gloriosas promessas de Deus, cheias de poder, aparecerão como se estivessem escritas apenas para ele. Nunca antes elas apareceram em tal força e certeza; nunca antes tão reais e positivas.

Descobre, então, que está confessando não apenas o que fez, mas o que é. Tendo feito esta examinadora confissão em que entrega a velha natureza ao Senhor, então agarra-se à vida de Deus para encher todo o seu corpo e a partir daí isto torna-se a fonte de todas as suas acções. Ao fazer isto, Deus torna realidade o que Lhe foi entregue na oração. A iniquidade é removida e uma nova vida começa no seu lugar. O crente é renascido.

Neste ponto, a única evidência que o crente tem é a viva, inegável fé na Palavra de Deus. É fundamental que todos compreendam isto, pois não há maior erro que possa ser cometido do que começar a olhar para si próprio para ver se alguma coisa aconteceu; para descobrir se um *maravilhoso sentimento* atravessa todo o seu corpo. Demasiado frequentemente, as pessoas fazem a pergunta depois de terem confiado o seu caso a Deus, “pergunto-me se isto realmente resultará comigo?” Essa é uma expressão de incredulidade que garante que isto não operará por esta pessoa. Aquele que tenha sido guiado passo a passo pelo Espírito Santo será elevado acima da incredulidade. Não estará interessado em olhar para as evidências físicas. De facto, quando elas vierem, apanhá-lo-ão de surpresa quando descobre quão diferente se tornou.

Entretanto, regozijar-se-á na libertação que recebeu, sabendo que as evidências físicas se manifestarão a seu tempo. Por agora, não precisa delas. A palavra de Deus é suficiente. Ouviu a palavra de Deus através dessa Palavra e sabe que essa Palavra é literalmente verdade e vida. A sua experiência neste ponto é idêntica ao homem que foi de Cafarnaum a Caná a fim de pedir a Cristo que curasse o seu filho. Quando o poderoso Salvador da doença e do pecado pronunciou as palavras, "Vai; o teu filho vive", o pai não tinha qualquer sinal visível que a palavra do Grande Médico teve efeito. Isso era evidente apenas na distante Cafarnaum onde foi testemunhado pela família e pelos servos. Eles estavam admirados pelo que viam, mas o pai não precisava ver. Ele tinha a palavra de Cristo e isso era o suficiente. Sabia que o seu filho tinha sido restaurado com maior certeza do que se tivesse estado presente na sala do doente a fim de ver com os seus próprios olhos. Penetrando todo o seu corpo estava uma consciente e firme convicção que o seu filho havia recuperado a saúde.

Uma vez que a pessoa seja abençoada com este tipo de experiência da fé e alcance a mensagem do Céu que o pecado foi erradicado do seu coração e a vida de Deus tomou o seu lugar, nunca deve permitir qualquer dúvida sobre essa verdade não importa quão convincentemente o diabo possa argumentar em contrário. É pela fé que ele sabe que está renascido e é pela fé que devemos manter a ligação. "Pela *fé* viestes a pertencer a Cristo; é ainda pela fé que deveis crescer n'Ele. . ." *Aos Pés de Cristo*, 70.

Um estudo das tentações de Cristo no deserto demonstra quão eficazmente o inimigo pode fazer-nos sentir como se Deus tivesse negado a nossa filiação com Ele. No Jordão, Deus tinha audivelmente reconhecido Cristo como Seu Filho. Quarenta dias mais tarde, o diabo estava apontando para a situação e sentimentos do Salvador como uma inegável evidência que Jesus tinha deixado de ser Filho de Deus. Estas eram acusações mentirosas sobre as quais Cristo obteve a vitória pela fé. Embora não houvesse evidência visível para apoiar a Sua condição de Filho de Deus, Ele apegou-se à palavra do Seu Pai e recusou duvidar dela. Deus declarou que Ele era o Seu Filho e isso era suficiente.

Do mesmo modo, quando sois renascidos, a voz do Pai declara que sois Seus filhos. Não ouvis uma voz audível, mas ouvis a certeza dentro de vós mesmos tão claramente como se pudésseis ouvir Deus a falar aos vossos sentidos físicos. Satanás compreende que deve quebrar a vossa fé nessa Palavra se quiser obter a vitória sobre vós e separar-vos do Senhor. Portanto, tendes que manter a fé na Palavra de Deus que estais renascidos e por conseguinte sois o Seu próprio filho. Isto por vezes será muito difícil mesmo ao ponto em que podeis ser levados a duvidar e a incerteza adquire o domínio. Apesar disso, não haveis perdido a vossa filiação com Deus, mas apenas a vossa fé nela. Contudo, tende cuidado porque persistente incredulidade efectuará uma permanente separação de Deus.

Uma vez que o renascimento tenha acontecido, as indicações visíveis seguir-se-ão com certeza, pois vós entrastes agora numa vida totalmente nova.

"Os que se tornaram novas criaturas em Cristo Jesus, produzirão os frutos do Espírito — 'amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio'. Gálatas 5:22-23. Não se conformarão por mais tempo com as concupiscências anteriores, mas pela fé do Filho de Deus seguirão as Suas pisadas, refletir-Lhe-ão o caráter e se purificarão, assim como Ele é puro. As coisas que outrora aborreciam, agora amam; e aquilo que outrora amavam, aborrecem agora. O orgulhoso e presunçoso torna-se manso e humilde de coração.

O vanglorioso e arrogante torna-se circunspecto e moderado. O bêbado torna-se sóbrio e o viciado, puro. Os vãos costumes e modas do mundo são renunciados. O cristão buscará, não o 'enfeite... exterior', mas 'o homem encoberto no coração, no incorruptível trajo de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus'. 1 Pedro 3:3-4." *Aos Pés de Cristo*, 58, 59.

"A obediência é a prova do discipulado. É a observância dos mandamentos que prova a sinceridade de nossas profissões de amor. Quando a doutrina que aceitamos mata no coração o pecado, purifica a alma da contaminação, dá frutos para a santidade, podemos saber que é a verdade de Deus. Quando se manifestam na vida a beneficência, a bondade, a brandura de coração, o espírito compassivo; quando a alegria de fazer o bem nos enche o coração; quando exaltamos a Cristo e não ao próprio eu, podemos saber que nossa fé é da devida espécie. 'E nisto sabemos que O conhecemos: se guardamos os Seus mandamentos.' 1 João 2:3." *O Maior Discurso de Cristo*, 146, 147.

Os pais podem trazer os seus filhos nos braços da fé mesmo antes deles serem nascidos, e saberem que o Salvador os receberá com alegria e os salvará da sua natureza pecaminosa, e os encherá com a Sua preciosa vida.

O contraste entre a vida antes e depois do novo nascimento é maior nos casos daqueles que viveram uma vida irreligiosa, mundana. Os membros da igreja que viveram o melhor que podiam segundo as normas, podem ver muito poucas mudanças reais no seu padrão de vida geral. A sua conversão será portanto menos dramática, menos visível.

O que será verificado é que enquanto anteriormente o esforço para fazer o que estava certo tinha que ser feito contra o seu próprio espírito e natureza, agora a justiça é a expressão da nova natureza como está escrito, "Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer,

que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos." {DTN 472}, *O Desejado de Todas as Nações*, 668.

"Um homem sadio, que está em condições de atender às vocações da vida e que, dia após dia, se dedica ao seu trabalho, com espírito alegre e uma saudável corrente de sangue em suas veias, não chama a atenção de todos aqueles a quem encontra para a sanidade de seu corpo. Saúde e vigor são as condições naturais de sua vida e, portanto, ele raramente se lembra que está no gozo de tão rico dom.

"Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente de sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e é-lhe tão natural produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas. Sua natureza está tão inteiramente imbuída do amor a Deus e ao próximo, que faz as obras de Cristo com espírito voluntário." *Santificação*, 13, 14.

Esses são passos da morte para a vida. Aquele que foi verdadeiramente renascido será capaz de olhar para trás e traçar a sua própria progressão desde o seu primeiro conhecimento da vontade de Deus, até ao despertar para a sua própria falta de obediência a essa vontade, sua convicção do pecado, subsequente arrependimento e confissão e sua determinação para obedecer ao Senhor em todos os pormenores.

Recordará também a frustração que se seguiu quando desesperadamente tentava alcançar estes ideais através dos seus próprios esforços errados. Mas, mesmo apesar dos resultados serem tão desanimadores, havia algo que o impedia de se render na luta. Ele continuava a lutar, mesmo compreendendo mais e mais o seu próprio desespero e necessidade de um Salvador.

Então por fim a luz brilhou nas trevas da sua mente. Aquele que procurava a salvação viu-se a si próprio como o Senhor o via, confessou a sua totalmente perdida condição e em seguida aceitou as promessas de Deus como se elas tivessem sido escritas apenas para ele.

Então veio a libertação do domínio do pecado e o início de uma vida completamente nova. Agora ele descobre que obedece, não à sua própria natureza, mas a uma expressão natural dela.

Um esplêndido exemplo desta transição da condenação e morte para a salvação e vida é dada na conversão de John Wesley.

Este homem foi educado por um pai e uma mãe muito religiosos sem serem ensinados no evangelho de Jesus Cristo. Contudo, ele manteve-se como membro da igreja, educado para o ministério anglicano e buscou sinceramente o favor de Deus. Ele conhecia a vontade de Deus e trabalhou incessantemente para alcançar obediência a ela. Mas sem sucesso ou satisfação.

"Wesley e seus companheiros chegaram a ver que a verdadeira religião se localiza no coração, e que a lei de Deus se estende tanto aos pensamentos como às palavras e acções. Convictos da necessidade de pureza de coração, bem como da correcção da conduta exterior, buscaram com zelo levar uma nova vida. Com oração e diligentes esforços, aplicavam-se a subjugar os males do coração natural. Viviam vida de renúncia, caridade e humilhação, observando com grande rigor e exactidão todas as medidas que julgavam lhes pudessem ser de auxílio para obter o que mais desejavam — a santidade que conseguia o favor de Deus. *Mas não alcançaram o objectivo que procuravam. Baldados foram seus esforços para se libertar da condenação do pecado, ou para lhe quebrar o poder*. Essa foi a mesma luta que Lutero experimentara em sua cela em Erfurt. A mesma questão lhe

tortura a alma — 'Como se justificaria o homem para com Deus?' Jó 9:2." *O Grande Conflito*, 254.

Esta foi a experiência de *Romanos* 7 de John Wesley e seus irmãos. O seu fracasso em encontrar aquilo que procuravam era a inevitável consequência da tentativa de alcançar o resultado certo através dos procedimentos errados. Em vez de olharem para Deus para erradicar e substituir as suas naturezas más, "Com oração e diligentes esforços, aplicavam-se a *subjugar* os males do coração natural." *O Grande Conflito*, 254.

Esta triste, frustrante luta continuaria durante anos. Ele levou isso consigo, tal como fizera o seu irmão Charles, quando foram enviados por barco a fim de trabalharem como ministros na Georgia, América do Norte. A bordo estava um grupo de missionários Morávios cuja imperturbável paz durante uma violenta tempestade estava em nítido contraste com o receio que John e Charles Wesley possuíam.

A sua missão na Georgia foi um fracasso como podia ser esperado vendo que os irmãos ainda não tinham recebido o evangelho. Aqueles foram anos de tristeza e frustração para John Wesley, todavia, ele recusou abandonar a sua perseguição pela paz de Deus. O comprimento e a intensidade da sua luta destinava-se a tornar a sua libertação mais maravilhosa e memorável. Quando finalmente veio a transição, ele realmente sabia que, por fim, era renascido.

"Ao voltar para a Inglaterra, Wesley, sob a instrução de um pregador morávio, chegou a um entendimento mais claro da fé bíblica. Ficou convencido que deveria renunciar a toda confiança em suas próprias obras para a salvação, e que lhe cumpria confiar inteiramente no 'Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.' Em uma reunião da Sociedade Morávia de Londres, foi lida uma declaração de Lutero, descrevendo a mudança que o Espírito de Deus opera no coração do crente. Ao ouvi-la, acendeu-se a fé na alma de Wesley. 'Senti o coração aquecido de maneira estranha', disse ele. 'Senti que confiava em Cristo, Cristo somente, para a salvação; e foi-me concedida certeza que Ele tirara meus pecados, sim, os meus, e me salvara da lei do pecado e da morte.' — Vida de João Wesley, de Whitehead, pág. 52.

"Durante longos e sombrios anos de esforços exaustivos, anos de rigorosa renúncia, acusações e humilhações, Wesley havia-se conservado firme em seu único propósito de procurar a Deus. Encontrou-O, por fim; e achou que a graça que labutara por alcançar pelas orações e jejuns, obras de caridade e abnegação, era um dom, 'sem dinheiro, e sem preço'.

"Uma vez estabelecido na fé cristã, ardia-lhe a alma do desejo de espalhar por toda parte o conhecimento do glorioso evangelho da livre graça de Deus. 'Considero o mundo todo minha paróquia', disse ele; 'em qualquer parte em que me encontre julgo próprio, justo e de meu dever indeclinável, declarar a todos os que desejam ouvir, as alegres novas da salvação.' — Vida de João Wesley, de Whitehead, pág. 74.

"Continuou em sua vida austera e abnegada, agora não como *base*, mas como *resultado* da fé; não como *raiz*, mas como *fruto* da santidade. A graça de Deus em Cristo é o fundamento da esperança do cristão e essa graça se manifestará em obediência. A vida de Wesley foi dedicada à pregação das grandes verdades que recebera — justificação pela fé no sangue expiatório de Cristo e no poder renovador do Espírito Santo a operar no coração, produzindo frutos em uma vida de conformidade com o exemplo de Cristo." *O Grande Conflito*, 255, 256.

Outro testemunho valioso para os passos da escravidão para a liberdade, através dos quais o Espírito Santo nos guia, é dado na experiência de Ellen Harmon. Esta é relatada em *Testemunhos para a Igreja* 1:14-21. Não há dúvida quanto à sua experiência ser um genuíno renascimento, porque todos os elementos estão ali na sua correcta ordem.

Sem dúvida, mais do que suficiente informação é dada nas Escrituras para todos serem capazes de se examinarem a si próprios para determinar se o renascimento foi ou não de facto alcançado. Se não foi, então os pais ou aqueles que ainda não o são devem fazer da obtenção desta bênção toda a consumidora pesquisa das suas vidas. Sede tão determinados para alcançar o sucesso como foi John Wesley. Não descanseis enquanto não possais testificar sem a menor dúvida, "sou uma nova criatura em Cristo Jesus. Eu renasci."

Lembrai, se não sois renascidos, será impossível trazer a salvação aos vossos filhos. Portanto, considerai esta faculdade como a primeira necessidade. Não tenteis sequer ter filhos sem ela, porque com certeza só experimentaríeis fracasso.

Capítulo 13

Considerações Práticas

A construção da família é designada por Deus para preparar almas para o serviço aceitável tanto para esta vida como para a porvir. É a obra mais importante jamais entregue aos mortais. Portanto, "O círculo dos deveres para com a família e os vizinhos, é o primeiro campo de acção para os que se querem empenhar na obra do levantamento moral de seus semelhantes. Não há um campo de acção mais importante do que o que foi designado aos fundadores e protectores do lar. Das obras, confiadas a seres humanos, nenhuma existe tão repleta de consequências de grande alcance, como a obra dos pais.

"A juventude e a infância de hoje é que determinam o futuro da sociedade, e o que estes jovens e crianças hão-de ser depende do lar. A falta de boa educação doméstica pode ser responsabilizada pela maior parte das enfermidades, de miséria e criminalidade que flagelam os homens. Se a vida doméstica fosse pura e verdadeira, se os filhos que saem do lar se achassem devidamente preparados para enfrentar as responsabilidades da vida e seus perigos, que transformação não experimentaria o mundo!" *A Ciência do Bom Viver*, 351.

Estas são palavras fascinantes e o estudante deste maravilhoso assunto é aconselhado a estudar todo o capítulo de *A Ciência do Bom Viver* de onde elas são mencionadas. Este conselho, profundamente considerado e fielmente recebido, inspirará e solenizará aqueles indivíduos que são verdadeiramente dedicados à maravilhosa mas solene tarefa de criar ". . . famílias cujos membros, coroados de honra, fossem reconhecidos como membros da família celestial." *A Ciência do Bom Viver*, 356.

O êxito no preparo dos filhos começa com a boa preparação dos pais. O ponto de partida para esta obra é o novo nascimento. Deve ser estabelecido para sempre nas mentes de todos aqueles que pensam em casar e ser pais, que não têm a mais pequena esperança de vitória para alcançar os verdadeiros objectivos na educação das crianças se não tiverem renascido. É por isto que, sem excepção, cada pessoa jovem devia deixar de lado todas as considerações e concentrar todos os recursos e facilidades ao seu alcance para entrar na família celestial pelo renascimento. Se isto não for feito, a vida será pior do que um desperdício.

Então, uma vez efectuada esta transformação, a obra da aquisição de todos os outros recursos necessários pode começar com segurança. Se enfrentada como

deve, verificar-se-á ser uma exaustiva tarefa que ocupa todo o tempo que nos resta antes do casamento e que continua mesmo depois dele.

O facto é que a preparação dos pais começa quando eles são concebidos, porque é durante o seu período pré-natal que a mais significativa e mais duradoura aprendizagem tem lugar. É nessa altura que são lançados os fundamentos para uma boa ou má paternidade conforme o caso. Felizes na verdade são aqueles poucos pais que em toda a história foram abençoados com um tal começo de vida.

Na maioria dos casos onde os pais não foram eles próprios renascidos e não compreenderam como transmitir esta bênção aos seus filhos, a correcta preparação para a paternidade não começou, se alguma vez se iniciou, enquanto os pais não foram regenerados e aprenderam os princípios da salvação das crianças.

A eficácia desta obra estará em proporção directa com o esforço despendido nela. Se a questão é relegada para segundo plano enquanto é dedicado tempo ao gozo da vida na perseguição de divertimentos e prazeres, ou entregue à luta pela realização das mais elevadas ambições e maiores aspirações, então pode ser com segurança predito que qualquer que segue tais caminhos errados certamente falhará em alcançar os ideais divinos. Que tragédia será essa!

Por outro lado, se os jovens podem realmente ser levados a ver quão importante a sua obra como futuros pais deve ser e quanto o seu sucesso depende de uma profunda preparação, seriam movidos para tomar esta importantíssima obra das suas vidas. Enquanto isto com certeza os levaria a afastarem-se dos insatisfatórios divertimentos da vida, não os impediria de alcançar feitos académicos. Contudo, todos os interesses e objectivos seriam importantes apenas enquanto se relacionassem com a tarefa mais importante na primeira ordem das prioridades — a salvação das crianças.

É um facto triste que demasiados pais em particular estejam muito preocupados com o seu trabalho à custa do tempo e interesse que seriam devotados aos seus filhos. Eles, portanto, deixam a mãe desempenhar uma maior parte da responsabilidade do que aquela que Deus determinou. Enquanto é verdade que a mãe passa mais tempo com os filhos do que um marido que trabalha, na Sua sabedoria, Deus ordenou que a tarefa de educar os filhos fosse um esforço de equipa. Apenas quando o pai e a mãe trabalham em verdadeira coordenação desempenhando cada um o papel divinamente apontado, pode a obra ter sucesso.

Evidentemente, alguns apelarão que vivemos em tempos de raras dificuldades económicas que considerarão impossível a pais e mães que trabalham dedicarem o tempo e a atenção aos filhos que a verdadeira educação requer. Ninguém negará a existência de terríveis pressões, ou que elas tornam difícil a realização das tarefas dos pais. O que deve ser enfrentado é o facto que, se as pessoas escolhem seguir, ou são dirigidas pelas circunstâncias do estilo de vida tão dominado pela pressão económica que é quase impossível cuidar dos filhos de modo adequado, então, enquanto estas condições persistirem, não deviam levar a cabo a tarefa parental.

Em resumo, não permiti a vós mesmos ser pais a menos que possais desempenhar o papel para satisfação de Deus. Então, depois de profunda e honesta oração, se decidirdes ser pais, é vosso dever dedicar-vos à mais intensa preparação para a tarefa. Fazei disto a mais importante consideração da vossa vida.

Deve salientar-se que o Senhor não chama necessariamente todos os crentes a serem pais. Pode haver alguns que possam servir melhor ao Senhor noutra capacidade. Sobre cada filho de Deus repousa a responsabilidade de compreender e aplicar os princípios do repouso do sábado de Deus tão bem que preencha o lugar que Jeová lhes apontou, seja a paternidade ou qualquer outro.

A preparação para ser pai pode ser dividida em dois campos principais — o prático e o espiritual. Daremos primeiro consideração ao treino prático necessário para dar uma preparação razoável para lidar com este aspecto da construção do lar.

"Antes de assumir as responsabilidades que o matrimónio envolve, devem os jovens ter na vida prática uma experiência que os prepare para os deveres e encargos do mesmo." *A Ciência do Bom Viver*, 358.

Quem quer que se tenha envolvido em casamento sabe com certeza que há deveres a cumprir e encargos a assumir. No caso de cada filho individualmente, estas tarefas são mais exigentes quando a criança entra no mundo, mas tornam-se de algum modo mais ligeiras quando a criança desenvolve as suas capacidades para participar no governo do lar. Cada membro adicional da família aumenta significativamente a quantidade de trabalho.

Conclui-se então que a pessoa que nunca aprendeu a trabalhar e a amar o trabalho, não adquiriu a preparação para o casamento. No reino de Deus nada de valor é realizado sem perseverante esforço e quanto mais diligente uma pessoa trabalha de acordo com procedimentos e ideias correctas, maior os feitos e mais satisfatórios os galardões.

Deve ser salientado que uma pessoa pode trabalhar muito fatigantemente e mesmo assim ganhar pouco por causa dos princípios do repouso do sábado não serem aplicados. O antigo Israel precisou de aprender esta lição quando regressou para reconstruir a cidade e o santuário depois do cativeiro em Babilónia. Tinham ficado desanimados e incrédulos, e, em vez de trabalharem segundo as instruções divinas, voltaram-se para os seus próprios planos. Trabalharam cansativamente para construir a sua própria prosperidade material, mas verificaram que não tiveram proveito algum. O Senhor no Seu grande amor e misericórdia advertiu-os pelo Seu mensageiro onde estava exactamente o problema deles.

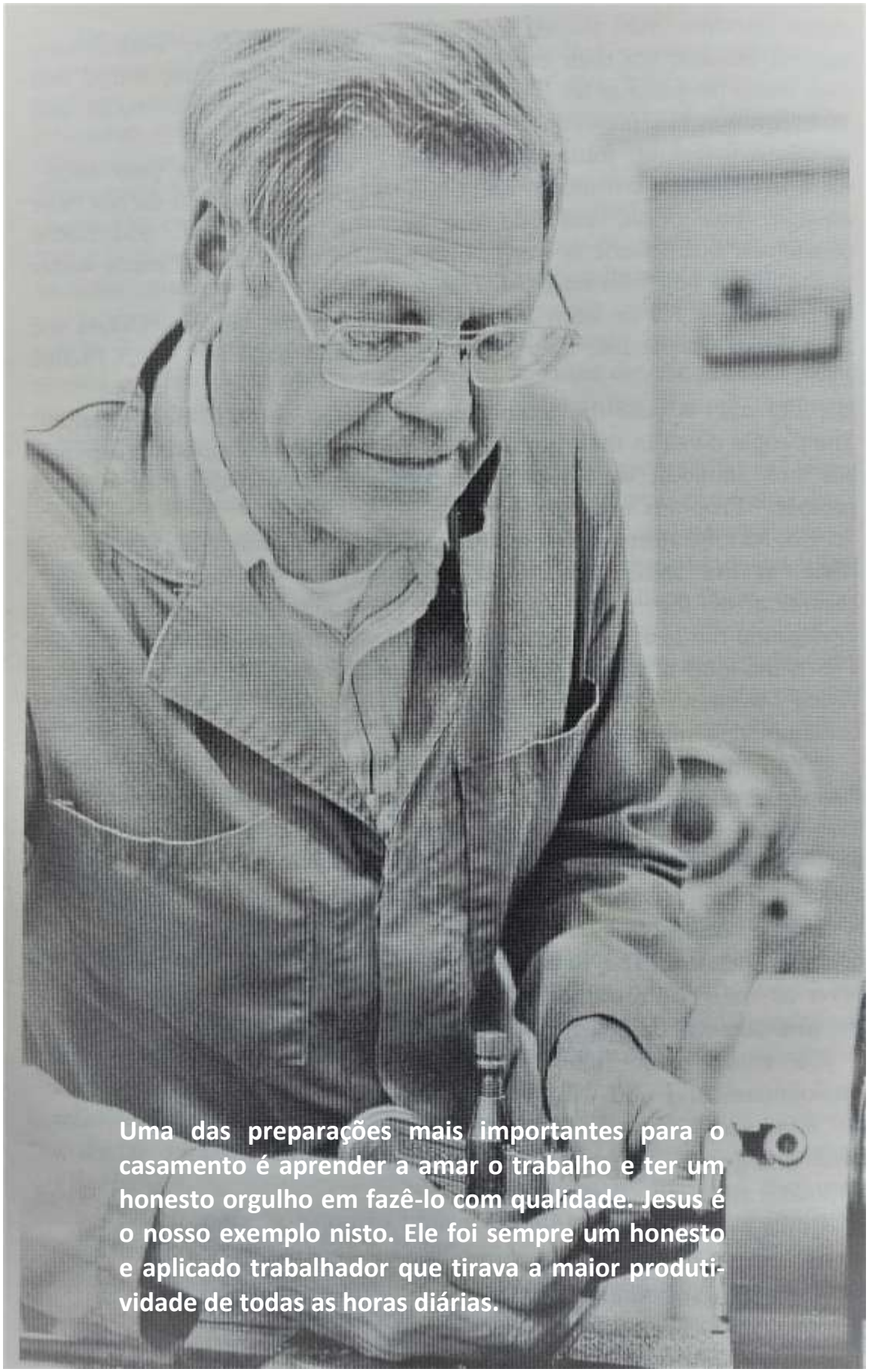
"Ora pois, assim diz o Senhor dos Exércitos; 'Aplicai os vossos corações aos vossos caminhos.

"'Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, mas não vos fartais; bebeis, mas não vos saciais; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe salário num saco furado.'" *Ageu* 1:5, 6.

Eles tinham ainda que aprender a lição falada muito tempo antes: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam; . . ." *Salmos* 127:1.

"Por mais de um ano o templo foi negligenciado, e quase abandonado. O povo habitava em seus lares, e tudo fazia por alcançar prosperidade temporal; mas sua situação era deplorável. Por mais que trabalhassem não prosperavam." {PR 291}, *Profetas e Reis*, 573.

Deste modo, é de salientar que todo o candidato ao matrimónio deverá gostar de trabalhar enquanto, ao mesmo tempo, compreende como canalizar o esforço segundo os princípios divinos. Então, quanto mais diligentemente e com sabedoria assumir a tarefa, maior é a garantia de sucesso. Este é o tipo de conselho dado pelo Senhor através do Seu mensageiro a uma mulher jovem, que embora não preparada para a sua responsabilidade, pensava em casar.



Uma das preparações mais importantes para o casamento é aprender a amar o trabalho e ter um honesto orgulho em fazê-lo com qualidade. Jesus é o nosso exemplo nisto. Ele foi sempre um honesto e aplicado trabalhador que tirava a maior produtividade de todas as horas diárias.

"Você possui peculiaridades de caráter que necessitam ser rigorosamente disciplinadas e resolutamente controladas antes que possa com segurança casar-se. Portanto, o casamento deve sair de sua cogitação até que tenha vencido os defeitos de seu caráter, pois não será uma esposa feliz. Você tem negligenciado educar-se para o trabalho doméstico sistemático. Não tem julgado necessário adquirir hábitos de laboriosidade. O hábito de encontrar prazer em trabalho útil, uma vez formado, jamais será perdido. Estará então em condições de ser levada a qualquer situação na vida, e apta para a posição. Aprenderá a amar a atividade. Se encontrar prazer no trabalho útil, sua mente se ocupará com sua atividade, e não encontrará tempo para acariciar sonhos fantasiosos.

"O conhecimento de trabalho proveitoso propiciará a seu espírito insatisfeito e inquieto energia mental, eficiência e uma dignidade modesta e apropriada que imporá respeito." *Testemunhos para a Igreja*, 3:336.

Cristo enquanto criança certamente apresentou um correcto exemplo de diligente e zeloso labor.

"Jesus viveu num lar de camponeses, e desempenhou fiel e alegremente Sua parte em suportar as responsabilidades da vida doméstica. Fora o Comandante do Céu, e anjos se tinham deleitado em Lhe cumprir as ordens; era agora um voluntário Servo, um Filho amorável e obediente. Aprendeu um ofício, e trabalhava com as próprias mãos na oficina de carpintaria de José. Nos simples trajes de operário comum, caminhava pelas ruas da pequenina cidade, indo e voltando em Seu humilde labor. Não empregava o poder divino de que dispunha para aliviar os próprios fardos ou diminuir o trabalho.

"À medida que Jesus trabalhava na infância e na juventude, mente e físico se Lhe desenvolviam. Não empregava descuidadamente as forças físicas, mas de maneira a conservá-las sãs, a fim de fazer o melhor trabalho possível em todos os sentidos. Não queria ser deficiente, nem mesmo no manejo dos instrumentos de trabalho. Era perfeito como operário, da mesma maneira que o era no caráter. Pelo exemplo, ensinou que nos cumpre ser produtivos, que nosso trabalho deve ser executado com exatidão e esmero, tornando-se assim honroso. O exercício que ensina as mãos a serem úteis, e educa os jovens em fazer sua parte quanto às responsabilidades da vida, comunica robustez física, e desenvolve todas as faculdades. Todos devem procurar fazer alguma coisa que lhes seja útil, ou de auxílio a outros. Deus designou o trabalho como uma bênção, e somente o trabalhador diligente encontra a verdadeira glória e alegria da vida. A aprovação de Deus repousa com amável confiança sobre as crianças e jovens que desempenham alegremente sua parte nos deveres da família, partilhando as responsabilidades do pai e da mãe. Tais filhos sairão de casa para ser úteis membros da sociedade.

"Através de Sua existência terrestre, Jesus foi um ativo e constante trabalhador. Esperava muito resultado; muito empreendia, portanto. Depois de iniciar o ministério, disse: "Convém que Eu faça as obras dAquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar". João 9:4. Jesus não Se esquivava a cuidados e responsabilidades, como fazem muitos que professam ser Seus seguidores. É porque procuram furtar-se a essa disciplina que tantos são fracos e ineficientes. Podem possuir preciosos e amáveis traços, mas são sem fibra e quase inúteis quando há dificuldade a enfrentar e obstáculos a transpor. A positividade e energia, a solidez e resistência de caráter manifestadas em Cristo, tem de se desenvolver em nós, mediante a mesma disciplina que Ele suportou. E

caber-nos-á a mesma graça por Ele recebida." {DTN 42}, *O Desejado de Todas as Nações*, 72-73.

Jesus obteve maravilhoso desenvolvimento físico, mental e espiritual do Seu trabalho como carpinteiro, uma ocupação que não era a obra da Sua vida. Começado o Seu ministério, deixou o banco de carpinteiro para sempre, mas isto não significa que os anos passados a trabalhar com José foram desperdiçados. Pelo contrário, eles foram essenciais para a aquisição de capacidade sem a qual a Sua missão na Terra teria sido um fracasso. Eles foram de facto um treino para o Seu ministério.

Assim, quando um jovem, homem e mulher, na sua preparação para o casamento, aprende a trabalhar e a amar como Jesus aprendeu, estão desenvolvendo uma capacidade para enfrentar com sucesso as responsabilidades da vida de casado. Portanto, deviam acolher bem todas as oportunidades dadas por Deus para desempenhar um trabalho útil, apesar de não haver futuro visível nisso ou oferecer recompensa financeira ou directo relacionamento entre isso e a esperada obra da sua vida.

Ao mesmo tempo, o candidato ao casamento devia procurar conhecimento e proficiência naquelas aptidões específicas que devem ser exercitadas a fim de satisfatoriamente desempenhar os deveres de pai. Anos antes deste tempo chegar, os jovens deviam saber que sobre eles repousará legitimamente a responsabilidade de financiar o lar ou, tal como é normalmente dito, ser o sustento da família.

É uma grande infelicidade que hoje tantas mães tenham de sair para trabalhar deixando o cuidado dos seus filhos a centros de cuidados, jardins infantis, ou a amas. Esta é uma situação que nunca pode produzir bem, pois as crianças necessitam das suas mães todos os dias, sendo prejudicial para elas o serem deixadas ao cuidado de um estranho. Casais jovens podem verificar que ambos os cônjuges têm que trabalhar durante algum tempo depois de casarem a fim de se consolidarem financeiramente, mas, enquanto isto continuasse, deviam evitar ter filhos. É melhor esperar até que a esposa possa deixar o trabalho a fim de dedicar uma completa atenção ao lar e aos futuros filhos pequenos.

Na sua preparação para o casamento então, um jovem devia ter como objectivo a capacidade para ser um completo sustento financeiro da sua mulher e filhos. Isto envolve cuidadosa poupança e investimento de modo que, na altura em que o casamento chega, ele terá acumulado o dinheiro suficiente para enfrentar o custo de estabelecer o seu lar. Isto quer dizer que, se ele deseja possuir a sua própria casa, paga pelo menos uma entrada substancial do edifício e seu mobiliário. A inclinação natural levará geralmente ao desejo de uma casa ampla e cara com boas mobílias, mas a compreensão que estamos vivendo num mundo que em breve passará e que o Céu é um lugar onde teremos as nossas mansões, levará o marido e a esposa e ficar contentes com uma casa e mobílias simples mas adequado.

Nem todos compram a sua própria casa, mesmo apesar de ser um bom investimento fazê-lo. Uma renda é um dinheiro que vai para outra pessoa e para o qual o locatário recebe apenas um benefício imediato. Algumas pessoas colocam objecções a prestações para compra de casa na base em que incorrem em pesados encargos de juros. É verdade que um pesado juro é pago, mas deve ser compreendido que pagamentos mensais que incluem juros não são mais do que uma renda. Nalguns casos com mais sorte em que um suficientemente grande

depósito foi pago, a instalação pode não ter mais do que uma renda pequena. Porém, a longo prazo, o arrendatário paga mais do que o comprador.

Comparai a situação então entre uma pessoa que usa o seu dinheiro para comprar uma casa e um inquilino. Vamos supor que o inquilino paga $400 por mês que é uma renda vulgar hoje por uma casa. Ele paga $4800 por ano. Quando passaram vinte anos, terá pago $96000, se o coeficiente de arrendamento permanecer constante o que muito certamente não acontece. Admitindo que o crescimento da renda é assegurado pela inflação, terá pago qualquer coisa como $150.000. Depois de vinte anos — e quão rapidamente o tempo passa — ele sai. Ele vai sem um único cêntimo desses $150.000.

Por outro lado, o comprador semelhantemente gasta praticamente a mesma quantia em que pelo menos metade é juros. No final dos vinte anos, é obrigado a vender por alguma razão ou outra, mas não sai sem nada. A menos que escolha imprudentemente um local com pobre potencial de revenda, recuperará o custo original da casa, que era provavelmente $75.000, mais o valor da inflação, pelo menos outros $20.000.

Entretanto houve despesas a pagar tal como reparações e manutenção e impostos, mas tem havido o conforto e a segurança de estar na própria habitação da qual não se pode ser desalojado a menos que, durante um período de tempo, haja falta de pagamento. Mesmo então, não saís sem nada, porque a venda da casa restituir-vos-á alguma parte do vosso investimento depois da empresa construtora recuperar o seu dinheiro. Todavia, do ponto de vista financeiro, depois dos vinte a trinta anos enquanto o comprador acaba os pagamentos, o inquilino continua a pagar durante os anos que se seguem e na realidade gasta muito mais a longo prazo do que o comprador.

Obviamente, seria muito melhor não pagar renda ou comprar, mas ser capaz de se financiar a si próprio pouco e pouco. Eu conheço um jovem que, ainda não há mais de um ano ou dois depois de ter começado a trabalhar e enquanto ainda estava na adolescência sem futura esposa à vista, escolheu um lugar para uma casa e começou a pagá-lo. Ele cumpriu este programa, enquanto os da sua idade esbanjavam o seu dinheiro em prazeres e divertimentos. A seguir passou algum tempo juntando dinheiro para a fase seguinte, a construção da casa. É bem possível que ele poupe o seu dinheiro muito cuidadosamente até assumir um compromisso para casar. Então preparará a casa para habitar. Este jovem deve ser louvado pelo previdente reconhecimento das suas responsabilidades. Nesta área pelo menos, ele está fazendo uma cuidadosa preparação para o seu eventual compromisso com os deveres do lar.

Com toda a diligência, o futuro marido necessita melhorar as suas capacidades para aumentar o seu rendimento ao ponto de poder financiar a tarefa de sustentar um lar. Contudo, deve ser tomado muito cuidado para assegurar que a aquisição de dinheiro não se torne em si mesmo o objectivo. A primeira consideração é o serviço, pois isto é o que o trabalhador empregado tem que dar, e esta deve ser a preocupação de todo o verdadeiro obreiro. Para ele, a remuneração financeira é algo que ele recebe de modo a poder continuar a servir. Por outras palavras, ele não trabalha para adquirir dinheiro, mas para o receber de modo que possa continuar a trabalhar. O próprio espírito de serviço invade todo o seu ser e é a fonte da qual ele é motivado para cumprir os seus deveres. Semelhantemente, o seu desejo de um bom rendimento tem o propósito de prestar um serviço aceitável à sua futura família.

"Não é pelo salário que recebemos que devemos trabalhar. O motivo que nos dispõe ao trabalho por Deus não deve ter em si coisa alguma que lembre serviço a si próprio. Abnegada devoção e espírito de sacrifício têm sido e serão sempre o primeiro requisito do culto aceitável. Nosso Senhor e Mestre deseja que nenhum fio de egoísmo seja entretecido em Sua obra. A nossos esforços devemos acrescentar o tato e habilidade, a precisão e sabedoria que o Deus da perfeição exigiu dos construtores do santuário terrestre; contudo, em todas as nossas atividades devemos lembrar que os maiores talentos e os mais esplêndidos serviços são aceitáveis somente quando o eu é posto sobre o altar para consumir-se como um sacrifício vivo." {PR 28}, *Profetas e Reis*, 65.

Ser abençoado com o verdadeiro espírito de serviço é uma virtude de incomensurável valor, um requisito necessário para um casamento bem-sucedido, e uma qualidade que se deve encontrar naqueles que eventualmente habitarão no reino do Céu. Além disso, é tão altamente apreciado pelo Senhor e pelos empregadores que aquele que o possui nunca estará desempregado. Ele nunca terá necessidade de procurar trabalho, porque este sempre estará à sua procura.

Este tipo de pessoa nunca comete os tristes erros do trabalhador que é motivado pelo interesse próprio. Esta classe de pessoas aceita empregos nos seus próprios termos. Isto aborrece e desaponta o seu patrão que é levado a sofrer prejuízo e atrasos devido à sua irresponsável atitude. Esta é a mesma manifestação do espírito de exaltação-própria que deu início ao grande conflito, resultando na expulsão de Satanás e seus seguidores e fez descer trevas sobre este anteriormente mundo feliz. Tal como o diabo procurou colocar-se a si próprio no lugar de Deus, de modo que o obreiro luta para se elevar a si mesmo à posição de chefe.

Entre verdadeiros, bem-educados cristãos este espírito nunca está presente. O filho de Deus reconhece a legítima posição e autoridade daqueles que têm aceitado e pagam os seus serviços, e estuda-se a si próprio, suas atitudes e actividades, para assegurar que nem pelo tamanho de um cabelo usurpa a posição daqueles que estão no nível acima, no seu ou mesmo abaixo. Ele compreende qual é o lugar do patrão para o aconselhar do que deve ser feito, e quando, e como, enquanto a sua tarefa é realmente estudar o seu superior a fim de assegurar que é feito aquilo que lhe é exigido, no prazo e na forma exacta que é pedida.

Isto requer um esquecimento total do eu e completa sujeição ao que foi designado para o dirigir. Pode bem acontecer que o trabalhador considere o procedimento que lhe é exigido como sendo ineficiente, enquanto crê que pode melhorar grandemente a direcção dos negócios. É mesmo possível que ele possa mostrar melhor avaliação num caso ou noutro do que o experiente superior, mas isto não lhe dá o direito de legitimamente introduzir a sua forma de fazer as coisas. Isso é usurpação, o pecado que custou a Lúcifer o Céu e excluirá todos os que continuam desse modo retrocedendo ali.

O trabalhador tem o direito de humildemente fazer uma sugestão sobre o que pensa que uma melhoria deve ser feita, mas em nenhuma circunstância deve introduzir as suas ideias no sistema até ser autorizado a fazê-lo. Se a Direcção rejeita a ideia, então o verdadeiro trabalhador aceitará isso e continuará a fazer exactamente como lhe é exigido. Ele tornará absolutamente claro que se pode confiar nele para servir exactamente como se faz onde está empregado e não de acordo com qualquer noção que ele possa ter daquilo que ele possa ou não dar ao seu patrão.

As únicas vezes que ele recusará obedecer às instruções será quando lhe é exigido que quebre as leis de Deus. Por exemplo, se for empregado como um vendedor e lhe for pedido que minta sobre um produto a fim de obter mais vendas, ele teria que gentilmente informar o seu patrão que não pode fazer isso e se isto significar a sua demissão, então assim seja.

Quantas vezes se ouvem os lamentos do patrão: "se ao menos esta pessoa ouvisse cuidadosamente as instruções que lhe foram dadas e as aplicasse como lhe foi ordenado, em vez de criar este contínuo conflito provocado pela sua determinação de fazer as coisas à sua maneira!"

É quando a Direcção e o trabalhador reconhecem, compreendem e respeitam a posição, direitos e limitações de cada um, que a harmonia laboral pode ser alcançada. O mesmo é verdadeiro quanto ao casamento. Ao marido e à mulher, o Senhor atribuiu uma posição que envolve responsabilidades especiais para cada um. Quando, tanto o homem como a mulher introduzem na sua união o verdadeiro espírito de serviço, em vez de entrarem em luta pela supremacia, estabelecem um lar em que a harmonia, paz e alegria reinarão e que terá a base para a preparação bem-sucedida dos filhos.

Está perfeitamente correcto uma mulher jovem desenvolver qualificações e capacidades para uma carreira, mas não à custa da obtenção daquelas faculdade que necessitará para orientar um lar, se pretender casar. Mesmo se ela planeia uma carreira numa empresa, no ensino, ou alguma outra coisa, o casamento é sempre uma possibilidade pela qual ela pode optar mais tarde. Portanto, este campo da educação nunca devia ser negligenciado por qualquer mulher.

Portanto, aqueles indivíduos que muito tempo antes do casamento entram diariamente no seu emprego com o verdadeiro espírito de serviço, estão fazendo a preparação fundamental para um feliz e bem-sucedido casamento. À medida que praticam estes princípios justos dia a dia, hábitos e atitudes são construídos em si

que lhes servirão também quando mais tarde unirem as suas vidas. A esposa deve compreender exactamente quais são as responsabilidades e autoridade do seu marido, enquanto, ao mesmo tempo, possui uma clara visão da posição e dever divinamente apontados. Semelhantemente, o marido deve estar informado a respeito dos direitos e trabalho da esposa e deve estar ciente das sobrecargas que ela tem que suportar. Isto não é de modo que cada um ciosamente proteja a sua posição ou a de ambos, mas de modo a poder evitar usurpar a autoridade que pertence ao outro, e ao mesmo tempo sejam capazes de trabalhar em harmonia juntamente.

Isto exige conhecimento, disciplina e submissão, qualidades mostradas pelos anjos na sua participação na estrutura da organização do Céu. Aqueles seres maravilhosos sabem verdadeiramente e respeitam os lugares que lhes foram designados.

"Os anjos trabalham harmonicamente. Perfeita ordem caracteriza todos os seus movimentos. Quanto mais aproximadamente imitarmos a harmonia e ordem da hoste angélica, tanto maior êxito terão os esforços desses agentes celestiais em nosso favor. Se não virmos necessidade de ação harmônica, e formos desordenados, indisciplinados e desorganizados em nossa maneira de agir, os anjos que são perfeitamente organizados e se movem em perfeita ordem, não poderão com êxito trabalhar por nós. Afastar-se-ão pesarosos, pois não estão autorizados a abençoar a confusão, distração e desorganização. Todos os que desejarem a cooperação dos mensageiros celestiais, devem trabalhar em harmonia com eles. Os que receberam a unção do Céu, em todos os seus esforços acoroçoarão a ordem, a disciplina e unidade de ação, e então os anjos de Deus poderão cooperar com eles. Mas nunca, jamais esses mensageiros celestes sancionarão a irregularidade, a desorganização e a desordem. Todos estes males são o resultado dos esforços de Satanás para enfraquecer-nos as forças, destruir-nos a coragem e evitar a ação bem-sucedida.

"Satanás bem sabe que o sucesso apenas pode acompanhar a ação ordenada e harmoniosa. Bem sabe que tudo que se relaciona com o Céu se acha em perfeita ordem, e sujeição e disciplina perfeita caracterizam os movimentos da hoste angélica. Ele estuda e faz esforços para levar os cristãos professos o mais longe possível da disposição ordenada por Deus; portanto, engana até o povo professo de Deus, e faz-lhes crer que a ordem e a disciplina são inimigas da espiritualidade; que a única segurança para eles consiste em seguir cada qual seu próprio rumo e de maneira especial permanecer separado das corporações de cristãos que andam unidos, e trabalham para estabelecer a disciplina e harmonia de ação. Todos os esforços feitos para se estabelecer a ordem são considerados perigosos, tidos como uma restrição da legítima liberdade e, por isso, são temidos como se fossem um arremedo do papado. Estas dedicadas almas consideram virtude o jactar-se de sua liberdade de pensar e agir independentemente. Não atendem a nenhum parecer de outrem. Não se deixam ensinar por quem quer que seja. Foi-me mostrado que a obra especial de Satanás é introduzir os homens a crer que Deus lhes ordena agirem por si mesmos, e escolherem seu próprio caminho, independentemente de seus irmãos." *Testemunhos para Ministros*, 28, 29.

Os anjos que aprenderam estas lições permaneceram no Céu, enquanto os que rejeitaram estas disciplinas foram forçados a deixá-lo. Assim é agora. Aqueles que as aprendem desenvolvem a preparação para o casamento e para o Céu.

Assim, o candidato ao casamento deve desenvolver um amor pelo trabalho, ter um verdadeiro sentido de respeito pela posição e obra de outro, saber qual é o seu próprio lugar e deveres, e possuir a força física e vitalidade necessários para desempenhar a missão e transmitir um legado de saúde aos filhos. Agora, para juntar a tudo isso, tanto quanto a aptidão permite, tanto o homem como a mulher deviam desenvolver capacidades nas operações que acompanham as necessidades diárias na construção do lar.

Por exemplo, o futuro marido devia tomar conhecimento tanto quanto possível como lidar com cimento, carpintaria, jardinagem, pintura, papel, e manutenção geral. Ele faria bem aprender alguma coisa também na arte que envolve a preparação de refeições e limpeza geral da casa, porque poderá haver alturas em a sua esposa possa estar indisposta e necessite de ajuda.

Da parte dela, a futura esposa devia estudar economia, cozinha, arranjo da casa, jardinagem, como cuidar de bebés, tricô, arranjo de roupas, e coisas semelhantes. A proficiência deve ser obtida na rapidez, economia e eficiente execução destas tarefas. Em adição, ela devia aprender alguma aptidão que pudesse sustentá-la se alguma vez a necessidade chegasse. “A mulher dever ser instruída em alguns misteres que lhe permitam ganhar a subsistência se necessário.” *O Lar Adventista*, 91.

Há uma tendência para prestar apenas diminuta atenção à obtenção destas aptidões hoje, sendo dada preferência à aquisição de formação académica. Apesar de alguma preparação vocacional estar disponível, a sociedade moderna tem a tendência para dar ênfase à necessidade do enriquecimento na assim chamada educação superior à custa da educação prática, uma situação muito diferente dos dias dos pioneiros. Então, por causa das primitivas condições, a quantidade de trabalho era pesada tanto para a mãe como para o pai. Os filhos eram então atirados para a força laboral e assim aprendiam em primeiro lugar como cuidar de todos estes deveres. Quando crianças destes lares cresceram e chegaram à idade do casamento, certamente tinham adquirido um elevado nível de eficiência na edificação de um lar. O trabalho não era estranho para elas.

Aqueles dias já passaram há muito e as condições que prevaleciam naquela altura têm pouco lugar na nossa altamente desenvolvida sociedade actual. Longe de lamentar a sua perda, os jovens aspiram a estudos teóricos que contêm pouca instrução prática para enfrentar as responsabilidades da vida.

Felizmente, nem todos estão cegos para as tristes implicações desta situação como mostra esta história do protesto de um professor universitário de Oxford:

Há alguns anos, duzentos estudantes da Universidade de Oxford, tendo acabado os seus estudos e obtidos os seus diplomas, decidiram promover um banquete de finalistas num dos principais hotéis de Londres. Foram planeados os preparativos em profusa escala, e a somar aos cerca de 800 estudantes, foram convidados cerca de 200 professores que estiveram presente.

A comissão organizadora decidiu que não haveria discursos porque tinham sofrido na Universidade com aquilo que classificaram como “superabundância de dignos disparates”. No último momento, contudo, um dos membros mais jovens sugeriu que fosse pedido a um certo professor que dissesse algumas palavras, uma vez que ele nunca tinha discursado na sua vida, e o seu esforço podia portanto ser razoavelmente antecipado para contribuir para o divertimento da noite. O professor informou que ficaria contente por dizer algumas palavras num assunto que ele chamaria de “O Mestre Construtor”.

Chegou a ocasião, e o presidente anunciou o único orador da noite. O professor levantou-se. “Senhores,” começou ele. “Eu nunca discursei na minha vida, e não pretendo começar agora. Tenho algo a dizer, contudo, e ao dizê-lo seguirei a tríplice regra de Lutero; levantar sem demora, falar sem temor, e sentar rapidamente!

“Nós estamos numa das mais famosas salas de banquetes do mundo. Comparada com esta, a Sala de Banquetes de Belsazar era um anexo nas traseiras do terceiro andar. Não havia naquele tempo arte como a que vemos nesta sala; nem a comida que embelezava esta mesa. O que havia ali era elegante para esses dias, mas nós vivemos numa era de arte, artística perfeição de trabalho e luxo. Dos quatro cantos da Terra vieram coisas para esta mesa; desde a mais baixa forma de trabalho diário às mais elevadas formas de arte, vemos à nossa volta exemplos de pelo menos cem formas de trabalho humano.

“Tomai para começar esta toalha de mesa. Ela é de requintada execução. Ela envolve tecelagem (para não ir mais atrás), desenho, branqueamento, e alisamento. Isto é linho de Damasco, belo e muito agradável à vista. Eu desejo fazer-vos uma pergunta. Há alguém aqui presente que conheça por experiência pessoal alguma coisa do trabalho envolvido? Algum de vós, em qualquer altura, contribuiu alguma coisa para a manufactura da toalha de mesa em linho. Estou falando a sério meus senhores; se o fizestes, gostaria que dissésseis.” Não houve resposta. “Concluo então,” continuou, “que o fabrico de semelhante coisa está para além da vossa capacidade.

“Permiti que chame a vossa atenção para os exemplos de cerâmica que estão na sala. Seguramente os homens e as mulheres que fazem estes maravilhosos objectos são artistas. Que alegria deve dar a um homem ter uma destas coisas nas suas mãos — completa — e dizer, ‘fui eu que a fiz’. Isto também envolve muito trabalho — escavar o barro, transportá-lo, moldá-lo, pintá-lo, cozê-lo, secar, e finalizar. Há alguém presente que conheça alguma coisa desta forma de trabalhar? Ninguém!.

“Aqui estão alguns exemplos de maravilhosos e caros copos. Isto também envolve muito trabalho e grande arte. É uma indústria única em si mesma. Não descreverei o processo em pormenor; vemos o resultado mas ficaria surpreendido se encontrasse qualquer entre vós que se tenha alguma vez aproximado desta indústria sob qualquer ângulo.”

Desta forma o professor tratou com a prata, tocando o assunto das escavações e vida de um mineiro. Nada escapou à sua observação. Ele chamou a atenção para as carpetes e tapetes, cortinas e tapeçarias, a decoração das paredes, executadas pelos maiores pintores murais vivos. Ele falou dos ricos frescos que adornavam a sala, mostrando o profundo conhecimento das artes e ofícios que admirava e fascinava a audiência. Por fim voltou-se novamente para a mesa.

“Há aqui ramos de flores,” disse ele. “Muitos de vós tendes passado alguns anos no estudo da botânica, mas duvido se algum de vós tenha sido preparado para dar uma completa classificação de tudo o que vemos e desfrutamos nesta mesa.”

Havia disposição entre alguns membros mais jovens da audiência para rir mas ele arrancou o sorriso de todas as faces dizendo, “Talvez vós jovens se devam congratular no facto que um sentido de humor cubra uma multidão de pecados, mas eu não posso alegrar-me nisso o que me causa sofrimento. Sou um representante da universidade, perguntando seriamente a mim próprio — e a vós

— se o sistema a que chamamos 'educação' realmente educa!" O silêncio tornou-se notório; alguns destes jovens estavam a pensar.

"Talvez," continuou ele, "Eu devesse colocar-vos mais à vontade se vos tivesse dito no início que eu próprio nunca experimentei a alegria de moldar com as minhas próprias mãos qualquer coisa que fosse útil ou belo. Aqui estamos nós então — um grupo de homens sobre quem uma grande universidade colocou os seus selos. Nada produz para comer. Nem sequer podíamos ajudar a fazer qualquer coisa daquilo que vemos à nossa volta — e a verdade obriga-me a declarar que alguns dos jovens que eu eduquei têm obviamente um curso universitário com o objectivo principal de escapar à participação em trabalhos que dão precisamente ou deviam dar, alegria ao trabalhador. Bem pode ser dito que, se dez Mestres de Arte fossem raptados no meio de um oceano, não podiam construir uma ponte para salvarem as suas vidas! Eles estariam igualmente sem esperança em emergências críticas onde o conhecimento prático das coisas que nos cercam fosse imperativamente necessário.

"Com certeza não deveis ser criticados, senhores; vós sois as vítimas do sistema que temos. Não posso dizer que eu não tenha culpa. Não creio que conhecer superficialmente línguas, história e matemáticas, seja educação. Creio que o sistema de explicar estas coisas para passar num exame é prejudicial; e assim — tendo sido convidado a discursar pela primeira vez na vida — aproveito a oportunidade para apresentar o meu protesto. A função da educação é preparar e equipar-nos para deveres e responsabilidades da vida — não para nos tornarmos patrões industriais e comerciais que são pouco mais do que cronometristas e tesoureiros!

"Mas não me sinto justificado por vos prender com estas observações unicamente, e portanto desejo dizer-vos mais isto. Muitos de vós estão destinados a tornarem-se mestres de homens — organizareis e mobilizareis o seu trabalho. Fiscalizá-los-eis. Quando virdes homens à vossa volta criando coisas maravilhosas com as suas mãos, desejo que recordeis que era a minha opinião que o verdadeiro trabalho nas artes e ofícios e indústrias é uma contribuição infinitamente mais nobre para a felicidade da humanidade do que viver à custa do suor de outro homem.

"Porque seria considerado uma coisa impensável que um ferreiro ou um carpinteiro necessitasse de educação? Porque deviam homens com estudos universitários considerar degradantes pegar em ferramentas e fazer coisas úteis e belas? Porque devia um universitário perpetuar tal revolta contra a natureza, em que o homem não faz qualquer trabalho útil é considerado um senhor, enquanto aquele que cria coisas ricas e belas é considerado uma classe inferior? Quero apontar-vos que em todos os tempos, as mais elevadas formas de cultura e delicadeza conhecido pela humanidade tem estado sempre intimamente associado com o uso de ferramentas e trabalho. A fim de o fazer, devo apresentar-vos uma ilustração — imaginária, mas completamente de acordo com os factos da história e da experiência."

Neste ponto, o professor empurrou a sua cadeira para trás afastando-a da mesa. A sua face mostrava profunda emoção; a sua voz tornou-se maravilhosamente suave e irresistivelmente suplicante. Ele levantou a sua mão e fez um movimento como se fosse afastar uma cortina.

"Senhores," disse, "posso apresentar-vos um jovem que era um Mestre Construtor — um galileu chamado Jesus de Nazaré?" O silêncio tornou-se

profundo. Estes jovens tinham sido tocados; eles estavam agora suspensos. Como se estivesse a dirigir-se a uma pessoa verdadeira de carne e sangue ele voltou-se para o lado e disse num tom de reverência:

"Mestre, posso perguntar-Te, como pergunto a estes jovens, se há alguma coisa nesta sala que podias ter feito com as Tuas próprias mãos, como outro homem as faz?"

Ele fez uma pausa. Então, com um deliberado passo lento, avançou, pegou nas extremidades da toalha de mesa com ambas as mãos mostrando o entalhado da grande mesa de carvalho. Nessa atitude, ele olhou os rostos da sua audiência e disse:

"Sim," — diz o Mestre, "Sim, Eu podia ter feito esta mesa. Eu era um carpinteiro!" E o professor retomou o seu assento no meio de um profundo silêncio que era mais eloquente do que qualquer aplauso.

Este professor certamente tinha um delicado sentido dos valores pelo qual operar. Ele reconheceu que a educação puramente teórica não dá a capacidade que cada um precisa para tratar com qualquer aspecto da vida, que inclui o casamento. O trabalho de casa é um trabalho muito prático que requer uma ampla e compreensiva educação.

Capítulo 14

Qualificações Espirituais

Juntamente com o desenvolvimento dos aspectos práticos e capacidades físicas para o casamento e paternidade tal como debatido no capítulo anterior, cuidadosa atenção e dedicado esforço deve ser dirigido para o desenvolvimento das qualificações espirituais necessárias para tornar o empreendimento num verdadeiro sucesso. Para estes, a maravilhosa experiência do novo nascimento é tanto básica como essencial, que ninguém deve ficar satisfeito que isto seja suficiente. Uma obra muito extensa de reforma deve seguir-se à transformação alcançada por uma verdadeira regeneração antes do indivíduo poder qualificar-se como um parceiro de casamento e pai.[7] Todos os possíveis candidatos à tarefa de mãe ou pai devem fazer a indagadora pergunta acerca de si próprios e cada um entre si, enquanto mostram uma determinação de trabalhar diligentemente de modo a corrigir as suas próprias deficiências antes de chegar a altura de unirem as suas vidas.

Deve salientar-se tão enfaticamente de maneira a nunca ser esquecido que, em tempo algum antes ou depois do casamento, não é tarefa de qualquer dos contratantes tomar a obra de remodelar o outro companheiro de acordo com aquilo que pensa que ele devia ser. Não cometam o erro de impor as normas de Deus sobre cada um. Tentar essa missão como todos excepto os espiritualmente iluminados fazem, é cometer um erro terrível. Esse é o caminho certo e garantido para gerar ressentimentos e penosas divisões que tão frequentemente acabam em divórcio.

Para evitar este fim, aqueles que contemplam os laços matrimoniais necessitam chegar a uma firme decisão que, dos dois envolvidos em matrimónio, o único que trabalhará sobre ele ou ela é ele próprio, e nunca outra pessoa. Se tanto o homem como a mulher impuserem esta limitação em todas as suas associações e

[7] Um profundo estudo deste importante assunto está contido na publicação *Renascimento e Reforma*, por F. T. Wright.

iniciarem a obra da melhoria pessoal de acordo com a ordem evangélica e com a maior diligência, escaparão do perigo mais mortal que ameaça o casamento. Para alcançarem isto é preciso que ambos tenham uma conversão intelectual e espiritual. Na razão da mente, o indivíduo deve estar completamente persuadido que ele ou ela nunca deve infringir os direitos do outro sob quaisquer circunstâncias, enquanto, no coração, não deve ser encontrada qualquer disposição para fazer isso. Até que estas condições serem encontradas, o crente deve trabalhar diligentemente para as alcançar e uma vez obtidas, grande cuidado deve ser tomado a fim de salvaguardar e apreciar estas virtudes essenciais.

Chegar a este nível de experiência não é fácil, porque está naturalmente construída na natureza humana a tentação de reformar os outros, enquanto se ignora a necessidade de corrigir os seus próprios erros. Esta infeliz disposição é mais notoriamente manifesta entre aqueles que levam ao extremo aquilo que supõem ser a obra de Deus. Um convincente exemplo disto é encontrado nas frenéticas actividades de Thomas Munzer nos dias de Lutero. Acerca dele está escrito que: "Tomaz Münzer, o mais ativo dos fanáticos, era homem de considerável habilidade, que, corretamente dirigida, o teria capacitado a fazer o bem; mas ele não aprendera os rudimentos da verdadeira religião. 'Possuía-o o desejo de reformar o mundo e esquecia-se, como o fazem todos os entusiastas, de que a reforma deveria começar consigo mesmo.' — D'Aubigné." *O Grande Conflito*, 191.

Isto não quer dizer que uma pessoa seja obrigada a criar uma relação de casamento com alguém cujos hábitos e práticas sejam censuráveis para ele ou para ela. Pelo contrário, deve ser estudado desde os primeiros momentos da relação para ver se há suficiente compatibilidade para que o trabalho em conjunto seja viável. "Freqüentemente dá-se o caso que pessoas, antes do casamento, têm pouca oportunidade de se familiarizarem com os hábitos e disposições uma da outra, e, quanto ao que se refere à vida diária, são virtualmente estranhas quando no altar unem os seus interesses. Muitos acham, demasiado tarde, que não se adaptam um ao outro, e a desgraça por toda a vida é o resultado de sua união." {PP 129}, *Patriarcas e Profetas*, 189.

"O mundo está cheio de miséria e pecado em conseqüência de maus casamentos. Em muitos casos leva apenas alguns meses para o marido e a mulher reconhecerem que suas disposições não poderão nunca unir-se; e o resultado é que prevalece no lar a discórdia, quando ali só deveriam existir o amor e a harmonia celeste." *O Lar Adventista*, 83.

O período de namoro deve portanto ser suficientemente longo para as pessoas envolvidas se tornarem com realidade conhecedoras daqueles hábitos, maneiras, deficiências e traços de carácter que verificam ser indesejados ou aceitáveis naquele com quem possivelmente em breve partilharão as suas vidas. Este cuidadoso exame não deve ser feito num espírito de criticismo ou julgador, mas pelo contrário num esforço objectivo para decidir se há ou não suficiente compatibilidade para assegurar que o casamento seja bem-sucedido.

A questão a ser decidida durante o tempo que antecede a possível união das duas pessoas não é se um pode mudar o outro depois do casamento ser efectuado, mas se um pode viver feliz com o outro tal como ele é. Não penseis, como muitos

fazem, que uma vez o vosso companheiro mais ou menos sem escapatória unido a vós, podeis moldá-lo à vossa semelhança. É triste que os pais dos jovens que se aproximam do casamento aconselhem os seus descendentes a adoptarem este procedimento. Eu conheço uma mãe que deu precisamente este conselho à sua filha que estava comprometida com um jovem de quem ela disse à sua mãe, "Eu amo-o muito, e realmente quero casar com ele, mas há algumas coisas nele que eu não gosto."

Em seguida ela deu uma lista de atitudes e práticas dele que achou desagradáveis, em resposta ao que a sua bem-intencionada mãe realmente lhe disse: "Não te preocupes com essas coisas agora, minha querida. Quando fores casada com ele, podes mudar tudo isso."

Isto satisfez a jovem, que casou, e então lançou-se ao trabalho de remodelar o seu marido segundo os seus padrões de perfeição, enquanto ele, evidentemente, estava usando os mesmos procedimentos que ela. Apesar de não podermos atribuir toda a culpa por aquilo que agora é um casamento acabado a estes factores, podemos assegurar que eles deram uma importante contribuição para o resultado infeliz. Assim será sempre. Que aqueles que estão a pensar no casamento estejam atentos para esta armadilha mortal de modo que, por sua vez, se salvem de muitos terríveis desgostos para gozarem uma feliz e frutuosa relação conjunta.

Juntamente com o estudo destes princípios vitais, as partes contratantes devem compreender o facto que, quando duas pessoas decidem partilhar as suas vidas em conjunto, estão estabelecendo um governo de um lar ou organização, que, para ter verdadeiro sucesso, deve ser partilhado segundo a ordem estabelecida por Deus no Céu. Há alternativas a isto, mas nenhuma delas é verdadeiramente satisfatória, conduzindo em vez disso à separação e ruína. Foi quando Lúcifer rejeitou a ordem divina e procurou introduzir um dos seus enganos que os problemas começaram pela primeira no reino de Deus, e, pelo processo foi alargado a esta Terra onde Adão e Eva preferiram a estrutura proposta por Satanás em detrimento do caminho de Deus.

Foi esse o início de todos os sofrimentos e, é seguro dizer que toda a crise dos casamentos, igrejas e nações desde esse tempo, é motivada pela rejeição da forma de governo divina em favor da forma humana. Provavelmente o mais notável destes afastamentos da justiça, é encontrado no fracasso da igreja apostólica.

Nenhum movimento na história humana antes ou desde então foi abençoado com tanta luz e poder como o que foi recebido por essa igreja. A eles as grandes verdades acerca do mistério de Deus pelos quais os princípios da ordem e organização divinos foram apresentados, proclamados por nenhum outro senão o mensageiro apontado pelo Céu, Paulo, a quem revelações especiais sobre este assunto foram dadas. Porém, em Jerusalém, poderosos dirigentes do movimento, que traziam velhos hábitos de pensar do ritualismo judaico, procuraram impor a ordem e organização humana na igreja cheia do Espírito, enquanto resistiam aos esforços efectuados por Deus para estabelecer o sistema divino.

O grande campeão do caminho do Senhor foi o apóstolo Paulo, enquanto os dirigentes em Jerusalém, excluindo os outros onze apóstolos, defendiam a resistência a esta mensagem. A grande batalha pela supremacia continuou

durante alguns anos até que Paulo fez um compromisso e, fazendo-o, entregou a igreja nas mãos do diabo. Desde essa altura, o crescimento do papado estava assegurado.[8] Visto que a ordem e organização traçada no Céu tinha sido substituída por outra forma, o declínio dessa maravilhosa igreja tinha sido tornado absolutamente seguros.

Quando isto for verdadeiramente compreendido, será visto que o resultado neste caso não foi uma única e especial excepção, mas teve lugar como um resultado da imutabilidade das leis e dos princípios. Que toda a igreja, empresa, nação e casamento saiba que o mesmo destino os espera a menos que estabeleçam e mantenham a ordem e organização divina.

Estes factos não negam que muitas destas instituições *parecem* trabalhar com sucesso. As igrejas alargam a sua esfera de influência, as empresas crescem, as nações reinam supremamente sobre vastos territórios e casais vivem juntamente até que a morte os separa. Mas isto não significa que o sucesso foi alcançado de acordo com aquilo que o Senhor reconheceria. Embora seja verdade que nações têm os seus momentos de poder, qual delas foi capaz de sobreviver permanentemente; que igreja organizada hoje está na verdade a pregar o evangelho e verdadeiramente a salvar almas; de quantos lares saem crianças que estão de facto livres de pecado e preparadas para cumprir as suas missões divinamente apontadas? O verdadeiro sucesso não é medido em termos de tempo imediato, mas em referência à eternidade.

Conclui-se então que toda a pessoa que pretende casar, devia diligentemente estudar o assunto da ordem e organização divina, doutra maneira conhecido como o mistério de Deus. Evitai o afastamento de Lúcifer do caminho justo passando muito tempo em sincera contemplação dos lamentáveis passos dados pelo querubim cobridor e as consequências que ele e outros têm sofrido. Que isto não seja uma investigação ligeira e casual, mas colocai a vossa mente amplamente no esforço de realmente compreender os procedimentos envolvidos.

São fontes de informação recomendadas: Capítulo Um, "Porque Foi Permitido o Pecado", em *Patriarcas e Profetas*; Capítulo vinte e nove "A Origem do Mal" em *O Grande Conflito*; *O Espírito do Papado*, e *Lições da Reforma*, por A. T. Jones; e *O Repouso do Sábado de Deus*, por F. T. Wright.

Estas fontes de informação necessitam ser lidas muitas vezes ponderadamente, em oração e profundamente até que as verdades e instruções que elas contêm estejam indelevelmente gravadas na mente e coração e se tornem o princípio orientador da vida. Não fiqueis satisfeitos, como muitos parecem estar, com um brilho superficial acerca deles. Cavai bem fundo, estudai honestamente, investigai amplamente e trabalhai com a maior diligência. Então o crente começará por adquirir alguma aptidão para construir um lar que verdadeiramente seja um governo divino.

Como já foi declarado, o apóstolo inspirado pelo Espírito foi especialmente abençoado com luz sobre estes temas, e constantemente instruiu a igreja a respeito deles. Reconhecendo a sua aplicação ao casamento e ao lar, escreveu:

"Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor;

[8] Estudai *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, por F. T. Wright, págs. 130-184. Capítulo 13.

"Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.

"De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido.

"Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela,

"Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra,

"Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem *coisa* semelhante, mas santa e irrepreensível.

"Assim devem os maridos amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo.

"Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja;

"Porque somos membros do seu corpo.

"Por isso, deixará o homem seu pai e *sua* mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne.

"Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.

"Assim também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido." *Efésios* 5:22-33.

A declaração da Bíblia de que o marido é a cabeça da esposa tem sido usada abusivamente para justificar a mais cruel opressão da parte dos homens sobre as mulheres. O facto é que somente os maridos em quem foi gravado o amor de Cristo e que compreendem o modo como Cristo é a sua cabeça, podem, por seu lado, ser a cabeça das suas esposas como Cristo é a Cabeça deles.

Muitos homens têm usado estes versículos para exigir a subserviência das suas esposas, afirmando que Deus lhes deu o direito de ordenar às suas esposas que se submetam à sua autoridade. Têm assumido o carácter e papel de ditadores opressores e trazido grande infelicidade às suas famílias perante quem têm com muita gravidade representado mal o carácter de amor de Deus.

É verdade que as Escrituras reconhecem que o marido é a cabeça da mulher e que elas devem ser-lhes submissas, mas esta verdade tem sido mal compreendida e pervertida. Homens não convertidos que consequentemente têm dentro de si o espírito egoísta de um opressor, têm usado as Escrituras para justificar o seu severo domínio sobre as suas mulheres e filhos. Ao fazer assim, têm usado mal as Escrituras para seu eterno prejuízo e escravidão das suas famílias. Mulheres têm passado por grande sofrimento em consequência, incontáveis lares têm sido

destruídos e as vidas dos filhos sido destruídas e impedidos de se tornarem tudo o que poderiam ter sido. A natureza humana não suportará esta escravidão e abuso para sempre mas levantar-se-á para lutar pelos seus direitos. Esta luta é visível hoje na formação do movimento para a libertação das mulheres, o objecto do qual é a libertação do domínio masculino, pela inversão das posições. Por outras palavras, as mulheres tornaram-se a cabeça, e os homens verificam que lhes é exigido que se submetam a elas.

Todavia, esta solução, apesar de realmente proporcionar algum alívio às mulheres oprimidas, não é a ordem divina e não resultará na felicidade e bênção que Deus determinou que o casamento trouxesse. É facilmente visto que está fora da harmonia com os propósitos divinos uma vez que, tal como todas as soluções humanas, exalta como cabeça aqueles a quem Deus nunca atribuiu essa posição.

O que é esquecido é o uso frequente da pequena mas significativa palavra, "*como*", que aparece nada menos do que sete vezes nas Escrituras citadas atrás. O marido deve ser a cabeça da esposa mas somente *como* Cristo é a Cabeça da igreja. As mulheres devem submeter-se aos seus maridos *como* elas e os seus maridos se devem submeter a Cristo.

Isto significa que a liderança de Cristo na igreja e de cada indivíduo nessa instituição é o modelo segundo o qual todas as outras chefias devem ser moldadas. Em qualquer pormenor e em qualquer grau que um marido na sua chefia na direcção da família não reflicta o ministério de Cristo como Cabeça da igreja, falha em copiar o único verdadeiro padrão e está a convidar a ruína da sua família.

Portanto, qualquer homem que tenha a intenção de se casar e ser pai necessita de um entendimento muito profundo e compreensivo do papel de Cristo como a Cabeça de todo o indivíduo. Semelhantemente, o espírito de Jesus deve estar no interior, de modo que ele não encontre disposição para governar outra pessoa, mas em vez disso esteja inclinado a servi-lo com verdadeiro amor e total abnegação.

Antes de tomar mulher para si, necessita fazer algumas perguntas examinadoras tal como: Compreendo eu realmente que forma Cristo é a Cabeça da igreja e a minha? Estou eu verdadeiramente a experimentar em mim próprio esta maravilhosa relação em que estou sujeito a Jesus como minha verdadeira Cabeça? Estou eu a aprender com isto exactamente como a minha esposa se sentirá quando estiver sujeita a mim como eu estou ao divino marido? Compreendo eu que esta relação só pode ser verdadeiramente estabelecida quando eu estiver motivado pelo mesmo espírito de verdadeiro amor que enchia todo o ser de Cristo? Sei eu que não é suficiente conhecer estas coisas na mente intelectual embora isto seja vitalmente importante, mas que estes princípios devem encher tanto todo o meu ser que eles se tornem a fonte de todas as minhas acções? Compreendo eu que não posso verdadeiramente desempenhar o papel de cabeça no meu lar a menos que tenha os princípios do Seu carácter implantados dentro de mim?

Além disso, tenho eu realmente sabedoria e estabilidade para tomar as decisões responsáveis exigida à cabeça da família? Compreendo eu e consistentemente aplico os princípios do repouso do sábado que ensinam que Deus é a Fonte

infinita de todas as coisas, Cristo é o Canal de Ligação, e eu o fraco, dependente recebedor?

Estas são perguntas importantes que todo o jovem devia fazer a si próprio e, não devia considerar tomar as responsabilidades de estabelecer um governo num lar, enquanto, com toda a honestidade, não lhes respondesse satisfatoriamente. Então, qualquer que fosse o grau de deficiência que encontrasse nestas áreas, devia trabalhar com a maior diligência a fim de remediar todas estas falhas. Requererá considerável esforço e a mais profunda aplicação à tarefa, mas o peso da disciplina e sacrifício serão mais do que dignos disso.

É durante o período de namoro, em que o jovem está fazendo estas interrogações a si próprio, que a jovem devia estar estudando o seu futuro marido a fim de determinar se ele compreende de facto o grande tema de Cristo como Cabeça de todo o indivíduo na igreja. Ela sabe que o Senhor a tem instruído para ser sujeita ao seu marido, mas isto unicamente pode ser possível se ele estiver cheio do espírito de Jesus, entender bem o relacionamento que Cristo mantém entre Si e todo o verdadeiro crente e estiver apto para preencher a posição de chefe e marido. A fim de alcançarem uma apreciação mútua e um operante conhecimento destes princípios, fariam bem passar juntos uma boa parte das horas de namoro em profundo estudo destes temas com oração. Eles conheceriam então a mente de cada um sobre esta questão, e, se ambos fossem verdadeiramente sinceros, seriam atraídos para uma profunda unidade de espírito e pensamento no assunto. Que esplêndido começo seria este para um feliz, casamento unido!

Somente aqueles jovens que crêem na verdade como ela é em Jesus podem desenvolver um casamento em que as partes envolvidas podem viver os seus papéis ordenados por Deus, em que o marido é a cabeça da mulher e a mulher é a companheira, porque, em todo o casamento contratado entre os incrédulos, ambas as partes procuram dominar a outra. Para cada um deles, entrar no matrimónio é começar uma luta pela supremacia. Não é demasiado dizer isto, pois a opressão é uma característica de toda a falsa religião. Esta é uma razão pela qual as Escrituras insistem tanto que uma pessoa nunca devia estar unida a um incrédulo.

"Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?

"E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel?

"E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: 'Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.'

"Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; 'e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei;

"'E eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.'" *2 Coríntios* 6:14-18.

Tola é na verdade a jovem que entrega a sua vida a um incrédulo, porque certamente aprenderá que sombras más a cobrirão para o resto dos seus dias. A irmã White escreveu uma carta a uma jovem que pensava em casar com um incrédulo em cuja comunicação declarou, "Minha irmã, a menos que deseje ter um

lar de onde nunca se levantem as sombras, não se una com um homem que é inimigo de Deus." *Testemunhos para a Igreja* 5:362.

Toda a carta de onde este testemunho é citado devia ser lida com uma mente muito receptiva por todo o crente, e especialmente se essa pessoa está a pensar em casar. Então meditai seriamente em termos práticos para confirmar a verdade destas palavras. Vede as dificuldades a aparecer quando o pai incrédulo estiver determinado a levar os filhos aos campos de desporto no sábado à tarde. Considerai também a ansiedade que vos divide quando, privados da vossa companhia nos divertimentos mundanos, o vosso marido estiver disposto a responder às oportunidades para formar relacionamentos com outra pessoa. E estes são apenas dois exemplos de incontáveis situações que transformará aquilo que teria sido alegria e satisfação em miséria e desapontamento. Pensai em tantos exemplos quanto possais, e encarai-os realisticamente, e não através do desejo e sereis persuadidos a nunca entrar num casamento misto. Se por qualquer motivo isto ainda não for suficiente, falai com crentes que estão unidos a descrentes, para confirmardes a verdade destes factos. Há alguns que se tornaram crentes depois de casarem, pelo que a sua situação não é falta deles. Ocasionalmente, verificareis o que parece uma excepção à regra, um casal que parece ser unido apesar do facto de um deles não ser crente. Isto agrada ao diabo muito bem, pois ele sabe que tudo o que algumas pessoas necessitam é uma excepção para justificar que façam a mesma coisa.

Incrivelmente tola é a mulher cristã que entrega a sua vida no casamento com um incrédulo. Ela descobrirá que terá de abandonar a sua fé em Jesus e desistir a sua esperança de vida eterna, ou viver num lar do qual as sombras nunca se afastarão.

Mas o conselho permanecerá verdadeiro para sempre: "Minha irmã, a menos que deseje ter um lar de onde nunca se levantem as sombras, não se una com um homem que é inimigo de Deus."

Não erreis supondo que somente aqueles que estão activamente e abertamente em guerra contra Deus são Seus inimigos! O facto é que todo o incrédulo no mundo é um inimigo de Deus. As únicas almas que são amigas de Deus são aquelas dentro de quem, pelo processo do renascimento, a verdadeira vida de Deus foi implantada. Assim, e de nenhum outro modo, vos tornais realmente membros da família de Deus, e sois removidos da categoria de inimigos para os amigos. Nenhum cristão pode casar fora desta família e esperar ter um feliz e bem-sucedido casamento. Aqueles que o fazem, contra o sábio e amigo conselho dado, e em face das implicações óbvias e complicações da situação, estão simplesmente convidando as tristezas e o pesar.

Há aqueles que raciocinam que o amor cuida de todos os problemas, e que o amor tão forte, profundo, verdadeiro como crêem ser o deles, certamente ultrapassará todas as coisas para sua satisfação mútua. Oh! Quantos têm falhado por causa deste engano despertando apenas para o terrível erro que cometeram quando é demasiado tarde para escapar. O facto é que o amor do incrédulo é um amor egoísta que dá apenas aquilo que pode receber em troca. Enquanto o amor dado é compensado como se sente que assim devia ser, tudo está bem, mas se as respostas não são de acordo com aquilo que o descrente deseja, então os problemas começam. Quantos na ruína das suas vidas podem confirmar a veracidade destas palavras.

Mais um erro cometido por alguns é supor que, por causa de duas pessoas estarem na verdade, e serem membros leais do verdadeiro movimento de Deus, o seu casamento não pode ser outra coisa senão um sucesso. Embora a probabilidade seja maior, não é de modo algum uma certeza. De facto, eu conheço um exemplo específico em que os dois futuros parceiros estavam na verdade e apesar dos insistentes avisos que lhes foram dados para examinarem um pouco mais, declararam que estarem unidos na mensagem era suficiente. Não era! O casamento provou ser um desastre.

Houve duas razões possíveis para isso. A primeira é a incompatibilidade. Deve ser tomado muito cuidado para que ambos assegurem que partilham interesses comuns e que as suas naturezas e disposições se complementam. Por exemplo, grandes dificuldades se levantarão se um dos esposos for sociável, afável, se tem um amplo círculo de legítimos amigos e sente considerável satisfação em visitá-los e reunir-se com eles, enquanto o outro consorte tem a tendência para ser menos sociável e mais selectivo na formação de amizades e encontra grande prazer em ficar em casa. Essas incompatibilidades colocarão uma demasiada tensão no relacionamento e normalmente leva a graves dificuldades, distanciamento e por fim à separação.

Um segundo aspecto que deve ser considerado por aqueles que estão juntamente no movimento do Senhor, é se a verdade se torna de facto uma parte viva das suas experiências, ou ainda é significativamente uma intenção? Uma pessoa pode crer que está absolutamente na verdade embora ela de facto nunca se tenha tornado realmente parte da experiência da sua vida. Esta dificuldade causará os maiores problemas na área do governo familiar onde Deus deseja o estabelecimento da ordem divina ou sistema de governo na pessoa, no casamento, na família e na igreja da Terra, como é na família no Céu. Sem dúvida que a lição

que os crentes aprendem mais lentamente é a submissão à ordem divina. A rebelião tem estado tão profundamente enraizada no coração humano egoísta há tempo demais para ser fácil substituí-la com o humilde submisso espírito de Jesus.

Portanto, mesmo apesar de ambas as partes professarem ser membros da verdadeira igreja de Deus, necessitam examinar-se cuidadosamente a fim de assegurar que compreendem como Cristo é a Cabeça da igreja e como eles se devem submeter a Ele e um ao outro.

Por exemplo, no caso específico referido atrás, se a futura noiva tivesse feito as perguntas vitais se o homem que lhe fazia a corte compreendia exactamente como Cristo é a Cabeça da igreja e se ele vivia em verdadeira submissão a Jesus e se ele tinha a capacidade para a amar como o Senhor o ama, teria recebido respostas negativas. Em seguida, se tivesse tomado as suas decisões à luz deste conhecimento, ter-se-ia salvo de uma multidão de tristezas. Ela nunca teria concordado em submeter-se a um homem que não podia desempenhar o papel de marido como Cristo desempenha o Seu.

Obviamente, o futuro noivo não é o único que deve ser testado antes de entrar na relação de casamento. A mulher também necessita ter certas qualificações específicas. O conselho divino para ela é: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor." *Efésios* 5:22.

A palavra "submeter", tem conotações assustadoras para as mentes em geral. Para a maioria das pessoas significa abdicar da sua individualidade, abandonar os direitos pessoais, subserviência a outra mente e o início de uma escravidão, frustração, limitação e sofrimento. E, *será tudo isso se o marido não for um filho de Deus*, porque, tal como já foi declarado, *toda a pessoa* que não tem a religião de Cristo, *é despótica*. Lembrai-vos que ter a religião de Cristo significa muito mais do que meramente crer a verdade. Significa que o espírito de Jesus, e a mente de Cristo e o carácter de Deus está realmente estabelecido dentro da pessoa de modo que estas forças se tornam a fonte de todas as suas acções. Esse é o único tipo de homem que não é opressor e o único tipo a quem a mulher pode com segurança submeter-se.

Quando a palavra "submeter", for compreendida em termos bíblicos, isto é, como Deus pretende que ela devia ser conhecida, nada tem de amedrontador ou ameaçador. As Escrituras não dizem apenas, "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos" mas acrescentam, "como ao Senhor".

"De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos." *Efésios* 5:22, 24.

Aquelas palavras qualificadoras dão uma grande diferença às instruções dadas. As mulheres devem ser sujeitas aos seus maridos como os crentes em todo o lado se devem relacionar com a sua Cabeça, Jesus Cristo. Devia esperar-se que todo o crente achasse este um princípio fácil de aceitar e que seria um prazer para eles submeterem-se a Cristo, mas, por surpreendente que possa parecer, quando os princípios da mensagem do repouso do sábado foram apresentados há alguns anos, alguns pareceram reagir contra ela.[9] Eles declararam que entregar nas mãos

[9] Estudai *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, por F. T. Wright.

de Deus o papel de decidir e solucionar os problemas significaria fracassar no uso dos muitos talentos que o Senhor tinha dado e isto somente podia resultar no atrofiamento daqueles poderes.

Certamente, podia parecer que estes fossem resultados lamentáveis, mas na realidade os factos são bem diferentes. Aquilo que os homens receiam que os destrua, na verdade glorificá-los-á. Jesus provou isto permanecendo submisso ao Seu Pai celestial em todas as coisas como está escrito: "Glorificava Sua vida por torná-la em tudo submissa à vontade do Seu Pai." *A Ciência do Bom Viver*, 19.

Nenhum dos que estudou a vida e o ministério de Cristo podia alguma vez dizer que a submissão ao Seu Pai O privou da liberdade e carreira pessoal. Houve um relacionamento muito belo entre Ele e o Seu Pai celestial. Essa comunhão de mente e espírito uniu-os de modo que procediam com perfeita harmonia, todos os seus movimentos estavam em maravilhosa coordenação. Jesus reconheceu e confiou no Altíssimo como Fonte de toda a sabedoria e o Autor de todo os planos e soluções necessários para o avanço da obra. Totalmente submisso à vontade e direcção do Pai, Jesus deixou que Ele fizesse os Seus planos e solucionasse os problemas, enquanto Ele prosseguia a obra que Lhe era dada para fazer.

Inacreditavelmente benéficos foram os resultados. Não havia mente na Terra que igualasse a d'Ele, nenhum poder que se comparasse com o que Ele exercia, nenhum carácter com alguma coisa semelhante à mesma beleza e nenhum ministério que remotamente se aproximasse da eficácia alcançada pelo Seu. Sendo isso que a submissão ao Pai produz, todos deviam diligentemente procurar compreender a expressão, "sujeitai-vos como ao Senhor".

A submissão referida nas Escrituras é um estado muito maravilhoso a que a mulher pode aspirar. É a manifestação da verdadeira humildade, puro amor, completa abnegação e verdadeira dedicação. Admirável e terno, completamente desejável e verdadeiramente precioso. É algo que nunca devia ser dado a um homem que não alcançou a mesma submissão em sua relação com a divina Cabeça, Jesus Cristo. Fazer isto é como oferecer algo delicado e belo aos porcos. Portanto, uma mulher não só devia cultivar estas graças, mas também assegurar-se que o homem com quem pretende casar-se compreende e aprecia estas qualidades, não se aproveitará delas e tem o mesmo espírito de amor dentro de si mesmo. Ela tem que compreender que o seu marido a deve amar e ela a ele, ". . . como também Cristo amou a igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela." *Efésios* 5:25.

Semelhantemente, ela tem que perguntar a si mesma se o homem com quem possa vir a casar recebeu o espírito de amor de Deus dentro de si. Conhece ele por experiência como Cristo o ama e é ele capaz de lhe dar o mesmo amor? Estas são perguntas que ela também deve fazer a si própria, e, somente se lhes puder responder afirmativamente, devia considerar-se segura para casar. Esta é uma qualidade de amor desconhecido do coração natural e está para além do alcance de qualquer ser humano adquirir ou desenvolver por si mesmo. Ele vem apenas de cima e é encontrado somente naqueles que, através do ministério do Espírito Santo, foram imbuídos com os atributos de Cristo, como se verifica no parágrafo que se segue. Em virtude de todo o pai e mãe ser um ministro do evangelho para

os seus filhos, estas palavras aplicam-se tanto a eles como àqueles que são geralmente reconhecidos como ministros:

"O Espírito Santo é o sopro da vida espiritual na alma. A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo. Reveste o que O recebe com os atributos de Cristo. Unicamente os que são assim ensinados por Deus, os que possuem a operação interior do Espírito, e em cuja vida se manifesta a vida de Cristo, devem-se colocar como homens representativos, para servir em favor da igreja." {DTN 568}, *O Desejado de Todas as Nações*, 805.

Somente os pais em quem habita o terno e conquistador amor de Cristo podem levar os seus filhos à fonte da vida. Aqueles pais cristãos que alcançam a vitória nos seus esforços devem conhecer Cristo; e a fim de O conhecerem têm de conhecer o Seu amor. No Céu, a sua aptidão como pais é medida pela sua capacidade de amar como Cristo ama e trabalhar como Ele trabalhou.

À medida que este testemunho for considerado, deixai que a mente fuja da vulgar interpretação disto de modo a que uma visão alargada da sua mensagem seja obtida. Para conseguir isto, todo o lar cristão deve ser visto como uma igreja cristã, na qual a mãe e o pai são os representantes do Senhor. Seja compreendido que as primeiras e mais duradouras impressões dos filhos sobre o que Deus é sejam dadas pelos pais. Se eles são os verdadeiros representantes do Senhor, devem possuir as especificações estabelecidas nesta citação. Doutro modo, não só falharão na importante obra de revelar Deus aos seus filhos e uns aos outros, como darão uma tal visão errada do nosso amoroso Pai celestial que o tornará sem atractivo e indesejado. Afastá-los-ão d'Ele, em vez de os atrair para Ele, um procedimento que efectivamente os separa da própria vida.

"Os que nunca experimentaram o amor terno e cativante de Cristo não podem guiar outros à fonte da vida. Seu amor no coração é um poder que constrange e que leva os homens a revelarem-nO na conversação, no espírito misericordioso e terno, no reerguimento da vida daqueles com quem se associam. Para ter êxito em seus esforços devem os obreiros cristãos conhecer a Cristo; e para conhecê-Lo, precisam conhecer Seu amor. No Céu, sua aptidão como obreiros é medida por sua habilidade em amar como Cristo amou e trabalhar como Ele trabalhou." {AA 308}, *Atos dos Apóstolos*, 550, 551.

Consideremos agora o parágrafo como uma aplicação específica aos pais que certamente são obreiros cristãos se estiverem a fazer a sua obra de acordo com o modo como Deus avalia o ministério dos pais em relação aos filhos: aqueles *pais* que nunca experimentaram o terno, amor conquistador de Cristo não podem guiar *os seus* filhos à fonte da vida. O Seu amor no coração é um poder que cativa, que leva os *pais* a revelá-l'O na conversação, na ternura, no espírito piedoso, na inspiração das vidas dos *seus filhos* com quem se associam. *Pais* cristãos que triunfam nos seus esforços devem conhecer Cristo; e a fim de O conhecerem, devem conhecer o Seu amor. No Céu a aptidão dos *pais* como obreiros é medida pela sua capacidade de amar como Cristo amou.

Ninguém pode com sucesso fazer qualquer tipo de obra missionária sem este amor dentro de si próprio. Portanto, visto que os pais estão envolvidos no esforço de salvação de almas da mais elevada ordem, não podem realizar a sua missão de trazer os seus filhos a Jesus a menos que o Seu amor esteja no seu coração. Esta é uma verdade a que todos os futuros pais se devem agarrar à medida que criticamente se examinam a si próprios para determinar se ele ou ela possui as necessárias qualificações para o casamento. Tal exame próprio e análise só é possível quando o Espírito Santo ministra à alma. Ele também fará com que o suplicante se torne consciente através da Palavra de Deus que é unicamente quando a pessoa está cheia do Espírito Santo que este amor pode encher o coração.

Esta lição foi a experiência dos crentes no Pentecostes quando a descida do Espírito Santo provou ser o derramamento do amor divino.

"O Espírito veio sobre os discípulos que, expectantes, oravam, com uma plenitude que alcançou cada coração. O Ser infinito revelou-Se em poder a Sua igreja. Era como se por séculos essa influência estivesse sendo reprimida e, agora, o Céu se regozijasse em poder derramar sobre a igreja as riquezas da graça do Espírito. E sob a influência do Espírito, palavras de arrependimento e confissão misturavam-se com cânticos de louvor por pecados perdoados. Eram ouvidas palavras de gratidão e de profecia. Todo o Céu se inclinou na contemplação da sabedoria do incomparável e incompreensível amor. Absortos em admiração, os apóstolos exclamaram: 'Nisto consiste o amor'! 1 João 4:10. Eles se apossaram do dom que lhes era repartido. E que se seguiu? A espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia." {AA 20}, *Atos dos Apóstolos*, 38.

Não foi apenas o poder que foi derramado sobre a expectante igreja no Pentecostes. Foram ". . . as riquezas da graça do Espírito", com o que eles foram dotados numa inundante proporção nesse dia. Não foi apenas a graça do espírito mas os *ricos* dons com que eles foram inundados. Todos aqueles tesouros estão resumidos no maior de todos os dons celestiais — amor!

"Supremo amor por Deus e desinteressado amor mútuo — eis o melhor dom que nosso Pai celestial pode conceder. Esse amor não é um impulso, mas um princípio divino, um poder permanente. O coração não consagrado não o pode criar ou produzir. Ele somente é achado no coração em que Jesus reina. 'Nós O amamos a Ele porque Ele nos amou primeiro'. 1 João 4:19. No coração renovado pela graça divina, o amor é o princípio que regula a ação. Ele modifica o caráter, governa os

impulsos, controla as paixões e enobrece as afeições. Esse amor, acariciado no coração, ameniza a vida e derrama influência enobrecedora ao redor." {AA 308}, *Atos dos Apóstolos*, 551.

Este poderoso e indispensável atributo é essencial para um casamento vitorioso. Se o futuro marido e esposa garantirem que ele está implantado em si e apreciam e desenvolvem o dom, adquirirão o maior bem para assegurar um maravilhoso, produtivo e feliz casamento.

Mas recordai que é o amor divino, não o humano, de quem estamos a falar aqui. Entre os dois há uma grande diferença que só pode ser verdadeiramente compreendido por aqueles que o possuem. O amor humano pode ser muito poderoso, mas é mutável e portanto, não se pode confiar nele. Homens e mulheres jovens não compreendem isto, mas crêem em vez disso que os fortes sentimentos físicos e emocionais que experimentam nos seus primeiros relacionamentos entre si durarão para sempre, porém, infelizmente, quão rapidamente vêm de facto as mudanças. Para o amor humano reter o seu ardor original, deve receber tudo o que espera em troca pelo amor dado, o que significa que foi retribuído acrescido de um lucro. Portanto, o amor humano não dá! Investe! Em seguida, a infelicidade reina se o nível de lucro não é considerado suficiente, ou, pior ainda, se sofre um prejuízo.

O amor divino é verdadeiro amor. É imutável e portanto de total confiança. A sua intensidade não é afectada pelo modo como é recebido. Não investe com o objectivo de criar um proveito, mas derrama amor por ser a única coisa que sabe fazer. Somente aqueles dentro de quem este amor habita e que têm uma compreensão dos seus resultados podem prometer amar, honrar e apreciar para o melhor ou pior, na doença e na saúde, nos bons e nos maus momentos e tanto na riqueza com na pobreza.

Aquele que é abençoado com este amor verificará que mesmo apesar do seu cônjuge poder odiá-lo, continua ainda a conhecer um ardente amor pelo outro, porque, tal como Deus ama mesmo os Seus piores inimigos e retribui-lhes apenas o bem pelo mal, assim a pessoa em quem o infinito amor habita estará disposto a fazer o mesmo.

Quando o jovem casal no ardor do seu amor um ao outro solenemente prometem confiança mútua, realmente acreditam que serão mais do que capazes de manter as suas promessas. Estão completamente convictos de que a sua lealdade é para sempre. Nem há sequer uma dúvida ou um receio a toldar o futuro quando o contemplam.

Porém, o que eles devem compreender é que, a menos que aquele que faz a promessa tenha sido dotado do amor divino, não há possibilidade daquelas promessas serem verdadeiramente cumpridas. Tal como o homem de *Romanos* 7, as coisas que deseja fazer, descobre que é incapaz de fazer. Assim, quando a jovem ouve o namorado proferir certezas de duradouro amor e devoção para toda a vida, fazendo-a crer que ele sente o significado de todas as palavras que pronuncia, mas ela deve entender que, a menos que o amor divino reine no seu coração, ela não pode ter a garantia que ele cumpra aquelas promessas. O mesmo se aplica ao jovem cujo corpo, mente e coração são excitados pelas declarações de amor e fidelidade. Ele deve compreender que, apesar da confiança dela quanto aos

seus sentimentos e da genuína sinceridade das suas declarações, também ela será incapaz de igualar as suas acções com os votos a menos que o amor divino reine no seu coração.

"Só em Cristo é que se pode com segurança entrar para a aliança matrimonial. O amor humano deve fazer derivar do amor divino os seus laços mais íntimos. Só onde Cristo reina é que pode haver afeição profunda, verdadeira e altruísta." *A Ciência do Bom Viver*, 358.

Longas e profundas são na verdade as perguntas a serem feitas e as considerações a serem exploradas por aqueles que desejam enfrentar a solene responsabilidade do casamento. Quando estas coisas forem consideradas, será compreendido quão superficialmente, irresponsavelmente, descuidadamente e ignorantemente as pessoas em geral entram na mais importante de todas as relações terrestres. Mas, agora que a luz do evangelho brilha tão claramente, chegou a altura em que deve haver uma grande mudança na nossa aproximação à escolha do companheiro de casamento. Se esta questão não for considerada com uma atitude inteligente e responsável, então os filhos certamente serão seriamente prejudicados e a mensagem da salvação das crianças falhará em alcançar tudo aquilo que se destina a realizar.

Capítulo 15

O Propósito Divino no Casamento

Como nunca antes, o mundo de hoje está flagelado com casamentos desfeitos destruindo as vidas de pais e de filhos e trazendo confusão, sofrimento, doença, e desilusão a tantos. A taxa de divórcio é a mais elevada de sempre e está crescendo sem parar. Demasiado frequentemente o casamento como instituição é um fracasso — uma fonte, não de satisfação, alegria, realização, e bênção, mas de conflito, agitação, insatisfação e escravidão.

Contudo, verificamos que a nova geração está entrando no relacionamento com persistente ansiedade e plena confiança de que, embora outros tenham falhado, o seu casamento será o início de uma longa vida de bênção. De facto, o comentário profético do nosso Salvador acerca destes últimos dias é que homens e mulheres seriam ". . . casados e dados em casamento. . ." tal como nos dias de Noé. *Mateus* 24:38.

Apesar da abundante crença que a sua aliança será feliz e bem-sucedida o testemunho da realidade declara enfaticamente que têm pouca possibilidade de realizarem o seu sonho. É mais provável que acabem num casamento desfeito, desiludido e infeliz.

À luz destes factos, esperar-se-ia que o casamento fosse abandonado pela maioria, que a corrente de noivas e noivos que afluem ao altar secasse, e o sistema da família fosse quebrado. Mas não foi! Porque não?

No primeiro caso, o Criador construiu um instinto muito poderoso e a necessidade de um companheiro no ser humano. Homens e mulheres são guiados por isto a fim de se unirem no propósito da reprodução. Tão forte é o impulso que anula as indicações negativas que lhes clamam dos incontáveis milhões de casamentos infelizes.

Outros estão obcecados com o impulso de assegurar que o nome da família viva perpetuamente. A felicidade no casamento, a compatibilidade com o companheiro de casamento, e coisas como essas são de menor importância para esta classe de pessoas.

Muitos têm outras razões para além destas, mas cremos que o motivo do cristão está muito acima dos desejos terrenos e carnais. Assim deve ser, pois o Criador

não deu esta relação simplesmente para agradar às necessidades físicas, ou para satisfazer os instintos sociais, apesar de importantes e correctos como são estes factores. Ele tinha em mente um propósito muito mais elevado, puro e santo. É quando os seres humanos compreendem o que Deus designou alcançar com o casamento, e cooperam com Ele a fim de alcançar estes ideais, que uma verdadeira felicidade no casamento pode ser alcançada, um verdadeiro cumprimento realizado. Para compreender algo do significado disto, viajemos para trás no tempo a um período muito antes do casamento entre o homem e a mulher ter sido pela primeira vez instituído no Universo. Essa instituição teve lugar no Jardim do Éden quando Adão e Eva foram criados. "Então tiveram origem o matrimónio e o sábado, instituições gémeas para a glória de Deus no benefício da humanidade." *O Maior Discurso de Cristo*, 63.

A relação do matrimónio como nós a conhecemos nesta Terra, em que o ser humano está dividido em duas partes complementares, macho e fêmea, com a capacidade de se reproduzirem, não é partilhada pelos anjos no Céu. Cristo tornou isto muito claro quando respondeu aos cavilosos judeus acerca da questão de casar para preservar a herança dum irmão que não tivera filhos. Ele disse "... Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus;

"Porque na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu." *Mateus* 22:29, 30.

Isto é confirmado no Espírito de Profecia.

"Homens há, hoje em dia, que exprimem sua crença em que haverá casamentos e nascimentos na Nova Terra; aqueles, porém, que acreditam nas Escrituras, não podem aceitar tais doutrinas. A doutrina de que nasçam crianças na Nova Terra não é parte da firme 'palavra dos profetas'. 2 Pedro 1:19. As palavras de Cristo são demasiado claras para serem mal compreendidas. Elas deviam liquidar para sempre a questão de casamentos e nascimentos na Nova Terra. Nem os que ressuscitarem, nem os que forem trasladados sem ver a morte se casarão ou serão dados em casamento. Serão como os anjos de Deus, membros da família real." *Mensagens Escolhidas* 2:172.

Cada anjo é portanto um ser criado, e não um ser gerado. Os únicos seres humanos criados foram Adão e Eva. O restante de nós foi gerado deles através dos seus descendentes, tal como as próximas gerações serão nascidas de nós. Isto não nega o facto que nós somos criaturas distintas do Criador, pois herdamos tudo aquilo que Adão e Eva tinham ou foram. Assim, tão certo como sendo criados, eles eram criaturas, portanto, por herança deles, somos gerados como criaturas.

Aqueles a quem é dada a existência sendo criados não passam pelas diversas fases do crescimento, do embrião até à idade adulta, mas entram na vida já completamente formados. Adão e Eva nunca experimentaram a fase de bebé, infância, e juventude, mas apenas a adulta. A mesma verdade se aplica quanto aos anjos.

Por isso então, na eternidade existente antes do homem ser criado e o casamento entre duas pessoas diferentes ser introduzido, esta relação era desconhecida para todos os seres criados em todo o Universo. Porquê, depois de uma eternidade de pré-existência, dotou Deus a família humana com capacidades desconhecidas à privilegiada hoste celestial? Tinha que haver alguma boa razão para isto e houve. Uma necessidade apareceu que exigia uma revelação do carácter divino, ordem, e sistema de governo que nunca tinha existido anteriormente. Foi uma necessidade que nunca se teria levantado, pois a ordem

divina era perfeita, maravilhosa, e conduzia apenas à absoluta felicidade de todos os seres criados. Durante o interminável espaço de tempo entre o primeiro acto criador de Deus, e o aparecimento de uma primeira mudança no sistema, nenhuma dúvida havia sido colocada contra a sabedoria do Altíssimo.

Todos nós somos seres gerados. Adão e Eva foram os únicos membros da família humana que foram criados e não gerados. Cristo também foi gerado, mas enquanto o nosso começo foi quando fomos gerados, no caso de Cristo não foi assim, porque Ele era eternamente pré-existente antes de ter sido gerado.

O Deus Criador é o único em quem se encontra o absoluto poder, infinito amor, e ilimitada sabedoria. Estes atributos perfeitamente equilibrados, combinados para produzir um maravilhoso sistema de governo em que todo o problema possível foi solucionado. Não havia falha, imperfeição, dissonância, miséria, decadência, ou morte. Era um sistema cheio de vida e destinava-se a durar eternamente.

No estabelecimento deste maravilhoso e perfeito sistema, um dos problemas que requeria solução era como estabelecer uma ilimitada comunicação entre um infinito Deus, absoluto em poder por um lado, e, no outro, seres criados que, em comparação, são muito limitados nas suas capacidades. Obviamente, a emanação de poder do Omnipotente tem que estar longe de qualquer capacidade humana de computação a fim de suster o Universo criado contendo pelo menos biliões de galáxias cada uma contendo mais de um bilião de sistemas solares e mais. Lembrai-vos que não há nada em todo o universo que seja auto-suficiente. Tudo o que é criado está dependente da energia que continuamente flui do Criador para si, a fim de assegurar que possa operar como designado e planeado.

Obviamente, entre um Deus com a capacidade para tais infinitas responsabilidades, e os mais brilhantes e melhores seres criados, existe um vasto abismo. Nenhum anjo ou homem pode aproximar-se directamente da presença de Deus e sobreviver.

Portanto, tem que haver uma ligação entre o Infinito e o finito; o Criador e a criatura. Esse Ser tinha que ter a própria vida, natureza, e poder de Deus por um lado e a vida, natureza e poder de uma criatura por outro. Ele tinha que ser tanto o Criador como a criatura numa única pessoa. Essa Pessoa não podia ser criada, pois um Criador não pode ser criado. Ele é Aquele que não tem começo, porque Ele tinha que estar eternamente ali antes de tudo o mais de modo que por Ele todas as coisas pudessem ser chamadas à existência.

Havia apenas um único modo pelo qual o problema podia ser resolvido em amor e isso era pelo casamento — a combinação do Criador e da criatura numa Pessoa, Jesus Cristo. Deve ser salientado que a ligação de Cristo com a criatura não era a de casamento de indivíduo com indivíduo, mas de uma Pessoa que era e é Deus, Jesus Cristo, com todas as criaturas do mundo. Através desta única e muito especial união, todo o ser no Universo se unia num relacionamento familiar com Ele. A forma criada com a qual Jesus vestiu a Sua divindade no primeiro caso foi a de um anjo, como, muito mais tarde, devia revestir a Sua divindade com a pecaminosa, decaída, e mortal humanidade onde Ele foi concebido de Maria e nascido em Belém.

No casamento original a natureza do qual estudaremos detalhadamente mais adiante, Cristo tornou-se um membro real do mundo criado sendo gerado nele. Isto é uma questão simples de provar. Muito antes do homem ser criado, Jesus foi declarado pelo Pai como sendo o Seu Filho Unigénito. Nunca este facto fora mais positivamente mostrado do que quando em consequência do desafio de Lúcifer à ordem divina, Jeová convocou a hoste celestial para esclarecer a posição de Cristo. Nessa convocação foi dado ênfase ao facto que Jesus Cristo era na realidade o único Filho gerado do Ser Eterno, como este testemunho descreve que essa reunião mostrou:

"O Rei do universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em Sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do

trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por Si mesmo, rodeava a ambos. Em redor do trono reuniam-se os santos anjos, em uma multidão vasta, inumerável — 'milhões de milhões, e milhares de milhares' (Apocalipse 5:11), estando os mais exaltados anjos, como ministros e súbditos, a regozijar-se na luz que, da presença da divindade, caía sobre eles. Perante os habitantes do Céu, reunidos, o Rei declarou que ninguém, a não ser Cristo, o Unigénito de Deus, poderia penetrar inteiramente em Seus propósitos, e a Ele foi confiado executar os poderosos conselhos de Sua vontade. O Filho de Deus executara a vontade do Pai na criação de todos os exércitos do Céu; e a Ele, bem como a Deus, eram devidas as homenagens e fidelidade daqueles. Cristo ia ainda exercer o poder divino na criação da Terra e de seus habitantes. Em tudo isto, porém, não procuraria poder ou exaltação para Si mesmo contrários ao plano de Deus, mas exaltaria a glória do Pai, e executaria Seus propósitos de beneficência e amor." {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16, 17.

É claro que o Pai não apresentou Jesus como um Ser que se tornaria o Filho Unigénito, mas o único Ser que já o era, e que o tinha sido desde a eternidade no passado. Portanto, Deus deu Jesus à família humana como um Filho já gerado, não como um Ser ainda por gerar. Cristo não se tornou o Filho Unigénito do Altíssimo quando nasceu em Belém tendo alcançado essa posição muito, muito antes. Nem isto nega que Ele entrou na família humana sendo gerado nela, pois foi assim que Ele se tornou um de nós. Cristo foi duas vezes gerado. Na primeira a Sua divindade habitou na forma de anjo; na segunda, na forma da pecaminosa, decaída, humanidade mortal. Há uma considerável quantidade de informação nas Escrituras revelando como esta encarnação foi realizada no segundo caso, mas o nosso Pai celestial não viu necessário revelar-nos como Jesus foi gerado na forma de anjo. Portanto, devemos ser excessivamente cuidadosos em não nos aventurarmos no reino perigoso da especulação sobre tais assuntos. Fiquemos satisfeitos com as preciosas verdades que Cristo foi verdadeiramente gerado de Deus, muito antes de Belém a fim de realizar o matrimónio entre o Criador e o mundo dos seres criados.

É importante lembrar que, ao contrário da raça humana para quem gerar é iniciar, quando Ele foi gerado, não foi o início de Cristo. Portanto, a gloriosa verdade que Cristo se tornou uma parte real do mundo criado, não nega o facto que Ele é eternamente pré-existente. Ele não tem princípio nem fim. Juntamente com o Seu Pai e o Espírito Santo, antes de qualquer coisa existir Ele já existia. Mas chegou o tempo tão longe na eternidade do passado que está para além do nosso conhecimento e compreensão, o Trio celestial começou a sua obra criadora. O eterno propósito para Cristo era que Ele devia tornar-se a eficiente Ligação entre o Pai e o mundo criado ao casar-se com a classe dos seres criados.

Isto não é um mero exercício mas um facto maravilhoso. Enquanto retinha a Sua omnipotência, omnipresença, e omnisciência, Ele, ao mesmo tempo, literal e realmente se tornou um anjo. Por esta razão Ele é chamado o Arcanjo em *1 Tessalonicenses* 4:16 e *Judas* :9, e é chamado o "Anjo" quando andou e falou com Abraão, lutou com Jacó, guiou os israelitas na coluna de nuvem, revelou a Josué a estratégia da tomada de Jericó, anunciou o nascimento de Sansão e entregou a Gideão a missão de libertar Israel.[10]

[10] Consultai *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, Capítulo 3, por F. T. Wright.

Até este ponto, existirá quem terá dificuldade em compreender como Cristo casou com o mundo criado, simplesmente porque pensarão em termos da união de Pessoa com pessoa. Mas Cristo nunca casou com uma pessoa em particular entre os seres criados, quer no Céu quer nesta Terra. Em vez disso vestindo a Sua divindade com a natureza e forma de um anjo, Ele casou no campo dos seres criados, e desse modo não um, mas todos os seres criados estão englobados nessa união, nesse sentido estão casados com Cristo, e assim é dado acesso ao Pai, de modo que por esse meio, "O Céu é um incessante aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo." {DTN 230}, *O Desejado de Todas as Nações*, 315. Adão e Eva estavam incluídos neste relacionamento e nós neles.

Tão perfeito e completo era o casamento de Cristo com as criaturas, que a Sua divindade estava escondida à vista e Ele aparecia como um Anjo entre os anjos. A Sua divindade não era vista pelos anjos, simplesmente porque esse elemento da Sua natureza estava sempre dirigido para o Pai, enquanto a outra parte era sempre apresentada aos seres criados. Enquanto nenhum orgulho obscurecia a visão e percepção espiritual dos anjos, isto não criou problemas, e nenhuma lição objectiva era necessária para os habitantes do Céu. Mas, quando a exaltação própria começou a aparecer em Lúcifer, o problema começou. Olhando para Jesus, Lúcifer era incapaz de ver o duplo aspecto da Sua natureza, e olhava-O como sendo nada mais do que um ser criado exactamente como ele mesmo. Isto levou-o a ponderar na razão porque lhe era negada a admissão na íntima relação com o Pai tão livremente concedida a Cristo. "'Por que', perguntava este poderoso anjo, 'deveria Cristo ter a primazia? Por que é Ele mais honrado do que Lúcifer?'" {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 17.

Tivesse ele compreendido a relação de casamento entre Cristo e o mundo dos seres criados teria visto que Deus, a Quem ele não podia ver, estava casado com um Anjo que era visível para ele. Teria então aceitado a simples verdade que apenas Cristo tinha a capacidade de entrar na presença de Deus. Então, teria sabido que o sistema divino era o único meio possível pelo qual o Céu podia ser governado em amor. Além disso, ele estaria completamente ciente do facto, que não era nem podia ser abençoado com a capacidade para entrar na todo-poderosa presença do Pai, na extensão em que o Arcanjo, Miguel, fazia. Em vez de aspirar de forma egoísta à usurpação da posição de Cristo, ter-se-ia regozijado em contemplar a pura beleza e glória do casamento formado entre o Pai, através de Jesus Cristo, e todo o reino dos seres criados.

Em vez de se render às divinas influências, o maligno escolheu lançar as trevas infernais da sua terrível acusação contra a perfeita ordem divina. Tão eficazmente foi ele bem-sucedido nos seus esforços, que mesmo os anjos que escolheram permanecer leais a Deus foram confundidos e permaneceram assim pelo menos durante os quatro milénios seguintes. Assim se criou a necessidade de uma revelação mais clara dos princípios que foram contestados no próprio coração da controvérsia.

Foi assim, que no próprio momento em que Satanás escolheu rejeitar toda a lealdade posterior à ordem divina, que o Soberano do Universo deu uma coisa nova — um casamento entre dois indivíduos diferentes e inteligentes. Até essa altura, isso ainda não tinha existido entre os anjos ou existirá. Cristo tornou-o para sempre claro e, apesar de não termos testemunho específico para confirmar que o mesmo é verdadeiro em todos os outros mundos habitados, é claramente

indicado que este planeta é o único em que a relação de casamento entre dois indivíduos, além da união de Cristo com o mundo criado, foi instituída.

A criação do macho e fêmea com o poder para se reproduzirem, introduziu uma nova e distinta ordem de seres no Universo.

Não há um único ser criado cujo futuro não tenha sido ameaçado pelos ataques de Lúcifer à ordem divina. Por um lado, eles têm as advertências do Senhor quanto às consequências fatais de aceitar e seguir o diabo, enquanto, por outro, este persuasivamente argumenta que ficar do lado de Deus seria submeter-se a perpétua servidão. Foi um tempo de terrível tomada de decisão.

Então, quando Deus informou que Ele e o Seu Filho criariam este mundo e os seus habitantes à Sua própria imagem, intenso interesse tomou posse da hoste angélica. Compreenderam que, no Seu grande amor por eles, estava prestes a ser criada uma maravilhosa lição objectiva da relação de casamento que existia entre Cristo individualmente e eles colectivamente. Sentiram que necessitavam de toda a informação que pudessem obter a fim de tomarem uma decisão segura. Por isso, não admira que:

"Todo o Céu tomou profundo e jubiloso interesse na criação do mundo e do homem. *Os seres humanos eram uma nova e distinta ordem*. Foram criados 'à imagem de Deus', e o desígnio do Criador era que povoassem a Terra." *The Review and Herald*, 11 de Fevereiro de 1902; *S.D.A. Bible Commentary* 1:1081.

Entre o início da obra criadora de Deus e a queda de Lúcifer, não houve casamentos entre os seres criados, mas apenas a união que a todos abraçava entre Cristo e todos os seres criados. O propósito desse sistema era tornar possível a todos os seres criados a plenitude de todo o desenvolvimento, a realização das mais elevadas aspirações, a realização de todo o nobre ideal, a entrada na maior união possível com o Altíssimo Criador, e a satisfação das mais doces e elevadas alegrias para além da imaginação.

Mas para alcançar isto, o beneficiário devia permanecer dentro da relação de casamento, compreensão dos seus princípios, obediência às suas leis, e seguindo os seus procedimentos. Falhar em fazer isso era convidar, e ser flagelado, com a perda destas bênçãos sem comparação, e ser amaldiçoado com toda a miséria e fracasso possível incluindo o fim da própria existência. Não pode haver outro resultado, pois não há outro caminho seguro para a eternidade fora daquele que foi concebido nos secretos concílios da Divindade. Lembrai-vos que o modo de vida e felicidade de Deus não é o modo melhor. É o *único* modo. Não há alternativas que se lhe possam comparar. O caminho de Deus é a única vereda da vida. Não é assim por causa d'Ele arbitrariamente traçar o Seu governo para Se agradar a Si mesmo, mas porque, na natureza do caso, não há outro caminho.

Uma vez que reconheçamos que o caminho de Deus é o *único* caminho, compreenderemos a verdade que somente uma forma de governo — somente uma ordem divina — pode para sempre ser estabelecida na vida do verdadeiro filho de Deus, ou na família cristã, numa santa comunidade, numa nação justa, num sistema solar sem pecado, numa imaculada galáxia, num Céu perfeito, ou num Universo sem mácula.

Isto não é assim nos reinos que deixaram o sistema perfeito de Deus e voltaram aos seus próprios caminhos. Os indivíduos não operam todos pelos mesmos princípios; a ordem e organização encontradas numa família são estranhas a outra; os governos locais diferem de distrito para distrito; e o viajante que se move de uma terra para outra ficará sob o poder de diversas autoridades que vão desde a amada liberdade das democracias aos despotismos restritivos e opressores. Não importa qual o sistema adoptado no governo humano, há sempre insatisfação nele. Os membros da família queixam-se; governos locais e estatais são continuamente criticados; e os corpos nacionais do governo criam queixas sem fim.

Porém, os princípios e procedimentos de Deus são tão perfeitos que operam igualmente bem no governo e nos indivíduos tanto na orientação da família, da nação, do planeta, da galáxia, como do Universo. Portanto, o único caminho para ter uma família verdadeiramente feliz e bem-sucedida, é assegurar que a ordem divina que opera com tanto êxito no Céu seja estabelecida no lar. Permitamos que a oração seja respondida; "Venha o Teu reino. Seja feita a Tua vontade assim na Terra como no Céu." *Mateus* 6:10.

Apesar do sistema ter resultado impecavelmente durante a eternidade do passado, desde a sua mais pequena escala na vida de um indivíduo até às suas maiores dimensões de todo o Universo, Satanás foi capaz de lançar uma sombra sobre as suas operações. Ele contestou que a constituição do governo de Deus

limitava a liberdade, impunha um limite no progresso e realização, estabelecia a Divindade como um despotismo opressor, introduzia uma incontável miséria e dureza, e negava a todos os seres criados o ilimitado direito de serem eles mesmos.

Estas acusações e afirmações eram absolutamente infundadas, mas elas tinham que ser enfrentadas por causa daqueles cuja felicidade e existência eram ameaçadas por elas. O casamento pelo qual unicamente o Universo podia ser reunido juntamente em amor e operar com sucesso, tinha que ser revelado com maior detalhe. Uma demonstração prática era requerida da fusão de duas vidas para produzir uma terceira, a qual pertencia às duas e manifestava a vida e características de ambas. Os seres através do Universo precisavam ver a felicidade e o enriquecimento que isto produzia, e a perfeita harmonia e unidade que ligava coração com coração e mente com mente tal como a ordem divina governava todo o impulso e acção.

Assim Deus designou que os anjos e os habitantes dos mundos não caídos vissem por si mesmos através desta perfeita e completa miniaturização — este microcosmo — que se fielmente continuassem a operar dentro da estrutura da ordem divina e de acordo com ela, conheceriam apenas perfeita felicidade e completa realização. Veriam de facto que Deus verdadeiramente ama cada uma das Suas criaturas infinitamente, e que com absoluto altruísmo, Ele vive, planeia, e opera por eles e não para Si mesmo. Longe de ser um cruel déspota, Ele mostraria que é um companheiro de casamento perfeito. Demonstraria que, tão seguramente quanto os divinos princípios produzia perfeita felicidade no microcosmo do paraíso do Éden, eles alcançariam os mesmos resultados encantadores no macrocosmo de todo o Universo.

Portanto, quando Adão e Eva foram unidos em santa união, foram comissionados com o importante privilégio de demonstrar a verdade das afirmações de Deus perante os estudiosos olhos dos observadores habitantes de todo o universo. Esse era o específico e supremo propósito para a sua criação e casamento. Ao ordenar que eles cumprissem esta missão numa miniaturizada localização estabelecida, Deus deu uma revelação dos princípios operantes da ordem celestial que era muito mais avançada do que qualquer demonstração anterior.

Em primeiro lugar, na pura felicidade que emanava da feliz e bem-sucedida vida conjunta, os anjos e os mundos não caídos receberam a prova que o divino propósito para os vivos era de facto tudo o que Deus reivindicava. Então, quando Adão e Eva gerassem filhos, e estes por sua vez outros filhos, os interessados observadores em todo o Universo veriam que, na sempre crescente família humana, o sistema operava igualmente bem para produzir ainda maior felicidade, segurança, harmonia, empreendimento e realização. Tinha que ter sido uma demonstração toda-convincente.

Portanto foi um Deus cheio de intencionalidade e muito dedicado que arquitectou a instituição do casamento para o homem como uma nova e distinta organização. Porque é no serviço que a mais elevada alegria pode ser alcançada, o casamento tinha que ser programado como um instrumento de serviço. Não pode, portanto, ser um final de si mesmo mas o meio pelo qual os mais verdadeiros e elevados ideais podem ser realizados.

“Deus celebrou o primeiro casamento. Assim esta instituição tem como seu originador o Criador do universo. 'Venerado... seja o matrimónio' (Hebreus 13:4);

foi esta uma das primeiras dádivas de Deus ao homem, e é uma das instituições que, depois da queda, Adão trouxe consigo de além das portas do Paraíso. Quando os princípios divinos são reconhecidos e obedecidos nesta relação, o casamento é uma bênção; preserva a pureza e felicidade do género humano, provê as necessidades sociais do homem, eleva a natureza física, intelectual e moral." {PP 19}, *Patriarcas e Profetas*, 29, 30.

"Ele [Cristo] lhes chamou a atenção para os abençoados dias do Éden, quando Deus declarou tudo 'muito bom.' Então tiveram origem o matrimónio e o sábado, instituições gémeas para a glória de Deus no benefício da humanidade." *O Maior Discurso de Cristo*, 63.

Uma parte vital e integral da ordem divina era a união misteriosa de duas vidas — o casamento do Criador e da criatura — para formar um Ser composto que era e para sempre será, Deus na carne — a divindade habitando na humanidade. É o maravilhoso mistério da encarnação, e a encarnação é o casamento. É quando os princípios construídos nestas relações são vistos, compreendidos, e aplicados que a estabilidade, segurança, felicidade e bem-sucedida operação de todo o Universo é assegurada. Enquanto o plano é maravilhoso na sua simplicidade, e brilhante na sua aplicação, é ao mesmo tempo tão profundo que mesmo os seres sem pecado acham-no difícil de compreender. Paulo fala dele como um mistério oculto.

"Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios;

"Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

"Como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima em pouco vos escrevi;

"Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo,

"O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas;

"A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes, da promessa em Cristo pelo evangelho;

"Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder.

"A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo.

"E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou;

"Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus,

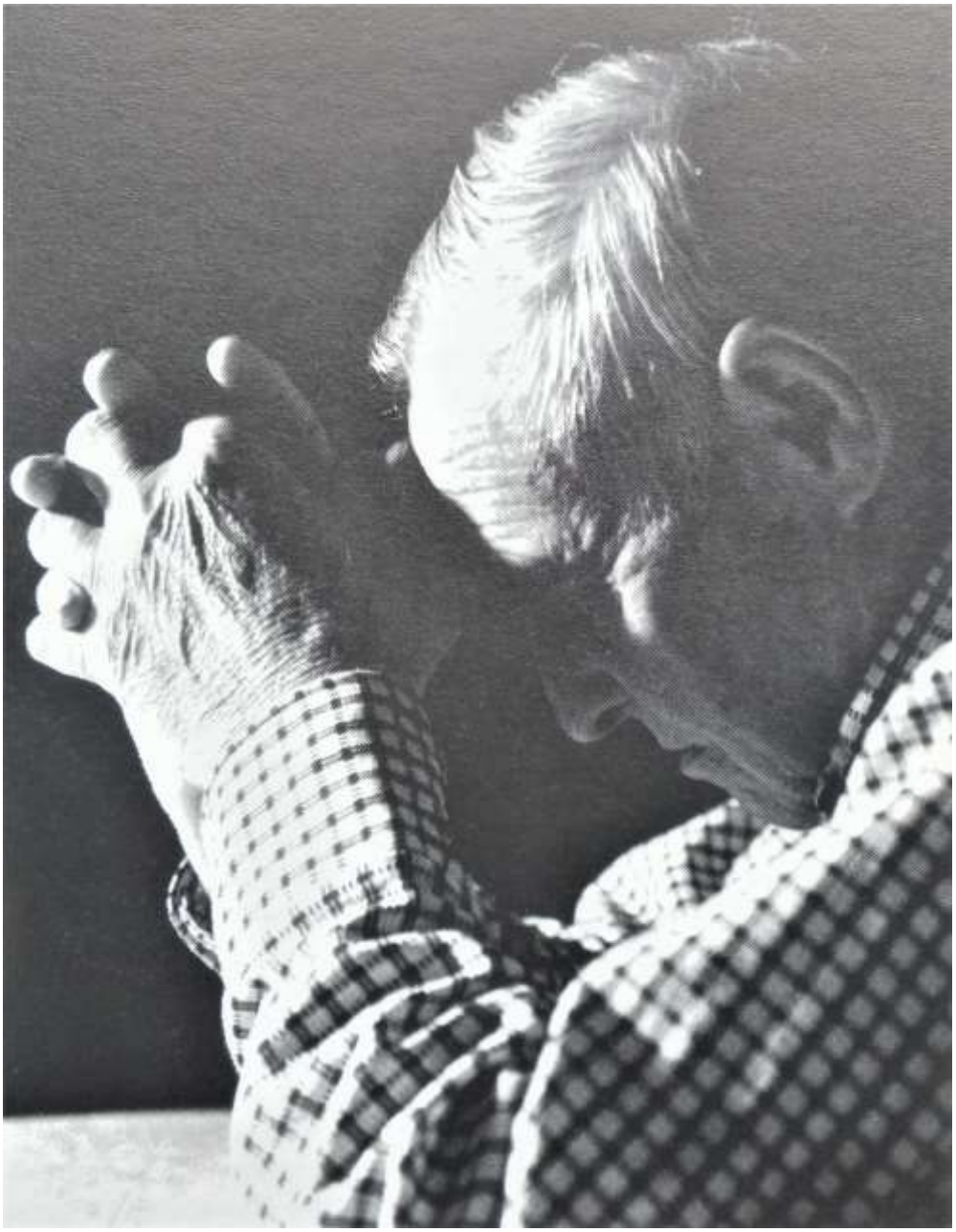
"Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,

"No qual temos a ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé n'Ele.

"Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória." *Efésios* 3:1-12

Porém, à medida que eles viam nascer filhos das vidas unidas de Adão e Eva, pelo menos alguma coisa do mistério se abria às suas mentes. Eles liam, na profundeza do amor que o nascimento dos filhos transmitia aos pais, a certeza que o casamento de Cristo com a criação os unia nos mais apertados laços do amor ao seu marido celestial, Jesus Cristo. Todo o desamparo da criança, e a sua total dependência dos seus pais proclamava-lhes a sua constante necessidade do seu Pai Criador, a infinita Fonte e Origem de tudo o que eles tinham ou podiam

alguma vez necessitar. Os casamentos de Adão e Eva e dos subsequentes homens e mulheres deviam ser as inestimáveis mensagens de esperança e confiança para todo o ser criado.



Há poucas coisas que podem abater o coração de alguém pior do que um casamento destruído. Os que foram obrigados a sofrer isto verificaram que uma parte deles morreu, deixando-os com um incrível sentido de perda, solidão, e desamparo. Mas, ninguém é deixado sem informação de como relacionar-se com estas circunstâncias, porque Jesus também tem um casamento dissolvido apesar da falta não ser Sua. Ganhem todos o consolo com a verdade de que embora possamos dar um maravilhoso testemunho da ordem divina quando temos um casamento feliz, é uma nobre proeza quando nos podemos relacionar com a dissolução de um casamento como Jesus faz com o Seu.

Esse divino propósito não mudou. O Senhor ainda pretende que todo o governo do lar seja uma miniatura do celestial — um microcosmo do macrocosmo. A vontade ou sistema de Deus tem que ser mantido num, tal como no outro, de modo que o mesmo amor, paz, unidade, graça, beleza, e toda a doce bênção pura do Céu encontrada em cima, serão as impregnadas qualidades na contrapartida terrestre.

Para construir um casamento assim, e estabelecer o governo no lar capaz de satisfazer estas especificações fundadas pelo Arquitecto Mestre do Universo, é a solene responsabilidade levada a cabo por cada pessoa que se envolve no casamento, todavia, quão poucos prestam atenção ao que estão assumindo quando contraem uma tal aliança.

Obviamente, o sucesso neste campo vital requer o companheiro correcto, a implantação da vida de Deus e o amor no interior, um espírito de total abnegação, um profundo conhecimento da constituição celestial, e uma determinada dedicação para alcançar o propósito divino. Aqueles que se aproximam da tarefa com estas qualificações, conhecerão uma felicidade no matrimónio e na vida do lar que será impossível alguém alcançar sem elas. Os galardões são tão completos e maravilhosos, e a alegria que os acompanham tão rica e maravilhosa, que tornar-se cientes das perspectivas inspira para atingir estes elevados ideais.

Neste ponto muitos lamentarão que as suas oportunidades para compreenderem estas alegrias tenham desaparecido para sempre. Eles recordam quando a entrada no matrimónio pelos motivos errados por causa da sua ignorância destes princípios, e a firme deterioração das relações desde então. Estão convencidos que nunca podiam salvar das ruínas qualquer coisa que tivesse começado por testemunhar os elevados e santos ideais discutidos neste capítulo. Estes consideram o seu matrimónio como um irremediável fracasso.

Estas considerações normalmente levam a pensamentos de profundo lamento e pena de si próprio. A entristecida alma recorda como ele ou ela levou a cabo o casamento com grandes esperanças, confiante que o seu relacionamento com este maravilhoso companheiro seria produtor de grande felicidade e incontáveis bênçãos. Bem no fundo era sentido fortemente que o casamento verdadeiramente devia isto ao indivíduo que aceitava as suas responsabilidades.

Agora há um sentimento de engano daquilo que o indivíduo está convencido que lhe é devido por direito, e um crescente desejo que normalmente leva ao desesperado desejo de capturar de alguma maneira aquelas esperanças difíceis de manter antes que a vida esteja completamente passada. Ficando bastante convencido que não há mais esperança de obter o cumprimento com a primeira esposa, o olhar dirige-se para outro candidato à posição. Um novo contacto é feito, descrito por uma mente que provavelmente tentou e falhou, como um triunfo de optimismo sobre a experiência.

Mas adoptar esta acção é de novo perder o propósito divino, porque, para aqueles cujos matrimónios falharam, Deus tem um dom que os compensará ainda mais pela nobre acção à qual foram chamados a seguir; por causa da abnegada cruz sacrifical que são convidados a tomar ao seguir a Jesus.

Cristo também tem um casamento que fracassou, embora com certeza não por falta Sua. Portanto, todos aqueles cujos casamentos foram quebrados podem ser confortados no conhecimento que Cristo passou pelo mesmo campo e por conseguinte compreende perfeitamente e sofre com a alma desanimada. “Como o pastor vai adiante das ovelhas, enfrentando primeiro o perigo, assim faz Jesus

com Seu povo. 'E, quando tira para fora as Suas ovelhas, vai adiante delas'. O caminho para o Céu é consagrado pelas pegadas do Salvador. A vereda pode ser íngreme e acidentada, mas Jesus por ela passou; Seus pés calcaram os cruéis espinhos, a fim de tornar mais fácil o trilho para nós. Todo o fardo que somos chamados a suportar, levou-o Ele próprio." {DTN 340}, *O Desejado de Todas as Nações*, 465, 466. Mas ainda mais importante, todo o cristão tem na reacção de Cristo em relação ao Seu casamento fracassado, um exemplo perfeito de como deve responder ao trágico desenvolvimento da sua vida.

Quando Jesus entrou no mundo criado tão de perto, tão profundamente, que se tornou um lado completo da Sua natureza, tomou para Si mesmo um maravilhoso companheiro. A criação deixou de ser meramente algo a que Ele havia dado existência. Era agora um segundo lado da Sua natureza, algo a que estava tão totalmente ligado que Ele era Deus na carne.

Para alguns isto parece ser panteístico. Ninguém devia surpreender-se por isso, porque esta falsa doutrina é uma inteligente contrafacção tão próxima da verdade que é quase impossível distinguir a diferença.

Aquilo que estamos a discutir aqui não é o panteísmo que ensina que Deus é uma essência que penetra em toda a natureza, que as obras de Deus são o próprio Deus,[11] mas a maravilhosa verdade que Cristo, através do casamento, juntou a Sua vida à Sua própria criação. Se Ele não tivesse feito isto, não teria havido encarnação nem salvação.

Por isso, quando Cristo o Criador revestiu a Sua divindade com a forma e natureza de uma criatura, entrou numa relação digna d'Ele como Marido, uma que prometia e dava ilimitada alegria e realização para a eternidade. Tão recompensadora era a comunhão tanto para os anjos como para Cristo que nada mais havia que pudesse ser pedido dela. Mesmo assim, com o passar do tempo novos deleites eram descobertos, novas maravilhas experimentadas, novas alturas escaladas, e novas satisfações realizadas, e mesmo assim não foram alcançados os limites, nem as possibilidades esgotadas.

Jesus e o Seu Pai não encontraram falha na noiva de Cristo. Como podiam? Eles próprios eram o seu Criador, e tão perfeita e completa era a Sua obra, que nada deixava para ser desejado. Parecia que a eterna felicidade de todos os envolvidos estava assegurada. Essa aliança, e desenvolvimento e alegria que brotavam dela, eram aquelas que Deus designou que o casamento fosse uma parábola.

Mas, um problema se levantou no casamento entre o Criador e a Sua criação. Em primeiro lugar, no Céu e depois nesta Terra acabada de fazer, a relação entre Cristo e as Suas criaturas foi quebrada, e a união que ligava Cristo a todo o Universo foi ameaçada. À medida que o problema se desenvolvia, Jesus verificou que primeiro, um terço dos anjos e depois os habitantes desta Terra, que tinham sido tão encantadores, belos, compatíveis, e compreensíveis, tinham-se tornado pecadores, hostis homicidas, e sujeitos à morte. Foi uma mudança trágica, e o futuro de todos os que estavam envolvidos dependia agora do modo como Jesus respondesse à crise. Tivesse Ele feito como a humanidade faz hoje, e ter-Se-ia divorciado da relação, justificando a Sua acção declarando muito correctamente que a Sua noiva não mais O merecia. Ele podia reivindicar que tinha o perfeito direito de Se divorciar dela por causa do seu adultério, aleivosia, infidelidade,

[11] Vede Apêndice A, para consultar um artigo sobre o Panteísmo, (Isto é uma reprodução do artigo da Revista *the Messenger* em Abril de 1986. "Panteísmo".)

impureza, e geralmente reduzida eficiência. Ele podia muito correctamente ter argumentado que a aliança não estava a restituir-Lhe aquilo que se destinava a um fiel Marido, particularmente depois de todo o amor e devoção que Ele colocou no casamento. Podia ter criado para Si mesmo uma nova noiva para substituir a que perdeu.

Mas Ele não fez nada disto! Pelo contrário, antes do diabo deixar o Céu Jesus fervorosamente propôs levar o casamento a uma nova dimensão. Ele uniria a Sua perfeita capacidade criadora com a caída e pecaminosa carne mortal das criaturas que tinham violado o seu contrato de casamento. Cristo estava tão desejoso de salvar Lúcifer como de remir a raça humana, mas o inimigo desprezou o oferecimento. Esta verdade é bem demonstrada pelo pastor A.T. Jones no seguinte testemunho:

"E no entanto nesse mesmo momento, e desde o momento em que Lúcifer deu o seu primeiro passo em falso, Deus estava a oferecer o Seu Filho unigénito e a Si próprio n'Ele; e o próprio Filho ofereceu-Se voluntariamente para morrer em sacrifício; para salvar aquele que pecara — para salvar mesmo aquele que estava aqui fazendo a acusação e insistindo nela que Deus nada negaria a Si mesmo, e não faria sacrifícios por ninguém.

"O sacrifício de Cristo estava no convite a Lúcifer para voltar a Deus, tão certamente como estava no convite ao *homem* para voltar a Deus. Por ter pecado, Lúcifer, desde esse momento tornou-se um pecador, tão certamente como o homem era um pecador. E nós verificámos antes que o eterno propósito de Deus em Cristo é o mesmo para todos: esse propósito para 'fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.' Lúcifer tinha pecado e era um pecador quando Deus o convidou a voltar para Deus. Mas Deus não o convidou a regressar e tomar o seu antigo lugar *como um pecador*. O pecado não pode habitar na presença de Deus. Portanto, o convite de Deus para que o pecador Lúcifer voltasse era em si mesmo a oferta da salvação do pecado para ele, de modo que pudesse voltar e tomar o seu lugar *em justiça*. Mas 'o salário do pecado é a morte.' Portanto, salvar Lúcifer do pecado era salvá-lo da morte, e salvá-lo da morte era morrer por ele. Consequentemente, o sacrifício do Filho de Deus para salvar Lúcifer do pecado, era o convite de Deus para ele regressar, tão certamente como o sacrifício de Cristo para salvar o homem do pecado, estava no convite ao homem para deixar o pecado e regressar para Deus. Porque onde quer que o pecado esteja, no homem ou no querubim, é pecado; e sem a oferta da vida 'não há remissão,' — e *essa* a oferta da vida do Filho de Deus. João 3:16; 10:15-18." *The Spirit of the Papacy*, 13, edição da Destiny Press.

Lúcifer desprezou a graciosa oferta e subsequentemente deixou o Céu, um irrecuperável divórcio que ele mesmo efectuou do sistema divino. Ao fazer isso, impediu o Salvador, nessa fase do desenvolvimento da crise, de fazer o alargamento à entrada no mundo pecaminoso, caído e mortal, das criaturas.

Tivesse o amor do Redentor sido algo menos que infinito e Ele teria afirmado que já tinha feito o suficiente e teria deixado o rebelde entre as Suas criaturas para sofrer o destino que ele impôs a si mesmo, enquanto Ele gozava uma compatível, feliz, e recompensadora relação com aqueles que nunca tinham quebrado a aliança Consigo.

Porém, um amor como o de Jesus não recuaria até que nada mais houvesse que pudesse ser feito. Por isso, ainda que os anjos caídos não aceitassem a Sua graça, a oferta de misericórdia estaria aberta ao homem caído. Assim, quando esta oferta

de salvação do pecado e da morte foi feita ao homem caído e alguns aceitaram, Cristo então entrou numa nova relação de casamento, desta vez, não com o perfeito, mas com os imperfeitos; não com os justos, mas com os injustos; não com os merecedores, mas com os não merecedores; não com os encantadores, belos, desejáveis, mas com os pouco atraentes, indesejáveis; e não com os compatíveis, mas com os incompatíveis.

Mesmo que como cristãos nascidos de novo, as esposas de Jesus Cristo, nós caímos na classe dos pouco atraentes, incompatíveis, e indignos. Qualquer que não possa ver isso nunca vislumbrou a incomparável perfeição e beleza de Jesus, enquanto aqueles que o vêm serão profundamente conhecedores de quão indignos nós somos de ser membros da família real.

"Quanto mais nos aproximamos de Jesus, e quanto mais claramente distinguimos a pureza de Seu carácter, tanto mais claro veremos a excessiva malignidade do pecado, e tanto menos nutriremos o desejo de nos exaltar a nós mesmos." {AA 314}, *Atos dos Apóstolos*, 561. Mesmo se as nossas vidas fossem tão imaculadas como a de Daniel, o homem a quem o Céu descreve como sendo grandemente amado, ainda não seríamos merecedores de Cristo como nosso Marido. A reacção de Daniel quando lhe foi dada uma visão da imaculada perfeição do Salvador, prova isto. "Fora a mesma presença da santidade divina que fizera o profeta Daniel cair como morto perante o anjo do Senhor. Disse ele: 'Transmudou-se em mim a minha formosura em desmaio, e não retive força alguma'. Assim quando Isaías viu a glória do Senhor, exclamou: 'Ai de mim, que vou perecendo! porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!' A humanidade com sua fraqueza e pecado, fora posta em contraste com a perfeição da divindade, e ele se sentiu inteiramente deficiente e falto de santidade. Assim tem sido com todos quantos alcançaram uma visão da grandeza e majestade de Deus." {DTN 165}, *O Desejado de Todas as Nações*, 224.

Tendo alargado as Suas responsabilidades de casamento, Cristo demonstrou a forma como nos devemos relacionar com o mesmo tipo de problema. Ele sabe o que significa ter um maravilhoso casamento a deteriorar-se, pois Ele tem passado por tudo isso na rebelião dos santos anjos e do homem. Ele conhece quão tentador é o divórcio da parte culpada e a procura de companhia dos que não têm pecado e belos. Mas, Ele não sucumbe a esta tentação. Pelo contrário, com amor que não diminui nem muda, Ele trata a Sua amada como se ela nunca tivesse pecado.

Nós devemos proceder do mesmo modo, porque devemos amar o nosso companheiro de casamento como Cristo nos ama, os Seus cônjuges no casamento. Cristo tem-nos mostrado como amar o agradável, e como amar o desagradável. Assim Ele tem mostrado o divino propósito a ser cumprido tanto no casamento bem-sucedido com no fracassado. Obviamente, se a vontade de Deus fosse levada em frente na Terra como no Céu, deveria haver apenas matrimónios felizes e bem sucedidos, mas, como este não é o caso devido à entrado do pecado, o Senhor espera que o Seu povo dê uma ilustração da Sua salvadora relação com aqueles que perderam a sua glória edénica.

Se tiverdes a sorte de ser casados com um companheiro verdadeiramente compatível e belo, compreendendo ambos os princípios e procedimentos divinos para a construção do casamento, então podeis mostrar perante os mundos caídos e os não caídos qual é o maravilhoso e belo resultado da ordem divina. Isto é o que

Deus pretendia que os matrimónios humanos alcançassem quando colocou Adão e Eva no Éden para viverem juntamente como marido e mulher.

Este é o testemunho mais feliz e gratificador que alguém é chamado a dar, mas não o mais nobre. Se verificásseis que o matrimónio tinha perdido a unidade e a compatibilidade que vós esperáveis manifestar nele, e o cônjuge com quem vós antes trocastes um tal amor se tornou uma pessoa diferente, desagradável e indesejável, chegou verdadeiramente o tempo em que deveis amar o vosso cônjuge tal como Cristo vos ama, aquele que é também desagradável e ineficiente. Podeis demonstrar exactamente como Ele fez, que vós também podeis amar aquele que se tornou desagradável aos vossos olhos, precisamente com tanta intensidade como podeis amar aquele que anteriormente foi tão maravilhoso e compatível aos vossos olhos.

Quando a vossa relação para com a esposa perdeu a sua primeira chama e beleza, a resposta natural é descobrir defeitos no outro com o objectivo de justificar a retirada do cuidado e atenção. Temos pena de nós mesmos por estarmos envolvidos num matrimónio, que, após a sua brilhante introdução, se dissolveu num desastre, e sentimos que somos dignos de algo muito melhor.

Quando assaltados por estes pensamentos, pensai na disparidade muito maior entre vós e o vosso Marido celestial, Jesus. Se tendes pensado que sois dignos de alguém muito melhor do que aquele com quem agora vos sentis forçados a viver, pensai em vós mesmos em termos da relação com Cristo. Sois vós cônjuge digno para Ele? Não merece Ele alguém muito melhor, mais agradável, valioso, competente, compatível, compreensivo, inteligente, enérgico, etc., do que vós? Com certeza que sim! Se alguma vez um marido teve mais ampla justificação para pôr de lado a sua esposa com base no desmerecimento, incompetência, deslealdade, antipatia, infidelidade, incompatibilidade, ineficiência, e mais, muito, muito mais, então Jesus é de todos o que tem mais justificação.

Ele merece o melhor, tal como todos os Seus seres criados eram quando saíram das Suas mãos criadoras, mas, louvai o Seu santo Nome, porque Ele continua connosco, e surpreendentemente, ama fazê-lo. Ele nunca permite que quaisquer pensamentos de compaixão-própria marquem a Sua atitude de infinito amor em relação a nós. Ele nunca pensa se nós somos merecedores ou não d'Ele. Ele está centrado numa determinação de amar e restaurar, nunca de nos abandonar em favor daqueles que são mais simpáticos do que nós.

Ao fazer isto, Ele mostra uma nobreza de carácter que está maravilhosamente para além da descrição. Isto é viver o evangelho verdadeiramente e com magnificência, e isto é exactamente o que o Senhor quer que façamos. De facto falhar em copiar o Padrão é negar o evangelho e a salvação que ele oferece.

Este princípio está muito claramente enunciado na parábola do mordomo infiel em *Mateus* 18:21-35. Um rei, fazendo contas da sua fortuna, descobriu um servo que lhe devia a espantosa quantia de 10.000 talentos que equivaliam a 6.221.880 dólares de acordo com a avaliação de 1956 do *S.D.A. Bible Commentary* 5:449. Hoje, o valor estaria perto de 15.000.000 dólares. Esta é uma dívida enorme que uma pessoa comum não seria capaz de pagar.

Contudo, o servo, ao compreender o estado em que se encontrava, pediu ao rei para lhe dar tempo para pagar tudo. O rei sabia bem que o homem não tinha qualquer esperança de restituir as fraudes de milhões, porém, em vez de o vender e à sua família aos mercadores de escravos, perdoou-lhe o roubo. O monarca fez

isto de tal modo, que o homem estava perante ele tão limpo da dívida como se nunca tivesse tido qualquer débito.

Mas, quando o homem seguia o seu caminho encontrou uma pessoa que lhe devia apenas uma insignificante soma, uns meros trinta dinheiros, equivalentes a cerca de 15 dólares hoje. Agora este devedor apelou para o servo do rei como este tinha enfrentado o rei ameaçador, mas o resultado foi muito diferente. O rei tinha-se movido de compaixão e perdoou-lhe a dívida, mas o servo recentemente perdoado foi impiedoso, e, não podendo o seu devedor pagar-lhe, enviou-o para a prisão.

Assim demonstrou que não participou do espírito do seu senhor, porque foi incapaz de perdoar como havia sido perdoado, ou amar como tinha sido amado. Ao fazê-lo cancelou o perdão que lhe tinha sido outorgado com a inevitável consequência que a dívida original voltou para ele, de modo que se mantinha perante o rei como se nunca tivesse sido perdoado.

Tendo contado a história, Cristo tirou então a Sua conclusão, dizendo solenemente: "Assim vos fará também Meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas." *Mateus* 18:35.

"Não nos é perdoado *porque* perdoamos, porém, *como* o fazemos. O motivo de todo perdão acha-se no imerecido amor de Deus; mas, por nossa atitude para com os outros denotamos se estamos possuídos desse amor. Por isto Cristo diz: 'Com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.'" {PJ 129}, *Parábolas de Jesus*, 251.

Todo o professo crente em Jesus não deve descansar até o total impacto dos princípios enunciados por Cristo nesta parábola ser claramente compreendido, e as nossas respostas às reais ou imaginadas ofensas sejam ajustadas de modo que se harmonizem com eles. Não é possível salientar demasiado a necessidade disto, pois a nossa vida eterna depende disso. Somente aqueles que vivem o evangelho *como faz Jesus*, têm o único espírito que é aceite no Céu.

Em termos práticos isto quer dizer que, se o nosso casamento começasse a desfazer-se, e nós nos encontrássemos na incapacidade de responder a esta situação exactamente como Cristo fez quando o Seu glorioso matrimónio se rompeu, então devemos empreender uma urgente obra de exame da alma, purificação do egoísmo e pecado, e encher-nos com o amor divino até que nos relacionemos com as nossas esposas como Jesus Se relacionou com aqueles que se tinham separado d'Ele. Isso ajudaria, estou certo, se, quando estais considerando o afastamento de qualquer forma do cônjuge que credes não vos corresponde, deixais de pensar o que significaria para vós se Cristo se retirasse de vós pelas mesmas razões. Obviamente, se fordes desprovidos de qualquer verdadeiro sentido de necessidade de Cristo, este pensamento terá pouco impacto na vossa mente, mas se compreendeis verdadeiramente que sois uma criatura desamparada, dependente que não pode viver sem Cristo, então tereis receio de dar qualquer passo que vos afaste mais de Jesus.

Que ninguém perca a solene verdade que fracassar em andar no caminho seguido pelo Exemplo perfeito coloca as nossas vidas em grave perigo. Por outras palavras, se nos afastamos das esposas por causa do seu real ou suposto fracasso, então separamo-nos a nós próprios de Cristo, e que, enquanto isso continuar, é a perda da vida eterna.

Isto é assim porque o procedimento de Cristo foi o resultado do amor abnegado, a operante lei da vida para a Terra e Céu. Andar de outro modo que não segundo

estes princípios é negar o evangelho, o que é apenas ser retirado da salvação. Pensai cuidadosamente neste assunto, pois ele é tão importante que está cheio de consequências eternas.

Quando o parceiro de casamento comum se confronta com a quebra de relacionamento familiar, o divórcio surge como uma possível solução para o problema, mas, o verdadeiro cristão podia considerar isto como solução somente se verificasse que Cristo considerou a ideia quando enfrentou a ameaça de dissolução do Seu casamento. O facto é contudo, que, não importa quão minucioso seja o exame feito à reacção de Cristo com o Seu casamento desfeito, pois nem mesmo a mais leve consideração de divórcio foi tomada como modo de solução dos Seus problemas. Deve ser assim estabelecido na sua mente tão firmemente como está na de Cristo, que o divino procedimento não contempla esta medida; nem mesmo lhe dá a mais leve consideração.

O resultado destes princípios é visto na forma como Jesus consistentemente Se relaciona com aqueles que O esqueceram. O casamento de Cristo com as Suas criaturas coloca-nos em variadas posições como cooperadores d'Ele. Todavia, cada um de nós O tem esquecido num maior ou menor grau. Com alguns, a traição tem sido nada menos do que catastrófica, como nos casos de Adão e Eva; Arão e o bezerro de ouro; Moisés quando enfurecido bateu na rocha; a persistente mentira de Davi a Aquis, o seu adultério com Bate-Seba, e o homicídio do inocente Urias; Pedro negando Cristo com maldição; e o compromisso de Paulo com os dirigentes de Jerusalém que levou ao seu aprisionamento e, por fim, à sua execução. Estes são apenas exemplos tirados do número muito mais vasto que podia ser citado.

Todos estes foram grandes pecados contra o casamento da humanidade com a divindade, e certamente davam mais do que justificação para que Cristo Se afastasse dos cônjuges que O abandonaram tão vergonhosamente, tão gravemente, e de maneira tão inexcusável! Mas não houve a menor intenção da parte de Cristo para fazer isto. Nenhum daqueles homens perdeu a sua posição. Podia ser argumentado que houve outros que o fizeram. Isto é verdade, mas, e não seja esquecido este ponto, não foi Cristo que efectuou o divórcio. Foram eles que abandonaram a relação com Ele, e não o contrário.

Um dos casos mais notáveis é o do rei Saul que, tendo rejeitado o Salvador mergulhou Israel num miserável despotismo e assim desgraçou-se completamente perante Deus e o homem. Contudo, o Senhor não o privou da sua posição, pois ele permaneceu rei até morrer.

À luz dos princípios e procedimentos, podemos compreender a verdade que "Se rejeitardes os mensageiros delegados por Cristo, rejeitais a Cristo." *Testemunhos para Ministros*, 97.

"Rejeitar os servos do Senhor é rejeitar o próprio Cristo." {DTN 345}, *O Desejado de Todas as Nações*, 473.

"Quando Coré, Datã e Abirã se rebelaram contra a autoridade de Moisés, pensaram que apenas estavam se opondo a um dirigente humano, um homem como eles mesmos; e chegaram a crer que estavam em verdade a fazer o serviço de Deus. Mas, rejeitando o instrumento escolhido de Deus, rejeitaram a Cristo; insultaram o Espírito de Deus. Assim, nos dias de Cristo, os escribas e anciãos judeus, que professavam ter grande zelo pela honra de Deus, crucificaram a Seu filho. O mesmo espírito existe ainda nos corações daqueles que se põem a seguir sua própria vontade em oposição à de Deus." {PP 468}, *Patriarcas e Profetas*, 681.

Pensai acerca dos mensageiros como sendo esposos de Cristo. Num sentido, eles são também os cônjuges daqueles que crêem e aceitam a mensagem que eles devem transmitir. Tal como esperamos perfeição da parte das nossas esposas, assim requeremos que os mensageiros prestem um serviço sem defeito. No nosso ponto de vista, a necessidade para este requisito é intensificada pelo facto, que tantos falsos mensageiros se têm levantado cujo ministério tem resultado em nada, e os seus aparentemente honestos e conscienciosos seguidores vêem as suas vidas arruinadas, e as suas esperanças destruídas. Por isso, quando os mensageiros falham em manter um perfeito comportamento, temos a tendência de o relegar para o domínio dos rejeitados.

É certamente verdade que há falsos mensageiros por todo o lado, mas não há desculpa para ser enganados por eles. Muito antes deles caírem, saberemos com grande certeza que são na realidade falsos e nada temos a ver com eles. Do mesmo modo devemos identificar claramente o mensageiro de Deus também muito antes dele cair, se ele alguma vez cair. É triste dizer que muitos têm caído.

Mas, de acordo com o princípio divino e procedimento do casamento, o Senhor não Se divorcia do mensageiro que escolheu, nem abandona a sua obra e posição. Essa pessoa é agora a mais triste e mais cautelosa, mas ainda um mensageiro. Procurai nas Escrituras de uma ponta a outra, e será visto que este é o modo como o Senhor tem operado sempre, e inspira confiança por toda a eternidade. Se um mensageiro deixar a obra que lhe foi designada, será apenas afastar-se do Senhor, pois o Salvador não despede ninguém. É sempre o ser humano que deixa Cristo; nunca é Cristo que o deixa, não importa quão pecador ele se possa tornar. “Cristo jamais abandonará a alma por quem morreu. A alma poderá deixá-l’O, e ser vencida pela tentação; Cristo, porém, não pode nunca Se desviar daquele por quem pagou o resgate com a própria vida.” *O Maior Discurso de Cristo*, 118.

“Jamais abandonará uma pessoa por quem morreu. A menos que Seus seguidores O queiram deixar, Ele os há de segurar firmemente.” {DTN 340}, *O Desejado de Todas as Nações*, 466.

Estes factos não deixam lugar para o divórcio como técnica para resolver o problema, mas, enquanto o homem pecador continua na sua tentativa de ser solucionador de problemas, esta suposta solução permanecerá. O próprio Cristo nunca será capaz de evitar o divórcio, pois, quando o pecador decide separar-se do divino Marido, e com teimosa determinação adere a essa decisão apesar de todos os esforços da parte do Salvador para o recuperar, nada é deixado para Cristo fazer a não ser deixá-lo ir. Semelhante desenvolvimento teve lugar depois de ter alimentado os cinco mil e a subsequente crise na Galileia. Uma vez que o povo decidiu divorciar-se completamente de Cristo, Ele simplesmente os deixou seguir o caminho que escolheram depois de rejeitarem os Seus melhores esforços para os salvar de tão terrível destino.

“Condoído, viu Jesus os que haviam sido Seus discípulos afastarem-se d'Ele, a Vida e a Luz dos homens. A consciência de que Sua compaixão não era apreciada, nem Seu amor reconhecido, de que Sua misericórdia era desprezada e rejeitada Sua salvação, enchia-O de inexprimível dor. Foram acontecimentos como esses que O tornaram um Varão de dores, experimentado nos trabalhos.

“Sem tentar opor-Se aos que deixavam, Jesus volveu-Se para os doze, e disse: ‘Quereis vós também retirar-vos?’” {DTN 273}, *O Desejado de Todas as Nações*, 375, 376.

Esse era um real e permanente divórcio, contudo, não foi iniciado ou executado por Jesus, mas veio inteiramente do povo. Quando ele Lhe foi imposto, apesar dos Seus melhores esforços para o evitar, não tinha escolha senão aceitar. Do mesmo modo, o verdadeiro seguidor de Cristo nunca iniciará o divórcio como uma solução, mas, se o outro companheiro insistir nele, então, o crente, depois de ter feito tudo para evitar um tal resultado, não deve dificultar aquele que deseja partir.

Quando o barco do casamento cristão começa a meter água e afunda, a solução de Deus não é ganharmos asas na procura de um novo parceiro. Na Sua relação de casamento connosco, Ele demonstra que nunca nos abandona, somos nós que O deixamos. Por isso, deve ser sempre o infiel a partir, nunca o cristão, a menos que este seja levado a isso pela incansável perseguição.

Permanecer com uma esposa insatisfeita não pode ser outra experiência senão uma experiência muito difícil e probante, todavia, quando se recorda que a provação de Jesus no Seu casamento com a natureza humana pecaminosa é de longe muito maior do que aquela que jamais pode ser conhecida por qualquer ser terrestre, os nossos sofrimentos são reduzidos à insignificância.

Mas os olhos de Cristo estão olhando para o alto, muito acima dos Seus sofrimentos e dificuldades de viver e operar com companheiros degenerados, para os gloriosos resultados a serem alcançados através do Seu casamento com as criaturas caídas. Ele sabe aquilo que vale a pena para trazer todas as pessoas do Seu povo de volta à relação original de casamento, na qual desposará apenas uma criação digna. De facto, aqueles que serão remidos desta Terra estarão mais aptos para o casamento com Jesus do que os primeiros ocupantes desta posição. Mas que ninguém pense que Cristo deseja fazer um perfeito companheiro de casamento por razões egoístas, de modo a poder receber aquilo que Lhe é devido. Cristo não é mercenário. Ele não dá para receber mas recebe para dar. A Sua alegria é encontrada na felicidade dos outros e o Seu verdadeiro seguidor terá o mesmo espírito.

Alguns, por causa de serem abençoados com um matrimónio compatível e feliz, serão mais capazes de proporcionar ao Senhor uma lição objectiva da ordem divina do que a que foi dada antes do pecado ser introduzido no mundo. Um lar assim será um lar em que a vontade de Deus será feita "...na terra, como no céu." *Mateus* 6:10. Num lar desta natureza, os membros do casal e os filhos devem tornar-se mais familiares com a ordem divina de modo a assegurar que a sua família é um verdadeiro reflexo daquilo que o Céu em cima é. Não deve haver descanso, nenhum abrandar de esforços, nenhum ponto em que possam repousar em complacente segurança que alcançaram tudo o que era exigido. A tarefa de ambos é a feliz tarefa de tornar conhecida a multiforme sabedoria de Deus através da igreja "...dos principados e potestades nos céus,

"Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,

"No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé n'Ele.

"Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória." *Efésios* 3:10-13.

Feliz na verdade é o papel das famílias que cumprem este divino propósito. É o objectivo que toda a família cristã deve aspirar — uma perfeita miniatura do operante modelo do maravilhoso sistema de governo unicamente pelo qual o Universo pode operar com segurança, e através do qual ilimitada felicidade pode ser garantida a todos os habitantes do Universo. De modo muito importante, ele proporciona a atmosfera ideal na qual se podem criar crianças com sucesso.

Mas este não é o único testemunho que pode ser dado e apresentado aos principados e poderes nos lugares celestiais que estão observando com o mais intenso interesse as demonstrações das divinas perfeições dadas na família humana e através dela. Há um testemunho muito maior e mais nobre a ser declarado por aqueles cujos companheiros no matrimónio não estão cumprindo aquelas responsabilidades no lar e na família. É pela compreensão e cópia do exemplo da posição e obra de Cristo como Marido da humanidade pecaminosa, que esta exigente tarefa pode ser realizada com sucesso. As recompensas por fim recebidas por aqueles que cumprem esta missão com sucesso estão para além de computação.

Quão vital é que todos os que já estão casados, juntamente com aqueles que ainda estabeleçam esta relação, sejam levados a compreender que há um divino propósito na aliança muito mais elevado e mais importante do que a satisfação das necessidades sociais do homem. Quando todos os cristãos compreenderem isto verdadeiramente e trabalharem sob a direcção do Espírito Santo e do Seu poder para de facto alcançarem o propósito divino no casamento, veremos as crianças mais maravilhosas crescendo para honra e glória de Deus e Sua igreja no Céu e na Terra.

Capítulo 16

O Casamento É para Sempre

Uma vez que o crente em Jesus entenda claramente o divino propósito e compreenda a estrutura da ordem celestial, deixará de pensar em Deus tanto em termos de um rei e seus súbditos, mas mais como um Pai que ama infinitamente os Seus filhos. A organização celestial não será vista como um reino, mas como uma família.

Isto não nega que Deus é de facto Rei dos reis, e que todo o cidadão no Seu reino é um súbdito, pois é a verdade que Ele é o Monarca do Universo e nós somos os Seus vassalos. O problema é que os conceitos que se levantam do nosso ponto de vista sobre este relacionamento são moldados pelo nosso conhecimento dos reis terrestres e dos cidadãos desses reinos. As nossas análises dos relacionamentos que operam entre os governadores deste mundo e os seus povos informam-nos que há uma estabelecida estrutura de classes que mantém o rei e a rainha em privilegiado isolamento acima e afastados dos assim chamados plebeus. Não é uma relação familiar. Os membros da monarquia experimentam apenas aquilo que está entre eles mesmos, a família "real", onde os seus membros gozam os favores e as vantagens negadas aos que estão fora do círculo "sagrado".

Quanto mais próximo o rei se aproxima do absolutismo ou despotismo, mais marcada é esta separação entre ele e o seu povo, e mais implacavelmente abaterá qualquer desafio à sua autoridade, seja ele real ou meramente suspeitado. Contudo, por pensarmos acerca de Deus e Seus filhos como um Rei e súbditos, mesmo a extrema má representação da verdadeira realeza dada pelos ditadores, tende a influenciar o nosso pensamento a respeito de Jeová e Seu reino. Necessitamos olhar para os reinos deste mundo como representação daquilo que Deus não é.

Quando Cristo foi confrontado com a tarefa de transmitir uma verdadeira ilustração da posição e obra do Seu Pai ao povo do Seu tempo, verificou que não havia governos terrestres para os quais pudesse chamar directamente a atenção como um exemplo.

"'A que', perguntava Cristo, 'assemelharemos o reino de Deus' ou com que parábola o representaremos?' Marcos 4:30. Ele não podia empregar os reinos do mundo como uma similitude. Na sociedade nada achou com que o pudesse comparar. Os reinos da Terra se regem pela supremacia do poder físico; mas do

reino de Cristo são banidos cada arma carnal, cada instrumento de coerção. Êste reino deve alevantar e enobrecer a humanidade. A igreja de Deus é o recinto de vida santa, plena de variados dons e dotada com o Espírito Santo. Os membros devem encontrar sua felicidade na felicidade daqueles a quem ajudam e abençoam." {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

"O embrião, contido na semente, cresce pelo desenvolvimento do princípio vital que Deus nele implantou. Seu desenvolvimento não depende de meios humanos. Assim é com o reino de Cristo. Há uma nova criação. Os princípios de desenvolvimento são directamente opostos aos que regem os reinos deste mundo. Governos terrenos prevalecem pelo emprego da força; pelas armas mantêm o seu domínio, mas o fundador do novo reino é o Príncipe da paz. O Espírito Santo representa os reinos terrestres mediante o símbolo de feras; mas Cristo é 'o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo', *João* 1:29. Em Seu plano de governo não há o emprego da força bruta para compelir a consciência. Esperavam os judeus que o reino de Deus fosse estabelecido do mesmo modo que os do mundo. Para promover justiça, recorriam a medidas externas. Forjavam planos e métodos. Mas Cristo implanta um princípio. Implantando a verdade e a justiça, frustra o erro e o pecado." {PJ 33}, *Parábolas de Jesus*, 77.

O eterno Pai não Se afasta a Si mesmo do Seu povo, porque, em Cristo e através d'Ele, está mais perto deles do que os pais terrenos estão dos seus filhos. É por esta razão que Cristo é chamado Emanuel, que literalmente quer dizer, "Deus connosco." Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 15, {DTN 9}.

Nenhum dos mundanos governantes terrestres não convertidos do passado podia alguma vez reivindicar este título, pois eles estavam sempre distantes dos habitantes dos seus reinos. Tal como pode ser esperado, tanto rei como povo lêem na relação entre si, a ilustração de como eles se relacionam com os seus distantes deuses.

A aceitação desta incapacidade foi obrigada a sair dos lábios dos supostamente homens sábios de Nabucodonosor quando lhes foi pedido que revelassem o sonho do rei, e dessem a sua interpretação. Eles informaram o irado monarca que o secreto era conhecido apenas dos distantes "... deuses, cuja morada não é com a carne." *Daniel* 2:11. O Deus babilónio não desce a contactar com o seu povo, ele não é um pai para eles; não comunica com eles; e portanto, não lhes oferece uma relação de família. Acerca deles, como eles são na sua suposta existência, o altivo Nabucodonosor no seu elevado trono era uma representação exacta.

Numa relação de família, quanto mais perto os membros estão, maior é a sua felicidade. Do mesmo modo, quanto mais perto o Senhor Deus do Céu pode estar dos Seus filhos, mais feliz Ele é. Foi por esta razão que Ele lhes ordenou que construíssem o santuário. "E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles." *Êxodo* 25:8. Mesmo isso não foi suficiente. Ele apenas podia ficar satisfeito quando habitasse *dentro* deles como está escrito. "...*Neles* habitarei, e entre eles andarei: e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo." *2 Coríntios* 6:16.

Durante os inumeráveis milénios entre o início da criação de Deus até agora, a mais próxima representação da unidade que o Pai celestial deseja estabelecer entre Si e os Seus filhos, é melhor provida num verdadeiro lar cristão. Foi quando o primeiro casamento foi celebrado no Éden, que a porta para maior luz na divina ordem foi aberta. O casamento desde essa altura tornou-se o estudo das criaturas caídas que desejaram compreender o seu mistério e entrar numa comunhão mais próxima com o seu divino Marido, Cristo.

Numa relação familiar, quanto mais perto os membros estão uns dos outros, maior é a sua felicidade. Assim também acontece na grande família de Deus. Quanto mais próximos Ele e os Seus filhos estiverem maior é a felicidade de ambos.

Do mesmo modo, aqueles que aspiram a gerar maravilhosos filhos — filhos que reflictam a imagem divina, retribuam ilimitada alegria aos seus devotados pais, e sejam uma bênção eterna para os seus semelhantes — devem estudar e compreender este assunto até que sejam capazes de estabelecer os seus princípios nas suas vidas individuais, nas relações do seu matrimónio, na família, e na igreja. Ninguém que deseje realmente ser bem-sucedido neste campo vital pode ficar satisfeito com um superficial conhecimento incerto da ordem e organização celestial. Todos devem estar preparados para colocar todas as suas faculdades num esforço para buscar a completa resposta a estas questões.

Quando esse exame é feito, será verificado que Cristo unicamente é a Cabeça da igreja em virtude do facto que Ele é a cabeça de cada membro nesse corpo. Semelhantemente, Ele é a Cabeça da família ao ser a Cabeça de cada membro individual. Será então compreendido que os membros do corpo se movem apenas sob a direcção da Cabeça, de modo que as actividades dos membros são a sua resposta à vontade de Cristo.

Quando Jesus entrou numa relação de casamento com o mundo criado, foi uma eterna união. O Pai não emprestou, nem Se entregou a Si mesmo em qualquer base temporária ao serviço dos Seus desposados. O Altíssimo deu Jesus Cristo à família na Terra e no Céu. Foi um dom que uma vez dado nunca seria retirado. O

casamento de Jesus Cristo é "...Segundo o *eterno* propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor." *Efésios* 3:11.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que *deu* o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." *João* 3:16.

Quando Jesus entrou em matrimónio foi para sempre, e, como confirmado no último capítulo, Ele nunca dá a mais leve consideração ao divórcio como solução para a quebra da união entre Si e qualquer companheiro. Os muitos divórcios que Lhe têm sido impostos, têm vindo sempre do outro lado, nunca d'Ele.

É evidentemente uma coisa muito simples prometer solenemente num dia de núpcias ser verdadeiro e fiel um ao outro por toda a vida. Entusiasmados com a glória do amor primaveril, confiante que a vossa relação se manterá firme não importa quais as dificuldades que a possam pôr à prova, sinceramente e honestamente prometeis fidelidade. Porém, as coisas poderão tomar e tomarão um aspecto diferente ao passar o tempo e severas provas exporão as fraquezas existentes nas naturezas de ambas as partes.

Quando Jesus fez o Seu voto de casamento, não o fez pelo curto espaço de tempo da vida humana. Foi para a eternidade! Não haveria segunda oportunidade se encontrasse insatisfação no Seu casamento com o mundo criado. Emanuel tinha que estar seguro que sabia aquilo que estava a fazer desde o início, de modo que fosse capaz de cumprir para sempre a Sua parte do contrato. Nem mesmo a entrada do pecado com a queda que este impunha à Sua noiva podia levá-l'O a lamentar o Seu compromisso, ou induzi-l'O a retirar-Se.

Pelo contrário, Ele viu que, devido ao Seu terno cuidado e bondosa administração, o desobediente emergiria do seu desvio na terra do pecado, mais competente, desejável e amoroso do que antes de O ter deixado.

"Cristo pode olhar para a infelicidade do mundo sem sombra de tristeza por haver criado o homem. No coração humano Ele vê mais do que pecado, mais do que miséria. Em Sua infinita sabedoria e amor Ele vê as possibilidades do homem, as alturas a que ele pode alcançar. Sabe que, muito embora os seres humanos terem desvalorizado os benefícios que lhes foram concedidos e destruído a dignidade que Deus lhes dera, deve ainda o Criador ser glorificado na redenção deles." *Testemunhos para a Igreja* 7:269.

Durante incontáveis dezenas de milhares de anos, o casamento entre Ele e o mundo criado continuou na imaculada perfeição, a bem-aventurada unidade. Mas chegou o momento sem haver falta Sua, em que a Sua dedicação foi severamente testada, todavia, Ele saiu da prova, fiel aos Seu votos matrimoniais. É muito importante que todos aqueles que desejem estabelecer um governo familiar em que possam apresentar filhos verdadeiramente convertidos, compreendam a união formada em que duas vidas são unidas por laços matrimoniais é de duração permanente. Portanto, será dada consideração detalhada a alguns dos testes ao casamento de Cristo que foram enunciados resumidamente no capítulo anterior.

Ali, referiu-se Adão e Eva, Arão, Moisés, Davi, Pedro, e Paulo, cada um dos quais falhou em honrar os seus votos de casamento com Cristo uma ou outra vez. O primeiro destes ofensores foi Lúcifer, o querubim cobridor. Uma consideração de como Cristo e Seu Pai trataram com a sua infidelidade é uma revelação para nós de como devemos tratar com aqueles que falham connosco.

O ponto a ser visto neste estudo é aquele em que Cristo ao casar com a criação de Deus deu a cada indivíduo nesse casamento uma posição. Lúcifer, por exemplo,

foi colocado mais perto de Deus para servir como querubim cobridor no santuário. Será visto que uma vez estabelecido nessa posição, o Senhor nunca o tiraria não importaria quão indigno fosse o seu comportamento. Em vez disso, o Pai, o Filho, e o Espírito Santo agiram para evitar que ele deixasse a posição que lhe havia sido designada, e, quando o fez, ofereceram-na de novo sob a condição de arrependimento, confissão, purificação do mal que agora habitava nele.

Assim também, quando um homem e uma mulher casam, estabelecem entre si uma posição específica nas suas vidas e nos seus lares. Este é um passo incondicional que ambos têm de dar. Eles não dizem que se manterão mutuamente nos seus legítimos lugares se e por tanto tempo quanto ambos continuem a ser agradáveis. O exemplo de Cristo demonstra que devem continuar a respeitar a posição do companheiro, indiferentemente do grau em que a outra pessoa seja infiel ou desagradável.

Que ninguém passe por alto o ponto que é na sua *legítima* posição que se deve reconhecer e apoiar aquele com quem solenemente se trocaram votos de casamento. Quando a outra pessoa assume um lugar que o Senhor nunca lhe deu, ele ou ela, seria um grave erro da nossa parte reconhecer e apoiar essa pessoa nessa posição. Ao mesmo tempo, um tal desenvolvimento não será usado pelo fiel como justificação para retirar todo o apoio e afastar-se do infiel.

Uma vez mais, o exemplo de Cristo é a orientação de como o cristão se deve relacionar com este tipo de situação. Por exemplo, quando Lúcifer abandonou o seu posto de dever e entrou numa sediciosa missão contra Deus e Seu reino, o Senhor não podia operar com ele nesse propósito, mas também não o desligou completamente do sistema sustentador da vida. Mesmo quando ele deixou o Céu e seduziu a família humana, Deus continuou a dar-lhe tudo o que ele necessitava para o sustento da vida. Até hoje, o diabo vive pelo suprimento que vem de um Marido celestial. Apesar de divorciado pelo diabo, continua a satisfazer as suas responsabilidades conjugais tanto quanto a situação permite. Eles não vivem ou trabalham em conjunto, mas Cristo não olha para isto como uma desculpa para manter Satanás afastado daquilo que ele necessita para continuar a viver. Quando, no final, a destruição o levar por fim, não será por causa de Deus o desligar; será por ele se ter colocado a si mesmo onde o Senhor não mais será capaz de o alcançar com o suprimento para o manter vivo e a trabalhar. Durante sete mil anos, tempo em que o comportamento de Satanás mais justificou que Cristo pusesse fim a toda a Sua responsabilidade no contrato de casamento com ele, Cristo permaneceu fiel ao que prometeu. Desse modo Ele demonstra quão absolutamente compreende essa clausula do voto de casamento que especifica que os parceiros de matrimónio estão unidos um ao outro até que a morte os separe. Somente quando, no final do milénio, Satanás morre por fim, Cristo estará livre de toda a posterior responsabilidade para com ele.

Se o incrédulo faz algum movimento para quebrar o relacionamento, então esses esforços como somente o divino amor pode prover, devem ser e serão feitos para o conquistar de novo e fazer regressar à posição deixada vaga. Todavia, se depois de tudo o que esse sincero amor pode fazer, a outra pessoa continuar a insistir em caminhar na vereda da separação, então não há opção senão deixá-la ir e aceitar o divórcio que somos compelidos a suportar. Tudo isto está revelado na história da injustificada apostasia de Lúcifer.

Ter-lhe-ia sido impossível pecar pior do que pecou. Os seus crimes contra o governo divino foram os mais graves possíveis e não havia maior extensão na rebelião a que ele pudesse ter chegado.

Deus, através de Cristo e do Espírito Santo, é o Criador e o Sustentador do Universo. Sem Ele as belas flores seriam incapazes de produzir as sementes que garantem a geração seguinte, e toda a vida deixaria de existir. Mesmo os sóis, planetas, sistemas solares, e as poderosas galáxias desapareceriam. Nada sobreviveria. Loucos são na verdade os seres criados que pensam ser capazes de viver sem esta poderosa Fonte. Ninguém pode começar uma guerra contra Deus e vencer.

Contudo, o Senhor não o destituiu da sua posição como querubim cobridor. Foi ele que a abandonou.

Considerai a gravidade dos crimes de Lúcifer contra o governo de Deus. Com grande custo para Si mesmo em Jesus Cristo, o eterno Pai e Fonte de toda a vida estabeleceu uma ordem divina no Universo unicamente pela qual a felicidade, realização, e imortalidade podiam ser garantidas a todo o ser criado. Foi uma operação de infinita abnegação, uma espantosa manifestação do Seu carácter de ilimitado amor.

Como Criador de tudo, Ele era e eternamente será o Proprietário de tudo o que existe. Portanto, Ele tinha o perfeito direito de administrar o Universo do modo como escolhesse, sem que qualquer dos Seus súbditos criados tivesse o mínimo direito de questionar, desafiar ou de qualquer forma exigir alterações ou modificações ao sistema. O governo de Deus é uma teocracia, não uma democracia.

Portanto, não importa quão descontente Lúcifer ficasse com a divina ordem, ele continuava a não ter o direito de se rebelar contra ela. Isto continuaria a ser verdade mesmo se ele tivesse justificação para o seu descontentamento como seria o caso se Deus tivesse sido um despótico suserano opressor. Tudo pertencia a

Deus; Lúcifer não possuía nada. Tudo o que ele era ou possuía foi-lhe confiado, ele não era o dono, e somente o dono tem o direito de determinar como as suas posses devem ser administradas.

Porém, Lúcifer não parou com as insidiosas queixas contra a ordem divina. Ele exigiu uma reestruturação do sistema governamental do Céu que o colocaria como dono do reino e não meramente como alguém a quem ele fora confiado. Ele exigiu que Cristo fosse substituído por si mesmo; que ele, a criatura que não tinha dado existência a nada e portanto não tinha o direito de possuir todas as coisas e qualquer posição que Ele visse necessário ocupar.

Foi uma audaciosa, monstruosa, imperdoável, traidora, ingrata rebelião da pior espécie. Seria impossível expor exageradamente o iníquo procedimento que ele adoptou. O que tornou isso ainda pior foi a sua determinação de prosseguir até ao fim os seus objectivos egoístas independentemente de qual o custo para outros. As suas propostas, se fossem levadas a cabo, teriam resultado na morte de todo o elemento vivo em todo o Universo, e a destruição de todos os Planetas, Sol, e sistema que Deus houvesse criado.

Alguns podem sentir que isto é exagerar, que seguramente as consequências não podiam ter sido tão graves. Mas, ninguém que compreenda a ordem divina e que esteja especificamente determinado a alcançar, terá quaisquer dúvidas quanto à verdade destas palavras. Declarando as coisas resumidamente:

- Deus é a Fonte de onde toda a vida flui.
- Ele é o Criador e Aquele que sustém todo o Universo.
- Ele que chamou à existência toda a criação e sustenta "... todas as coisas pela palavra do Seu poder..." *Hebreus* 1:3.[12]

Se o Senhor tivesse que cessar este ministério, então toda a criação deixaria de funcionar e seria destruída.

Mas, a fim de cumprir esta obra de suster o Universo, tinha que haver uma Ligação, que, por Ela própria também ser Deus, podia receber o fluxo do poder da Divindade, e, porque, no segundo lado, era verdadeiramente criatura, podia com segurança canalizar as quantidades de poder necessárias a cada ser e corpo celestial em todo o Universo. Jesus Cristo unicamente podia cumprir e realmente cumpriu essa obra vital.

Mas Lúcifer estava determinado a substituir Cristo substituindo-O por ele próprio, uma mera criatura que nem sequer tinha começado a ter capacidade para receber a energia que fluía de Deus a fim de a canalizar para o mundo criado. Uma tal corrente de poder como a que emana de Deus teria destruído Lúcifer num instante se ele passasse para a posição de Cristo. A sua total incapacidade para receber e canalizar os suprimentos de poder requeridos pelo Universo teria significado que aqueles que tinham recebido vida de Deus através de Cristo teriam sido completamente separados e perecido.

Por isso ele tornou-se no grande inimigo de toda a vida criada e a extensão a que ele estava preparado para ir a fim de estabelecer os seus objectivos egoístas foi demonstrada no Calvário quando apontou contra o Seu Criador, Jesus Cristo, toda a arma de destruição e insulto sob o seu comando. Nessa altura, os anjos chegaram à compreensão da verdadeira natureza da sua rebelião; o verdadeiro carácter que se tinha desenvolvido nele.

[12] Vede *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, Capítulos 2 e 3, por F.T. Wright.

Era uma situação em que um membro do corpo de Cristo se tinha voltado contra Ele da pior maneira possível. O afastamento que era total da parte de Lúcifer, ameaçou o desenvolvimento de uma completa separação e realmente provaria o compromisso de fidelidade da parte de Deus e de Cristo aos Seus filhos criados não importa o que pudesse desenvolver-se. Por causa de Jesus ser o completo e perfeito exemplo de como todo o crente se deve comportar em circunstâncias semelhantes, todos nós devemos ter uma clara compreensão de como o Pai e o Filho se relacionaram a Si mesmos com a conduta escolhida pelo querubim cobridor.

Aquilo que sobressai da apostasia de Lúcifer é que os Criadores e os anjos leais apenas mostraram uma disposição e se empenharam numa só actividade que foi salvar e restaurar. Nenhum traço de condenação se encontrará alguma vez entre eles.

"A disposição de Lúcifer para servir a si em vez de ao Criador, suscitou um sentimento de apreensão ao ser observada por aqueles que consideravam dever a glória de Deus ser suprema. No conselho celestial os anjos insistiam com Lúcifer. O Filho de Deus apresentou perante ele a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, e a natureza imutável, sagrada de Sua lei. O próprio Deus estabelecera a ordem do Céu; e, desviando-se dela, Lúcifer desonraria ao seu Criador, e traria a ruína sobre si. Mas a advertência, feita com amor e misericórdia infinitos, apenas despertou espírito de resistência. Lúcifer consentiu que prevalecessem seus sentimentos de inveja para com Cristo, e se tornou mais decidido." {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 15, 16.

Todavia, o Senhor não limitou os seus salvadores esforços a estes passos, pois o infinito amor continua inalterável até que todo o recurso possível tenha sido completamente esgotado. Portanto, o Pai convocou uma grandiosa reunião à qual assistiu a hoste celestial e retransmitiu, sem dúvida, para todos os seres inteligentes no Universo. O propósito específico de Deus na reunião era poder resolver o problema explicando exactamente por que motivo é que nenhum outro senão Cristo podia ocupar a posição d'Ele. "O Rei do universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados." {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16.

Foi uma poderosa, maravilhosa e convincente revelação do casamento entre Cristo e o mundo criado; foi uma apresentação da estrutura da ordem e organização divina; e, como tal, foi uma maravilhosa manifestação do altruísta amor infinito que tem formado esta estrutura para a felicidade e bênção de todos os seres criados.

À medida que o Altíssimo revelava estas verdades, os anjos encheram-se de surpresa, admiração e amor. O próprio Lúcifer foi poderosamente movido ao arrependimento, mas resistiu à influência de Deus e de Cristo. Apesar disso, ele por pouco tempo se juntou aos anjos nas suas explosões de adoração e louvor, a sua inveja mais tarde reapareceu.

Ele então deu início a uma campanha de mentirosas insinuações contra as Cabeças governantes do Universo. "Deixando seu lugar na presença imediata do Pai, Lúcifer saiu a difundir o espírito de descontentamento entre os anjos. Ele agia em misterioso segredo, e durante algum tempo escondeu seu propósito real sob uma aparência de reverência para com Deus." {PP 11}, *Patriarcas e Profetas*, 17.

As suas acusações, tão mentirosas como eram, tiveram um significativo efeito. Por causa dele ter passado um longo período de tempo servindo o Altíssimo na Sua imediata presença, era aceite como a mais elevada autoridade angélica sobre o assunto do carácter de Deus. Nenhum outro anjo tinha gozado de tão próximo acesso ao Pai quanto Lúcifer, pelo que, na própria natureza da situação, ele sabia mais acerca de Deus do que qualquer outro. Portanto, quando ele começou a lançar acusações contra o Criador, os outros anjos deram-lhe ouvidos.

Notai cuidadosamente que o Senhor nem se divorciou, nem demitiu este rebelde da posição que lhe tinha sido atribuída. O facto de ele não mais a ocupar deveu-se ao seu abandono, não porque tivesse sido suspenso dela. "Deixando seu lugar na presença imediata do Pai, Lúcifer saiu..." Entretanto, o Pai, o Filho, e o Espírito Santo continuaram o Seu ministério de amor. Desprovidos de qualquer espírito de condenação ou de separação, trabalharam para o levar de volta à perfeita harmonia com o restante reino. Que modelo isto é para os que são confrontados com um parceiro de casamento que está a quebrá-lo! Quantas relações de casamento seriam restauradas se pelo menos um dos contraentes se relacionasse com o problema como Jesus e o Seu Pai fizeram.

"Com grande misericórdia, de acordo com o Seu caráter divino, Deus suportou longamente a Lúcifer. O espírito de descontentamento e desafeição nunca antes havia sido conhecido no Céu. Era um elemento novo, estranho, misterioso, inexplicável. O próprio Lúcifer não estivera a princípio ciente da natureza verdadeira de seus sentimentos; durante algum tempo receou exprimir a ação e imaginações de sua mente; todavia não as repeliu. Não via para onde se deixava levar. Entretanto, esforços que somente o amor e a sabedoria infinitos poderiam imaginar, foram feitos para convencê-lo de seu erro. Provou-se que sua desafeição era sem causa, e fez-se-lhe ver qual seria o resultado de persistir em revolta. Lúcifer estava convencido de que não tinha razão. Viu que 'justo é o Senhor em todos os Seus caminhos, e santo em todas as Suas obras' (Salmos 145:17); que os estatutos divinos são justos, e que, como tais, ele os deveria reconhecer perante todo o Céu. Houvesse ele feito isto, e poderia ter salvo a si mesmo e a muitos anjos. Ele não tinha naquele tempo repelido totalmente sua lealdade a Deus. Embora tivesse deixado sua posição como querubim cobridor, se contudo estivesse ele disposto a voltar para Deus, reconhecendo a sabedoria do Criador, e satisfeito por preencher o lugar a ele designado no grande plano de Deus, teria sido reintegrado em suas funções. Chegado era o tempo para uma decisão final; deveria render-se completamente à soberania divina, ou colocar-se em franca rebelião. Quase chegou à decisão de voltar; mas o orgulho o impediu disto. Era sacrifício demasiado grande, para quem fora tão altamente honrado, confessar que estivera em erro, que suas imaginações eram errôneas, e render-se à autoridade que ele procurara demonstrar ser injusta." {PP 12}, *Patriarcas e Profetas*, 39.

Ninguém pode estudar este terrível conflito sem ficar admirado perante duas coisas. Primeiramente é espantoso que, em face de demonstrações tão claras da ordem divina, e em face dessas manifestações do amor e compaixão para com ele, o diabo pudesse persistir na rebelião; e em segundo lugar, em face desse traidor comportamento indesculpável, o Senhor manteve a Sua absoluta fidelidade aos votos matrimoniais. Ele de forma convincente demonstrou que amaria as Suas criaturas como prometeu, tanto para o melhor como para o pior, até que a morte trouxesse a eterna separação.

Isto é confirmado nos termos mais fortes pelo facto que, depois de tudo isto a posição de Lúcifer continuava à sua disposição. “Embora tivesse deixado sua posição como querubim cobridor, é mais resistente do que poderosas rochas se contudo estivesse ele disposto a voltar para Deus, reconhecendo a sabedoria do Criador, e satisfeito por preencher o lugar a ele designado no grande plano de Deus, teria sido reintegrado em suas funções.” {PP 12}, *Patriarcas e Profetas*, 21.

O comportamento de Deus é verdadeiramente incrível. Através da confissão e purificação, Lúcifer teria permanecido perante Deus como se nunca tivesse pecado. Não se fala aqui de haver punição para os seus crimes, de ser obrigado a aceitar uma baixa de categoria, ou de lhe ser requerido provar durante um período de provação, que estava de facto e verdadeiramente arrependido e merecedor de reintegração. Os caminhos de Deus são com certeza diferentes dos caminhos do homem. Compreendê-los completamente está fora do alcance da humanidade até que o Espírito Santo ilumine a mente e implante o mesmo amor no interior.

No caso de Lúcifer, o Senhor fez tudo quanto era possível para poder evitar um divórcio, todavia apesar dos Seus melhores esforços, o poderoso anjo persistiu em separar-se a si mesmo de Deus até o divórcio ser completo e irreversível.

“Chegado era o tempo para uma decisão final; deveria render-se completamente à soberania divina, ou colocar-se em franca rebelião. Quase chegou à decisão de voltar; mas o orgulho o impediu disto. Era sacrifício demasiado grande, para quem fora tão altamente honrado, confessar que estivera em erro, que suas imaginações eram errôneas, e render-se à autoridade que ele procurara demonstrar ser injusta.” {PP 12}, *Patriarcas e Profetas*, 21.

Satanás agora não tinha opção senão deixar o Céu, pois ele não podia encontrar lugar para executar os seus princípios onde tinha perdido a batalha para os estabelecer. A guerra no Céu que resultou no eterno divórcio entre Satanás e Cristo e a sua expulsão do Paraíso, não era certamente uma luta física entre o diabo e Cristo. Não há dúvida quanto a quem tinha o maior poder. Não é esse acontecimento que está em causa. Além disso, o Criador do Universo não Se envolve em lutas físicas com os Seus filhos nem usa jamais armas de força. “Deus podia ter destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 728, 729.

Este testemunho torna claro que a rebelião no Céu não devia ser vencida pela força mas pela verdade e pelo amor. Do mesmo modo, a rebelião nesta Terra deve ser tratada do mesmo modo. A batalha no Céu foi uma luta para as mentes e lealdade dos anjos. Foi o esforço de Satanás para estabelecer os seus princípios de operação no Céu primeiramente, e depois em todo o Universo, mas quando ele perdeu a guerra e por isso não encontrou lugar no Céu para o seu reino, então teve que escolher entre viver de acordo com a ordem divina ou partir para outro lugar. Ele escolheu a última hipótese, e, ao fazê-lo, fez o seu divórcio de Cristo definitivo e permanente. É verdade que, ao encontrar-se fora das portas celestiais, implorou para que lhe fosse permitido regressar, mas o Senhor estava impedido de permitir isto por causa do diabo e os seus seguidores se terem colocado a si mesmos onde não mais podiam ser restaurados.

"Depois que Satanás e os que caíram com ele foram expulsos do Céu, e tendo ele compreendido que perdera para sempre toda a sua pureza e glória, arrependeu-se e desejou ser reintegrado no Céu. Estava disposto a ocupar o seu próprio lugar, ou qualquer posição que lhe fosse designada. Mas não; o Céu não devia ser posto em risco. Todo o Céu poderia vir a ser maculado se ele fosse recebido de volta; pois o pecado originou-se com ele, e dentro dele estavam as sementes da rebelião. Tanto ele como os seus seguidores choraram e imploraram para serem de novo recebidos no favor de Deus. Mas o pecado deles — o seu ódio, inveja e ciúmes — tinha sido tão grande que Deus não podia apagá-lo. Tinha de permanecer, a fim de receber sua punição final." *Primeiros Escritos*, 146.

Não há pecado que Deus não possa limpar desde que exista genuíno arrependimento e confissão aceitável. Satanás e os seus seguidores arrependeram-se realmente e fizeram uma confissão, mas estes passos da sua parte não foram do carácter que lhes daria acesso ao salvador, purificador poder de Deus. Tal como Balaão e Judas, eles arrependeram-se por causa dos resultados dos seus pecados, e não por causa da iniquidade em si mesma. Isto é provado pelo facto que, ao compreenderem que o arrependimento que eles tinham demonstrado e as confissões que haviam feito não os conduziu à readmissão no Paraíso, planearam uma guerra aberta contra o governo do Céu. Mostraram quão total e permanentemente se tinham divorciado do seu noivo celestial.

Em todo o drama, nenhum movimento de separação e divórcio foi feito por Cristo e Seu Pai. Nem Eles demitiram o anjo rebelde da sua posição como querubim cobridor, pois essa não é a forma como as coisas são feitas onde quer que a ordem divina esteja estabelecida. Unicamente anelo, compaixão, amor salvador são manifestados por parte de Cristo. Foi Lúcifer que originou a separação, e que estabeleceu o divórcio.

Maravilhai-vos e surpreendei-vos perante o comportamento de Cristo o Marido que foi e é fiel a Lúcifer por tanto tempo quanto ele viva. Hoje, o amor do Salvador para com Lúcifer não sofreu alteração e é inalterável. Que exemplo este é para todo aquele que será um seguidor de Jesus! Quão diferente isto é dos caminhos dos homens tanto no mundo como nas igrejas do mundo.

Testemunhou-se no início destes estudos que Deus nunca despede ninguém da posição a ele designada não importa quão gravemente essa pessoa tenha pecado contra Ele. Foi depois declarado que isto é absoluta fidelidade ao voto de casamento.

Para confirmar isto, faríamos bem estudar o tratamento de Deus para com o Seu povo como um guia específico de como nos devemos relacionar com aqueles que falham para connosco ou mesmo lutam contra nós. Necessitamos de compreender e praticar o voto de casamento com o significado dado por Cristo.

Infelizmente, não há espaço nesta publicação para cobrir cada uma das histórias bíblicas que revelam a operação dos princípios divinos. Assim, limitar-nos-emos a alguns exemplos seleccionados que são exemplo dos restantes, enquanto ao mesmo tempo se assinalam os pontos principais a respeito de outros indivíduos que têm sido chamados por Deus para desempenharem um papel importante, mas que falharam perante o Senhor de modo muito grave. Comecemos por Adão e Eva.

A apostasia dos nossos primeiros pais foi uma reprodução do pecado de Satanás no Céu, mas o Senhor não Se divorciou deles. Em vez disso, Ele alargou o

Seu casamento a uma união com a pecaminosa, humanidade caída. Isto foi o máximo em humildade, sacrifício, e manifestação de fidelidade matrimonial.

Abraão e Sara, semelhantemente a Lúcifer, perderam de vista a sua verdadeira posição e procuraram desempenhar a parte de Deus no contrato. Quando, pelos seus planos, realizaram o nascimento de Ismael, orgulharam-se a si próprios por terem cumprido o divino propósito. Mas eles tinham seguido procedimentos que eram babilónios ou completamente anticristãos. Eles não podiam ter pecado mais gravosamente, contudo, o divino Noivo não os despediu, nem mesmo os criticou, condenou, denunciou, ou Se separou deles. Nem sequer sugeriu que fossem privados da posição que lhes fora dada por Deus como pais da prometida Semente.

Também Jacó recorreu a procedimentos completamente babilónios fazendo os seus próprios planos, ao enganar o seu pai a fim de assegurar que a promessa da primogenitura fosse assegurada para ele. Mas outra vez, não encontramos intenção da parte de Deus para se divorciar dele ou de lhe negar as bênçãos da primogenitura ou retirá-lo da sua posição.

No capítulo dois já foi considerado o caso de Arão à luz da educação que lhe foi dada na sua infância e juventude. Desejamos considerá-la agora do ponto de vista da revelação da relação de Cristo com ele quando se tornou responsável pela construção do bezerro de ouro e do licencioso deboche e ferozes danças que o acompanhavam.

O pecado de Arão permanece como uma das mais terríveis traições à verdade jamais relatadas nas Sagradas Escrituras. Ele tinha sido deixado como encarregado do povo no acampamento e era responsável pela manutenção da lei e da ordem. Todavia, o desaparecimento de Moisés no monte provou ter um efeito muito perturbador nos israelitas que se tinham acostumado no Egipto a ter um Deus visível na forma dos ídolos que tinham agora deixado para trás. Em lugar destes ídolos olharam para Moisés como seu visível Deus em vez do Senhor Jeová em cima no Céu. Assim, quando os dias passaram sem que Moisés regressasse, começaram a ficar impacientes e inquietos. Estes sentimentos em breve cresceram até que o povo exigiu acção. Eles tinham que ter um deus visível. Sendo Arão aquele que detinha a autoridade, trouxeram-lhe as suas exigências.

"Tal ocasião crítica exigia um homem de firmeza, decisão e coragem inflexível; um homem que tivesse a honra de Deus em maior conta do que o favor popular, a segurança pessoal, ou a própria vida. Mas o presente chefe de Israel não era deste carácter." {PP 224}, *Patriarcas e Profetas*, 325, 326.

Por isso, com tranquila certeza Arão fez o bezerro e o povo começou a adoração da imagem no lugar de Deus. Do cimo do monte, Deus e Moisés observavam a ignominiosa actuação que se passava em baixo. Isto era tão mau que, não tivesse Moisés especialmente intercedido por Israel, o protector Espírito de Deus teria sido forçado a retirar-se e a deixar o povo exposto a súbita e certa destruição.

Tudo o que Arão tinha feito era excessivamente pecaminoso, mas, quando Moisés desceu do monte, Arão tornou as coisas ainda piores para si não exibindo quaisquer sinais de arrependimento, mas em vez disso intrepidamente defendeu-se a si próprio lançando toda a culpa sobre o povo.

Tal como Lúcifer, Arão havia sido altamente privilegiado e isto é o que tornou o seu pecado ainda mais grave.

"O facto que Arão fora muito mais abençoado e honrado do que o povo, foi o que tornou o seu pecado tão hediondo. Foi Arão, 'o santo do Senhor' (Salmo 106:16),

que fizera o ídolo e anunciara a festa. Foi aquele que fora designado como o porta-voz de Moisés, e a respeito de quem o próprio Deus testificou: 'Eu sei que ele falará muito bem' (Êxodo 4:14), foi ele que não pode sustar os idólatras no seu intento de afronta ao Céu. Aquele por intermédio de quem Deus agira ao trazer juízo tanto sobre os egípcios como seus deuses, ouvira inabalável a proclamação ante a imagem fundida: 'Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito'. Fora aquele que estivera com Moisés no monte, e ali vira a glória do Senhor, que vira que na manifestação daquela glória nada havia de que se pudesse fazer uma imagem, sim, foi ele que mudou aquela glória na semelhança de um boi. Aquele a quem Deus confiara o governo do povo na ausência de Moisés, foi encontrado a sancionar a sua rebelião. 'O Senhor Se irou muito contra Arão para o destruir'. Deuteronómio 9:20. Mas em resposta à fervorosa intercessão de Moisés, sua vida foi poupada; e, com arrependimento e humilhação pelo seu grande pecado, foi restabelecido no favor de Deus." {PP 227}, *Patriarcas e Profetas*, 330.

A consideração desse registo de deslealdade revela a imagem de um homem que podia assistir *indiferente* enquanto o povo de Deus se degradava em torno da imagem de ouro. Seria grave o suficiente se, depois de se render ao povo por causa da fraqueza e do medo, ele os olhasse com uma agonia de remorso, mas ficar de pé *indiferente* seria mostrar uma séria falta de integridade espiritual, uma tolerância ao pecado como se fosse apenas uma questão menor. Arão tinha de facto revelado o tipo de homem que era, e, de acordo com o julgamento humano, demonstrou que não estava preparado para assumir responsabilidades sagradas ou ocupar um cargo sagrado.

Mas os caminhos de Deus não são os caminhos dos homens e Ele vê de modo diferente dos Seus filhos. Arão já tinha sido apontado para o ofício sagrado, e como um membro do corpo de Cristo, o Senhor nunca se divorciaria dele ou Se separaria. Arão podia ter deixado a sua posição vaga tal como Lúcifer fez no Céu, e tê-lo-ia feito como Lúcifer fez se tivesse recusado o arrependimento. Tivesse ele deixado, o Senhor não teria tido escolha senão aceitar isso, mas a separação teria sido de Arão, nunca de Deus.

Alguns poderão afirmar que as palavras: "O Senhor Se irou muito contra Arão para o destruir...." *Deuteronómio* 9:20, provam que o Senhor Se tinha separado do irmão de Moisés, e estava prestes a removê-lo da sua posição matando-o.

Tomar esta posição é interpretar mal a Escritura. Deus nunca destrói, nem tira a posição a uma pessoa, nem Se retira dela. Em vez disso, a alma pecadora destrói-se a si mesma, colocando-se fora da posição divinamente apontada, e separando-se de Deus. Arão tinha feito isto até ao ponto em que estava virtualmente fora do círculo da protecção, e, se não fosse a oração de Moisés e penitência e confissão de Arão, este teria perecido naquele dia. Para aqueles que ainda não estão confirmados acerca de como Deus destrói, um estudo de *Eis Aqui o Vosso Deus* por F. T. Wright é altamente recomendável.

O penitente Arão foi capaz de regressar a Deus e manter a sua posição. Pouco depois do incidente do bezerro de ouro, o povo, segundo as instruções de Deus, começou a construção do tabernáculo. Quando ela foi completada, era necessário apontar o sumo-sacerdote e os sacerdotes que o assistissem na sua obra.

Se a selecção do sumo-sacerdote tivesse sido da responsabilidade do povo, é bastante claro que Arão nunca teria sido eleito. Tanto quanto o homem podia ver, ele completa e permanentemente se tinha desqualificado para desempenhar uma

posição como guia espiritual do povo, e portanto, nunca o teriam sequer considerado como candidato para o sumo sacerdócio.

Mas o povo não foi consultado por Deus, no Seu amor e sabedoria, compreende que o homem não é capaz de apontar outros para as suas posições. Israel não era uma democracia, um "governo do povo, e para o povo."[13] Era uma teocracia, tanto religiosa como civil, um governo do Senhor e pelo Senhor para o benefício de todo o que se encontrasse nele. Este sistema governamental é assim constituído de modo que Deus apenas através de Jesus Cristo e o Espírito Santo tem a responsabilidade de decidir que posição deva ser preenchida por cada um dos membros nessa igreja.

Foi em virtude deste sistema que Arão foi apontado para a posição de sumo-sacerdote em Israel. Deus escolheu o homem, e esperou que o povo aceitasse e reconhecesse aquilo que Ele tinha feito. Eles fizeram-no sem questionarem ou protestarem, pois não há relato de qualquer inquietação ou descontentamento acerca da nomeação de Arão. Ele provou ser um sacerdote fiel desde então até à sua morte, sendo o seu único erro apoiar Miriam quando ela murmurou contra Moisés e sua posição. De novo, aquilo não lhe custou o ministério e obra. Pelo contrário, exigiu-se-lhe que compreendesse a natureza do seu pecado e se arrependesse dele e fizesse a adequada, confissão aceitável, o que ele fez.

O trato de Deus com Arão é uma maravilhosa revelação dos Seus caminhos em contraste com os caminhos dos homens que estão prontos para pensar em termos de divórcio a fim de resolver os seus problemas. Repita-se que, quando duas pessoas casam, dão uma à outra uma posição que uma vez dada nunca pode ser retirada, pois o divórcio nunca vem de cristãos que verdadeiramente compreendem a estrutura da ordem divina e praticam os seus princípios. Mesmo quando a outra parte peca mais gravemente contra o casamento como pecaram Lúcifer e Arão, não deve ser despedida da sua posição ou lançada fora. Pelo contrário, o amor divino deve perdoar e procurar restaurar completamente. Se isto é rejeitado como no caso de Lúcifer, segue-se o divórcio, pois o pecador voltou as costas ao amor, e isto apenas pode levar à separação, mas ela vem unicamente do lado do impenitente. "A própria essência do evangelho é a restauração...." {DTN 583}, *O Desejado de Todas as Nações*, 788.

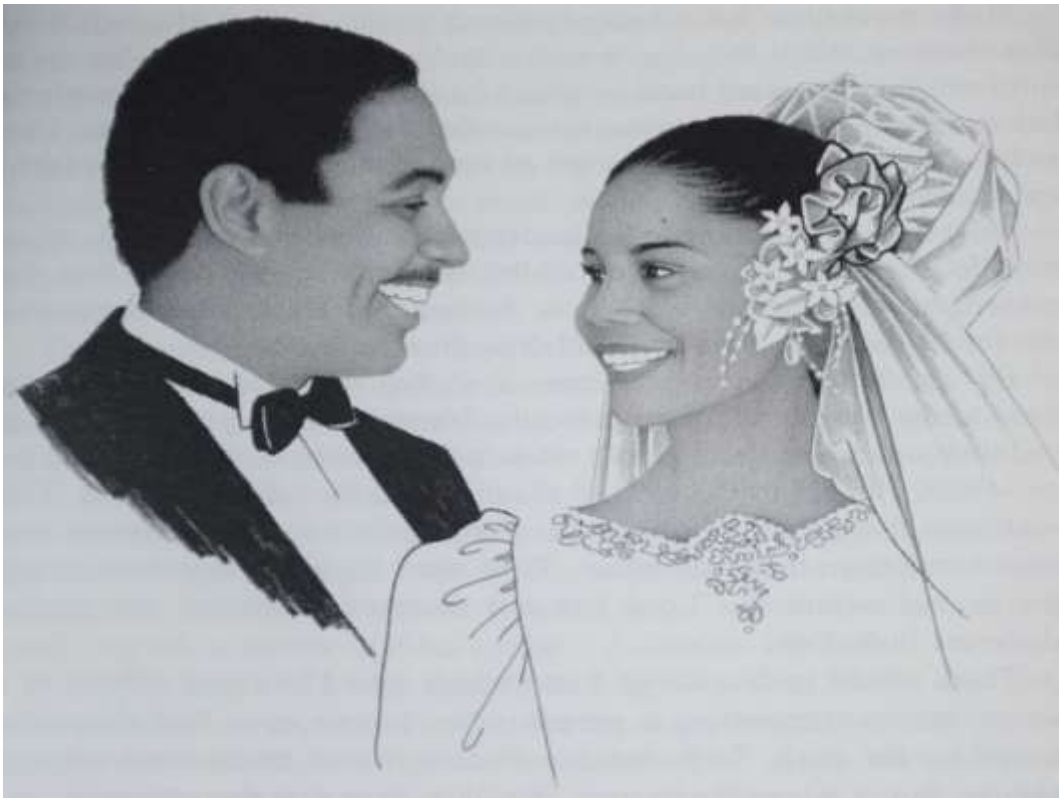
Jeová tratou com Arão segundo os Seus imutáveis caminhos, o que significa que Ele relacionar-se-á com cada um dos Seus mensageiros do mesmo modo. A compreensão dos caminhos de Deus torna-se então o nosso guia de como nos devemos relacionar com os nossos companheiros de casamento, membros da família, membros da igreja, e mensageiros.

Tudo o que isto significa é que o nosso reconhecimento de uma pessoa numa certa posição não depende se, à luz de graves erros que ela cometeu, a julgamos digna de ocupar esse posto de dever ou não, mas se a evidência mostra que o Senhor a chamou para essa posição no primeiro caso.

O padrão, contudo, que tende a repetir-se, é que o cônjuge de casamento se convence antes do dia de núpcias que a sua noiva é a indicada. Tal como o verdadeiro cristão que pratica os princípios do repouso do sábado, ele acredita que ela é a divinamente apontada para ser sua esposa. Mas, depois de algum tempo, ela comete um erro grave, revela alguma fraqueza oculta, e trai a família perante os seus inimigos. Então vem a tentação para crer que ela se desqualificou agora

[13] (*World Book Encyclopedia*, 5:104, (1982), citando Abraham Lincoln.)

para a sua posição e é tempo para pensar em termos de medidas disciplinares para corrigir o mal. Se estas fossem aplicadas, tornariam a situação ainda pior, e isto por sua vez, começaria a suscitar o pensamento em termos de separação.



É normal um casamento começar com grande felicidade. Maravilhosos laços de amor ligam o casal como se fossem um só, mas, quão rapidamente esta relação pura começa a morrer e é substituída pela divisão quando traços indesejáveis de carácter são revelados por causa das tensões e pressões da vida. Mas, quando o amor divino reina no coração, nada pode mudar a relação excepto para a aprofundar e ampliar. É assim que Deus ama os Seus filhos. Não há nada que possa mudar o Seu amor por nós. Nada!

O mesmo padrão se aplica à construção de um movimento. Para iniciar o processo, Deus chama um mensageiro para proclamar a verdade presente. Aqueles que aceitam a luz como vinda de Deus ficam bastante convencidos que o mensageiro através de quem a mensagem é comunicada é chamado pelo Senhor e de bom grado o apoiam no seu ministério divinamente apontado.

Infelizmente, é mais assim à medida que o tempo passa, há a tendência para pensar acerca dele como uma pessoa muito santa, única, que não está sujeita aos mesmos problemas das outras pessoas. De acordo com isto, constroem um pedestal e colocam-no numa altura acima deles. Por conseguinte, apesar dos seus diligentes esforços para os ensinar melhor, enquanto afirma que é como um deles, construíram para si um Deus no homem que não é mais do que um mensageiro.

Entretanto, ele está a ser assaltado por tentações das quais eles nada sabem. Enquanto eles vivem vidas que estão mais protegidas do que a sua, ele está sendo atacado por todo o lado, sofre incómodo, é privado do conforto que o outros em geral aceitam como verdadeiro sem exame prévio, traído por aqueles que professam ser amigos e defensores da obra, e é assaltado por desencorajamentos probantes da fé.

Muitos mensageiros têm falhado sob este tipo de pressão, e, quando isso acontece há aqueles que, apesar de saberem que o mensageiro é chamado por Deus, agora declaram que o seu pecado o desqualificou para a sua posição, e retiram-lhe o seu apoio.

Ao fazerem isto, demonstram que não compreendem a ordem divina nem o princípio do casamento. Em vez de se sentarem a julgar o que caiu, deviam ter feito um novo estudo da forma como o Senhor Se relacionou com este tipo de situação e então agir do mesmo modo. Devem aprender que o divórcio nunca vem do lado de Deus, e por conseguinte, nunca deve vir do seu lado também. Necessitam compreender que se nos divorciamos daquele ou daquela de quem Deus não se divorciou, então somos adúlteros espirituais.

Haveria poucas coisas, se alguma, que seriam mais difíceis do que prosseguir apoiando uma pessoa que, aos nossos olhos se desqualificou para a sua obra. Para o ser humano, o divórcio é uma solução bastante atractiva, mas, não é o caminho de Deus. Contudo, é aqui que a vitória deve ser ganha, pois aqueles que não aprendem a praticar os princípios da ordem divina aqui, nunca estarão qualificados para uma parte nessa ordem no reino vindouro.

Entre aqueles que compreendem estes princípios e como os vivem estava Davi como é revelado na sua relação com o impenitente e vingativo rei Saul.

Davi sabia bem como todo o Israel, que o Senhor tinha pessoalmente enviado Samuel o profeta para ungir Saul como primeiro rei de Israel. Deus tinha dado a posição a Saul, mas isto não foi muito tempo antes do monarca começar a cair em terrível apostasia. Ele tornou-se um cruel opressor do povo e estava arrastando consigo todo o Israel para a perdição. Se algum homem pudesse ser julgado à vista humana como desqualificado para a sua posição, o primeiro rei de Israel era um deles.

Contudo, o Senhor não o destituiu do seu trono, mas verdadeiramente o protegeu e manteve-o até que a morte terminou a relação. Este é outro notável exemplo da forma como Deus permanece fiel às Suas responsabilidades. Isto demonstra uma vez mais que o Senhor nunca muda o Seu relacionamento para connosco; mas somos nós que mudamos em relação a Ele. Davi, o novo rei eleito, demonstrou um maravilhoso conhecimento destes princípios quando, em duas ocasiões diferentes, teve a oportunidade para matar o rei, e os argumentos para o justificar.

Saul tornou-se um governador cruel, despótico, uma maldição para Israel, e um mau testemunho para as nações que o rodeavam. Ele estava arrastando o povo consigo para uma cada vez mais profunda apostasia e degradação. Ele deixou de servir ao Senhor ou ao Seu povo, e foi uma desgraça para a sua profissão. O nome de Deus era desprezado entre os pagãos por causa dele. Tinha-se tornado claro que, por tanto tempo quanto continuasse como cabeça da monarquia, Israel estava certo de sofrer dano e caminhar em trevas. A situação era desesperada e a pressão da hora pedia alguém que tomasse imediata e decisiva acção.

A oportunidade foi apresentada a Davi quando o soberano entrou sozinho na caverna onde ele e os seus homens estavam escondidos.

“E chegou [o rei Saul] a uns currais de ovelhas no caminho, onde estava uma caverna, e entrou nela Saul, a cobrir seus pés; e (Davi e os seus homens estavam aos lados da caverna.

"Então os homens de Davi disseram: 'Eis aqui o dia, do qual o Senhor te diz: "Eis que te dou o teu inimigo nas tuas mãos, e far-lhe-ás como te parecer bem aos teus olhos."' E levantou-se Davi, e mansamente cortou a orla do manto de Saul." *1 Samuel* 24:3, 4.

Se alguma vez a vida de um homem esteve em perigo, foi a do rei Saul nesse dia. Argumento sobre argumento reclamava a sua execução. Os seus crimes contra Israel e a sua infidelidade a Deus eram pecados que mereciam a morte. A desesperada necessidade do povo de Deus pedia a sua imediata remoção. De facto, tê-lo poupado sob as circunstâncias pareceria ser uma escolha de responsabilidade a ser para sempre lamentada no futuro. Se houvesse alguma dúvida quanto ao que Davi devia fazer, havia aparente aprovação na Escritura para a execução. Os seus seguidores com positiva convicção insistiram com ele sobre a necessidade de acção imediata. "Então os homens de Davi lhe disseram: 'Eis aqui o dia, do qual o Senhor te diz: "Eis que te dou o teu inimigo nas tuas mãos, e far-lhe-ás como te parecer bem aos teus olhos."'"

Sem dúvida que os sentimentos pessoais de Davi deram peso a essa proposta, pois ele estava cansado da contínua fuga e ciúme da parte da incansável determinação de Saul para o destruir. Tirar a vida do rei naquela caverna, nesse dia, tê-lo-ia livrado de um imenso problema e encurtado a espera para a sua coroação. Era uma perspectiva muito atraente que se lhe apresentava, e, sem dúvida, ele foi severamente tentado a matar o rei ali, naquela altura.

Numa situação como esta, quando a natureza humana está exigindo a solução que a aliviará das suas ameaças, os homens têm a tendência para se agarrarem a qualquer argumento que possa ser usado a fim de justificar a tomada de uma acção decisiva. Todavia, o caso de Davi demonstrou que, mesmo quando matar Saul parecia tão conclusivo, ele foi prudente em pesar cuidadosamente todas as outras evidências a fim de assegurar qual era realmente o caminho correcto a seguir.

Contra todas as evidências subsiste o princípio do casamento. Saul era o ungido do Senhor. Foi Deus que o colocou na sua posição, e era Ele que teria de removê-lo. Davi não devia sentar-se a julgar o rei e decretar a sua punição. Este princípio é claramente declarado nas palavras seguintes:

"É Deus que permite que os homens sejam colocados em posições de responsabilidade. Quando erram, tem poder para os corrigir, ou para os retirar do cargo que exercem. Devemos acautelar-nos de não tomar em nossas mãos o direito de julgar, que pertence a Deus.

"A conduta de Davi para com Saul contém uma lição. Por ordem de Deus, Saul foi ungido como rei de Israel. Devido à sua desobediência, o Senhor declarou que o reino lhe seria tirado, e contudo quão amável, atenciosa e indulgente foi a conduta de Davi para com ele!" *A Ciência do Bom Viver*, 484.

Foi por causa de Davi estar firme no princípio do casamento que foi salvo de cometer um terrível erro nesse dia e outra vez na posterior ocasião em que foi capaz de penetrar no acampamento durante o silêncio da noite até que ficou ao lado do adormecido rei. Ele compreendeu que, tão seguramente como Deus tinha colocado Saul na posição de rei, e mantido nessa função, ele devia respeitar e defender o monarca também.

Todo o crente em Jesus necessita aprender esta mesma lição vital a fim de ser salvo do terrível perigo de rejeitar os mensageiros delegados por Deus. Fazer isto é rejeitar Cristo que é por seu lado cortar a ligação de uma pessoa com a vida

eterna. “Se rejeitardes os mensageiros delegados por Cristo, rejeitais a Cristo.” *Testemunhos para Ministros*, 97. Não nos cabe decidir se uma pessoa é digna da posição ou se ela a está desempenhando satisfatoriamente ou não. Isso diz respeito a Deus, não a nós. Nós devemos preocupar-nos com o nosso relacionamento com a pessoa em questão do modo como Deus fez.

Outro esplêndido exemplo da atitude de Cristo em relação àquele a quem uma posição foi dada, foi a relação que manteve com Judas Iscariotes. Este homem tinha sido apontado para um lugar entre os doze, não porque Cristo o escolhesse, mas porque, quando ele insistiu na sua presença entre eles, o Salvador compreendeu que os outros homens do grupo necessitavam de aprender as lições vitais que a presença de Judas fornecia. “Enquanto Jesus estava preparando os discípulos para sua ordenação, um que não fora chamado se esforçou para ser contado entre eles. Foi Judas Iscariotes, que professava ser seguidor de Cristo. Adiantou-se então, solicitando um lugar nesse círculo mais íntimo de discípulos.... Jesus nem o repeliu, nem o acolheu com mostras de agrado... Houvesse Ele repelido a Judas, e teriam, em seu íntimo, posto em dúvida a sabedoria do Mestre. A história posterior de Judas revelar-lhes-ia o perigo de permitir qualquer consideração mundana influir no julgar a capacidade de homens na obra de Deus. A cooperação de homens como os que os discípulos estavam ansiosos por conseguir teria entregue a obra nas mãos dos piores inimigos.” {DTN 200}, *O Desejado de Todas as Nações*, 276, 277.

Desde o início e crescimento bem como à medida que seguiam em direcção à cruz Judas entregou-se à má influência entre os doze. “Com Judas um elemento de antagonismo se introduzira entre os discípulos. Ligando-se a Jesus, havia ele atendido à atracção de Seu carácter e vida. Havia sinceramente desejado uma mudança em si, e contara experimentar esta perfeita união com Cristo. Mas este desejo não se tornou predominante. Aquilo que o dirigia era a esperança de benefício próprio no reino mundano que esperava que Cristo estabeleceria. Posto que reconhecesse o poder do amor divino de Cristo, Judas não se rendeu à sua supremacia. Continuou a alimentar seus próprios juízos e opiniões, sua disposição para criticar e condenar. Os motivos e acções de Cristo, muitas vezes tão acima de seu entendimento, excitavam dúvida e desaprovação; e suas próprias cavilações e cobiça insinuava-se nos discípulos. Muitas de suas contendas pela supremacia, e muito de seu descontentamento pelos métodos de Cristo, originavam-se com Judas.” *Educação*, 92.

Se alguma vez Cristo teve justificação para a separação de uma das Suas criaturas, certamente foi no caso de Judas, mas Ele nunca permitiu que a solução da separação cruzasse a Sua mente. Que maravilhoso exemplo é este para todo o homem ou mulher que sente que o seu casamento se tornou insípido, sem interesse, aborrecido, maçador, e positivamente desgastante. Se tal pensamento como terem justificação para o divórcio, então Cristo tinha muito, muito mais nos fardos e cuidados que Judas Lhe impunha. Quanto mais profunda e extensivamente alguém considera a fidelidade de Cristo na Sua relação de casamento com os Seus infiéis, desleais, descuidados, irresponsáveis seguidores, mais compreenderá a verdade que o Seu amor nunca muda ou diminui no mínimo, mas é verdadeiramente infinito. Ele nunca tem e jamais se encontrará um limite, um tecto, uma fronteira, ou um lugar de paragem. Não importa quão longe ele seja chamado a ir, irá, e continuará ali durante uma infinidade.

Também será visto com convincente clareza que o casamento, uma vez contraído, é na verdade até que a morte termine a relação. O verdadeiro casamento nunca pode ser um arranjo temporário para ser quebrado de ânimo leve à mais pequena provocação. Quando se verifica que o outro membro da relação já não é mais fiel ao voto matrimonial, todo o esforço será redobrado para recuperar o extraviado se isso for de algum modo possível. Este é o maravilhoso testemunho que temos no incomparável exemplo de Jesus com Judas. Nenhuma pessoa verdadeiramente espiritual pode estudar o tratamento do Salvador com este errante sem ser profundamente movida.

"'Bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que O havia de entregar.' João 6:64. Contudo, sabendo todas estas coisas, não retivera Seus esforços misericordiosos ou acções de amor.

"Vendo o perigo de Judas, trouxera-o para junto de Si naquele grupo mais íntimo de Seus discípulos escolhidos e em quem confiava. Dia após dia, quando o fardo jazia pesadamente sobre Seu coração, suportara a dor do contínuo contato com aquele espírito obstinado, desconfiado e entregue a maus pensamentos; Ele havia testemunhado esse espírito e trabalhara para combater entre Seus discípulos aquele antagonismo contínuo, secreto e sutil. E tudo isto fizera para que nenhuma influência salvadora possível faltasse àquela alma em perigo!" *Educação*, 93.

Judas não percebeu e por isso não foi capaz de compreender que Jesus era o seu Marido. Ele nunca aprendeu a verdade das palavras "'Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o Seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; Ele será chamado o Deus de toda a terra.

"'Porque o Senhor te chamou como a mulher desamparada e triste de espírito; como a mulher da mocidade, que é desprezada', diz o teu Deus." *Isaías* 54:5, 6.

Mas embora Judas não pudesse ver o seu Salvador no papel de carinhoso Marido, a fidelidade de Cristo para com ele não foi perdida, pois fornece viva demonstração do modo como Cristo continua a amar, defender e suster mesmo aquele que O trai. Quando os cristãos tiverem aprendido a amar o seu companheiro de casamento e um ao outro como Cristo nos ama a todos, então quão rapidamente a obra será finalizada.

Cristo nunca deixou Judas; não o mandou embora; não o privou da sua posição de discípulo; não lhe negou os mesmos poderes para pregar o evangelho, curar os enfermos, e expulsar os demónios que foram dados aos outros onze, quando todos foram enviados na grande viagem missionária; e lavou os seus pés em primeiro lugar na Ceia do Senhor. Foi Judas que se separou do seu divino Marido e deixou a posição a ele dada. Fê-lo, não por causa de qualquer pressão da parte de Cristo, mas apesar de todo o infinitamente carinhoso esforço do seu divino Marido para salvar o casamento.

O comportamento de Cristo é tão completamente diferente do modo como os humanos se aproximam do problema do fracasso dos relacionamentos humanos, que é difícil compreender verdadeiramente o facto que o Seu amor é para sempre, independentemente de quanto nós o traiamos. Nós somos lentos em compreender que uma vez que admitamos outra pessoa para uma posição nas nossas vidas, nunca podemos tirá-la não importa quão indigna essa pessoa se tenha tornado dessa posição. Rejeitar outra pessoa da posição em que tenha sido colocada é rejeitar Cristo, e isso é rejeitar a vida eterna.

Por exemplo, é claro que, apesar do incansável esforço de Judas para minar a confiança na obra de Cristo e semear a discórdia entre os seus seguidores, o Salvador não rejeitou Judas da sua posição, mas respeitou-o e apoiou-o nessa posição mesmo ao ponto de ter sido enviado como mestre representante dotado como os restantes com o assombroso poder do Espírito Santo.

Ora, se um dos outros discípulos se tornasse conhecedor da perfídia de Judas, e de acordo com isso lhe tivesse retirado todo o seu apoio, estaria a rejeitar um mensageiro delegado e apoiado por Cristo e com isso estaria rejeitando a obra do próprio Cristo.

Evidentemente, o Salvador não participava com Judas nas suas más obras, nem uma esposa, por exemplo, se deve juntar em actividades exigidas pelo seu marido quando fazê-lo requereria a violação do princípio, tal como quando espera que ela trabalhe ou passe tempo com ele em prazeres no dia de sábado, assistindo a teatros, corridas e manifestações desportivas, e desrespeite a reforma da saúde e do vestuário. Tal tomada de posição pode provar-se muito cara para o casamento, mas o resultante fracasso será falta do transgressor não do verdadeiro filho de Deus.

O estudo do relacionamento que Cristo tão consistentemente manteve com todos aqueles que eram infiéis à sua entrega matrimonial a Ele, foi apenas tocado ligeiramente nesta secção. A verdade é que um capítulo inteiro devia ser devotado a cada um dos casos considerados, bem como a todos os outros que estão relatados na história bíblica. Mas, já foi escrito o suficiente para revelar a incrível fidelidade de Cristo, o nosso incomparável Exemplo, ao Seu próprio casamento com as Suas criaturas. Ele demonstrou que o Seu amor nunca foi condicionado ao amor delas para Consigo, nem permitiu que o Seu relacionamento com elas fosse afectado pelo grau em que Lhe eram infiéis. Quando isto é compreendido, será claramente visto que Ele nunca retira a Sua graça delas, mas que a privação daquelas bênçãos é devida à sua separação d'Ele.

Assim o Marido celestial mostrou quanto devemos amar como Ele amou e o que significa verdadeira fidelidade aos votos do casamento.

Capítulo 17

A Extensão do Compromisso de Deus

O ponto principal estabelecido no capítulo anterior foi que, quando Jeová entra numa obra de relação de casamento com uma das Suas criaturas, honra o contrato com total fidelidade até que o companheiro se afaste a si mesmo pela apostasia, ou morra. Não importa quão gravemente o ser humano possa pecar, não o abandona nem o substitui. Este brilhante exemplo ensina que não importa quanto o nosso companheiro de casamento peque contra nós, nunca nos retiraremos dele, nem lhe retiraremos o nosso apoio. O matrimónio é para sempre.

Existirão aqueles que não podem aceitar isto quando sabem que a ordem original veio de Deus como nos casos de Lúcifer, Adão e Eva, Moisés, Davi, Paulo, e outros mas o que devia ser feito quando é evidente que Deus nunca pretendeu que formássemos uma operante relação com a pessoa com quem estamos unidos? Deviam ser dados passos para desfazer os erros do passado, quebrando o casamento e depois procurássemos de Deus orientação para uma relação com quem Ele designasse?

Isto podia ser um argumento bastante lógico, mas o próprio Senhor, pelo Seu precioso exemplo, demonstra que esse não é o Seu caminho. Com testemunho atrás de testemunho, Ele declarou que, mesmo quando está envolvido numa relação contrária à Sua vontade e contra o Seu perfeito julgamento, e que nunca devia ter sido formada, honra a união como se ela tivesse sido abençoada com a Sua aprovação desde o início. Esplêndidos exemplos disto são dados nos casos de Arão, setenta anciãos, rei Saul, e Judas, para indicar apenas alguns nesta categoria. A posição na obra do Senhor na qual cada um destes foi estabelecido foi devido a grave incredulidade. Se as pessoas envolvidas na nomeação de cada um destes tivessem exercido forte, inteligente fé, a nenhum deles teria alguma vez sido dado os lugares que ocuparam para o resto das suas vidas. Mas uma vez que o Senhor lhes deu os seus lugares, mesmo apesar de serem o fruto da incredulidade, Ele nunca os retirou, mas operou com eles fosse qual fosse a extensão que Lhe foi permitida até que a morte terminou o matrimónio. Que cada uma destas trágicas histórias seja estudada individualmente de modo que este ponto possa ser claramente visto, e de modo que nos tornemos extremamente cuidadosos para não promovermos alguém para qualquer posição nas nossas

vidas ou na igreja, e de modo que, uma vez o tenhamos feito, saibamos honrar o passo dado até que a apostasia ou a morte ponha fim ao contrato.

Começaremos por Arão.

A crise desenvolvida no acampamento israelita quando Moisés foi chamado ao cimo do Monte Sinai, "... exigia um homem de firmeza, decisão e coragem inflexível; um homem que tivesse a honra de Deus em maior conta do que o favor popular, a segurança pessoal, ou a própria vida. *Mas o presente chefe de Israel não era deste carácter*. Arão, com fraqueza apresentou objeções ao povo, mas sua vacilação e timidez no momento crítico apenas os tornou mais decididos." {PP 224}, *Patriarcas e Profetas*, 325.

Quando o Senhor nos diz na Sua palavra que Arão não tinha o carácter exigido para fazer frente a esta situação, somos levados à questão por que foi Arão escolhido para preencher tais responsabilidades durante a ausência de Moisés. Parece que Deus se expôs à acusação de injustiça ao esperar mais deste homem do que aquilo que ele era capaz de dar. Mas, nenhuma acusação pode ser dirigida contra o Senhor por causa da nomeação e fracasso de Arão. Isto torna-se muito claro quando é dada consideração às circunstâncias que levaram a elevação de Arão à posição de assistente de Moisés, uma posição que lhe foi dada por causa da incredulidade de Moisés.

Quando, junto da sarça ardente, o Senhor ordenou a Moisés que voltasse ao Egipto para levar os israelitas da escravidão egípcia para ocuparem a terra prometida, Moisés vacilou perante a imensidão da tarefa que estava perante ele. Não tinha ilusões acerca do assombroso poder do Egipto, porque, como general dos seus exércitos, tinha anteriormente possuído esse grandioso poder. Ele compreendeu a pouca esperança que seu povo tinha em comparação. Além disso, ele, o orgulhoso príncipe herdeiro daquela que era nessa altura a nação mais poderosa da Terra, tinha fugido em desgraça depois de ter morto um capataz dos escravos que castigava um israelita. Mesmo o povo do Senhor o teria considerado como um fracasso apesar do facto de ter sido profetizado pelos anjos que Moisés era o instrumento divinamente apontado para a sua libertação. Mesmo se o seu próprio povo ainda tivesse confiança nele, ele não a tinha em si mesmo e apenas podia crer que eles o veriam como ele se via a si próprio. Acrescentando a tudo isto o facto que ele se tinha tornado um homem realmente muito humilde e não tinha aspirações de chefia, e pode ser compreendido do ponto de vista humano com que desânimo ele deve ter observado a ordem para regressar ao Egipto.

Assim, Moisés começou a levantar fortes objecções às directivas do Senhor. "Então Moisés disse a Deus: Quem sou eu, que vá a Faraó e tire do Egipto os filhos de Israel?" *Êxodo* 3:11.

Em resposta, o Senhor assegurou-lhe que ele não iria na sua própria força mas que Jeová, o Altíssimo, certamente iria com ele e lhe daria um completo sucesso.

"E Deus disse: 'Certamente eu serei contigo; e isto te será por sinal de que Eu te enviei: Quando houveres tirado este povo do Egipto, servireis Deus, neste monte.'" *Êxodo* 3:12.

Isto teria sido suficiente, mas Moisés insistiu com as suas objecções.

"Então disse Moisés a Deus: 'Eis que quando vier aos filhos de Israel, e lhes disser: "O Deus de vossos Pais me enviou a vós;" e eles me disserem: "Qual é o Seu nome?" Que lhes direi?'" *Êxodo* 3:13.

Pacientemente o Senhor respondeu a esta pergunta que era na realidade uma objecção. “E disse Deus a Moisés: ‘EU SOU O QUE SOU,’ Disse mais: ‘Assim dirás aos filhos de Israel: “EU SOU me enviou a vós.”’

“E Deus disse mais a Moisés: ‘Assim dirás aos filhos de Israel: “O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é Meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração.”” *Êxodo* 3:14, 15.

Deus ainda chamará homens de diferentes ocupações, assim como chamou Moisés de cuidar de ovelhas, e é falsa humildade e incredulidade para quem é chamado por Deus argumentar, como Moisés fez, que não é qualificado para preencher a posição para a qual o Senhor o nomeou. Devemos acreditar que todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.

Deus prosseguiu dando a Moisés algumas instruções específicas a respeito daquilo que ele deveria fazer ao chegar ao Egipto juntamente com a positiva certeza que os israelitas não duvidariam da sua missão. Ele também o advertiu que Faraó não obedeceria imediatamente, mas que resistiria à ordem formal de Deus. Ainda assim Moisés levantou objecções como se procurasse uma forma de escapar destas responsabilidades. “Então respondeu Moisés, e disse: ‘Mas eis que

me não crerão, nem ouvirão a minha voz, porque dirão: "O Senhor não te apareceu."'" *Êxodo* 4:1.

Não havia de facto uma tal posição, pois o Senhor tinha dito plenamente: "E ouvirão a tua voz..." *Êxodo* 3.18. Supor que os israelitas pudessem não crer nele em face de tais certezas dadas pelo Omnisciente, era flagrante incredulidade, contudo, Moisés fez isto.

Com infinita paciência, o Senhor continuou a insistir com o Seu relutante servo. Para convencê-lo verdadeiramente que era o divinamente chamado e que a sua missão não podia falhar, operou milagres na sua presença — a transformação da vara de Moisés numa serpente e de novo numa vara; e a infecção da sua mão com lepra, seguida da sua purificação. Em adição, foi-lhe prometido que, quando chegasse ao Egipto, repetiria estes sinais tanto na presença dos anciãos como do rei. Se isto não limpasse qualquer incredulidade da parte dos dirigentes judeus e do Faraó, tomaria as águas do Nilo e derramá-la-ia em terra seca onde seria transformada em sangue. Ainda assim, Moisés recuou.

"Então Moisés disse ao Senhor; 'Ah! Senhor! eu não sou homem eloquente nem de ontem, nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao Teu servo; porque sou pesado de boca, e pesado de língua.'" *Êxodo* 4:10.

Ora, notai cuidadosamente qual foi a solução de Deus para este problema. Ele dotaria Moisés com este poder de comunicar, de modo que ele não teria problema a respeito disto. Não foi definidamente nesta fase que lhe foi oferecido um porta-voz na pessoa de Arão. "E disse-lhe o Senhor: 'Quem fez a boca do homem? ou quem fez o mudo, ou o surdo, o que vê, ou o cego? Não sou Eu, o Senhor?

"'Vai pois agora, e Eu serei com a tua boca, e Te ensinarei o que hás de falar.'" *Êxodo* 4:11, 12.

Assim Deus respondeu a toda a objecção feita contra as Suas instruções e Moisés devia ter rendido a sua incredulidade e confiantemente obedecido à divina missão e avançado na força do Senhor. Em vez disso, ele, depois de tudo isso, virtualmente recusou-se terminantemente a ir dizendo ao Senhor que mandasse outra pessoa. "Ele porém disse: 'Ah! Senhor! envia por mão daquele a quem Tu hás de enviar.'" *Êxodo* 4:13.

Esta foi a mais grave manifestação de incredulidade, cujas implicações estão expressas nestas palavras: "Mas se nos entregarmos completamente a Deus, e seguirmos Sua direção em nosso trabalho, Ele mesmo Se responsabilizará pelo cumprimento. Não quer que nos entreguemos a conjeturas sobre o êxito de nossos esforços honestos. Nem uma vez devemos pensar no fracasso. Devemos cooperar com Aquele que não conhece fracasso.

"Não devemos falar de nossa fraqueza e inaptidão. Com isso manifestamos desconfiança para com Deus, e negamos Sua palavra. Ao murmurarmos por causa de nossas cargas, ou recusarmos assumir as responsabilidades de que nos encarregou, estamos dizendo virtualmente que Ele é um Senhor severo e que requer o que não nos deu força para executar.

"Muitas vezes somos inclinados a chamar o espírito do servo madraço, de humildade. A verdadeira humildade é muito diferente, porém. Sermos revestidos de humildade não significa devermos ser de intelecto medíocre, aspirações deficientes, e covardes em nossa vida, esquivando-nos de cargos com medo de não sermos bem sucedidos. A verdadeira humildade cumpre o propósito de Deus, confiante no Seu poder.

"Deus opera por quem quer. Muitas vezes escolhe os instrumentos mais humildes para as maiores obras; porque Seu poder é revelado na fraqueza do homem. Temos nosso padrão e por ele declaramos uma coisa grande e outra pequena; mas Deus não avalia de conformidade com nossa medida. Não devemos supor que o que para nós é grande o é também para Deus, ou que o que para nós é pequeno também o é para Ele. Não nos compete julgar nossos talentos ou escolher nosso trabalho. Devemos aceitar as incumbências que Deus determinar, devemos suportá-las por Sua Causa, e sempre ir a Ele para obter descanso. Qualquer que seja nosso trabalho, Deus é honrado pelo serviço alegre e feito de todo coração. Compraz-Se ao cumprirmos nossos deveres com gratidão, e regozija-Se por sermos considerados dignos de colaborar com Ele." {PJ 196}, *Parábolas de Jesus*, 363, 364.

É incredulidade proceder de outro modo, e a contínua oposição de Moisés às directivas de Deus não era uma manifestação da verdadeira humildade que "... cumpre o propósito de Deus," mas de incredulidade. Moisés com efeito estava acusando Deus de não saber o que estava fazendo, e que Ele podia fazer uma escolha muito mais sábia para a posição. Isto era inferir que Deus era incapaz de decidir o que era melhor para a obra, e que Moisés era mais capaz de fazer estas avaliações do que o Altíssimo. Foi uma posição muito grave a que Moisés tomou, e felizmente que ele estava tratando com um Deus de amor e não com um potentado terrestre.

Agora, notai cuidadosamente que foi quando Moisés rejeitou o caminho de Deus, que lhe devia dar fluente forma de se exprimir, que o Senhor lhe deu o Seu caminho de apontar Arão para ser o porta-voz no lugar de Moisés. Esta solução nunca devia ter sido adoptada se Moisés tivesse reagido em verdadeira humildade e, em simples, fé viva tivesse crido e se apegasse às promessas de Deus: "Quem fez a boca do homem? ou quem fez o mudo, ou o surdo, o que vê, ou o cego? Não sou Eu, o Senhor?

"Vai pois agora, e Eu serei com a tua boca, e Te ensinarei o que hás de falar." *Êxodo* 4:11, 12.

Em resposta, Moisés devia ter agradecido ao Senhor por esta certeza e prontamente fazer os preparativos para a sua partida para o Egipto, mas, em vez disso, ele disse: "Ah! Senhor! envia por mão daquele a quem Tu hás de enviar." *Êxodo* 4:13.

Foi então, e só então, quando Moisés recusou o caminho de Deus, que Arão foi escolhido. "Então se acendeu a ira do Senhor contra Moisés, e disse: 'Não é Arão, o levita teu irmão? Eu sei que ele falará muito bem; e eis que ele também sai ao teu encontro; e, vendo-te se alegrará em seu coração.

"'E tu lhe falarás, e porás as palavras na sua boca; e Eu serei com a tua boca, e com a sua boca, ensinando-vos o que haveis de fazer.

"'E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus.

"'Toma pois esta vara na tua mão, com que farás os sinais.'" *Êxodo* 4:14-17.

Portanto, foi através da incredulidade que Arão foi escolhido para estar junto de Moisés na administração da vontade de Deus em Israel. Mesmo apesar dessa nomeação nunca devesse ter sido feita; era, no entanto, o fruto da incredulidade. Embora Arão não possuísse a força de carácter necessária para preencher a posição satisfatoriamente para a honra de Deus, e bênção de Israel; uma vez feita a nomeação, Deus honrá-la-ia até ao fim.

Portanto, quando Moisés deixou o acampamento e subiu ao Monte Sinai, o Senhor ficou sem outra escolha senão colocar todo o acampamento sob a sua jurisdição, mesmo apesar de poder existir homens mais competentes no acampamento, com a capacidade para manter a lei e a ordem. Uma vez escolhido Arão para assistente de Moisés, era o assistente de Moisés que ele era, e foi por esta razão que ele foi apontado para o sacerdócio. Certamente não era devido à sua competência nem quaisquer recomendações das suas acções do passado. Tudo foi o triste resultado da incredulidade de Moisés.

Uma distinção devia ser feita entre a bondade de Arão por um lado e as suas capacidades por outra. Sem dúvida, ele era um homem bom graças à justiça estabelecida nele pelo Senhor, e pela educação dos seus pais. Ele amava o Senhor e a Sua causa, e ficou satisfeito em deixar o Egipto e jornadear através do deserto para a terra prometida.

Mas, para servir o Senhor com sucesso, uma pessoa deve ter mais do que justiça; deve ser abençoada com um leque de qualificações adequadas para o fiel cumprimento da tarefa que está na sua frente.

Prossigamos agora com a história da nomeação dos setenta anciãos.

Muitas pessoas confundem isto com a escolha de magistrados e juízes para presidirem a tribunais de menor importância que estavam a exigir grande parte do tempo de Moisés. Isto foi feito através do conselho de Jetro quando, ao entregar a sua filha, Zípora, esposa de Moisés, ao marido, observou o desnecessário peso colocado sobre Moisés. Este passo organizacional foi tomado antes mesmo de terem chegado ao Monte Sinai.

A elevação dos setenta anciãos teve lugar depois de terem deixado o Monte Sinai onde tinham passado perto de um ano recebendo a lei, construindo o santuário, e a ser estabelecido mais compreensivamente entre eles o sistema sacrifical. (Vede {PP 269}, *Patriarcas e Profetas*, 374.)

"Uma distância de apenas onze dias de viagem existia entre o Sinai e Cades, nas fronteiras de Canaã...." {PP 271}, *Patriarcas e Profetas*, 393, mas que dias cheios de acontecimentos se provou serem aqueles. O seu caminho era através de uma terrível área onde ninguém devia habitar ou mesmo viajar e, depois de três dias, a multidão mista começou na sua miserável murmuração uma vez mais. Ela em breve se espalhou a todo o acampamento, e "Novamente começaram a clamar pedindo carne para comer." {PP 272}, *Patriarcas e Profetas*, 394.

As coisas foram de mal a pior até que chegaram a um estado de grave rebelião tornada pior pelas maravilhosas revelações da verdade que lhe foram dadas no Sinai, e por causa do solene concerto que tinham formado com Deus ali. Eles eram muito mais responsáveis agora do que tinham sido antes da iluminação recebida no Sinai, e o seu mau caminho trouxe rápida retribuição. "Sua murmuração era agora rebelião, e como tal devia receber imediato e assinalado castigo, para que Israel fosse preservado da anarquia e ruína. 'O fogo ardeu entre eles, e consumiu os que estavam na última parte do arraial.' Os mais culpados dos queixosos foram mortos pelo relâmpago da nuvem." {PP 273}, *Patriarcas e Profetas*, 398.

Em terror e desespero, o povo suplicou a Moisés que intercedesse perante o Senhor para terminar a destruição, o que ele fez, e o fogo foi apagado.

Após passar duas vezes quarenta dias e quarenta noites em contínua comunhão face a face com Deus na Pessoa de Jesus Cristo, Moisés foi capaz de deixar o braço da fé, e mergulhar na autocomiseração e má murmuração, e manifestar incredulidade. Foi por causa disso que os setenta anciãos foram escolhidos e nomeados. Quão protegidos, então, cada um de nós precisa estar, contra o perigo sempre presente de cair.

Esperar-se-ia que o povo se arrependesse profundamente e tivesse muito receio de repetir o pecado, "Mas o mal logo foi pior do que antes. Em vez de levar os sobreviventes à humilhação e ao arrependimento, este terrível juízo pareceu apenas aumentar-lhes a murmuração. Em todas as direções o povo estava reunido à porta de suas tendas, chorando e lamentando." {PP 273}, *Patriarcas e Profetas*, 396.

Esta foi uma tremenda prova para Moisés que pareceu sentir que era demais para ele suportar quando de facto não era.

"O coração de Moisés desfaleceu. Pleiteara que Israel não fosse destruído, mesmo que sua própria posteridade se tornasse então uma grande nação. Em seu amor por eles, rogara fosse antes o seu nome riscado do livro da vida do que se deixassem eles a perecer. Por eles arriscara tudo, e este era o modo em que correspondiam. Todas as suas dificuldades, mesmo os sofrimentos imaginários, assacavam a ele; e suas ímpias murmurações tornavam duplamente pesado o fardo de cuidados e responsabilidades sob que ele cambaleava. Em sua angústia foi tentado mesmo a não confiar em Deus. Sua oração foi quase uma queixa. 'Por que fizeste mal a Teu servo, e por que não achei graça a Teus olhos, que pusesses sobre mim o cargo de todo este povo?... Donde teria eu carne para dar a todo este povo? porquanto contra mim choraram, dizendo: Dá-nos carne a comer: eu só não posso levar a todo este povo, porque muito pesado é para mim." {PP 273}, *Patriarcas e Profetas*, 397.

É evidente que este poderoso homem de Deus tinha retirado os Seus olhos da sua Fonte e tinha-os focado em si próprio. Não tinha pensado na forma como Deus estava a ser recompensado pela Sua misericórdia e bondade para com o povo, mas apenas pela forma como estava a ser tratado. "Por eles arriscara tudo, e este era o modo em que correspondiam." Estas palavras resumem a forma como ele se sentia e, na sua oração, falou apenas dos pesados fardos que tinham sido colocados sobre ele, e que ele declarou serem demasiado pesados para si.

É surpreendente que Moisés reagisse do modo como reagiu quando era o maior homem em toda a história humana e levava a distinção de ser a pessoa mais mansa que jamais viveu sobre esta Terra aparte do próprio Cristo, como está escrito: "E era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra." *Números* 12:3.

"Moisés foi o maior homem que jamais esteve como guia do povo de Deus. Ele foi grandemente honrado por Deus, não por causa da experiência que tinha ganho na corte egípcia, mas por causa de ser o homem mais manso. Deus falou com ele face a face, como um homem fala com um amigo. Se os homens desejam ser honrados por Deus, que sejam humildes. Os que levam a obra de Deus avante deviam ser distinguidos de todos pela sua humildade. Do homem que é notado pela sua mansidão, Cristo diz, que nele se pode confiar. Através dele posso revelar-Me ao mundo. Ele não tecerá na trama qualquer traço de egoísmo. Manifestar-Me-ei a ele como não faço ao mundo" *The S.D.A. Bible Commentary* 1:1113.

Além disso, este maravilhoso homem tinha acabado de passar duas sessões de quarenta dias e quarenta noites a sós com Deus no monte. Durante este tempo, ele tinha recebido maravilhosas revelações do poder, perfeição, bondade, justiça, e santidade de Deus. Quando ele saiu da divina presença, a sua face brilhava com um brilho tal que o povo não podia olhar para o seu rosto. Ele teve que cobrir a sua face com um véu.

Podia esperar-se que, depois de tudo isto, ele ficaria selado contra a tentação de se entregar à pena de si próprio e murmuração contra Deus. Mas não o fez, como o relato demonstra. Ele parecia ter perdido de vista as maravilhosas revelações da justiça e poder de Deus. Foi como se nunca tivesse passado aqueles oitenta dias com Deus no monte.

Que solene advertência está contida nesta história! Se Moisés pôde falhar daquela maneira, então onde nos situamos nós que recebemos muito menos vantagens espirituais do que ele. Somos levados agora a compreender que nunca podemos por um momento descansar no pensamento que estamos imunizados contra a tentação. Constante vigilância deve ser mantida contra os enganos do inimigo.

Sempre que tiremos os olhos da Fonte e os fixemos em nós mesmos e nas nossas dificuldades, podemos estar certos que os nossos fardos aumentarão em intensidade. Aparentemente crescerão cada vez mais até encherem toda a nossa consciência de modo que não haverá espaço para qualquer outra consideração. A inevitável e inescapável consequência disto é que a incredulidade tomará o lugar da fé, e serão tomadas atitudes que atingirão seriamente a obra do Senhor. Assim foi no caso de Moisés!

Quando ele pronunciou a incrédula oração e murmuração egoísta, Deus, ainda que soubesse que a solução, apesar de a princípio beneficiar Moisés e Israel, em breve traria graves males ao acampamento, aceitou a súplica de Moisés e encarregou-o de nomear os setenta.

"O Senhor atendeu-lhe à oração e ordenou-lhe convocar dos anciãos de Israel setenta homens, não somente avançados em idade, mas que possuíssem dignidade, juízo são e experiência. 'E os trarás perante a tenda da congregação, e ali se porão contigo,' disse Ele. 'Então Eu descerei e ali falarei contigo e tirarei do espírito que está sobre ti e O porei sobre eles: e contigo levarão o cargo do povo, para que tu só o não o leves.'" {PP 274}, *Patriarcas e Profetas*, 397.

Esta foi a solução de Deus para o problema, mas saliente-se que a nenhum dos setenta seria dada essa posição se não fosse a incredulidade de Moisés. Foi a sua quebra de fé que resultou na eleição dos setenta. Isto torna-se claro no parágrafo a seguir ao que acabámos de citar.

"O Senhor permitiu a Moisés escolher por si mesmo os homens mais fiéis e aptos para com ele participarem da responsabilidade. Sua influência ajudaria a sustar a violência do povo e sufocar a insurreição; contudo, graves males resultariam finalmente de sua promoção. *Eles nunca teriam sido escolhidos caso Moisés houvesse manifestado uma fé que correspondesse às provas que tivera do poder e bondade de Deus*. Mas ele *exagerara* seus encargos e trabalhos, quase perdendo de vista que era apenas o instrumento pelo qual Deus operara. Não tinha desculpa por condescender, por pouco que fosse, com o espírito de murmuração, que era a maldição de Israel. Se tivesse depositado inteira confiança em Deus, o Senhor tê-lo-ia guiado continuamente, e lhe teria dado forças para toda emergência."

Assim, a Palavra de Deus torna abundantemente claro que os setenta tal como Aarão, nunca teriam sido apontados para a sua especial posição se Moisés não tivesse sido incrédulo. Mas, uma vez que o foram, apesar dessa eleição nunca devesse ter acontecido, e ainda que eles devessem trazer grande dano à obra do Senhor, Ele honrou-os do mesmo modo. Os setenta continuaram para eventualmente se tornarem o sinédrio, o mais poderoso corpo de homens na

organização judaica, e o grupo que condenou Cristo à morte e induziu os romanos à Sua crucificação. Que pior resultado do que esse poderia ser imaginado.

O testemunho que a seguir se considerará é a troca da teocracia em Israel por uma monarquia, um reino como os reis à sua volta. O movimento começou com o povo que, tomando como pretexto o comportamento corrupto dos filhos de Samuel, pediu um rei semelhante aos que se encontravam nas nações vizinhas. Samuel entristeceu-se por este desenvolvimento e com um coração quebrantado levou o assunto ao Senhor.

Ninguém melhor do que Jeová sabia o que o povo estava na realidade a trazer sobre si mesmo, e, no Seu ilimitado amor e misericórdia, deu instruções a Samuel para claramente lhes mostrar o que o rei lhes iria impor. Foi uma descrição verdadeira destinada a evitar que cometessem um erro tão terrível. Primeiramente foram informados que o monarca tomaria os seus filhos e filhas para cultivarem os seus campos, guiarem os seus exércitos, e, em geral, cuidar dos interesses do rei não importando quais pudessem ser as necessidades do povo. Seguidamente, foram avisados que ele tomaria o melhor das suas terras, hortas, e vinhas, para si mesmo, tornando-se desse modo rico à custa dos seus súbditos.

Então o Senhor advertiu-os solenemente: "Então naquele dia clamareis por causa do vosso rei que vós houverdes escolhido; mas o Senhor não vos ouvirá naquele dia." *1 Samuel* 8:18.

Quando o Senhor disse estas palavras, estava a avisá-los que era muito mais fácil entrar num casamento do que dissolvê-lo. Por outras palavras, uma vez que tivessem instituído um reino, então o Senhor conheceria e honraria uma nova ordem de coisas até à morte desse reino, um acontecimento que teve lugar quando os judeus rejeitaram o seu Messias e O crucificaram. O novo movimento que nasceu por Cristo e Seu ministério através dos apóstolos acabou para sempre com a ideia de um reino terrestre.

Apesar destes solenes avisos, o povo insistiu que o Senhor lhes desse um rei como está escrito: "Porém o povo não quis ouvir a voz de Samuel; e disseram: 'Não, mas haverá sobre nós um rei.

"'E nós também seremos como todas as outras nações; e o nosso rei nos julgará, e sairá adiante de nós e fará as nossas guerras.'" *1 Samuel* 8:19, 20.

Foi então e apenas então em face da insistência do povo, que o Senhor lhes escolheu um rei. Como demonstração de Seu desacordo com aquilo que eles fizeram, Ele escolheu um homem da tribo de Benjamim e não de Judá, a tribo à qual pertenciam as promessas da realeza. Enquanto, inicialmente o plano parecesse dar certo, não demorou muito até que o nobre rei Saul se tornasse desagradável, déspota, provando a verdade das palavras do Senhor.

Por que, contra o melhor aviso que lhes podia ter sido dado da maior e mais fiável fonte possível, estava o povo tão determinado a ter o seu rei?

Foi porque eles estavam amaldiçoados com um ímpio coração incrédulo. Ainda que sem qualquer justificação, perderam confiança em Deus com seu Guia e desejavam uma autoridade visível em lugar da invisível. Incredulidade no caso de Moisés levou à eleição de Arão primeiramente e mais tarde dos setenta anciãos. Assim foi a incredulidade que obrigou a apontar o primeiro rei de Israel. Se não tivesse esta triste queda espiritual em Israel que datava da altura em que eles adquiriram espadas e outras armas, nunca teria havido um chamamento de um rei, e nunca nenhum lhes teria sido dado.

Mas, ainda que o assunto tivesse nascido da incredulidade, e estivesse contrário aos princípios divinos, como sempre, Deus foi a segunda milha e deu-lhes o que eles pediam. Ainda mais, não numa base de experiência, pois Deus não acredita em casamentos experimentais. Com Ele, o casamento é para sempre. Portanto, uma vez que lhes tivesse dado o seu rei, respeitaria a nova ordem de coisas enquanto ela durasse.

Como mencionado no último capítulo, "O Casamento É para Sempre", Davi mostrou que compreendeu estes princípios recusando tirar a vida do rei quando lhe foi apresentada a oportunidade para o fazer em duas ocasiões.

O último exemplo que consideraremos neste capítulo é o de Judas, já examinado em alguns aspectos no capítulo. O ponto a ser aqui salientado é que, se os onze discípulos tivessem sido abençoados com simples, confiante fé em Jesus, Judas nunca teria sido escolhido. Esses homens sentiram que Judas era precisamente o homem certo para ter uma boa influência sobre as classes dirigentes, e positivamente insistiram na sua presença entre eles como os judeus

Deus nunca teve intenção que fosse estabelecida uma monarquia em Israel, porém, quando o povo insistiu nela, o Senhor deu-lhes o rei deles. Desde essa altura, o Senhor trabalhou com cada rei tanto quanto possível até a monarquia chegar por si mesma ao seu próprio fim.

nos dias de Samuel pediram um rei. Pelas mesmas razões, e pela operação dos mesmos princípios, que Deus lhes deu um monarca terrestre, Cristo aceitou Judas como discípulo. Uma vez feito isto, ainda que este homem tivesse sempre manipulando as coisas para seu próprio proveito de acordo com as suas acanhadas ideias, Jesus em nada o privou daquilo que deu aos outros discípulos. Quando os discípulos foram enviados na sua viagem missionária, Judas foi enviado com eles capacitado do mesmo poder para expulsar demónios, curar doentes, e pregar o evangelho. Obviamente, Jesus sabia que Judas pregaria a sua versão do evangelho dando ênfase à grandeza e glória de um reino terrestre em vez de ao espiritual reino da graça.

Contudo, sabendo tudo isto, uma vez que essa união com Judas como obreiro tenha sido estabelecida, Cristo reconheceu-a, respeitou-a, e sem violar os seus próprios princípios, relacionou-se com Judas como se ele estivesse fazendo tudo correctamente. Por outras palavras, Jesus nunca deixou que o fracasso de Judas para cumprir as suas responsabilidades O afectasse de qualquer forma na Sua

relação com Judas. Isto é sem dúvida o melhor exemplo deste princípio de operação encontrado em qualquer parte na história.

Há uma aparente contradição neste princípio para a qual voltaremos agora a nossa atenção.

Por necessidade, deveriam ser doze o número de apóstolos tal como havia doze tribos em Israel. Assim, quando Judas tirou a sua própria vida, havia uma vaga a ser preenchida, uma tarefa levada a cabo pelos discípulos de Cristo depois da ascensão de Jesus, pouco tempo antes do Pentecostes. O relato disto é encontrado em *Atos* 1:15-26. Pedro dirigiu. Citando Escrituras para defender a sua posição, ele advertiu a igreja que o lugar deixado vago por Judas devia ser preenchido e dois nomes foram propostos — Justo e Matias. Depois de orarem para que o Senhor os guiasse na escolha do homem certo, lançaram sortes, e Matias foi escolhido. Desde então, ele era tido como o substituto de Judas.

É bastante surpreendente que eles pudessem ter tomado uma tal obra sobre si mesmos quando deviam ter deixado isso inteiramente nas mãos de Cristo. Eles necessitavam apenas de recordar que aqueles discípulos a quem Cristo tinha escolhido eram verdadeiros e fiéis, enquanto aquele que foi apresentado a Cristo provou ser infiel. Eles deviam ter lembrado que nunca tinham recebido qualquer incumbência para chamar alguém para a obra de Deus, mas tinham sido plenamente ensinados a "... Rogar ao Senhor da seara que mandasse ceifeiros para a sua seara." *Mateus* 9:37, 38.

Apesar destas claras instruções, pouco tempo depois de Jesus Se ausentar deles, tomaram a Sua obra sobre si mesmos e estavam confiantes que tinham a direcção e aprovação de Deus no ponto de crerem que Matias era na verdade o substituto de Judas.

Porém, o Senhor manifestou que não participou desta convicção. Não há uma sugestão do Seu reconhecimento de Matias. Pelo contrário, pouco tempo depois do Pentecostes, o Senhor escolheu outra pessoa, Paulo, para ser o décimo segundo apóstolo. Nunca mais se ouviu falar de Matias.

Há vários factores presentes na escolha de Matias que também marcaram o chamamento de Arão, os setenta anciãos, o rei Saul, e Judas, contudo, não verificamos que o Senhor desse a Matias o mesmo reconhecimento que deu aos outros. Deve haver uma razão muito válida e importante para isto e há.

Nos casos enumerados acima excepto Matias, o Senhor pessoalmente escolheu alguém para preencher a posição tornada necessária por causa da incredulidade. Foi Deus que escolheu Arão; disse a Moisés para apontar os setenta anciãos; escolheu Saul pelo nome; e aceitou Judas entre os doze. Ele não apareceu nas respostas às orações para a nomeação de Matias como o escolhido. Nenhuma relação activa se formou entre Deus e Matias como houve entre Deus e Arão, os setenta, etc. Portanto, o Senhor estava livre de quaisquer obrigações a respeito de Matias, e podia escolher quem quer que Ele desejasse para a posição, pois, no que Lhe diz respeito, Matias não estava admitido para o ofício do décimo segundo apóstolo. (Vede *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, páginas 360-368, Cap. 24.)

Por este e outros exemplos o Senhor confirmou pela boca de duas ou três ou mais testemunhas exactamente como Ele se relaciona com alguém com quem Ele tenha formado um activo relacionamento. Assim fazendo, Ele tem mostrado precisamente como nos devemos relacionar com o companheiro com quem nunca nos devíamos ter juntado no primeiro caso. Ele assegura-nos que, uma vez

efectuado o casamento, o caminho de Deus é para nós honrar a ligação até que a morte dissolva a união. Somente se a pessoa recusa o caminho de Deus e inicia um divórcio podemos ser libertados de quaisquer responsabilidades no que respeita a esse relacionamento.

Quando alguém está sofrendo dentro de uma ligação que à partida nunca devia ter sido formada, é muito tentador para esse ver na dissolução dessa ligação, a solução do problema. Para ele seria um imenso alívio ser libertado de um casamento não compensador, que não satisfaz, e ser liberto para recomeçar numa base correcta. Por conseguinte, isto vem como um grande teste para compreender que o Senhor não tenha provido este meio de escape. Em vez disso, Ele disse-nos que afastássemos das nossas mentes todos os pensamentos de separação e novos começos. Devemos compreender que o casamento é para toda a vida, e que, pela graça de Deus, podemos dar a mesma elevada e nobre demonstração de amor que Jesus deu. Amar quando esse amor não é retribuído, é a maior demonstração do divino amor. Outros podem ter formas mais fáceis para legitimar, a felicidade terrestre, mas vós tendes a nobreza que traz a maior felicidade e satisfação.

Capítulo 18

Mais Considerações Sobre o Casamento

Nos dois capítulos anteriores, foi salientado que o divórcio nunca vem do cristão, mas significa isto que o crente está obrigado a viver com um opressor cruel companheiro de casamento independentemente de como ele ou ela sejam tratados? Quando o cristão fez honesta e sinceramente tudo o que era possível fazer para que o casamento resultasse e apenas foi tratado com violência física; imoralidade e outras formas desonestas, deve ele ou ela permanecer numa tal situação para sempre? Não deu Deus escape para tão trágicos relacionamentos?

Se não houvesse escape para tais drásticas situações, muitos veriam o seu futuro com desalento embora possuam uma nobre boa vontade para sofrer pela causa de Cristo e dêem uma demonstração do infinito e persistente amor para com o mundo à sua volta. Ao mesmo tempo, será alcançado um ponto para além do qual será impossível continuar, tal como Cristo demonstrou quando Se retirou para sempre de um povo que tinha de forma assinalada demonstrado que não desejava a Sua presença ou o Seu ministério.

Virá, então, um tempo em que o cristão, tal como o seu Salvador e Exemplo; é deixado sem opção senão separar-se. É quase impossível marcar o ponto exacto onde a separação dos caminhos chegou, mas nós verdadeiramente temos conselho para o facto que uma mulher não é obrigada a submeter-se a si mesma a um perigoso domínio, mas deve fugir do seu perseguidor. A irmã White escreve a uma mulher maltratada como se segue:

"Recebi tua carta, e em resposta direi: Não aconselho o teu retorno a D., a menos que vejas nele decidida mudança. O Senhor não Se agrada das idéias que ele tem tido quanto ao que é devido a uma esposa. ... Se [ele] mantém suas opiniões anteriores, o futuro não te será melhor do que o foi o passado. Ele não sabe como tratar uma esposa.

"Sinto-me muito triste com isto. Penaliza-me naturalmente por D., mas não posso aconselhar-te a voltares para ele contra o teu discernimento. Falo-te com a mesma sinceridade como falei a ele; ser-te-ia perigoso colocar-te outra vez debaixo de sua ditadura. Eu esperava que ele mudasse..." *O Lar Adventista*, 343.

Em primeiro lugar, pareceria que este conselho está em contradição com a prática estabelecida de Jesus nunca se separar de alguém não importa quão pecadora essa possa ser. Mas não há qualquer contradição, desde que as acções e conselhos de Cristo sejam correctamente compreendidos. A chave está no facto que, enquanto Cristo nunca abandona uma única alma por quem morreu, ao mesmo tempo nunca força a Sua presença onde ela não é desejada.

Portanto, quando os judeus demonstraram de forma tão clara que O odiavam e àquilo que Ele defendia, Cristo aceitou a vontade deles a esse respeito e permitiu-lhes que eles O separassem deles. Assim, quando Ele era perseguido num lugar, simplesmente deixava a área e viajava para outra, uma acção que alguns veriam como uma separação da parte de Cristo destes incrédulos. Mas o facto real é que eles, ao forçarem a Sua partida, tinham-n'O separado de si. Tinham-n'O afastado para longe, e no cortês respeito pelos seus direitos de O aceitarem ou rejeitarem conforme escolhessem, Cristo não mais caminhou com eles nesse lugar. Assim eles, não Ele, idealizaram a separação e divórcio.

Semelhantemente, as instruções de Cristo são: "Quando pois vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra;..." *Mateus* 10:23.

Aquilo que começou como um casamento feliz e promissor com muita frequência termina em trágica separação e eventual divórcio. Há momentos em que o verdadeiro filho de Deus não pode impedir isso quando o parceiro é ou se tornou um incrédulo, mas a separação nunca vem do lado do verdadeiro cristão, assim como Deus nunca se divorcia nem abandona ninguém. Somos nós que O abandonamos; nunca é Ele quem nos abandona!

"A vida dos obreiros talvez corra perigo da parte dos que são manejados por Satanás. Cabe-lhes então o privilégio de seguir o exemplo de seu Mestre, retirando-se para outro lugar. 'Não acabareis de percorrer as cidades de Israel,' disse Cristo, 'sem que venha o Filho do homem.' Mateus 10:23. Passem os obreiros da verdade a outro campo. Aí poderá haver uma oportunidade mais favorável para o trabalho, e talvez semeiem com êxito a semente da verdade, segando a messe. A notícia dêsse êxito chegará ao lugar onde o trabalho aparentemente mal-sucedido, e o próximo mensageiro da verdade que ali for, receberá melhor acolhimento." *Obreiros Evangélicos*, 410.

"Como a luz e a vida dos homens foi rejeitada pelas autoridades eclesiásticas nos dias de Cristo, assim tem sido rejeitada em todas as subsequentes gerações. A miúdo se tem repetido a história da retirada de Cristo da Judéia. Quando os reformadores pregavam a Palavra de Deus, não tinham idéia alguma de se separar da igreja estabelecida; os guias religiosos, porém, não toleravam a luz, e os que a conduziam eram forçados a buscar outra classe, a qual estava ansiosa da verdade. Em nossos dias, poucos dos professos seguidores da Reforma são atuados pelo espírito da mesma. Poucos estão à escuta da voz de Deus, e prontos a aceitar a verdade, seja qual for a maneira por que se apresente. Muitas vezes os que seguem os passos dos reformadores são forçados a retirar-se da igreja que amam, a fim de declarar o positivo ensino da Palavra de Deus. E muitas vezes os que estão à procura da luz são, pelos mesmos ensinos, obrigados a deixar a igreja de seus pais, a fim de prestar obediência." {DTN 154}, *O Desejado de Todas as Nações*, 210.

Notai cuidadosamente que os Reformadores não tinham pensado em separar-se a si mesmos das igrejas nem um tal pensamento se desenvolveu nas suas mentes.

Eles foram "*forçados a procurar outra classe*"; "*forçados* a abandonar as igrejas que amavam"; e foram "*obrigados* a deixar a igreja de seus pais".

Deve ser salientado que não foram os Reformadores e aqueles que se lhes juntaram, mas os que rejeitaram a verdade de Deus que iniciaram e obrigaram à separação. Assim será sempre quando os verdadeiros princípios cristãos são seguidos, quer na separação imposta a alguém pela igreja ou por um opressor companheiro de casamento não cristão.

Não pode ser realmente determinado pelo cristão em causa exactamente quando o ponto foi alcançado em que nenhuma outra opção é deixada senão aceitar a separação e eventual divórcio. Somente o Altíssimo, Todo-sabedoria, Planeador pode reconhecer com infalível certeza quando chegou o momento, e d'Ele devemos depender para tomar a decisão exigida.

Isto é confirmado pelo facto que Deus escolheu a altura, o mensageiro e a mensagem do segundo anjo que anunciou a queda de Babilónia, e o facto que os crentes não mais tinham um lugar no seu meio. A acção apropriada então de cada crente tinha que aceitar a rejeição das igrejas caídas e deixá-las como indicado.

É responsabilidade do cristão assegurar-se que esse amável esforço foi feito para assegurar que a separação, se e quando ela vem, toma lugar *apesar dos* melhores esforços efectuados para salvar o relacionamento e não por causa de qualquer mau comportamento da parte dele ou dela. É necessário contínuo, cuidadoso, honesto exame de alma para assegurar que um espírito errado não se infiltrou. Uma vez persuadidos que a outra pessoa do casamento vos tem perturbado o suficiente, há a natural mas má tendência para olhar com satisfação e esperança para aquelas evidências que indicam maior deterioração das atitudes e obras da outra pessoa. O único desejo que devia ser acariciado é que o faltoso ainda venha a arrepender-se e a unidade seja restaurada. Se vós manifestais o espírito de Cristo e em todas as coisas entregais a vossa vida à Sua direcção, então podeis absolutamente descansar que sereis seguramente guiados através destes movimentos difíceis. Nem por um momento mais do que o necessário o Senhor vos manterá onde tereis que sofrer dor, frustração, e tristeza.

Outra situação a ser considerada diz respeito aos que se divorciaram e voltaram a casar-se antes de ouvirem estes princípios e os terem aceite. Os seus cônjuges anteriores também voltaram a casar-se. A primeira questão que se levanta é esta:

O que se deveria fazer agora? Deviam quebrar os seus novos relacionamentos e voltar aos seus cônjuges anteriores ou deviam respeitar os seus presentes relacionamentos?

Eu não creio que exista uma obra editada que cubra todas as situações neste campo, embora tenhamos instruções específicas considerando a situação de uma mulher que, depois de ter sido repudiada pelo marido, volte a casar.

"Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela se achar cousa feia, ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa.

"Se, pois, saindo da sua casa, for, e se casar com outro homem,

"E este último homem a aborrecer, e lhe fizer escrito, de repúdio, e lho der na sua mão, e a despedir da sua casa, ou se este último homem que a tomou para si por mulher, vier a morrer,

"Então seu primeiro marido, que a despediu não poderá tornar a tomá-la, para que seja sua mulher, depois que foi contaminada; pois é abominação perante o Senhor; assim não farás pecar a terra que o Senhor teu Deus te dá por herança." *Deuteronómio* 24:1-4.

Além do mais, embora a pessoa que se divorciou e voltou a casar possa estar preparada para quebrar o casamento actual como uma questão de, não de conveniência ou desejo, mas por princípio, e voltar a casar de acordo com o padrão original, seria algo raro verificar que o primeiro cônjuge fosse capaz de o fazer, especialmente se ele ou ela não fosse convertido. Cada caso teria que ser levado perante Deus pedindo as Suas instruções pessoais, mas geralmente falando, o melhor é deixar o actual relacionamento continuar.

Uma coisa é certa, e isso é que aqueles que, nos dias da sua ignorância não seguiram o exemplo de Cristo quando se separaram dos seus esposos, deviam experimentar uma experiência genuína pelo caminho que seguiram. Deviam sentir uma convicção definida de que, se pudessem voltar atrás e voltar a viver o passado, permaneceriam fiéis ao seu cônjuge original de quem não se separariam a não ser que fossem forçados a partir.

Consideraremos agora a vasta diferença de atitudes entre aqueles que não compreendem o exemplo de Cristo de nunca abandonar quem quer que entrou num relacionamento com Ele, e aqueles que o fazem. A pessoa que entra em matrimónio com o pensamento de que, se não der certo, pode ser arranjado o divórcio e ser feita outra tentativa, tomará as responsabilidades maritais muito ligeiramente. Esta atitude condena virtualmente o relacionamento ao fracasso como é evidenciado pelo largo número de pessoas que, por crerem nesta filosofia, têm contraído matrimónio atrás de matrimónio.

Mas quando se compreende que a união de duas vidas nos laços do matrimónio é um relacionamento para sempre e nunca para ser separado pelo divórcio, então compreende-se que o maior cuidado deve ser tomado para assegurar que a escolha do parceiro é de facto aquele com quem se pode viver para sempre e a quem se pode amar para sempre, e que a mesma pessoa pode viver convosco e amar-vos com a mesma intensidade e fidelidade. Se suficiente cuidado não é tomado para assegurar que a escolha certa é feita, e se estais decididos a nunca vos separardes, então quase inevitavelmente casareis com a pessoa errada e estareis em escravidão para o resto das vossas vidas.

Depois da vossa decisão para aceitar Cristo como vosso Salvador, a decisão para casar com alguém é o passo seguinte mais importante que podeis dar. É portanto,

muito importante que apenas Deus o possa sabiamente fazer por vós. A única segurança é cada pessoa aplicar fielmente os princípios do repouso de modo que apenas Deus seja o Planeador.

Os princípios gerais de operação do repouso do Sábado de Deus estão registados em detalhe no livro, *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, que se pode obter na Destiny Press. Em resumo, os passos a aplicar na escolha do parceiro de casamento são os seguintes:

- Tornar-se um verdadeiro e inteligente crente na mensagem e estabelecer os seus princípios de operação em todas as coisas na sua vida.
- Acreditar que o Senhor planeou cada detalhe do vosso futuro incluindo se vos casareis ou não, e precisamente quem deve ser o parceiro de casamento.
- Uma vez que o problema esteja nas Suas aptas mãos, ponde de lado toda a especulação quanto a quem possa ser o vosso futuro esposo, afastai o assunto da vossa mente e continuai eficientemente na obra dos vossos presentes deveres que o Senhor vos designou.
- Então, exactamente na altura e local certos, o Senhor far-vos-á chegar ao conhecimento com aquele que será a Sua escolha para vós. Isto não quer dizer necessariamente que seja uma perfeita harmonia, mas quer dizer que o Senhor proverá a pessoa mais capaz possível, e tal casamento certamente será bem-sucedido uma vez que ambas as partes compreendem e vivem os princípios do casamento.

Demos agora consideração ao perigo de assumirmos que, por causa do nosso parceiro ser um cristão dedicado entregue ao princípio de nunca iniciar uma separação ou um divórcio, o vosso casamento não sofrerá se sentirdes que podeis fazer o que vos apetece impunemente. Mesmo se ambos forem cristãos dedicados, poderão haver alturas em que sentireis pressão para não vos submeterdes a uma situação ou outra, devido a alguma área de incompatibilidade, e podeis ser tentados a tomar vantagem da dedicação expressa pelo vosso esposo. Não cometais tão insensato erro. Em vez disso, embora deveis confiar que o vosso esposo cristão nunca iniciará uma separação, lembrai-vos que Satanás é um inimigo incansável que observa cada momento por uma oportunidade para destruir os representantes do carácter e governo de Deus no casamento. O conselho de Cristo de observarmos e orarmos é certamente muito necessário neste assunto.

É seguro dizer que, se o vosso esposo não for cristão, um dos caminhos mais certos para o perder ou perdê-la é tomar o relacionamento como seguro, e assumir que, uma vez realizados os votos do casamento, o vosso companheiro é praticamente vosso prisioneiro para toda a vida, deixando-vos livres de dar pouca atenção aos sentimentos do vosso esposo ou esposa. Mais do que uma vez vi casamentos em que um dos dois olhava o outro como uma possessão que nunca poderia escapar ou tornar-se propriedade de outro. As pessoas que tinham estas ideias eram muito indiferentes às necessidades da outra pessoa e partilhavam com o esposo ou esposa apenas as actividades em que eles mesmos estavam interessados.

Quando a previsível separação veio; quando foi descoberto pelo infeliz esposo ou esposa que o outro partira para nunca mais voltar; grande foi na verdade a consternação. Parecia inacreditável para o abandonado, que, é claro, atribuía a culpa ao outro como sendo aquele que tinha quebrado a lei, que tinha sido o infiel.

As pessoas precisam ser apreciadas, queridas e amadas, incluindo maridos e mulheres. Que nenhum cometa o erro de tomar o outro como garantido. Mesmo que o vosso companheiro nunca vos abandone, grande será a perda se dais uma pequena contribuição para o casamento.

As pessoas precisam ser apreciadas, amadas e desejadas. Mantende o amor vivo com expressões simples, genuínas e naturais de afecto.

"O amor não pode existir por muito tempo sem se exprimir. Não permitais que o coração do que se acha ligado convosco pereça à míngua de bondade e simpatia.

"Embora possam surgir dificuldades, perplexidades e descoroçoamentos, nem o marido nem a esposa abrigue o pensamento de que sua união é um erro ou uma decepção. Resolva cada qual ser para o outro tudo que é possível. Continuai as primeiras atenções. De todos os modos, anime um o outro nas lutas da vida. Procure cada um promover a felicidade do outro. Haja amor mútuo, mútua paciência. Então, o casamento, em vez de ser o fim do amor, será como que seu princípio. O calor da verdadeira amizade, o amor que liga coração a coração, é um antegozo das alegrias do Céu.

"Em torno de cada família existe um círculo sagrado que deve ser mantido inviolável. Nenhuma outra pessoa tem o direito de entrar nesse círculo. Nem o marido nem a esposa permitam que outro partilhe das confidências que somente a eles pertencem.

"Dê cada um amor, em vez de exigi-lo. Cultive aquilo que tem em si de mais nobre, e esteja pronto a reconhecer as boas qualidades do outro. É um admirável estímulo e satisfação saber alguém que é estimado. A simpatia e o respeito animam na luta em busca da perfeição, e o próprio amor cresce à medida que estimula a propósitos mais nobres." *A Ciência do Bom Viver*, 360, 361.

Finalmente neste capítulo, deve ser feita a distinção entre amor com companheirismo, e amor sem ele. A diferença vital foi tornada clara para mim há alguns anos quando diversas pessoas vieram apresentar-me um problema muito sério de relações humanas. Todos trabalhavam na mesma fábrica com um número de pessoas que não tinham qualquer respeito pelo evangelho. Consequentemente, não tinham interesses em comum, nem áreas em que pudessem experimentar as mesmas experiências, nem assunto de boa conversação. Tão grande era a

disparidade que o desacordo começou a desenvolver-se e levou à animosidade e ódio. A situação tornou-se cada vez mais tensa, e era muito desagradável.

Os crentes em Jesus estavam tristes pela presença em si destes sentimentos e concluíram que eles não estavam certos para com o Senhor. Então, escutaram uma apresentação da confissão aceitável, do mesmo autor deste livro. Ouviram que o problema real enfrentado pela pessoa não é o que faz mas aquilo que é, e que, se queremos ser libertados destes problemas, devemos confessar o que somos e o que fizemos. Depois, enquanto entregamos o ódio ao Senhor, Ele literalmente remove o mal criando assim um espaço vazio, um vácuo, no qual Ele então coloca o Seu infinito amor. Quando este infinito amor toma o lugar do nosso ódio, respondemos à pressão dos nossos inimigos com um espírito de amor em vez de um espírito de ódio.

Estas almas honestas entenderam estes princípios como pão do Céu, e, para sua satisfação, viram que quando os aplicaram, todos os sentimentos de ódio e zanga foram banidos. Então voltaram a trabalhar esperando encontrar amor e união entre eles e os outros trabalhadores que não faziam profissão de fé cristã. Para seu espanto, viram que ainda não havia qualquer comunhão entre eles, e o companheirismo era impossível. De novo ficaram confusos e de certo modo desorientados. Embora pudessem contar que tinha havido uma mudança neles e que podiam agora relacionar-se com os seus antigos inimigos com um espírito de amor, sentiam ainda que havia um grande abismo entre eles e os seus companheiros de trabalho. Sentiam que isto não devia ser assim.

Mas não podia ser de outro modo! Não é impossível haver companheirismo com aqueles cuja conversação é exclusivamente sobre coisas mundanas; cujos gostos são apenas carnais e sensuais; que não têm qualquer interesse em assuntos espirituais; cuja escolha musical é totalmente estranha a todo o princípio cristão; e que pensam apenas nesta vida momentânea, e sórdidos prazeres?

Paulo compreendeu que não pode haver comunhão entre esta classe de pessoas e os cristãos, por esta razão escreve ele:

"Ora Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará a nós pelo Seu poder.

"Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei pois os membros de uma meretriz? Não, por certo.

"Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz, faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne.

"Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito.

"Fugi da prostituição. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo." *2 Coríntios* 6:14-18.

Quando aqueles crentes voltaram ao trabalho depois de terem sido purificados do seu ódio, não havia mais base para comunhão do que antes de terem recebido o purificador ministério de Cristo. De facto, havia menos. Eles, tendo alcançado este plano de vida cristã mais elevado, teriam ficado assim ainda mais separados dos filhos das trevas com quem trabalhavam.

Mas isto não significa que não os amavam. O amor com certeza estava ali mas sem comunhão, Consequentemente, o divino amor que fluía dos crentes em Jesus não tinha ligação, nenhum acorde em resposta, nenhum positivo retorno, e nenhum espírito da mesma natureza. Esta é a relação mais difícil de suportar. Amor com comunhão entre dois da mesma fé, crença, princípios, interesses, e objectivos é muito belo e compensador. É a experiência que torna o Céu desejável.

É isso que Deus trará a todos os Seus filhos e no qual Ele os mergulha quando o pecado tiver desaparecido e o Seu reino eterno estabelecido.

Tão certamente como o Senhor conhece por experiência a dor de um casamento quebrado, assim também Ele compreende a tristeza e frustração do amor sem comunhão. Muito pouco compreendemos nós da intensidade e infinidade do amor de Deus. As Escrituras declaram que "... Deus é amor...." *1 João* 4:16.

Elas também afirmam que o Senhor nunca muda nem mesmo por uma sombra de variação. Vede *Tiago* 1:17.

Se estas verdades fossem tomadas pelo seu valor como deveriam ser então devia ser concluído que o amor de Deus é inalterável. Isso significa que, não importa o que possamos fazer contra Ele, o Seu amor por nós continua a ser o mesmo. Considerai isto a respeito de Lúcifer que se tornou Satanás, o diabo, e que fez mais mal ao reino de Deus do que qualquer outro ser que jamais existiu.

Antes da primeira sombra começar a formar-se na sua mente, enquanto ele ainda era um magnífico exemplo da perfeita obra criadora de Deus, o eterno Pai o amava com incomensurável intensidade. Quando aquelas obscuras dúvidas e então más suposições se formaram dentro do querubim cobridor, e quando ele fez a sua campanha por todo o Céu com o objectivo de destruir Jesus e reorganizar o reino, o amor de Deus por ele em nada foi afectado, mas a comunhão desapareceu. Eles caminhavam cada vez mais separados à medida que o caminho do maligno divergia mais e mais da vereda da justiça e verdade.

Então o ímpio ser afastou-se do Céu e os maus efeitos da sua administração tornaram-se visíveis em terríveis sofrimentos, doenças, torturas, etc. O Senhor odeia a iniquidade. Ele sentiu dor sem medida ao testemunhar o progresso deste cancro, mas o Seu amor pelo diabo era tão forte, tão verdadeiro, tão fiel como sempre havia sido. Mesmo quando Satanás torturava, difamava, e perseguia o precioso Filho unigénito de Deus até à morte, não houve alteração no Seu amor pelo anjo caído.

Alguns podem pôr em dúvida como Deus podia amar o diabo, mas o problema desaparece quando a natureza desse amor é compreendido. O amor humano normalmente ama enquanto esse amor é correspondido, mas morre para ser substituído pelo ódio quando a outra pessoa não responde do mesmo modo. Todavia, Deus ama independentemente de qualquer retorno. Assim Ele ama Satanás hoje tanto quanto jamais o amou. É por causa de amar os Seus piores inimigos que Ele pode pedir-nos que amemos os nossos inimigos também.

"Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo.

"Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem;

"Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz que o Seu sol se levante sobre justos e injustos.

"Pois, se amardes os que vos amam, que galardão havereis? não fazem os publicanos também o mesmo?

"E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os publicanos também assim?

"Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus." *Mateus* 5:43-48.

O divino amor que tem a sua fonte no coração de Deus é o maravilhoso atributo que o Pai eterno deseja implantar dentro de cada crente. Aqueles que são dotados com este incomparável dom serão capazes de lidar muito bem com um casamento

que se está a desfazer apesar dos seus dedicados esforços para o salvar. Essas pessoas verificarão que são capazes de continuar a amar sem em troca serem amadas, que serão capazes de sofrer a frustração e angústia de um amor sem comunhão. Enquanto todos nós desejamos amar com comunhão, aqueles a quem isso é negado podem regozijar-se no conhecimento que estão participando nos sofrimentos de Cristo, e estão revelando o Seu carácter, à medida que reflectem a imagem divina e moldam a sua vida à Sua semelhança.

"Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele." *Filipenses* 1:29.

"E de todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo em Seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra." {DTN 153}, *O Desejado de Todas as Nações*, 225.

Capítulo 19

Realizando o Renascimento

Chegamos agora ao ponto neste estudo da salvação das crianças em que estamos preparados para nos dirigirmos à importante questão de como assegurar que a criança seja renascida desde os seus primeiros momentos. Os pais prepararam-se cuidadosamente para o casamento; compreendem o propósito divino na sagrada relação que eles devem ter para o resto das suas vidas; dedicaram-se a si mesmos à tarefa de criarem filhos que sejam uma honra para Deus, para os seus pais, para a igreja e para a sociedade em geral; e o casamento realizou-se. O caminho foi preparado para a concepção e nascimento do filho.

Contudo, os jovens seriam prudentes em não assumir esta responsabilidade de imediato, mas darem tempo a si próprios a fim de organizarem a nova vida um com o outro, e assegurarem que tenham a fé e a experiência necessárias para garantirem que podem conduzir o bebé que ainda não nasceu ao novo nascimento.

Gerir com sucesso os desafios e as dificuldades que enfrentam o casal nos meses que se seguem ao casamento, é normalmente mais do que suficiente para tratar sem a adicional ansiedade da gravidez.

"Ao enfrentar o recém-casado par a vida com sua carga de perplexidade e cuidado, desaparece o romance com o qual tantas vezes a imaginação reveste o matrimónio. Marido e mulher ficam conhecendo mutuamente o carácter, como não lhes era possível conhecê-lo em sua associação anterior. É este um período assaz crítico de sua vida. A felicidade e utilidade de toda a sua vida futura depende de seguirem agora o devido procedimento. Muitas vezes descobrem no outro fraquezas e defeitos insuperáveis; mas os corações que o amor uniu descobrirão também excelências até então desconhecidas. Que todos procurem descobrir as virtudes e não os defeitos." *A Ciência do Bom Viver*, 360.

Este é na realidade um dos períodos mais importantes na experiência da vida de casados e é extremamente importante que o casal o ultrapasse completamente controlando o seu relacionamento. Reconhecendo isto, o Senhor deu instruções especiais a Israel para que um jovem no primeiro ano de casado fosse isento do serviço militar e do seu trabalho. "Quando algum homem tomar uma mulher nova,

não sairá à guerra, nem se lhe imporá carga alguma; por um ano inteiro ficará livre na sua casa, e alegrará a sua mulher, que tomou." *Deuteronómio* 24:5

Quando foi dado ao casal o tempo suficiente para se adaptarem um ao outro, então é altura de pensar e planear o seu primeiro filho. O momento da primeira e das concepções seguintes não deve ser deixado ao acaso, mas deve ser cuidadosamente planeado. O plano de ter o primeiro filho devia ser entregue ao altíssimo Planeador, a fim de ser realizado, adiado, ou abandonado segundo Ele indicasse. Este controlo do tempo é alcançado pelas necessárias precauções a fim de evitar a concepção antes do casal estar pronto para ela. Deve ser salientado que aqueles que não usam o conhecimento dos procedimentos de controlo actuais, mas crêem em Deus, em resposta à sua forte fé, evitarão realmente que uma concepção tenha lugar até que Ele decida a altura certa, verificarão que o Senhor definidamente não opera qualquer milagre para frustrar o resultado da lei natural. Desde que não sejam tomadas precauções para evitar o início de uma nova vida, enfrentarão uma gravidez mais cedo ou mais tarde.

Quando o marido e esposa crentes, que compreendem os princípios da salvação das crianças, enfrentam a questão de iniciar uma nova vida, desejarão tempo para se prepararem a si mesmos para o acontecimento.

Quanto mais profunda for esta preparação, mais certa será a realização bem-sucedida do objectivo desejado — a salvação da criança. O meu maior receio é que os jovens casais se aproximem desta responsabilidade de um modo demasiado superficial. É preocupante observar o que parece ser uma tendência de muitos classificados como crentes pensarem que tudo o que eles têm que fazer é deixarem-se guiar pelas correntes da oração dedicatória e o novo nascimento do bebé está assegurado. O que precisa ser compreendido é a necessidade de uma forte, activa, fé viva para penetrar as trevas com que o pecado nos tem envolvido e apoiar-se nos recursos da Omnipotência. Este tipo de fé apenas pode ser desenvolvida durante um período de tempo, no qual, activo exercício espiritual produz uma forte e viva ligação com o Altíssimo.

É pela fé e unicamente pela fé que o dom da vitória pode ser transmitido ao bebé acabado de ser concebido. A criança em si nesta fase do seu desenvolvimento não tem capacidade para compreender a palavra de Deus que é a base da crença e depende dos seus pais possuírem e exercitarem a fé necessária para a sua salvação. É uma grande traição ao bebé na sua completa incapacidade e total dependência, os seus pais através da incredulidade, indiferença ou ignorância, falharem em introduzir o mais essencial e valioso dom com que eles alguma vez podiam ser dotados!

Um enorme sentido de responsabilidade e um piedoso receio que eles de algum modo não cheguem ao ideal de Deus, devia ser possuído por toda a pessoa casada que contemple a tarefa de ser pai, seja o primeiro ou qualquer outro filho. Se este for o caso, o marido e a mulher sentirão a necessidade de tempo anterior à concepção a fim de assegurar que a sua fé tem força suficiente e o correcto carácter para garantir que a vida de Jesus Cristo seja de facto implantada no pequenino.

O primeiro passo da parte dos que aspiram ser pais é garantir que eles próprios sejam verdadeiramente renascidos, porque é impossível eles levarem os seus filhos onde eles próprios não estão. Que a experiência do novo nascimento foi alcançada na experiência do adulto apenas pode ser determinada pelo cuidadoso exame à luz da palavra de Deus. Isto é necessário, porque o diabo é muito astuto em

contrafazer verdadeiras situações. Ele pode fazer parecer que o indivíduo foi verdadeiramente renascido quando de facto apenas foi colocado um disfarce exterior à volta da velha natureza que ainda reside no interior.

Jesus não dirige as Suas ovelhas como fazem os pastores retratados nesta cena, nem acreditava em muitos rebanhos diferentes e em numerosos pastores. Ele é o grande Guia das Suas ovelhas e as reúne num movimento unido, ensinando uma grande verdade do evangelho – o poder de Deus para salvar do pecado.

Essa situação existe desde 1844 entre aqueles que têm realmente rejeitado a luz enviada do Céu por Deus. O problema está descrito nestas palavras: "Vi que os misteriosos sinais e maravilhas, e falsa reforma aumentariam, e se espalhariam. As reformas que me foram mostradas, não foram reformas do erro para a verdade; mas de mal para pior; porque aqueles que professam uma mudança de coração, apenas se cobriram com um manto religioso, que cobre a iniquidade de um coração ímpio. Alguns parecem ter sido realmente convertidos, de modo a enganar o povo de Deus; mas se os seus corações pudessem ser vistos, apareceriam tão negros como antes." *Present Truth*, 21 e 22 de Agosto de 1849. Citado de *Ellen G. White and Her Critics,* por F. Nichol, 222.

Quais são então as evidências de termos sido renascidos do alto e não fomos enganados pelo mesmo falso espírito?

Perguntai primeiramente de onde vem a experiência. Se a fonte foi a verdade, então podemos estar seguros que ela veio de Deus, porque "... Conhecereis a *verdade* e a *verdade* vos libertará". *João* 8:32.

Isto significa que se a mensagem que trouxe a maravilhosa, brilhante experiência que agora estais gozando veio de um mensageiro que rejeitou a salvadora verdade, então é altamente suspeito. A dificuldade disto é o reconhecimento com exactidão e certeza onde a salvadora verdade está sendo ensinada presentemente. Há tantas vozes que estão reivindicando a divina missão de espalhar o evangelho da paz e salvação, que não é fácil determinar quem é de facto abençoado com a aprovação e guia divina. Quão simples seria se a voz de

Satanás fosse tão obviamente diferente da voz de Deus que não fosse difícil discernir qual é qual.

Contudo, ninguém necessita de ficar desanimado com o pensamento que é impossível distinguir a diferença entre a verdade e o erro. As promessas são, "... *Conhecereis* a verdade e a verdade vos libertará...", e "as Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, e Eu conheço-as, e elas Me seguem". *João* 10:27.

Toda a pessoa que seja rigorosamente honesta, está determinada a encontrar a verdade não importa o custo que ela tenha e que entregue o problema da sua procura nas mãos do Altíssimo Solucionador de Problemas, certamente sabê-lo-á quando ela lhe for levada. Porém, *aqueles* que estão procurando aquilo que querem ouvir e não estão preparados para aceitar as palavras de vida seja qual for o canal que o Senhor escolha enviar-lhes, verdadeiramente nunca encontrarão a luz.

Seja sempre recordado que o Senhor não está guiando todo o movimento que circula mesmo apesar de todos terem alguma verdade. Se a presença de alguma luz numa organização é justificação para procurar salvação nessa fonte, então teríamos permissão para assistir às reuniões de grande parte das igrejas anticristãs no mundo, pois invariavelmente elas ensinam maravilhosas verdades. Mas infelizmente, as verdades que elas ensinam estão misturadas com evidentes erros fatais para o desenvolvimento de uma viva experiência em Cristo. Assim a luz ali encontrada é uma tentação sedutora destinada a destruir almas.

O facto é que, embora todas as diferentes organizações tenham uma luz ou outra, a verdadeira igreja é identificada como a única onde todas estas verdades são encontradas colectivamente. Mais ainda, verdades desconhecidas a quaisquer destes grupos, são encontradas entre o povo de Deus que está sendo guiado pelo verdadeiro Pastor. Quando o Senhor tem qualquer luz a comunicar, não a revelará aos diferentes grupos, mas revelá-la-á apenas aos membros desse movimento que Ele está preparando para o grande dia de aflição e angústia que em breve virá sobre um mundo decadente. Isto significa que eles defendem e ensinam toda a luz que foi revelada até ao tempo presente, tão seguramente como permanecem fiéis à luz revelada, eles serão os recipientes de sempre contínuas revelações do Céu. Que estas coisas são assim é confirmado no seguinte testemunho:

"Os diferentes grupos de professos crentes do advento têm cada um deles um pouco de verdade, mas Deus deu todas essas verdades aos Seus filhos que estão sendo preparados para o dia de Deus. Ele tem dado verdades que nenhum desses agrupamentos conhece, nem entenderão. Coisas que para eles são seladas, o Senhor abriu aos que verão e estarão prontos a compreender. Se Deus tem alguma nova luz a comunicar, Ele permitirá que Seus escolhidos e amados a compreendam, sem que precisem ter suas mentes iluminadas pelo ouvir os que estão em trevas e erro." *Primeiros Escritos*, 124.

Jesus certamente não subscreveu a ideia de muitos movimentos diferentes, todos eles ensinando mensagens diferentes e todos chamados e guiados por Deus. Ele falou de um Pastor e de um rebanho. Ele disse: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz, e haverá *um* rebanho e *um* Pastor." *João* 10:16.

Uma vez que tenha sido determinado que a mensagem pela qual foi realizado o vosso novo nascimento veio de facto da pura Fonte através dos canais divinamente apontados, observai e comparai para terdes a certeza que todos os passos correctos foram dados na respectiva ordem sem faltar nenhum. Um conhecimento

da palavra de Deus, através da proclamação da verdade presente, gerou uma consciência muito real que éreis pecadores por natureza e na acção? Foi esta convicção de pecado seguida por um sincero arrependimento envolvendo um ódio ao pecado e um afastamento dele? Descobristes então que uma franca e aberta confissão foi feita enquanto as portas do coração eram abertas ao Senhor no Seu santuário?

Depois o que se seguiu? Lutastes com todas as vossas forças para obedecer a todos os mandamentos de Deus em perfeição, mas enfrentastes miserável fracasso. As palavras de *Romanos* 7 descrevem exactamente o desesperado, arrependido esforço seguido por muitos fracassos totais até que, em desespero, abandonastes toda a esperança de vitória e vos entregastes às misericórdias do vosso Salvador! Então, as maravilhosas promessas de Deus foram vistas por vós com uma glória, certeza e poder como nunca antes as vistes. Foi como se elas tivessem sido escritas apenas para vós, tão pessoais elas se tornaram. Tornastes a viver com fé, vistes que o vosso problema era aquilo que tínheis sido e não o que fizestes, entregastes ao Senhor a vossa pecaminosidade e em seguida alcançastes o dom proferido da Sua perfeita justiça. Nesse instante, o Senhor lavou a vossa impureza e em seguida implantou no interior a Sua vida divina. Fostes renascidos.

Nem todos têm igual intensidade de experiência, mas os elementos principais ainda ali estão presentes. Há alguns em quem o pecado estava mais profundamente entrincheirado e que encontraram uma luta maior para escapar da escravidão do que outros, mas quando aconteceu, a libertação foi mais profunda e dramática. Todavia, se a vossa foi uma transição mais tranquila, não quer dizer que foi menos real.

O que será verificado é que inicialmente, apenas pela fé sabereis que fostes libertados. Durante um curto período de tempo não haverá evidência visível que um poderoso acto de poder criador vos transformou. Em seguida o diabo inevitavelmente vos assalta com uma tentação antiga familiar destinada a testar a vossa fé naquilo que o Senhor fez. Se nascestes de novo e se neste ponto tendes a implícita fé que Deus vos libertou, o tentador não encontrará qualquer resposta do interior. Isto fornecerá uma evidência positiva que fostes salvos da escravidão do pecado e guiados a uma vida completamente nova.

Se passou um período de tempo entre serdes renascidos e o momento presente, haverá ocasiões entretanto em que densas nuvens de desânimo esconderam o Salvador da vossa vista, mas isto não significa que perdestes a maravilhosa bênção e sois de novo filhos de Satanás na necessidade de outra libertação. Cristo não perde facilmente os Seus direitos sobre aqueles que nasceram na Sua família e, quando a batalha está difícil, Ele está ali mesmo para defender e salvar. Não precisamos de voltar ao renascimento. É uma obra de reforma a que é necessária. As diferenças importantes entre estas duas obras estão explicadas em *Renascimento e Reforma* do mesmo autor.

Assim, uma vez satisfeitos por estardes renascidos, o passo seguinte é construir uma fé viva muito forte de modo que não exista fraqueza a este respeito quando o momento vital vier para orar para que o bebé não nascido seja abençoado com a libertação da escravidão do pecado e cheio da justiça de Cristo.

Começai por reestudar cuidadosamente a verdade que vos trouxe salvação. Lutai com oração para compreenderdes verdadeiramente como nunca os princípios que governam as operações do Pai, do Filho e do Espírito Santo, pela salvação do cativo pecador. Meditai nas grandes promessas vivas contidas nas

Escrituras até elas se tornarem elementos activos no vosso coração e na vossa mente. Reestudai toda a mensagem da salvação das crianças até que sejais arrebatados pela visão esplêndida dos maravilhosos potenciais implícitos nestes procedimentos e todo o vosso ser seja vivificado com a perspectiva de serdes pais de crianças que sejam abençoadas com a presença interior de Cristo desde os seus primeiros momentos.

Quanto mais diligentemente trabalhardes neste programa, mais segura será a salvação das crianças e mais poderosamente elas serão abençoadas e, por sua vez, serão uma bênção para todos a quem sirvam tanto nesta vida como na eternidade vindoura. As recompensas colhidas por aqueles que realmente fazem um decidido esforço estão além de qualquer descrição. Nada necessário pode ser considerado demais, tendo em vista os retornos que esse esforço trará.

Assim, com essa brilhante fé que estabelece um doce, profundo, tranquilo, duradouro repouso em Deus e com corações ligados na mais íntima unidade, que o marido e a esposa se aproximem da altura em que uma nova vida será formada no ventre dela. Enquanto operam em harmonia com as leis da natureza determinadas por Deus e através da activa aplicação dos princípios do repouso do sábado, deixai que o Senhor determine o momento exacto em a fecundação seja realizada.

Assim que se sabe que uma concepção ocorreu, chegou a hora dos pais se reunirem para interceder pela libertação do recém-concebido. Eles devem abordar esse ministério vital, sabendo que, por mais justos que eles mesmos tenham sido feitos pela mediação de seu Salvador, o seu bebé ainda está amaldiçoado pela natureza maligna do diabo e, portanto, é escravo do poder do pecado e na necessidade urgente de libertação. A importância de estar ciente disso não pode ser enfatizada demais.

É um entendimento que aqueles que crêem que um bebé é concebido perfeitamente inocente e não se torna um pecador senão quando comete a sua primeira transgressão, nunca podem ter, e portanto, nunca podem ser levados a ver a necessidade de um rápido renascimento. Houve apenas dois seres humanos que se tornaram pecadores quando cometeram uma acção de iniquidade e esses foram Adão e Eva. Todos os restantes de nós somos primeiramente pecadores por natureza e em segundo lugar pecadores pela acção. No caso de Adão e Eva, eles tornaram-se no que eram por causa daquilo que fizeram, ao passo que nós fazemos o que fazemos por causa daquilo que já somos. Os nossos primeiros pais foram criados em justiça mas tornaram-se pecadores, enquanto nós somos concebidos em pecado e devemos ser tornados justos se quisermos entrar no Céu.

O pecado é a nossa herança. Isto é assim por Adão ter perdido a sua justiça e imortalidade, e nada tinha para transmitir aos seus filhos excepto iniquidade e morte.

“Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos.” *Romanos* 5:19.

Foi pela transgressão de um homem que todos os outros foram feitos pecadores, mas isto não nos isenta por um momento. A consequência de ser pecadores quer seja falta nossa ou de outro, é a morte.

É fácil compreender que pais pecadores possam transmitir apenas uma herança de pecado aos seus filhos por causa da inflexível lei da hereditariedade ditar que os pais passarão aos seus herdeiros aquilo que eles mesmos têm, mas o que dizer

dos pais que foram libertados da velha natureza carnal e são abençoados com a nova vida de Cristo Jesus? Agora que eles literalmente possuem a própria justiça de Cristo, seguramente as mesmas leis da hereditariedade os capacitaria para conceder a nova natureza divina aos seus filhos.

Nesta Terra, todo organismo vivo brota de uma semente, e a lei inviolável é que cada um se reproduz segundo sua própria espécie. Isso significa que os pais transmitem aos filhos apenas o que eles próprios têm. Assim, quando Adão e Eva pecaram, eles somente puderam transmitir pecado e morte a seus filhos. Isto levaria a esperar que, quando recuperassem a justiça e a vida, pudessem transmitir esses dons aos seus filhos, mas há várias razões pelas quais eles não podiam. Somente Cristo é o produtor da semente na qual se encontra justiça e imortalidade. Somente Ele pode transmitir essas maravilhosas qualidades.

Esta é a conclusão que teríamos a tendência de tirar, mas a realidade dos factos é que, por um número de razões válidas, isto é impossível. A natureza divina é conferida apenas por Cristo directamente e nunca pela descendência de progenitores com início em Adão e Eva, os primeiros seres humanos a serem dotados da semente de Cristo da qual brotou a sua justiça depois da queda.

Vejamos primeiramente porque é favorável que cada pessoa que se torne um verdadeiro cristão, receba o dom de Cristo directamente e nunca por descendência.

Há apenas um ponto de tempo em que a pessoa pode receber uma herança dos seus pais e esse ponto é o momento da concepção. Depois desse momento, não importa quanto um filho possa lamentar não ter recebido certos característicos ou talentos dos seus pais, não há nada que possa ser feito para os adquirir. Tudo o que pode ser feito é tirar o melhor proveito daquilo que foi recebido nesse momento em que a vida do pai foi unida à da mãe.

Pensai no que isto significaria para as crianças dos pais não convertidos. No único instante de tempo em toda a eternidade em que eles podiam ter recebido a nova natureza, isto é, no momento da concepção, os seus pais não teriam essa

bênção em si mesmos e assim não a podiam dar aos seus filhos. Isto significaria que os filhos dos não convertidos estavam condenados. Eles nunca teriam tido uma oportunidade. Deus certamente nos oferece um plano de salvação melhor do que esse.

Alguns podem argumentar que aqueles que perdem a oportunidade de receber a nova vida na concepção de pais convertidos podiam ir a Cristo e recebê-la d'Ele mais tarde. Isto faria de Cristo uma mera cópia, uma segunda possibilidade à qual a pessoa que perdeu a primeira oportunidade podia recorrer.

Porém, o Senhor não tem meios alternativos para salvação. Há apenas um caminho para o Céu, não muitos caminhos e cada um deve encontrar e seguir esse caminho.

Um obstáculo adicional que torna quase impossível aos pais transmitirem a nova natureza aos seus filhos está no facto que, quando Adão e Eva pecaram, entregaram toda a família humana até ao fim do tempo na posse pessoal de Satanás. É por isto que ele é reconhecido nas Escrituras como "... o príncipe deste mundo...."*João* 14:30. Esta posição abriu a oportunidade para implantar a sua semente má em qualquer de nós, um direito do qual ele tem tirado a maior vantagem, de modo que, à parte de Jesus Cristo, não há uma única pessoa nascida de uma mulher que escapasse desta infecção.

Ora, é impossível receber a semente de Satanás e a de Cristo ao mesmo tempo, porque os dois não podem habitar juntamente no templo da alma. Portanto, somente um deles usa a oportunidade herdada e essa é sempre a natureza má, nunca a boa. Por conseguinte, tão certo como, em virtude do seu domínio sobre a raça humana, o diabo tem o primeiro direito de estabelecer a sua hereditariedade no embrião acabado de conceber, a transmissão da justiça dos pais neste instante vital está excluída e tem que esperar até, depois da concepção, a velha natureza ter sido erradicada. Então, tal como explicado antes neste livro, se os pais fizerem a sua obra divinamente apontada em favor do seu não nascido descendente, Cristo abençoará os seus pequenos com a nova vida vinda directamente d'Ele.

Estas são boas razões para ser apenas Cristo a Fonte de onde flui a nova vida, mas a necessidade não é razão suficiente para estabelecer a prática. Também tem que estar de acordo com a lei, neste caso, a lei da hereditariedade.

A lei da hereditariedade em parte alguma opera no Universo excepto nesta Terra e mesmo então apenas até ao regresso de Cristo. Em todos os outros lugares gerar vida vem pela criação directa de Deus. Portanto, apenas neste planeta há uma linha de descendência pela qual os pais transmitem o que são e possuem aos seus filhos, geração atrás de geração.

Cristo tornou este ponto muito claro quando disse aos cavilosos fariseus que no Céu, não há casamento, "Porque na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no Céu." *Mateus* 22:30.

Isto significa que toda a vida no Céu é adquirida directamente do Criador e que o facto é que, desde que Adão caiu e o segundo Adão tomou o seu lugar, a única vida que pode ser tomada deve também vir directamente de Cristo. Isto é certamente verdade acerca da vida física. Estes corpos de carne e sangue nos quais habitamos e que recebemos por descendência dos nossos pais e não directamente do nosso Criador, nunca podem entrar no Céu.

"E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção." *1 Coríntios* 15:50.

Seria um erro interpretar este versículo como significando que os remidos não serão seres de carne e sangue no Céu, pois serão. O que o Espírito Santo, através de Paulo, está dizendo é que a carne e o sangue que temos agora nunca podem entrar no Céu, como confirma o testemunho seguinte:

"Vimos pelos textos citados, que, quando o Filho do homem vier, os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e os vivos serão transformados. Por esta grande mudança ficam preparados para receberem o reino; pois Paulo diz: 'E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.' 1 Coríntios 15:50. O homem, em seu estado presente, é mortal, corruptível; o reino de Deus, porém, será incorruptível, permanecendo para sempre. Portanto, o homem, em sua condição actual, não pode entrar no reino de Deus. Mas, em vindo Jesus, confere a imortalidade a Seu povo; e então os chama para possuírem o reino de que até ali têm sido apenas herdeiros." *O Grande Conflito*, 321, 322.

Quando uma pessoa morre, a carne e o sangue que recebeu dos seus pais são reduzidos ao pó e deixam de ser uma entidade viva. Uma nova é necessária e é dada na ressurreição, desta vez não pelos pais terrestres, mas pelo directo acto criador de Deus.

"Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados,

"Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

"Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade." *1 Coríntios* 15:51-53.

Portanto, a lei em vigor até aqui no que respeita ao corpo de carne e sangue é que aquele que veio por descendência de pais terrestres não pode ir para o Céu, enquanto os revestidos pelo poder criador irão. Isto significará que o único tipo de corpos do Céu e da Nova Terra serão aqueles que foram adquiridos pela criação.

O facto que isto também é verdade acerca da vida espiritual indica que a mesma lei opera ali do mesmo modo. É positivamente conhecido que toda a pessoa que renasceu recebe a sua nova vida espiritual directamente de Cristo e não há nenhum outro meio pela qual ela possa ser obtida. Aquilo que o Salvador nos transmite na conversão é vida eterna como Ele declara repetidamente: "Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna." *João* 6:47.

Assim Jesus, da forma mais positiva possível, declarou que o crente n'Ele já está na posse da vida eterna. Esta é a verdade. No novo nascimento nós não recebemos um dom temporário para ser substituído pelo permanente quando Cristo regressar, mas nós recebemos nessa altura a verdadeira, vida imortal de Cristo. É a vida que teremos em toda a eternidade. Quando morrermos, essa vida não deixa de existir, mas regressa para Deus que a guarda até que possa ser criado um novo tabernáculo para ela.

Isto não significa, como ensinam as populares igrejas, que consciente, inteligente actividade continua depois do corpo morrer, pois não é assim. A vida eterna interior apenas pode encontrar expressão quando há um mecanismo físico através do qual operar, exactamente como uma corrente eléctrica pode produzir luz apenas quando há uma lâmpada através da qual fazê-lo. Quando a lâmpada é quebrada, a luz é extinta mesmo apesar da corrente não ter deixado de existir.

Assim, quando o corpo de uma pessoa morre, toda a consciente actividade, memória e sentimentos cessam, embora a vida eterna interior não tenha deixado de existir. Na manhã da ressurreição, o Senhor dará um novo corpo e uma vez mais a actividade consciente recomeçará, a memória será restabelecida e o corpo e o espírito recomeçarão todas as funções normais.

As igrejas populares argumentam que, quando uma pessoa morre, separa-se do corpo caído, um espírito vivo com a capacidade de ver, ouvir e comunicar sem olhos, ouvidos e cordas vocais. Até à morte, esse espírito vivo, dizem elas, está residente no corpo vivo da pessoa. Se, por exemplo, este espírito vivo que está dentro da pessoa pode ver depois da morte sem estar equipado com os olhos físicos, então porque não pode este mesmo espírito ver quando uma pessoa perde a visão; isto é, quando experimenta a morte na área da vista física? O facto que esse espírito não poder ver antes do corpo morrer, é prova que também não o pode fazer depois.

Tende cuidado para notar que a posse da vida eterna não é uma garantia incondicional que vivereis eternamente. O cristão renascido que tem a vida eterna em si pode falhar em suportar as provas que lhe são impostas e ser julgado como não preparado para entrar no Céu. Poderia vir uma altura na sua experiência em que tenha mandado embora a graça interior do Espírito Santo e estará pior do que antes de ser convertido.

Deste modo, a vida eterna apenas pode ser obtida em directa ligação com Cristo, porque ela não vem por descendência de geração em geração. Nenhum pai terrestre, não importa quão bem tenha recebido o dom, pode passá-lo aos seus filhos.

Portanto, quando uma criança é concebida, a sua necessidade de ser renascida é igualmente real e urgente quer os seus pais tenham recebido o dom ou não. Homens e mulheres casados não precisam ter receios em relação à grande e premente necessidade de seus filhos recém-concebidos. Se eles compreenderem estas coisas, reconhecerão claramente que o seu primeiro objectivo é obter a libertação do seu filho da presença interior que é a implantada semente de Satanás. No firme conhecimento e profunda convicção que apenas o Senhor pode efectuar este ministério purificador, curvar-se-ão em oração juntos e francamente confessam a dificuldade do seu impotente pequenino e a sua completa condição pecadora. Eles pedirão ao seu grande Sumo-sacerdote para erradicar a natureza má da criança e colocá-la no santuário celestial.

Quando isto tiver sido realizado, compreenderão que devem então dar o importante passo seguinte que é o preenchimento do espaço vazio com a implantação da vida de Cristo. Saberão pelas muitas promessas da Sagrada Palavra que o Senhor está desejoso de efectuar esta maravilhosa mudança no bebé que ainda não nasceu, porque Ele sabe que o abençoado resultado avançará grandemente a causa da justiça e abreviará o tempo de sofrimento de todos os Seus amados filhos.

Na sua fé grandemente fortalecida pelas promessas e certezas divinas, pedem ao Senhor que preencha o vácuo no seu pequenino com a incomparável justiça do próprio Cristo. Pela fé e portanto de facto, confiam no dom, crendo que o bebé realmente recebeu a bênção e agradecem ao Senhor por *tê-lo* enchido com a divina presença.

Nesta altura, não haverá evidência visível que as suas orações tenham sido ouvidas e a bênção concedida. Isso virá depois. Entretanto, eles podem repousar

seguros no conhecimento que, tão seguramente quanto eles foram cuidadosos em cumprir as condições, o Senhor assim fez a Sua parte. O seu filho é verdadeiramente renascido. Os felizes pais podem regozijar-se na preciosa certeza que o seu filho foi salvo da família, escola e destino de Satanás. “Assim é, desde que creiais.” *Aos Pés de Cristo*, 55.

Então as promessas serão cumpridas para eles: “Mesmo o nenê nos braços maternos pode permanecer como sob a sombra do Omnipotente, mediante a fé de uma mãe que ora. João Baptista foi cheio do Espírito Santo desde seu nascimento. Se vivemos em comunhão com Deus, também nós podemos esperar que o Espírito divino molde nossos pequenos já desde os primeiros momentos.” {DTN 360}, *O Desejado de Todas as Nações*, 492.

Não há diferença entre os procedimentos a serem seguidos e as condições a serem satisfeitas para o renascimento da criança ainda não nascida e a mesma experiência básica de um adulto, excepto que as áreas da criança dependem da fé e decisão dos pais, o adulto deve tomar as suas próprias decisões.

Assim, para aqueles pais que foram renascidos, é apenas uma questão de guiar o seu bebé ainda não nascido a um caminho que já lhes é familiar.

Capítulo 20

O Período Pré-Natal

Uma vez que a criança acabada de conceber tenha sido libertada da presença interior do pecado e dotada com a vida perfeitamente justa do Salvador, foi colocada em terreno vantajoso. Como já foi mencionado no capítulo sete, ela foi libertada da destruidora presença do pecado, cuja capacidade para infligir limitação mental, física e espiritual é terminada. No seu lugar ela foi cheia com a presença de Jesus — uma poderosa, revitalizadora, influência que restaura toda a faculdade e implanta um poder dador de vida ao cérebro, ao coração e aos nervos.

A transição da morte para a vida qualifica o pequenino para se tornar um estudante na escola de Cristo onde o Deus do Céu se torna o seu Mestre. Ele agora vive na luz da divina presença e sob a protecção de Deus. Nele, o propósito divino pode agora ser cumprido.

Recordemos uma vez mais que o propósito divino para cada pessoa é o harmonioso desenvolvimento aos níveis mais elevados possíveis dos poderes físicos, mentais e espirituais e a sua total dedicação à implícita, absoluta, confiante, inquestionável e imediata obediência ao Senhor.

Isto significa que os pais na sua obra conjunta com os agentes celestiais, devem manter sempre dois objectivos em mente — o desenvolvimento dos seus filhos às mais elevadas capacidades possíveis e a preparação neles da disposição e hábito de implícita obediência. Ao manter sempre estes dois ideais perante eles no seu esforço para assegurar a salvação aos seus filhos, evitam a tragédia da criança que nasceu de novo devotando as suas excepcionais capacidades ao serviço de Satanás.

Satanás fica muito satisfeito quando homens e mulheres que desenvolveram tremendas capacidades, passam as suas vidas edificando a sua causa e ele fica especialmente satisfeito quando pensam, como sempre fazem, que estão servindo ao Senhor quando, de facto, são agentes de destruição de Satanás. Se ele pudesse confiar em crianças, que foram renascidas desde a sua concepção, tornando-se membros do seu exército quando chegam à idade de decidir, ele encorajaria o seu renascimento. Então, todos os poderes extraordinários e capacidades que elas desenvolveram seriam usados com muita eficiência e sucesso na construção do seu reino. Mas, infelizmente para ele, aqueles que viveram numa família de

regenerados desde os seus primeiros momentos, são os que menos provavelmente juntam forças com ele. Nenhum dos que temos positiva prova que foram renascidos desde os seus primeiros momentos como Jeremias, Daniel e seus três companheiros, João Baptista e Jesus Cristo, falharam alguma vez. Pelo contrário, eles é que causaram o maior dano à causa do diabo.

Todavia, os pais não ousaram sentar-se e repousarem complacentemente na suposta certeza que é virtualmente impossível os seus filhos renascidos deixarem a causa de Deus e transferirem-se para o campo do inimigo. Certamente que Satanás não abandona toda a esperança de os convencer a abandonar Deus e juntarem-se a ele.

Observai-o confiantemente apelando a Cristo no monte da tentação: "Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles.

"E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares." *Mateus* 4:8, 9.

Quando os escribas na escola que Cristo visitou na ocasião da Sua primeira visita pascal, viram o incrível poder mental e espiritual manifestados em Cristo, o rapaz, desejaram colocá-lo sob a sua supervisão de modo a puderem treiná-lo para o seu serviço, o que quer dizer, mesmo apesar de não o poderem ver, prepará-lo para a entrada no exército de Satanás.

"Os rabis sabiam que Jesus não havia sido instruído em suas escolas; no entanto, Seu conhecimento das profecias excedia em muito o deles próprios. Nesse reflectido Rapazinho galileu divisaram grandes promessas. Desejaram angariá-l'O como aluno, a fim de que Se tornasse mestre em Israel. Queriam encarregar-se de Sua educação, convencidos de que um espírito tão original devia ser educado sob sua direcção." {DTN 47}, *O Desejado de Todas as Nações*, 68.

Felizmente, nem o Rapaz Jesus nem os Seus pais terrestres aceitaram qualquer oferta que os escribas pudessem ter-Lhe feito. Pelo contrário, Ele regressou a casa com José e Maria para continuar a Sua educação sob a direcção do Seu Pai celestial através dos Seus pais terrestres tanto quanto estes eram capazes.

Os pais que compreendem as possibilidades possuídas pelos seus filhos, desejarão certamente evitar um resultado unilateral. A última coisa que eles quereriam é o desenvolvimento de poderosas capacidades nos seus filhos e depois vê-los a usá-las no serviço de Satanás. Consequentemente, eles assegurarão que ensinam pelo preceito e pelo exemplo os princípios de implícita, inquestionável, resignada e imediata obediência.

A fim de fornecer toda a oportunidade para se alcançarem os melhores resultados possíveis mesmo como eles estavam na vida de Cristo, Deus tem dado dois valiosos recursos. O primeiro é a implantação no interior da criança a própria vida de Cristo pela germinação da Sua semente depois da erradicação da velha semente má de Satanás e o segundo é a educação muito eficiente.

A implantação da vida divina, tal como já foi declarado, livra a criança da obra destruidora do pecado que habita no interior e abençoa-a com o poder regenerador da própria vida de Cristo. Tal como salientado, quanto mais cedo na existência da criança isto tiver lugar, melhor, porque assim será feito o menor dano possível, se algum.

Uma vez concebido o filho, os pais devem concentrar-se inicialmente num objectivo todo importante — o dom do novo nascimento da criança. Não devem repousar satisfeitos até que estejam certos que a criança foi renascida, porque, se

isto não for realizado, tudo o mais que seja tentado será um desperdício de esforço.

No momento em que estejam convencidos que o novo nascimento foi realizado, devem concentrar todo o seu tempo, energia, força, conhecimento, capacidade e sabedoria no programa de educação que preparará o cristão acabado de nascer para a obra que o Senhor lhe destinou. Não repousai satisfeitos um único momento de modo que a criança com a natureza divina cresça na direcção certa como obra do acaso, porque não será assim. A pequena mente deve ser treinada para distinguir o bem do mal de maneira que aprenda a escolher um e a rejeitar o outro. A necessidade para uma excelente educação como preparação para a obra da vida é salientada nestas palavras a respeito de Sansão:

"Não somente os hábitos da mãe, mas a educação da criança se achava incluída nas instruções dadas pelo anjo aos pais hebreus. Não bastava que Sansão, a criança que devia libertar Israel, devesse receber boa herança ao nascer. *Esta devia ser secundada por uma educação cuidadosa*. Desde a infância deveria ele ser exercitado em hábitos de estrita temperança." *A Ciência do Bom Viver*, 379.

"Não era bastante que o filho prometido recebesse um bom legado dos pais. Este devia ser seguido de um ensino cuidadoso e da formação de hábitos correctos." {PP 412}, *Patriarcas e Profetas*, 599.

A sociedade é constituída por famílias e ela também é aquilo que os pais fazem dela através da bem-sucedida ou malsucedida educação dos filhos.

Se ao menos os pais compreendessem o que podiam ter conseguido e como, o mundo seria um lugar muito melhor do que é.

Assim que a criança nasce de novo (o ideal seria imediatamente após a concepção), pode e deve começar a educação. Não há espaço seguro para o menor atraso. Os pais não devem cometer o erro que parece ser cometido quase universalmente neste mundo, de supor que o período entre a concepção e o nascimento real e um pouco além, é dedicado apenas ao crescimento físico.

"O efeito das influências pré-natais é olhado por muitos pais como coisa de somenos importância; o Céu, porém, não o considera assim. A mensagem enviada por um anjo de Deus, e duas vezes dada da maneira mais solene, mostra que isto merece nossa mais atenta consideração." *A Ciência do Bom Viver*, 372.

Sem dúvida, o período pré-natal é o período mais importante, mais formativo e mais fácil de gerir em toda a vida da pessoa. É durante esse período de tempo que todos os fundamentos são lançados, os padrões básicos dos hábitos formados e determinada a direcção que a vida deverá seguir.

Quando os pais percebem todo o potencial para colocar os filhos no caminho certo que lhes é proporcionado durante aqueles meses vitais entre o início de uma nova vida e o nascimento físico, eles decidirão aproveitar ao máximo a sua oportunidade. Por outro lado, quando aqueles de nós que criámos as nossas famílias entendem que a tamanha oportunidade esplêndida e irrecuperável que, por causa da nossa ignorância, deixámos escapar sem sequer ser notada, e quando somos capazes de fazer uma ideia da perda que nós e os nossos preciosos filhos sofremos, não podemos ficar senão com o coração partido.

Somos agora capazes de ver que havia um trabalho a ser feito naquele tempo específico que nunca poderia ser feito de maneira satisfatória ou eficaz em nenhum outro momento, a não ser naquela altura. Lamentamos o facto de, agora que podemos ver as coisas como elas realmente são, que em seu lugar outro trabalho prejudicial foi realizado, com o resultado que nossa prole foi afastada de Deus em vez de estar ligada a Ele. Com horror e remorso, percebemos agora que o que pensávamos ser uma preparação dos nossos preciosos juniores para a vida eterna, era de facto uma confirmação virtual da destruição eterna. Agora enfrentamos a perspectiva de partir o coração, se é que de facto conseguimos alcançar o Céu, e estar dentro dos muros da Nova Jerusalém para assistir aos nossos filhos a perecer nas chamas do lado de fora, sabendo como saberemos que foi a *nossa ignorância e má orientação* que produziu esse resultado indescritivelmente terrível.

Que poderão então os pais fazer durante o período pré-natal para assegurar que na reunião final dos santos à volta do trono de Deus, sejam famílias completas e os pais possam dizer: "Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor, como sinais e maravilhas em Israel da parte do Senhor dos Exércitos, que habita no monte de Sião." *Isaías* 8:18.

O primeiro passo é compreender que toda a experiência através da qual a mãe passa; toda a emoção que ela sente; todo o hábito que pratica; é sentido e respondido pelo bebé não nascido exactamente como a própria mãe reage a estas coisas. Assim, o bebé está armazenando informação que lhe é transmitida através do agente que é a sua mãe e está formando padrões de hábitos coincidentes com os da sua mãe. Quão absolutamente vital é então que a mãe, com a inteligência e terno apoio do pai, estabeleça essas normas de conduta, prossiga tais interesses e responda às dificuldades e prazeres da vida de tal forma que construa no filho o melhor carácter possível.

Todos reconhecem o poder da hereditariedade pelo qual muito além do controlo humano é transmitido à criança, mas estamos falando aqui de outro factor — a influência do ambiente e as respostas dos pais. É uma área sobre a qual os pais têm suficiente domínio para assegurar que o bebé ainda não nascido possa ter a melhor entrada na vida possível. É uma responsabilidade enorme que confronta os pais quando se percebe que os hábitos e atitudes dos mais velhos estão sendo reproduzidos na criança.

Estas verdades são declaradas em clara, convincente linguagem nos escritos sagrados:

"O filho será influenciado para o bem ou para o mal pelos hábitos da mãe." {PP 411}, *Patriarcas e Profetas*, 598.

"A sociedade compõe-se de famílias. E chefes de família são responsáveis pelo molde da sociedade." 2 *Mensagens Escolhidas* 2:421.

"Que enorme peso de responsabilidade repousa sobre os pais, quando consideramos que a direcção por eles seguida, antes do nascimento de seus filhos, tem muito que ver com o desenvolvimento do carácter deles depois do nascimento." *Mensagens Escolhidas* 2:426.

"O pai deve ter em mente que o tratamento da esposa antes do nascimento de seu filhinho afectará grandemente a disposição da mãe durante aquele período, e terá muito que ver com o carácter desenvolvido pela criança após o nascimento." *Mensagens Escolhidas* 2:428.

"*Antes de seu nascimento*, a prole recebe a transmissão de doença e de um apetite mórbido. E a irritabilidade, o nervosismo e o acabrunhamento manifestados pela mãe assinalarão o carácter dos seus filhos." *Mensagens Escolhidas* 2:431.

"Nunca se pode acentuar demasiado a importância da educação ministrada à criança em seus primeiros anos de existência. As lições aprendidas, os hábitos formados durante os anos da infância, têm mais que ver com o carácter e a direcção da vida, do que todas as instruções e educação dos anos posteriores." *A Ciência do Bom Viver*, 380.

Compreendendo como Ele compreendia a magnitude da obra a realizar para a qual estava chamando Sansão, o Senhor assegurou que fosse dado o melhor começo possível na vida. Portanto, o Senhor deu aos seus futuros pais compreensivas instruções que dessem início à educação de Sansão mesmo antes de ele nascer. O Altíssimo sabia que Sansão nunca podia alcançar as qualificações necessárias para a sua missão a menos que fosse dado um cedo começo no seu período pré-natal da existência.

"Deus tinha uma importante obra para o prometido filho de Manuá realizar, e foi para assegurar-lhe as habilitações para esta obra que os hábitos de ambos, mãe e filho, deveriam ser cuidadosamente regulados. 'Nem vinho nem bebida forte beberá' foi a instrução do Anjo à mulher de Manuá; 'nem coisa imunda comerá: tudo quanto lhe tenho ordenado guardará.' O filho será influenciado para o bem ou para o mal pelos hábitos da mãe. Ela própria deve ser governada pelos princípios, e praticar a temperança e renúncia de si mesma, se quer o bem-estar do filho. Conselheiros imprudentes insistirão com a mãe quanto à necessidade de satisfazer todo o desejo e inclinação, mas tal ensino é falso e pernicioso. A mãe é colocada por ordem do próprio Deus sob a obrigação mais solene de exercer o domínio de si mesma." {PP 411}, *Patriarcas e Profetas*, 598.

Enorme e de longo alcance é o poder da influência pré-natal. Ele definidamente forma o carácter da criança para o bem ou, mais frequentemente, para o mal. A fim de demonstrar o poder e a permanência desta força, relatarei a experiência duma família que conheço bem.

Há alguns anos, antes de ter começado a guerra no Líbano, o marido, um americano, foi escolhido para ensinar num Colégio do Médio Oriente, numa escola adventista do sétimo-dia em Beirute. Ao aceitar esta nomeação, ele partiu com a sua mulher e duas filhas muito jovens.

Pouco depois da sua chegada, o seu terceiro filho, outra rapariga, foi concebido e quase ao mesmo tempo, a guerra irrompeu na desdita cidade Ill-Fated. As suas vidas foram agora aterrorizadas pelos perigos a que estavam diariamente expostos e havia numerosos confrontos perto com a morte.

Às vezes bombas e projécteis caíam tão perto que estremeciam a sua casa até às fundações e rachavam as paredes. Frequentemente eles tremiam na expectativa do edifício cair sobre si. Uma ocasião regressavam do mercado onde tinham ido comprar mercearia e tinham acabado de virar a esquina da rua principal quando começou uma furiosa batalha. A rua que tinham acabado de deixar estava cheia de metralhadoras, explodiam granadas, rebentavam explosivos e os gritos daqueles que tinham sido atingidos. Tivessem eles demorado alguns segundos a virar aquela esquina, muito provavelmente teriam perdido as suas vidas.

Uma vez que a luta se tornava mais violenta, o colégio foi temporariamente mudado para Chipre. Por fim, a comissão terminou e eles regressaram aos Estados Unidos onde os visitei uma vez mais. Durante a minha permanência na sua casa, estudámos a mensagem da salvação das crianças e foquei o ponto que a influência pré-natal é uma força muito poderosa na formação do futuro da pessoa. Isto levou-os a relatar a diferença entre a criança que ainda não tinha nascido durante aquelas terríveis semanas de vida ameaçada de horror e as outras duas crianças.

Eles disseram-me que havia uma diferença notável entre a terceira criança e as outras duas. A terceira é mais nervosa e agiria com níveis de medo mais elevados a qualquer coisa que pelo menos sugerisse uma ameaça — o som de uma sirene de carro da polícia, de uma ambulância, ou de fogo, o barulho de uma porta a bater semelhante ao de uma explosão devido ao vento, ou o roncar de um motor de avião voando a baixa altitude. Ela manifestava uma insegurança que os outros não conheciam e demonstrou uma desconfiança geral na vida, enquanto as irmãs estavam livres destas dificuldades.

Ouvi esta história com intenso interesse, pois ela confirmava a mensagem que eu estava a apresentar negando conclusões contrárias que alguns podiam ter a tendência para tirar. Por exemplo, há alguns que afirmam que as crianças não nascidas estão isoladas e separadas dos terríveis acontecimentos que se passam durante esse tempo e são minimamente afectadas ou mesmo nada.

Mas a realidade é o oposto, pois esta foi a mais afectada de todos.

Porque foi isto assim?

Foi porque esta criança no ventre da mãe sentiu e respondeu às ameaças como a mãe, enquanto as outras duas filhas que já não recebiam a sua informação através da mãe, interpretaram as ameaças e responderam-lhes individualmente por direito próprio. Não há dúvida que as duas meninas mais velhas estavam aterradas, pois certamente estavam, mas o seu terror não se comparava com o da mãe porque ela compreendia melhor do que elas, a ameaça sobre todos eles. Foi

esse maior receio que a terceira filha sentiu dentro do ventre da sua mãe que estabeleceu nela um obstáculo de insegurança para toda a vida.

Outra razão para a mais marcada resposta da parte do bebé ainda não nascido é que o domínio da mente da criança era ainda um território desocupado. Nessa terra vazia, veio a invasão de um mundo de perigo, receio e ameaça de destruição. Havia muito poucas se quaisquer seguras experiências felizes para equilibrar. É um facto que aquilo que primeiramente é fixado na mente é o que faz a mais permanente e duradoura influência. É por esta razão que pessoas que enfraquecem na idade avançada, repetem estas coisas nos seus leitos de morte. Alonzo T. Jones deu ênfase a isto nestas palavras:

"A Bíblia devia ser a primeira coisa em todas as linhas de estudo, pela razão que é expressa num dito familiar a todos: As primeiras impressões são as que mais perduram. Por causa disto a Bíblia devia ser a fonte da primeira instrução que a criança recebe neste mundo; e, como todos são crianças no início de toda a linha de estudo, a Bíblia devia ser o primeiro de todos os estudos.

"É verdade que quando uma pessoa vive, e realmente poucos vivem, até uma idade em que a vida simplesmente se extingue devido aos anos, a última coisa que essa pessoa pensa é a primeira coisa que jamais aprendeu. Isto bem pode ser dito outra vez, porque é um *princípio* de educação: a primeira coisa que é gravada na mente da pessoa é a última coisa em que essa mente se detém, se a vida dessa pessoa estiver completa e simplesmente se extinga devido à idade.

"Um notável exemplo disto é William Ewart Gladstone, o grande homem de estado inglês, que morreu em 1898. Ele morreu com idade muito avançada. Quando a sua vida estava mesmo a acabar, verificou-se que ele estava a repetir consecutivamente a oração do Pai-nosso *em francês*. Isso suscitou algumas perguntas: sendo ele inglês, porque estaria a dizer o Pai-nosso em *francês*? Foram feitas investigações, e descobriu-se que ele em criança, esteve ao cuidado de uma enfermeira, e que essa enfermeira francesa era cristã, e que lhe ensinou o Pai-nosso na sua língua natal. E como essa foi a primeira coisa que ele fixou na sua mente, foi a última coisa sobre a qual se deteve quando morria.

"Ora, se essa enfermeira não fosse cristã, e tivesse ensinado a essa criança, 'Ei, diddle, diddle, O gato e o violino', teria precisamente o mesmo resultado, e *essa* teria sido a última coisa que ele teria dito no seu leito de morte. Se ela lhe tivesse ensinado as *Fábulas de Esopo* ou contos de fadas em vez da oração do Pai-nosso, estas teriam sido as últimas coisas que ele teria murmurado à medida que a sua mente se extinguia.

"Outro, que o escritor conhecia pessoalmente, morreu com pouco mais de noventa e seis anos de idade. A oração do Senhor foi também uma das últimas coisas que essa pessoa repetiu. Outra coisa que ela fez nos últimos dias da sua vida foi contar — um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, etc. até dez, *mas não além disso* — exactamente como uma criança aprende a contar. Assim essa mente, nas suas últimas horas, deteve-se nas coisas das suas primeiras horas de memória consciente — as coisas que primeiramente foram fixadas na sua mente.

"Quão maravilhoso é que o último pensamento da mente que morre seja o pensamento de Deus na Sua Palavra! Quão adequadamente na ressurreição serão os primeiros pensamentos a fazer a ligação! Isto é suficiente para ilustrar o princípio que está na base da filosofia que usa a Bíblia como a primeira coisa na vida do cristão." *The Bible in Education,* 69-71.

Portanto, assim aconteceu com a criança que no Líbano ainda não tinha nascido em comparação com as suas irmãs mais velhas. Uma vez que os seus primeiros sentidos através da sua mãe foram de dias seguros de paz nos Estados Unidos, os seus foram de não santificado terror no campo de batalha de Beirute. Como as primeiras impressões dominam, assim a sua vida desde então tenderá a ser governada pelo receio e insegurança, enquanto as suas mais afortunadas irmãs descobrirão que essa estabilidade e paz tenderá a prevalecer.

Um cuidadoso estudo do padrão de comportamento das crianças e adultos à luz das influências exercidas nelas durante o período pré-natal, explicará largamente o que elas são hoje. As oportunidades dadas aos pais durante o período pré-natal para fazerem os filhos serem o que eles querem que sejam é tão grande que é trágico não se aproveitar a oportunidade de tirar o maior proveito desse período de tempo.

Satanás compreende a tremenda vantagem para aquele que é o primeiro a ocupar o território da mente e procura toda a oportunidade para fixar as suas impressões antes do Senhor estabelecer as Suas. O diabo rejubila quando vê como a terrível ignorância dos pais os torna negligentes no seu dever e privilégio de fazer o Senhor e a Sua palavra a primeira e única influência na mente da criança em desenvolvimento. Ele com alegria encontra um acesso sem obstáculos às mentes de muitas crianças não nascidas. Porém, cada vez mais à medida que o povo de Deus se torna consciente destes princípios, ele encontrará portas que anteriormente se encontravam abertas para ele, agora firmemente fechadas, para seu alarme e enfurecimento.

Aqui está mais um testemunho para confirmar as conclusões que tirámos acerca da criança de Beirute.

Eu estava a apresentar a mensagem da salvação das crianças aos pais de sete filhos, quatro dos quais estão agora casados. Enquanto anunciava os princípios aqui apresentados, a mãe recordou o estado mental em que estava quando na altura estava grávida do seu quarto filho, um rapaz. Aqueles foram os dias em que a grande mensagem do segundo advento foi revelada pela primeira vez à mente dela e do seu marido. Ela estava tão contente e entusiasmada com as verdades que estava aprendendo na Igreja Adventista nessa altura, que elas prenderam toda a sua atenção à parte dos pensamentos e esforços que ela devia devotar aos seus

deveres familiares, e era o tema dominante da conversação. Durante muitos meses, os únicos livros que ela leu foram a sua Bíblia, o Espírito de Profecia, e os livros da fé do advento.

Mais tarde, ficou desiludida com a igreja e o primeiro amor esfriou de maneira que ela não transmitiu aos três filhos seguintes, o ardor, o interesse e o amor da verdade que havia conhecido durante o período pré-natal do quarto.

Que notável diferença entre este e os outros seis. Enquanto o mais novo mostra algum interesse, tem ainda uma mente terrena, enquanto os restantes estão claramente no mundo e seus caminhos e não mostram qualquer interesse nas coisas espirituais.

Conheço ainda outra mãe que esteve tão doente durante a sua quarta gravidez que foi forçada a passar a maior parte do seu tempo na cama. Ela dedicou as longas horas à intensa e extensa leitura do Espírito de Profecia e da sua Bíblia. A criança nascida dessa sagrada influência tem uma abundante disposição e um interesse pela verdade que excede notavelmente o manifestado por qualquer outro membro da família.

Há investigadores no mundo actualmente que estão descobrindo estes princípios e ao fazê-lo estão confirmando, como a verdadeira ciência sempre faz, as verdades encontradas no sagrado mundo de Deus. Uma excelente obra levada a cabo neste campo por Thomas Verny, M. D. com John Kelly, está referida no livro, *The Secret Life of the Unborn Child*. Foi publicada nos Estados Unidos em 1981 por Summit Books, Nova Iorque e no mesmo ano por Collins Publishers, 100 Lesmill Road, Don Mills, Ontário, Canadá. É um livro que pode ser lido com proveito por todas as pessoas que procuram compreender o poder das influências e educação pré-natal.

Todavia, esta recomendação é acompanhada com uma palavra de precaução. Não fazem qualquer menção ao factor vital do novo nascimento, como se podia esperar, mas tratam apenas do manifesto poder das influências pré e pós-natal para influenciar a vida do indivíduo. Os resultados notados por estas investigações apresentam certamente informação de grande valor para o cristão que pode usar o conhecimento com evidente proveito. Contudo, à medida que se estuda o livro, deve manter-se em mente que ele apenas diz respeito a um aspecto do caso, e portanto, deve ter-se o cuidado para não perder de vista o facto que, sem o renascimento, não é mais possível educar uma criança para ser um cristão do que persuadir um espinheiro a produzir maçãs.

À medida que o livro é lido, torna-se visível que as forças das trevas podem também tirar partido das leis da influência pré-natal. Aqueles que estão dedicados a fortalecer certas causas como o Comunismo, Catolicismo, ou qualquer outra ideologia, agora têm ao seu dispor a informação que os capacitará para estabelecerem uma inclinação nas crianças ainda não nascidas, por qualquer causa, seja ela boa ou má. Apenas lhes é necessário conseguirem o apoio e cooperação dos futuros pais a fim de sujeitarem a criança que ainda não nasceu àquelas influências que estabelecerão as necessárias normas de pensamento e hábitos desejados e o pequeno crescerá dedicado ao serviço dos sistemas que eles, desde os seus primeiros momentos, foram educados para apoiarem.

A verdade é, evidentemente, que o diabo está muito mais conhecedor da eficácia da influência do período pré-natal do que têm estado os cristãos e tem usado este meio para colocar bebés na direcção errada tanto quanto possível desde que a família humana ficou sob o seu domínio. Ele tem estado ansioso para que os

cristãos nunca se tornem conhecedores daquilo que podem fazer pelos seus filhos durante o período pré-natal, pois ele sabe que a mente e o corpo de uma criança que é nascida de novo e que está assim absorvida com as correctas ainda antes de ser nascida, não tem disposição para deixá-lo instalar-se.

Com estas possibilidades para o bem ou para o mal nas nossas mentes, podemos agora analisar alguma informação contida em *The Secret Life of the Unborn Child.* Para os autores, a investigação deste assunto começou duma forma muito interessante no Inverno de 1975. O Dr. Verny estava a passar um fim-de-semana com alguns amigos na casa de campo deles. A sua anfitriã estava grávida de sete meses e ao fim da tarde, encontrou-a sentada sozinha em frente à lareira a cantar uma canção de embalar à criança que ainda não nascera.

Esta tocante cena deixou uma profunda impressão na sua mente. Esta impressão ficou mais profunda quando ela lhe disse mais tarde que, depois do nascimento do filho, não importava quão fortemente o bebé chorasse, sempre sossegava quando lhe cantava a mesma canção de embalar. Isto levou-o a fazer a si próprio a pergunta sobre se o seu caso era o único ou um facto geral da vida que os sentimentos, pensamentos e acções das mulheres realmente influenciam a criança não nascida?

Ele já sabia que em vários momentos durante a gravidez, muitas mães sentiam que os seus filhos que iriam nascer responderiam aos seus sentimentos. Além disso, ele ouviu histórias e sonhos de várias pessoas que fortemente indicavam uma influência pré-natal. Contudo, ele nunca tinha reunido estes pontos espalhados num todo organizado, como era agora levado a fazer.

Ele encontrou outros envolvidos na mesma pesquisa e observou que eles eram capazes de estudar o feto sem perturbações, usando a tecnologia médica que se tornou disponível nos últimos vinte anos. O que eles descobriram constituiu um afastamento notável da opinião comum acerca da criança não nascida, que não teve consequências nos padrões de crescimento alcançados durante os meses antes do nascimento, que não os meramente físicos. Aqui estão agora as principais conclusões tiradas como resultado de seis anos de intenso estudo e observação:

Verificou-se que o pequeno ainda no ventre de sua mãe pode ver, ouvir, experimentar, provar e realmente aprender, mesmo que num nível primitivo.

De modo muito importante, verificou-se que essas percepções começam a moldar o carácter e a personalidade da criança bem antes de ela nascer. Como ela se considerará a si própria e consequentemente agirá como uma pessoa feliz ou triste, agressiva ou humilde, aceite ou rejeitada, depende até certo ponto das mensagens, que ela ainda no útero, recebe da sua mãe sobre si mesma e do mundo que a rodeia.

O terceiro ponto que se destacou com muita força é que a principal fonte dessas influências moldadoras é a mãe da criança. Verificou-se que o feto sente todas as experiências pelas quais a mãe passa como se fosse de facto o adulto. Isso não significa que toda ansiedade momentânea sentida pela mãe tenha um efeito praticamente desastroso no feto. O que se torna consequente são os padrões persistentes de sentimentos que, quando comunicados ao pequeno, moldam significativamente sua personalidade e carácter. Os sentimentos negativos de ansiedade, medo, preocupação e descontentamento têm um efeito adverso sobre o bebé, enquanto as qualidades positivas de serenidade, alegria, gratidão, confiança e satisfação exercem uma influência muito favorável no desenvolvimento da vida.

Os pais necessitam compreender a tremenda responsabilidade que recai sobre eles de estabeleceram as regras do lar. Se houve um momento em que a cabeça do lar necessita de ser amoroso, solidário, gentil, protector e generoso é durante o período pré-natal. Falhar e ser assim tem desastrosas consequências na futura vida dos filhos em gestação.

Muito significativamente, verificou-se que ao pai é atribuído o desempenho de um papel muito mais importante do que lhe tem sido atribuído. O modo como ele se relaciona com a sua esposa e futuro filho tem uma influência decisiva no resultado, tanto para o bem como para o mal. Esta conclusão é fortemente defendida no Espírito de Profecia onde está escrito: "Antes do nascimento dos filhos, a mãe é com frequência deixada a trabalhar além de suas forças. Raramente suas cargas são diminuídas, e esse período, que devia ser para ela, mais que todos os outros, de descanso, é de fadiga, tristeza e sombras. Em virtude do grande esforço de sua parte, ela priva seu rebento daquela nutrição que a natureza providenciou para ele, e aquecendo o sangue, comunica-lhe má qualidade de sangue. O pequenino é privado de sua vitalidade, privado de resistência física e mental. O pai deve pensar em como tornar feliz a mãe. Não se deve permitir chegar em casa com a fronte anuviada. Caso fique perplexo em sua ocupação, não deve, a não ser que seja realmente necessário aconselhar-se com a esposa, perturbá-la com tais assuntos. Ela tem cuidados e provas que ela própria tem que suportar, e deve ser ternamente poupada a todo trabalho desnecessário.

"A mãe encontra muitas vezes fria reserva da parte do pai. Se tudo não corre tão agradavelmente como ele poderia desejar, culpa a esposa e mãe, e parece indiferente a seus cuidados e provas diários. *Os homens que assim procedem estão trabalhando directamente contra seus próprios interesses e felicidade*. A mãe fica desanimada. Fogem dela a esperança e a animação. Anda em seus afazeres maquinalmente, sabendo que devem ser efectuados, o que em breve lhe debilita a saúde física e mental. Nascem-lhe filhos sofrendo várias doenças, e Deus considera os pais responsáveis em grande medida; pois foram seus hábitos erróneos que fixaram a doença em seus filhos por nascer, pela qual devem sofrer por toda a existência. Alguns não vivem senão por um breve espaço de tempo, com seu fardo de debilidade. A mãe vela ansiosamente pela vida de sua criança, e verga ao peso da dor ao ter de cerrar-lhe os olhos na morte, e muitas vezes considera a

Deus como o autor de toda esta aflição, quando na verdade os pais foram os assassinos de seu próprio filho.

"O pai deve ter em mente que o tratamento da esposa antes do nascimento de seu filhinho afectará grandemente a disposição da mãe durante aquele período, e terá muito que ver com o carácter desenvolvido pela criança após o nascimento." *Mensagens Escolhidas* 2:428.

Este testemunho dá ênfase à verdade que o tratamento frio da esposa pelo marido lhe causa desânimo, de modo que a esperança e a animação fogem dela. Ora, visto que a criança não nascida experimenta o que a mãe sente, e não está isolada da falta de amor, compreensão e apoio do pai, este rouba ao seu filho a coragem, esperança e animação. O pequenino percebe que o mundo que o espera no exterior, não é amigo ou desejável e começa a construir um muro de protecção pessoal entre si e aqueles com quem necessita de ser mais aberto e confiante mais intimamente. Ele compreende que os pais não são competentes no tratamento com os problemas da vida entregando-os mutuamente ao Senhor e volta-se então para si próprio como o único que conhece que realmente tem os seus interesses no coração. Assim, mesmo antes de ter nascido, está a ser educado para rejeitar os princípios de operação do Repouso do Sábado. Que trágico serviço para um pai fazer aos seus filhos. Para eles, não podia fazer pior.

Sobre o pai, mais do que sobre qualquer outro membro da família, repousa a responsabilidade de manter a ordem no lar. Uma boa esposa que sabe que o seu marido a ama, aprecia, e deseja, está satisfeita, confiante, terna, corajosa, esperançada, serena e animada. Esse é o único estado mental para uma mãe estar quando está grávida de uma vida por nascer. Que os maridos compreendam realmente quão directa e extensivamente o seu comportamento influencia os seus filhos e serão muito diligentes no semear amor e luz sobre todos os que vivem consigo. Que as esposas compreendam também os papéis vitais que o Senhor tem destinado tanto para si como para o seu marido, e ela tornar-se-á tão amável quanto possível. Quando esposas e maridos alcançarem este amável relacionamento de apoio um para o outro, que maravilhoso começo de vida os seus filhos receberão; que controlo os pais terão sobre a formação da personalidade e carácter dos seus filhos!

Esta é precisamente a conclusão tirada pelo Dr. Verny, que observou que, com esse conhecimento ao nosso serviço, os pais podem gerir de maneira significativa e decisiva a educação do feto, a fim de garantir a sua felicidade e sucesso como feto, recém-nascido e pessoa para o resto da vida.

O pai cristão que compreende o maravilhoso potencial educacional do período pré-natal verá isso, não apenas como uma oportunidade, mas também como uma pesada responsabilidade da qual não se pode esquivar ou impor a outro.

Até agora, considerámos os efeitos emocionais e espirituais do bom papel marital e da má maternidade, mas não devemos esquecer que isso também tem um efeito físico muito grave. Considerai esse pensamento, conforme indicado na citação acima, de *Mensagens Escolhidas* 2:428. Depois de falar sobre a mãe ser oprimida por um marido indiferente, a declaração descreve a debilidade induzida como sendo tão grave que a criança sofre de doenças às quais nem todos sobrevivem.

Portanto, quando um marido e a esposa têm um verdadeiro relacionamento de casamento e o lar está cheio com felicidade e amor, os descendentes não somente serão felizes e seguros; como também saudáveis, livres de doenças debilitadoras.

Para fortalecer a convicção que o feto está ciente do que está acontecendo ao seu redor através de seus próprios sentidos e através da conduta das respostas da sua mãe às suas experiências, referiremos mais um ou dois casos relatados pelo Dr. Verny.

Surgiu um problema com um bebé a quem ele chama de Kristina para o propósito da sua história. Essa criança, apesar de forte e saudável, recusava alimentar-se da mãe. Todas as vezes que ela lhe dava o leite, a criança recusava. No início, o médico achou que a criança estava doente, mas, quando lhe deram um biberão infantil, um pouco mais tarde, bebeu tudo com muita sofreguidão.

O médico supôs então que a criança tinha uma aversão temporária à mãe e logo beberia do suprimento dela, mas na verdade esse não foi o caso. Ela continuou a recusar a mãe, embora não houvesse hesitação em beber de um biberão. O médico então começou a fazer experiências, a fim de descobrir a causa desse comportamento estranho. Ele perguntou a outra mãe que dera à luz aproximadamente na mesma altura que a mãe de Kristina, se ela tentaria alimentar o bebé. Embora sonolenta quando a outra mãe a abraçou e ofereceu o seio ao bebé, a pequena não recusou, mas, sem hesitar, começou a mamar vigorosamente.

O médico então começou a questionar gentilmente a mãe de Kristina para ver se poderia descobrir uma causa para esse comportamento incomum. Não demorou muito para encontrar a resposta. A mãe não queria ter este filho e, quando descobriu que estava grávida, decidiu abortar e teria prosseguido com o plano, não fosse a insistência do marido em levar a gravidez até ao fim. Ela relutantemente submeteu-se aos desejos dele, mas durante todo o período da gravidez continuou ressentida por causa da vida que crescia dentro dela, pois nada poderia convencê-la que deveria receber bem este bebé.

À medida que as coisas aconteciam era impossível esconder da criança ainda não nascida que a sua mãe não a queria. Portanto, ela entrou no mundo exterior, consciente que não era bem-vinda por uma das duas pessoas mais importantes da sua vida — a mãe. Simplesmente respondeu por uma contra rejeição. Não exigiria as suas reivindicações onde não era desejada.

Que triste começo para uma nova vida!

Se, uma vez que isso se tornou visível após o nascimento da criança, a mãe tivesse mudado de atitude ao ponto de amar, acarinhar e querer a filha e realmente o demonstrasse, talvez fosse possível que esse abismo fosse superado e as barreiras quebradas. Mas, mesmo assim, nunca teria havido o vínculo mãe-filha que deveria e teria existido se a mãe tivesse as atitudes correctas durante o período pré-natal da criança. Se essa mãe percebesse a natureza e a magnitude do erro que cometera, teria que trabalhar da melhor maneira possível para convencer a pequena de que era amada e desejada. Isso também poderia ser auto-destrutivo se fossem utilizados procedimentos errados. Ela teria que desenvolver um amor genuíno e não fingido em seu coração e teria que aplicá-lo com sabedoria e habilidade, a fim de alcançar um verdadeiro vínculo com a sua filha.

Certos médicos, buscando entender até que ponto a experiência da mãe é compartilhada pela criança, executam a seguinte experiência.

Depois de solicitar com sucesso a cooperação de várias mulheres grávidas, mas sem as informar exactamente sobre o que estavam prestes a fazer, os médicos reuniram-nas numa grande sala, onde a cada uma delas foi atribuída uma cama. No abdómen de cada uma, os pesquisadores ligaram sensores que, quando

conectados ao equipamento apropriado, permitiam monitorizar o batimento cardíaco e o nível geral de actividade dos bebés.

Eles então pediram às mulheres para descontrair completamente, o que fizeram. Os médicos então observaram, como esperavam, que os bebés no ventre de sua mãe também descansaram. Os movimentos das pernas cessaram e os batimentos cardíacos diminuíram.

Então os médicos, com um olhar preocupado nos rostos, avisaram as mães que os seus bebés haviam parado de se mexer. O primeiro pensamento que surgiu na mente de todas as mulheres foi o medo que o bebé estivesse morto ou tivesse caído na inconsciência que precede a morte. À medida que as emoções de ansiedade envolviam as mulheres, os bebés dentro delas respondiam com pontapés frenéticos, os seus batimentos cardíacos aumentaram e eles demonstraram que estavam muito conscientes do medo experimentado pelas mães. Para os pesquisadores, esse exercício forneceu provas conclusivas que os bebés ainda não nascidos eram mais do que não participantes pequenos seres, preocupados apenas com o desenvolvimento físico enquanto aguardavam o nascimento e um considerável intervalo de tempo a partir de então, antes que pudessem dedicar o seu tempo e as suas energias à acumulação de conhecimento e desenvolvimento de capacidades.

Os médicos descobriram, por meio desta e de outras experiências, que os nascituros podiam interpretar e responder às mensagens a eles transmitidas por meio das suas mães, que padrões de hábitos podiam ser estabelecidos, que eles podiam sinalizar seus gostos e aversões e que podiam aprender lições que lhes eram ensinadas de maneira simples e primitiva, mas muito positiva.

Torna-se assim evidente que as capacidades emocionais e intelectuais da criança estão a desenvolver-se tal como as físicas. Além do mais, nos casos daqueles que, através do ministério amoroso dos pais e da graça de Cristo, são dotados da experiência do renascimento, a natureza espiritual também está a desenvolver-se.

O propósito deste capítulo tem sido alertar-nos a todos para o facto que o período pré-natal é da maior importância na salvação e educação das crianças. Ele fornece oportunidades que devem ser aproveitadas e usadas para a mais elevada vantagem durante este período vital. Sob nenhum pretexto podem os pais adiar ou negligenciar esta obra senão com terrível custo para si próprios e especialmente para os seus descendentes, porque aquilo que deve ser feito nessa altura nunca mais pode ser realizado mais tarde, a oportunidade passou para sempre. Deve ser compreendido que se os pais falham em assegurar o renascimento e a correcta educação que se segue, deixam a criança exposta à terrível obra de Satanás que concentrará a vida e tornará difícil ou virtualmente impossível salvar aquela pessoa que uma vez apanhada por si firmemente estabeleceu a sua natureza má dentro dela.

Portanto, que os jovens que pensam tornar-se pais se assegurem que estão verdadeiramente preparados para cumprir o seu importante papel durante o período pré-natal. Para aqueles que fazem a sua obra como Deus deseja que façam, o galardão está para além da imaginação. Para aqueles que não o fazem, os resultados destroçarão os corações como as experiências de muitos têm demonstrado.

Capítulo 21

Tirando o Melhor Proveito do Período Pré-Natal

Uma vez estabelecida a convicção que o período pré-natal fornece uma oportunidade vitalmente importante para a salvação da criança, e que é desastroso não tirar o maior proveito disto, levanta-se a questão de como podemos aproveitar a possibilidade da melhor maneira.

Em resposta à questão vamos supor por agora que o estudante deste tema está completamente persuadido que a primeira obra a ser feita em prol da criança propriamente dita, é a realização do novo nascimento. Assim, podemos deixar por enquanto esse ponto para nos concentramos naquilo que os pais devem fazer para tornar o período pré-natal tão eficaz quanto possível para o seu filho uma vez que o novo nascimento foi alcançado.

Começaremos com o efeito do estado físico da mãe e do pai sobre a criança não nascida. Isto é de longe muito mais importante e de longo alcance do que muitos pensam, pois o início físico duma pessoa tem a contribuição directa de ambos os pais, e determina os níveis de saúde e vitalidade para o resto dos seus dias. Este é um factor tão importante que "muitos que Deus podia usar como Seus instrumentos têm sido desqualificados no seu nascimento pelos hábitos errados dos seus pais". *The S.D.A. Bible Commentary* 2:1005.

Qualquer pai cristão dedicado que chegou à compreensão pelo poder convincente de Deus que os seus hábitos físicos destruíram as oportunidades da sua criança de ocuparem a posição que o Senhor tinha planeado para ela, será aterrador e desanimador.

Pensai por exemplo no poder de Moisés através de quem o Senhor realizou uma obra tão vitalmente importante na saída de Israel do Egipto e guia para a terra prometida. Se o seu pai e a sua mãe tivessem sido intemperantes nos seus hábitos de vida, Moisés como bebé teria tido um tal mau começo de vida que o teria deixado enfraquecido física, mental e moralmente ao ponto em que o Senhor nunca o podia ter usado como usou. Esta teria que ser feita por outra pessoa, que

ali estivesse para a fazer. Embora fosse possível o Senhor ter uma segunda escolha, nenhuma sugestão disto é dada nos registos da história sagrada.

Mas Moisés estava preparado para a tarefa. Portanto, sabemos que, entre outros factores igualmente importantes, os hábitos saudáveis de Anrão e Joquebede estavam de acordo com as leis que Deus lhes revelou e era o melhor que podia ser mantido sob as circunstâncias da sua escravidão no Egipto.

Nunca em tempo algum os pais devem negligenciar uma vida tão saudável quanto possível sob as suas circunstâncias, mas devem ser particularmente cuidadosos durante o período pré-natal. Dieta imprópria na comida e na bebida e o espírito em que a vida é vivida durante esse período, tem um efeito significativo no temperamento e na propensão da criança para o resto da sua vida.

Sem dúvida, quando chegarmos ao Céu e lermos os registos detalhados da história humana, ficaremos surpreendidos perante o número de pessoas que podiam ter sido instrumentos poderosos e eficientes na mão do Senhor mas falharam por causa dos maus hábitos dos pais mesmo antes das crianças terem nascido. Será uma visão triste de contemplar.

Parece ser comum supor que o Senhor pode usar qualquer um no Seu serviço se este estiver verdadeiramente arrependido dos seus pecados, e se forem verdadeiramente dedicados a Ele, e isto é verdade até certo ponto. Contudo, o serviço que rendemos é gravemente limitado pelas nossas capacidades, e, por causa disto, há responsabilidades que o Senhor nunca colocará sobre certas pessoas que, pelo seu caminho errado, prejudicaram as suas mentes. Os que caíram no espiritismo estão nesta categoria.

"Deus não confiará o cuidado do Seu precioso rebanho a homens cuja mente e discernimento tenham sido enfraquecidos por erros anteriores que acariciavam, tais como os assim chamados perfeccionismos e espiritismo, e que, por sua conduta quando nesses erros, infelicitaram-se a si mesmos e levaram opróbrio sobre a causa da verdade. Embora sintam-se agora livres de erro e capacitados para ir e ensinar esta última mensagem, Deus *não os aceitará*. Ele não confiará almas preciosas aos seus cuidados; pois o seu juízo ficou pervertido enquanto

estiveram no erro, e está agora debilitado. Aquele que é Grande e Santo é um Deus que tem ciúmes, e deseja que sejam santos os homens que levam a Sua verdade. A santa lei anunciada por Deus do Sinai é parte de Si próprio, e somente homens santos que sejam seus estritos observadores honrá-l'O-ão ensinando-a a outros." *Primeiros Escritos*, 101.

Quando os crentes entenderem que, se suficientemente maus, os efeitos prejudiciais de hábitos de saúde incorrectos por parte dos pais desqualificarão os filhos para toda a vida de prestar o nível de serviço que poderiam ter realizado, seriam muito mais diligentes para garantir que o fazem. Estabelecer hábitos correctos antes mesmo de pensarem em conceber um filho. Foi por essa razão que o Anjo do Senhor declarou duas vezes as suas instruções rigorosas aos pais de Sansão sobre como eles deveriam viver antes e depois de sua concepção.

"Quando o Senhor levantou Sansão como libertador do Seu povo, Ele ordenou à mãe os hábitos correctos de vida antes do nascimento de seu filho. . . .

"Ao instruir esta mãe, o Senhor deu uma lição a todas que deveriam ser mães até o fim dos tempos. Se a esposa de Manoá seguisse os costumes vigentes, o seu sistema teria sido enfraquecido pela violação das leis da natureza, e o seu filho teria sofrido com ela a pena da transgressão." *The S.D.A. Bible Commentary* 2:1005, 1006.

A lição revelada no destaque colocado nos hábitos de temperança e espírito de sacrifício que deveriam ser praticados pela mãe de Sansão é salientada uma e outra vez nos escritos inspirados. A verdade é repetida nas várias referências para assegurar que os filhos do Senhor nestes últimos dias aprendam quão importante são os hábitos da mãe.

"É-nos ensinado nas Escrituras o cuidado com que a mãe deve vigiar seus hábitos de vida. Quando o Senhor quis levantar Sansão como libertador de Israel, 'o anjo do Senhor' apareceu à mãe, dando-lhe instruções especiais com relação a seus hábitos, e também quanto ao cuidado da criança. 'Agora pois não bebas vinho, nem bebida forte, e não comas coisa imunda.' Juízes 13:13, 7.

"O efeito das influências pré-natais é olhado por muitos pais como coisa de somenos importância; o Céu, porém, não o considera assim. A mensagem enviada por um anjo de Deus, e duas vezes dada da maneira mais solene, mostra que isto merece nossa mais atenta consideração.

"Nas palavras dirigidas à mãe hebreia, Deus fala a todas as mães de todas as épocas. 'De tudo quanto Eu disse à mulher, se guardará ela.' A felicidade da criança será afectada pelos hábitos da mãe. Seus apetites e paixões devem ser regidos por princípios. Existem coisas que lhe convém evitar, coisas a combater, se quer cumprir o desígnio de Deus a seu respeito ao dar-lhe um filho. Se antes do nascimento de seu filho, ela é condescendente consigo mesma, egoísta, impaciente e exigente, esses traços se reflectirão na disposição da criança. Assim têm muitas crianças recebido como herança, quase invencíveis tendências para o mal.

"Mas se a mãe se atém sem reservas aos rectos princípios, se é temperante e abnegada, bondosa, amável e esquecida de si mesma, ela pode transmitir ao filho os mesmos traços de carácter. Muito explícita foi a ordem que proibia o uso de vinho pela mãe. Cada gota de bebida forte por ela ingerida para satisfazer seu apetite, põe em perigo a saúde física, mental e moral do filho, sendo um pecado directo contra o seu Criador." *A Ciência do Bom Viver*, 372, 373.

Que glorioso pensamento está contido neste testemunho. "... se é temperante e abnegada, bondosa, amável e esquecida de si mesma, ela pode transmitir ao filho os mesmos traços de carácter."

Todos os pais devem compreender que "... temperança unicamente é o fundamento de todas as graças que vêm do Senhor, de todas as vitórias a serem ganhas." *Temperança*, 201.

Se a temperança e a abnegação são o fundamento de todas as graças que vêm do Senhor, e *todas* as vitórias a serem obtidas, então o triunfo sobre o inimigo e a conquista da herança celestial é impossível sem estes princípios estarem estabelecidos na vida.

Quando os pais compreenderem isto, assegurarão que estão física e espiritualmente praticando os princípios da verdadeira temperança e abnegação, e que, nas suas mentes, verificam que isto é uma alegria e não um fardo legalista. Eles rejubilar-se-ão em saber que estão assim a transmitir aos seus filhos o melhor começo possível para o momento e eternidade e estão estabelecendo os fundamentos de todas as vitórias a serem obtidas.

Isto é assim porque é impossível isolar a natureza mental e a espiritual dos efeitos que os hábitos físicos têm sobre eles. Deve ser claramente compreendido que "Coisa alguma é sem importância. Tudo quanto afeta a saúde do corpo tem sua influência sobre o intelecto e o caráter." {OC 266}, *Orientação da Criança*, 408.

É verdade que as especialmente aconselhadas a serem cuidadosas e responsáveis a este respeito são as mães. "É-nos ensinado nas Escrituras o cuidado com que a mãe deve vigiar seus hábitos de vida.

"A reforma deve começar com a mãe, *antes do nascimento dos filhos*, e se as instruções do Senhor fossem fielmente obedecidas, não existiria intemperança." {OC 266.4}, *Orientação da Criança*, 407.

Mas os pais não devem pensar que podem ser indulgentes com os seus apetites sem afectarem seriamente os seus filhos. Eles também necessitam ser tão cuidadosos e fiéis como as mães. "E os pais, bem como as mães, acham-se incluídos nesta responsabilidade. Pai e mãe transmitem aos filhos seus característicos, mentais e físicos, e suas disposições e apetites. Como resultado da intemperança paterna, as crianças muitas vezes têm falta de força física, e de capacidade mental e moral." {PP 412}, *Patriarcas e Profetas*, 598.

Extrema intemperança é encontrada entre os escravos da nicotina, álcool e drogas pesadas. Estes transmitem uma terrível herança aos seus descendentes que, por sua vez, transmitem herança ainda pior aos seus filhos.

"Alcoólicos e fumantes podem transmitir a seus filhos seu insaciável desejo, seu sangue inflamado e nervos irritáveis; e efectivamente o fazem. O libertino muitas vezes lega à prole, como herança, os seus desejos impuros, e mesmo moléstias repugnantes. E, como os filhos têm menos poder para resistir à tentação do que o tiveram seus pais, a tendência é para que cada geração decaia mais e mais. Em grau elevado, os pais são responsáveis não somente pelas paixões violentas e apetites pervertidos dos filhos, mas também pelas enfermidades de milhares que nascem mudos, cegos, doentes ou idiotas." {PP 412}, *Patriarcas e Profetas*, 598.

Quando estas coisas são compreendidas e alguma coisa é entendida acerca dos maus efeitos impostos sobre as indefesas, dependentes, confiantes crianças pela intemperança de ambos os pais, os casais cristãos serão muito cuidadosos a fim de assegurar que não iniciem a concepção antes de terem a vitória neste campo. Não é possível salientar demasiado este ponto. Ele significa que cada pessoa não

obteve a vitória nesta área e não têm como consequência, estabelecida a temperança disciplinada na sua vida, não deve de modo algum iniciar a concepção mesmo que isto signifique nunca ter filhos até ao fim do seu tempo nesta Terra.

Para muitas pessoas o desejo de ter filhos é muito intenso, mas este poderoso instinto não deve tornar-se o factor de decisão, porque, não importa quão forte o desejo possa ser, será impossível às pessoas envolvidas darem aos seus filhos a herança e a educação tão absolutamente vital à sua saúde e prosperidade física, mental e espiritual, se os que desejam ser pais não obtiveram a vitória sobre os apetites, paixões e afeições. É melhor negar os vossos sentimentos e desejos de ter filhos, do que lançar um pequenino no movimentado, exigente rio da vida sem lhe dar os dons e qualificações necessários.

Não há razão para ele ou ela ficarem desanimados na sua batalha para obter a vitória sobre a intemperança, pois, pela graça de Deus, a libertação pode ser obtida e hábitos correctos serem estabelecidos. É Satanás e os seus servos que afirmam que é impossível os homens e as mulheres ganharem a vitória, mas Jesus veio a esta Terra a fim de demonstrar entre outras coisas, que a lei pode ser observada até à perfeição pelos mortais limitados com carne e sangue pecaminosos. Além disso, a Sua vida demonstra que a perfeita obediência traz apenas bênção e enriquecimento aos que verdadeiramente obedecem. Viver de harmonia com os preceitos divinos não rouba, como muitos imaginam, ao crente as alegrias da vida, nem o diminui mental, física, social e espiritualmente. Pelo contrário, abre portas de oportunidade às ilimitadas realizações e desenvolvimento pessoal. Contudo, deve ser sempre recordado que não podemos viver em justiça por nós próprios. Isto é possível apenas através da graça de Cristo.

"Em nossa própria força, é-nos impossível escapar aos clamores de nossa natureza caída. Satanás trar-nos-á tentações por esse lado. Cristo sabia que o inimigo viria a toda criatura humana, para se aproveitar da fraqueza hereditária e, por suas falsa insinuações, enredar todos cuja confiança não se firma em Deus. E, passando pelo terreno que devemos atravessar, nosso Senhor nos preparou o caminho para a vitória. Não é de Sua vontade que fiquemos desvantajosamente colocados no conflito com Satanás. Não quer que fiquemos intimidados nem desfalecidos pelos assaltos da serpente. 'Tende bom ânimo', diz Ele, 'Eu venci o mundo'. João 16:33.

"O que está lutando contra o poder do apetite olhe ao Salvador, no deserto da tentação. Veja-O em Sua angústia na cruz, ao exclamar: 'Tenho sede!' Ele resistiu a tudo quanto nos é possível suportar. *Sua vitória é nossa*." {DTN 77}, *O Desejado de Todas as Nações*, 108, 109.

É muito bom que exista a apresentação de uma vitória assim, porque "Seu exemplo nos declara que nossa única esperança de vida eterna, é manter os apetites e paixões sob sujeição à vontade de Deus." {DTN 76}, *O Desejado de Todas as Nações*, 108.

Por conseguinte, o primeiro passo da parte daqueles que desejam ser pais depois deles próprios renascerem, é assegurar que obtiveram realmente a vitória sobre os apetites, paixões, e afeições. Sejam eles inspirados em sua busca pela vitória neste campo, sabendo que estarão dotando os seus filhos com os mesmos fundamentos vitais para todas as vitórias a serem conquistadas e que abrirão à criança uma caminhada próxima com Deus e um lugar no reino.

Que a vitória sobre o apetite seja acompanhada por uma vida bem ordenada e disciplinada, pois os pais, através dos seus hábitos, certamente estabelecerão os

mesmos padrões nos seus filhos ainda não nascidos. Quando a mãe, depois de uma noite de sono doce e tranquilo, acorda com a frescura da manhã, levanta-se rapidamente sem ficar preguiçosamente na cama e realiza o seu trabalho de maneira metódica e eficiente, está dando à criança que está carregando, um treino muito eficaz em como enfrentar as responsabilidades da vida.

Por outro lado, se ela permanece até tarde na cama, levantando-se a diferentes horas cada manhã e está sempre a lutar para cumprir as suas tarefas, as crianças entrarão no mundo com as mesmas dificuldades estabelecidas nelas.

Nunca esqueçais que as influências indesejáveis que marcaram a vida da mãe antes do nascimento da sua criança continuarão depois, a menos que uma completa reforma seja iniciada. No lado mais feliz, também é verdade que as influências que estabelecem bons padrões de comportamento também continuarão depois da criança ser colocada nos braços da sua mãe pela primeira vez.

Isto significa que tanto a má como a boa educação estabelecida no período pré-natal continuará depois do nascimento a menos que haja uma decidida mudança para melhor ou para pior nas vidas dos pais.

Eu vi esta verdade demonstrada na vida de uma senhora idosa que nunca estava a horas para nada excepto quando tinha que apanhar um transporte público como um autocarro, comboio, barco ou avião. À parte disto, estava atrasada de manhã, para as refeições, para as compras e para tudo o resto.

Um dia, sem que lhe fosse perguntado, ela fez a observação que a sua mãe que nunca tinha horas para fazer o que quer que fosse, não lhe tinha exigido que fizesse o seu trabalho a horas específicas, mas tinha-lhe dado ilimitada liberdade para operar com total omissão de disciplina para tirar o melhor proveito de cada minuto disponível. “Consequentemente,” declarou, “o padrão de vida da minha falha em relacionar trabalho com o tempo foi firmemente estabelecido na minha infância e nunca mudou desde então. Eu nunca aprendi a organizar o meu tempo com o melhor aproveitamento, tendo falhado em pôr em prática a disciplina de economia e eficiente produtividade, e, aquelas pouco frequentes ocasiões em que cheguei a horas, foi o resultado de circunstâncias favoráveis em vez de uma bem-sucedida organização pessoal.”

Todo o que hoje cuidadosamente compare os seus hábitos com o estilo de vida a que foi submetido na infância, rapidamente verá como é que nos tornamos como adultos. Isto não quer dizer que a nossa educação inicial nos prendeu irremediavelmente a imutáveis normas de comportamento, porque o decidido esforço pode e efectuará valiosas reformas. Contudo, o que significa é que qualquer obra de reforma será difícil e, por vezes, decididamente desanimadora.

Aprenderemos a verdade destas palavras: “Velhos hábitos, tendências hereditárias para o erro, lutarão para manter a supremacia, e contra isto deve ele estar sempre em guarda, lutando na força de Cristo pela vitória.” {AA 267}, *Atos dos Apóstolos*, 476.

“A santificação não é obra de um momento, de uma hora, de um dia, mas da vida toda. Não se alcança com um feliz vôo dos sentimentos, mas é o resultado de morrer constantemente para o pecado, e viver constantemente para Cristo. Não se podem corrigir os erros nem apresentar reforma de carácter por meio de esforços débeis e intermitentes. Só podemos vencer mediante longos e perseverantes esforços, severa disciplina e rigoroso conflito. Não sabemos quão terrível será nossa luta no dia seguinte. Enquanto reinar Satanás, teremos de subjugar o próprio eu e vencer os pecados que nos assaltam; enquanto durar a vida não

haverá ocasião de repouso, nenhum ponto a que possamos atingir e dizer: 'Alcancei tudo completamente.' A santificação é o resultado de uma obediência que dura a vida toda." {AA 314}, *Atos dos Apóstolos*, 560, 561.

Esta jovem está a olhar para o exterior para o que parece ser um mundo mais brilhante do que aquele em que está confinada naquele momento. Este é o símbolo de todas as crianças cujos pais não tiraram o maior proveito do período pré-natal. Elas estão fechadas num mundo de limitações enquanto à distância e fora do seu alcance estão as maravilhosas possibilidades do que poderia ter acontecido.

Toda a criança que aspira à vida eterna, mas nasce num lar, pretensamente cristão ou não, onde a temperança estrita não é praticada, e onde uma vida disciplinada e ordenada não é mantida, enfrenta uma dura luta antes que a batalha seja vencida. Com muitas, o efeito prejudicial dos hábitos errados adquiridos durante o período pré-natal e pós-natal mostra-se uma desvantagem tão grande que desistem em desespero. Nunca alcançando a vitória sobre as suas tendências hereditárias e cultivadas para o erro, encontrarão as portas do Céu fechadas para elas, uma tragédia pela qual os seus pais são culpados.

Todavia, não precisa ser assim. Aquilo que o marido e a esposa podem fazer é começar uma reforma dos seus hábitos antes de iniciarem uma concepção e darão ao seu filho uma tremenda vantagem. Neste mundo de pecado, cada uma das vantagens que podem ser dadas à criança, aumenta a sua capacidade para lidar com a terrível pressão que a tentação pode trazer sobre si. Assim, os pais sábios, disciplinados, comedidos, estabelecerão dentro dos seus filhos, dons de enorme valor de sólida constituição física e mental, juntamente com hábitos bem ordenados e laboriosos.

Mas, é a intenção divina que estas coisas não sejam tudo o que é fixado na criança não nascida. Muito pode ser feito para assegurar que o primeiro e único interesse do pequenino quando entra no mundo sejam as coisas de Deus. Foi

assim na vida terrestre de Cristo e o Senhor determina que assim seja na experiência de toda a criança que nasce de pais cristãos. Sobre o Salvador como criança está escrito:

"Sua felicidade encontrava-se nas horas em que estava a sós com Deus e a Natureza. Sempre que Lhe era concedido esse privilégio, afastava-Se do cenário de Seus labores, e ia para o campo, a meditar nos verdes vales, a entreter comunhão com Deus na encosta da montanha ou entre as árvores da floresta. O alvorecer frequentemente O encontrava em qualquer lugar retirado, meditando, examinando as Escrituras, ou em oração. Dessas horas quietas voltava para casa, a fim de retomar Seus deveres e dar exemplos de paciente labor." {DTN 55}, *O Desejado de Todas as Nações*, 78.

Não havia nada que Jesus amasse mais do que a comunhão com Deus através da natureza e da palavra escrita. Passar tempo nessa comunhão com o Altíssimo, o Criador do Universo, a Fonte de toda a existência, era o que Lhe dava mais felicidade e satisfatória realização. Enquanto outras crianças encontravam a sua satisfação nas actividades que satisfaziam a carne, Ele afastava-se desinteressado de tudo isso a fim de procurar comunhão com o Seu Pai celestial. É evidente que Ele passou todos os momentos livres do Seu tempo estudando a palavra escrita, não por ser obrigado a isso, mas por ser o Seu supremo interesse. Aquilo que os outros achavam aborrecido, sem gosto e sem interesse, Ele avidamente devorava como o próprio pão da Sua alma.

"Uma vez Ele que obteve conhecimento como o podemos fazer, Sua familiarização com as Escrituras mostra quão diligentemente os primeiros anos de Sua vida foram consagrados ao estudo da Palavra de Deus." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 59.

"Jesus estudou as Escrituras na meninice, na mocidade e na varonilidade. Como criança, aos joelhos de Sua mãe, do rolo dos profetas recebia diariamente instruções." *Educação*, 184.

Este interesse único da parte de Cristo é um testemunho vivo para onde semelhantemente os interesses devem ser dirigidos desde os nossos primeiros momentos. É a responsabilidade dos pais alcançar para o filho esta exclusiva preferência pelo estudo das Escrituras que, quando abertas à compreensão pelo omnisciente poder do Espírito Santo, desvenda todo o ramo do conhecimento útil necessário à produção da preparação para uma vida de serviço eficaz tanto para o presente como para a eternidade.

Não pode haver dúvida que todos os pais cristãos amariam ver nos filhos, tamanho amor compassivo pela palavra de Deus que eles seriam encontrados a estudá-lo em cada oportunidade e que esse total interesse absorvente os deixaria completamente desinteressados da literatura e televisão que tão poderosamente escraviza a atenção daqueles que não nasceram de novo e cujo gosto não foi subsequentemente educado para apreciar as coisas espirituais. Mas, quantos pais cristãos não têm sido desanimados por verificar que, depois de terem tido tanto cuidado em excluir as novelas, livros sobre comédia e a televisão dos seus lares, os pequeninos continuam a mostrar que as suas matérias preferidas para ler e ver sejam exactamente aquelas das quais os seus pais os têm procurado proteger. Essa descoberta é na verdade muito desencorajadora. Ela gera sentimentos de desesperado desânimo e dá coragem à convicção errada que é quase impossível estabelecer nas crianças a mesma vitória manifestada no próprio Jesus.

À medida que olhamos à nossa volta hoje, que é no princípio de 1987, estamos quase certos que somos incapazes de encontrar quaisquer crianças, nossas ou de outras famílias, em quem um tal amor pelas Escrituras que buscam, como Jesus fez, toda a oportunidade que podem para investigar as páginas sagradas, não por um curto período de tempo algures na sua infância, mas consistentemente e com crescente amor e devoção durante a meninice e juventude, e seguidamente na idade adulta. Eu não conheço nenhuma, embora possa haver algumas que eu desconheça.

Os pais e os professores da Escola Sabatina descobrem que, para ganhar e manter o interesse dos filhos, devem eles fazer as lições, não espirituais, mas de entretenimento. Se não conseguem superar o padrão de entretenimento da televisão, as crianças ficam entediadas e inquietas. Constata-se também que, enquanto as crianças permanecem sob o controlo dos pais, frequentarão a Escola Sabatina, mas, na maioria dos casos, quando alcançam a sua liberdade no início da adolescência, abandonam completamente o estudo da Bíblia e as coisas espirituais.

Todavia, não tem que ser assim e não será se os pais seguirem os procedimentos correctos. Seria de esperar que todos os pais cristãos estivessem desejosos de aprender procedimentos práticos pelos quais garantissem que os filhos vissem as Escrituras como o seu supremo interesse desde a infância até o Salvador vir se vivessem até essa altura.

O primeiro passo, como foi afirmado e reafirmado ao longo deste livro, é garantir que a criança receba o dom do novo nascimento desde os primeiros momentos. Isto protege a sua mente da educação directa e destrutiva do diabo e dá-lhe predisposição para o caminho da justiça. Dessa maneira, ela recebe uma afinidade pelas coisas de Deus e tenderá a responder naturalmente ao espiritual e ao eterno.

Mas, por mais vital que seja esse primeiro passo, não é suficiente. Os nascituros e os recém-nascidos do ventre de sua mãe não têm a capacidade de discernir o que deve ser rejeitado e o que deve ser absorvido. Além disso, como todo cristão nascido de novo deve compreender, uma pessoa que, como filho de Deus, tem a vida divina formada dentro de si, pode cultivar um gosto pelo material e mundano até perder todo o gosto pelas coisas da eternidade. Aqueles que o fazem vão amar e apreciar o mal que antes detestavam.

"A mente de um homem ou mulher não decai num momento da pureza e santidade para a depravação, corrupção e crime. Leva tempo transformar o humano em divino, ou degradar o que foi formado à imagem de Deus em brutal ou satânico. Pela contemplação somos transformados. Embora formado segundo a imagem do seu Criador, o ser humano pode de tal maneira educar sua mente que o pecado por ele outrora aborrecido se torne um prazer. Deixando de vigiar e orar, deixa de guardar a cidadela — o coração — e empenha-se no pecado e crime. A mente é degradada, e é impossível elevá-la da corrupção enquanto está sendo educada para escravizar as faculdades morais e intelectuais, e levá-las em sujeição a paixões grosseiras. Deve ser sustentada guerra constante contra a mente carnal; e precisamos ser ajudados pela refinadora influência da graça de Deus, a qual elevará a mente e a acostumará a meditar no que é puro e santo." *Testemunhos para a Igreja* 2:478.

Saliente-se que o gosto por qualquer coisa física, mental e espiritual, pode ser cultivado. Consequentemente, o crente em Jesus necessita ser cuidadoso para cultivar o bem, o puro, e o santo, ao passo que volta as suas costas ao que é mau,

porque, se não o fizer, então, tal como a lama se agarra às roupas mais limpas se caminhamos pelo lamaçal, assim o mal cobrirá a alma.

É por esta razão que Paulo dá o conselho: "Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai." *Filipenses* 4:8.

Pode haver situações em que somos obrigados a habitar no meio do vício e da impureza, como José e Daniel. Torna-se então de particular importância fechar as avenidas da alma contra as influências corruptoras do mundo mau ao redor, como esses e outros nobres fizeram. José conseguiu manter a sua pureza, com certeza, afastando os maus pensamentos e fixando a sua mente na verdade.

"Chegando ao Egipto José foi vendido a Potifar, capitão da guarda do rei, a cujo serviço ficou durante dez anos. Ali foi exposto a tentações nada triviais. Estava em meio da idolatria. O culto aos deuses falsos era rodeado de toda a pompa da realeza, apoiado pela riqueza e cultura da nação mais altamente civilizada então existente. José, todavia, preservou sua simplicidade e fidelidade para com Deus. As cenas e ruídos do vício estavam ao redor dele; *porém era ele como quem não via e não ouvia*. Aos seus pensamentos não permitia ocupar-se com assuntos vedados." {PP 148}, *Patriarcas e Profetas*, 216.

Tanto a Bíblia como o Espírito de profecia repetidamente salientam que o crente deve diligentemente cultivar um gosto pelo espiritual e eterno ao passo que firmemente recusa mesmo as mais simples deliciosas tentações do mundo mau.

Quando e como deve esta obra ser feita pela criança, de modo que nos primeiros momentos possíveis os seus gostos se estabeleçam nas coisas que pertencem à justiça e verdade, e desse modo, para ela como foi para Jesus como criança, menino, jovem e homem, as Escrituras sejam a grande atracção para estudo?

Esta obra deve começar durante o período pré-natal, quando todas as emoções e experiências pelas quais a mãe passa serão igualmente vividas pela criança ainda não nascida. Como a experiência da mãe é grandemente afectada pelo relacionamento do marido com ela, ele precisa compartilhar com ela o mesmo trabalho de cercar o bebé que ainda não nasceu com influências sagradas. Ele terá menos tempo para este trabalho do que a futura mãe, mas deve aproveitar ao máximo as suas oportunidades. É o período em que o pai e a mãe exercem mais influência na mente da criança do que em qualquer outro momento da paternidade. Se os pais pudessem ser levados a apreciar plenamente o poder ao seu dispor para estabelecer virtualmente de forma imutável o carácter de Deus em seus preciosos filhos antes mesmo de nascerem, eles se aplicariam ao trabalho sagrado com dedicação, profundidade e intensidade como ainda não sonharam. Uma provisão incrível foi disponibilizada para eles, e não devem deixar de cultivar este dom de Deus ao máximo.

A Bíblia e o Espírito de Profecia devem ser os seus companheiros constantes. Eles precisam de ser lidos em todas as oportunidades possíveis, de preferência em voz alta e direccionados aos não-nascidos. É muito importante que esses livros não sejam meramente lidos, mas profundamente amados, a ponto de os pais voltarem ao estudo com entusiasmo e terem relutância em deixá-los. Eles precisam de implorar pelo ministério do Espírito Santo para que encha as suas almas de luz e inspiração até que, ao verem a beleza viva na verdade, entrem num vínculo vital com a vida do próprio Deus nessa palavra, e todo os seus seres se tornem radiantes com louvor a Deus.

Quando desenvolvem uma tal experiência, que começo inestimável na vida estão dando ao seu precioso pequenino. Durante o período pré-natal, as poderosas mensagens vivas que a mãe e o pai lhe transmitiram foram carregadas da corrente vivificante da fé, esperança, amor e bondade. Todo o seu ser responderá a ele; e, uma vez nascido, naturalmente se identificará e buscará esta vida e, quando tiver idade suficiente para realmente entender as histórias da Bíblia, encontrará apenas um profundo amor pelas Escrituras, pois serão seus amigos familiares.

Os pais que são grandes cristãos, que caminham vibrantemente com Deus, que Lhe são radiantes no louvor e gratidão e de quem os pensamentos mundanos foram banidos, produzirão os filhos mais poderosos, espirituais, competentes e eficazes. Quão grande será a sua bem-aventurança e alegria!

Pais que são grandes cristãos, que têm uma caminhada vibrante com Deus, que são radiantes no louvor e gratidão a Ele e de quem os pensamentos mundanos foram banidos, produzirão os filhos mais poderosos, espirituais, capazes e eficazes. Que bênção e alegria serão deles!

É lamentável que as ambições espirituais de tantos sejam limitadas a um nível tão baixo, mas o mesmo problema é encontrado no mundo em que existem igualmente duas classes em geral. A maioria está contente em arrastar-se pela escola com pouco mais do que esforços e gastos mínimos. Nunca aspirando a nada, nunca atingem níveis que valham a pena.

Depois, há os que alcançam o melhor das suas qualificações para obter qualificações adequadas para o serviço. À frente desta classe estão os excelentes triunfadores que, com o máximo esforço diligente, tornam-se altamente capacitados para servir. Entre eles estão os melhores músicos do mundo, homens e mulheres que investiram inúmeras horas de prática tediosa tocando escalas, arpejos e exercícios até atingirem um alto nível de perfeição. Essas pessoas são poucas em número quando comparadas às multidões da Terra. Haveria mais, excepto os que estão tão posicionados que não têm oportunidade para subir.

Mas no domínio das vitórias cristãs, os mesmos poderes e ferramentas estão disponíveis para todas as pessoas. No entanto, quão poucos cristãos excepcionais apareceram e quando isso aconteceu, que obras poderosas o Senhor realizou através deles. Vede o incrível impacto de Daniel e seus três companheiros ao enfrentarem o poderoso rei do mundo, primeiro pela crise gerada pelo sonho e depois diante da fornalha ardente. Esses homens fizeram com que a história mudasse de rumo, à medida que o maior e mais orgulhoso homem da Terra foi convertido ao Senhor.

Existem pessoas capazes de apreciar o poder desses homens, mas sentem que foram especialmente dotados para a sua missão. Isso não é verdade. Foi pela graça de Deus e por seu esforço diligente que eles se tornaram o que eram. Eles realmente trabalharam para se tornarem cristãos extraordinários, não para serem os melhores por estarem no topo como o mundo aspira, mas porque precisavam estar ali para reflectir louvor e honra a Deus.

Portanto, nesta hora final da história da Terra, as mães e os pais precisam realmente trabalhar com todos os seus poderes para se tornarem cristãos destacados. Eles precisam fazer isso para dar aos seus filhos o começo da vida que eles precisam. Quando pensais que estais a dar o vosso melhor no trabalho do desenvolvimento espiritual, uma análise cuidadosa do vosso tempo não aproveitado revelará algo de quão longe estais ficando aquém do que seria de facto o vosso melhor esforço.

Quando o pai e a mãe se juntam ao trabalho vital da intensa educação espiritual e, no decurso desses exercícios essenciais, chegam ao ponto de ler em voz alta aos nascituros e aos nascidos, não estamos a sugerir que a criança seja capaz decifrar as palavras ou entender a mensagem que está a ser absorvida pelos pais. Isso seria esperar demais, pois as capacidades da criança não se desenvolveram a tal ponto que tais coisas sejam possíveis. O próprio Cristo, quando criança limitou-se às capacidades de uma criança, como está escrito: “Enquanto criança, pensava e falava como criança; mas nenhum traço de pecado desfigurava n’Ele a imagem divina.” {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 60.

Todavia, embora incapaz de absorver a verdade naquele nível intelectual em que é necessário raciocínio e discernimento, o feto é abençoado com uma quantidade significativa de luz e poder, cujos efeitos benéficos estão além da computação. Nenhuma criança pode dar-se ao luxo de ser privada dessas vantagens. Ela precisa de tudo o que o Senhor tornou possível que ela receba durante esse período vital.

Especificamente, o que ela obtém dos exercícios espirituais dos seus pais nesse período é, primeiramente, a comida viva, o Pão que desce do Céu, para alimentar e nutrir a sua natureza divina. Isso garante que a sua natureza espiritual cresça forte e robusta. Deixai-a, então, ser bem alimentada para que se desenvolva de força em força maior. A necessidade de ser diligente ao fazer isso não pode ser enfatizada demais.

A próxima aquisição é uma maravilhosa energização dos seus poderes mentais, pois não há nada que se compare com o estudo das Escrituras para o fortalecimento da mente. Olhai novamente para a vida de Cristo para confirmar esse facto. Ali é declarado: “E visto que Ele adquiriu conhecimento como nós o podemos também, Seu maravilhoso poder, não somente mental mas também espiritual, é um testemunho do valor da Bíblia como meio de educação.” *Educação*, 184.

Não sabemos a que profundidade de pormenor Maria, a mãe de Jesus, compreendeu estes princípios de educação, mas sabemos que ela compreendeu que a sua responsabilidade era tremenda, pois foi informada disso pelo anjo e é-nos dito que ela era uma mulher devota. Portanto, esperaríamos que ela passasse tanto tempo em oração e intenso estudo das Escrituras quanto as suas obrigações permitissem. Assim a sua vida devota durante o período pré-natal, foi a Sua vida devota durante o mesmo período. Alimentado através da Sua mãe com o Pão do Céu, Ele diariamente cresceu em poder mental e espiritual antes de nascer. Assim

como as nossas crianças podem ganhar conhecimento exactamente como Jesus, também elas podem desenvolver força mental e espiritual antes e depois de nascerem se os pais se alimentarem na Palavra em seu favor. Esta é uma maravilhosa oportunidade que não deve ser desperdiçada.

Os pais precisam ficar impressionados com a importância do seu papel durante este período, pois o sucesso desses procedimentos depende mais deles do que da mãe. Alguns podem tender a contestar isto porque o que a mãe é em seu espírito e atitude determina o carácter que está sendo construído na criança dentro dela. Isso é verdade, mas o que não deve ser esquecido é o facto que, em parte, o que a mãe é, é determinado pela atitude do marido em relação a ela. Se o marido é insensível ao seu papel, ela pode, pela graça de Deus, elevar-se acima do desânimo, mas ainda sentirá a perda, e Cristo não satisfará milagrosamente as suas necessidades neste assunto, pois Ele não usurpará a posição que o agente humano tem que preencher. Entenda-se que o comportamento e a atitude do marido têm um efeito maior sobre a esposa do que o comportamento dela sobre ele. A família é toda a vida dela, enquanto os interesses dele tendem a ser dominados por responsabilidades ou cuidados profissionais. O que acontece em casa geralmente afecta-o menos do que aquilo que se passa na sua ocupação profissional.

Mas, se ele é um cristão dedicado, entende a mensagem da salvação das crianças, percebe a importância crítica do seu papel como marido e, vendo que maravilhosos resultados estão disponíveis para ele e sua esposa, corre para o desafio do momento, depois as responsabilidades das actividades profissionais assumirão um lugar muito menos importante no seu pensamento. A sua família será certamente o interesse e obra principal no que a ele diz respeito.

O que a esposa deve ter durante o período pré-natal e a todo momento depois disso é a segurança absoluta de saber que o marido a ama com um carinho profundo, caloroso e vivo, com exclusão de todos os outros, assim como ela o ama em troca. Ambos precisam de se amarem muito, unidos com o amor infinito que transcende toda a afeição humana e tem a sua fonte no coração de Deus. Este é o amor que é imutável, incompreensível e insondável. Não é sentimental, emocional e volúvel, mas é profundo, silencioso e duradouro, uma fonte de santa alegria para todo o sempre. O seu estabelecimento forma um ambiente satisfatório para a salvação das crianças.

Maridos, nunca se esqueçam que uma esposa que é amada profunda e duradouramente é uma pessoa muito segura e tranquila, especialmente se tiver a capacidade de devolver o mesmo amor ao marido. Uma mãe apaixonada e em paz transmite o mesmo calor de amor aos filhos que ainda não nasceram. Ao devolver o seu amor ao marido, a criança, que experimenta todas as emoções pelas quais a mãe está passando, também está a apaixonar-se pelo pai. Se um ser tão maravilhoso como a sua mãe linda e calma ama esse homem, ela não pode fazer mais nada além de amá-lo também. Quão lindamente a família está assim unida; que fundamento é assim lançado para uma vida futura de confiança e parceria. Assim, os corações dos pais e dos filhos se voltarão um para o outro nestes últimos dias, e não se afastarão um do outro, como está escrito:

”Eis que vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor;

“E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos seus pais; para que Eu não venha, e fira a Terra com maldição.” *Malaquias* 4:5, 6.

Os pais que nunca entenderam como levar a salvação aos filhos, e que não sabiam como amar de verdade as esposas enquanto carregavam e criavam os seus filhos, conhecem a tristeza e a amargura da rejeição dos seus filhos adolescentes. Como eles desejavam que os laços de doce comunhão fossem estabelecidos entre eles e os seus filhos amados.

A rejeição dos pais, por parte dos filhos adolescentes é na verdade um pesado e difícil sofrimento que os adultos têm que suportar. Porém, não é necessário que seja assim. Se os pais aproveitarem tudo o que podem do período pré-natal, podem ter a certeza que os seus filhos os amarão e respeitarão eternamente.

Os amados jovens cristãos de hoje não precisam enfrentar esta perspectiva terrível. A luz está a brilhar agora, revelando que um sólido fundamento físico, mental e espiritual pode ser estabelecido tão profundamente na criança antes mesmo de nascer que, para sempre, a criança será abençoada com poderes excepcionais e com gosto apenas pelo que é verdadeiramente útil na avaliação de Deus, andará nos caminhos do Senhor para sempre. Então a promessa será cumprida: "Instrui o menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele." *Provérbios* 22:6.

No entanto, se a obra que o Senhor ordenou que seja feita no período pré-natal não for fielmente cumprida, haverá uma deficiência para toda a vida, uma duradoura fraqueza, um obstáculo constante que não permitirá à vítima desta negligência alcançar as mais elevadas vitórias que o Senhor tinha planeado para ela e tornar-se-á mais difícil ela resistir à tentação.

Existirão aqueles que se oporão à ideia da moldagem total da vida da criança pelos pais, num tempo em que a criança é tão completamente incapaz de tomar decisões por si mesma. Tomar essa posição é demonstrar uma ignorância sobre qual é a alternativa.

Se os pais são descuidados quanto à temperança em todas as coisas a criança é colocada na vida com incapacidade física, susceptibilidade para a doença e predilecção para o pecado.

Se os pais vivem uma vida indisciplinada e desordenada, esta é o padrão de hábitos que legarão aos seus filhos.

Se eles não cultivam um supremo interesse pelas coisas espirituais, as suas mentes serão inevitavelmente atraídas para o mundo e suas fascinações e assim sentenciarão os seus pequeninos ao mesmo gosto pelo vulgar e sórdido.

O simples facto é que, na própria natureza do caso, é impossível os pais não escolherem para os pequenos. Portanto, é bom pensar e planear em dar o melhor de si possível, e o período pré-natal é o momento criticamente importante em que deve começar. Deixai-me encerrar este capítulo repetindo uma declaração citada anteriormente.

"O efeito das influências pré-natais é olhado por muitos pais como coisa de somenos importância; o Céu, porém, não o considera assim. A mensagem enviada por um anjo de Deus, e duas vezes dada da maneira mais solene, mostra que isto merece nossa mais atenta consideração.

"Nas palavras dirigidas à mãe hebreia, Deus fala a todas as mães de todas as épocas. 'De tudo quanto Eu disse à mulher, se guardará ela.' *A felicidade da criança será afectada pelos hábitos da mãe*. Seus apetites e paixões devem ser regidos por princípios. Existem coisas que lhe convém evitar, coisas a combater, se quer cumprir o desígnio de Deus a seu respeito ao dar-lhe um filho. Se antes do nascimento de seu filho, ela é condescendente consigo mesma, egoísta, impaciente e exigente, esses traços se reflectirão na disposição da criança. Assim têm muitas crianças recebido como herança, quase invencíveis tendências para o mal.

"Mas se a mãe se atém sem reservas aos rectos princípios, se é temperante abnegada, bondosa, amável e esquecida de si mesma, ela pode transmitir ao filho os mesmos traços de carácter. Muito explícita foi a ordem que proibia o uso de vinho pela mãe. Cada gota de bebida forte por ela ingerida para satisfazer seu apetite, põe em perigo a saúde física, mental e moral do filho, sendo um pecado directo contra o seu Criador." *A Ciência do Bom Viver*, 372, 373.

Capítulo 22

Os Filhos Mais Velhos

Até agora, as nossas considerações têm sido acerca do filho abençoado com pais que compreendem e aplicam as medidas de salvação das crianças desde os primeiros momentos da criança, mas que fazer quanto aos filhos já nascidos e ainda amaldiçoados com a presença do velho homem e prisioneiros de muitos hábitos e conceitos errados? Está a mensagem demasiado atrasada para eles, ou há ainda alguma coisa que se possa fazer?

O que que estamos a ver agora é uma situação em que temos classificado condições que variam de muito boas a praticamente sem esperança. O melhor que se pode esperar hoje é que a mensagem seja aceite e aplicada antes do casamento ter lugar. A pior situação é onde os filhos de pais cristãos cresceram, saíram do controlo dos pais e renunciaram completamente ao cristianismo. Há muito pouco que os pais possam fazer para trazer a salvação àqueles filhos que se afastaram, mas há algumas coisas que podem ser feitas por eles e não devem ser considerados como estando necessariamente para além da esperança da redenção.

Seja qual for a idade dos filhos, o primeiro passo a ser dado pelos pais que chegaram à compreensão e aceitaram a mensagem da salvação das crianças e que estão determinados a pô-la em prática, é fazer uma cuidadosa avaliação da condição espiritual e mental e posição de cada um dos seus filhos. Quanto mais simples, isenta de emoções e honesta for esta avaliação, mais eficazmente os pais podem iniciar a obra de remediar a má situação em curso.

A primeira convicção a ser enfrentada é que o filho nunca nasceu de novo, ele ainda é uma árvore má incapaz de produzir frutos justos e consequentemente tem em si, não o espírito de obediência, mas o espírito de rebelião e desobediência.

Se os próprios pais forem renascidos verdadeiramente e tiverem experimentado o poder da divina graça para transformar a alma, não terão dificuldade em reconhecer que os seus filhos ainda não são regenerados. O seu julgamento não será colorido pelo sentimento, desejoso e superficial pensamento, ou pela afeição humana. Eles avaliarão as coisas como elas realmente são, não como eles desejariam que fossem.

Recordai que estamos a discutir uma específica classe de filhos aqui — aqueles cujos pais acabaram de aprender os princípios da salvação das crianças e

portanto não os aplicaram aos seus próprios filhos. Estes filhos ainda não são renascidos e necessitam de ser iniciados nesta bênção tão cedo quanto possível.

O passo seguinte é reconhecer que a presença da semente de Satanás no pequenino desde a sua concepção até à idade que tiver agora, tem sido um agente de destruição dos poderes físico, mental e espiritual, de modo que as suas capacidades foram consideravelmente reduzidas. Também deve ser compreendido que esta presença do mal dentro dele tem desenvolvido um gosto pelas coisas do mundo e transitórias e que um amplo padrão de hábitos errados foi formado. Haverá a tendência para estes se afirmarem à medida que as crises da vida se apresentarem.

A seguir, deve ser feita uma tentativa para avaliar o grau em que a criança pode compreender o evangelho e tomar decisões por si. Estas coisas dependerão da idade da criança e nível de inteligência. Quanto mais velha ela for e melhor desenvolvida, maior é a sua responsabilidade de tomar a decisão.

Os pais devem então identificar claramente a forma de governo pela qual têm operado no seu lar. Isto não é determinado pelo facto de eles próprios serem verdadeiramente renascidos, amarem o Senhor e ter os melhores interesses do reino no coração, mas pelos próprios princípios e procedimentos que têm usado.

Uma honesta revisão daqueles princípios e procedimentos mostrará nitidamente que, tal como descrito no Capítulo Um deste livro, eles estabeleceram e operaram de acordo com a ordem satânica e não segundo a ordem divina na sua família. É o método de governo de Satanás usar primeiramente amorosos apelos e em seguida, quando isto falha em produzir a obediência desejada, empregam os meios coercivos pelos quais o sujeito é forçado a ser leal ao poder dominante. Os pais que estão enfrentando o problema de trazer a salvação aos seus filhos já crescidos, devem reconhecer que têm operado pelos princípios da força e que portanto, têm estado a dirigir um reino satânico nos seus lares. O facto de isto ter sido feito em ignorância e com os melhores motivos e intenções alivia-os da condenação, mas não anula os maus efeitos.

Agora que a luz sobre o governo divino, carácter de Deus e salvação das crianças chegou, a condenação pelo procedimento errado do passado repousará pesadamente sobre os pais, a menos que eles rapidamente se arrependam e tomem tantas medidas quantas possíveis para corrigir a situação estabelecendo um governo no lar na Terra como ele é no Céu.

Verdadeiro e efectivo arrependimento é sempre o fruto do Espírito Santo a iluminar a alma com a luz da verdade. Por conseguinte, o primeiro passo na recuperação daquilo que foi perdido é os pais fazerem um compreensivo estudo da mensagem da salvação das crianças. Estudai os princípios uma e outra vez até eles serem profundamente compreendidos. Entretanto, não deixeis que alguma coisa seja feita para perturbar o estabelecimento da ordem no lar. As grandes mudanças a serem levadas a cabo só o serão quando a profunda preparação necessária estiver completa. As mudanças que devem ser feitas resultarão no início de um caminho de vida completamente novo, não serão facilmente aplicadas e portanto exigem que nenhuns passos prejudiciais sejam dados que dificultem o resultado.

À medida que diligentemente e com oração estudais a mensagem da salvação das crianças, deixai que o Espírito Santo vos guie a um profundo e verdadeiro arrependimento. Com autêntica tristeza pela vossa ignorância do passado, pelo caminho errado seguido e pelo terrível dano causado aos vossos filhos, confessai

os vossos pecados de ignorância, recebei o amoroso perdão e saí para uma nova vida.

O passo a seguir é explicar toda a situação aos filhos, confessar os terríveis erros cometidos, pedir o seu perdão e oferecer-lhes uma nova forma de governo, semelhante ao reino de Cristo, o único pelo qual "...não existe arma carnal nem instrumento de coerção." {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

Deve ser lembrado que os princípios do repouso do sábado devem ser aplicados na preparação de reuniões com o filho ou filhos. Se não estais familiarizados com esta mensagem, um compreensivo estudo do livro, *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, do mesmo autor, será muito necessário. Aqueles que conhecem esta mensagem compreenderão que o Senhor é o Planeador e assim a Ele é deixada a importante tarefa da preparação exactamente quando e onde a reunião com os filhos deve ser levada a cabo. Com infinita paciência, os pais esperarão pela altura e lugar designado por Deus. Entretanto, eles procurarão melhorar o período de espera passando tanto tempo quanto possível em comunhão com o Senhor, de modo que, ao chegar por fim o momento da reunião, eles estejam totalmente preparados para ela.

Quanto mais velho for o filho, maior é o grau de responsabilidade que recai nele aceitar a nova forma de governo do lar e adaptar-se a fim de ser participante no mesmo nascendo de novo e ser abençoado com espírito de obediência.

O estudo dado às crianças mudará em profundidade e extensão consoante a sua capacidade para compreender e absorver a luz. Ela deve começar com uma explicação da verdade que toda a família é um reino divino, uma reprodução em miniatura do reino de Deus no Céu. Em seguida explicai que o reino não é governado pela força em qualquer sentido da palavra. Permiti que eles aprendam que no reino divino, "a rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante". {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 728.

Confessai-lhes que os tendes governado de acordo com os princípios de Satanás, conforme os caminhos da coerção e trevas. Dizei-lhes que fizestes isto apenas porque não compreendíeis verdadeiramente a estrutura do reino da luz, verdade e liberdade. Dizei-lhes que lamentais o passado, mas o futuro será muito diferente. Avisai-os que lhes ofereceis agora um novo e melhor governo no lar em que não haverá mais punições, nem mais coerção, nem mais o emprego de poder físico para obrigar a obedecer.

Sem compreender todas as implicações da sua resposta, as crianças com alegria receberão o novo governo, como os judeus inicialmente receberam quando Cristo apareceu entre eles. Os filhos terão a tendência para concluir que estão livres para fazer o que entenderem sem o receio da punição.

Agora devem ser libertados desta lamentável má compreensão. Devem mostrar que o novo reino operará apenas se os seus súbditos tiverem as qualificações necessárias para tomarem parte nele. Devem estar assim em harmonia com o espírito e carácter da ordem divina à qual obedecem, não por causa de serem coagidos a fazê-lo, mas porque está neles proceder desse modo — em virtude de terem o próprio espírito de obediência embebido nas suas naturezas.

Eles receberão de braços abertos a perspectiva de um governo do lar do qual a força foi afastada. Em seguida convidai-os a qualificarem-se para serem membros desse reino. Misericordiosamente, as crianças, pelo menos até entrarem na adolescência, parecem ansiosamente desejosas de deixar para trás o espírito de rebelião e desobediência e aceitar a nova vida de submissão e obediência. Isto é muito mais difícil quando a infância já passou.

Será com grande alegria de coração que os pais ouvirão a entrega deles para servir aos pais e ao Senhor de acordo com a justiça. Uma vez alcançado este feliz momento, os pais tornam-se os professores do evangelho. Resumir isto envolve explicar aos filhos que, Satanás ao tentar Adão e Eva ao pecado implantou a semente do mal nos seus corações. Isto cresceu numa natureza espiritual má que é semelhante a uma doença no corpo. Salientai o ponto que esta presença do mal no interior é um senhor dominador que controla as nossas vontades. Recordai-os de quando estiveram doentes como uma ajuda para a sua compreensão das obras da velha natureza. Levai-os ao jardim onde podeis directamente dirigir a sua atenção para as plantas boas e para as plantas más. Demonstrai que a única solução possível para o espinheiro que não pode produzir bom fruto, é arrancá-lo pela raiz e substitui-lo por uma vida totalmente nova.

A única esperança para eles é a semente de Satanás ser removida e a semente de Cristo tomar o seu lugar. Tornai claro que isto é muito mais importante do que uma mudança de comportamento; é uma troca de naturezas. Eles têm que se tornar pessoas diferentes em si mesmas. Então o seu comportamento será justo por terem o poder para fazerem aquilo que sabem ser o dever.

Uma vez que isto seja alcançado e as crianças sejam inspiradas com o desejo de experimentar esta mudança, gravai nas suas mentes que é totalmente impossível elas efectuarem esta transformação por si mesmas. Levai-as aos jardins zoológicos, por exemplo, onde o reino animal pode ser usado para ensinar a verdade do evangelho. Depois de as apresentar ao leopardo, perguntai-lhes qual dos animais podem limpar ou apagar aquelas manchas. Elas sabem que nenhuma quantidade de lavagem as afectará, de modo que apenas o Altíssimo Criador podia realizar uma tal mudança.

Por estas lições importantes elas verdadeiramente aprenderão que não podem mudar as suas naturezas por si próprias, mas entenderão rapidamente que apenas o Senhor pode fazer isto. Assegurai-lhes que o Salvador está ansioso por libertá-las do senhor do pecado e enchê-las com o espírito de obediência e tem frequentemente e enfaticamente prometido que fará esta obra vital mesmo pelas crianças se elas vierem a Ele em simples fé e pedir-Lhe as bênçãos.

O passo seguinte é as crianças fazerem a sua entrega pessoal pela confissão da presença em si da velha natureza do pecado, entregando-a ao Salvador e recebendo a nova vida em Cristo. Quanto mais jovens elas forem, maior assistência necessitarão da parte dos pais, que, na maioria dos casos, guiá-las-ão através da oração colocando nos seus lábios as palavras certas. Mas, mesmo apesar da mãe e do pai as guiar na oração, as convicções expressas devem ser verdadeiramente as da criança.

Uma vez mais, deixai que o Senhor determine o tempo e o lugar. Ele sabe quando o ministério do Espírito Santo alcançou a preparação necessária como nenhum mortal pode alcançar. O tempo de espera não deve ser passado em ociosidade espiritual. Que os pais e os filhos orem diariamente para que cheguem as bênçãos enquanto, ao mesmo tempo, frequentemente meditem sobre a libertação prometida. Assim a fé tanto das crianças como dos pais chegará cada vez mais alto até a ligação salvadora ser feita. Não estejais ansiosos se o resultado da fé não vier imediatamente, pois um tempo de espera é necessário para os preparar para receberem a iniciação na família divina.

Neste ponto, é preciso fazer soar o claro aviso. Vinda a bênção, haverá uma notável diferença no espírito e comportamento das crianças que sejam levadas pelos pais a esperar isso, deste ponto em diante, praticamente nada pode correr mal.

Todavia, há um poderoso e persistente factor para o qual os pais e as crianças acabadas de renascer devem estar atentas. E é este: porque as crianças não foram ensinadas por Deus desde a sua concepção até ao renascimento, desenvolveram um forte e muito definido padrão de vida. Estes velhos hábitos não são a natureza pecaminosa, mas são o produto dela. Depois da natureza má ser removida e substituída com a natureza divina, estes velhos hábitos ficam e procuram controlar a vida como está escrito: “Velhos hábitos, tendências hereditárias para o erro, lutarão para manter a supremacia, e contra isto deve ele estar sempre em guarda, lutando na força de Cristo pela vitória.” {AA 267}, *Atos dos Apóstolos*, 476.

Enquanto estavam no ventre da mãe, as crianças não estiveram isoladas do mundo exterior, mas tiveram conhecimento de problemas, perigos, desapontamentos, dificuldades, prazeres e satisfações. Nenhuma destas coisas eram tão bem definidas ou identificáveis para elas como para a mãe, mas os pequeninos apesar disso estavam conscientes que havia problemas exigindo soluções urgentes. A única maneira pela qual elas podiam saber como estes dilemas podiam ser resolvidos, era visualizando a forma como a mãe tratava com eles. Elas estabeleceriam então o padrão do seu comportamento segundo o delas. Depois de muitas repetições, os hábitos da mãe tornaram-se os hábitos da criança. Por altura em que as crianças nasceram, a direcção que as suas vidas tomariam e como responderiam às suas pressões tinham sido definidos.

Depois das crianças terem nascido de novo, serão colocadas naquilo que lhes parecerá ser uma vida de situações ameaçadoras para as quais conheceram apenas uma resposta no passado. Naturalmente, tenderão a responder do mesmo

modo como anteriormente, pois levará algum tempo, muita oração e paciente treino antes que os velhos hábitos sejam quebrados e novos sejam estabelecidos nos seus lugares.

Quando os pais compreendem isto e sabem o que esperar, serão capazes de tratar com a situação em fé e confiança. Devem afastar a tentação para concluir que as crianças não foram renascidas, ao passo que compreendem que não é a velha natureza que se manifesta agora, mas a educação deixada para trás.

Eu testemunhei um exemplo muito elucidativo disto há alguns anos. Havia um casal que tinha um filho, um rapaz. Por convite dos pais, fiquei em sua casa durante alguns dias, mas fiquei muito desapontado perante o comportamento do rapaz de dois anos. Ele era perverso, rebelde e difundia um espírito de desobediência onde quer que ia. Quando as coisas não lhe agradavam, mostrava um terrível temperamento, atirando-se para o chão a chorar, saltando pouco depois para dar pontapés e mandar coisas para o chão da sala e corria para a mãe de punho em riste. Os pais eram absolutamente impotentes. Eles eram completamente incapazes de o controlar.

Nunca a mensagem da salvação das crianças era mais necessária do que nesta situação, mas, quando a apresentei, a minha confiança na sua operação neste caso era bastante duvidosa.

Não havia mudança visível no rapaz quando a minha curta visita terminou e eu pensei um pouco acerca dele no ano seguinte até ser convidado novamente para aquele lar durante alguns dias.

Nunca eu fiquei mais agradavelmente surpreendido do que quando cheguei de novo, pois o rapaz manifestava uma incrível transformação. Ele agora era cooperador, obediente, doce, amigável e paciente. Durante os primeiros três dias da minha estada ali, nem uma nuvem manchou o brilho que emanava dele. Quanto me regozijei pelo que vi e agradeci ao Senhor pela mensagem que nos ensinava o único caminho para que uma criança possa ser salva.

Então, com chocante rapidez, a tempestade irrompeu com toda a fúria que eu tinha testemunhado nos anos anteriores. Não podia ver diferença entre o que tinha observado doze meses antes e agora. Interroguei-me quanto ao que poderia ter acontecido. O que teria concorrido para este terrível regresso aos dias antigos? Não tinha ele afinal renascido? Se ele não tinha sido liberto do espírito de desobediência, como conseguira ele um comportamento tão agradável durante os dias anteriores?

Enquanto eu estava lutando para compreender este problema, a mãe levantou-se calmamente do seu lugar, levou-o pela mão e guiou-o tão gentilmente mas com firmeza para fora da sala enquanto disse calmamente, “precisamos ter uma pequena conversa com Jesus, tu e eu.” Fiquei admirado de quão calma e despreocupada ela estava, uma atitude que era um decidido factor na vitória que ela estava prestes a ganhar.

Uma vez chegada ao quarto, ajoelhou numa atitude de oração e convidou-o a orar, mas ele estava demasiado aborrecido para o fazer. Calmamente falou com ele, pacientemente esperou, e, de quando em quando fazia a pergunta, “ainda não estás pronto para orar?”

Por fim, depois de quase uma hora, ele submeteu-se. Calmamente a mãe falou ao grande Solucionador de problemas em favor do seu filho, entregando-lhe a dificuldade que tinha atormentado a criança e aceitando a solução divina para o problema.

A oração terminou, os dois voltaram para a sala e que rapaz tão mudado foi aquele que voltou. Ele estava tão radiante com amor para com a sua mãe, tão gentil e calmo em espírito e parecia querer que a sua mãe lhe desse orientação exactamente para ter o intenso prazer de lhe obedecer.

Eu não vi a família desde então, mas sei que, se a mãe tiver mantido a sua abordagem aos problemas do filho, ele experimentará libertação dos velhos hábitos e estará firmemente unido ao Senhor como seu perfeito Solucionador de problemas, Planeador e Portador das cargas.

Tratámos da situação onde as crianças ainda são suficientemente jovens para responder à orientação dos pais, mas o que havemos pensar quanto aos jovens que já chegaram à adolescência e estão perpetuando a sua própria má preparação às mãos dos seus pais, na pior educação possível para os filhos?

Tudo o que pode ser feito se estas pessoas pelo menos derem ouvidos, é confessar-lhes o caminho errado que tem sido seguido na sua educação e pedir sinceramente o perdão. Uma vez mais, deve ser salientado que a aproximação deve ser precedida de muita oração e ser permitido ao Senhor planear o momento correcto.

Enquanto, por um lado, nos podemos alegremente regozijar com o facto de o Senhor ter visto conveniente esclarecer-nos com estas verdades, ao mesmo tempo nós, que temos filhos adultos, vemos os terríveis resultados dos nossos esforços errados na educação dos nossos filhos, mas lamentamos profundamente não ter conhecido estes princípios quando precisávamos de os conhecer para a salvação dos nossos filhos. Choramos ao ver os resultados irreversíveis da nossa ignorância.

Capítulo 23

O Competente Educador

Desde que o objectivo de proporcionar o renascimento à criança tenha sido alcançado, segue-se a importante tarefa de educar correctamente o pequenino no caminho em deve andar. Duas responsabilidades diferentes mas igualmente necessárias têm que ser desempenhadas e deve ser salientado que é apenas quando ambas são fiel e eficientemente realizadas, que os resultados desejados podem ser esperados. O renascimento, que é a ressurreição para uma nova vida espiritual, deve ser seguido pela reforma, que é uma profunda e completa educação no caminho em que a criança deve andar. Somente quando estas duas divinas provisões são aplicadas na sua ordem e relação correcta a obra dos pais alcançará o sucesso que o Senhor prometeu.

Há duas alternativas ineficazes e portanto que se devem evitar, que fracassam em virtude de confiarem num ou noutro destes equilibrados procedimentos para realizarem o que apenas ambas podem fazer quando aplicadas na sua ordem correcta.

Em primeiro lugar, há o dedicado esforço de preparar e educar a criança sem assegurar que ela tenha sido verdadeiramente renascida — o processo pelo qual a velha natureza e o espírito de desobediência que a acompanha são substituídos pela nova natureza e espírito de obediência. Esta é a aproximação mais comum de todas. É feito na maior parte dos casos por aqueles que não compreendem verdadeiramente o que é realmente o renascimento, e supõem que ele é nada mais do que o realinhamento da lealdade e interesse. Este conceito errado leva-os a concentrar-se na modificação e melhoria da vida existente, mas o resultado final nunca pode satisfazer as exigências para a entrada no reino.

Ainda assim, este método é, sem dúvida, preferível à ausência total de qualquer treino, porque, quando administrado com habilidade e consistência, estabelece normas de comportamento que são consideravelmente melhores do que os demonstrados pelos indisciplinados. Este aparente sucesso é considerado por muitos como a confirmação que o procedimento é uma alternativa aceitável a qualquer outra, mas, os que compreendem que apenas a criança renascida bem treinada, está verdadeiramente a ser preparada para o ministério desta vida e da futura, sabem que não é o tipo de formação que estabelecerá a criança no caminho em que deve andar e não se afastar dele quando envelhecer. O fracasso deste método torna-se dolorosamente claro quando as crianças chegam à idade

em que já não estão sujeitas às restrições impostas sobre elas pelo governo do lar. Então, demasiado tarde, será no seu afastamento dos princípios dos seus pais, a quem obedeceram nessa altura apenas devido ao medo da punição ou do incentivo de agradáveis recompensas.

Enquanto os filhos estão sob a jurisdição dos pais a ameaça de punição por um lado e a oferta de recompensas por outro são suficientes para produzir alguma obediência, mas verificar-se-á que os jovens ao atingirem a idade em que afirmam a sua independência, este método da obediência forçada provará ser um fracasso.

Enquanto os mais jovens estão sob a jurisdição dos pais, a ameaça de punição para o mau comportamento, persuasão intelectual provando a validade dos reclamos de Deus, juntamente com a promessa de eterno galardão, e o receio da eterna destruição, são suficientes para afectar o padrão do seu comportamento para melhor. Uma vez que isto seja conseguido, comparado com o mundo e seus caminhos, falsamente assegura que o seu sistema é bem-sucedido e são encorajados a prossegui-lo.

Esta segunda aproximação leva todos a confiar na experiência do renascimento crendo erradamente que uma pessoa em quem a vida de Cristo foi implantada não cometerá erros. Até certo ponto isto tem alguma verdade, pois o pequenino terá em si mesmo a atractiva disposição para amar com abnegação e obedecer voluntariamente, mas em muitas áreas da vida diária, não tem ideia do que está certo e do que está errado até estas distinções lhe terem sido especificamente ensinadas. Não tem, por exemplo, ideia de quais as palavras que são indecentes ou obscenas, e sem distinção, terá a tendência para repetir aquilo que ouve. Isto é apenas um exemplo das muitas áreas onde a educação apenas pode assegurar que a criança aprenda a viver com justiça em pensamento, palavras e acções.

Dos dois extremos acimas enumerados, o último é o menor dos dois males e o que menos parece ser um problema. Normalmente, os que podem entender a

necessidade do renascimento como o primeiro objectivo a ser alcançado, estão cônscios que isto deve ser seguido de cuidadoso treino.

A necessidade do estabelecimento da vida de Cristo no interior, e do subsequente ensinamento cuidadoso e eficaz é bem ilustrado na natureza onde o espinheiro que cresce no solo é uma representação da natureza má que floresce no corpo humano. É no momento da concepção que cada um de nós recebe esta natureza má, e, enquanto ela permanecer em nós, as nossas vidas não possuem justiça e apenas produzem mau fruto. Esta natureza pecadora tem que ser erradicada e substituída pela nova natureza para que a pessoa possa começar a viver em justiça.

Quando confrontados com a presença do espinheiro no jardim, o jardineiro sabe que o seu desejo para produzir bom fruto só pode ser realizado se seguir certos procedimentos inflexíveis. Ele está completamente convencido que o seu primeiro passo deve ser arrancar e destruir o espinheiro. Este obstrui o solo e ele sabe que, não importa quão cuidadosa e diligentemente possa tratá-lo, nunca chegará a altura em que produzirá os bons frutos desejados.

A seguir, deve substituir a árvore arrancada com a que produzirá os frutos que deseja comer. Se é uma maçã que precisa, então é uma macieira que deve plantar. Se uvas, então uma videira deve ser colocada onde estava a árvore má, etc. Nenhum jardineiro considera outro procedimento.

Em todas aquelas áreas em que a incompetência podia ser ameaçadora da vida ou antieconómica, o mundo correctamente exige que aqueles que operam nestas áreas sejam bem treinados até poderem chegar a elevados padrões de competência, mas a necessidade deste princípio ser aplicado na obra mais importante de ser pai e mãe é completamente ignorada. Os jovens podem casar e ter filhos sem a exigência de quaisquer qualificações.

Semelhantemente, os pais devem reconhecer que a primeira obra tem que ser a erradicação da velha, má natureza espiritual, e a implantação da vida de Cristo no seu lugar. Sem isto, todo o esforço gasto a treinar e educar apenas resultará no desenvolvimento da antiga, natureza má.

Depois de colocada a árvore boa no lugar do espinheiro, pode a obra do jardineiro começar. Imaginai qual seria a sorte de uma boa videira que foi deixada sem cuidado depois de ter sido plantada. Os ramos cresceriam pelo chão onde se entrelaçariam com as ervas daninhas que brotam do chão que não é cuidado. Sem ser fertilizada, a planta permaneceria enfezada, ao passo que a falta de irrigação atrasaria o crescimento. A falta de poda, tão importante para a produção de

vigoroso fruto, faria com que a planta gastasse mais energias nos ramos inúteis dos quais não brotariam frutos. Além do mais, a planta seria deixada indefesa contra o assalto de pestes devoradoras e doenças das plantas. Sem cuidado, apresentaria uma triste sombra da esplêndida videira que podia ter sido.

Se sobrevivesse a tudo isto, produziria algum fruto, mas a colheita seria muito escassa, poucos os cachos, os bagos pequenos, e provavelmente muito azedos. Se qualquer agricultor seguisse a prática de plantar boa semente e não cuidasse do fruto que cresce, com certeza a humanidade pereceria pela fome.

Aquilo que é verdade no mundo natural é semelhantemente correcto no espiritual. Nenhum pai pode suportar deixar o seu filho sem treino depois dele ter renascido. Se o fizer, então o resultado final será muito desapontador, e muito abaixo daquilo que o Senhor pretendeu que fosse alcançado. Este é um desenvolvimento que pode e deve ser evitado.

Agora que está estabelecido que a salvação da criança não pode ser efectuada sem o renascimento *e* preparação apropriada, um grande e difícil problema ameaça o leitor atento: Onde deverão encontrar-se os homens e mulheres jovens já casados ou que ainda não o fizeram, que estão verdadeiramente aptos a levar a cabo a obra da educação das crianças? Quem entre esta classe confiantemente se considerará capaz de verdadeiramente educar um menino no caminho em que deve andar?

Educação de crianças bem-sucedida exige um elevado grau de perícia e competência. Não é uma obra a ser feita por novatos, mas este é o tipo de pessoas que se envolve nestes deveres. O facto de nossa sociedade permitir isto é um reflexo do distorcido sentido de valores que governa as decisões humanas.

Por exemplo, as autoridades estão completamente cientes que há certas ocupações que, se desempenhadas por pessoas inexperientes, resultará na perda da vida e propriedade humana. Nesta categoria estão incluídos os arquitectos, engenheiros de estruturas, médicos, dentistas, comandantes de aviões, capitães de navios, electricistas, etc.

A ninguém se permite praticar quaisquer destas profissões a menos que tenha, com bom aproveitamento, completado um longo curso de preparação, satisfaça estritas normas determinadas por exames, e tenha obtido valiosa experiência pelo serviço sob a direcção de orientadores durante um período experimental.

Tudo isto é tão louvável quanto necessário. Nenhum de nós entraríamos a bordo de um avião a jacto escalado para voar para um destino distante ou qualquer outro se soubéssemos que o piloto ao comando não tinha recebido formação de voo. Saberíamos muito bem que a aeronave nunca chegaria ao destino, mas despenhar-se-ia ao descolar incendiando-se. A menos que nos quiséssemos suicidar, recusaríamos viajar nessas circunstâncias.

Também não quereríamos entrar num grande edifício destinado a diversos fins que não tivesse sido desenhado por um arquitecto e um engenheiro de estruturas. Teríamos medo de o fazer devido à alta probabilidade de ficarmos soterrados. Por causa destes perigos, confiamos nas autoridades que administram as regras e regulamentos que nos protegem dos incompetentes. Sabendo quão rigorosamente aquelas protecções são impostas, andamos com confiança em aviões de alta capacidade e grandes edifícios, ao passo que milhões se entregam aos médicos por terem a absoluta confiança nas suas capacidades para curar as doenças sem cometerem erros graves que lhes roubariam a vida.

É uma grande infelicidade que a sociedade não reconheça quão importante é que a educação das crianças seja feita apenas por pessoas competentes. As mesmas regras aplicadas às profissões em que a incompetência poria a vida em risco, necessitam ser aplicadas para a função de pais. O futuro da nação depende da qualidade das suas gerações em crescimento. Portanto, é necessário um investimento apropriado na preparação das suas crianças por causa da construção do futuro da sua nação. Isto necessitaria que os pais passassem tempo fazendo cursos especiais em que pudessem ser ensinados acerca da educação dos seus filhos com sucesso. Exames determinariam então se tinham tirado suficiente proveito para levar a cabo a obra. Apenas então seria dada permissão aos jovens para casar.

Tal como as coisas estão agora, evidentemente, qualquer pode casar sem alcançar qualquer norma de proficiência. Mesmo os casais mentalmente deficientes são livres de se casarem e reproduzirem.

Essa é a natureza do problema que a humanidade tem que combater, e, a primeira consideração, pareceria ser simples e directa, exigindo uma solução fácil e radical. Mas, de facto, é uma situação complexa que está longe de ser facilmente solucionada no que respeita à sociedade actual.

A primeira pergunta a responder é: Quem elaborará cursos de preparação e os administrará?

A questão não é tão facilmente respondida como no caso da arquitectura e medicina. Nestes e noutros campos semelhantes, as normas são técnicas e prontamente definidas. A experiência tem revelado que informação os praticantes precisam conhecer, quais as capacidades que devem desenvolver, e quanto tempo de internato é necessário para os qualificar. Isto pode ser tratado com bastante competência pelo Estado, mas a educação de crianças, é um assunto diferente.

No primeiro caso, o Estado é guiado por homens que, embora nalguns casos sejam competentes homens de Estado, são muito ignorantes quanto aos correctos princípios da salvação das crianças. Esse conhecimento é possuído apenas pelos verdadeiros filhos de Deus e nem mesmo podem ser conhecidos por mais alguém, porque "... O homem natural não compreende as coisas dos Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." *1 Coríntios* 2:14.

Portanto, Deus nunca deu aos poderes civis a responsabilidade de preparar um curso de educação e a sua administração, porque isto está para além da sua capacidade e fora da sua jurisdição. Foi à igreja que o Senhor entregou esta responsabilidade. É deixado aos pais cristãos compreenderem as maravilhosas responsabilidades que lhes estão abertas, e darem os passos necessários para os preparar para o seu ministério apontado pelo Céu.

Esta é uma questão individual que não deve ser estabelecida na igreja através de legislação. Na obra de Deus não há compulsão. Cada um é deixado perfeitamente livre de fazer aquilo que o Senhor exige ou escolher um caminho alternativo. Embora seja demasiado esperar que todo aquele que professa fé em Deus e Sua verdade cumpra os propósitos de Jeová neste assunto, podemos regozijar-nos na certeza que haverá sempre um remanescente que, depois de iluminado, fará tudo ao seu alcance para se tornar pai verdadeiramente apto.

Assim, isto conduz-nos a outro problema: Pais competentes não se desenvolvem em curto espaço de tempo. A preparação para esta obra começa no momento da sua concepção e, para ser verdadeiramente eficaz, deve ser dado por pais em que

eles próprios sejam renascidos desde os primeiros momentos, e, por sua vez, sejam educados por pais verdadeiramente capazes.

Ora, nós sabemos que não existe neste mundo hoje sequer um núcleo de homens e mulheres que se tenham tornado já pais ou que em breve se tornem, que tenham eles próprios recebido a adequada educação para serem pais competentes. Isto simplesmente precisa ser encontrado ainda!

À luz do facto que a salvação das crianças não pode ser aplicada sem educadores competentes, o que significa esta desesperada necessidade de educadores aptos para o futuro desta mensagem? Indica isto que ela vai falhar, que nunca passará de um maravilhoso mas inatingível podia-ter-sido?

Se a mensagem tivesse que fracassar, o Senhor nunca a enviaria. Ele não faz a obra desse modo! Prometeu salvar as nossas crianças e garantiu que se elas forem ensinadas no caminho em que devem andar, quando envelhecerem não se afastarão dele. Isto significa que, tão seguramente quanto o Senhor declarou que uma educação competente é uma condição de sucesso para manter os nossos filhos nos caminhos da justiça, assim essa preparação deve estar disponível. Jeová nunca nos pede aquilo que não podemos fazer. Portanto, Ele solucionou o problema da incompetência nos pais terrestres. A questão que todo o crente deve compreender é exactamente como Ele fez isto.

A resposta grandemente consoladora e deve vir como um tremendo alívio para todos os pais que ansiosamente desejam o melhor para os seus filhos. Ela encontra-se na forma como o Senhor tratou com o problema no passado. Sabendo que "Os princípios envolvidos no trato de Deus com os homens são sempre os mesmos", *O Grande Conflito*, 342, temos a certeza que a forma como o Senhor solucionou o problema no passado será a forma como Ele o solucionará hoje.

Quando Jesus veio a este mundo para dar, entre outras coisas, um exemplo daquilo que as crianças devem ser, necessitou de inteligente e adequada educação exactamente como a que os cristãos necessitam hoje. Todavia, onde devia ser encontrado um casal verdadeiramente capaz de Lhe dar isso? Um exame da situação existente nessa altura revela-nos que ela não era melhor do que hoje. Tanto José como Maria eram pessoas muito dedicadas e sinceras, mas nenhum deles estava suficientemente apto para preparar Jesus para a Sua missão. Ele necessitava de uma preparação de muito superior qualidade do que aquela que eles eram capazes de Lhe dar.

Por exemplo, nem José nem Maria estavam realmente esclarecidos quanto às questões que Israel tinha pela frente nessa altura, pois ambos tinham grande respeito pelos guias religiosos e tentavam induzir Jesus a ter igual respeito. Felizmente, a criança era demasiadamente bem educada para essa época para cair vítima do seu erro. É claramente evidente que Ele tinha uma educação que ultrapassava aquilo que José e Maria tinham ou Lhe podiam dar. De facto, não estava longe o dia em que Ele os ensinava como mostra o testemunho seguinte:

"Maria argumentava muitas vezes com Jesus, e insistia em que Se conformasse com os usos dos rabis. Ele, porém, não podia ser persuadido a mudar Seus hábitos de contemplar as obras de Deus e buscar aliviar os sofrimentos dos homens ou mesmo dos mudos animais. Quando os sacerdotes e mestres solicitavam o auxílio de Maria em dirigir Jesus, ficava grandemente perturbada; o coração tranquilizava-se-lhe, porém, quando Ele lhe apresentava as declarações das Escrituras em apoio de Seu proceder." {DTN 55}, *O Desejado de Todas as Nações*, 79.

Maria amava o Seu Filho muito profundamente e sinceramente se esforçou para O educar no melhor caminho que ela conhecia, mas, em toda a bondade e simpatia, devia ser declarado que o esforço era errado quando tentava persuadi-l'O a "que Se conformasse com os usos dos rabis". Tivesse ela sido bem-sucedida na tentativa que Ele se conformasse, os resultados teriam sido desastrosos para o plano da salvação que certamente teria falhado. Teria sido impossível conceber piores consequências do que essas. Submissão àqueles homens teria requerido abdicar dos puros princípios da verdade e justiça que Ele defendia, em favor das trevas e do erro contra o qual Ele tinha começado a lutar e eliminar.

Como foi então que apesar dos errados esforços da Sua devota e dedicada mãe, Ele foi abençoado com tais poderes de discernimento que foi capaz de reconhecer e rejeitar os sofismas dos guias religiosos do Seu tempo? Trouxe Ele essas capacidades do Céu de maneira a ter uma inerente protecção dos argumentos e enganos dos agentes de Satanás?

Esta não é a resposta! Quando o Salvador deixou as cortes celestiais nada trouxe Consigo para esta Terra. No início do Seu processo de aprendizagem, os bancos da Sua memória estavam vazios como os de todas as crianças no início da aquisição de conhecimento. Ele nem sequer sabia quem era até que o Espírito Santo Lhe disse isto ao abrir-Lhe a mente para a compreensão que estava a cumprir as profecias do Messias e que era o antítipo dos sacrifícios. Foi na visita pascal aos doze anos de idade que o mistério da Sua missão começou a revelar-se ao Salvador. Acerca dessa notável ocasião está escrito:

"Pela primeira vez, contemplou o menino Jesus o templo. Viu os sacerdotes de vestes brancas, realizando seu solene ministério. Viu a ensanguentada vítima sobre o altar do sacrifício. Com os adoradores, inclinou-Se em oração, enquanto ascendia perante Deus a nuvem de incenso. Testemunhou os impressivos ritos do serviço pascoal. Dia a dia, observava mais claramente a significação dos mesmos. Cada acto parecia estar ligado a Sua própria vida. No íntimo acordavam-se-Lhe novos impulsos. Silencioso e absorto, parecia estudar a solução de um grande problema. O mistério de Sua missão desvendava-se ao Salvador." {DTN 46}, *O Desejado de Todas as Nações*, 66, 67.

Assim, aos doze anos, estava Ele vendo e compreendendo mais do que qualquer outra pessoa em todo o mundo. Mesmo João Baptista que foi chamado para anunciar o Messias, estava confuso quanto à verdadeira natureza da missão de Cristo. Não foi senão quando a sua missão estava concluída, pouco antes da sua morte, que o profeta do deserto compreendeu o verdadeiro carácter da obra do Redentor.

Portanto, é evidente que Jesus tinha uma preparação superior à recebida por mais alguém nos Seus dias incluindo Maria e José. Era na realidade de tal maneira melhor, que Ele sabia muito mais como criança do que qualquer outro em todo o mundo como adulto. Por conseguinte, embora houvesse alguns como José e Maria que contribuíram para a Sua aprendizagem dentro dos limites das suas capacidades, Jesus deve ter tido um notavelmente apto educador para O levar a maravilhosas alturas do conhecimento tão necessário para a bem sucedida execução da Sua obra.

Assim foi! Esse outro Professor era nem mais nem menos do que o Seu Pai celestial, o próprio Deus!

"O menino Jesus não Se instruía nas escolas das sinagogas. Sua mãe foi Seu primeiro mestre humano. Dos lábios dela e dos rolos dos profetas, aprendeu as

coisas celestiais. As próprias palavras por Ele ditas a Moisés para Israel, eram-Lhe agora ensinadas aos joelhos de Sua mãe. Ao avançar da infância para a juventude, não procurou as escolas dos rabis. Não necessitava da educação obtida de tais fontes; pois Deus Lhe servia de instrutor." {DTN 40}, *O Desejado de Todas as Nações*, 58, 59.

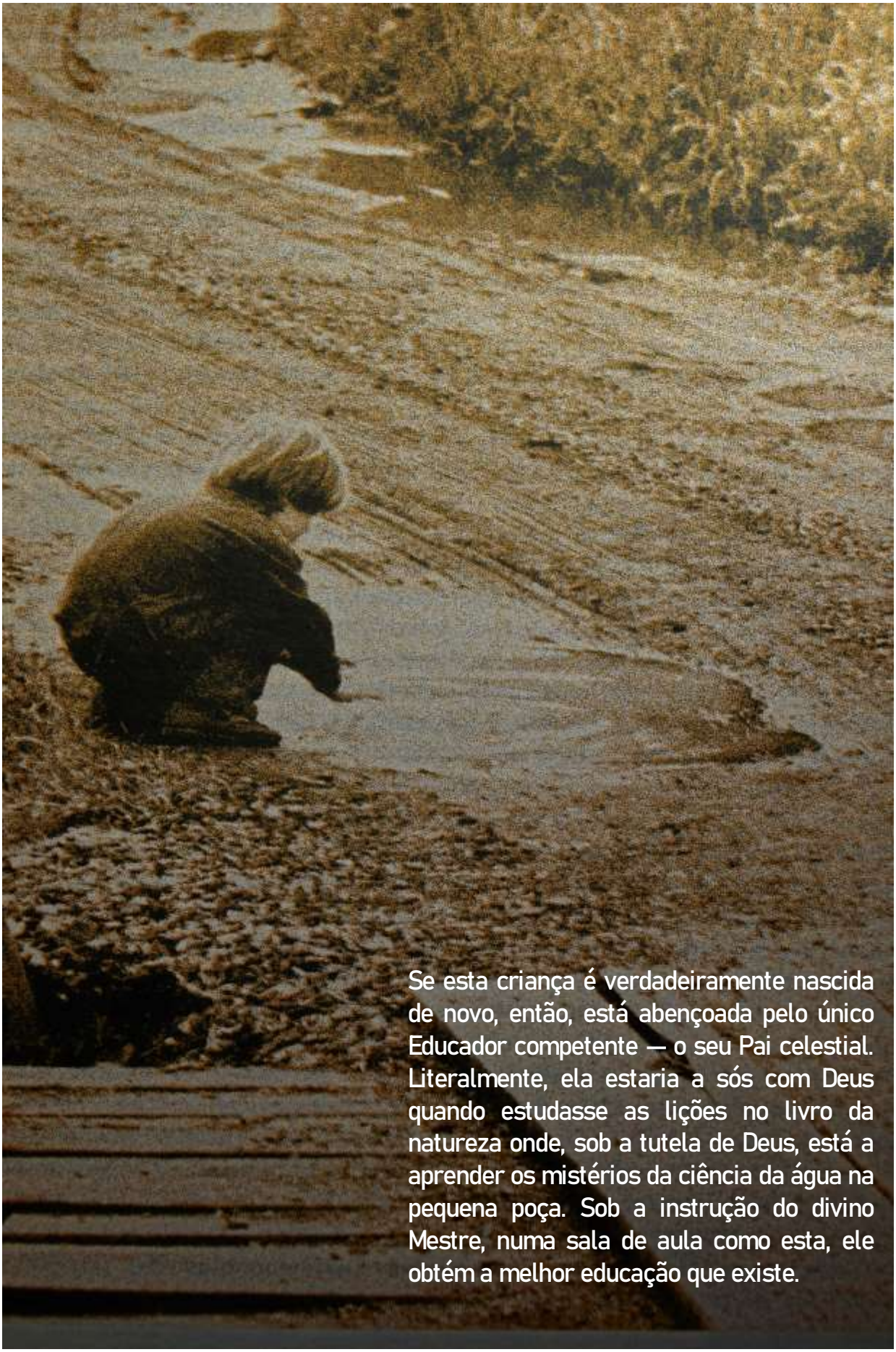
Cuidadosa consideração deve ser dada a este parágrafo de modo que a força da declaração, "Deus Lhe servia de instrutor", não seja reduzida pelo facto que Maria ensinou a Jesus aquilo que sabia acerca do Velho Testamento. É verdade que "Sua mãe foi Seu primeiro *mestre* humano", mas, seria um erro concluir daí que ela foi o verdadeiro mestre do seu Filho. Ela não foi mais do que um instrumento nas mãos do Pai. Ele foi realmente o Mestre, uma verdade provada pelo facto que a Sua educação de Jesus cancelou todas as ideias erradas que Maria inocentemente procurou transmitir ao seu Filho. Além disso, Deus ensinou ao Seu Unigénito, verdades que a própria Maria nunca aprendeu. Em consequência, quando Jesus entrou no Seu ministério, tinha perfeito conhecimento da verdadeira natureza da amplitude e carácter da Sua obra, e possuía interpretações exactas das profecias que a descreviam. Essa educação, dada numa altura em que havia em todo o mundo judeu a mais grave má interpretação da missão do Messias, não podia vir por via terrestre. *Unicamente Deus podia transmitir estas verdades a Cristo e construir n'Ele os maravilhosos poderes de percepção que manifestou durante o Seu ministério.*

No início isto pode vir como um pensamento desencorajador para os pais, pois haverá a tendência para sentir que Jesus tinha uma provisão especial para Ele, que não está ao alcance dos pais em geral. Mas, esta treva é afastada à luz que brilha na radiante glória da palavra de Deus: "Toda a criança pode adquirir conhecimento como Jesus," e "Deus é o Mestre do Seu povo". {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 60; *Testemunhos para Ministros*, 478.

Por outras palavras, exactamente como Deus foi o Mestre do Seu Filho, Jesus, assim será Ele o Mestre de toda a criança e adulto que, pelo renascimento do alto, se tornou membro da família celestial. Alegrai-vos, porque esta é a total e perfeita solução para o facto de ser impossível encontrar pais verdadeiramente aptos neste mundo de pecado hoje. O Altíssimo enfrentou o problema nos dias de Cristo e solucionou-o sendo Ele próprio o Mestre, e maravilhosos foram os resultados. As incríveis dimensões, profundidades, e alturas de conhecimento que foram desenvolvidos em Cristo, juntamente com os Seus notáveis poderes mentais e apurada percepção, são uma revelação daquilo que qualquer criança pode alcançar quando Deus é o Seu Mestre. Foi a preparação directa e a educação recebida do Seu Pai celestial que desenvolveu todos os Seus poderes para chegar às grandes alturas de proficiência que chegou. Qualquer criança que é educada do mesmo modo demonstrará a mesma excelência.

A vida de Daniel prova isto. Deus foi o Seu Mestre e os resultados foram espantosos como está escrito: "A sabedoria que Deus lhe havia concedido era tanto maior que a dos grandes homens do mundo quanto a luz do Sol que brilha nos céus é mais resplendente do que a mais pálida estrela." *Santificação*, 52.

Portanto, quando Deus é verdadeiramente o Mestre das crianças, haverá claros resultados vastamente superiores ao que temos visto no presente período da história da humanidade. O facto que nada está a ser testemunhado entre os cristãos hoje que se compare com as vidas de Cristo e outros homens como



Se esta criança é verdadeiramente nascida de novo, então, está abençoada pelo único Educador competente — o seu Pai celestial. Literalmente, ela estaria a sós com Deus quando estudasse as lições no livro da natureza onde, sob a tutela de Deus, está a aprender os mistérios da ciência da água na pequena poça. Sob a instrução do divino Mestre, numa sala de aula como esta, ele obtém a melhor educação que existe.

Daniel, é clara prova que Deus não foi verdadeiramente eleito como Mestre do Seu povo desde os primeiros momentos.

Contudo, há alguns que afirmam que sempre têm compreendido que Deus deve ser o Instrutor dos seus filhos, e que têm dado os passos necessários para assegurar isto. Essa afirmação é de facto uma confissão de que não compreendem o que está envolvido na colocação de Deus como Mestre nas vidas de todos os membros da família. Se assim fosse, onde está o poderoso e santo povo que esse procedimento produziria? O facto que ele não se encontra é prova que não tem sido dado a Deus o Seu devido lugar como Mestre do Seu povo desde a infância.

Antes de avançar, temos que ser cuidadosos para assegurar que uma compreensão errada não se desenvolva como resultado de um ponto atrás exposto. Foi declarado que, quando nos dias de Cristo, não havia qualquer pai humano competente, a solução de Deus foi preencher Ele próprio o lugar. Foi correctamente deduzido com base nisto que hoje, quando o Senhor também não encontra pais aptos, de novo desempenhará Ele próprio o lugar.

Isto podia ser tomado com o significado que Deus ocupa a posição de Instrutor do Seu povo apenas em situações de emergência, e que, se houvesse homens verdadeiramente aptos, Ele deixaria a obra para eles. Todavia, isto não é verdade. Não importa quão bem preparados e educados possam ser os mestres humanos, Deus ainda permanece com Mestre do Seu povo, e, quando os Seus seguidores cumprirem as condições que Lhe permitem fazer esta obra, os resultados são verdadeiramente maravilhosos.

O que devem então os pais fazer para assegurarem que Deus é de facto o Mestre deles e dos seus filhos?

O primeiro passo é verdadeiramente crer que Deus é o Mestre tanto deles próprios como dos seus filhos duma forma muito directa e pessoal. Devem reconhecer e aceitar a Sua instrução através do canal por quem Ele a possa enviar, e discernir e rejeitar também os enganos de Satanás.

Depois, deve ser compreendido que Deus pode ser o Mestre apenas daqueles que são Seus filhos. Ao contrário dos pais terrestres, Ele não desperdiçará os Seus esforços com espinheiros espirituais. Mesmo que Ele quisesse, não podia, pois não pode usurpar a posição de outro. Até que uma criança seja renascida, Satanás é o seu pai e, como tal, tem o direito de ser o seu mestre, uma posição que é fácil de preencher e está determinado a não abandonar. A única forma pela qual Deus pode legalmente ganhar o direito de ser o Educador é Ele tornar-se primeiramente o Pai.

Para que Ele o consiga depende que os pais terrestres dêem os passos necessários que afastarão a herança satânica da criança e lhe dão a vida divina. Isto entrega nas mãos de Deus o papel de pai, que a partir de então se torna a suprema autoridade na sua vida.

Contudo, esta não é a autoridade de um ditador mas de alguém que está ali para prestar qualquer serviço que o crente aceite. Nos casos de todo o jovem, as confirmações diárias devem ser feitas pelos pais, com a responsabilidade de as transferirem para os filhos à medida que os anos lhe dão o sempre crescente poder para escolher por si próprios.

Em terceiro lugar, é muito importante que, todos os dias, a criança seja enviada à escola da qual Deus é o Mestre principal. Não deixeis que as crianças percam um dia. Os pais nunca devem tomar isso como garantido porque, em virtude das crianças serem renascidas, e por causa deles, os pais e as mães, reconhecerem

Deus como o Mestre de si próprios e dos seus filhos, o Mestre celestial, portanto, automaticamente assume o papel de Professor. Pelo contrário, Ele não o fará a menos que, na base diária, os pais positivamente enviem a criança à escola nesse dia.

Uma ilustração deste procedimento é dada por aquilo que acontece num estado ou escolas públicas. Todas as manhãs os pais seguem um procedimento que resulta na chegada dos seus filhos aos átrios da aprendizagem. Levantam os filhos a uma certa hora, verificam se estão lavados, vestidos, e se comeram, depois do que são colocados no autocarro da escola, levados à escola no carro da família, ou de algum outro modo conduzidos às aulas. Este procedimento é repetido com infalível consistência manhã após manhã. Se assim não fosse, as crianças não chegariam lá, e perderiam as lições daqueles dias. Obviamente, em virtude de ser o método do homem usar a força, o Estado, anota todas as ausências do aluno, o que levaria a acções coercivas para acabar com o absentismo.

Semelhantemente, à parte da força, os pais necessitam estabelecer um ritual pelo qual a criança seja positiva e directamente assistida pelo divino Mestre todas as manhãs. Isto deve começar tão cedo quanto se saiba que a concepção teve lugar. Já, nas suas próprias vidas, a mãe e o pai necessitam estabelecer-se na prática aconselhada na instrução: "Consagrai-vos a Deus pela manhã; seja esse o vosso primeiro cuidado. Seja a vossa oração: 'Toma-me, Senhor, como Tua propriedade exclusiva. A Teus pés deponho todos os meus planos. Emprega-me hoje ao Teu serviço. Permanece em mim, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.' Isto devemos fazer quotidianamente. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de executar, segundo o que Deus dispuser. Entregando assim dia a dia a vossa vida nas mãos de Deus, ela se moldará mais conforme à vida de Jesus Cristo." *Aos Pés de Cristo*, 73, 74.

Enviar os filhos à escola todos os dias é apenas uma extensão deste procedimento. No início do dia, quando a consagração diária é feita, acrescentai palavras como estas na presença dos filhos que ouvem não importa quão jovens possam ser: "reconhecemos que Tu és o Pai espiritual dos nossos filhos e portanto és o seu Mestre. Uma vez mais, para este dia, os entregamos a Ti. Toma-os. Eles são Teus. Educa-os durante este dia de acordo com a Tua infinita sabedoria, e sabemos que serão moldados mais e mais à semelhança de Cristo. Submetemo-nos ao papel de mestres auxiliares e instruiremos os filhos sob a Tua direcção conforme Tu achares melhor."

Se esta consagração é feita em verdadeira fé manhã após manhã, então o Altíssimo será o Professor dos filhos tão efectivamente como foi de Cristo quando Ele era apenas uma criança em Belém, Egipto e Nazaré. Os mesmos resultados notáveis serão alcançados. Será seguramente cumprida a promessa que se lê: "Mesmo o nenê nos braços maternos pode permanecer como sob a sombra do Omnipotente, mediante a fé de uma mãe que ora. João Baptista foi cheio do Espírito Santo desde seu nascimento. Se vivemos em comunhão com Deus, também nós podemos esperar que o Espírito divino molde nossos pequenos já desde os primeiros momentos." {DTN 360}, *O Desejado de Todas as Nações*, 492.

Este serviço diário de entrega dos mais velhos e suas crianças à custódia do divino Mestre, não liberta os pais da sua obra de ensinar os filhos, mas estabelece o correcto relacionamento entre a família na Terra e a família no Céu. Os pais terrestres, *sob a direcção pessoal do Mestre Professor*, devem ensinar os filhos da

melhor maneira que sabem exactamente como Maria ensinou Jesus nas Escrituras do Velho Testamento.

Um encorajador pormenor deste método é que, quando Maria inadvertidamente procurou ensinar Jesus a respeitar os sofismas dos guias religiosos, a criança foi protegida deste mal. Este é um aspecto muito animador do caso. Os pais têm que confessar a preocupação muito real por inevitavelmente transmitirem os conceitos que erradamente defendem, aos seus filhos. Agora podem estar seguros que, se cumprirem as simples condições em verdade e fé, o Mestre principal procurará que as crianças sejam protegidas de tais erros, tal como Jesus foi, porque "Toda a criança pode adquirir conhecimento *como Jesus*". {DTN 41}, *O Desejado de Todas as Nações*, 60.

Veremos finalmente, então, o cumprimento da promessa: "Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude *devidamente preparada*, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo! Quão depressa poderia vir o fim — o fim do sofrimento, tristeza e pecado! Quão depressa, em lugar desta possessão aqui, com sua mancha de pecado e dor, poderiam nossos filhos receber a sua herança onde 'os justos herdarão a Terra e habitarão nela para sempre'; onde 'morador nenhum dirá: Enfermo estou', e 'nunca mais se ouvirá nela voz de choro!' Salmos 37:29; Isaías 33:24; 65:19." *Educação*, 271.

Capítulo 24

O Papel dos Pais como Educadores

O conhecimento total e importante que Deus é o Educador do Seu povo não deve ser interpretado com o significado que os pais podem simplesmente entregar toda a obra de preparo das crianças a Deus e esquecer o assunto. Fazer isto seria privar os filhos da educação apropriada, porque o plano da salvação depende do seu sucesso na cooperação do divino com o humano. Apesar do papel do homem no programa ser pequeno comparado com a obra que o Senhor faz, é tão vitalmente necessário que, sem ele, a obra falha.

Quais são então as responsabilidades particulares que os pais enfrentam? O que devem eles ensinar aos filhos para que se tornem naquilo que pretendem, de maneira que estes tenham a medida do chamamento divino? Como deverão ser os pais que desempenham a tarefa de cooperadores do Altíssimo?

Há uma obra que o Senhor designou para os homens, e, não importa quão incompetentemente o agente humano possa fazer esta obra, ou mesmo falhar em fazê-la, o Senhor não tomará a obra para Si. É por esta razão que muito daquilo que o Senhor propôs realizar através do tempo tem sido deixado por fazer. Mas, quando Ele tem um poderoso homem de fé e oração como Elias, é capaz de efectuar coisas maravilhosas na Terra como está escrito: "Foi porque Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise na história de Israel." {PR 77}, *Profetas e Reis*, 156.

Este princípio em que o Senhor respeita a obra e posição que entregou ao agente humano, é fortemente ensinado na forma como Ele operou na conversão de Saulo, que depois se tornou conhecido como o apóstolo Paulo. Depois de ter prendido este terrível perseguidor na estrada de Damasco, não o instruiu na mensagem como era perfeitamente capaz de fazer, mas enviou-o à igreja para que esta obra fosse feita.

"Desta maneira deu Jesus sanção à autoridade de Sua igreja organizada, e pôs Saulo em contacto com Seus instrumentos apontados na Terra. Cristo tinha agora uma igreja como Sua representante na Terra, e a ela pertencia a obra de dirigir os pecadores arrependidos no caminho da vida.

"Muitos têm a ideia de que são responsáveis somente a Cristo pela luz e experiência que possuem, independente de Seus reconhecidos seguidores na Terra. Jesus é o Amigo dos pecadores, e Seu coração se confrange por seu

infortúnio. Ele possui todo o poder, tanto no Céu como na Terra; mas respeita os meios por Ele ordenados para o esclarecimento e salvação dos homens; e dirige os pecadores para a igreja por Ele feita instrumento de luz para o mundo.

"Quando, em meio ao seu erro e cego preconceito, Saulo recebeu uma revelação de Cristo, a quem estava perseguindo, foi ele colocado em comunicação directa com a igreja, a qual é a luz do mundo. Neste caso, Ananias representa Cristo, como representa também os ministros de Cristo sobre a Terra, os quais são indicados para agir em Seu lugar. No lugar de Cristo, Ananias toca os olhos de Saulo para que este possa receber a vista. Em lugar de Cristo, coloca suas mãos sobre ele, e enquanto ora em nome de Cristo, Saulo recebe o Espírito Santo. Tudo é feito no nome e pela autoridade de Cristo. Cristo é a fonte; a igreja, o canal de comunicação." {AA 67}, *Atos dos Apóstolos*, 121, 122.

Aquilo que é verdade acerca da salvação de almas fora do lar tem igual força na mesma obra no lar. A salvação das crianças é o resultado de harmoniosa e coordenada obra do divino com o humano. Ela exige que os pais assegurem que compreendem exactamente qual é a sua obra, fazê-la com grande fidelidade, e não cometer o erro de tentar fazer qualquer parte da responsabilidade de Deus, ou esperar que o Senhor faça aquilo que atribuiu ao agente humano. "Muitos jamais atingem a posição que poderiam ocupar, porque esperam que Deus faça por eles aquilo que Ele lhes deu poder para fazerem por si mesmos. Todos os que se habilitam a ser úteis devem ser adestrados pela mais severa disciplina mental e moral; e Deus os ajudará, unindo o poder divino ao esforço humano." {PP 173}, *Patriarcas e Profetas*, 254.

O treino nas disciplinas da vida sem o qual o indivíduo nunca pode chegar ao seu verdadeiro potencial de utilidade, deve começar mesmo antes da criança ser concebida, porque é apenas quando os próprios pais alcançaram a vitória neste campo que podem estabelecer um ambiente no lar que instituirá nos mais pequenos disciplina mental e moral. Esta verdade já foi estudada no capítulo "Tirando o Melhor Proveito do Período Pré-Natal", por isso não repetiremos o material ali apresentado, excepto para reiterar e reconfirmar alguns pontos mais importantes.

Quando falamos em disciplinar uma criança, as pessoas em geral pensam em termos de puni-la pelos actos de desobediência, mas esse não é o sentido no qual as palavras são aqui usadas. Aqui estamos a falar de um treino na disciplina pela qual os poderes do corpo, mente, e alma são cultivados ao mais elevado grau de utilidade e poder. A vida de Jesus Cristo é uma demonstração das alturas a que uma vida correctamente disciplinada pode ser elevada, não para glória do próprio indivíduo, mas de maneira a poder servir mais eficazmente tanto ao Senhor como ao homem.

Há pelo menos três formas em que este treino pode ser alcançado. Uma é mais ou menos no estilo militar, o método autoritário em que a palavra dos pais são a lei absoluta, e a estrita obediência é imposta, se necessário, pela aplicação de severas punições. Normalmente, neste sistema, os pais exigem dos filhos um padrão mais elevado do que aquele para que eles próprios estão preparados para cumprir, um factor que não é bem recebido pelos filhos, e tende, como seria de esperar, a gerar neles um espírito de rebelião.

Naturalmente, o verdadeiro cristão que compreende a estrutura do reino de Deus do qual todo o instrumento de coerção foi banido, rejeitará o método autoritário para a educação da criança. Eles sabem que há um método melhor, em

que os pais não são condutores, mas guias. Estas pessoas iluminadas compreendem que, antes das suas crianças serem concebidas, devem estabelecer um lar bem ordenado, enquanto ao mesmo tempo evitam um regime autoritário.

Um lar bem ordenado é um lar em que tudo é feito com referência ao tempo e no tempo, exactamente como se passa em todo o Universo. Com isto não queremos significar a extrema situação em que toda a actividade do dia está colada a um horário inflexível que foi cuidadosamente dactilografado, duplicado, e afixado em vários pontos estratégicos da casa. Esse é um regime autoritário e torna a pessoa absolutamente escrava do relógio.

Nenhuma empresa pode ter sucesso em alcançar os seus objectivos se não for eficientemente organizada. Uma família é uma empresa destinada a produzir homens e mulheres cristãos nobres preparados para o serviço do Senhor para o presente e para a eternidade. Para alcançar com sucesso estes fins tem que haver, entre outras coisas, uma boa organização. Se não houver os objectivos não serão alcançados.

Este é um extremo. O outro é quando tudo é feito de maneira desordenada. Não há uma sequência eficiente de operações coordenadas e os membros da família nunca estão certos de quando chega a hora da refeição, quando devem levantar-se pela manhã, arrumar os seus quartos, tomar os seus banhos, ou ir para a cama à noite.

No meio dos dois extremos está a desejada situação em que um regime autoritário não interfere, contudo, ao mesmo tempo, há ordem e organização; onde o trabalho é eficientemente feito e há um sentido em que os membros da família estão no controlo das suas vidas.

Estabelecer uma ordem assim, começa por determinar uma hora para aquelas actividades em que toda a família se junta, como nos períodos de culto familiar de manhã e à noite, e a reunião à volta da mesa da refeição. As horas para estas importantes convocações devem estar em referência a outros importantes compromissos tal como a saída do pai para o trabalho. Desde que tenha sido dado a estes elementos importantes o seu lugar no horário familiar, os pontos mais flexíveis, tal como a preparação da refeição, limpeza da casa, e lavagem da roupa, podem receber os seus lugares. Um pai ou uma mãe eficiente pensará antecipadamente e planeará as tarefas em que muito será feito no tempo disponível. Uma ilustração muito simples disto é a organização de uma refeição que tenha salada de tomate e alface, vegetais cozidos, e a preparação de um prato de proteína que na Austrália se chama, “The Savory”. Uma forma ineficiente para fazer esta tarefa é pensar e fazer apenas uma destas coisas de cada vez, sem ordenar o trabalho com maior proveito. O pensamento que a salada é comida

primeiro é suficiente, nalguns casos, para lhe ser determinada a primeira posição na ordem quando, de facto, seria melhor deixá-la para o fim.

Em vez de preparar a salada primeiro, escolhei, qualquer uma, entre o "savory" e os vegetais, levarão mais tempo a cozinhar, e começai com isso. Se é o "savory" e for preparado no forno, a vossa mente disciplinada levar-vos-á a ligar o forno de modo que chegue à temperatura ideal enquanto preparais a receita. Assim duas coisas estão a ser feitas ao mesmo tempo e não uma após a outra. Boa orientação do tempo fará com que o forno esteja à temperatura correcta na altura em que o "savory" está pronto para começar a cozer. Continuai a adiar a salada em favor da preparação dos vegetais. Assim que estes estiverem a ferver nas placas do fogão onde podem ser deixados por algum tempo enquanto o trabalho da salada é começado por fim. Agora, três coisas estão a ser feitas ao mesmo tempo, e não uma após a outra. O "savory" está no forno, os vegetais a cozer, e a salada ficarão terminados ao mesmo tempo. Deverá haver apenas tempo suficiente para pôr a mesa antes dos membros da família estarem presentes para a refeição. Um sinal de um lar bem ordenado é que não haverá necessidade de chamar os membros da família para a refeição, porque todos sabem exactamente quando ela está pronta e estão habituados a chegar a tempo.

Uma forma eficaz para alcançar isto é habituar bastante cedo na vida quando a criança começa a sentar-se à mesa numa cadeira alta e a juntar-se à família para a refeição. Quando chega a altura, levai a criança para a sala de jantar e sentai-a na sua própria cadeira. Como um dos restantes da família que são o pai e a mãe no caso em que há apenas um filho, tomam os seus lugares. Sem demora, é pedida a bênção do Senhor para o alimento, e a refeição começa. A facilidade, tranquilidade, silenciosa eficiência de toda a operação rodeia a criança com uma atmosfera de determinação. A única conclusão que é permitida é que ela e os seus pais chegaram à mesa para comer, não para fazer uma desordem da comida, ou perder tempo. Do mesmo modo, o tempo e a conversação são descontraídos, amigável, e sem preocupações.

Evidentemente que haverá situações de emergência inesperadas que repentinamente surgem num lar bem ordenado e é preciso fazer alguns ajustamentos. Uma família cuidadosamente disciplinada organizar-se-á para receber o problema e voltar depois à ordem estabelecida assim que a dificuldade passe.

O sucesso deste sistema de treino depende largamente do poder do exemplo, pois as crianças naturalmente tendem a copiar os seus pais. Esta é uma situação feliz se os pais derem o bom exemplo, mas trágica se não o fizerem. Aqui, por exemplo, está o que frequentemente acontece. A mãe trabalha arduamente para preparar a refeição a tempo enquanto o pai está ocupado na reparação do carro. O filho mais novo anda de bicicleta para cima e para baixo na rua. A mãe chama da varanda o pai e o filho para a refeição. O filho agora observa o pai para ver qual é a acção apropriada nestas circunstâncias.

O pai ouve o chamamento, mas não faz qualquer movimento no sentido de interromper o trabalho que continua mesmo apesar dele poder ser deixado de lado e retomado mais tarde. Ele aqui está tomado por uma perversa determinação de mostrar à sua mulher que não se move ao gesto dela. Irá quando estiver pronto, não quando ela chama. Entretanto o filho estuda toda a situação e conclui que se essa é a forma como o pai trata a mãe, ele fará o mesmo. Deste modo, está a ser muito eficazmente treinado na desobediência e desrespeito. Por fim, quando casar

tratará a sua mulher da mesma maneira; o seu filho copiá-lo-á; e assim o mal será perpetuado de geração em geração.

O pai de família que emprega procedimentos como estes para estabelecer a sua autoridade no lar não está preparado para educar os filhos, é egoísta, e derrota-se a si próprio. A sua verdadeira responsabilidade é trabalhar juntamente com a sua mulher e todos os membros da família para produzir um lar bem ordenado em que nenhum exerce autoridade sobre o outro, mas pelo contrário, todos trabalham harmoniosamente em conjunto como uma equipa de amor.

Permiti que se faça uma reforma em que a triste situação descrita acima seja substituída por outra como esta. Noutro lar ficou estabelecido que a refeição da noite seria servida prontamente às 6:00 da tarde. Este não é um decreto imperial da mulher ou do marido mas um acordo mútuo. Quando a hora marcada se aproxima, o pai e o filho estão ocupados em actividades como as acima descritas. Mas o marido não permite uma absorção no trabalho que esquece o tempo. Pelo contrário, fez cálculos seguros de quanto tempo ele e o filho levarão para preparar o seu aparecimento para a mesa, e, nos minutos que restam, chama o filho uma vez e só uma vez e vai lavar-se, o filho segue logo atrás de si.

Agora, se a refeição está atrasada devido a alguma coisa inesperada, então a mãe corrigirá a hora suficientemente cedo para que ambos escolham um novo momento para deixar o trabalho e entrar.

Em qualquer dos casos, há sempre a possibilidade que o interesse da criança seja tão cativado por aquilo que está a fazer que não venha logo ao primeiro chamamento. Quando isto acontece chegou a crucial oportunidade de reafirmar a ordem e disciplina da família. Deixai que os outros membros da família que chegaram à mesa prossigam com a refeição. O filho mais novo, ocupado na sua actividade e não perturbado por qualquer outro chamamento, continuará a ignorar o chamamento até que o seu interesse está de algum modo satisfeito, e apercebe-se então de que está com fome.

Mas quando chega à sala de jantar, verifica que está vazia, e a mesa sem comida. Em resposta à pergunta do que aconteceu à sua refeição, a mãe e o pai, gentil mas firmemente, devem declarar a situação que persiste neste lar, com aquela positiva finalidade que não deixa espaço para protestos ou argumentos.

A sua declaração será feita deste modo: “Filho, nesta casa o jantar é servido às 6:00 da tarde, e tu sabias disso. Foste chamado para vir mas mostraste que continuavas com aquilo que estavas a fazer de maneira que não ias estar presente para a refeição na altura em que esta foi servida. Nós aceitámos isso e permitimos que tivesses o que escolheste.

“Ora, isto é como perder um comboio. Tens que esperar até que venha o próximo, que, nalgumas partes do mundo, pode levar dias ou semanas a chegar. Tu perdeste a refeição da noite porque escolheste; a próxima refeição será o pequeno-almoço, que, como sabes, será servido à hora do costume de manhã. Compreendemos que sentes fome, mas também sabemos que aprenderás a obedecer por estes sofrimentos.”

Alguns pensarão que este é um tratamento rígido, mas isto não é uma questão de avaliação rígida ou justa. Faltar a uma refeição a fim de aprender uma lição vital é um preço a pagar muito baixo. É uma companhia aérea considerada rígida no tratamento do passageiro deixado em terra por chegar dez minutos depois da partida? Obviamente que não! O complexo sistema de transporte aéreo não pode ser perturbado por causa de um passageiro. Da próxima vez, o triste mas mais

prudente passageiro disciplinar-se-á mais de modo a chegar a tempo. Uma vida inteira de hábitos está no processo de estabelecimento. Eu sei que isto é verdade, porque a minha mãe ensinou-me que ela só me chamaria uma vez para a refeição, e, se eu não respondesse quando ela chamasse, simplesmente ficaria com fome até à próxima refeição a não ser que eu estivesse inevitavelmente ocupado até mais tarde. Certamente, os pais irão a segunda milha ao dar uma refeição tardia se a pessoa se atrasou devido a circunstâncias fora do seu controlo.

Até hoje, depois do valioso, decidido, terno, e paciente treino da minha mãe, naturalmente respondi imediatamente quando ela chamava para a refeição ou qualquer outro assunto. Nunca necessitei de ser chamado segunda vez, a menos que fosse detido por circunstâncias incontroláveis. Sinto uma profunda gratidão por este hábito. Ele é o resultado de um excelente treino da parte da minha mãe.

Esta criança repousa total e completamente no cuidado do pai sabendo que este a ama e lhe dará o melhor que é para ela. Desta maneira ela aprende a confiar no Pai celestial a quem não pode ver, como seu perfeito Solucionador de problemas, Planeador, Portador dos seus problemas. É a obra dos pais e das mães levar os seus filhos a repousar nos braços de Jesus. Eles fazem isto estabelecendo os princípios do repouso do sábado na prática da sua própria vida. A maravilhosa tranquilidade que a sua fé viva então traz, cercará os filhos com uma atmosfera que reproduzirá neles a fé e o descanso e tornará fácil a tarefa de lhes ensinar estes princípios salvadores e de como os aplicar.

Num lar que opera de modo ordenado, haverá respeito pelo sistema da parte de todos os membros da família. De acordo com isto, a organização não deve ser projectada e imposta por uma pessoa no lar, mas deve ser o fruto de acordo mútuo e planeamento da parte do pai e da mãe, que, no seu compreensivo entendimento da ordem divina, têm estabelecido o seu lar em harmonia com os princípios de operação do Céu. Procuram obedecer ao conselho de Jesus para estabelecer nos seus lares a vontade de Deus tal como ela é obedecida no Céu.

O Senhor não tem desejo de ser servido por uma obediência forçada, mas aceitará apenas aquela lealdade que é inteligente, terna, e voluntariamente dada como está escrito: "Visto que apenas o serviço por amor pode ser aceito por Deus, a submissão de Suas criaturas deve repousar em uma convicção sobre a Sua justiça e benevolência." *O Grande Conflito*, 498.

Semelhantemente, os pais verdadeiramente cristãos aceitarão apenas aquela obediência que, sem ser forçada, vem do coração.

Um testemunho que realmente ajuda a compreender como isto actua lê-se do seguinte modo:

"A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem." *Educação*, 253.

Quando uma pessoa realmente crê que Deus verdadeiramente a ama, tem a inabalável convicção que o Senhor não lhe pedirá nada a não ser aquilo que é o melhor para si. Portanto, com satisfação e voluntariamente se tornará um elemento activo na ordem divina. Este é o resultado natural deste tipo de fé como está escrito: "Assim ela nos leva a escolher o Seu caminho em vez de o nosso próprio. Em lugar da nossa ignorância, ela aceita a Sua sabedoria; em lugar de nossa fraqueza, aceita a Sua força; em lugar de nossa pecaminosidade, Sua justiça. Nós mesmos somos já Seus; a fé reconhece essa posse e aceita as bênçãos dela." *Educação*, 253.

Este mesmo governo de obediente confiança deve ser reproduzido em todo o lar cristão. Quando isto é feito e os pais compreendem o papel essencial que o amor mútuo desempenha no sucesso do governo do lar, apreciarão melhor o cuidado a ter durante o período pré-natal para se amarem mutuamente. À medida que fazem isto, o filho que ainda não nasceu é profundamente envolvido em amor tanto do pai como da mãe, e entra neste mundo com aquele amor e confiança já implantados nele.

Os pais ficam no lugar de Deus em relação aos filhos e eles deverão ser os representantes do terno carácter do seu Pai celestial. A forma como se relacionam com os filhos coloca nestes pequeninos as primeiras e mais duradouras impressões do carácter de Deus. Se forem autoritários que impõem a obediência pela aplicação de severos castigos, então essa é a forma como as crianças verão que o Senhor é, não importa quanto os pais possam assegurar que Jesus ama e perdoa.

Por outro lado, se o pai e a mãe tiverem estabelecido a ordem divina no seu lar, são ternos, de coração brando, gentis, compreensivos, perdoadores, e justos, então assim é como as crianças visualizarão o seu Pai celestial. Uma tal visão das coisas levá-los-á bastante naturalmente a colocar toda a sua confiança tanto nos pais terrestres como no celestial. O espírito de obediência ganho no renascimento operará com confiança e poder.

"A conduta da menina cativa, a maneira como se comportou neste lar pagão, é um forte testemunho do poder dos primeiros ensinamentos do lar. Não há mais alto encargo do que o confiado aos pais e mães no cuidado e educação de seus filhos. Os pais têm que tratar com os próprios fundamentos de hábito e caráter. Por seu exemplo e ensino é o futuro de seus filhos em grande medida decidido.

"Felizes são os pais cuja vida é um verdadeiro reflexo da divindade, de maneira que as promessas e ordens de Deus despertem na criança gratidão e reverência; os pais cuja ternura e justiça e longanimidade interpretam para a criança o amor e a justiça e a longanimidade de Deus; que ensinam a criança a amá-los e obedecer-lhes, estão ensinando-as a amar ao Pai do Céu, a obedecer-Lhe e nEle confiar. Os pais que repartem com o filho tal dom o estão dotando com um tesouro mais precioso que as riquezas de todos os séculos — um tesouro tão perdurável como a eternidade." {PR 125}, *Profetas e Reis*, 245.

A gloriosa verdade contida neste testemunho pode ser compreendida quando as crianças forem educadas no caminho que o Senhor determinou que elas andem.

Quando assim for, então "... as promessas e ordens de Deus despertam na criança gratidão e reverência".

Que os métodos educacionais do passado têm sido, não apenas inadequados, mas decididamente de ordem errada, é confirmado pelo facto que as promessas e ordens de Deus não têm despertado reverência e gratidão nas crianças. Entre os pais e os filhos que constituem o povo de Deus actualmente, a reverência é uma qualidade difícil de encontrar. As crianças estão inquietas durante as reuniões, gastam tempo a olhar para os livros, colorindo desenhos, e indo frequentemente à casa de banho. Os pais parecem olhar isto como o melhor que podem esperar e toleram isto como tal. Todavia, a criança Jesus é o exemplo pelo qual todos os outros padrões de comportamento são medidos, e podíeis vós imaginá-l'O comportar-se dessa maneira nos cultos familiares ou na sinagoga no dia de sábado?

Os pais geralmente aceitam uma norma demasiado baixa, sentindo que isso é o melhor que pode ser alcançado, quando de facto está muito abaixo do que realmente é possível. Muito frequentemente aqueles pais que falharam em estabelecer a ordem divina, amor, respeito, e reverência nos seus filhos em casa, levam-nos semanalmente aos serviços da igreja onde esperam ver a falha suprida, e quando isto fracassa, como certamente acontece, colocam a sua esperança numa reunião campal altamente organizada para fazer esta obra.

Porém, a criança que nunca aprendeu a reverenciar seu Criador ao ponto de permanecer quieta e atenta durante quinze ou trinta minutos de adoração em família duas vezes por dia, não participará de duas sessões de uma hora uma vez por semana na igreja. Muito menos ela conseguirá sentar-se com reverência durante uma semana de reuniões.

Contudo, há os que planearão elaborar programas de reuniões destinadas a crianças num esforço de salvar as suas almas para o reino, quando o lugar onde a vitória deve ser ganha é exactamente em casa. Ali os pequeninos devem ser educados a reverenciar o Senhor nas horas sagradas de culto familiar. Ali aprenderão a sentar-se calados e muito sossegados, porque estão na presença real do Criador do Universo. Ali aprenderão a ouvir e a concentrar-se nos serviços desse momento. Devem ser ensinados a compreender que devem fazer as suas viagens à casa de banho antes e depois mas não durante a hora de culto.

Quando tiverem aprendido a fazer isto neste nível, então estão prontos para fazer o mesmo no serviço semanal da igreja, e dali para as reuniões campais anuais. Não há possibilidade de uma criança estar reverente e atenta na igreja ou numa reunião campal, se esta capacidade não tiver sido desenvolvida no culto familiar. Que os pais não descansem até a vitória ter sido verdadeiramente obtida nestas coisas.

Evidentemente que uma coisa é falar acerca destes ideais, mas outra pô-los em prática. Sem dúvida que a norma descrita nos últimos parágrafos tem desanimado em vez de encorajar pelo menos alguns pais. Mas, não há necessidade de desanimar acerca do facto que "O ideal de Deus para Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano. 'Sede vós perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus.'" {DTN 213}, *O Desejado de Todas as Nações*, 293.

Deus nunca exige o impossível. Pelo contrário, Ele enviou Jesus a esta Terra para demonstrar aquilo que pode ser alcançado, e dá o poder pelo qual isso pode ser alcançado.

"Muitos a quem Deus capacitou para fazer trabalho excelente, pouco conseguem, porque pouco empreendem. Milhares passam esta vida como se não tivessem alvo definido pelo qual viver, nem norma para alcançar. Os tais receberão recompensa proporcional às suas obras.

"Lembrai-vos de que nunca alcançareis mais elevada norma que a que vos propuserdes. Fixai pois alto vosso alvo e passo a passo, embora com esforços dolorosos, abnegação e sacrifício, subi até ao topo a escada do progresso. Que nada vos impeça. O destino não teceu tão firmemente suas malhas ao redor de qualquer homem, que precisasse permanecer desamparado e na incerteza. Circunstâncias adversas devem criar a firme determinação de vencê-las. A transposição de um obstáculo dará maior capacidade e ânimo para avançar. Insisti com resolução na direcção correcta, e então as circunstâncias serão vossas auxiliares, não empecilhos.

"Almejai cultivar toda graça do carácter para a glória do Mestre. Deveis agradar a Deus em cada aspecto da formação de vosso carácter. Isto podeis fazer, porque Enoque Lhe agradou, embora vivesse num século degenerado. E há Enoques em nosso tempo.

"Sede como Daniel, aquele fiel estadista, homem que nenhuma tentação podia corromper. Não desaponteis Aquele que tanto vos ama, que deu Sua vida para cancelar vossos pecados. Ele diz: 'Sem Mim nada podeis fazer.' João 15:5. Lembrai-vos disso. Se tiverdes cometido erros, certamente alcançareis a vitória, ao reconhecerdes estes erros e os considerardes farol de advertência. Assim transformareis a derrota em vitória, desapontando o inimigo e honrando o vosso Redentor.

"O caráter formado segundo a semelhança divina é o único tesouro que deste mundo podemos levar para o futuro. Aqueles que nesta vida estão sob a instrução de Cristo, levarão consigo, para as mansões celestes, todo aprendizado divino. E no Céu deveremos progredir continuamente. Que importância tem, pois, nesta vida o desenvolvimento do caráter!

"Os seres celestiais cooperarão com o agente humano que procura com fé decidida a perfeição de carácter que se manifeste na acção perfeita. A todo que se empenha nesta obra, Cristo diz: 'Estou à tua destra, para te auxiliar.'

"Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna omnipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. *Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.*" {PJ 176}, *Parábolas de Jesus*, 331-333.

Estas palavras contêm a certeza divina e portanto de total confiança que as mais elevadas normas de excelência podem ser alcançadas na obra do Senhor, e isto com certeza inclui a obra dos pais de trazer a salvação aos seus filhos.

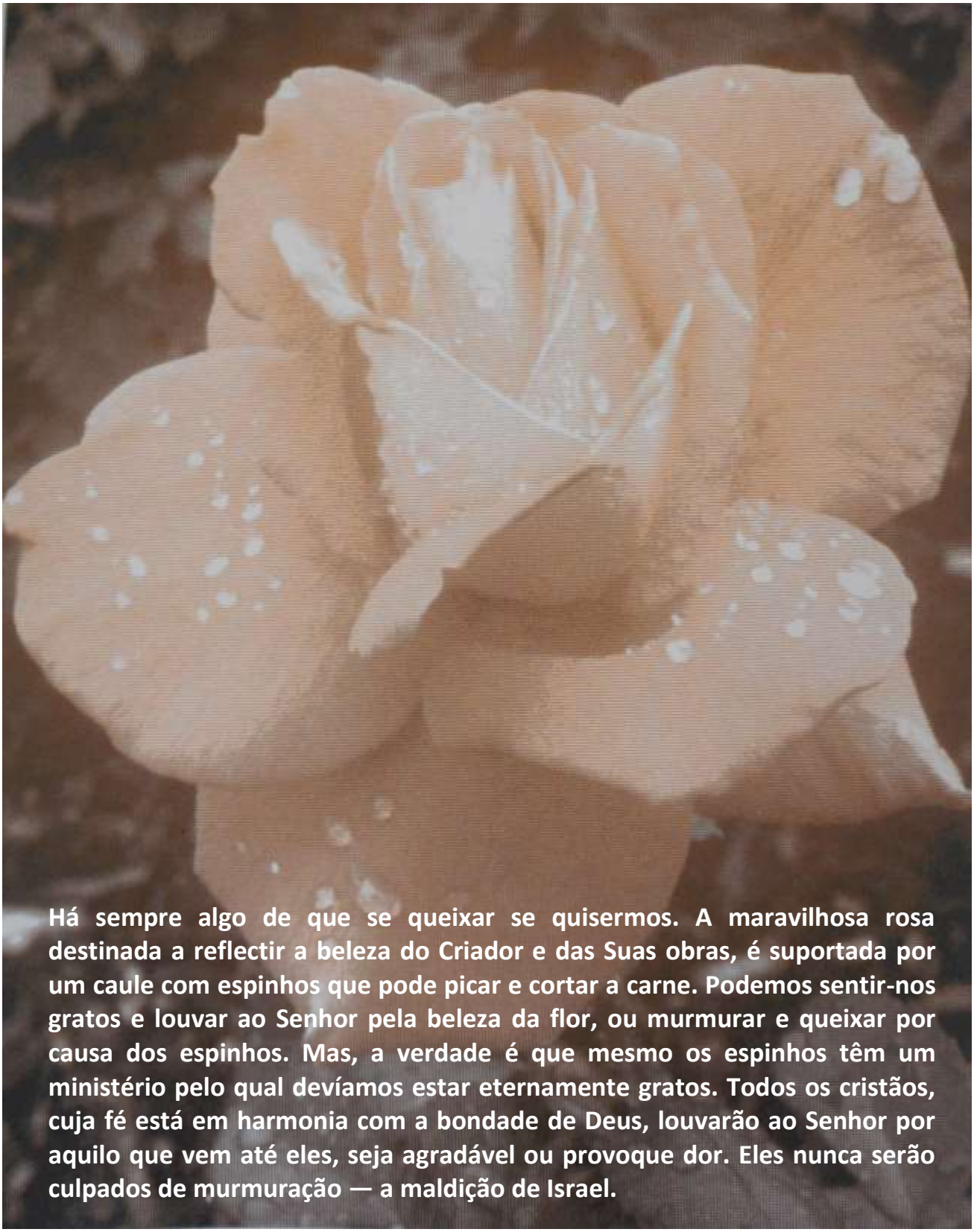
Isto, leva à questão de como as crianças são ensinadas a reverenciar o seu Criador no lar, na igreja, e nas conferências. Na realidade, isto já foi explicado nestas páginas. Como apontamento, será feito um sumário neste ponto.

Primeiramente, os pais, através da comunhão com Deus, devem estabelecer a Sua presença real nas suas vidas até se tornarem vivas revelações do Seu glorioso carácter. Isto levá-los-á de tal modo a um contacto próximo com o Senhor que terão um reverente sentido da Sua perfeição e poder.

As crianças, no seu íntimo contacto com os seus pais, estarão conscientes da presença de Deus nos seus pais e isto criará gratidão e reverência em si.

Para fortalecer a confiança das crianças nos pais e em Deus a quem servem, rodeiem os pais os pequeninos com um lar bem ordenado, organizado segundo a

semelhança divina. Em seguida instruam os seus filhos no comportamento que é próprio de meros mortais quando entram na presença do Omnipotente. Estabelecei uma norma mais elevada do que anteriormente pensáveis possível e pela graça de Deus chegareis a ela.



Há sempre algo de que se queixar se quisermos. A maravilhosa rosa destinada a reflectir a beleza do Criador e das Suas obras, é suportada por um caule com espinhos que pode picar e cortar a carne. Podemos sentir-nos gratos e louvar ao Senhor pela beleza da flor, ou murmurar e queixar por causa dos espinhos. Mas, a verdade é que mesmo os espinhos têm um ministério pelo qual devíamos estar eternamente gratos. Todos os cristãos, cuja fé está em harmonia com a bondade de Deus, louvarão ao Senhor por aquilo que vem até eles, seja agradável ou provoque dor. Eles nunca serão culpados de murmuração — a maldição de Israel.

Quando os pais decidem no seu coração fazer esta obra, será desenvolvido um maravilhoso espírito de reverência nos filhos e nos pais e nas mães, semelhante àquilo que nunca pensaram possível e que abrirá as portas à poderosa corrente do Espírito Santo. Será um novo e maravilhoso dia para a igreja do Deus vivo.

Outro aspecto da educação da criança é que a reverência e o respeito por Deus são manifestos na submissão sem queixume à vontade divina não importa que sofrimento e perda possa ser causado por isso. Com Cristo, "A única lei de Sua vida era a vontade de Seu Pai." {DTN 343}, *O Desejado de Todas as Nações*, 469. Assim será com todo o verdadeiro cristão. Este espírito é o fruto da fé e amor porque "A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem." *Educação*, 253.

Quando sabemos realmente que o Senhor verdadeiramente nos ama com um infinito e sempre vivo ardor, então estamos absolutamente seguros que Ele nunca fará outra coisa senão o que é melhor para nós *mesmo apesar de por vezes poder parecer o contrário*. Foi difícil para João Baptista e impossível para os seus discípulos discernir a manifestação do amor de Deus com relação a ele quando foi permitido aos romanos aprisioná-lo, mas o Senhor sabia que, sob as circunstâncias, esta era a coisa de maior amor que podia ser feita por ele.

Uma vez que nada é permitido vir ao cristão e seus filhos à parte daquilo que é o melhor para si, incluindo nas alturas em que Deus lhes permite trazerem sofrimento sobre si próprios devido ao seu próprio capricho, então é manifesto que não há lugar para murmuração, queixa, ou expressões de descontentamento entre os verdadeiros cristãos. É por esta razão que o espírito de murmuração é descrito como sendo "... A maldição de Israel". {PP 274}, *Patriarcas e Profetas*, 397.

É verdadeiramente uma coisa terrível para o crente murmurar contra o Senhor. Aqueles que o fazem, revelam que não crêem que o Senhor os ama com um infinito amor; que Ele cuida deles como a menina do Seu olho; que necessitam aprender a obedecer através das coisas que têm sofrido. Murmurar contra Deus é o pior pecado possível porque é um acto de exaltação própria acima de Deus. É a vossa declaração de que a vossa sabedoria transcende a do Omnisciente naquilo que pensais conhecer melhor do que Deus, aquilo que é melhor para vós. Isto é precisamente o que Satanás fez quando se rebelou no Céu. Ele foi o primeiro murmurador, e todas as pessoas que desde então têm levantado a voz em descontentamento, estão exibindo o mesmo espírito do maior de todos os rebeldes. Esta é a gravidade da questão.

Para uma inteligente apreciação dos terríveis perigos de expressar descontentamento pelo modo como o Senhor trata connosco, estudai a lista de testemunhos sob o título, "Murmuração", no *Index to the Writings of Ellen G.* Prestai especial atenção ao pecado como ele se manifesta na experiência de Israel e a abominação com que Jeová considera este mal. Considerai os terríveis prejuízos que isto custou a Israel, incluindo um incrível custo da vida. Por este meio podemos aprender a recear o aparecimento deste pecado entre nós.

A razão pela qual saliento o mal deste erro é porque os pais tão frequentemente permitem a sua manifestação nos filhos e falham em ensinar os seus pequeninos a vencê-lo. Eles serão motivados a fazer essa obra apenas quando compreenderem a natureza má deste pecado, e reconhecerem a sua presença quando o vêem.

O reconhecimento da manifestação desta disposição nas crianças não é difícil. Quando a criança verifica que a sua vontade é contrariada, começará a choramingar e a gritar como uma expressão de descontentamento e

desapontamento, e continuará isto na esperança de por esse meio quebrar a vontade dos pais e lhe seja dado aquilo que o seu coração deseja. Demasiadamente frequente este procedimento tem sucesso, os pais estão prontos para garantir paz a qualquer preço.

Isto é extremamente mau na educação da criança, e pais cristãos inteligentes trabalharão imediatamente para corrigir este mal. Começarão esta obra estando sempre alerta para a sua manifestação, tanto em si próprios como também nos seus filhos, pois ele pode aparecer em muitos cristãos adultos; nas vidas daqueles que têm andado e caminhado com o Senhor. A experiência de Moisés, o homem mais manso que viveu na Terra, confirma isto. Depois de oitenta anos como cristão devoto a quem o Senhor especialmente chamou para ser o Seu mensageiro para Israel; depois de ver as poderosas obras de Deus no Egipto; depois de passar duas vezes quarenta dias em comunhão face a face com o Senhor no Monte Sinai, no final dos quais a sua face brilhava tanto que teve de usar um véu sem o qual o povo não podia olhar ele; depois de tudo isto e mais, muito mais, Moisés deu lugar ao "espírito de murmuração, que era a maldição de Israel." {PP 274}, *Patriarcas e Profetas*, 397. Vede *Números* 11:10-5.

Se um tão grande e experimentado cristão como foi este servo de Deus, pôde perder a fé condescendendo com o espírito de murmuração que tirou a vida a milhares em Israel, então todos os pais necessitam estar muito atentos contra o aparecimento deste pecado nos seus filhos. Eles devem diligentemente educar os seus pequenos a aceitar as frustrações da vida como um espírito doce, paciente e submisso. Primeiramente, isto deve ser feito pelo exemplo, porque, se os pais condescenderem com o espírito de murmuração, então podem estar certos que filhos não serão ajudados por qualquer instrução que os pais lhes possam dar. Mas, quando o pai e a mãe mostram um espírito paciente, que não se queixa, em face da adversidade, então serão guias dos seus filhos na mesma vereda.

Quando a criança chega à idade suficiente para compreender as histórias da Bíblia, devem ser-lhes diligentemente ensinadas como revelações da forma como um terno Pai celestial cuida dos Seus filhos. Demonstrai por estas lições a verdade que o Senhor por vezes *parece* abandonar os seus filhos, e, naquelas horas de dificuldade, é difícil vê-l'O, mas Ele está sempre ali. Mostrai como aqueles que murmuraram e protestaram se separaram da protecção de Deus e foram destruídos, ao passo que aqueles que pacientemente suportaram as provas mais difíceis, desenganos devastadores, e terríveis sofrimentos, que com alegria e confiança, foram libertos e abençoados. Aprendam a maravilhosa submissão de Jó na hora mais negra da sua vida: "...Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor." *Jó* 1:21.

Há alturas em que a criança é confrontada, tal como os pais nas suas várias experiências, com problemas aparentemente insolúveis, e o seu choro é, na realidade, não a expressão de descontentamento e murmuração, mas um pedido de ajuda, uma oração por libertação. No caso de um bebé, esta é a forma como ele pode orar, mas, à medida que os anos avançam a sua capacidade de comunicação é alargada, a criança que é correctamente preparada tranquila e confiantemente traz o problema aos pais, que, juntamente com o filho, apresentam a questão ao Senhor e deixam que Ele dê a solução que já está preparada.

Os pais necessitam tornar-se aptos a reconhecer quando o filho está a chorar por rebeldia, queixa, ou em genuína dificuldade. Qualquer delas é uma forma de

comunicação que o filho espera que os pais leiam correctamente, e os pais devem fazê-lo se quiserem educar os seus filhos com sucesso.

Quando a mãe ou os pais verificam que o choro do bebé é uma declaração que está perante um problema que não pode solucionar, então o único passo acertado é aplicar os princípios do repouso do sábado. Estes devem ser compreendidos e praticados por ambos os pais mesmo antes de casarem. Se não estiverdes familiarizados com esta mensagem, então obtende uma cópia de *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, na Casa Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado, e estudai-a muito cuidadosamente.

Uma vez que esse livro trata o assunto e os correctos procedimentos a seguir tão profundamente, não haverá necessidade de repetir aqui a mensagem. O que será feito é salientar os aspectos que fazem desta mensagem um sucesso.

Primeiramente tem que haver tanto nos pais como nos filhos, uma viva ligação com Cristo a Cabeça, e o instrumento humano. Isto exige que os dois pais e os seus filhos sejam renascidos. Ambos devem também ser dedicados a viver uma vida de obediência de modo que o seu único desejo seja a execução da vontade do seu Pai. Em seguida deve haver uma segura convicção que os princípios do repouso do sábado sejam o único caminho em que as coisas são feitas.

Já, durante o período pré-natal, foram lançados os fundamentos para o estabelecimento bem-sucedido de Deus como o Solucionador de problemas, Planeador, e Transportador de fardos da criança, se, durante esse período, os pais tiverem entregue todos os seus problemas ao Altíssimo e esperarem com perfeita paciência que Ele lhes dê solução. Dentro do ventre da mãe, a criança recebeu assim a sua iniciação nos procedimentos do repouso do sábado. Quão afortunada será essa criança!

Um verdadeiro filho cristão em quem está o espírito de obediência arrepender-se-á genuinamente quando cometer erros e aceitará com alegria a orientação dos pais para os levar aos braços do altíssimo Solucionador de problemas. À medida que vê as dificuldades a desaparecerem, a sua confiança tanto em Deus como nos seus pais é incomensuravelmente fortalecida.

O trabalho de levar os filhos a Deus com seus problemas não pode ser iniciado muito cedo, embora os pais possam perguntar-se quais são os passos específicos que devem ser seguidos para aplicar a mensagem do repouso do sábado a crianças muito pequenas, como recém-nascidos. Com certeza, esses pequenos não podem activa e inteligentemente participar na escolha de entregar os seus problemas na mãos do Sábio Solucionador de problemas, em virtude de eles não terem alcançado o nível de idade em que têm a capacidade para discernir o problema e entregá-lo ao Senhor.

Este é um trabalho que os pais devem fazer por eles. É um trabalho que será totalmente bem-sucedido se os pais forem qualificados por um novo nascimento, um compromisso total com a prática dos princípios do repouso do sábado e uma fé viva nos caminhos de Deus.

Quando uma criança comunica o facto de ter um problema que precisa atenção urgente, a primeira tarefa dos pais é determinar, se possível, a causa da dificuldade. Naturalmente eles pedirão ao Senhor que os guie neste esforço.

O sofrimento pode ser causado por algo muito menor como uma fralda suja, uma cólica no estômago, ou outra coisa semelhante. A mãe ou o pai devem então tomar as medidas possíveis para suprir a necessidade da criança com corações agradecidos pelo facto e o Senhor lhes proporcionar esses meios.

Apesar do melhor esforço dos pais, o pequenino pode ainda continuar a chorar sem razão aparente. Nada daquilo que foi feito parece ter tido qualquer resultado. É correcto aqui que a mãe e o pai desenvolvam a capacidade para interpretar acertadamente a linguagem do choro do bebé. Está ele a transmitir uma necessidade genuína, está ele a dar largas a um mau temperamento, ou está a procurar impor a sua vontade contra a dos pais?

O correcto procedimento é os pais entregarem total e completamente o assunto ao grande Solucionador de problemas. Sugeria que primeiramente os pais falassem audivelmente à criança nos seguintes termos: "Filho, tens um problema cuja solução está para fora da nossa capacidade, mas há um maravilhoso Solucionador de problemas que tem a capacidade de tratar estas dificuldades e é a Ele que vamos entregá-lo agora mesmo."

O pequenino não compreenderá as palavras em si mesmas, mas reconhecerá o tom de confiança expresso nessas palavras, e será influenciado por elas.

Então ajoelhem os pais ao lado do berço ou mesmo com o bebé nos braços da mãe ou do pai, e numa voz firme e clara, soando com tranquila confiança, entreguem o problema nas mãos do Senhor tal como fazem com as suas dificuldades pessoais. Em seguida agradecei ao Senhor por ter tomado a questão nas Suas mãos e cuidar dele.

Visto que os pais renascidos, são abençoados com uma fé viva, estão mantendo uma íntima e eficaz ligação com a sua divina Cabeça, Jesus Cristo, e estão com sucesso praticando os princípios do repouso do sábado, e uma vez que, através dos seus pais o mesmo se torna também verdade a respeito da experiência dos filhos, também será verificado que, por estes procedimentos, a criança encontrará repouso e deixará de chorar.

Se a criança continuar a chorar, então os pais devem imediatamente perguntar a Deus se há alguma coisa no seu coração que ainda não tenha sido feito correctamente e está a impedir-Lhe o caminho para resolver o problema da criança. Todo o ídolo da parte dos pais é uma declaração a Deus que Ele não é completamente desejado como sua única Fonte e Solucionador de problemas. Se for revelado qualquer ídolo pelo Espírito Santo, deve ser confessado e removido imediatamente para que Deus possa operar.

Outra coisa que os pais devem compreender é a sua própria necessidade real para desenvolver uma capacidade para serem cooperadores de Deus na solução dos problemas dos seus filhos. Devem também compreender que esta capacidade deve aumentar à medida que o tempo passe, pois tal como acontece frequentemente, os problemas aumentam em intensidade à medida que as crianças crescem. Por outras palavras, não é apenas uma questão de ajoelhar e "dizer uma oração" quando a criança tem um problema. Não é suficiente serem realmente honestos na vossa oração, sem bem que isto seja essencial. Honestidade é necessária, mas não toma o lugar da capacidade, pelo contrário, ajuda a desenvolvê-la.

A promessa acerca das futuras dificuldades encontra-se em *1 Coríntios* 10:13. "Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar."

Mas lembrai, tal como em todas as promessas, há condições. Neste caso, para assegurar que tendes a capacidade de tratar com futuras dificuldades, deveis praticar os princípios do repouso do sábado em todos os passos da estrada da

vida. Somente se Deus estiver em total controlo da vossa vida, é possível desenvolverdes os traços e as capacidades necessárias para tratar com aquelas futuras provas que unicamente Ele pode prever e a natureza das quais só Ele compreende.

É seguro dizer que as pessoas não podem ser verdadeiramente pais bem-sucedidos a menos que a mensagem do repouso do sábado se tenha tornado a sua forma de vida pessoal de onde não se desviam e educam os seus filhos de acordo com isso. É apenas quando isto for feito que Deus é verdadeiramente eleito como o Mestre do Seu povo. Então serão cumpridas as palavras: "Mesmo o nenê nos braços maternos pode permanecer como sob a sombra do Omnipotente, mediante a fé de uma mãe que ora. João Baptista foi cheio do Espírito Santo desde seu nascimento. Se vivemos em comunhão com Deus, também nós podemos esperar que o Espírito divino molde nossos pequenos já desde os primeiros momentos." {DTN 360}, *O Desejado de Todas as Nações*, 492.

Quando o vasto e maravilhoso estudo da educação das crianças tal como o complemento do seu renascimento for correctamente compreendido, verão os pais perante si as mais maravilhosas possibilidades. Alegrar-se-ão no caminho e maravilhosa luz do Senhor para nós antes que seja demasiado tarde. Então, compreenderão o verdadeiro significado de testemunhos como este:

"Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude *devidamente preparada*, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo! Quão depressa poderia vir o fim — o fim do sofrimento, tristeza e pecado! Quão depressa, em lugar desta possessão aqui, com sua mancha de pecado e dor, poderiam nossos filhos receber a sua herança onde 'os justos herdarão a Terra e habitarão nela para sempre'; onde 'morador nenhum dirá: Enfermo estou', e 'nunca mais se ouvirá nela voz de choro!' Salmos 37:29; Isaías 33:24; 65:19." *Mensagens aos Jovens*, 196. Vede também *Educação*, 271.

Desde que este testemunho foi escrito em 1903, vários exércitos dos nossos jovens foram "treinados para concluir rapidamente a obra", mas ela não foi finalizada com rapidez. Não foi porque eles não tivessem sido treinados de acordo com o que os homens acreditam ser o treino necessário, mas porque eles deviam ser treinados *correctamente*. Em seguida, veríamos a obra terminada rapidamente.

Capítulo 25

O Objectivo É a Obediência Perfeita

No seu papel de educadores divinamente apontado cooperando com o Mestre dos mestres, os pais necessitam ter em mente objectivos muito claros, de modo que saibam exactamente para onde estão indo na educação dos seus filhos. A obscura incerteza nesta obra é autodestrutiva e garantirá o fracasso.

Proeminente entre as lições a serem gravadas para sempre na mente da criança, e estabelecida na prática da sua vida, é a obediência imediata, implícita, inquestionável e voluntária. Os pais necessitam ser muito claros neste ponto e devem trabalhar com incansável paciência e habilidade para alcançar este objectivo no seguro conhecimento que a qualidade da obediência em que os seus filhos são treinados a obedecer-lhes como pais, será a da mesma qualidade de obediência dada a Deus. Esta verdade é confirmada nestas palavras escritas a um cuidador, "Filhos que não se sentem sob maior obrigação moral para com seus pais terrestres do que vocês, mas que tão facilmente fogem de suas responsabilidades, não terão o devido respeito por seu Pai celestial; não reverenciarão ou respeitarão os direitos que Deus tem sobre eles. Se desrespeitam e desonram a seus pais terrenos, não respeitarão nem amarão ao seu Criador." *Testemunhos para a Igreja* 3:232.

Estamos a viver numa época de incrível desobediência a Deus e Suas justas instruções da parte da população adulta, mas isto é apenas a extensão da mesma desobediência que os mesmos prestaram a seus pais quando eram crianças. Tudo isto não é mais do que o cumprimento da profecia como está escrito:

"Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.

"Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos,

"Sem afecto natural, irreconciliáveis, sem amor para com os bons,

"Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus,

"Tendo a aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te." *1 Timóteo* 3:1-5.

Esta terrível apostasia é causada por uma falta de compreensão da mensagem da salvação das crianças, o que inclui preparação da parte dos pais, pois os filhos

são aquilo que os pais fizeram eles ser. “Os filhos são aquilo que seus pais fazem deles por sua instrução, disciplina e exemplo.” *Testemunhos para a Igreja* 5:37.

Os pais que procuram entender o verdadeiro carácter da presente epidemia de desobediência, necessitam estudar o padrão de comportamento das crianças modernas a todos os níveis desde o berço. Será então verificado que a obediência que o Céu exige é quase impossível encontrar.

As crianças claramente recusam seguir as orientações paternais até serem obrigadas a fazê-lo. Depois cumprem os deveres que lhes ordenaram com um espírito de rebeldia, murmurando todo o caminho. Também muito comum é o hábito de desafiar a sabedoria dos pais quando lhes é pedido para fazerem um determinado serviço. Os mais jovens incessantemente perguntam porque é que lhes é pedido para fazerem coisas absolutamente necessárias. Responder imediatamente e sem duvidar ou murmurar é totalmente desconhecido para eles.

Há aqueles pais que tendem a defender as objecções dos filhos a todas as ordens como uma indicação da procura de conhecimento, o exercício do poder da razão, e a manifestação de uma saudável individualidade. Aqueles que pensam deste modo deviam contemplar, como se está a desenvolver neste presente mundo mau, o resultado final desta forma de comportamento, que é na realidade um desafio à autoridade dos pais, uma tentativa de evitar a obediência, e uma expressão do espírito de desobediência. Toda a ausência de lei, violência, corrupção, e egoísmo que são as profundas preocupações dos legisladores, dirigentes da igreja, e das pessoas em geral, são apenas a colheita das sementes semeadas pelos pais que não tinham conhecimento da salvação das crianças, e portanto, não tinham capacidade para a aplicar.

Contra este lamentável passado de desobediência e suas aflições, ergue-se o grande e maravilhoso exemplo de Cristo. Ele revelou para que todos vissem, a qualidade de obediência que é desenvolvida pelos pais em todo o filho. Como Ele se relacionava com o Seu Pai celestial, assim cada criança deve ser ensinada a relacionar-se com os pais terrestres. Não é possível expressar esta verdade demasiadamente forte ou positivamente salientada. Em qualquer extensão que os pais falhem em alcançar nos seus filhos, a mesma confiante, inquestionável, implícita, imediata, e voluntária obediência não importa qual o custo que isso possa ter, essa é a extensão do seu fracasso no cumprimento das suas responsabilidades como pais. Devem reconhecer que a obediência de Jesus como padrão pelo qual devem medir a sua própria justiça e a dos seus filhos. Nenhum outro ideal é digno de consideração.

Obviamente então, para se qualificarem para educar na qualidade de obediência que Cristo revelou, os pais devem ser diligentes estudantes da Sua vida de modo que compreendam aquilo que verdadeira obediência realmente é. Caso contrário, ser-lhes-á impossível saber realmente qual é o seu alvo.

Com Jesus Cristo, havia apenas uma coisa que interessava; o único interesse que Ele alguma vez considerou. Não foi: Porque Me é pedido isto? Nem era: Posso Eu com segurança evitar esta responsabilidade? Nem era: Pode isto ser adiado até mais tarde?

A única pergunta que O preocupava era: O que é que o Meu Pai Me mandou fazer?

“A única lei de Sua vida era a vontade de Seu Pai.” {DTN 343}, *O Desejado de Todas as Nações*, 469.

Que rica e maravilhosa verdade está contida neste testemunho. "A *única* lei de Sua vida era a vontade de Seu Pai." Este princípio varreu todos os argumentos de conforto e conveniência pessoal; ignorou as dispendiosas ameaças de perigo e sofrimento; deixou de lado os argumentos dos familiares, amigos, e seguidores; e respondeu apenas às instruções de Deus.

Embora os planos humanos tenham um lugar, a predominante prática humana é assumir o papel de planeadores que pertence unicamente a Deus. Os homens vão mesmo ao ponto de tentar construir o reino de Deus pelos métodos, planeamento e procedimentos humanos, como fizeram Abrão e Sara, quando planearam o casamento de Abrão e Agar a fim de produzirem o filho prometido. Quando Jesus estava no deserto para ser tentado pelo diabo, o inimigo colocou uma tremenda pressão sobre Ele para recorrer aos Seus próprios planos para salvar a obra de Deus daquilo que parecia ser um desastre total. Mas, felizmente, que o Salvador recusou totalmente a submeter-Se ao domínio desta tentação. Ele demonstrou que é menor calamidade sofrer o que quer que pudesse vir sobre Ele do que afastar-Se da vontade de Deus.

"Mas Jesus 'manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém'. A única lei de Sua vida era a vontade de Seu Pai. Na visita ao templo, em Sua meninice, dissera a Maria: 'Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?' Lucas 2:49. Em Caná, quando Maria desejou que Ele manifestasse o poder miraculoso que possuía, Sua resposta foi: 'Ainda não é chegada a Minha hora'. João 2:4. Com as mesmas palavras respondeu a Seus irmãos, quando insistiram em que fosse à festa. Mas no grande plano de Deus fora designada a hora para que Ele Se desse em oferta pelos pecados dos homens, e essa hora estava prestes a soar. Ele não

fracassaria nem vacilaria. Seus passos se dirigem a Jerusalém, onde Seus inimigos há muito planeiam tirar-Lhe a vida; agora, Ele a deporá. Assentou firmemente o propósito de ir ao encontro da perseguição, da negação, rejeição e condenação e morte." {DTN 343}, *O Desejado de Todas as Nações*, 469.

Como Cristo obedecia ao Pai em todos os pormenores, assim as crianças devem prestar a mesma absoluta implícita obediência aos seus pais, enquanto adultos devem obedecer a Deus da mesma forma. "Os obreiros de Cristo devem obedecer às Suas instruções implicitamente." {DTN 257}, *O Desejado de Todas as Nações*, 369.

À medida que meditamos na maravilhosa vida do nosso Salvador à luz deste e outros testemunhos, começamos a compreender que ainda temos muito a aprender sobre o que obediência realmente é. Somos levados a apreciar o facto que, como pais temos colocado nosso objectivo demasiado baixo, e temos aceitado um nível de obediência dos nossos filhos que falha mesmo na aproximação daquilo que o Senhor espera ver.

Todos os momentos da vida de Cristo foram um exemplo da incessante obediência, mas uma das verdadeiramente grandes revelações da Sua total submissão à vontade de Seu Pai foi dada no deserto imediatamente a seguir ao Seu baptismo. Observemos resumidamente alguns pontos principais nesta dramática demonstração de perfeita submissão à vontade do Eterno.

Foi em directa resposta às indicações do Pai que Jesus se apresentou no Jordão para ser baptizado. Ali o Pai aceitou a consagração do Filho para ser o Redentor, e em seguida, contrariamente ao que alguém esperaria, conduziu-O pelo Espírito Santo a passar tempo no deserto em vez de Lhe ordenar que começasse o Seu ministério. Primeiro, Jesus foi rodeado pela glória de Deus que O alimentava e Lhe dava confiança, "Quando Jesus chegou ao deserto, estava rodeado da glória do Pai. Absorto em comunhão com Deus, foi erguido acima da fraqueza humana. Mas a glória afastou-se, e Ele foi deixado a lutar com a tentação. Ela O apertava a todo instante. Sua natureza humana recuava do conflito que O aguardava. Durante quarenta dias, jejuou e orou. Fraco e emagrecido pela fome, macilento e extenuado pela angústia mental, 'o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens'. Isaías 52:14. Era então a oportunidade de Satanás. Julgou poder agora vencer a Cristo." {DTN 73}, *O Desejado de Todas as Nações*, 103.

Excessivamente enganadoras e terríveis foram as tentações de Satanás quando dirigiu todo o seu poder e astúcia para derrotar o Salvador. Ele apareceu como o anjo de luz enviado para deter a mão de Abraão de sacrificar Isaque. Agora esse Jesus, o grande antítipo de Isaque, tinha demonstrado que estava preparado para morrer em lugar do homem, o Pai aceitou esta intenção no lugar da acção, libertando assim Cristo de mais sofrimento e real crucifixão.

Essa foi a mensagem trazida por esse brilhante mensageiro que aparentemente tinha descido directamente da presença do Pai. Foi a introdução da poderosa tentativa de desviar o Redentor da vontade do Pai, e levá-l'O a entrar nos caminhos de Satanás e da Sua própria escolha.

Jesus estava literalmente a morrer pela fome, um acontecimento cujo desenvolvimento não devia ser permitido nessa altura, porque, se assim fosse, o plano da salvação teria sido destruído. Havia um determinado tempo e local para a morte sacrifical de Jesus ter lugar. Ela estava a mais de três anos de distância, e não estava destinada a ocorrer nesse lugar solitário e desolado. Portanto, em

nenhuma circunstância devia o Redentor do mundo morrer antes desse tempo chegar, nem no lugar onde Ele estava nesse momento.

Contudo, apesar de ser vital a necessidade de Jesus continuar vivo nesta altura, estava rapidamente a aproximar-se das portas da morte em consequência da Sua obediência à vontade do Seu Pai, enquanto Jeová parecia completamente despreocupado, de tal maneira que a Sua presença parecia tão longe como se fosse totalmente insignificante. Isto *aparentemente* colocou Cristo na posição em que não havia quem O salvasse da morte excepto Ele próprio. Todo o testemunho da vista e circunstância declarava que Ele tinha sido abandonado tanto por Deus como pelos homens, não tendo ninguém para quem se voltar senão Ele próprio. As pressões que pesavam sobre Ele para que tomasse a questão nas Suas mãos, e se mantivesse vivo, e assim salvar o plano da salvação, estão para além do poder de descrição da humanidade, ou capacidade da mente humana compreender.

Mas não era a vontade de Deus que Cristo se salvasse a Si próprio. Essa era a responsabilidade do Pai, não do Salvador. Portanto, não importa quão grande era a pressão sobre Ele; e independentemente da ameaça sobre o plano da salvação do homem; Ele faria apenas uma pergunta "Qual é a vontade de Meu Pai? O que quer Ele que Eu faça?"

Foi por isto que Ele disse: "... Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus." *Mateus* 4:4.

Foi assim que Jesus viveu durante a Sua jornada na Terra, e como continuará a viver por toda a eternidade. Foi por viver por toda a palavra que sai da boca do Pai, isto é, agindo exclusivamente dentro dos limites da vontade do Seu Pai, que triunfou sobre a confederação do mal. Não há outro caminho para a vitória. Como Ele venceu, assim devemos nós vencer.

"Quando Cristo disse ao tentador: 'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus,' repetiu as palavras que, mais de mil e quatrocentos anos atrás, Ele dissera a Israel: 'O Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, (...) e te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram: para dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem.' Deuteronómio 8:2, 3. No deserto, quando falharam todos os meios de subsistência, Deus enviou a Seu povo maná do Céu; e foi-lhe dada suficiente e constante provisão. Essa providência visava a ensinar-lhe que, enquanto confiassem em Deus, e andassem em Seus caminhos, Ele os não abandonaria. O Salvador pôs agora em prática a lição que dera a Israel. Pela Palavra de Deus, fora prestado socorro às hostes hebraicas, e pela palavra seria ele concedido a Jesus. Ele aguardava o tempo designado por Deus, para O socorrer. Achava-Se no deserto em obediência a Deus, e não obteria alimento por seguir as sugestões de Satanás. Em presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.

"'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.' Muitas vezes o seguidor de Cristo é colocado em situação em que não lhe é possível servir a Deus e continuar seus empreendimentos mundanos. Talvez pareça que a obediência a qualquer reclamo da parte de Deus o privará dos meios de subsistência. Satanás quer fazê-lo crer que deve sacrificar as convicções de sua consciência. Mas a única coisa no mundo em que podemos repousar é a Palavra de Deus. 'Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas

vos serão acrescentadas.' Mateus 6:33. Mesmo nesta vida não nos é proveitoso apartar-nos da vontade de nosso Pai no Céu. Quando aprendemos o poder de Sua palavra, não seguiremos as sugestões de Satanás para obter alimento ou salvar a vida. Nossa única preocupação será: 'Qual é o mandamento de Deus? Qual Sua promessa? Sabendo isso, obedeceremos ao primeiro, e confiaremos na segunda." {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 107.

Os pais necessitam dedicar devota, ponderada e diligente consideração à última frase deste parágrafo, porque isto é o que eles, depois de terem aprendido profundamente a lição para si mesmos, devem ensinar fielmente aos filhos. Todos os crentes em Jesus devem ter como objectivo tornar-se tão firmes como foi Jesus na sua convicção que apesar do sofrimento, perda e morte serem grandes calamidades, nada são comparados com a calamidade de desviar da vontade de Deus no mais pequeno ponto.

Uma vez compreendidos estes princípios a vida do cristão torna-se maravilhosamente simplificada, porque ele apenas tem que se preocupar com a aprendizagem das promessas e mandamentos de Deus, e em seguida crer nas primeiras e obedecer aos segundos. Depois disso, deixa tudo o resto ao cuidado de Deus, porque sabe que tudo isto é da responsabilidade de Deus não sua.

Viver desta forma pela fé e em obediência a toda a palavra que procede de Deus, é viver uma vida de verdadeira santidade. Este é o alvo de todo o verdadeiro cristão, e de todos os pais cristãos. Todo aquele que leia estas páginas não deixe que este ponto vital se perca. Não repouseis até que os vossos filhos tenham a mesma infalível, perfeita, terna, imediata, inquestionável, voluntária, e implícita obediência que Jesus tinha ao Seu Pai enquanto esteve na Terra. Alcançai este campo no seguro conhecimento que apenas quando as crianças são ensinadas a obedecer aos seus pais, obedecerão eles por sua vez, com amor a Deus vivendo vidas santas de obediência e fé. Deve ser salientado uma vez mais que:

"Santidade não é arrebatamento; é inteira entrega da vontade a Deus; é viver de toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial, é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor." {AA 28}, *Atos dos Apóstolos*, 51.

Este testemunho diz-nos o que santidade não é. Não é arrebatamento; nem um feliz voo de sentimentos.

Tão importante quanto isso também detalha o que é, a activa cooperação da obediência e fé. A primeira metade do parágrafo descreve a santidade como total obediência nas seguintes palavras: "... é inteira entrega da vontade a Deus; é viver de toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial."

Essa é a obediência do tipo que Deus pode aceitar e aceita completamente. Mas isso só pode ser realizado quando misturado com a fé viva. Este segundo elemento da santidade é detalhado na segunda metade do parágrafo: "... é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor."

Essa é a fé que se agarra ao poder vivo de Deus e torna a obediência possível. Então, "Quando aprendemos o poder de Sua palavra, não seguiremos as sugestões de Satanás para obter alimento ou salvar a vida. Nossa única preocupação será: Qual é o mandamento de Deus? Qual Sua promessa? Sabendo isso, obedeceremos

ao primeiro, e confiaremos na segunda." {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 107.

Há os que põem em causa esta total submissão da vontade ao nosso Pai celestial, afirmando que ela nega ao crente a oportunidade de exercer a decisão tomada com poderes que o Senhor nos deu. Sabendo que as capacidades que não são colocadas em uso activo, murcham e morrem, vêem nesta aceitação e aplicação destes princípios, a sua redução a meros autómatos perdendo por fim o poder de pensar e escolher.

A obra de plantar a perfeita obediência nos filhos começa com os pais. Somente pais felizes e obedientes podem produzir e educar com sucesso filhos felizes e obedientes.

Embora a lógica humana, baseada no testemunho da vista e circunstâncias, possa parecer confirmar que estes receios têm fundamento, há abundante evidência para afastar tais preocupações.

No primeiro caso, Satanás é o autor destes argumentos, por ele introduzidos neste mundo quando, junto à árvore do conhecimento do bem e do mal, declarou a Eva que as razões que levavam Deus a exigir que eles cressem n'Ele somente e a obedecer-Lhe implicitamente não tocando no fruto, era que Deus podia limitar para sempre o seu desenvolvimento e mantê-los escravos da Sua vontade. Satanás insistiu com Eva e depois com Adão através dela para quebrar esta servidão e desse modo obtivessem o seu verdadeiro destino.

Adão e Eva creram em Satanás, rejeitaram a fórmula de Deus para a santidade, e puseram as ideias de Satanás em prática. Se os argumentos que viver de toda a palavra que sai da boca de Deus é ridícula para o desenvolvimento humano, uma nova e gloriosa era teria começado para a raça, mas o caso foi exactamente o oposto. Os homens continuam a rejeitar o sistema divino em favor do sistema de Satanás, e, em consequência, está mergulhando em cada vez mais profunda degradação.

Foi no meio de incrível sofrimento que Jesus confirmou que viver total e implicitamente obediente a Deus era a única forma pela qual os homens podiam chegar aos mais elevados ideais. "Glorificava Sua vida por torná-la em tudo submissa à vontade do Seu Pai." *A Ciência do Bom Viver*, 19.

Toda a Sua vida é um convincente testemunho confirmando a verdade destas palavras. Jesus confirmou de facto que aqueles que vivem de toda a palavra de Deus; que prefeririam morrer em vez de se afastar da vontade divina; que perguntassem apenas: Qual é o mandamento de Deus e qual é a Sua promessa?

Obedecendo a um e confiando na outra; são aqueles que realmente alcançam o mais elevado desenvolvimento.

Os cristãos necessitam tornar-se profundamente convictos quanto a isto e tomar a decisão de desenvolver uma vida perfeita de santidade. Então, como pais, não deverão descansar até terem alcançado nos seus filhos a obediência que brota de um coração santificado e revela a glória de Deus.

Mas como deve isto ser praticado no pequenino? Essa é uma pergunta que deve ser feita quando o crente estiver convencido acerca da qualidade de obediência a estabelecer nas crianças.

Como sempre, a obra começa nos pais, porque eles próprios devem alcançar este espírito de obediência antes de poderem ensiná-lo aos seus filhos. Isto pode ser realizado neles em primeiro lugar pelo renascimento. Isto afastará o espírito de rebelião e desobediência, e substitui-lo-á com o maravilhoso espírito de obediência de Cristo.

Prossegui isto com um profundo e cuidadoso estudo da vida de Cristo como Aquele que foi o modelo de obediência, até ficardes profundamente convencidos que é "... menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus." {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 107.

Depois disto ter sido aprendido ao ponto de se tornar o princípio operacional fixo na vida, os pais estão prontos para terem filhos, enquanto ao mesmo tempo compreendem que a paternidade é na verdade um elevado chamamento que requer capacidades a que as pessoas em geral dedicam pouco se algum pensamento.

Sabendo que apenas o filho que foi renascido pode possuir o espírito de obediência, é essencial que este dom seja comunicado o mais cedo possível. Então, se este dom tiver sido dado à criança na concepção ou pouco tempo depois, durante o período pré-natal, a mãe o pai devem manter um comportamento que não se desvie do padrão de obediência ao Senhor e entre si, de modo que a criança entre no mundo conhecendo nada mais do que uma vida obediente. Com um tal começo, os pais enfrentarão pouca ou nenhuma dificuldade em ensinar à criança a implícita obediência desde essa altura. Nos casos daquelas crianças que não tiveram fundamentos tão cuidadosamente estabelecidos, a tarefa será proporcionalmente mais difícil de realizar mesmo apesar do espírito de obediência ter sido colocado nelas.

O que devem então fazer os pais quando o filho, especialmente se este é um dos que não teve bons fundamentos, escolhe não obedecer porque considera o custo demasiado alto?

Sob nenhuma circunstância, excepto possivelmente excepcional, pode a questão passar sem importância ou sem atenção. Uma tal circunstância acontece quando a situação pode ser tão localizada que os pais sintam que não podem tratar do problema com sucesso nessa altura e lugar. Nesse caso o assunto deve ser retomado na primeira oportunidade e resolvido de uma vez por todas. A criança deve aprender que é literalmente impossível passar sem importância, uma lição mais facilmente aprendida ao nível dos pais e dos filhos do que no nível de Deus e adultos, onde, mesmo que os homens pensem que estão a pecar sem impunidade, quando na realidade nenhuma transgressão é feita sem graves danos para o violador da lei. A criança que aprende esta lição das mãos dos pais torna-se um adulto que sabe que não pode pecar e escapar sem a lamentável retribuição.

É importante que os pais que executam esta obra cheios do divino espírito de amor e sabedoria, permanecendo em completo controlo do seu espírito. Nenhum traço de indignação ou ira deve ser encontrado neles, mas em vez disso uma grande e maravilhosa calma nascida de uma fé viva no Senhor e Seus métodos de operação. Se eles próprios não se encontrarem neste estado, então devem passar tanto tempo com o Senhor quanto necessário para estabelecer esta paz antes de tentarem entrar na obra de enfrentarem a criança no seu mau comportamento.

Quando estas preparações estiverem completas, levai o pequenino a um lugar privado. Então apresentai-lhe o seu pecado, mostrai-lhe as graves implicações do seu comportamento, indicai-lhe uma verdadeira experiência da vida de Jesus Cristo que deveria ser a coisa correcta que devia ser feita nessas circunstâncias, e levai-a às portas do arrependimento do mal. Então deixai que voluntariamente ore convosco confessando o pecado em termos específicos, e pedi ao Senhor para perdoar e limpar a mancha de modo que a sua vida fique limpa outra vez.

Assegurai-vos de que este procedimento não seja uma mera forma. Não descanseis satisfeitos até saberdes que a criança tenha realmente experimentado um verdadeiro arrependimento, e honestamente deseje nunca mais fazer o mal. Ficai com o transgressor até que termine a sua resistência e verdadeiramente se entregue. Sede bondosos, ternos, afectuosos, e perdoadores, mas, ao mesmo tempo, firmes, determinados, e persistentes. Deveis sair de tais encontros com o vosso objectivo realizado, porque, toda a vitória que alcançais torna a seguinte mais segura, mas, se falhardes em levar a criança ao verdadeiro arrependimento, será muito mais difícil da próxima vez.

Outro problema a observar e estar preparados é na altura em que a criança começa a enfrentar todas as orientações dos pais com a pergunta, “Porquê?”

Isto não é, como alguns possam argumentar ou imaginar, a expressão de uma pergunta com o significado de procurar conhecimento. Pelo contrário, é um desafio à autoridade paterna, a negação do caminho da fé e obediência. Recordai, o objectivo é estabelecer *inquestionável* obediência na criança de modo que seja abençoada com as mesmas capacidades e respostas quando se tornar adulta. Não é o caminho de Deus dar todas as razões para as ordens que nos dá. Ele simplesmente dá as ordens para que obedeçamos sem interrogações. Mais tarde, se entretanto obedecermos fielmente, as razões para as ordens tornar-se-ão visíveis.

Assim, quando a criança dá os primeiros passos nas interrogações porquê, que em breve se tornará um hábito se não for detida, então deveis evitar a resposta. Em vez disso, levai a criança à parte e explicai-lhe que simplesmente deve crer e confiar na mãe e no pai, e obedecer porque nenhuma outra razão além dessa instrução tem que ser dada. Dizei-lhe que obediência trará o conhecimento a seu tempo e tal acontecerá.

Obviamente, quando Deus nos dá as ordens, elas são infalíveis e de total confiança. Os pais terrestres não são abençoados com a mesma infalibilidade. Contudo, repousa neles a necessidade de dar aos seus filhos directivas que sejam totalmente e sempre justas e razoáveis e das quais nunca terão necessidade de se desculpar. Sabendo que alcançar isto está fora da capacidade da humanidade, os pais devem aprender a olhar e descansar nos braços do Omnisciente para assegurar o sucesso nesta área tal como em todos os outros aspectos da salvação das crianças.

Juntamente com obediência, uma criança deve ser ensinada a dizer confiantemente a verdade mesmo sob grande pressão. Acerca de Cristo como criança está escrito: “Manifestava uma paciência que coisa alguma conseguia perturbar, e uma veracidade nunca disposta a sacrificar a integridade. Firme como a rocha em questões de princípios, Sua vida revelava a graça da abnegada cortesia.” {DTN 39}, *O Desejado de Todas as Nações*, 57.

Quando os pais descobrem que os seus filhos são culpados de mentira e engano, ficam compreensivelmente muito desapontados, mas ficariam mais alarmados se compreendessem que eles próprios os educaram a serem pequenos mentirosos.

Uma situação típica desenvolve-se segundo as linhas seguintes. Foram cometidos alguns maus comportamentos — um vidro que foi quebrado, um quadro foi molhado na brincadeira, uma cama do jardim foi partida, algum dinheiro desapareceu, a porta deixada aberta e o cavalo fugiu, a mangueira do jardim deixada aberta esvaziando o tanque e fazendo o carro parar, ou alguém subiu a uma árvore de fruto e lhe partiu um ramo. Estas são pequenas maldades em que as crianças se envolvem. Nenhuma delas regista na sua mente a mesma gravidade com que são vistas pelos pais.

Os adultos ficam frustrados, incomodados, e irritados por estes “indesculpáveis” comportamentos. Eles não sabem ao certo quem é realmente o responsável, mas as suas suspeitas são dirigidas àquele que consideram ser o principal suspeito, e, sentem que pelo menos desta vez estão certos. Contudo, falta-lhes a positiva evidência de que o seu julgamento esteja correcto, e recorrem a tácticas que misturam a interrogação e a condenação.

Assim, dirigem-se ao suspeito numa voz carregada de intimidação tanto de suspeita como de acusação: “Johnny, deixaste o portão aberto por isso a vaca escapou e pisou a horta do vizinho?”

O medo naturalmente invade a mente da criança quando olha para a resoluta face dos pais. Ela sabe que está numa tremenda dificuldade, e, como um animal encurralado, procura um meio de escape. O único que lhe parece oferecer libertação é negar o envolvimento mesmo apesar de saber que é a culpada da acção. Este é o caminho que as crianças e mesmo os adultos escolhem quando são apanhados neste tipo de situação.

A única excepção possível seria a primeira vez que isso aconteceu. O confronto foi rápido e portanto inesperado. O mais jovem ainda não tinha aprendido a reconhecer a ameaça na atitude dos pais e não sabia que dizer a verdade era convidar uma dolorosa punição. Assim admitiu a sua culpa e foi recompensado com um castigo que não esqueceu.

Deste ponto em diante compreendia a relação entre franca e honesta confissão e as trágicas consequências que isso produziria. Obviamente, saiu desta experiência uma criança mais triste mas “mais sábia”. Sabia que dizer a verdade lhe traria sofrimento, ao passo que o recurso à mentira lhe daria os meios de escape. Assim os pais têm seguido um procedimento que realmente ensina os mais jovens a serem mentirosos. Esta é a pior coisa que eles podem fazer.

Como deviam então os pais tratar a situação quando a criança agiu mal?

Em primeiro lugar, devem decidir nunca exigir que a criança se condene a si mesma e depois aplicar-lhe uma punição por aquilo que ela confessou. Devem compreender que este é o método seguro de os educar na prática da mentira como meio de escapar ao castigo por causa do erro. Seria muito melhor nunca saber

quem fez o mal, e melhor ainda melhor ficar sem saber quem é o culpado, do que colocá-lo sob aquela pressão que o leve à mentira habitual.

Pode desenvolver-se uma situação em que a criança pratica maldades que pensa ter conseguido esconder cuidadosamente dos pais. No entanto, estes percebem que algo está errado, e, muito naturalmente, desejam levar o assunto a uma conclusão rápida e satisfatória. Mas, são impedidos pela falta de evidências suficientes que lhes permitam lidar com o caso. Como acontece com todos os problemas que surgem para minar o governo familiar, a mãe e o pai devem submeter a dificuldade ao divino Solucionador de problemas, e em seguida pacientemente esperar até que as coisas amadureçam ao ponto em que o problema se torne completamente evidente por si mesmo, e não seja preciso que a criança testemunhe contra si própria.

Então, quando os pais estiverem na posse de todos os factos necessários, podem tratar o problema inteligentemente, com compaixão, e sucesso. O Espírito Santo responderá à oração da fé para trazer a convicção, arrependimento, e confissão à criança que não terá coragem para mentir quando vê que não há qualquer refúgio nisto.

Não haverá necessidade de administrar a punição, o que de qualquer modo é uma medida ineficaz. Isto só impedirá a má acção apenas enquanto o culpado sentir que pode escapar sem ser detectado.

Ante os pais está uma grande e recompensadora tarefa a ser alcançada. Eles têm que primeiramente estabelecer a vida renascida de Cristo nos seus pequenos. A partir daí, pelo diligente e bem-sucedido treino, fixar neles e desenvolver até às alturas da excelência, confiança e eficácia, as qualidades de obediência, fé, honestidade, pureza, empreendimento, disciplina, reverência, gratidão, integridade, verdade, amor, e todas as outras virtudes encontradas numa vida santa. Felizes são na verdade os pais bem-sucedidos na realização das suas responsabilidades divinamente apontadas. Terão a alegria de ver famílias inteiras no reino.

Capítulo 26

O Propósito da Vida É Educar

Uma das atitudes mais indesejáveis que podem ser desenvolvidas numa criança é a crença de que o mundo lhe deve tudo o que ela deseja; que é um pequeno rei ou rainha; uma pessoa a ser servida, em vez de ser um instrumento de serviço abnegado aos outros.

A incrível prosperidade da era actual certamente é propícia à formação deste problema. Há não muito tempo, os habitantes de países novos e em desenvolvimento eram rudes pioneiros que, com as próprias mãos, construíram um lar e uma vida desbravando uma terra difícil. Foi uma luta árdua conseguir isto, mas produziu homens e mulheres fortes que entendiam que nada ganhavam sem esforço pessoal. A ideia de que o mundo lhes devia a vida estava longe dos seus pensamentos. Eles sabiam que a vida estava ali, mas tinham que ir e arrancá-la das florestas, montanhas, planícies e mares.

Os filhos desses duros pioneiros tiveram que suportar a sua parte das tarefas do lar. Eles tiveram que recolher lenha, acender o fogão a lenha, ajudar a preparar as refeições, às vezes cuidando de todas as tarefas, ordenhar as vacas, trabalhar nos campos, cuidar da horta, buscar a água do poço ou do riacho, ajudar na manutenção da casa, cuidar do bebé e andar descalços por mais de um quilómetro até à escola. Além disso, havia vezes em que algumas destas tarefas tinham que ser realizadas à chuva, gélido frio ou calor escaldante.

As crianças da cidade não estavam tão sobrecarregadas com trabalho quanto os seus primos do campo, mas, felizmente, não escaparam completamente. Naquela época, praticamente todas as casas tinham uma horta no quintal e havia ervas para cortar, não com uma máquina motorizada moderna, mas com alfaias difíceis de empurrar que não deixavam a erva fugir. Os cortadores de relva manuais manobrados apenas por uma pessoa manipulavam apenas relva curta.

Portanto, havia trabalho a ser feito por todos e os jovens perceberam que estavam ali para construir uma nação à qual eles deviam qualquer contribuição que pudessem dar.

Quão diferente é a situação que existe hoje. Há tão pouco pioneirismo real agora que é completamente desconhecido para a maioria das pessoas no mundo moderno, que é inundado com todos os dispositivos facilitadores de trabalho imagináveis. Longe de quase todo mundo estão os fogões a lenha, a favor do gás

ou da electricidade. Portanto, não há lenha para cortar, reunir e transportar para a caixa de madeira. As hortas domésticas são poucas e distantes entre si e tornam-se cada vez mais raras. De qualquer forma, é praticamente impossível contratar os serviços de alguém jovem hoje para cuidar delas.

Se a família mora num prédio de apartamentos, não há sequer um jardim para regar e cortar a relva, o autocarro escolar pára perto, enquanto o supermercado e outras lojas ficam a poucos quarteirões de distância. Lá, pode ser comprado tudo o que é necessário de forma mais conveniente em vez de terdes que fazer ou cultivar vós mesmos. Obviamente, poucos caminham para o mercado, não importa quão perto ele esteja.

O homem moderno desde a infância tem tão poucas faltas que naturalmente desenvolve a atitude que a sociedade lhe deve tudo isso. Ele tem tido tanta liberdade durante os primeiros dezasseis anos de vida ou mais, por que deveria ele contentar-se com algo diferente quando a idade responsável chega? Esta é a atitude que lhe é naturalmente ensinada desde a infância, em virtude da estrutura da vida moderna.

É uma educação completamente oposta aos princípios do serviço, que são as leis da vida para o Céu e a Terra. Estes devem ser ensinados ao pequenino, mesmo desde os primeiros momentos, sendo chamado a dar uma contribuição cada vez maior à sua família e à sociedade. Que a lição seja incansavelmente e profundamente incutida que, no reino de Deus, ninguém vive para si mesmo e que ninguém recebe, excepto para dar. Ele deve ser levado a entender que acumular é morrer. É a lei do reino de Satanás e, portanto, o ministério da morte servir a si próprio à custa dos outros. Por outro lado, a lei da vida para o Céu e a Terra é a lei do serviço a todas as criaturas grandes e pequenas sem importar o custo para si mesmo.

Em nenhum lugar na história da eternidade é isto melhor revelado do que na cruz do Calvário. A revelação que se desenrola lá é tão bela, tão convincente e tão abrangente que os anjos, os habitantes dos mundos não caídos e os remidos passarão a eternidade meditando sobre os seus magníficos mistérios.

“Nosso pequenino mundo é o livro de estudo do Universo. O maravilhoso desígnio de graça do Senhor, o mistério do amor que redime, é o tema para que ‘os anjos desejam bem atentar’, e será seu estudo através dos séculos sem fim. Mas os seres remidos e os não caídos encontrarão na cruz de Cristo sua ciência e seu cântico. Ver-se-á que a glória que resplandece na face de Jesus Cristo é a glória do abnegado amor. À luz do Calvário se patenteará que a lei do amor que renuncia é a lei da vida para a Terra e o Céu; que o amor que ‘não busca os seus interesses’ (1 Coríntios 13:5) tem sua fonte no coração de Deus; e que no manso e humilde Jesus se manifesta o caráter dAquele que habita na luz inacessível ao homem.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*. 19, 20.

A lei do amor que se sacrifica e renuncia a si mesma é a lei da vida que opera com igual força no Céu, como acontece na Terra, tanto agora como por toda a eternidade. Ela encontrou o seu maior exemplo na cruz, cujo instrumento de morte sacrificial se tornou o símbolo do ministério abnegado. Estes princípios de operação não foram introduzidos como uma medida de emergência para combater o pecado, mas são tão eternos quanto o próprio Deus. Foi quando Lúcifer negou o princípio da cruz e começou a juntar para si próprio, que a lei da vida foi transgredida pela primeira vez e o pecado foi estabelecido.

Muitos cristãos professos têm falhado em entender esta verdade, supondo que a cruz seja um fardo pesado a ser suportado apenas enquanto durar a nossa jornada terrena, após a qual será trocada por uma coroa gloriosa, como expresso pelo escritor do hino, George Bennard no seu famoso hino *A Mensagem da Cruz*.

"Sim eu amo a mensagem da cruz...
'Té morrer eu a vou proclamar!
Levarei eu também minha cruz...
'Té por uma Coroa a trocar!"

O pensamento aqui é que amaremos a cruz somente enquanto esta vida na Terra continuar. Então, após a nossa chegada ao Céu, o sofrimento da cruz será terminado e começará o uso da coroa. Veja-se o mesmo pensamento expresso por Thomas Shepherd no seu hino Só *Jesus Deve Carregar a Cruz?*

"A sagrada cruz eu levarei
Até a morte me libertar,
E depois no lar minha coroa usarei,
Pois ali uma coroa vou usar."

Este não é um esforço para criticar estes dois escritores de hinos que foram, sem dúvida, homens muito dedicados e que escreveram de acordo com a sua melhor compreensão. Cito-os apenas porque eles fornecem excelentes exemplos da limitada visão do princípio da cruz. Os remidos não carregarão a cruz sagrada até que a morte os liberte. Pelo contrário, será o seu modo de vida por toda a eternidade.

Para alguns, isto pode parecer uma existência abominável, mas os salvos encontrarão na cruz, tanto a ciência quanto o seu cântico. Como sua ciência, ela representará para eles o modo como viverão, a revelação dos procedimentos pelos quais prestarão serviço amoroso na sociedade celestial para sempre. Tão bela e eficaz será essa ciência que eles acharão que é o assunto perpétuo do seu cântico, a expressão dos seus louvores arrebatadores da sabedoria, justiça e rectidão encontradas no princípio da cruz.

Será quando, mais uma vez, todas as criaturas e toda a criação estiverem em sintonia com o caminho da cruz, que é o caminho da justiça, que não haverá a praga destruidora do pecado para prejudicar a felicidade do reino de Deus. No entanto, mesmo durante o reinado do pecado, toda a natureza atesta a instituição da bela lei da vida – amor que se sacrifica e renuncia. Qualquer que seja a extensão em que possamos ver esta lei a operar na natureza hoje, veremos a promessa da sua perfeição no Paraíso restaurado.

"Ora, o pecado manchou a perfeita obra de Deus, todavia permanecem os traços de Sua mão. Mesmo agora todas as coisas criadas declaram a glória de Sua excelência. Não há nada, a não ser o coração egoísta do homem, que viva para si. Nenhum pássaro que fende os ares, nenhum animal que se move sobre a terra, deixa de servir a qualquer outra vida. Folha alguma da floresta, nem humilde haste de erva é sem utilidade. Toda árvore, arbusto e folha exalam aquele elemento de vida sem o qual nenhum homem ou animal poderia existir; e animal e homem servem, por sua vez, à vida da folha, do arbusto e da árvore. As flores exalam sua fragrância e desdobram sua beleza em bênção ao mundo. O Sol derrama sua luz para alegrar a mil mundos. O próprio oceano, a origem de todas as nossas fontes, recebe as correntes de toda a terra, mas recebe para dar. Os vapores que lhe ascendem ao seio caem em chuveiros para regar a terra a fim de que ela produza e floresça.

"Os anjos da glória acham seu prazer em dar — dar amor e infatigável cuidado a almas caídas e contaminadas. Seres celestiais buscam conquistar o coração dos homens; trazem a este mundo obscurecido a luz das cortes em cima; mediante um ministério amável e paciente operam no espírito humano, para levar os perdidos a uma união com Cristo, mais íntima do que eles próprios podem avaliar.

"Volvendo-nos, porém, de todas as representações secundárias, contemplamos Deus em Cristo. Olhando para Jesus, vemos que a glória de nosso Deus é dar. 'Nada faço por Mim mesmo' (João 8:28), disse Cristo; 'o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai'. João 6:57. 'Eu não busco a Minha glória' (João 8:50), mas 'a dAquele que Me enviou'. João 7:18. Manifesta-se nestas palavras o grande princípio que é a lei da vida para o Universo. Todas as coisas Cristo recebeu de Deus, mas recebeu-as para dar. Assim nas cortes celestes, em Seu ministério por todos os seres criados: através do amado Filho, flui para todos a vida do Pai; por meio do Filho ela volve em louvor e jubiloso serviço, uma onda de amor, à grande Fonte de tudo. E assim, através de Cristo, completa-se o circuito da beneficência, representando o caráter do grande Doador, a lei da vida." {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 20, 21.

O fracasso em implantar estes princípios de serviço de amor nas crianças é deixar de educá-las correctamente. Elas devem ser ensinadas que dar é viver, enquanto reter de modo egoísta é morrer. Elas devem compreender que:

"Amor às pessoas por que Cristo morreu, significa a crucifixão do próprio eu. Aquele que é filho de Deus deve, daí em diante, considerar-se um elo na cadeia baixada para salvar o mundo, um com Cristo em Seu plano de misericórdia, indo com Ele em busca dos perdidos para os salvar. O cristão deve sempre ter presente que se consagrou a Deus, e que seu caráter deve revelar Cristo perante o mundo. O espírito de sacrifício, a simpatia, o amor manifestados na vida de Cristo, devem reaparecer na existência do obreiro de Deus.

"Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas qualquer que perder a sua vida por amor de Mim e do evangelho, esse a salvará'. Mateus 16:25. Egoísmo é morte. Nenhum órgão do corpo poderia viver, se limitasse a si próprio os seus serviços. O coração, deixando de enviar o sangue vital à mão e à cabeça, perderia rapidamente a força. Como nosso sangue, assim é o amor de Cristo difundido por toda parte através de Seu corpo místico. Somos membros uns dos outros, e a alma que se recusa a dar perecerá. E 'que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro', disse Jesus, 'se perder a sua alma? ou que dará o homem em recompensa de sua alma?' Mateus 16:26." {DTN 294}, *O Desejado de Todas as Nações*, 417.

Muito, muito mais poderia ser escrito sobre o objectivo de implantar na criança os princípios do espírito de sacrifício e do amor pelo serviço abnegado aos outros, mas agora passaremos à questão de como estas coisas devem tornar-se tão estabelecidas na vida de maneira que elas sejam o único caminho seguido.

Mais uma vez, somente os pais nos quais estes princípios estão implantados podem ensiná-los aos filhos. Portanto, como sempre, o trabalho deve começar com o futuro pai e mãe. Devem eles ter a certeza de que realmente nasceram de novo e depois passem algum tempo todos os dias na mais fervorosa contemplação da lei do amor que renuncia como é revelado na vida do Salvador, e, pela contemplação, a mudança será efectuada.

"Faria muito bem para nós passar diariamente uma hora refletindo sobre a vida de Jesus. Deveríamos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande

sacrifício por nós, nossa confiança nEle será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos de Seu espírito. Se queremos ser salvos afinal, teremos de aprender ao pé da cruz a lição de arrependimento e humilhação.

"Ao comunicarmos uns com os outros, podemos ser, mutuamente, uma bênção. Se somos de Cristo, nossos mais gratos pensamentos serão em torno dEle. Teremos prazer em falar a Seu respeito; e ao falarmos uns aos outros em Seu amor, nosso coração será abrandado por influências divinas. Contemplando a beleza de Seu caráter, seremos 'transformados de glória em glória na mesma imagem'. 2 Coríntios 3:18." {DTN 50}, *O Desejado de Todas as Nações*, 83.

Por estas medidas, permiti que toda a atmosfera e influência do lar, durante e após o período pré-natal, sejam carregadas com a presença de Jesus através do Espírito Santo, e os princípios divinos do serviço de amor serão estabelecidos na criança desde os primeiros momentos.

É extremamente importante que a criança nunca seja o centro das atenções no lar. Na violação deste princípio e como uma educação poderosa e eficaz na exaltação do eu, os pais reorganizam sem pensar a família ao redor da criança, especialmente quando ela chega. Os ruídos domésticos regulares são suprimidos; vozes são abafadas; a música é silenciada; as portas não podem fechar-se ruidosamente; e assim por diante.

O pequenino que é muito mais perspicaz do que os pais começam a perceber, deduz correctamente que há uma atmosfera de contenção na casa e isso é em deferência por ele. Incapaz de formar uma verdadeira avaliação por si mesmo, ele depende das mensagens que lhe chegam dos membros da família para resolver essa questão. Quando cada um deles está agindo de tal maneira que a sua presença é continuamente respeitada por todos, e que tudo está sendo feito em casa com referência às suas necessidades e interesses em primeiro lugar, ele considera-se uma pessoa muito importante. Ele não veio morar com esta família! Eles vieram habitar com ele!

Que começo desastroso para dar a um filho! Que educação no egocentrismo!

Quando o recém-nascido passa a residir em casa, todos os que já moram lá devem informá-lo de que ele é bem-vindo, mas que passou a viver com um sistema de governo e modo de vida já estabelecidos, e ele deve adaptar-se a eles e não eles a ele. Obviamente que se deve dar algumas acomodações ajustadas à sua necessidade, mas, além disso, deixai que a vida prossiga normalmente. Falai com as vossas vozes habituais, andai pela casa com os mesmos passos firmes e confiantes usados antes do bebé entrar no mundo, fechai as portas definitivamente como sempre e tocai a vossa música nos níveis de som habituais.

O pequenino vai preferir assim. Ele acolherá e dormirá durante os sons e movimentos que lhe dizem que esta família está no comando de si própria e, portanto, sabe como cuidar dele. Sendo abençoado com o espírito de obediência, ele aceitará com prazer o seu lugar como um membro humilde dessa família cristã.

À medida que a criança cresce, estudai para descobrir maneiras pelas quais ela possa compartilhar dos sacrifícios feitos pelos demais membros da família. É importante que a criança não se sinta forçada a aceitar sacrifícios que não entenda e nos quais não deseja participar, e nunca deve ser chamada a fazer um sacrifício que os pais não estejam preparados para fazer. É muito melhor garantir primeiro a sua dedicação a uma vida de serviço abnegado e depois explicar-lhe

quando chegar a hora de fazer um sacrifício, que esta é a sua oportunidade de entrar na realidade dele, de experimentar um pouco do que custou ao Salvador morrer por ele.

Logo que ele seja capaz, o pequeno deve ser iniciado nas tarefas que seja capaz de executar. Naturalmente, isso tornar-se-á mais exigente com o passar do tempo e ele desenvolver-se-á em habilidade, força e compreensão. A criança a quem não é pedido que desempenhe algum dever em casa, mas que tudo é feito em sua substituição, cresce acreditando que deve ser sempre assim. Ela está a ser privada de um dos aspectos mais valiosos da educação ao seu dispor e será incapaz de cumprir a obra que o Senhor gostaria que ela fizesse. Enquanto criança, Jesus fez a Sua parte do trabalho necessário para a manutenção do lar, no jardim e na oficina.

"Jesus viveu num lar de camponeses, e desempenhou fiel e alegremente Sua parte em suportar as responsabilidades da vida doméstica. Fora o Comandante do Céu, e anjos se tinham deleitado em Lhe cumprir as ordens; era agora um voluntário Servo, um Filho amorável e obediente. Aprendeu um ofício, e trabalhava com as próprias mãos na oficina de carpintaria de José. Nos simples trajes de operário comum, caminhava pelas ruas da pequenina cidade, indo e voltando em Seu humilde labor. Não empregava o poder divino de que dispunha para aliviar os próprios fardos ou diminuir o trabalho.

"À medida que Jesus trabalhava na infância e na juventude, mente e físico se Lhe desenvolviam. Não empregava descuidadamente as forças físicas, mas de maneira a conservá-las sãs, a fim de fazer o melhor trabalho possível em todos os sentidos. Não queria ser deficiente, nem mesmo no manejo dos instrumentos de trabalho. Era perfeito como operário, da mesma maneira que o era no caráter. Pelo exemplo, ensinou que nos cumpre ser produtivos, que nosso trabalho deve ser executado com exatidão e esmero, tornando-se assim honroso. O exercício que ensina as mãos a serem úteis, e educa os jovens em fazer sua parte quanto às responsabilidades da vida, comunica robustez física, e desenvolve todas as faculdades. Todos devem procurar fazer alguma coisa que lhes seja útil, ou de auxílio a outros. Deus designou o trabalho como uma bênção, e somente o trabalhador diligente encontra a verdadeira glória e alegria da vida. A aprovação de Deus repousa com amável confiança sobre as crianças e jovens que desempenham alegremente sua parte nos deveres da família, partilhando as responsabilidades do pai e da mãe. Tais filhos sairão de casa para ser úteis membros da sociedade.

"Através de Sua existência terrestre, Jesus foi um ativo e constante trabalhador. Esperava muito resultado; muito empreendia, portanto. Depois de iniciar o ministério, disse: 'Convém que Eu faça as obras dAquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar'. João 9:4. Jesus não Se esquivava a cuidados e responsabilidades, como fazem muitos que professam ser Seus seguidores. É porque procuram furtar-se a essa disciplina que tantos são fracos e ineficientes. Podem possuir preciosos e amáveis traços, mas são sem fibra e quase inúteis quando há dificuldade a enfrentar e obstáculos a transpor. A positividade e energia, a solidez e resistência de caráter manifestadas em Cristo, tem de se desenvolver em nós, mediante a mesma disciplina que Ele suportou. E caber-nos-á a mesma graça por Ele recebida." {DTN 42}, *O Desejado de Todas as Nações*, 72, 73.

Não estamos neste mundo para agradar a nós mesmos, para construir empreendimentos empresariais que absorvem tudo, e para nos instalarmos em

casas requintadas. Nós, tal como Jesus quando esteve aqui, estamos em terra estrangeira da qual o diabo é o actual governante. Estamos aqui para cuidar dos assuntos do reino de Deus e sem nenhum outro propósito. Estas questões devem receber toda a nossa atenção, todo o nosso tempo e todas as partículas de força que temos. Para cumprir a nossa missão divinamente designada, devemos tornar-nos obreiros diligentes e os nossos filhos também. Somente um trabalho árduo e eficiente verá a vitória conquistada.

Isto não significa que todo crente deve desligar-se da sua obra secular e dedicar todo o seu tempo e recursos à pregação do evangelho. Quando o Senhor vos leva a uma vocação, então é aí que vós deveis servi-l'O e aos vossos semelhantes, mas deve-se tomar cuidado para garantir que esse trabalho não se torne um fim em si mesmo, mas que seja sempre visto como um meio para revelar o carácter de Deus e promover a causa da verdade e da justiça.

Para alguns, a pregação da cruz é loucura e, consequentemente, para eles seguir uma vida de serviço abnegado é derrotista e improdutivo. Esses acreditam que isso não leva a lugar nenhum e não recompensará em nada.

Estes pensadores não poderiam estar mais enganados. Embora aqueles que realmente servem ao Senhor não sejam motivados pela esperança de recompensa, há ricos proveitos para aqueles cuja qualidade de serviço é a que o Senhor pode aceitar.

"Mais perto de Cristo estará aquele que, na Terra, mais profundamente sorveu do *espírito* de Seu abnegado amor — amor que 'não se ensoberbece, [...] não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal' (1 Coríntios 13:4, 5) — amor que move o discípulo, como fazia ao Senhor, a dar tudo, a viver, trabalhar e sacrificar-se, até à própria morte, pela salvação da humanidade. Este espírito foi manifestado na vida de Paulo. Disse ele: 'Para mim o viver é Cristo'; pois sua vida revelava Cristo aos homens; 'e o morrer é ganho' — ganho para Cristo; a própria morte tornaria patente o poder de Sua graça, e atrairia almas para Ele. 'Cristo será [...] engrandecido no meu corpo', disse ele, 'seja pela vida, seja pela morte'. Filipenses 1:21, 20." {DTN 384}, *O Desejado de Todas as Nações*, 549.

Não há maior alegria, satisfação mais profunda, realização mais duradoura, facilidade mais poderosa para alcançar toda a qualidade e graça, riqueza mais valiosa do que estar mais próximo de Cristo no reino. Que este seja o vosso privilégio sagrado e dos vossos maravilhosos filhos, nascidos de novo e perfeitamente treinados.